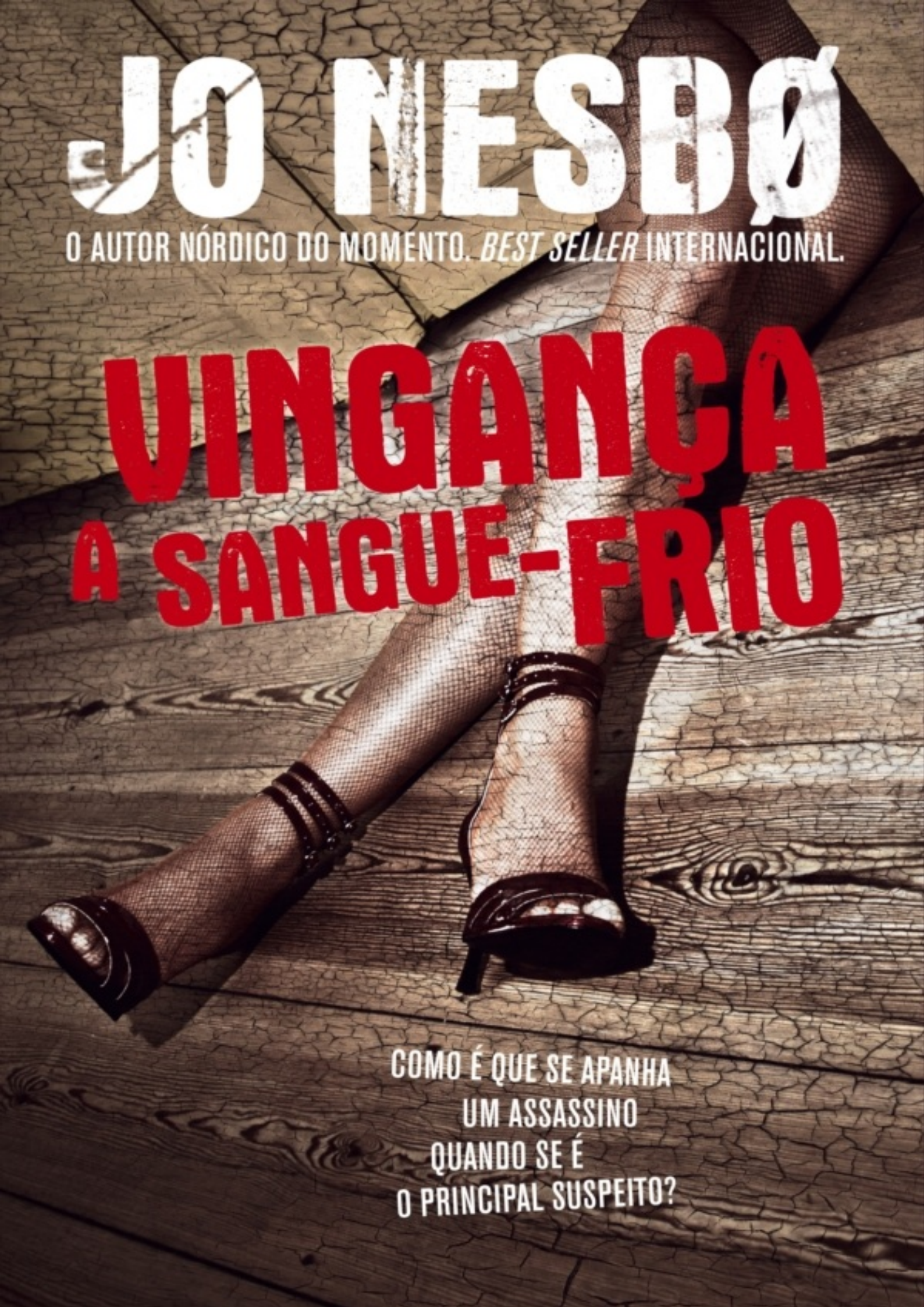


A high-angle photograph of a woman's legs, wearing sheer fishnet stockings and black high-heeled shoes with ankle straps. The legs are positioned diagonally across the frame, resting on a rustic wooden floor with a prominent grain and some cracking. The lighting is dramatic, casting shadows and highlighting the texture of the stockings and wood.

JO NESBØ

O AUTOR NÓRDICO DO MOMENTO. *BEST SELLER* INTERNACIONAL.

VINGANÇA A SANGUE-FRIO

COMO É QUE SE APANHA
UM ASSASSINO
QUANDO SE É
O PRINCIPAL SUSPEITO?



Ficha Técnica

Título original: Nemesis

Autor: Jo Nesbø

Tradução de Maria João Freire de Andrade

Capa: Jarrod Taylor

Imagem da capa: © Corbis/VMI

Revisão: Cristina Pereira

ISBN: 9789722055598

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

Copyright © Jo Nesbø, 2002

Publicado por acordo com Salomonsson Agency

© Publicações Dom Quixote, 2010

Letra de «Sing» por Travis

Letra Fran Healy © Sony/ATV Music Publising

Todos os direitos reservados. Usada por autorização.

Mapa © Reginald Piggott

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

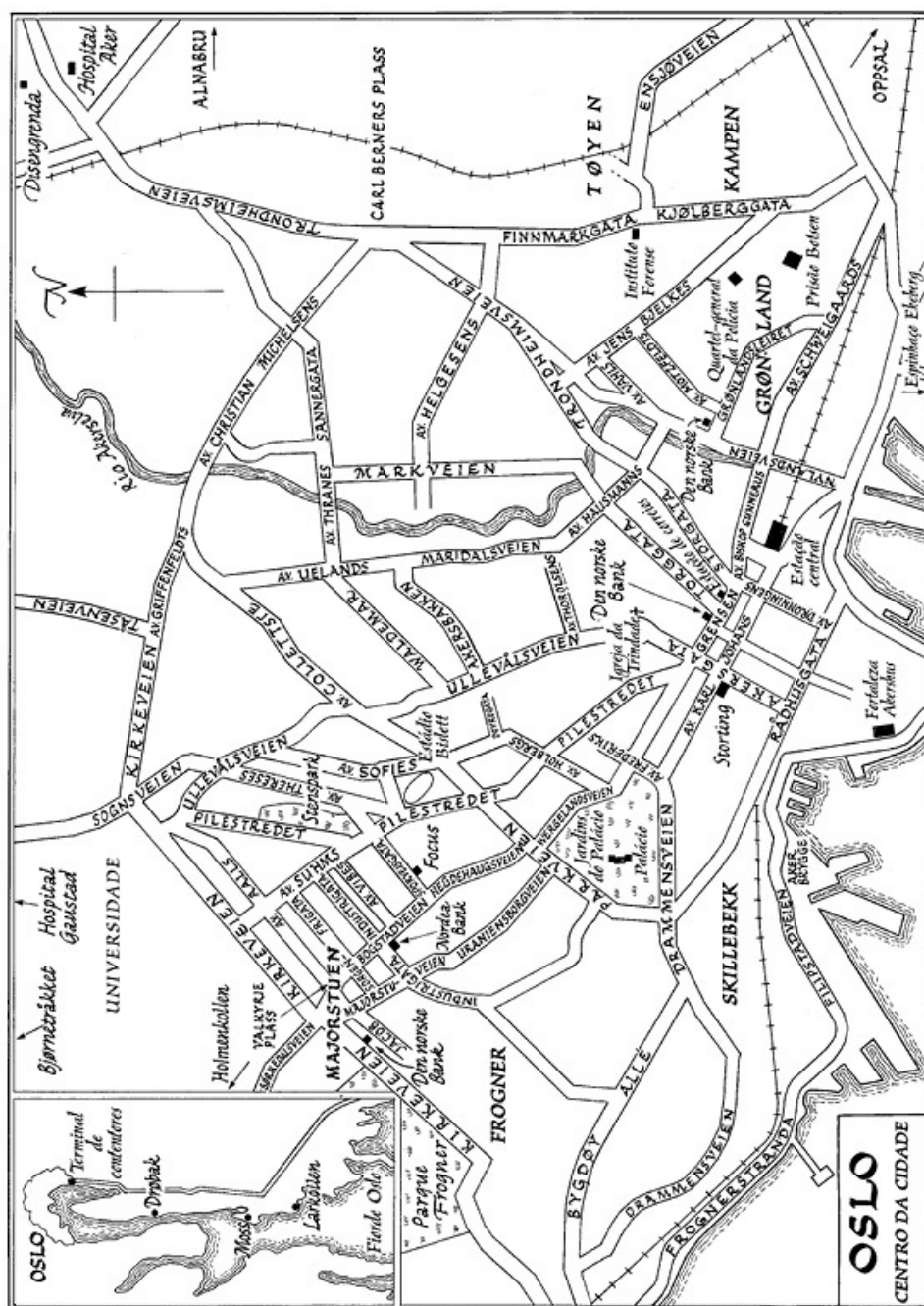
www.dquixote.leva.com

www.leva.pt

VINGANÇA A SANGUE-FRIO

Jo Nesbø

Tradução de
Maria João Freire de Andrade



PARTE I

O Plano

*V*ou morrer. E não faz sentido. Não era esse o plano, ou pelo menos não o meu plano. No entanto, pode ter sido nesta direcção que me estive sempre a encaminhar. O meu plano era melhor. O meu plano fazia sentido.

Estou a olhar pelo cano de uma arma e sei que é daí que virá. O mensageiro da morte. O barqueiro. Momento para uma última gargalhada. Se se consegue ver luz ao fundo do túnel, pode ser que essa venha com o disparar de uma arma. Momento para uma última lágrima. Tu e eu podíamos ter feito algo de bom das nossas vidas. Se tivéssemos seguido o plano. Um último pensamento. Todos se perguntam qual é o sentido da vida, mas ninguém se interroga sobre o sentido da morte.

O Astronauta

O velho fez Harry pensar num astronauta. Os passos curtos e cómicos, os movimentos rígidos, os olhos negros, mortos, e os sapatos a arrastar pelo chão de *parquet*. Como se tivesse medo de perder o contacto com o solo e afastar-se a flutuar pelo espaço.

Harry olhou para o relógio na parede branca acima da porta. 15h16. No exterior, na Bogstadveien, viu pelo vidro as multidões de sexta-feira a avançarem apressadas. O sol baixo de Outubro reflectiu-se no espelho lateral de um carro que passava, acelerado, na hora de ponta.

Harry concentrou-se no velho. Chapéu, sobretudo cinzento e elegante que precisava urgentemente de uma limpeza. Debaixo dele, casaco de *tweed*, gravata e calças cinzentas puídas com um vinco afiado como uma agulha. Sapatos engraxados, até ao calcanhar. Um daqueles reformados de que Majorstuen parecia estar cheia. Aquilo não era uma conjectura. Harry sabia que August Schulz tinha oitenta e um anos, e era um antigo vendedor de roupa que vivera toda a vida em Majorstuen, exceptuando um certo período de tempo durante a guerra que passara em Auschwitz. E os joelhos rígidos eram o resultado da queda numa ponte pedonal em Ringveien, que ele utilizava nas visitas diárias à filha. A sensação de um boneco mecânico era aumentada pelos braços perpendicularmente dobrados nos cotovelos e espetados para a frente. Uma bengala castanha pendia-lhe no antebraço direito e a mão esquerda segurava uma esferográfica com o logótipo do banco, que estendia ao jovem de cabelo curto na caixa n.º 2. Harry não conseguia ver o rosto do caixa, mas sabia que ele estava a olhar para o velho com um misto de simpatia e irritação.

Eram agora 15h17 e chegara, por fim, a vez de August Schulz.

Stine Grette estava sentada na caixa n.º 1, a contar 730 kroner noruegueses para um rapaz com um boné de lã azul que acabara de lhe entregar um cheque. O diamante no anelar da mão esquerda brilhava enquanto ela colocava cada nota em cima do balcão.

Harry não a conseguia ver, mas sabia que em frente da caixa n.º 3 estava uma mulher a empurrar um carrinho de bebé, provavelmente para se distrair já que a criança dormia. A mulher estava à espera de ser atendida por fru

Brænne, que ruidosamente explicava a um homem ao telefone que ele não podia cobrar a conta de outra pessoa a não ser que o titular da conta tivesse assinado um documento com esse propósito. Também o informou que trabalhava no banco e ele não, e isso encerrava o assunto.

Nesse momento a porta abriu-se e dois homens, um alto, o outro baixo, vestindo fatos-macacos iguais entraram no banco. Stine Grette ergueu os olhos. Harry olhou para o relógio e começou a contar. Os homens aproximaram-se rapidamente do canto onde Stine estava sentada. O homem alto movia-se como se estivesse a passar por cima de poças de água, enquanto o mais baixo tinha o andar oscilante de alguém que adquirira mais músculo do que aquele que conseguia conter. O rapaz do boné azul virou-se devagar e começou a dirigir-se para a saída, tão absorvido a contar o dinheiro que nem viu os dois homens.

– Olá – disse o homem alto a Stine, e pousou com força uma mala preta em cima do balcão. O mais baixo ajeitou os óculos espelhados no nariz, avançou e pousou uma mala semelhante ao lado da primeira.

– Dinheiro! – disse num guincho agudo. – Abra a porta!

Foi como pressionar um botão de pausa: todo o movimento no banco gelou. A única indicação de que o tempo não parara era o trânsito que passava no exterior. E o segundo ponteiro do relógio, que agora mostrava que tinham passado dez segundos. Stine premiu um botão sob a secretária. Ouviu-se um zumbido electrónico e, com o joelho, o homem baixo empurrou a porta do balcão contra a parede.

– Quem é que tem a chave? – perguntou. – Depressa, não temos o dia todo!

– Helge! – gritou Stine por cima do ombro.

– O que é? – A voz chegou do interior do único gabinete do banco, cuja porta estava aberta.

– Temos visitas, Helge!

Apareceu um homem com um laço e óculos graduados.

– Estes cavalheiros querem que abras a caixa ATM¹, Helge – disse Stine.

Helge Klementsén olhou distraído para os dois homens de fato-macaco, que se encontravam agora do seu lado do balcão. O alto olhou nervoso para a entrada, enquanto o mais baixo tinha os olhos fixos no gerente de balcão.

– Oh, certo. É claro – arquejou Helge, como se se tivesse acabado de lembrar de um encontro a que faltara, e irrompeu numa série de gargalhadas

históricas.

Harry não moveu um músculo. Apenas deixou que os olhos absorvessem cada pormenor dos seus movimentos e gestos. Vinte e cinco segundos. Continuou a olhar para o relógio acima da porta, mas pelo canto do olho viu o gerente de balcão a destrancar a caixa ATM do interior, a tirar dois cofres metálicos e oblongos e a entregá-los aos dois homens. Toda a acção ocorreu a alta velocidade e em silêncio. Cinquenta segundos.

– Estes são para si, avozinho! – O homem baixo tirara dois cofres semelhantes da sua mala e estendeu-os a Helge. O gerente engoliu em seco, assentiu, pegou nos cofres e enfiou-os na máquina. – Tenha um bom fim-de-semana! – disse, a endireitar as costas e a pegar na mala. Um minuto e meio.

– Não tão depressa – disse Helge.

O mais baixo endureceu.

Harry sugou as faces e tentou concentrar-se.

– O recibo... – disse Helge.

Durante um momento prolongado, os dois homens olharam para o gerente de balcão baixo e de cabelo grisalho. Depois o mais baixo começou a rir-se. Gargalhadas altas, esganiçadas com uma tonalidade histórica, cortante, que se assemelhava ao modo como aqueles que se metiam no *speed* riam.

– Não pensou que íamos sair daqui sem deixar a nossa assinatura, pois não? Entregar dois milhões sem um recibo!

– Bem – disse Helge. – Um de vocês esqueceu-se a semana passada.

– Neste momento há tantos tipos novos nas entregas – disse o mais baixo, enquanto ele e Helge assinavam e trocavam formulários rosa e amarelos.

Harry esperou que a porta da entrada se fechasse antes de voltar a olhar para o relógio. Dois minutos e dez segundos.

Através do vidro da porta viu a carrinha branca da empresa de segurança Nordea a afastar-se.

No banco, as conversas continuaram. Harry não precisava de contar, mas fê-lo na mesma. Sete. Três atrás do balcão e quatro à frente, incluindo o bebé e o homem de fato-macaco que acabara de entrar e se encontrava junto da mesa no centro da sala, a escrever o número da sua conta num talão de pagamento. Harry sabia que era da Sun-shine Tours.

– Boa tarde – disse August Schulz e começou a arrastar-se em direcção à

saída.

Eram exactamente 15h21m10, e foi nesse momento que tudo começou.

* * *

Quando a porta se abriu, Harry viu Stine Grette a erguer a cabeça dos papéis e depois a baixá-la. Depois voltou a levantar a cabeça, daquela vez muito devagar. A atenção de Harry desviou-se para a entrada. O homem que entrara já tinha puxado para baixo o fecho do fato-macaco e tirara do interior uma AG3 preta e verde-azeitona. Uma balaclava azul-marinho cobria-lhe completamente o rosto, excepto os olhos. Harry começou a contar a partir do zero.

A balaclava começou a mover-se no lugar onde se deveria encontrar a boca, como uma boneca Bigfoot:

– Isto é um assalto. Que ninguém se mexa!

Não levantara a voz, mas no banco pequeno e compacto era como se um canhão tivesse acabado de ser disparado. Harry observava Stine. Acima do zumbido distante do trânsito, ouviu o clique suave do metal oleado quando o homem destravou a arma. O ombro esquerdo de Stine descaiu, quase imperceptivelmente.

Rapariga corajosa, pensou Harry. Ou talvez apenas completamente assustada. Aune, o leitor de psicologia do Instituto Superior da Polícia de Oslo, dissera-lhes que quando as pessoas estavam suficientemente assustadas paravam de pensar e agiam do modo em que tinham sido programadas. Muitos empregados bancários primem o alarme silencioso quase em choque, afirmava Aune, e citava relatórios pós-assalto onde muitos nem se lembravam se tinham activado ou não o alarme. Estavam em piloto automático. Tal como o assaltante de um banco se autoprograma para disparar contra qualquer pessoa que o tente deter, dizia Aune. Quanto mais assustado estivesse o assaltante, menos hipótese teria alguém de o fazer mudar de ideias. Harry estava rígido enquanto se tentava fixar nos olhos do assaltante. Azuis.

O homem soltou do ombro um saco de desporto preto e atirou-o para cima do balcão. Depois deu três passos até à porta do balcão, empoleirou-se em cima dele e passou as pernas para o outro lado ficando mesmo atrás de Stine, que permanecia sentada com uma expressão vazia. *Ótimo*, pensou Harry. *Ela conhece as suas instruções; não está a provocar uma reacção ao olhar para o assaltante.*

O homem apontou o cano da arma ao pescoço de Stine, inclinou-se para a

frente e sussurrou-lhe algo ao ouvido.

Ela ainda não entrara em pânico, mas Harry viu o peito a erguer-se-lhe. A sua estrutura frágil parecia estar a debater-se por ar sob a blusa branca, agora muito apertada. Quinze segundos.

Stine pigarreou. Uma. Duas vezes. Por fim, as suas cordas vocais acordaram:

– Helge. As chaves da ATM. – A voz era baixa e rouca, completamente irreconhecível daquela que articulara palavras quase semelhantes três minutos antes.

Harry não o conseguia ver, mas sabia que Helge ouvira o que o assaltante dissera e já se encontrava à entrada do gabinete.

– Depressa ou então... – A voz dela era quase inaudível e na pausa que se seguiu a única coisa que se ouvia no banco eram as solas dos sapatos de August Schulz a embater no chão de *parquet*, como um par de baquetas a roçarem a pele de um tambor num arrastar desmedidamente lento. – ... ele mata-me.

Harry olhou pelo vidro. Era habitual encontrar-se um carro no exterior, o motor já em funcionamento, mas não viu nenhum. Apenas um borrão de veículos e pessoas a passar.

– Helge... – A voz dela era implorante.

Vamos, Helge, apressou-o Harry. Também conhecia um pouco da história do gerente bancário envelhecido. Sabia que tinha dois caniches, mulher e uma filha que ficara recente e inesperadamente grávida, à sua espera em casa. Já tinham feito as malas e estavam prontos para partir para a sua casa nas montanhas, assim que Helge regressasse do trabalho. Naquele exacto momento Helge sentiu-se a ser imerso em água, a emergir no tipo de sonho onde todos os nossos movimentos abrandam por mais que nos tentemos apressar. Depois entrou no campo de visão de Harry. O assaltante virara a cadeira de Stine de modo a continuar atrás dela, mas agora de frente para Helge. Como uma criança assustada que tem de alimentar um cavalo, Helge recuou e estendeu um molho de chaves, o braço estendido até ao limite. O homem mascarado sussurrou algo ao ouvido de Stine e virou a metralhadora para Helge, que recuou dois passos hesitantes.

Stine voltou a pigarrear.

– Ele disse para abrires a caixa e enfiar o dinheiro no saco.

Aturdido, Helge olhou para a arma apontada na sua direcção.

– Tens vinte e cinco segundos antes de ele disparar. Não contra ti. Contra mim.

A boca de Helge abriu-se e fechou-se como se quisesse dizer alguma coisa.

– Agora, Helge – disse Stine.

Tinham-se passado trinta segundos desde o início do assalto. August Schulz quase chegara à entrada. O gerente bancário caiu de joelhos em frente da caixa ATM e olhou para o molho de chaves. Havia quatro.

– Restam vinte segundos – ouviu-se a voz de Stine.

A esquadra da Polícia de Majorstuen, pensou Harry. Os carros-patrulha estão a caminho. Oito quarteirões de distância. Hora de ponta de sexta-feira.

De dedos trémulos, Helge escolheu uma das chaves e enfiou-a na fechadura. A meio ficou encravada. Empurrou-a com mais força.

– Dezassete.

– Mas... – começou ele a dizer.

– Quinze.

Helge tirou a chave e tentou uma das outras. Aquela entrou, mas não girou.

– Meu Deus...

– Treze. Usa aquela com um pedaço de fita adesiva verde, Helge.

Klementsén olhou para o molho de chaves como se as visse pela primeira vez.

– Onze.

A terceira chave entrou. E girou. Abriu a porta, e virou-se para Stine e para o homem.

– Há mais uma fechadura para abrir...

– Nove! – gritou Stine.

Helge soluçou ao passar a ponta dos dedos pelas extremidades denteadas das chaves, já incapaz de ver, usando os dentes das chaves como Braille para lhe dizerem qual a correcta.

– Sete.

Harry escutou com atenção. Ainda não se ouviam sirenes da polícia. August

Schulz agarrou a maçaneta da porta de entrada.

OuvIU-se um ruído metálico quando o molho de chaves caiu ao chão.

– Cinco – sussurrou Stine.

A porta abriu-se e os sons da rua transbordaram pelo banco. Harry pensou ouvir um familiar lamento moribundo à distância. Voltou a ouvi-lo. Sirenes da polícia. Depois a porta fechou-se.

– Dois, Helge!

Harry fechou os olhos e contou até dois.

– Já está! – Fora Helge quem gritara. Abrira a segunda fechadura e agora estava meio levantado, a puxar os cofres encravados. – Deixe-me apenas tirar o dinheiro! Eu...

Foi interrompido por um guincho cortante. Harry olhou para o outro lado do banco onde uma mulher olhava horrorizada para o assaltante imóvel, que pressionava a arma contra o pescoço de Stine. Ela pestanejou duas vezes e, muda, apontou com a cabeça na direção do carrinho de bebê quando o grito da criança aumentou de intensidade.

Helge quase caiu para trás quando o primeiro cofre se soltou. Puxou o saco de desporto para junto de si. Passados seis segundos todo o dinheiro estava ali enfiado. Klementsén fechou o saco conforme instruído, e ficou junto do balcão. Fora tudo comunicado via Stine. A voz dela soava agora surpreendentemente firme e calma.

Um minuto e três segundos. O assalto estava concluído. O dinheiro estava dentro do saco de desporto. Dentro de instantes, iria aparecer o primeiro carro-patrolha. Passados quatro minutos, outros carros da polícia iriam fechar as rotas de fuga imediatas à volta do banco. Cada célula do corpo do assaltante devia estar a gritar que era o momento de sair dali. E depois aconteceu algo que Harry não compreendeu. Simplesmente não fazia qualquer sentido. Em vez de fugir, o assaltante rodou a cadeira de Stine até ela ficar virada para ele. Inclinou-se para a frente e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Harry semicerrou os olhos. Um dia destes teria de ir ao médico e fazer um exame aos olhos. Mas viu o que viu. Ela tinha os olhos focados no rosto tapado do seu torturador. O rosto dela passou por uma transformação lenta e gradual quando pareceu compreender o significado das palavras que ele lhe segredou. As sobrancelhas finas e bem tratadas de Stine formaram «s's» por cima dos olhos, que agora pareciam querer irromper-lhe da cabeça; o lábio superior contorceu-se para cima e os cantos da boca

descaíram num esgar grotesco. A criança parou de chorar tão repentinamente como começara. Harry inalou profundamente. Porque sabia. Era uma imagem gelada, uma imagem perfeita. Duas pessoas apanhadas numa fracção de segundo quando uma informava a outra de uma sentença de morte; o rosto mascarado a dois palmos de distância do seu homólogo indefeso. O Executor e a sua vítima. A arma estava apontada à garganta e a um pequeno coração dourado que pendia de uma corrente estreita. Harry não a via, mas sentiu a pulsação dela a latejar sob a pele fina.

Um gemido abafado. Harry espeta as orelhas. No entanto, não são as sirenes da polícia, apenas um telefone a tocar no gabinete vizinho.

O homem mascarado vira-se e ergue os olhos para a câmara de vigilância, pendurada do tecto atrás dos balcões. Levanta uma mão e mostra cinco dedos enluvados a negro, depois fecha a mão e estende o indicador. Seis dedos. Seis segundos demasiado longos. Vira-se de novo para Stine, segura a arma com as duas mãos, ergue-a à altura da anca e levanta o cano em direcção à cabeça dela, de pé, as pernas ligeiramente afastadas para aguentar o coice da arma. O telefone continua a tocar. Um minuto e doze segundos. O anel de diamantes cintila quando Stine soergue a mão, como se a acenar adeus a alguém.

São exactamente 15h22m22 quando ele premie o gatilho. O tiro é agudo e oco. A cadeira de Stine é impelida para trás quando a cabeça lhe dança sobre o pescoço, como a de uma boneca de trapos desfeita. Depois a cadeira cai para trás. Ouve-se um som surdo quando a cabeça de Stine embate contra uma das extremidades da secretária e Harry deixa de a ver. Nem consegue ver o cartaz que publicita o novo esquema de pensões do Nordea pregado no exterior da divisória de vidro acima do balcão, que tem agora um fundo vermelho. A única coisa que se ouve é o toque zangado e insistente do telefone. O assaltante mascarado pega no saco de desporto. Harry tem de se decidir. O assaltante salta por cima do balcão. Harry decide-se. Num movimento rápido levanta-se. Seis passos. Está ali. E atende o telefone:

– Estou!

Na pausa que se segue ouve a sirene da polícia na televisão da sala de estar, uma música *pop* paquistanesa vinda da casa dos vizinhos e passos pesados nas escadas que soam como os de fru Madsen. Depois ouve-se uma gargalhada suave do outro lado da linha. É a gargalhada de um encontro muito antigo. Não a tempo, mas também distante. Como setenta por cento do passado de Harry que, de vez em quando, lhe regressa sob a forma de vagos rumores ou invenções totais. Mas aquela é uma história que ele pode confirmar.

– Ainda atendes com essa deixa *macho*, Harry?

– Anna?

– Céus, muito bem, Harry.

Harry sente um calor doce a percorrer-lhe o estômago, quase como se fosse *whisky*. Quase. No espelho vê a fotografia que pregou na parede oposta. Dele e de Sis numa férias de Verão há muito tempo, em Hvitsten quando eram miúdos. Sorriam da maneira que as crianças sorriem quando ainda acreditam que nada de mau lhes poderá acontecer.

– Então, o que é que fazes numa folga de domingo à noite, Harry?

– Bem. – Harry ouviu a sua voz a imitar automaticamente o tom da dela. Ligeiramente profunda, ligeiramente demorada. Não tinha a intenção de o fazer. Naquele momento não. Tossiu e encontrou um tom de voz mais neutral.

– Aquilo que, regra geral, as pessoas fazem.

– E que é?

– Vejo vídeos.

¹ Apesar de o termo corrente utilizado na língua portuguesa ser caixa Multibanco, este nome é uma marca registada da empresa SIBS, e apenas utilizado em Portugal. Daí optou-se pelo nome genérico de ATM (*Automatic Teller Machine*). (N. da T.)

A Casa da Dor

— **V**iste o vídeo?

A maltratada cadeira do gabinete guinchou em protesto quando o agente da polícia Halvorsen se recostou e olhou para o seu colega nove anos mais velho, o inspector Harry Hole, com uma expressão de descrença no rosto jovem e inocente.

— Claro que sim — respondeu Harry, a passar o polegar e o indicador pelo cano do nariz para mostrar as olheiras sob os olhos injectados de sangue.

— Durante todo o fim-de-semana?

— Desde sábado de manhã até domingo à noite.

— Bem, pelo menos divertiste-te na sexta à noite — disse Halvorsen.

— Sim. — Harry tirou um ficheiro azul do bolso do casaco e pousou-o em cima da mesa, virado para Halvorsen. — Li as transcrições das entrevistas.

Do outro bolso, tirou uma embalagem cinzenta de café French Colonial. Ele e Halvorsen partilhavam um gabinete quase na extremidade mais afastada do corredor, na zona vermelha do sexto piso do Quartel-general da Polícia em Grønland. Dois meses antes tinham comprado uma máquina de café expresso Rancilio Silvia, a qual fora orgulhosamente colocada em cima do arquivador e debaixo da fotografia emoldurada de uma rapariga sentada com as pernas em cima de uma secretária. O rosto sardento dela parecia esboçar um esgar, mas, de facto, estava prestes a desatar à gargalhada. O pano de fundo era a mesma parede do gabinete no qual a fotografia estava pendurada.

— Sabias que três em cada quatro polícias não conseguem escrever correctamente «desinteressante»? — disse Harry, a pendurar o casaco no bengaleiro. — Ou se esquecem de colocar o «e» entre o «t» e o «r», ou...

— Interessante.

— O que é que fizeste no fim-de-semana?

— Na sexta, graças à chamada de um louco qualquer a avisar-nos de uma bomba num veículo, fiquei sentado no carro em frente da residência do embaixador americano. Claro que foi falso alarme, mas neste momento as

coisas estão tão sensíveis que tivemos de ficar lá sentados durante toda a noite. No sábado, fiz outra tentativa para encontrar a mulher da minha vida. No domingo, concluí que ela não existe. O que é que conseguiste descobrir a respeito do teu assaltante, a partir das entrevistas? – Halvorsen mediu o café e deitou-o num filtro duplo.

– Nada – disse Harry, a tirar a camisola. Debaixo desta, usava uma *T-shirt* cinzento-carvão; fora outrora preta e exibia agora as palavras desbotadas *Violent Femmes*. Deixou-se cair na cadeira com uma resmungadela. – Ninguém reportou ter visto o homem procurado perto do banco, antes do assalto. Alguém saiu de uma loja de conveniência do outro lado da Bogstadveien e viu o homem a correr pela Industriegata acima. Foi a balaclava que lhe chamou a atenção. A câmara de vigilância no exterior do banco mostra-os a ambos, quando o assaltante passa pela testemunha em frente de um contentor no exterior da loja. A única coisa interessante que a testemunha nos disse e que não se encontrava no vídeo foi que o assaltante atravessou duas vezes a rua, mais acima na Industriegata.

– Alguém que não se consegue decidir em qual dos passeios andar. Isso parece-me bastante desinteressante. – Halvorsen colocou o filtro duplo no respectivo encaixe. – Com quatro «e's», um «r» e três «s's».

– Não sabes muito acerca de assaltos a bancos, pois não, Halvorsen?

– Porque o deveria saber? É suposto apanharmos assassinos. Os tipos de Hedmark podem encarregar-se dos assaltantes.

– De Hedmark?

– Nunca reparaste quando passas pelo Unidade de Assaltos? O dialecto rural, as camisolas de lã feitas à mão. Mas onde é que queres chegar?

– Quero chegar a Victor.

– O tratador de cães?

– Regra geral, os cães são os primeiros a aparecerem em cena e um assaltante experiente sabe disso. Um bom cão pode seguir um assaltante a pé, mas se ele atravessa a rua e os carros passam, o cão perde o faro.

– E? – Halvorsen comprimiu o café com a tampa e acabou de alisar a superfície com uma espátula; afirmava ser aquilo que distinguia os profissionais dos amadores.

– Isso corrobora a suspeita de que estamos a lidar com um assaltante experiente. E só esse facto significa que nos podemos concentrar num número

dramaticamente mais baixo de indivíduos. O chefe dos Assaltos disse-me...

– Ivarsson? Pensei que não se falavam.

– Não falamos. Ele estava a falar com toda a equipa de investigação. Disse que há menos de cem assaltantes de bancos em Oslo. Cinquenta deles são estúpidos, drogados ou atrasados mentais que apanhamos quase sempre. Metade *deles* está preso, por isso podemos ignorá-los. Quarenta são artífices habilidosos que se conseguem safar desde que alguém os ajude com o planeamento. E depois há dez profissionais, aqueles que assaltam carrinhas de segurança e centros de distribuição de dinheiro. Para os apanharmos precisamos de um golpe de sorte, e tentamos manter-nos sempre vigilantes a eles. Estão neste momento a pedir-lhes álibis. – Harry lançou um olhar à Silvia, que gorgolejava em cima do arquivador. – E no sábado falei com o Weber do Departamento Forense.

– Pensei que Weber se fosse reformar este mês.

– Alguém se enganou. Só o vai fazer no Verão.

Halvorsen soltou uma gargalhada.

– Então, ainda deve andar mais resmungão do que o habitual.

– E anda, mas não por esse motivo – disse Harry. – O pessoal dele não encontrou rigorosamente nada.

– Nada?

– Nem uma única impressão digital. Nem um fio de cabelo. Nem sequer fibras de tecido. E, é claro, podemos ver pela pegada que ele estava a usar sapatos novos em folha.

– Por isso não podem verificar padrões de uso contra outros sapatos?

– Cor-recto – disse Harry, com um «o» longo.

– E a arma do assaltante? – perguntou Halvorsen, a levar uma das chávenas de café até à secretária de Harry. Ao olhar para cima, reparou que a sobancelha esquerda de Hole estava quase enfiada no cabelo curto e loiro. – Desculpa. A arma do crime.

– Obrigado. Não foi encontrada.

Halvorsen sentou-se do seu lado das duas secretárias a bebericar o café.

– Então, em poucas palavras, o homem entrou num banco cheio de pessoas em plena luz do dia, roubou dois milhões de kroner, assassinou uma mulher, voltou a sair, subiu uma rua relativamente despovoada mas com muito

trânsito, no centro da capital da Noruega, a poucas centenas de metros de uma esquadra da polícia e nós, profissionais da autoridade assalariados, não temos nada por onde pegar?

Harry assentiu lentamente.

– Quase nada. Temos o vídeo.

– Que tu, se bem te conheço, vais visualizar a cada segundo.

– Não, eu diria a cada décima de segundo.

– E consegues citar textualmente as declarações das testemunhas?

– Apenas a de August Schulz. Ele contou-me muitas coisas interessantes acerca da guerra. Debitou os nomes de concorrentes da indústria do vestuário; os chamados bons noruegueses que apoiaram a apreensão da propriedade da sua família durante a guerra. Sabe exactamente o que essas pessoas estão a fazer hoje em dia. No entanto, não se apercebeu de que acabara de ser cometido um assalto ao banco.

Beberam o café em silêncio. A chuva começou a bater contra a janela.

– Gostas desta vida, não gostas? – perguntou Halvorsen, de repente. – De passares um fim-de-semana sentado a perseguir fantasmas.

Harry sorriu, mas não respondeu.

– Pensei que agora que tinhas obrigações familiares, tinhas desistido de um estilo de vida solitário.

Harry lançou ao colega mais novo um olhar admoestador.

– Não sei se o vejo dessa maneira – disse, lentamente. – Não vivemos juntos, sabes.

– Não, mas Rakel tem um filho pequeno e isso faz com que as coisas sejam diferentes, não faz?

– Oleg – disse Harry, a aproximar-se do arquivador. – Voaram para Moscovo na sexta-feira.

– Oh?

– Caso de tribunal. O pai quer a custódia.

– Ah, é verdade. Como é que ele é?

– Hm. – Harry endireitou a fotografia inclinada, por cima da máquina de café. – É um professor que Rakel conheceu e com quem se casou enquanto

estava lá a trabalhar. Vem de uma família rica e tradicional com toneladas de influência política, segundo Rakel.

– Então conhecem alguns juízes, hã?

– Devem conhecer, mas nós achamos que vai correr tudo bem. O homem é doido, e todos sabem disso. Um alcoólico brilhante com falta de autocontrole, conheces o género.

– Acho que sim.

Harry ergueu os olhos rapidamente, mesmo a tempo de ver Halvorsen a esconder um sorriso.

No Quartel-general da Polícia era do conhecimento geral que Harry tinha problemas com o álcool. Actualmente o alcoolismo não era por si só motivo para despedir um funcionário público, mas estar-se bêbado durante as horas de serviço era. A última vez em que Harry tivera uma recaída, havia pessoas em posições mais altas no edifício que tinham sido da opinião que ele deveria ser removido da força, mas o *politiavdelingssjef*, PAS para abreviar, Bjarne Møller, chefe da Brigada de Homicídios, estendera uma asa protectora sobre as circunstâncias alegadamente atenuantes de Harry. Essas circunstâncias estavam relacionadas com a mulher na fotografia por cima da máquina expresso – Ellen Gjelten, a parceira e amiga íntima de Harry – que fora espancada até à morte com um taco de basebol num carro, junto ao rio Akerselva. Harry esforçara-se por se voltar a erguer, mas a ferida ainda lá estava. Em especial porque, na sua opinião, o caso nunca fora satisfatoriamente esclarecido. Quando Harry e Halvorsen tinham encontrado provas forenses que incriminavam o neonazi Sverre Olsen, o inspector Tom Waaler não perdera tempo em ir a casa de Olsen para o prender. Aparentemente Olsen disparara contra Waaler, que por seu lado disparara em autodefesa e o matara. Isto segundo o relatório de Waaler. Nem as investigações no cenário do tiroteio, nem o interrogatório da SEFO, uma autoridade policial independente, sugeriam outra coisa. Por outro lado, o motivo que Olsen tinha para assassinar Ellen nunca fora explicado, para além de indicações de que ele estava envolvido no tráfico de armas ilegais que nos últimos anos inundara Oslo de pistolas, e que Ellen tropeçara nessa pista. No entanto, Olsen era apenas o moço de recados. A polícia ainda não tinha quaisquer pistas quanto aos cérebros atrás do homicídio.

Depois de uma breve inserção na *Politiets Overvåkningstjeneste* ou POT, os Serviços de Segurança, no último piso, Harry voltara a concorrer à Brigada de Homicídios para trabalhar no caso de Ellen Gjelten. O POT ficara muito

satisfeito por se ver livre dele. Møller ficou satisfeito por o ter de volta ao sexto piso.

– Vou apenas dar uma saltada lá acima para entregar isto a Ivarsson – murmurou Harry, a sacudir a cassete vídeo. – Ele queria dar-lhe uma olhadela com uma nova menina-prodígio que têm lá em cima.

– Oh? Quem é?

– Alguém que saiu este Verão do Instituto da Polícia, e que aparentemente resolveu três assaltos apenas ao estudar os vídeos.

– Uau. É gira?

Harry suspirou.

– Vocês, jovens, são tão aborrecidamente previsíveis. Espero que ela seja competente. Não me interessa o resto.

– Tens a certeza de que é uma mulher?

– Só se herr e fru Lønn chamaram ao filho Beate como uma piada.

– Tenho o pressentimento de que ela é atraente.

– Espero que não – disse Harry, a baixar-se, devido ao hábito enraizado de fazer os seus 192 centímetros passarem sob a estrutura da porta.

– Oh?

A resposta foi gritada do corredor:

– Os bons agentes da polícia são feios.

À primeira vista, a aparência de Beate Lønn não dava qualquer indicação fiável quanto a nenhum dos casos. Não era feia; alguns até poderiam dizer que se parecia com uma boneca. Mas isso poderia ser em grande parte porque era pequena: rosto, nariz, orelhas – e o corpo. A característica mais dominante era a sua palidez. A pele e o cabelo eram tão destituídos de cor que fazia lembrar a Harry um cadáver que Ellen e ele tinham uma vez pescado do Bunnefjord. No entanto, ao contrário do cadáver, Harry tinha a sensação de que, se se virasse por um instante, conseguir-se-ia esquecer de qual a aparência de Beate Lønn. Algo com que, aparentemente, ela não se teria importado enquanto murmurava o seu nome e deixava que Harry lhe apertasse a mão pequena e húmida antes de a afastar com toda a rapidez.

– O inspector Hole é uma espécie de lenda aqui no departamento – disse o PAS Rune Ivarsson, que se encontrava de costas viradas para eles a remexer num molho de chaves. No cimo da porta de ferro cinzenta um letreiro dizia

em letras góticas: A CASA DA DOR. E debaixo destas: SALA DE CONFERÊNCIAS 508. – Não é verdade, Hole?

Harry não respondeu. Não tinha quaisquer dúvidas quanto ao tipo de estatuto lendário que Ivarsson tinha em mente. Nunca fizera a mais pequena tentativa para esconder a sua opinião de que Harry era uma mancha na força, e que deveria ter sido removido há anos.

Por fim, Ivarsson destrancou a porta e entraram. A Casa da Dor era a sala onde a Unidade de Assaltos se dedicava ao estudo, edição e cópia de gravações vídeo. Tinha no centro uma mesa enorme com três postos de trabalho; sem janelas. As paredes estavam cobertas de prateleiras com cassetes de vídeo, uma dúzia de cartazes de assaltantes procurados, um ecrã grande numa das paredes, um mapa de Oslo e vários troféus de prisões bem-sucedidas: por exemplo, ao lado da porta, pendiam da parede duas mangas de lã com buracos para os olhos e boca. Para além disso, a sala continha computadores cinzentos, televisores pretos, leitores de vídeo e DVD bem como um certo número de outras máquinas que Harry não sabia identificar.

– O que é que a Briiigada de Homicídios conseguiu sacar do vídeo? – perguntou Ivarsson, a deixar-se cair numa das cadeiras. Arrastou o «i» de um modo exagerado.

– Qualquer coisa – disse Harry, a aproximar-se de uma prateleira de vídeos.

– Qualquer coisa?

– Não muito.

– Uma pena que vocês não tenham assistido à palestra que dei no refeitório, em Setembro passado. Se não estou em erro, todas as unidades estiveram representadas menos a vossa.

Ivarsson era alto, de membros longos, com uma franja de cabelo loiro e ondulado acima de olhos azuis. O rosto tinha aquelas características masculinas que os modelos alemães como os da Boss têm a tendência para ter, e ainda estava bronzado depois de muitas tardes de Verão nos campos de ténis e talvez uma ou outra sessão de solário num centro de *fitness*. Em resumo, Rune Ivarsson era aquilo que muitos poderiam considerar como um homem atraente, e assim corroborava a teoria de Harry acerca da associação entre a aparência e a competência no trabalho policial. Contudo, o que faltava a Rune Ivarsson em talento de investigação era contrabalançado com um excelente faro para a política e a capacidade de formar alianças no interior da hierarquia do Quartel-general da Polícia. Além disso, Ivarsson tinha a autoconfiança natural que muitos confundem com qualidades de liderança.

No seu caso, essa confiança era apenas baseada no facto de ter sido abençoado com uma cegueira total para as suas próprias falhas, uma característica que inevitavelmente o iria levar ao topo e um dia torná-lo-ia – de uma maneira ou de outra – no superior de Harry. Em princípio, Harry não via qualquer motivo para se queixar quando a mediocridade era pontapeada para cima e afastada do caminho das investigações, mas o perigo de indivíduos como Ivarsson é que podiam meter facilmente na cabeça que deveriam intervir e liderar aqueles que realmente sabiam o que era o trabalho de detecção.

– Perdemos alguma coisa? – perguntou Harry, a passar um dedo ao longo das pequenas etiquetas escritas à mão nas lombadas nos vídeos.

– Talvez não – disse Ivarsson. – A não ser que estejam interessados naqueles minúsculos pormenores que solucionam os casos criminais.

Harry resistiu com sucesso à tentação de dizer que não fora à palestra porque outros, que tinham assistido a palestras anteriores, lhe tinham dito que o único objectivo da mesma era a oportunidade de Ivarsson se exhibir, e anunciar a todos sem excepção que depois de se ter tornado chefe da Unidade a taxa de resolução de assaltos a bancos aumentara de trinta e cinco para cinquenta por cento. Nem uma palavra acerca do facto de a sua recente nomeação coincidir com o duplicar de efectivos na sua unidade, o aumento geral dos poderes da mesma e a partida simultânea do seu pior investigador – Rune Ivarsson.

– Vejo-me como alguém razoavelmente interessado – disse Harry. – Então, diz-me como solucionaste este. – Tirou uma das cassetes e leu em voz alta o que estava escrito na etiqueta –, «20.11.94., Caixa de Poupanças NOR, Manglerud.»

Ivarsson riu-se.

– Com todo o prazer. Apanhámo-los à maneira antiga. Eles trocaram de veículos de fuga num aterro em Alnabru, e deitaram fogo ao carro que largaram. Mas o carro não ardeu. Encontrámos as luvas de um dos assaltantes e vestígios de ADN. Combinámo-los com os de assaltantes conhecidos que os nossos investigadores apontaram como potenciais suspeitos depois de terem visto o vídeo, e um deles encaixava. O idiota disparou um tiro contra o tecto e apanhou quatro anos. Mais alguma coisa que queiras saber, Hole?

– Hm. – Harry brincou com a cassete. – Que tipo de ADN é que era?

– Eu disse-te, ADN semelhante ao de alguém envolvido. – O canto do olho esquerdo de Ivarsson começou a torcer-se.

– Certo, mas o que era? Pele morta? Uma unha? Sangue?

– É assim tão importante? – A voz de Ivarsson tornara-se aguda e impaciente.

Harry pensou que se devia manter calado. Devia desistir daquelas ofensivas à Dom Quixote. De qualquer maneira indivíduos como Ivarsson nunca iriam aprender.

– Talvez não – ouviu-se Harry dizer. – A não ser que se esteja interessado naqueles minúsculos pormenores que solucionam os casos criminais.

Os olhos de Ivarsson lançaram punhais a Harry. Naquela sala de isolamento especial, o silêncio caiu como uma pressão física sobre os ouvidos de todos. Ivarsson abriu a boca para falar.

– Um pêlo das articulações.

Os dois homens viraram-se para olhar para Beate Lønn. Harry quase se esquecera da presença dela. Beate olhou de um para outro, e repetiu quase num sussurro:

– Pêlos das articulações. Os pêlos que temos nos dedos... não é assim que se chamam...?

Ivarsson pigarreou.

– Tens razão, foi um pêlo. Mas pensei que fosse, embora não tenhamos de entrar nisto em maior detalhe, um pêlo das costas da mão. Não é verdade, Beate? – Sem esperar por uma resposta, bateu no vidro do seu enorme relógio de pulso. – Tenho de ir. Entretenham-se com o vídeo.

Quando a porta se fechou atrás de Ivarsson, Beate tirou a cassete da mão de Harry e no momento seguinte o leitor de cassetes já estava ligado.

– Dois pêlos – disse ela. – Na luva da mão esquerda. Da articulação. E o aterro de lixo era em Karihaugen, não em Alnabru. Mas aquilo dos quatro anos é verdade.

Harry lançou-lhe um olhar espantado.

– Isso não foi um pouco antes do teu tempo?

Ela encolheu os ombros enquanto pressionava o PLAY no controlo remoto.

– É apenas uma questão de se lerem os relatórios.

– Hm – disse Harry e estudou-lhe o perfil. Depois instalou-se mais confortavelmente na cadeira. – Vamos ver se este também deixou alguns

pêlos das articulações.

O leitor de vídeo resmungou e Beate apagou a luz. Nos momentos que se seguiram, enquanto a imagem azul de abertura os iluminava, outro filme revelou-se na cabeça de Harry. Era curto, durava apenas alguns segundos, uma cena banhada por uma luz azul no Waterfront, um clube há muito defunto em Aker Brygge. Ele não sabia como ela se chamava, a mulher sorridente e de olhos castanhos que estava a tentar gritar qualquer coisa acima do som da música. Estavam a passar *cow-punk*². Green on Red. Jason and the Scorchers. Deitou Jim Beam na sua Coca-Cola e deixou de se importar com o nome dela. No entanto, na noite seguinte já o sabia. Quando estavam na cama ornamentada com a figura de proa de um navio, um cavalo sem cabeça, que se soltara de todas as suas amarras e partira na sua viagem inaugural. Harry sentiu na barriga o mesmo calor que sentira na noite anterior quando ouvira a voz dela ao telefone.

Depois o outro filme substituiu aquele.

O velho iniciara o seu percurso através do banco em direcção ao balcão, filmado por uma câmara diferente de cinco em cinco segundos.

– Thorkildsen na TV2 – disse Beate Lønn.

– Não, é August Schulz – disse Harry.

– Estou a falar da edição – respondeu ela. – Parece o tipo de trabalho de Thorkildsen na TV2. Faltam alguns décimos aqui e ali...

– Faltam? Como é que consegues ver...?

– Por uma série de coisas. Siga aquilo que se passa em fundo. O Mazda vermelho que se consegue ver na rua está no centro da imagem das duas câmaras, quando a imagem se altera. Um objecto não se pode encontrar em dois lugares ao mesmo tempo.

– Estás a dizer que alguém manipulou a gravação?

– De modo algum. Tudo o que se encontrava nas seis câmaras interiores e na exterior encontra-se gravado na mesma cassete. Na cassete original, a imagem salta rapidamente de uma câmara para a outra e tudo o que se vê é um tremeluzir. Assim, o filme teve de ser editado para se conseguirem sequências mais longas e coerentes. Por vezes, chamamos pessoal das estações de televisão quando não temos capacidade para o fazer. Os editores televisivos como Thorkildsen brincam com o código temporal para melhorarem a qualidade da gravação, para não ficar tão cortada. Presumo que seja uma neurose profissional.

– Neurose profissional – repetiu Harry. Achou que aquela era uma frase estranhamente envelhecida para uma jovem dizer. Ou talvez ela não fosse tão nova como pensara inicialmente? Acontecera-lhe algo assim que as luzes se tinham apagado. A linguagem corporal em perfil estava mais descontraída, a voz mais firme.

O assaltante entrou no banco e gritou em inglês. A voz soava distante e abafada, parecia enrolada num edredão.

– O que é que achas disto? – perguntou Harry.

– É norueguês. Fala em inglês para não podermos reconhecer o seu dialecto, sotaque ou quaisquer palavras características que pudéssemos associar a assaltos anteriores. Usa roupa macia que não deixa fibras para que não possamos encontrar vestígios em carros de fuga, em locais de vigia ou na casa dele.

– Hm. Mais alguma coisa?

– Todas as aberturas da roupa estão tapadas com fita adesiva para não deixar quaisquer vestígios de ADN. Como cabelo ou transpiração. Consegue ver-se que as pernas das calças estão coladas à volta das botas, e as mangas à volta das luvas. Eu diria que também tem fita adesiva à volta da cabeça e cera nas sobrancelhas.

– Então é um profissional?

Ela encolheu os ombros.

– Oitenta por cento dos assaltos a bancos são planeados com menos de uma semana de avanço, e são executados por indivíduos sob a influência de álcool ou drogas. Este foi cuidadosamente pensado e o assaltante não parece estar sob o efeito de coisa alguma.

– Como é que consegues ver tudo isso?

– Se tivéssemos câmaras e luzes melhores, poderíamos aumentar as imagens e ver-lhe as pupilas. Mas não temos, por isso leio a sua linguagem corporal. Calmo, movimentos determinados, não o está a ver? Se ele estava sob o efeito de alguma coisa, não eram *speeds* ou qualquer outro tipo de anfetaminas. Talvez Rohypnol. Essa é a mais popular.

– Porquê?

– Assaltar um banco é uma experiência extrema. Não se precisam de *speeds*, é exactamente o contrário. O ano passado alguém entrou no Den norske Bank em Solli plass com uma metralhadora, disparou contra as

paredes e o tecto, e saiu a correr sem roubar nada. Disse ao juiz que tinha ingerido tantas anfetaminas que tivera de as tirar do sistema. Eu prefiro criminosos que tomem Rohypnol, se é que o posso colocar dessa maneira.

Harry apontou com a cabeça para o ecrã.

– Olha para a posição do ombro de Stine Grette na posição número 1. Ela está a pressionar o alarme. E o som da gravação fica de repente muito melhor. Porquê?

– O alarme está ligado ao dispositivo de gravação, e quando o alarme é activado o filme começa a passar muito mais depressa. Isso dá-nos imagens e som muito melhores. Suficientemente bons para analisarmos a voz do assaltante. E depois, falar em inglês não o vai ajudar.

– É mesmo tão fiável quanto dizem que o é?

– O som das nossas cordas vocais é como uma impressão digital. Se pudermos dar ao nosso analista de voz da Universidade de Trondheim dez palavras numa cassette, ele consegue comparar duas vozes com noventa e cinco por cento de fiabilidade.

– Hm. Mas presumo que isso não aconteça com a qualidade de som que tínhamos antes de o alarme ser premido?

– É menos fiável.

– Então é por isso que ele grita primeiro em inglês, e depois quando percebe que o alarme foi activado, usa Stine Grette como o seu microfone.

– Exacto.

Observaram em silêncio o homem vestido de negro a saltar por cima do balcão, a encostar o cano da arma ao pescoço de Stine Grette e a sussurrar-lhe ao ouvido.

– O que achas da reacção dela? – perguntou Harry.

– O que é que quer dizer?

– A expressão facial. Ela parece relativamente calma, não acha?

– Não acho nada. Regra geral, não se consegue obter muita informação de uma expressão facial. Eu diria que a pulsação dela estava perto das 180 batidas.

Observaram Helge Klementsén atrapalhado, no chão em frente da caixa ATM.

– Espero que ele receba tratamento pós-traumático adequado – disse Beate em voz baixa, e sacudiu a cabeça. – Já vi pessoas a transformarem-se em cacos psicológicos depois de serem expostas a assaltos como este.

Harry não respondeu, mas pensou que aquela afirmação devia ser algo que ela apanhara de colegas mais velhos.

O assaltante virou-se e mostrou seis dedos.

– Interessante – murmurou Beate e, sem olhar para baixo, escreveu qualquer coisa no bloco à sua frente. Harry seguiu a jovem agente da polícia pelo canto do olho e viu-a saltar quando o tiro foi disparado. Enquanto o assaltante no ecrã agarrava no saco de desporto, saltava por cima do balcão e corria para a porta, o pequeno queixo de Beate ergueu-se e a caneta caiu-lhe da mão.

– Não colocámos a última parte na Net, nem a passámos para nenhuma das estações televisivas – disse Harry. – Vê, ele agora encontra-se ao alcance da câmara exterior do banco.

Viram o assaltante a atravessar a passadeira – com o verde – em Bogstadveien, antes de subir a Industrigata. Depois desapareceu do enquadramento.

– E a polícia? – perguntou Beate.

– A esquadra de polícia mais próxima fica em Sørkedalsveien mesmo depois da portagem, a cerca de oitocentos metros do banco. Apesar disso, demoraram apenas pouco mais de três minutos desde que o alarme disparou até chegarem. Por isso, o assaltante teve menos de dois minutos para conseguir fugir.

Beate olhou para o ecrã com uma expressão pensativa, para as pessoas e veículos que passavam como se nada tivesse acontecido.

– A fuga foi tão meticulosamente planeada quanto o assalto. É provável que o veículo de fuga estivesse estacionado do outro lado da esquina, de modo a não poder ser apanhado pelas câmaras no exterior do banco. Ele teve sorte.

– Talvez – disse Harry. – Por outro lado, não parece um tipo que confie na sorte, pois não?

Beate encolheu os ombros.

– A maior parte dos indivíduos que assaltam bancos parecem ter sempre bons planos quando são bem-sucedidos.

– Ok, mas aqui foi um mero acaso a polícia ter-se atrasado. Na sexta-feira

àquela hora todos os carros-patrolha da zona estavam ocupados noutro lado, na...

– ... na residência do embaixador americano! – exclamou Beate, a dar uma palmada na testa. – A chamada anónima que falava de uma bomba num carro. Estive de folga na sexta-feira, mas vi o noticiário. E se pensarmos como as pessoas hoje em dia ficam histéricas, é óbvio que todos quanto ali se encontravam o deviam estar.

– Não havia nenhuma bomba.

– Claro que não. É o isco clássico para manter a polícia ocupada noutro sítio antes de um assalto.

Continuaram sentados a ver a última parte da gravação num silêncio pensativo. August Schulz à espera de atravessar a rua numa passadeira. O verde a mudar para vermelho e a mudar de novo sem ele se mover. Está à espera de quê?, perguntou-se Harry. De uma irregularidade? De uma sequência de verde extraprolongada? Uma espécie de onda verde com uma centena de anos? Tudo bem. Devia chegar dentro de pouco tempo. À distância ouviu as sirenes da polícia.

– Há aqui qualquer coisa que não está bem.

Beate Lønn respondeu com o suspiro cansado de um velho:

– Há sempre qualquer coisa que não está bem.

Depois o filme terminou e uma tempestade de neve atravessou o ecrã.

2 Ou *country punk*. Subgénero do *punk*, originário do Sul da Califórnia, que mistura *country* e *blues* nas sonoridades do *punk rock*. (N. da T.)

O Eco

— **N**eve? — gritou Harry para o telemóvel enquanto se apressava pelo passeio.

— Sim, a sério — disse Rakel, sobre a má ligação de Moscovo. Aquilo foi seguido por um eco sibilado — ... ério.

— Estou?

— Está aqui um gelo... lo. Dentro de casa e fora... ra.

— E no tribunal?

— Aí também, muito abaixo do ponto de congelação. Quando vivíamos aqui, a mãe dele até costumava dizer que eu devia levar o Oleg. Agora está sentada com os outros e lança-me olhares de ódio... io.

— Que tal está a correr o caso?

— Como queres que saiba?

— Bem. Primeiro, estudaste direito. Segundo, falas russo.

— Harry. Tenho em comum com 150 milhões de russos o facto de não compreender rigorosamente nada a respeito deste sistema legal, ok?... K?

— Ok. Como é que Oleg está a reagir?

Harry repetiu a pergunta sem obter uma resposta e estendeu o telemóvel para olhar para o visor e ver se tinha perdido a ligação, mas os segundos no contador continuavam a avançar. Voltou a aproximar o aparelho do ouvido.

— Estou?

— Estou, Harry, eu oiço-te... oooh. Tenho tantas saudades tuas... ohh. O que é que se passa com o ha ha?... aah.

— Há um eco na linha. Uma série de ooohs, ohhs e aahs.

Harry chegou à porta da rua, tirou a chave e destrancou a entrada para o átrio.

— Achas que sou demasiado agressiva, Harry?

— Claro que não.

Harry fez um sinal com a cabeça a Ali, que estava a tentar enfiar um trenó pela porta da cave.

– Amo-te. Estás aí? Amo-te! Estou?

Harry ergueu os olhos da chamada que se desligara com uma expressão espantada, e reparou no sorriso radioso do seu vizinho paquistanês.

– Sim, sim, a ti também, Ali – murmurou enquanto voltava a marcar penosamente o número de Rakel.

– Registo de chamadas – disse Ali.

– O quê?

– Nada. Diz-me se queres alugar a tua arrecadação da cave. Não a usas muito, pois não?

– Tenho uma arrecadação na cave?

Ali rolou os olhos.

– Há quanto tempo vives aqui, Harry?

– Eu disse... amo-te.

Ali lançou a Harry um olhar perscrutador. Harry acenou-lhe um adeus, e fez-lhe sinal para indicar que conseguira a chamada. Subiu as escadas a correr com a chave à sua frente, como se fosse uma varinha de condão.

– Pronto, agora podemos falar – disse Harry ao passar pela porta e entrar no seu apartamento de duas assoalhadas escassamente mobilado, comprado por uma ninharia algures nos anos 90 quando o mercado imobiliário atingira o fundo. Era frequente pensar que aquele apartamento gastara a sua quota-parte de sorte para o resto da sua vida.

– Quem me dera que estivesses aqui connosco, Harry. Oleg também tem saudades tuas.

– Ele disse isso?

– Não precisa de o dizer. Quanto a isso, vocês são muito parecidos.

– Oh tu, acabei de dizer que te amo. Três vezes. Com o vizinho a ouvir. Sabes o que esse tipo de coisa faz a um homem?

Rakel riu-se. Harry adorava ouvi-la rir, adorara ouvi-la desde a primeira vez que ela o fizera. Soubera intuitivamente que faria qualquer coisa para a ouvir com maior frequência. De preferência todos os dias.

Descalçou os sapatos com um pontapé, e sorriu quando viu o gravador a piscar no corredor para o informar de que recebera uma mensagem. Não precisava de ser vidente para saber que fora Rakel que lhe ligara mais cedo. Mais ninguém ligava para a casa de Harry Hole.

– Então como é que sabes que me amas? – arrulhou Rakel. O eco desaparecera.

– Sinto o meu... como é que se chama?... a aquecer.

– Coração?

– Não, é um pouco mais atrás e abaixo do coração. Rins? Fígado? Baço? Sim, é isso. Consigo sentir o baço a aquecer.

Harry não teve a certeza se eram gargalhadas ou soluços que ouviu do outro lado da linha. Pressionou o PLAY no gravador.

«Olá, sou eu de novo...»

Harry sentiu o coração saltar e reagiu antes de pensar. Pressionou o STOP. Mas era como se o eco das palavras proferidas naquela voz feminina encantadora e ligeiramente rouca continuasse a lançar-se para a frente e para trás entre as paredes.

– O que é que foi isso? – perguntou Rakel.

Harry respirou fundo. Um pensamento esforçava-se por o atingir antes de responder, mas chegou demasiado tarde:

– Apenas o rádio. – Pigarreou. – Quando tiveres a certeza, diz-me em que voo é que vens para te ir buscar ao aeroporto.

– Claro que digo – disse ela, com um tom de surpresa na voz.

Seguiu-se uma interrupção tensa.

– Agora tenho de desligar – disse Rakel. – Falamos hoje às oito?

– Sim. Quero dizer, não. A essa hora vou estar ocupado.

– Oh? Espero que seja algo de agradável para variar.

– Bem – disse Harry a respirar fundo –, vou mesmo sair com uma mulher.

– Quem é a felizarda?

– Beate Lønn. Uma agente nova da Unidade de Assaltos.

– E qual é o acontecimento?

– Uma conversa com o marido de Stine Grette. Foi morta a tiro durante

aquele assalto em Bogstadveien que te contei ontem. E com o gerente de balcão.

– Diverte-te. Falamos amanhã. Mas primeiro Oleg quer dar-te as boas-noites.

Harry ouviu o som de pequenos passos a correrem e depois uma respiração excitada ao telefone.

Depois de terem acabado de falar, Harry permaneceu no vestíbulo a olhar para o espelho acima da mesa do telefone. Se a teoria dele estivesse correcta, estava agora a olhar para um polícia competente. Dois olhos injectados de sangue, um de cada lado de um nariz largo com uma rede de veias azuis e finas, num rosto pálido e ossudo com poros fundos. As suas rugas pareciam-se com cortes de faca aleatórios feitos numa viga de madeira. Como é que aquilo acontecera? Pelo espelho, viu atrás de si a parede na qual estava pregada a fotografia do rosto sorridente e bronzeado do rapaz junto da irmã. Mas a mente de Harry não estava agora ocupada com a boa aparência nem com a juventude perdida, porque o pensamento por fim chegara. Perscrutava as próprias feições em busca do engano, da evasiva, da cobardia que acabara de fazer com que quebrasse uma das poucas promessas que fizera a si mesmo: que nunca, mesmo nunca, acontecesse o que acontecesse, mentiria a Rakel. De todos os rochedos do mar da sua relação para se afundarem, e havia muitos, as mentiras não seriam um deles. Então porque é que lhe mentira? Era verdade que ele e Beate se iam encontrar com o marido de Stine Grette, mas porque é que não lhe dissera que a seguir se ia encontrar com Anna? Uma velha paixoneta, e depois? Fora um caso curto e tempestuoso que deixara cicatrizes, embora nenhum ferimento prolongado. Iam apenas conversar e beber um café, e contar um ao outro as suas respectivas histórias do que acontecera depois. A seguir, cada um iria por caminhos separados.

Harry pressionou o PLAY do gravador para ouvir o resto da mensagem. A voz de Anna encheu o vestíbulo: «... ansiosa por te ver no M esta noite. Só duas coisas. Podes passar pela loja das chaves na avenida Vibes e trazes-me as chaves que mandei fazer? Estão abertos até às sete e disse-lhes para as porem em teu nome. E importas-te de usar aquelas calças de ganga de que gosto tanto?»

Uma gargalhada profunda, rouca. A sala pareceu vibrar com aquele ritmo. Não havia dúvidas quanto àquilo, ela não mudara.

Nemésis

A chuva desenhava linhas rápidas contra um céu de Outubro prematuramente escurecido, à luz do candeeiro de rua. No letreiro de cerâmica abaixo deste, Harry leu que Stine Espen e Trond Grette viviam ali, sendo o «ali» uma casa amarela com um terraço em Disengrenda. Premiu a campainha e observou o local. Disengrenda era constituída por quatro longas fileiras de casas com terraços, junto a um campo grande e plano, cercado por edifícios residenciais, que fizeram Harry pensar em pioneiros numa pradaria a tomarem uma posição defensiva contra o assalto de índios. Talvez fossem mesmo isso. As casas de terraços tinham sido construídas nos anos sessenta por uma classe média florescente e talvez a reduzida população local de trabalhadores em Disenveien e Traverveien já soubesse que aqueles eram os novos conquistadores; que teriam hegemonia sobre o novo país.

– Não parecem estar em casa – disse Harry, ao pressionar de novo o botão.
– Tens a certeza de que ele percebeu que vínhamos esta tarde?

– Não.

– Não? – Harry virou-se e baixou os olhos para Beate Lønn que tremia debaixo do guarda-chuva. Vestia uma saia e sapatos de salto alto, e quando ela o fora buscar à porta do Schrøder's pensara que ela parecia estar vestida para um encontro.

– Grette confirmou duas vezes quando liguei – disse ela. – Mas parecia completamente... perdido.

Harry inclinou-se sobre o degrau e achatou o nariz contra a janela da cozinha. Estava escuro no interior e tudo quanto conseguiu ver foi um calendário branco do Nordea Bank pendurado na parede.

– Vamo-nos embora – disse ele.

Nesse momento, a janela da cozinha da casa vizinha abriu-se ruidosamente.

– Andam à procura de Trond?

As palavras foram articuladas em *bokmål*, norueguês normal, mas com um sotaque de Bergen com «r's» tão fortes e trinados que soava a um comboio de tamanho médio a descarrilar. Harry virou-se e olhou para o rosto castanho e

enrugado da mulher, a tentar sorrir e parecer sério ao mesmo tempo.

– Andamos – confirmou Harry.

– Família?

– Polícia.

– Certo – disse a mulher e esboçou uma expressão fúnebre. – Pensei que tinham vindo apresentar condolências. Ele está no *court* de ténis, pobre criatura.

– *Court* de ténis?

Ela apontou.

– Do outro lado do campo. Está ali desde as quatro horas.

– Mas está escuro – disse Beate. – E está a chover.

A mulher encolheu os ombros.

– Presumo que seja pela dor. – Ela trinou de tal maneira os «r's» que Harry lembrou-se da sua infância em Oppsal, e dos pedaços de cartão que costumavam prender às rodas das bicicletas para que estes pudessem bater contra os raios.

– Vejo que também crescestes no Leste de Oslo – disse Harry, quando ele e Beate se encaminharam para o local que a mulher lhes indicara. – Ou estou enganado?

– Não – disse Beate, pouco disposta a alongar-se.

O *court* de ténis situava-se a meio caminho entre os edifícios e as casas com terraços. Ouviram o embater abafado das cordas de uma raquete numa bola de ténis molhada. No interior da elevada vedação metálica, viram uma figura de pé a servir na obscuridade outonal que caía rapidamente.

– Olá! – gritou Harry quando chegaram à vedação, mas o homem não respondeu. Só agora é que viam que vestia um casaco, camisa e gravata.

– Trond Grette?

Uma bola atingiu uma poça de água escura, ressaltou, bateu na vedação e salpicou-os com um chuveiro fino de água, que Beate desviou com o guarda-chuva.

Beate sacudiu o portão.

– Ele trancou-se ali dentro – sussurrou.

– Polícia! Agentes Hole e Lønn! – gritou Harry. – Tínhamos combinado encontrarmo-nos. Podemos... Céus! – Harry não vira a bola até esta se enfiar na vedação metálica com um som abafado, a poucos centímetros do seu rosto. Limpou a água dos olhos e olhou para baixo. Fora salpicado com água suja, de um castanho-avermelhado. Harry virou automaticamente as costas quando viu o homem a lançar a bola seguinte.

– Trond Grette! – O grito de Harry ecoou entre os edifícios. Viram uma bola de ténis a curvar-se num arco em direcção às luzes dos prédios antes de ser engolida pela escuridão e aterrar algures no campo. Harry voltou a olhar para o *court*, apenas para ouvir um rugido selvático e ver uma figura a correr na sua direcção saída do escuro. A vedação metálica chiou ao absorver o peso do jogador. O homem caiu de gatas na lama, levantou-se, começou a correr e lançou-se de novo contra a vedação. Caiu, levantou-se e voltou a atirar-se.

– Meu Deus, ele enlouqueceu – sussurrou Harry. Recuou instintivamente um passo quando um rosto branco com olhos esgazeados se ergueu à sua frente. Beate acendera uma lanterna eléctrica e fê-la incidir em Grette, que estava pendurado na vedação. Com o cabelo preto e molhado colado à testa branca, parecia estar a procurar algo em que se focar enquanto escorregava pela vedação como um pedaço de gelo no pára-brisas de um carro, até cair inanimado no chão.

– O que é que fazemos agora? – murmurou Beate.

Harry sentiu os dentes morderem qualquer coisa e cuspiu para a mão. À luz da lanterna viu gravilha vermelha.

– Chamas uma ambulância enquanto eu vou buscar um alicate ao carro – disse.

– Então deram-lhe sedativos? – perguntou Anna.

Harry assentiu e bebericou a Coca-Cola.

A clientela jovem, da Zona Oeste, estava empoleirada em tamboretes junto ao bar a beber vinho, bebidas cintilantes e Diet Coke. O M era como grande parte dos cafés em Oslo – urbano de um modo provinciano e ingénuo, mas também bastante agradável; o que fez Harry lembrar-se de Kebab, o rapaz brilhante e bem-comportado da sua turma, que (tinham descoberto mais tarde) tinha um livro com todas as expressões de calão que os miúdos *in* usavam.

– Levaram o pobre tipo para o hospital. Depois voltámos a falar com a vizinha, e ela contou-nos que todas as noites desde que a mulher foi morta ele ia até ali lançar bolas.

– Céus. Porquê?

Harry encolheu os ombros.

– Não é muito invulgar as pessoas tornarem-se psicóticas quando perdem alguém nestas circunstâncias. Algumas reprimem essas emoções e agem como se os mortos ainda estivessem vivos. A vizinha disse que Stine e Trond Grette eram um fantástico par, que no Verão praticavam quase todas as tardes no *court* de ténis.

– Então ele estava à espera de que a mulher servisse?

– Talvez.

– Céus! Pedes-me uma cerveja enquanto vou à casa de banho?

Anna girou as pernas para se levantar do tamborete e serpenteou através da sala. Harry tentou não seguir os seus movimentos. Não precisava de o fazer, já vira tudo aquilo que queria. Ela tinha algumas rugas à volta dos olhos, algumas madeixas grisalhas no cabelo negro asa de corvo; para além disso, estava exactamente na mesma. Os mesmos olhos negros com uma expressão um pouco assombrada, o mesmo nariz alto e estreito acima dos lábios indecentemente cheios e as faces chupadas que lhe davam um certo ar faminto. Não se poderia classificar como «bela» – para isso as suas feições eram demasiado duras e rígidas –, mas o seu corpo esguio era suficientemente curvilíneo para Harry detectar pelo menos dois homens sentados nas mesas da área do restaurante a seguirem-na quando ela passou.

Harry acendeu outro cigarro. Depois de Grette tinham feito uma visita a Helge Klementsén, o gerente de balcão, mas essa visita também não lhes dera muito com o qual trabalhar. O homem ainda estava em estado de choque, sentado numa cadeira no seu duplex em Kjelsåsveien, a olhar alternadamente para o caniche que lhe passava a correr entre as pernas e a mulher que se apressava entre a cozinha e a sala de estar com café e as cornucópias de creme mais secas que Harry alguma vez provara. A roupa de Beate estava melhor adaptada ao lar burguês da família Klementsén do que as Levi's desbotadas e Doc Martens de Harry. Apesar disso, era sobretudo Harry que fazia conversa com uma fru Klementsén, nervosa e trôpega, a respeito da precipitação invulgarmente elevada daquele Outono e a arte de fazer cornucópias de creme; seguiam-se, por vezes, interrupções devidas ao bater de pés e soluços ruidosos que se ouviam acima das suas cabeças. Fru Klementsén explicou que a filha, Ina, a pobre coitada, estava grávida de sete meses de um homem que acabara de a abandonar. Bem, de facto, ele *era* marinheiro e partira para o Mediterrâneo. Harry quase cuspiu o bolo sobre a mesa. Foi nessa altura que

Beate se apoderou da conversa e perguntou a Helge, que deixara de perseguir o cão com os olhos quando este atravessou a sala de estar e se dirigiu à porta:

– Que altura acha que tinha o assaltante?

Helge olhou para ela, depois pegou na chávena de café e levou-a à boca onde, por necessidade, teve de esperar porque não podia falar e beber ao mesmo tempo.

– Altura? Talvez dois metros. Ela era sempre tão exacta, a Stine.

– Não era assim tão alto, herr Klementsén.

– Está certo, um metro e noventa. E sempre tão produtiva.

– O que é que ele tinha vestido?

– Qualquer coisa preta, como borracha. Este Verão tirou pela primeira vez umas férias como devia ser. Na Grécia.

Fru Klementsén fungou.

– Como borracha? – perguntou Beate.

– Sim. E uma balaclava.

– De que cor, herr Klementsén?

– Vermelha.

Naquele momento Beate deixou de tomar notas, e pouco depois estavam no carro a caminho da cidade.

– Se os juízes e os jurados soubessem como é pouco fiável aquilo que as testemunhas de assaltos a bancos dizem, recusar-se-iam a deixar-nos usar isso como prova – disse Beate. – Aquilo que os cérebros das pessoas recriam é quase fascinantemente errado. Como se o medo lhes desse óculos que fazem com que os assaltantes aumentem em estatura e escuridão, com que as armas proliferem e os segundos pareçam mais longos. O assaltante demorou pouco mais de um minuto mas fru Brænne, a caixa mais próxima da entrada, disse que ele esteve lá durante quase cinco minutos. E ele não tem dois metros de altura, mas um e setenta e nove. A não ser que usasse palmilhas, algo que não é invulgar nos profissionais.

– Como podes ter tanta certeza quanto à altura?

– O vídeo. Mede-se a altura em comparação com a altura da porta por onde o assaltante entra. Hoje de manhã estive no banco a fazer marcações a giz, a tirar novas fotografias e a fazer medições.

– Hm. Na Brigada de Homicídios deixamos esse tipo de medições para o pessoal das equipas forenses.

– Medir a altura a partir de um vídeo é um pouco mais complicado do que parece. Por exemplo, as medidas do Departamento Forense estavam incorrectas em três centímetros no caso do assaltante do Den norske Bank em Kaldbakken, em 1989. Por isso prefiro usar as minhas.

Harry olhara-a de olhos semicerrados, e pensou se lhe devia perguntar porque é que ela se juntara à polícia. Em vez disso, perguntou-lhe se ela o podia deixar junto da loja de chaves na avenida Vibes. Antes de sair, também lhe perguntou se ela reparara que Helge não entornara uma gota de café da chávena a transbordar que estivera a segurar durante o interrogatório que lhe tinham feito. Ela não reparara.

– Gostas deste lugar? – perguntou Anna, a afundar-se de novo no tamborete.

– Bem – Harry olhou em volta –, não faz bem o meu género.

– O meu também não – disse Anna, a pegar na mala e a levantar-se. – Vamos até ao meu apartamento.

– Acabei de pedir uma cerveja para ti. – Harry apontou com a cabeça para o copo gelado.

– É tão aborrecido beber sozinho – disse ela e fez uma careta. – Descontraí, Harry. Vamos.

No exterior parara de chover e o ar frio, recém-lavado, sabia bem.

– Lembras-te do dia, naquele Outono, em que fomos de carro até Maridalen? – perguntou Anna, a enfiar a mão pelo braço dele e a começar a andar.

– Não – disse Harry.

– Claro que te lembras! Naquele teu horrível Ford Escort, com os assentos que não baixam.

Harry sorriu ironicamente.

– Estás a corar – exclamou ela com alegria. – Bem, tenho a certeza de que também te lembras que estacionámos o carro e fomos dar um passeio pela floresta. Com todas aquelas folhas amarelas era como... – Apertou-lhe o braço. – Como uma cama, uma enorme cama dourada. – Riu-se e acotovelou-o. – E depois tive de te ajudar a empurrar aquele maldito carro. Espero que já te tenhas livrado dele.

– Bem – disse Harry –, está na garagem. Veremos.

– Céus, oh céus. Agora parecez estar a falar de um velho amigo que foi levado para o hospital com um tumor ou qualquer coisa do género. – E acrescentou suavemente: – Não devias ter sido tão rápido a libertares-te, Harry.

Ele não respondeu.

– Aqui estamos – disse ela. – De qualquer maneira, não te podes ter esquecido disso, pois não? – Tinham parado junto a uma porta azul em Sorgenfrigata.

Harry soltou-se suavemente dela.

– Ouve, Anna – começou e tentou ignorar o seu olhar de advertência. – Tenho uma reunião com os investigadores da Brigada Criminal mesmo ao início da manhã.

– Não disse nada – replicou ela, a abrir a porta.

Harry lembrou-se subitamente de uma coisa. Enfiou a mão dentro do casaco e estendeu-lhe um envelope amarelo.

– Da loja de chaves.

– Ah, a chave. Estava tudo bem?

– O indivíduo atrás do balcão estudou muito atentamente a minha identificação. E tive de assinar. Tipo estranho. – Harry olhou para o relógio e bocejou.

– São muito rígidos na entrega das nossas chaves-sistema – disse Anna apressadamente. – Servem para todo o prédio, para a entrada da rua, para a cave, os apartamentos, tudo. – Solto uma gargalha nervosa, automática. – Têm de ter um formulário assinado pela cooperativa habitacional apenas para fazer esta chave sobressalente.

– Compreendo – disse Harry, a balançar-se nos calcanhares. Respirou fundo a preparar-se para se despedir.

Mas ela antecipou-se-lhe. A sua voz era quase suplicante.

– Apenas uma chávena de café, Harry.

Ainda lá estava o mesmo candelabro pendurado muito acima da mesma mesa e cadeiras na enorme sala de estar. Harry pensou que as paredes eram claras – brancas ou talvez amarelas –, mas não tinha a certeza. Agora eram azuis e a sala parecia mais pequena. Talvez Anna tivesse querido reduzir o

espaço. Não era fácil para uma pessoa que vivia sozinha encher um apartamento com três salões, dois quartos enormes e um tecto com a altura de três metros e meio. Harry recordou-se que Anna lhe contara que a avó também vivera naquela casa sozinha, mas que não passava ali muito tempo. Era uma soprano famosa e viajara por todo o mundo enquanto pudera cantar.

Anna desapareceu na cozinha e Harry olhou à volta da sala de estar. Estava nua, vazia, para além de um cavalo de arções do tamanho de um pônei da Islândia, que se encontrava no centro da sala, as pernas de madeira afastadas e dois aros a sobressaírem-lhe das costas. Harry aproximou-se e acariciou o cabedal castanho e macio.

– Dedicas-te à ginástica? – gritou Harry.

– Estás a referir-te ao cavalo? – gritou Anna em resposta da cozinha.

– É para homens, não é?

– Sim. De certeza que não queres uma cerveja, Harry?

– Certeza absoluta – gritou ele. – Agora, a sério, porque é que o tens aqui?

Harry saltou quando ouviu a voz dela atrás de si.

– Porque gosto de fazer as coisas que os homens fazem.

Harry virou-se. Ela despira a camisola e estava junto à soleira. Tinha uma mão pousada na anca, a outra contra a estrutura da porta. No último momento, Harry resistiu à tentação de deixar que os olhos lhe descessem da cabeça aos pés.

– Comprei-o ao Clube de Ginástica de Oslo. Vai ser uma obra de arte. Uma instalação artística. Muito do género do *Contact*, que, tenho a certeza, não esqueceste.

– Estás a referir-te à caixa na mesa com o cortinado pelo qual se podia enfiar a mão? E no interior havia imensas mãos falsas que se podiam apertar?

– Ou acariciar. Ou namorar. Ou rejeitar. Tinham nelas pequenos módulos de aquecimento, de modo a conseguirem manter a temperatura corporal, e foram um êxito enorme, não foram? As pessoas pensaram que havia alguma coisa escondida debaixo da mesa. Vem comigo e mostro-te outra coisa.

Ele seguiu-a até ao quarto mais afastado, onde ela abriu portas deslizantes. Depois pegou na mão dele e puxou-o com ela para a escuridão. Quando a luz se acendeu, Harry olhou a princípio para o candeeiro. Era um candeeiro de tamanho normal dourado, com o formato de uma mulher a segurar uma balança numa mão e uma espada na outra. Três lâmpadas estavam localizadas

na extremidade exterior da espada, da balança e da cabeça da mulher, e quando Harry se virou viu que cada uma delas iluminava um quadro a óleo. Dois deles estavam pendurados na parede enquanto o terceiro, que claramente ainda não estava terminado, se encontrava sobre um cavalete com uma paleta manchada de amarelo e castanho presa ao canto inferior esquerdo.

– Que tipo de quadros são? – perguntou Harry.

– São retratos. Não vêes?

– Certo. Aquilo são olhos? – Apontou. – E aquilo é uma boca?

Anna inclinou a cabeça para o lado.

– Se quiseres. São três homens.

– Alguém que eu conheça?

Anna olhou pensativamente para Harry durante muito tempo, antes de responder.

– Não. Acho que não conheces nenhum deles, Harry, mas poderias vir a conhecê-los se o quisesses.

Harry estudou os quadros com maior atenção.

– Diz-me aquilo que vêes.

– Vejo o meu vizinho com um trenó. Vejo um homem a sair da divisão traseira da loja das chaves quando me vim embora. Vejo o empregado do M. E aquela celebridade da televisão, Per Ståle Lønning.

Ela riu-se.

– Sabias que a retina inverte tudo para que o teu cérebro receba primeiro uma imagem espelho? Se queres ver as coisas como elas realmente são, tens de as ver num espelho. Se o tivesses feito, terias visto indivíduos bastante diferentes nos quadros. – Os seus olhos estavam radiantes e Harry não a conseguiu contradizer, e dizer que a retina não inverte as imagens, vira-as ao contrário. – Esta será a minha obra-prima final, Harry. É por isto que serei recordada.

– Estes retratos?

– Não, eles são apenas uma parte de toda a obra de arte. Ainda não está terminada. Tens de esperar.

– Hm, tem um nome?

– *Nemesis* – disse ela em voz baixa.

Olharam-se nos olhos, Harry com uma expressão inquiridora no olhar.

– Como a deusa, sabes.

Uma sombra caiu-lhe sobre um dos lados do rosto. Harry desviou os olhos. Já vira o suficiente. A curva das costas dela a suplicar um companheiro de dança, um pé em frente do outro como se indecisa se devia avançar ou recuar, o peito a erguer-se, e o pescoço esguio com as veias que ele imaginava ver a latejar. Sentiu-se quente e um pouco fraco. O que é que ela dissera? «Não devias ter sido tão rápido a libertares-te.» Fora rápido a fazê-lo?

– Harry...

– Tenho de ir – disse ele.

Puxou-lhe o vestido por cima da cabeça, e ela caiu para trás sobre o lençol branco a rir-se. Anna desapertou-lhe o cinto enquanto a luz turquesa, que brilhava por entre as palmeiras oscilantes do *screensaver* do portátil, bruxuleava sobre os diabos e demónios de boca escancarada que rosnavam na cabeceira esculpida da cama. Anna dissera-lhe que era a cama da avó e que estava ali há quase oitenta anos. Ela mordiscou-lhe a orelha e sussurrou-lhe doces nada numa língua desconhecida. Depois parou de sussurrar e montou-o ao mesmo tempo que gritava, ria, implorava e invocava forças externas, e ele apenas desejou que aquilo pudesse continuar para sempre. Estava prestes a vir-se quando ela se conteve subitamente, tomou-lhe o rosto entre as mãos e segredou:

– Meu para sempre?

– Nem pensar. – Ele riu-se e virou-a de modo a poder ficar por cima. Os demónios de madeira sorriram-lhe.

– Meu para sempre?

– Sim – resmungou ele e veio-se.

Depois de o riso morrer e estarem ali deitados a transpirar, mas ainda abraçados, Anna contou-lhe que a cama fora oferecida à avó por um nobre espanhol.

– Depois de um concerto que ela deu em Sevilha em 1911 – disse, a erguer ligeiramente a cabeça de modo a que Harry lhe pudesse colocar o cigarro aceso entre os lábios.

A cama chegara a Oslo três meses depois a bordo do *SS Elenora*. Entre outras coisas, o acaso fez com que o capitão dinamarquês, Jesper qualquer coisa, fosse o primeiro amante da avó – embora não o primeiro de todos os

seus amantes – a deitar-se naquela cama. Era óbvio que Jesper fora um homem apaixonado e, segundo a avó, era por isso que o cavalo que enfeitava a cama perdera a cabeça. O capitão Jesper, no seu êxtase, arrancara-a à dentada.

Anna riu-se e Harry sorriu. Depois o cigarro acabou e fizeram amor sob o ranger e estalar da madeira de Manila, o que fez com que Harry pensasse que estava num barco sem ninguém ao leme, mas que isso não interessava.

Aquilo acontecera há muito tempo, e fora a primeira e a última noite em que dormira sóbrio na cama da avó de Anna.

Harry contorceu-se na estreita cama de ferro. O despertador digital na mesa-de-cabeceira exibia o número 03h21. Fechou os olhos e os seus pensamentos regressaram lentamente a Anna e ao Verão nos lençóis brancos da cama da avó. Tinham sido mais as vezes em que estava bêbado do que aquelas em que não o estava, mas recordava-se das noites, rosadas e maravilhosas como postais eróticos. Até a última coisa que ele lhe dissera quando o Verão terminou fora banal, mas não deixara de ser um cliché apaixonadamente sentido: «Mereces alguém melhor que eu.»

Naquela fase ele bebia tanto que tudo apontava numa direcção. Num dos seus momentos de maior lucidez, decidira que não a iria arrastar consigo. Ela amaldiçoara-o na sua língua estrangeira e jurara que um dia lhe faria o mesmo: lhe tiraria aquilo que ele mais amava.

Isso acontecera há sete anos, e a relação apenas duraras seis semanas. Depois disso, só a tinha encontrado duas vezes. Uma vez num bar em que ela se aproximara com os olhos cheios de lágrimas e lhe pedira para ele ir para outro lado qualquer, o que ele fizera. E uma vez numa exposição onde Harry levara a irmã mais nova. Prometera ligar-lhe, mas nunca o fizera.

Harry rolou para o lado para olhar de novo para o relógio. 03h22. Beijara-a. No fim da noite, assim que se encontrou em segurança no exterior da porta de vidro ondulado do apartamento, inclinara-se para a frente para lhe dar um abraço de despedida e esse transformara-se num beijo. Fácil e estupendo. Ou pelo menos, fácil. 03h23. Céus, quando é que ele se tornara tão sensível que sentia uma agulhada de culpa por ter dado a uma antiga paixoneta um beijo de boa noite? Harry tentou respirar fundo e com regularidade, para concentrar a mente em possíveis rotas de fuga a partir da Bogstadveien pela Industrigata. Dentro. Fora. De novo, dentro. Sentiu o perfume dela. Sentiu a pressão doce do seu corpo. A insistência áspera da sua língua.

3 Literalmente «língua de livro». A língua escrita mais usada na Noruega das duas línguas padrão

sendo a segunda *Nynorsk* (literalmente «novo norueguês»). O *bokmål* é falado por 85 a 90% da população norueguesa e é a língua mais ensinada a estudantes de norueguês estrangeiros. (*N. da T.*)

Malaguetas

O s primeiros raios de sol tinham começado a erguer-se acima da cumeeira do Ekeberg, a espreitarem sob os estores meio-corridos da sala de reuniões da Brigada Criminal, e enfiaram-se entre as pregas de pele dos olhos semicerrados de Harry. Rune Ivarsson encontrava-se de pé na extremidade da longa mesa, pernas afastadas, a baloiçar-se para a frente e para trás sobre a sola dos pés, as mãos atrás das costas. Um *flip chart* com BEM-VINDOS escrito a letra vermelha atrás dele. Harry presumiu que aquilo era algo que Ivarsson aprendera nalgum seminário acerca de apresentações, e fez uma tentativa pouco empenhada para reprimir um bocejo quando o chefe da Unidade de Assaltos começou a falar.

– Bom dia a todos. Nós oito reunidos à volta desta mesa constituímos a equipa que irá investigar o assalto ao banco cometido na passada sexta-feira, na Bogstadveien.

– Homicídio – murmurou Harry.

– Desculpa?

Harry endireitou-se na cadeira. O maldito sol cegava-o, para onde quer que se virasse.

– Parece-me que seria mais correcto basear a investigação no facto de ter sido um homicídio.

Ivarsson esboçou um sorriso irónico. Não a Harry, mas aos outros sentados à volta da mesa que abrangeu com um olhar fugaz.

– Pensei que devia começar por vos apresentar uns aos outros, mas o nosso amigo da Brigada de Homicídios já se me adiantou. O inspector Harry Hole foi-nos amavelmente cedido pelo seu superior, Bjarne Møller, já que a sua especialidade é o homicídio.

– Crimes Graves – disse Harry.

– Crimes Graves. À esquerda de Hole, temos Torleif Weber do Departamento Forense que conduziu a investigação no local do crime. Como muitos de vocês sabem, Weber é o nosso investigador forense mais experiente. Famoso pelas suas capacidades analíticas e uma infalível intuição.

O superintendente-chefe disse uma vez que gostaria de ter Weber como cão pisteiro nas suas caçadas.

Gargalhadas à volta da mesa. Harry não precisava de olhar para Weber para saber que ele nem sequer estava a sorrir. Weber quase nunca sorria, pelo menos não o fazia a pessoas de quem não gostava e ele não gostava de quase ninguém. Em especial entre a camada de chefes mais jovens que, na opinião de Weber, era exclusivamente constituída por carreiristas incompetentes sem qualquer sentimento pela profissão ou pela força policial, e que tinham instintos mais fortes pelo poder e influência administrativos que poderiam ser obtidos através de breves comparências no Quartel-general da Polícia.

Ivarsson sorriu e oscilou para cima e para baixo, como o capitão de um navio em alto-mar enquanto esperava que as gargalhadas morressem.

– Beate Lønn é bastante nova neste contexto, e a nossa especialista em gravações vídeo.

O rosto de Beate ficou tão vermelho como uma beterraba.

– Beate é filha de Jørgen Lønn que serviu durante vinte anos a força, naquilo que na altura se chamava Unidade de Assaltos e Crimes Graves. Até ao momento, parece estar a seguir as pegadas do seu lendário pai. Já contribuiu com provas vitais que nos ajudaram a solucionar um certo número de casos. Não sei se já o referi anteriormente mas durante o último ano nós, da Unidade de Assaltos, tivemos uma taxa de condenações que ronda os cinquenta por cento, o que num contexto internacional é considerado como sendo...

– Já o referiste, Ivarsson.

– Obrigado.

Daquela vez Ivarsson olhou Harry directamente nos olhos quando sorriu. Um sorriso rígido, reptiliano, que mostrava os dentes dos dois lados para lá dos maxilares. E continuou a esboçar aquele sorriso durante o resto das apresentações. Harry conhecia dois deles. Magnus Rian, um jovem detective de Tomrefjord que estivera seis meses na Brigada de Homicídios e causara ali uma forte impressão. O outro era Didrik Gudmundson, o investigador mais experiente sentado à mesa e o segundo em comando da Unidade de Assaltos. Um agente da polícia calado, metódico, com quem Harry nunca tivera qualquer tipo de problema. Os dois últimos também eram da Unidade de Assaltos, ambos com o apelido Li, mas Harry percebeu de imediato que não eram gémeos idênticos. Toril Li era uma mulher alta e loura com uma boca estreita e um rosto fechado, enquanto Ola Li era um homem atarracado, de

cabelo ruivo, com um rosto redondo e olhos sorridentes. Harry já os vira suficientes vezes nos corredores para que qualquer pessoa achasse natural que os cumprimentasse, mas isso fora algo que nunca lhe ocorrera.

– Quanto a mim, devo ser-vos familiar noutros contextos – concluiu Ivarsson. – Mas apenas por uma questão de formalidade, sou o PAS da Unidade de Assaltos e fui designado para conduzir esta investigação. E regressando àquilo que disseste inicialmente, Hole, esta não é a primeira vez que temos de investigar um assalto com vítimas inocentes.

Harry tentou não cair na armadilha. Tentou mesmo fazê-lo, mas o sorriso falso fez com que isso fosse impossível.

– Também com uma taxa de condenações pouco abaixo dos cinquenta por cento?

Apenas uma pessoa da mesa se riu, mas com uma gargalhada alta. Weber.

– As minhas desculpas, é óbvio que me esqueci de mencionar algo a respeito de Hole – disse Ivarsson, sem sorrir. – Diz-se que ele tem um certo jeito para a comédia. Ouvi dizer que é verdadeiramente espirituoso.

Seguiu-se um segundo silêncio embaraçado. Depois Ivarsson soltou uma espécie de gargalhada curta e uma risadinha baixa percorreu a mesa.

– Ok, vamos começar com um resumo. – Ivarsson virou a primeira folha do quadro. A folha seguinte dizia PROVAS FORENSES. Tirou a tampa de um dos marcadores e preparou-se. – É todo teu, Weber.

Karl Torleif Weber levantou-se. Era um homem baixo com uma juba de cabelo grisalho e barba. A sua voz era um trovejar agourento, de baixa frequência mas, apesar disso, clara.

– Vou ser breve.

– Estás à vontade – disse Ivarsson, a aproximar a caneta do papel. – Leva o tempo que quiseres, Karl.

– Vou ser breve porque não preciso de muito tempo – resmungou Weber. – Não encontrámos nada.

– Certo – disse Ivarsson, a baixar a caneta. – Não encontraram nada. O que é que queres dizer exactamente com isso?

– Temos a impressão de um Nike novo, tamanho 45. A maior parte das coisas relacionadas com este assalto têm um toque tão profissional que a única informação que posso daqui retirar, é que é improvável que esse seja o tamanho que o assaltante habitualmente calça. A bala foi analisada pelo

peçoal da balística. É uma bala padrão 7.62 de uma AG3, o tipo de munição mais vulgar no reino da Noruega já que se encontra em todos os aquartelamentos militares, depósitos de armas, e lar de qualquer oficial reformado ou voluntário por todo o país. Por outras palavras, impossível de se lhe encontrar o rasto. Para além disso, pensar-se-ia que ele nunca tinha entrado no banco. Ou que passara no exterior do mesmo. Também procurámos aí provas.

Weber sentou-se.

– Obrigado, Weber, isso foi... hm, informativo. – Ivarsson virou a folha. TESTEMUNHAS.

– Hole?

Harry escorregou ainda mais na cadeira.

– Todos aqueles que se encontravam no banco foram questionados imediatamente a seguir ao assalto, e ninguém nos disse nada que não tenhamos visto no vídeo. Ou seja, lembram-se de algumas coisas que sabemos estarem incorrectas. Uma testemunha viu o assaltante a dirigir-se para a Industrigata. Mais ninguém nos contactou.

– O que nos leva à questão seguinte... veículos de fuga – disse Ivarsson. – Toril?

Toril Li levantou-se e avançou; acendeu um projector onde já se encontrava uma transparência com o resumo de veículos privados roubados durante os últimos três meses. No seu acentuado sotaque de Sunnmørsk, explicou quais os quatro carros que considerava mais prováveis como veículos de fuga, baseando a sua opinião no facto de serem marcas e modelos banais, neutros, de cores claras e suficientemente novos para o assaltante se sentir confiante que não iam falhar. Um carro em particular, um Volkswagen GTI estacionado em Marisdalsveien, parecia ter um certo interesse já que fora roubado na noite anterior ao assalto.

– Os assaltantes de bancos têm a tendência para roubar os veículos o mais próximo possível do momento do assalto, de modo a não surgirem nas listas dos carros-patrolha – elucidou Toril Li. Desligou o projector e pegou na transparência ao regressar ao seu lugar à mesa.

Ivarsson assentiu.

– Obrigado.

– De nada – sussurrou Harry a Weber.

O título na folha seguinte era ANÁLISE DE VÍDEO. Ivarsson voltara a colocar a tampa no marcador. Beate engoliu em seco, pigarreou, bebeu um gole de água do copo que se encontrava à sua frente e tossiu antes de continuar, os olhos fixos na mesa.

– Medi a altura...

– Pode falar um pouco mais alto, por favor, Beate. – Sorriso reptiliano. Beate pigarreou várias vezes.

– Medi a altura do assaltante a partir do vídeo. Tem 1,79 m. Verifiquei isto com Weber, que concorda comigo.

Weber assentiu.

– Brilhante! – exclamou Ivarsson com um entusiasmo artificial na voz. Voltou a tirar a tampa do marcador e escreveu: ALTURA 1,79 M.

Na mesa, Beate continuou a falar.

– Acabei de falar com Aslaksen na universidade, o nosso analista de voz. Ele avaliou as cinco palavras que o nosso assaltante diz em inglês. Ele... – Beate ergueu os olhos com uma expressão nervosa para Ivarsson, que estava virado de costas para ela, pronto a escrever o que ela dissesse – ... disse que a qualidade da gravação era demasiado fraca para fazer alguma coisa com ela. É inútil.

Ivarsson deixou cair o braço ao mesmo tempo que o sol baixo desaparecia atrás de uma nuvem, e o largo rectângulo de luz na parede atrás deles desvaneceu-se. Seguiu-se um silêncio ensurdecador na sala. Ivarsson inalou e oscilou para a frente sobre os calcanhares.

– Por sorte, salvámos o nosso trunfo para o fim.

O chefe da Unidade de Assaltos virou a última folha de papel.

VIGILÂNCIA.

– Para aqueles de vós que não trabalham na Unidade de Assaltos, talvez seja melhor explicar que chamamos sempre primeiro a secção de vigilância quando temos uma gravação vídeo do assalto a um banco. Em sete de cada dez casos uma boa gravação vídeo pode revelar a identidade de um assaltante, se ele for um dos nossos velhos amigos.

– Mesmo que esteja disfarçado? – perguntou Weber.

Ivarsson assentiu.

– Um bom investigador à paisana será capaz de identificar um antigo

suspeito pela sua constituição, linguagem corporal, o modo como fala durante o assalto, todos os pequenos pormenores que não se conseguem esconder atrás de uma máscara.

– Mas não é suficiente saber-se quem é – interpôs o segundo em comando de Ivarsson, Didrik Gudmundson. – Temos de...

– Certo – interrompeu-o Ivarsson. – Temos de ter provas. Um assaltante pode soletrar o seu nome para a câmara, mas desde que esteja mascarado e não deixe qualquer prova tangível, aos olhos da lei não temos nada.

– Então, quantos dos sete que reconhecem acabam por ser condenados? – perguntou Weber.

– Alguns – respondeu Gudmundson. – É sempre melhor saber quem cometeu um assalto, mesmo que sejam libertados. Ficamos assim a aprender os seus padrões e métodos. E apanhamo-los da vez seguinte.

– E se não houver uma vez seguinte? – perguntou Harry. Reparou no modo como as veias grossas por cima das orelhas de Ivarsson se expandiam quando se ria.

– Meu caro especialista em homicídios – disse Ivarsson, ainda com uma disposição trocista –, se olhar à sua volta, verá que grande parte destas pessoas estão a rir-se com os seus botões daquilo que acabou de perguntar. Isso porque o assaltante de um banco que tenha conseguido um assalto bem-sucedido voltará sempre, sempre, a atacar. Essa é uma das leis da gravidade dos assaltantes de bancos. – Ivarsson olhou pela janela e permitiu-se outra risadinha antes de se virar sobre os calcanhares. – Se este é o fim da educação para adultos de hoje, talvez possamos ver se temos alguns suspeitos.

Ola Li olhou para Ivarsson, sem ter a certeza se se devia levantar ou não, mas por fim acabou por se decidir e continuou sentado.

– Bem, eu estava de serviço no fim-de-semana passado. Tínhamos o vídeo editado e pronto às oito da noite de sexta-feira, e pedi ao pessoal da vigilância para visionar o vídeo na Casa da Dor. Aqueles que não estavam de serviço foram chamados no sábado. Ao todo, treze agentes de vigilância estiveram aqui, os primeiros às oito horas de sexta e os últimos...

– Isso é ótimo, Ola – disse Ivarsson. – Diz-me apenas o que é que encontraram.

Ola riu-se nervosamente. O seu riso assemelhava-se ao guincho hesitante de uma gaivota.

– Então?

– Espen Vaaland está de baixa – disse Ola. – Ele conhece bastante bem o território dos assaltantes de bancos. Vou tentar que ele esteja aqui amanhã.

– Aquilo que estás a tentar dizer é...?

Os olhos de Ola correram à volta da mesa.

– Não é muita coisa – disse, em voz baixa.

– Ola ainda é relativamente novo aqui – explicou Ivarsson, e Harry reparou como os maxilares dele começavam a torcer-se. – Ola exige uma certeza de cem por cento na identificação de indivíduos, e isso é louvável, mas é demasiado a esperar quando o assaltante...

– O assassino.

– ... está tapado dos pés à cabeça, tem uma altura mediana, mantém a boca fechada, move-se de modo atípico e usa sapatos demasiado grandes para ele. – Ivarsson ergueu a voz. – Dá-nos então a lista completa, Ola. Quem está incluído?

– Ninguém.

– Deve haver alguns nomes!

– Não – disse Ola, e engoliu em seco.

– Estás a tentar dizer-nos que ninguém tem qualquer sugestão, que todos os nossos zelosos rapazes à paisana, que se orgulham dos seus contactos diários com a pior escumalha de Oslo, que em nove de cada dez casos ouvem rumores a respeito do condutor de fuga, do homem que transporta o produto do roubo, que sabem onde ficava o posto de vigia, estão subitamente relutantes em fazerem um cálculo sequer?

– Eles fizeram um cálculo, sim – disse Ola. – Foram mencionados seis nomes.

– Bem, então cospe-os, homem.

– Verifiquei-os a todos. Três estão presos. Um foi visto na praça do mercado de Plata no momento em que o assalto estava a ser cometido. Outro encontra-se em Pattaya, na Tailândia. Verifiquei tudo. E havia um que todos os agentes à paisana mencionaram porque tem uma constituição semelhante e o assalto foi muito profissional, e esse é Bjørn Johansen do *gang* Tveita.

– Ah, sim?

Ola parecia querer deslizar pela cadeira abaixo e desaparecer debaixo da mesa.

– Ele está no hospital de Ullevål, e na última sexta-feira foi operado a *aures alatae*.

* * *

– *Aures alatae*?

– Orelhas espetadas – resmungou Harry, a limpar uma gota de suor da sobancelha. – Ivarsson quase explodiu. Quantos é que já fizeste?

– Acabei de passar os vinte e um. – A voz de Halvorsen ressoou nas paredes. Como era o início da tarde, tinham o centro de *fitness* da cave do Quartel-general da Polícia só para eles.

– Foste por um atalho ou qualquer coisa no género? – Harry cerrou os dentes e conseguiu aumentar um pouco o ritmo. Já havia uma poça de suor à volta da bicicleta ergonómica, enquanto a testa de Halvorsen estava apenas húmida.

– Então, ainda não têm nada? – perguntou Halvorsen, a respirar regular e calmamente.

– A não ser que aquilo que Beate Lønn disse no fim sirva para alguma coisa, não temos muito.

– E o que é que ela disse?

– Que está a trabalhar num programa que conseguirá fazer uma imagem a três dimensões da cabeça e rosto do assaltante, a partir das imagens de vídeo.

– Mesmo com a máscara?

– O programa utiliza a informação que obtém das imagens. Luz, sombra, recessos, protuberâncias. Quanto mais apertada a máscara, mais fácil é criar uma imagem que se assemelhe à pessoa debaixo dela. Apesar disso, é apenas um esboço, mas Beate diz que o pode utilizar para comparar com fotografias de suspeitos.

– É o programa de identificação do FBI? – Halvorsen virou-se para Harry e viu, com um certo fascínio, que a mancha de suor que começara a aparecer no logótipo da agência de encontros no peito da *T-shirt* de Harry se tinha agora espalhado para cobrir toda a camisola.

– Não, ela tem um programa melhor – disse Harry. – Quanto?

– Vinte e dois. Qual?

– *Fusiform gyrus*.

– Microsoft? Apple Mac?

Harry bateu com o indicador na testa reluzente e vermelha.

– *Software* comum a todos. Encontra-se no lobo temporal do cérebro e a sua única função é reconhecer pessoas. Só faz isso. É a parte que nos faz ter a certeza de que conseguimos distinguir entre centenas e milhares de rostos humanos, mas apenas uma dúzia de rinocerontes.

– Rinocerontes?

Harry semicerrou os olhos e tentou pestanejar, para afastar o suor que lhe picava os olhos.

– Isso foi um exemplo, Halvorsen, mas não há dúvida de que Beate Lønn é um caso especial. O *fusiform* dela é capaz de mais alguns truques que, por assim dizer, fazem com que ela se recorde de todos os rostos que já viu na vida. E não me estou apenas a referir a pessoas que ela conhece ou com quem falou, mas rostos atrás de óculos escuros por quem passou numa rua povoada há quinze anos.

– Estás a gozar.

– Não. – Harry baixou a cabeça enquanto recuperava o fôlego suficiente para continuar. – Há apenas cerca de cem casos conhecidos como o dela. Didrik Gudmundson disse que ela fez um teste no Instituto da Polícia e bateu vários programas de identificação bem conhecidos. A mulher é um arquivo andante de rostos. Se ela te perguntar *Não o vi nalgum lugar?*, podes acreditar que não é apenas uma deixa de engate.

– Céus. O que é que ela está a fazer na polícia? Quero dizer, com um talento desses.

Harry encolheu os ombros.

– Lembras-te do agente que foi abatido durante o assalto a um banco em Ryen, nos anos oitenta?

– Foi antes do meu tempo.

– Ele estava perto do local quando a chamada chegou, foi o primeiro a chegar à cena do crime e entrou no banco para negociar, desarmado. Foi abatido por uma rajada de metralhadora e os assaltantes nunca foram apanhados. Foi mais tarde utilizado pelo Instituto da Polícia como um exemplo daquilo que *não se deve fazer* quando se surpreendem assaltantes de bancos.

– Deve esperar-se por reforços. Não se devem defrontar assaltantes nem nos devemos expor, a nós, aos empregados bancários ou os assaltantes a um perigo desnecessário.

– Certo, é isso que o manual diz. A coisa estranha é que ele era um dos melhores e mais experientes investigadores que eles tinham. Jørgen Lønn. O pai de Beate.

– Bom. E tu achas que foi por isso que ela se juntou à polícia? Por causa do pai?

– Possivelmente.

– É atraente?

– É boa no que faz. Quanto?

– Já passei os vinte e quatro, faltam seis. E tu?

– Vinte e dois. Sabes que te vou apanhar.

– Desta vez, não – disse Halvorsen, a aumentar a velocidade.

– Vou sim, porque agora vêm as colinas. E aí vou eu. E tu vais ficar estoirado e com câibras. Como é costume.

– Desta vez, não – repetiu Halvorsen, a pedalar ainda mais depressa. Uma gota de suor tornou-se-lhe visível na testa. Harry sorriu e inclinou-se sobre o guiador.

Bjarne Møller olhou alternadamente para a lista de compras que a mulher lhe dera e para a prateleira, para aquilo que pensava serem coentros. Margrete apaixonara-se por comida tailandesa depois das férias que tinham passado em Phuket no Inverno anterior, mas o chefe da Brigada de Homicídios ainda não estava à vontade com os diversos legumes que eram diariamente transportados de Bangucoque até à mercearia paquistanesa em Grønlandsleiret.

– Isso são malaguetas verdes, chefe – disse-lhe uma voz junto do ouvido. Bjarne Møller virou-se e olhou para o rosto corado e manchado pelo suor de Harry. – Alguns desses, umas poucas fatias de gengibre e podes fazer sopa *tom yam*. Vão sair-te a fumejar pelas orelhas, mas vais-te livrar de uma certa quantidade de merdas.

– Parece que acabaste de comer uma, Harry.

– Apenas uma pequena corrida de bicicleta com Halvorsen.

– Ah, sim? E o que é que tens na mão?

– Pimento *japone*. Uma pequena malagueta vermelha.

– Não sabia que cozinhavas.

Harry olhou maravilhado para o saco que continha os pimentos, como se também fossem novos para ele.

– Já agora, ainda bem que te encontrei, chefe. Temos um problema.

Møller sentiu o escalpe arrepiar-se.

– Não sei quem decidiu que Ivarsson devia chefiar a investigação do homicídio em Bogstadveien, mas não está a resultar.

Møller enfiou a lista no cesto de compras.

– Há quanto tempo trabalham juntos? Há dois dias?

– Não é essa a questão, chefe.

– Não te podes limitar a fazer o teu trabalho, nem que seja uma vez na vida, Harry? E deixares que os outros decidam como é que ele se organiza? Sabes, não estares contra todos não te infligirá danos permanentes.

– Só quero que o caso seja resolvido o mais depressa possível, chefe, de modo a poder continuar com o outro, percebes?

– Sim, eu sei, mas já ultrapassaste em muito os dois meses que te dei para resolveres esse caso, e eu não posso defender o teu tempo e recursos com considerações pessoais e emoções, Harry.

– Ela era uma colega, chefe.

– Eu sei! – rosnou Møller. Interrompeu-se, olhou em volta, depois continuou num tom mais abafado: – Qual é o teu problema, Harry?

– Eles estão habituados a trabalhar em assaltos, e Ivarsson não está minimamente interessado em *inputs* construtivos.

Bjarne Møller não se conteve e sorriu ao pensar nos «*inputs* construtivos» de Harry.

Harry inclinou-se para a frente. Falou baixa e intensamente:

– Qual a primeira coisa que nos perguntamos quando foi cometido um homicídio, chefe? Porquê? Qual o motivo? É isso que perguntamos. Na Unidade de Assaltos, eles consideram como um dado adquirido que o dinheiro é o motivo e não colocam essa pergunta.

– Então, qual pensas que seja o motivo?

– Não penso nada. A questão é que eles utilizam uma metodologia completamente errada.

– Uma metodologia diferente, Harry, *diferente*. Tenho de comprar estas coisas vegetais e ir para casa, por isso diz-me o que é que queres.

– Quero que fales com as pessoas com quem tens de falar, de modo a eu poder trabalhar apenas com uma pessoa.

– Saíres da equipa de investigação?

– Uma investigação paralela.

– Harry...

– Foi assim que apanhámos o Peito Vermelho, lembra-te?

– Harry, não posso interferir...

– Quero trabalhar com Beate Lønn, de modo a que eu e ela possamos começar de novo. Ivarsson já está a meter os pés pelas mãos...

– Harry!

– Sim?

– Qual é o verdadeiro motivo?

Harry mudou o peso de um pé para outro.

– Não consigo trabalhar com um jacaré sorridente.

– Ivarsson?

– Acabarei por fazer algo de extremamente estúpido.

As sobrancelhas de Bjarne Møller encontraram-se acima da cana do nariz num V negro.

– Isso é suposto ser uma ameaça?

Harry pousou uma mão no ombro de Møller.

– Só este favor, chefe. Nunca mais peço nada. Nunca mais.

Møller resmungou. Ao longo dos anos, quantas vezes é que ele pusera a carreira em risco por Harry, em vez de seguir os conselhos bem-intencionados dos seus colegas mais velhos? Não confies muito nele, diziam. É um irresponsável. A única coisa que era certa a respeito de Harry Hole é que um dia algo ia correr desastrosamente mal. No entanto, e porque de algum modo misterioso, ele e Harry tinham sempre, e até ao momento, aterrado de pé, ninguém fora capaz de implementar quaisquer medidas drásticas. Até ao

momento. Contudo a questão mais interessante era: Porque é que ele se sujeitava àquilo? Olhou para Harry. O alcoólico. O causador de sarilhos. O teimoso eternamente insuportável, arrogante. E o melhor investigador que tinha, para além de Waaler.

– Mantém o nariz afastado de sarilhos, Harry. Senão enfio-te atrás de uma secretária e tranco a porta. Percebeste?

– Clara e nitidamente, chefe.

Møller suspirou.

– Amanhã tenho uma reunião com o superintendente-chefe e Ivarsson. Teremos de esperar para ver. Não te estou a prometer nada, ouviste?

– Sim, senhor, chefe. Cumprimentos à tua mulher. – Harry virou o pescoço ao afastar-se. – Ah, os coentros estão no lado esquerdo da prateleira do fundo.

Bjarne Møller ficou parado a olhar para o cesto de compras. Lembrava-se agora do motivo. Ele gostava do filho da mãe alcoólico, turbulento e obstinado.

Rei Branco

Harry acenou a um dos clientes habituais e sentou-se a uma mesa sob os estores estreitos e ondulados da janela sobranceira à avenida Waldemar Thranes. Na parede atrás dele, pendia um enorme quadro de um dia solarengo em Youngstorget com mulheres a segurar guarda-sóis e a serem alegremente cumprimentadas por homens que passeavam de chapéu alto. O contraste com a luz eternamente outonal e sombria, e o silêncio quase piedoso da tarde no restaurante Schrøder's não podia ser maior.

– Obrigado por teres vindo – disse Harry ao homem corpulento, já sentado à mesa. Era fácil ver que não era um cliente habitual. Não devido ao elegante casaco de *tweed* nem devido ao laço de bolas vermelhas, mas porque mexia uma colher numa caneca branca de chá sobre uma toalha a cheirar a cerveja e furada por queimaduras pretas de cigarro. O cliente improvável era Ståle Aune, um psicólogo, um dos melhores do país na sua área e um especialista ao qual a polícia recorria com frequência. Às vezes com prazer e outras com arrependimento, já que Aune era um homem verdadeiramente rígido, que preservava a sua integridade e num tribunal nunca se pronunciava a respeito de assuntos que não podia provar ao máximo com provas científicas. Contudo, como existem poucas provas para o que quer que seja na psicologia, acontecia com frequência que a testemunha de acusação se transformava na melhor amiga da defesa, e as dúvidas que ele semeava regra geral viravam-se a favor do acusado. Como agente da polícia, Harry usava há tanto tempo os conhecimentos de Aune em casos de homicídio que já o considerava como um colega. Como alcoólico, Harry colocara-se tão completamente nas mãos daquele homem inteligente, de bom coração e correctamente arrogante que – se encurralado – lhe teria chamado amigo.

– Então este é que é o teu refúgio? – perguntou Aune.

– Sim – respondeu Harry, a erguer uma sobrancelha a Maja que se encontrava ao balcão e que em resposta se apressou a atravessar as portas de acesso à cozinha.

– E o que é que tens aí?

– *Japone*. Pimentos.

Uma gota de suor rolou pelo nariz de Harry, agarrou-se por um momento à ponta, depois caiu em cima da toalha. Aune estudou a mancha húmida com espanto.

– Termóstato lento – disse Harry. – Estive no ginásio.

Aune levantou o nariz.

– Como um homem de ciência, presumo que te deva aplaudir, mas como filósofo questiono-me quanto a fazeres passar o teu corpo por esse tipo de dissabor.

Uma cafeteira de aço inoxidável e uma caneca aterraram em frente de Harry.

– Obrigado, Maja.

– Ferroadas de culpa – disse Aune. – Algumas pessoas apenas conseguem lidar com isso se se castigarem. Como quando te vais abaixo, Harry. No teu caso, o álcool não é o refúgio mas o modo derradeiro de te castigares.

– Obrigado. Já me fizeste esse diagnóstico.

– É por isso que treinas tanto? Consciência pesada?

Harry encolheu os ombros.

Aune baixou a voz.

– Continuas a pensar em Ellen?

Os olhos de Harry ergueram-se e encontraram os de Aune. Levou lentamente a caneca de café aos lábios, e deu uma longa golada antes de a voltar a pousar com um esgar.

– Não, não é o caso de Ellen Gjeltén. Não estamos a chegar a lado nenhum, mas não é porque tenhamos feito um mau trabalho. Disso tenho eu a certeza. Alguma coisa irá aparecer. Temos apenas de esperar.

– Ótimo – disse Aune. – A culpa não é tua por terem assassinado Ellen. Mantém-te consciente disso. E não te esqueças. Todos os teus colegas acham que o homem certo foi apanhado.

– Talvez sim, talvez não. Ele está morto e não pode responder.

– Não deixes que isso se transforme numa ideia fixa, Harry. – Aune enfiou dois dedos no bolso do casaco de *tweed*, tirou um relógio de bolso de prata e lançou-lhe um olhar rápido. – Mas não imagino que me quisesses falar acerca de culpa.

– Não, não queria. – Harry tirou um molho de fotografias do bolso interior do blusão. – Gostaria de saber o que achas disto.

Aune estendeu a mão e começou a passar as fotografias.

– Parece o assalto a um banco. Decerto que não é um assunto para a Brigada de Homicídios.

– Vais compreender quando chegares à próxima fotografia.

– A sério? Ele está a levantar um dedo para a câmara.

– Desculpa, aquela que se segue a essa.

– Oh. Ela...?

– Sim, mal se vê o clarão porque a arma é uma AG3, mas ele acabou de disparar. Olha aqui, a bala acabou de entrar na testa da mulher. Na fotografia que se segue, sai-lhe pela parte de trás da cabeça e enfia-se na madeira ao lado da divisória de vidro.

Aune pousou as fotografias.

– Porque é que tens sempre de me mostrar fotografias macabras, Harry?

– Para que saibas de que é que estamos a falar. Olha para a seguinte.

Aune suspirou.

– O assaltante consegue aqui o dinheiro – disse Harry, a apontar para a fotografia. – Agora tudo o que tem de fazer é fugir. É um profissional, calmo, exacto e não há quaisquer motivos para intimidar ou forçar ninguém a fazer o que quer que seja. No entanto, decide atrasar a sua fuga durante alguns segundos para matar a empregada bancária. Apenas porque o gerente demorou mais seis segundos a esvaziar a caixa ATM.

Aune formou pequenas figuras de oito no chá com a colher.

– E agora estás a perguntar-te quais são os seus motivos?

– Bem, há sempre um motivo, mas é difícil saber em que lado da racionalidade procurar. Primeiras reacções?

– Desordem de personalidade grave.

– Mas tudo o resto que ele faz parece tão racional.

– Uma desordem de personalidade não significa que ele seja estúpido. Os que sofrem dessa doença são tão bons, muitas vezes melhores, em conseguirem os seus objectivos. Aquilo que os distingue de nós é quererem

coisas diferentes.

– E quanto a drogas? Há alguma droga que consiga transformar uma pessoa normal em alguém tão agressivo que sinta a necessidade de matar?

Aune sacudiu a cabeça.

– As drogas apenas aumentam ou enfraquecem tendências latentes. Um bêbedo que mata a mulher também tem a tendência para a espancar quando está sóbrio. Homicídios voluntários como este são quase sempre cometidos por pessoas com uma predisposição particular.

– Então, o que estás a querer dizer é que este tipo está doido?

– Ou pré-programado.

– Pré-programado?

Aune assentiu.

– Lembras-te do assaltante que nunca foi apanhado, Raskol Baxhet?

Harry sacudiu a cabeça.

– Cigano – disse Aune. – Durante alguns anos correram rumores a respeito dessa figura misteriosa. Presumia-se que era ele o cérebro por trás de todos os principais assaltos às carrinhas de segurança e instituições financeiras de Oslo, nos anos oitenta. Foram necessários alguns anos para a polícia aceitar que ele realmente existia e mesmo nessa altura, nunca conseguiram encontrar qualquer prova contra ele.

– Estou-me a lembrar vagamente – disse Harry. – Mas pensei que tivesse sido apanhado.

– É falso. O mais próximo que conseguiram chegar foi ao apanharem dois ladrões que garantiram que iriam obter provas contra Raskol, mas acabaram por desaparecer em circunstâncias misteriosas.

– Não é invulgar – disse Harry, a tirar um maço de Camel.

– É invulgar quando estão presos.

Harry assobiou baixinho.

– Mas ainda acho que ele acabou na prisão.

– Isso é verdade – disse Aune. – Mas não foi preso. Raskol entregou-se. Um dia apareceu na recepção do Quartel-general da Polícia, a dizer que queria confessar uma fiada de antigos assaltos a bancos. Como é natural, aquilo criou uma tremenda agitação. Ninguém compreendia nada, e Raskol

recusava explicar porque é que se tinha entregado. Antes de o caso chegar a tribunal, contactaram-me para verificar se ele estava bom da cabeça e se as confissões dele se aguentariam. Raskol concordou em falar comigo, sob duas condições. Uma, que jogássemos um jogo de xadrez, não me perguntes como é que ele sabia que eu era um jogador experiente. E, segunda, que eu levasse comigo uma tradução francesa de *A Arte da Guerra*, um antigo livro chinês acerca de estratégia militar.

Aune abriu uma caixa de cigarrilhas Nobel Petit.

– Pedi que me enviassem o livro de Paris e levei comigo o jogo de xadrez. Deixaram-me entrar na sua cela e cumprimentei um homem, cuja aparência exterior era semelhante à de um monge. Perguntou se podia utilizar a minha caneta, folheou o livro e com um gesto da cabeça indicou-me que abrisse o tabuleiro e colocasse as peças. Coloquei as peças e comecei com a abertura de Réti. Nesta, não se ataca o oponente até se controlar o centro, algo que é bastantes vezes eficaz contra jogadores de calibre mediano. Agora é impossível calcular apenas a partir de uma única jogada aquilo que eu estava a pensar, mas aquele cigano espreitou por cima do livro para o tabuleiro, cofiou a barbicha, olhou para mim com um sorriso apreciador, escreveu qualquer coisa no livro...

Um isqueiro de prata irrompeu numa chama na extremidade da cigarrilha.

– ... e continuou a ler. Por isso disse-lhe: *Não vai fazer a sua jogada?* A mão dele começou a rabiscar com a minha caneta e respondeu: *Não preciso de o fazer. Estou a escrever como é que este jogo vai acabar, jogada a jogada. Você vai deitar abaixo o seu rei.* Já expliquei que é impossível que ele soubesse como é que o jogo se ia desenrolar apenas com uma jogada. *Quer apostar?*, pergunta-me ele. Tentei recusar e ri-me, mas ele insistiu. Por isso concordei em apostar cem kroner para o colocar com uma disposição benevolente em relação à minha entrevista. Ele exigiu que eu lhe mostrasse a nota e tive de a colocar ao lado do tabuleiro onde ele a podia ver. De seguida levantou a mão como se fosse fazer uma jogada, e depois aconteceu tudo muito depressa.

– Xadrez relâmpago?

Aune sorriu e, profundamente embrenhado em pensamentos, exalou um anel de fumo para o tecto.

– No momento seguinte fui agarrado num gancho apertado. Forçara-me a cabeça para trás de modo que estava a olhar para o tecto, e uma voz sussurrou-me ao ouvido: *Consegues sentir a lâmina, gadjo?* Claro que a

sentia, o aço aguçado, fino como uma lâmina pressionado contra a laringe, prestes a cortar-me a pele. Alguma vez passaste por essa experiência, Harry?

O cérebro de Harry correu pelo registo de experiências relacionadas com aquela, mas não conseguiu encontrar nada de parecido. Sacudiu a cabeça.

– Para citar alguns dos meus pacientes, foi terrível. Estava tão assustado que me senti prestes a urinar nas calças. Depois ele sussurrou-me ao ouvido: *Deita o rei abaixo, Aune*. Soltou-me um pouco de modo a eu poder levantar o braço e eu deitei abaixo as minhas peças. Depois, com a mesma rapidez, libertou-me. Voltou para o seu lado da mesa, e esperou que eu me levantasse e recuperasse o fôlego. *Que raio foi isto?*, resmunguei. *Isto foi o assalto a um banco*, respondeu. *Primeiro o plano, depois a execução*. A seguir mostrou-me aquilo que escrevera no livro. Tudo que consegui ver foi a minha jogada solitária e *Rei Branco rende-se*. De seguida, perguntou-me: *Isto responde às tuas perguntas, Aune?*

– O que é que disseste?

– Nada. Gritei para o guarda me ir buscar. No entanto, antes de ele chegar, fiz uma última pergunta a Raskol porque sabia que ia dar em doido se não obtivesse ali mesmo a resposta. Perguntei: *Tê-lo-ia feito? Ter-me-ia cortado o pescoço, se eu não tivesse capitulado? Apenas para ganhar uma aposta idiota?*

– E o que é que ele respondeu?

– Sorriu e perguntou se eu sabia o que era uma pré-programação.

– E?

– Foi só isso. A porta abriu-se e eu saí.

– Mas o que é que ele quis dizer com pré-programação?

Aune afastou a caneca.

– Podes pré-programar o teu cérebro para seguires um padrão de comportamento específico. O cérebro irá dominar outros impulsos e seguir as regras predeterminadas, aconteça o que acontecer. É útil em situações em que o impulso natural do cérebro é entrar em pânico. Como, por exemplo, quando um pára-quedas não se abre. Então, espero, os pára-quedistas têm procedimentos pré-programados de emergência.

– Ou soldados em combate.

– Exacto. No entanto, há métodos que podem programar seres humanos a um tal ponto que eles entram numa espécie de transe, não são afectados nem

sequer pelas mais extremas influências externas, e transformam-se em robôs vivos. O facto é que esse é o sonho erótico de todos os generais, e é assustadoramente fácil desde que se conheçam as técnicas necessárias.

– Estás a falar de hipnose?

– Gosto de lhe chamar pré-programação. Tem uma sonoridade menos mistificadora. É uma questão de abrir e fechar rotas para impulsos. Se fores inteligente, podes facilmente pré-programares-te, fazeres a assim chamada auto-hipnose. Se Raskol se tivesse pré-programado para me matar se eu não cedesse, teria evitado mudar de ideias.

– Mas não te matou, pois não?

– Todos os programas têm um botão de fuga, uma *password* que nos faz sair do transe. Naquele caso, pode ter sido derrubar o rei branco.

– Hm. Fascinante.

– E agora cheguei à questão...

– Acho que sei qual é – disse Harry. – O assaltante na minha fotografia pode ter-se pré-programado para abater alguém, se o gerente não mantivesse o limite de tempo.

– As regras de pré-programação têm de ser simples – disse Aune, deixando cair a cigarrilha na caneca e colocando o pires por cima. – De modo a poderes cair num transe elas têm de formar um sistema fechado, rápido mas lógico, que rejeite quaisquer outros pensamentos.

Harry colocou uma nota de cinquenta kroner ao lado da caneca de café e levantou-se. Aune olhou-o em silêncio, enquanto Harry reunia as fotografias antes de dizer:

– Não acreditas numa única palavra do que eu disse, pois não?

– Não.

Aune levantou-se e abotoou o casaco.

– Então, em que é que acreditas?

– Acredito naquilo que a experiência me ensinou – disse Harry. – Que, de um modo geral, os vilões são tão estúpidos como eu, preferem opções fáceis e têm motivos pouco complicados. Em poucas palavras, que muitas vezes as coisas são aquilo que parecem ser. Eu apostaria que este assaltante ou estava fora de si ou em pânico. Aquilo que fez não teve qualquer sentido, e daí concluo que ele era estúpido. Olha para o cigano que consideras ser muito

inteligente. Quanto tempo é que apanhou na solitária por te atacar com uma faca?

– Nenhum – disse Aune com um sorriso sardónico.

– Eh?

– Nunca lhe encontraram uma faca.

– Pensei que tinhas dito que te tinham fechado na cela dele.

– Alguma vez estiveste deitado de barriga para baixo numa praia e os teus amigos dizem para ficares imóvel porque estão a segurar carvões incandescentes por cima das tuas costas? E depois ouves alguém dizer, «Ups», e no segundo seguinte sentes os carvões a queimarem-te?

O cérebro de Harry vasculhou as suas memórias de férias. Não demorou muito.

– Não.

– E afinal era apenas um truque. Eram apenas cubos de gelo.

– E?

Aune suspirou.

– De vez em quando, pergunto-me como passaste os trinta e cinco anos que dizes que estás vivo, Harry.

Harry passou uma mão pelo rosto. Estava cansado.

– Ok, Aune, aonde é que queres chegar?

– O facto é que um bom manipulador pode fazer-te acreditar que a extremidade de uma nota de cem kroner é a ponta de uma faca.

A loura olhou Harry directamente nos olhos e prometeu-lhe sol, embora pudessem surgir algumas nuvens ao longo do dia. Harry premiu o botão OFF e a imagem reduziu-se a um ponto luminoso no centro do ecrã de catorze polegadas. No entanto, quando fechou os olhos foi a imagem de Stine Grette que lhe permaneceu na retina, e ouviu o eco da voz do repórter, «... até ao momento, a polícia não tem suspeitos neste caso».

Voltou a abrir os olhos e estudou o reflexo no ecrã apagado. Ele, a velha poltrona verde de Elevator e a mesa de centro nua, embelezada pelas marcas de copos e garrafas. Estava tudo na mesma. A televisão portátil encontrava-se na prateleira – entre o guia da Tailândia da Lonely Planet e um atlas das estradas norueguesas – há tanto tempo quanto aquele em que ali vivia e há

vários anos que não se movia nem um metro. Ele lera qualquer coisa a respeito da comichão dos sete anos, e como é vulgar as pessoas começaram a ansiar por um sítio novo onde viver. Ou um novo emprego. Ou um novo companheiro. Ele não reparara em nada, e tinha o mesmo emprego há quase dez anos. Harry olhou para o relógio. Oito horas, dissera Anna.

No que se referia a companheiras, as suas relações nunca tinham durado tempo suficiente para ele testar aquela última teoria. Para além das duas que poderiam ter durado esse período de tempo, os romances de Harry tinham terminado devido àquilo a que ele chamava a comichão das seis semanas. Se a sua relutância em se envolver era devida ao facto de ter sido recompensado com tragédias das duas vezes em que amara uma mulher, ele não o sabia. Ou poderiam os seus dois amores constantes – as investigações de homicídios e o álcool – ser culpabilizados? De qualquer maneira, antes de conhecer Rakel há dois anos, começara a acreditar que não fora talhado para relações prolongadas. Pensou na cama larga e fresca dela, em Holmenkollen. Nas resmungadelas codificadas que trocavam à mesa do pequeno-almoço. O desenho de Oleg na porta do frigorífico, três pessoas de mãos dadas, uma delas uma figura enorme, tão alta como o sol amarelo no céu azul-claro, com HARY escrito por baixo.

Harry levantou-se, encontrou o pedaço de papel com o número de telefone ao lado do gravador de mensagens e marcou o número no telemóvel. Tocou quatro vezes antes de alguém o atender.

– Olá, Harry.

– Olá. Como é que soubeste que era eu?

Uma gargalhada baixa e profunda.

– Por onde é que andaste durante estes últimos anos, Harry?

– Por aqui. E por ali. Porquê? Voltei a dizer alguma coisa estúpida?

Ela riu-se mais alto.

– Ah, estás a ver o meu número no visor. Que estúpido.

Harry conseguia ouvir como soava patético, mas não interessava. O mais importante era dizer aquilo que tinha a dizer e desligar. Fim da história.

– Ouve, Anna, acerca do nosso encontro desta noite...

– Não sejas infantil, Harry!

– Infantil?

– Estou a fazer o caril do milénio. E se estás com medo de que eu te vá seduzir, lamento ter de te desiludir. Só acho que nos devemos algumas horas de conversa e um jantar. Para relembrar velhos tempos. Esclarecer alguns mal-entendidos. Ou talvez não. Talvez apenas algumas gargalhadas. Consegues lembrar-te dos pimentos *japone*?

– Bem, sim.

– Excelente. Então às oito em ponto, ok?

– Bem...

– Ótimo.

Harry permaneceu imóvel a olhar para o telefone.

Jalalabad

— **V**ou matar-te dentro de pouco tempo — disse Harry, a apertar com mais força o aço frio da arma. — Só quero que o saibas primeiro. Deixar que penses nisso. De boca aberta!

Estava a falar para bonecos de cera. Imóveis, sem alma, desumanizados. Transpirava agora no interior da máscara e o sangue latejava-lhe nas têmporas, cada pancada a deixar uma dor surda. Não queria ver pessoas à sua volta, não queria defrontar-se com as suas expressões acusadoras.

— Enfia o dinheiro num saco — disse à pessoa sem rosto que se encontrava à sua frente. — E levanta o saco acima da cabeça.

A pessoa sem rosto começou a rir, e Harry virou a arma para a atingir na cabeça com a coronha, mas falhou. Agora os outros que se encontravam no banco começaram a rir, e Harry olhou-os através dos cortes irregulares na máscara. Subitamente, pareciam-lhe familiares. A rapariga junto ao segundo balcão assemelhava-se a Birgitta. E ele poderia ter jurado que o homem de cor junto à bilheteira era Andrew. E a mulher de cabelo branco com o carrinho de bebé...

— Mãe — sussurrou.

— Queres o dinheiro ou não? — disse a pessoa sem rosto. — Vai demorar vinte e cinco segundos.

— *Eu* é que decido quanto tempo demora! — rugiu Harry, a enfiar o cano na boca negra e aberta. — Foste tu. Sempre soube que tinhas sido tu. Vais morrer dentro de seis segundos. Teme pela tua vida!

Um dente pendia de um fio preso à gengiva e sangue corria da boca aberta da pessoa sem rosto, mas ele falou como se não se apercebesse que o estava a fazer: *Eu não posso defender o teu tempo e recursos com considerações pessoais e emoções*. Algures soou o toque frenético de um telefone.

— Teme pela tua vida! Teme pela tua vida, como ela temeu!

— Não deixes que isso se transforme numa ideia fixa, Harry. — Harry sentiu a boca a mastigar o cano da arma.

– Ela era a minha parceira, seu filho da mãe! Era a minha melhor... – A máscara colou-se à boca de Harry e fez com que fosse difícil respirar. Mas, apesar disso, a voz da pessoa sem rosto continuou a falar:

– Fui eu que a mandei para os anjinhos.

– ... amiga. – Harry premiu o gatilho. Não aconteceu nada. Abriu os olhos.

A primeira coisa que Harry pensou foi que adormecera. Estava sentado na mesma poltrona verde a olhar para o ecrã sem vida. No entanto, o casaco não estava ali anteriormente. Fora colocado por cima dele, cobria-lhe metade do rosto; sentia o tecido molhado na boca. E a luz do dia enchia a sala. Depois sentiu o martelo. Atingiu um nervo atrás dos seus olhos, uma e outra vez, com uma precisão impiedosa. O resultado foi uma dor dramática e familiar. Tentou rebobinar a cassette. Teria acabado no Schrøder's? Começara a beber em casa de Anna? Mas era aquilo que ele temera: um vazio. Lembrava-se de estar sentado na sala de estar depois de falar ao telefone com Anna, mas a isso seguia-se um enorme vazio. Naquele momento, o conteúdo do seu estômago ergueu-se. Harry inclinou-se sobre a borda da poltrona e ouviu o vômito a espalhar-se pelo *parquet*. Resmungou, fechou os olhos e tentou afastar o som do telefone que não parava de tocar. Quando o gravador de mensagens interrompeu o toque, adormeceu.

Era como se alguém lhe tivesse cortado o tempo aos pedaços e deitado fora os restos. Voltou a acordar, mas demorou-se a abrir os olhos para descobrir se houvera alguma melhoria. Nenhuma que conseguisse detectar. A única diferença era que as marteladas se espalhavam por uma zona maior, fedia a vômito e sabia que não seria capaz de voltar a adormecer. Contou até três, levantou-se, cambaleou os oitos passos que o conduziram até à casa de banho, enfiou a cabeça entre os joelhos e esvaziou o estômago. Apoiou-se no lavatório para se levantar, enquanto se esforçava para recuperar o fôlego. Para sua surpresa, viu que a substância amarela que escorria pela porcelana branca continha partículas verdes e vermelhas. Agarrou um dos pedaços vermelhos entre o polegar e o indicador, levou-o até à torneira onde o lavou e ergueu à luz. Depois voltou a pousá-lo cautelosamente entre os dentes e mastigou. Fez um esgar quando sentiu o suco ardente do pimento *japone*. Lavou o rosto e endireitou-se. E viu o enorme olho negro ao espelho. A luz na sala de estar picou-lhe os olhos enquanto ouvia a mensagem que alguém lhe deixara no gravador.

«É Beate Lønn. Espero não estar a incomodar, mas Ivarsson disse que eu devia ligar de imediato. Houve outro assalto a um banco. O Den norske Bank, em Kirkeveien, entre o parque Frogner e o cruzamento Majorstuen.»

O Nevoeiro

O Sol desaparecera atrás de uma camada de nuvens cinzento-aço que tinham rastejado muito baixas sobre o fiorde Oslo, e o vento meridional atacava com a força de um vendaval, como a abertura à chuva prevista. As goteiras do telhado assobiavam e toldos batiam ao longo da Kirkeveien. Agora as árvores estavam completamente nuas; era como se as últimas cores tivessem sido sugadas da cidade e Oslo tivesse sido deixada a preto e branco. Harry inclinou-se contra o vento e enfiou as mãos nos bolsos para se agarrar ao casaco. Reparou que o botão do fundo caíra, provavelmente durante a tarde ou a noite, e não era a única coisa que desaparecera. Quando decidira ligar a Anna para lhe pedir que o ajudasse a reconstituir a noite, descobriu que também perdera o telemóvel. E, ao ligar-lhe da rede fixa, ouviu uma voz que lhe fez recordar vagamente um antigo locutor. A voz dizia que a pessoa que ele estava a tentar contactar estava de momento indisponível, mas que poderia deixar o seu número ou mensagem. Não se dera a esse trabalho.

Passado pouco, Harry estava de novo recomposto e descobriu que era surpreendentemente fácil resistir à vontade de continuar a beber, de fazer o caminho demasiado curto até ao Vinmonopolet ou ao Schrøder's. Em vez disso, tomou um duche, vestiu-se e dirigiu-se à avenida Sofies, passou pelo estádio Bislett através de Pilestredet, passou por Stenspark e atravessou a Majorstuen. Perguntou-se o que é que teria bebido. Na ausência das habituais dores abdominais assinadas por Jim Beam, caíra sobre ele uma neblina que lhe cobria todos os sentidos, e até as frias rajadas de vento foram incapazes de o animar.

Dois carros-patrulha com luzes azuis giratórias no tejadilho encontravam-se no exterior do Den norske Bank. Harry mostrou o distintivo a um dos agentes uniformizados, passou por baixo da fita da polícia e dirigiu-se à entrada onde Weber estava a falar com um dos seus homens do *Krimteknisk*, o Departamento Forense.

– Boa tarde, inspector – disse Weber, a enfatizar o «tarde». Franzziu a testa quando viu o olho negro de Harry. – A esposa começou a arrear-te?

Harry não conseguiu encontrar uma resposta, e em vez disso tirou um cigarro do maço.

- Então, o que é que temos aqui?
- Homem mascarado com uma AG3.
- E o pássaro voou?
- Voou muita coisa.
- Alguém falou com as testemunhas?
- Falaram sim. Li e Li estão ocupados no Quartel-general.
- Já há algum indício quanto àquilo que se passou aqui?
- O assaltante deu vinte segundos à gerente para ela abrir a ATM, enquanto apontava a arma à cabeça de uma das mulheres atrás do balcão.
- E fez com que fosse ela a falar?
- Sim. E quando entrou no banco, usou as mesmas palavras em inglês.
- «Isto é um assalto. Que ninguém se mexa!» – disse uma voz atrás deles, seguida por uma gargalhada rápida e em *staccato*. – Que simpático da tua parte teres aparecido, Hole. Oh, céus, escorregaste na banheira?

Harry acendeu o cigarro com uma mão e estendeu o maço a Ivarsson, que sacudiu a cabeça.

- Um hábito nojento, Hole.
 - Tens razão. – Harry enfiou o maço de Camel no bolso interior. – Nunca se deve oferecer cigarros, mas presumir que um cavalheiro compra sempre os seus. Benjamin Franklin.
 - A sério? – disse Ivarsson, ignorando o sorriso de Weber. – Sabes muitas coisas, Harry. Talvez saibas que o nosso assaltante voltou a atacar... tal como dissemos que o ia fazer?
 - Como é que sabem que foi ele?
 - Como talvez tenhas ouvido, é uma cópia do assalto ao Nordea na Bogstadveien.
 - Oh? – disse Harry, a inalar profundamente. – Onde está o corpo?
- Ivarsson e Harry olharam um para o outro. Os dentes reptilianos brilharam. Weber interrompeu-os.
- A gerente foi rápida. Esvaziou a caixa em vinte e três segundos.
 - Não houve vítimas – disse Ivarsson. – Desiludido?

– Não – respondeu Harry, a soltar fumo pelas narinas. Uma rajada de vento dispersou o fumo. Mas o nevoeiro na sua cabeça recusava-se a partir.

Halvorsen ergueu os olhos da Silvia, quando a porta se abriu.

– Podes arranjar-me um expresso de altas octanas? – disse Harry, ao deixar-se cair na cadeira do seu gabinete.

– Bom dia para ti também – disse Halvorsen. – Estás com um aspecto terrível.

Harry apertou o rosto entre as mãos.

– Não me lembro rigorosamente de nada do que aconteceu ontem à noite. Não faço a mínima ideia do que bebi, mas nunca mais deixarei que uma gota dessa coisa me passe pelos lábios.

Espreitou por entre os dedos, e viu que a testa do colega estava franzida por profunda expressão de preocupação.

– Descontraí, Halvorsen, foi apenas uma daquelas coisas. Agora estou tão sóbrio como esta secretária.

– O que é que aconteceu?

Harry soltou uma gargalhada oca.

– O conteúdo do estômago sugere que jantei com uma velha amiga. Liguei-lhe várias vezes para o confirmar, mas ela não atende.

– Ela?

– Sim, ela.

– Então, não és um polícia muito esperto, hã? – disse Halvorsen num tom circunspecto.

– Tu concentra-te no café – resmungou Harry. – Uma velha paixoneta, só isso. Bastante inocente.

– Como é que sabes que não te lembras de nada?

Harry esfregou com a palma da mão o queixo por barbear, a reflectir no que Aune dissera acerca das drogas apenas aumentarem tendências latentes. Ele não sabia se achara aquilo reconfortante. Pormenores isolados começavam a emergir. Um vestido preto. Anna usara um vestido preto. E ele estava deitado nas escadas. E uma mulher ajudara-o a levantar-se. Com metade do rosto. Como um dos quadros de Anna.

– Tenho sempre *blackouts* – disse Harry. – Este não é pior do que qualquer

um dos outros.

– E o teu olho?

– Provavelmente bati contra um armário da cozinha quando voltei para casa, ou qualquer coisa parecida.

– Não te quero preocupar, Harry, mas parece algo de mais sério do que um armário de cozinha.

– Bem – disse Harry, a pegar na chávena com as duas mãos. – Pareço-te preocupado? As vezes em que acabei metido numa escaramuça embriagado, foi com pessoas de quem também não gostava quando estava sóbrio.

– Já agora, uma mensagem de Møller. Pediu-me para te dizer que estava ótimo, mas não disse o quê.

Harry rolou o café na boca antes de o engolir.

– Vais descobrir, Halvorsen, vais descobrir.

Naquela tarde, o assalto ao banco foi discutido em pormenor na reunião da equipa de investigação no Quartel-general da Polícia. Didrik Gudmundson informou-os de que se tinham passado três minutos desde que o alarme soou até a polícia aparecer, mas nessa altura já o assaltante voara da cena do crime. A acrescentar ao cerco e bloqueio das ruas mais próximas com carros-patrolha, nos dez minutos que se seguiram tinham montado um cordão exterior que cobria as principais artérias rodoviárias: a E18 junto a Fornebu, a Circular 3 junto a Ullevål, Trondheimsveien junto ao Hospital Aker, Griniveien acima da Bærum e o cruzamento junto à Carl Berners plass.

– Quem me dera podermos chamar a isto um cordão de ferro, mas hoje em dia sabemos como é o nosso pessoal.

Toril Li interrogara uma testemunha que reportara ter visto um homem com uma balaclava a saltar para o lugar do passageiro de um Opel Astoria branco que o esperava, na Majorstuveien. O veículo virara de imediato à esquerda e subira em direcção à avenida Jacob Aalls. Magnus Rian referira que outra testemunha vira um carro branco, possivelmente um Opel, a dirigir-se a uma garagem em Vindern e momentos depois saíra dali um Volvo azul. Ivarsson estudou o mapa pendurado no quadro branco.

– Não me parece descabido. Emite também um aviso para Volvos azuis, Ola. Weber?

– Fibras têxteis – disse Weber. – Duas atrás do balcão sobre o qual saltou e uma junto da porta.

– Simm! – Ivarsson esmurrou o ar. Começara a andar de um lado para o outro atrás deles, o que Harry achava muitíssimo irritante. – Então tudo o que temos a fazer é encontrar alguns candidatos. Colocaremos o vídeo do assalto na Net assim que Beate acabe de o editar.

– Isso será sensato? – perguntou Harry, a baloiçar a cadeira de modo a encostá-la à parede para cortar a passagem de Ivarsson.

O PAS olhou-o surpreendido.

– Sensato? Decerto que não vamos levantar questões se alguém nos ligar para nos dar o nome do indivíduo do vídeo.

Ola interrompeu-os.

– Lembras-te daquela vez que uma mãe nos ligou para dizer que vira o filho no vídeo de um assalto, que fora colocado na Net? E viemos a descobrir que ele já estava envolvido noutra assalto?

Gargalhadas altas. Ivarsson sorriu.

– Nunca recusamos novas testemunhas, Harry.

– Nem novos imitadores? – Harry cruzou as mãos atrás da cabeça.

– Um imitador? Ora, controla-te, Harry.

– Hm. Se hoje eu fosse assaltar um banco, é óbvio que iria imitar o assaltante de bancos mais procurado da Noruega, e afastar as suspeitas da minha pessoa. Todos os pormenores do assalto do Bogstadveien estão disponíveis na Net.

Ivarsson sacudiu a cabeça.

– Receio que, hoje em dia, o nosso assaltante mediano não seja muito sofisticado, Hole. Será que outra pessoa gostaria de explicar à Brigada Criminal qual a marca típica de um assaltante inveterado? Não? Bem, ele repete sempre, com uma precisão dolorosa, aquilo que fez no anterior assalto bem-sucedido. É apenas quando falha, se não consegue o dinheiro ou é preso, que muda o seu padrão.

– Isso substancia a tua teoria, mas não exclui a minha – disse Harry.

Ivarsson lançou um olhar desesperado à volta da mesa, como se a pedir ajuda.

– Ótimo, Hole. Vais ter a oportunidade de testar as tuas teorias. De facto, acabei de decidir experimentar uma nova abordagem. A essência desta é que um pequeno grupo trabalhe de modo independente, mas em paralelo com a

equipa de investigação. A ideia tem origem no FBI e o objectivo é evitar entrar-se na rotina, tendo apenas um ponto de vista do caso, o que é frequente acontecer com grupos de muitos agentes quando, consciente ou inconscientemente, se forma um consenso acerca das principais características de uma investigação. O pequeno grupo pode contribuir com uma perspectiva nova e mais fresca porque trabalha separadamente e não é influenciado pelo outro grupo. Este método já demonstrou ser eficaz em casos traiçoeiros. Tenho a certeza de que a maior parte daqueles que se encontram aqui hoje concordará que Harry Hole tem as qualificações naturais para ser membro de um tal grupo.

Gargalhadas dispersas. Ivarsson parou atrás da cadeira de Beate.

– Beate, vais-te juntar a Harry.

Beate corou. Ivarsson pousou-lhe uma mão paternal no ombro.

– Se não funcionar, só tens de o dizer.

– Eu direi – replicou Harry.

Harry estava prestes a destrancar a porta do prédio onde vivia quando mudou de ideias e recuou os dez metros até à mercearia, onde Ali estava a carregar grades de fruta e legumes do passeio.

– Olá, Harry! Estás melhor? – Ali exibiu um sorriso aberto e Harry fechou os olhos por um segundo. Era aquilo que temia.

– Ajudaste-me, Ali?

– Só a subires as escadas. Quando abrimos a tua porta, tu disseste que te arranjavas.

– Como é que cheguei a casa? A pé ou...?

– De táxi. Deves-me cento e vinte.

Harry resmungou e seguiu Ali até ao interior da loja.

– Desculpa, Ali. A sério. Podes dar-me uma versão resumida sem demasiados pormenores embaraçosos?

– Tu e o condutor estavam a discutir na rua. E os nossos quartos ficam virados para esse lado. – De seguida, acrescentou com um sorriso vitorioso: – É terrível ter ali uma janela.

– E quando é que isso aconteceu?

– A meio da noite.

– Tu levantas-te às cinco da manhã, Ali. Não sei o que indivíduos como tu querem dizer com «a meio da noite».

– Às onze e meia. No mínimo.

Harry prometeu que isso nunca voltaria a acontecer. Ali continuava a assentir da maneira que as pessoas o fazem quando estão a ouvir histórias que conhecem de cor. Harry perguntou como lhe poderia agradecer, e Ali respondeu que Harry lhe poderia alugar a cave que não usava. Harry disse que iria pensar melhor no assunto e pagou a Ali o dinheiro do táxi, uma garrafa de Coca-Cola, e uma embalagem de massa com almôndegas.

– Então estamos quites – disse Harry.

Ali sacudiu a cabeça.

– Juros quadrimestrais – disse o presidente, tesoureiro e Sr. Faz-tudo do Comité da Cooperativa Habitacional.

– Oh, merda, tinha-me esquecido.

– Eriksen. – Ali sorriu.

– Quem é esse?

– Alguém de quem recebi uma carta no Verão passado. Ele pediu-me para enviar o número de conta de modo a poder pagar o que ficou a dever entre Maio e Junho de 1972. Descobriu que era por esse motivo que não conseguira dormir durante os últimos trinta anos. Respondi-lhe que ninguém no prédio se lembrava dele, por isso não precisava de pagar. – Ali apontou para Harry. – Mas contigo não vou fazer isso.

Harry levantou os braços em sinal de rendição.

– Amanhã transfiro o dinheiro.

A primeira coisa que Harry fez quando se encontrou no apartamento foi voltar a ligar a Anna. O mesmo ex-locutor tal como da vez anterior. Mal esvaziara o saco de massa e almôndegas na frigideira, quando ouviu o telefone a tocar acima do som crepitante da gordura. Correu até ao vestíbulo e agarrou o auscultador.

– Olá! – gritou.

– Olá – disse uma voz feminina familiar na outra extremidade da linha, num tom um pouco surpreendido.

– Oh, és tu.

– Sim, quem é que pensavas que fosse?

Harry apertou os olhos com força.

– Trabalho. Houve outro assalto. – As palavras sabiam-lhe a bÍlis e a pimentos. A dor surda atrás dos olhos voltara.

– Tentei apanhar-te no telemóvel – disse Rakel.

– Perdi-o.

– Perdeste?

– Deixei-o nalgum lado, ou roubaram-me. Não sei, Rakel.

– Passa-se alguma coisa, Harry?

– Alguma coisa?

– Pareces tão... perturbado.

– Eu...

– Hm?

Harry respirou fundo.

– Que tal está a correr o caso?

Harry estava a ouvir, mas sentia-se incapaz de organizar as palavras em frases que fizessem sentido. Apanhou «estatuto financeiro», «o melhor para a criança» e «arbitragem», e percebeu que não havia muitas novidades. A reunião seguinte com os advogados fora adiada para sexta-feira; Oleg estava óptimo, mas farto de viver num hotel.

– Diz-lhe que estou ansioso que vocês voltem – disse ele.

Depois de terminada a chamada, Harry perguntou-se se deveria voltar a ligar. Mas para quê? Para lhe contar que fora convidado para jantar por uma antiga paixoneta e que não fazia a mínima ideia do que é que acontecera? Harry pousou a mão no telefone, mas depois o alarme de fumo na cozinha disparou. E quando tirou a frigideira do fogão e abriu a janela, o telefone voltou a tocar. Mais tarde Harry pensou que muita coisa teria sido diferente, se Bjarne Møller não tivesse decidido ligar-lhe naquela noite.

– Sei que acabaste de sair de serviço – disse Møller –, mas estamos com falta de pessoal e encontraram uma mulher morta no seu apartamento. Parece que se suicidou. Podes ir dar uma espreitadela?

– Claro, chefe. Hoje devo-te uma. Já agora, Ivarsson apresentou a

abordagem da investigação paralela como se a ideia fosse sua.

– O que é que terias feito se fosses o líder da equipa e tivesses recebido uma tal ordem vinda de cima?

– A ideia de me ver como líder de uma equipa é muito perturbadora, chefe. Como é que chego a esse apartamento?

– Fica onde estás. Vão-te buscar.

Vinte minutos depois, ouviu-se o som forte de uma buzina, algo que Harry ouvia tão raramente que se sobressaltou. A voz, metálica e distorcida pelo intercomunicador, disse que o táxi chegara mas Harry sentiu os pêlos da nuca levantarem-se. Quando desceu as escadas e viu o carro desportivo baixo e vermelho, um Toyota MR2, as suas suspeitas confirmaram-se.

– Boa noite, Hole. – A voz vinha da janela aberta do veículo, mas estava tão próxima do alcatrão que Harry não conseguia ver quem estava a falar. Harry abriu a porta do carro e foi acolhido por um baixo de *funky*, um órgão tão sintético quanto um caramelo cheio de corantes e um *falseto* familiar: «*You sexy motherfucka!*»

Harry enfiou-se, com dificuldade, no assento baixo e estreito.

– Então esta noite somos nós dois – disse o inspector Waaler, a abrir um maxilar teutónico e a revelar uma impressionante fileira de dentes impecáveis no centro do rosto bronzeado. Mas os olhos azul-ártico permaneceram frios.

Havia muitos no Quartel-general da Polícia que antipatizavam com Harry, mas ele sabia que apenas uma pessoa nutria um verdadeiro ódio por ele. Aos olhos de Waaler, Harry sabia ser um indigno representante da polícia e assim uma afronta pessoal. Em várias ocasiões, Harry deixara bem claro que não partilhava as perspectivas cripto-fascistas de Waaler e de alguns dos seus colegas no que se referia a homossexuais, comunistas, beneficiários de subsídios de inserção social, paquistaneses, chineses, negros, ciganos e latinos, enquanto pelo seu lado Waaler chamava a Harry um «ressacado incompetente». E Harry desconfiava que o verdadeiro motivo do seu ódio era o facto de ele beber. Tom Waaler não tolerava fraquezas. Harry achava ser esse o motivo para ele passar tantas horas no ginásio a praticar pontapés altos e socos contra sacos de areia, e uma fiada de novos companheiros de treino. No refeitório, Harry ouvira um dos jovens agentes, com admiração na voz, a descrever como Waaler partira os braços a um *karaté kid* de um *gang* vietnamita junto à estação central de Oslo. Dada a opinião que Waaler tinha da cor da pele, era um paradoxo para Harry que o seu colega passasse tanto tempo no solário, mas talvez fosse verdade aquilo que um brincalhão dissera:

Waalder não era mesmo racista. Sentia-se tão satisfeito a espancar neonazis como a espancar negros.

Para além de tudo aquilo que se sabia a seu respeito, havia alguns assuntos de que ninguém tinha conhecimento, mas alguns pressentiam de que é que se tratava. Passara-se agora mais de um ano desde que Sverre Olsen – a única pessoa que lhes podia ter contado o motivo por que Ellen Gjelten fora assassinada – fora encontrado deitado na sua cama com uma arma quente na mão, e um buraco da Smith & Wesson de Waalder entre os olhos.

– Tem cuidado, Waalder.

– Desculpa?

Harry estendeu a mão e baixou o som dos gemidos pseudo-eróticos.

– A noite está gelada.

O motor ronronou como uma máquina de costura, mas o som era enganador. À medida que o carro acelerava, Harry verificou por si mesmo como as costas do assento eram duras. Aceleraram colina acima até Stenspark ao longo da avenida Suhms.

– Para onde vamos? – perguntou Harry.

– Para aqui – disse Waalder, a virar repentinamente para a esquerda em frente de um carro que seguia em sentido contrário. A janela ainda estava aberta e Harry ouviu o som de folhas molhadas a agarrarem-se aos pneus.

– Bem-vindo de volta à Brigada Criminal – disse Harry. – Não te quiseram no POT?

– Em reestruturação – disse Waalder. – Além disso, o super-chefe e Møller queriam-me de volta. Se bem te lembras, obtive resultados bastante úteis na Brigada de Homicídios.

– Como me poderia esquecer!

– Bem, ouvem-se dizer tantas coisas a respeito dos efeitos a longo prazo da bebida.

Harry acabara de colocar o braço no tabliê antes de a travagem repentina o lançar contra o pára-brisas. O porta-luvas abriu-se e algo pesado atingiu Harry no joelho ao cair no chão.

– Que merda é esta? – resmungou.

– Uma Jericho 941, da polícia israelita – disse Waalder, a desligar o motor. – Não está carregada. Deixa-a onde está. Chegámos.

– Aqui? – perguntou Harry espantado. Baixou-se dentro do carro e levantou os olhos para o edifício amarelo à sua frente.

– Porque não? – disse Waaler, já meio fora do carro.

Harry sentiu o coração começar a acelerar. Ao procurar o manípulo, de todos os pensamentos que lhe corriam pela cabeça apenas se fixou num: devia ter ligado a Rakel.

O nevoeiro voltara. Erguia-se vindo das ruas, dos interstícios à volta das janelas fechadas, atrás das árvores da avenida, pela porta azul que se abrira ao ouvir o latido abrupto da voz de Weber no intercomunicador, e através das fechaduras das portas quando subiram. Jazia como um edredão de algodão à volta de Harry, e ao entrarem no apartamento, teve a sensação de estar a andar nas nuvens. Tudo à volta dele – as pessoas, as vozes, o crepitar dos *walkie-talkies*, a luz dos flaches das máquinas fotográficas – estava coberto pela tonalidade dos sonhos, uma demão de distanciamento porque aquilo não era, não podia, ser real. Mas, de pé em frente da cama onde a morta jazia com uma pistola na mão direita e um buraco negro na têmpora, descobriu que era incapaz de olhar para o sangue na almofada ou encontrar o olhar vazio e acusador dela. Em vez disso focou-se na cabeceira da cama, no cavalo com a cabeça arrancada, à espera de que o nevoeiro se dissipasse e que ele pudesse acordar.

Sorgenfrigata

Vozes iam e vinham à sua volta.

– Sou o inspector Waaler. Será que alguém me pode fazer um resumo rápido?

– Chegámos aqui há três quartos de hora. Um electricista encontrou-a.

– Quando?

– Às cinco. Ligou imediatamente para a polícia. Ele chama-se... deixa-me ver... René Jensen. Tenho aqui o número de telefone dele e também a morada.

– Ótimo. Liga para a central e verifica se tem cadastro.

– Ok.

– René Jensen?

– Sou eu.

– Pode chegar aqui? Chamo-me Waaler. Como é que entrou?

– Como já contei ao outro agente, com esta chave sobressalente. Ela deixou-a na minha loja na terça porque não ia estar em casa quando eu viesse.

– Porque ela estaria a trabalhar?

– Não faço ideia. Acho que não tinha um emprego. Bem, não do tipo normal. Disse que estava a montar uma exposição de qualquer coisa.

– Então era uma artista. Alguém aqui ouviu falar dela?

Silêncio.

– O que é que estava a fazer no quarto, Jensen?

– À procura da casa de banho.

Outra voz.

– A casa de banho fica atrás daquela porta.

– Ok. Apercebeu-se de alguma coisa suspeita quando entrou no apartamento, Jensen?

– Er... que quer dizer com *suspeita*?

– A porta estava trancada? Alguma janela aberta? Algum cheiro ou som em particular? Alguma dessas coisas?

– A porta estava trancada. Não vi janelas abertas, mas também não estava à procura. O único cheiro era de diluente...

– Aguarrás?

Outra voz.

– Há algum material de pintura numa das divisões maiores.

– Obrigado. Reparou em mais alguma coisa, Jensen?

– Qual foi a última coisa que disse?

– Som.

– Som, sim! Não, nenhum som, silencioso como um túmulo. Isto é... ah, ah... não quis...

– Tudo bem, Jensen. Conhecias a falecida?

– Nunca a tinha visto antes de ela ter entrado na minha loja. Nessa altura, parecia bem viva.

– O que é que ela queria que fizesse?

– Que arranjasse o termóstato do aquecimento do chão da casa de banho.

– Poderia fazer-nos um favor e verificar se há mesmo algum problema com o termóstato? Ou ver se ela tinha mesmo aquecimento.

– Para quê? Oh, estou a ver, ela pode ter preparado tudo isto para que nós a encontrássemos.

– Qualquer coisa nesse género.

– Sim, bem, o termóstato estava frito.

– Frito?

– Não funcionava.

– Como é que sabe?

Interrupção.

– Devem-lhe ter dito para não tocar em nada, Jensen. Não lho disseram?

– Si-im, mas vocês demoraram tanto tempo a chegar que comecei a ficar

um bocado nervoso, por isso tive de fazer alguma coisa.

– Então, a falecida tem agora um termóstato totalmente funcional?

– Er... ah ah... sim.

Harry tentou desviar-se da cama, mas os pés não lhe obedeciam. O médico fechara os olhos de Anna e agora ela parecia estar a dormir. Tom Waaler mandara o electricista para casa e dissera-lhe para se manter disponível durante os próximos dias. Também mandara sair o agente uniformizado que respondera à chamada. Harry nunca teria acreditado que se pudesse sentir daquela maneira, mas, de facto, estava satisfeito por Waaler estar ali. Sem a presença experiente do colega, não teria conseguido fazer nem uma pergunta inteligente, e teria tomado decisões ainda menos inteligentes.

Waaler perguntou ao médico se ele lhes podia dar algumas opiniões temporárias.

– É óbvio que a bala lhe atravessou a cabeça, destruiu o cérebro e assim fechou todas as funções vitais do corpo. Partindo do princípio de que a temperatura ambiente era constante, a temperatura do corpo sugere que ela está morta há, pelo menos, dezasseis horas. Não há sinais de violência. Não há marcas de injeções nem indícios externos de utilização de medicamentos. No entanto... – O médico interrompeu-se para causar mais efeito. – As cicatrizes nos pulsos sugerem que ela já tinha tentado isto. Um cálculo puramente especulativo mas parece-me que ela era maníaco-depressiva, ou apenas depressiva e suicida. Não me importo de apostar que iremos encontrar um dossiê psicológico a respeito dela.

Harry tentou dizer alguma coisa, mas a língua também não lhe obedecia.

– Terei mais informações quanto tiver feito um exame mais detalhado.

– Obrigado, doutor. Tens alguma coisa para nos dizer, Weber?

– A arma é uma Beretta M92F, uma arma muitíssimo invulgar. Só conseguimos encontrar um conjunto de impressões digitais na coronha, e é óbvio que são dela. A bala ficou alojada num dos lados da cabeceira da cama e corresponde à arma, por isso o relatório de balística vai mostrar que foi disparada por esta pistola. Amanhã terás um relatório completo.

– Excelente, Weber. Mais uma coisa. A porta estava trancada quando o electricista chegou. Reparei que a porta tinha uma fechadura normal e não um trinco, por isso ninguém pode ter aqui estado e saído do apartamento a não ser que tivesse a chave da falecida e tivesse, é claro, trancado a porta ao sair. Por outras palavras, se encontrarmos a chave dela, podemos fechar este caso.

Weber assentiu e levantou um lápis amarelo, enfiado naquilo que era um aro metálico e uma chave.

– Estava em cima de uma cómoda no vestíbulo. É o tipo de chave-sistema que abre a porta principal do prédio e todas as portas de utilização comum. Verifiquei e encaixa na porta do apartamento.

– Excelente. Então tudo o que nos falta encontrar é uma carta de suicídio assinada. Alguma objecção quanto ao facto de considerarmos este caso aberto e fechado?

Waler olhou para Weber, para o médico, para Harry.

– Ok. Podem dar a triste notícia à família e pedir-lhes que a venham identificar.

Regressou ao corredor enquanto Harry permanecia junto da cama. Pouco depois, Waler voltou a enfiar a cabeça pela porta.

– Não é estupendo quando todas as cartas se encontram no lugar, Hole?

O cérebro de Harry enviou-lhe uma mensagem para que a cabeça assentisse, mas não fazia a mínima ideia se ela lhe tinha obedecido.

A Ilusão

*E*stou a ver o primeiro vídeo. Quando o divido imagem a imagem, consigo ver a erupção da chama. Partículas de pólvora que ainda não foram transformadas em energia pura, como um enxame resplandecente de asteróides a seguirem um cometa enorme até à atmosfera para se incendiarem, enquanto o cometa continua tranquilamente no seu percurso. E não há nada que alguém possa fazer porque este é o curso que foi predestinado há milhões de anos, antes da humanidade, antes das emoções, antes do ódio e da misericórdia terem nascido. A bala entra na cabeça, interrompe a actividade mental e acaba com os sonhos. No núcleo do crânio, o último pensamento, um impulso neural do centro de dor, é despedaçado. É um último e contraditório SOS que envia a si mesmo antes de tudo ficar silencioso. Clico no título do segundo vídeo. Olho pela janela enquanto o computador trabalha e invade a noite da Internet. Há estrelas no céu e acho que cada uma delas é a prova da inevitabilidade do destino. Não fazem qualquer sentido; estão muito acima da necessidade humana de lógica e contexto. E é por isso que acho que são tão belas.

Depois, o segundo vídeo está pronto. Clico no play. Imagem a imagem. É como um teatro itinerante que apresenta a mesma peça, mas num local diferente. Os mesmos diálogos e acção, o mesmo guarda-roupa, o mesmo cenário. Apenas os figurantes mudaram. E a cena final. Esta noite não houve tragédia.

Estou satisfeito comigo. Encontrei o núcleo do personagem que quero representar – o adversário frio e profissional que sabe exactamente aquilo que quer e que mata se tiver de o fazer. Ninguém tenta arrastar o tempo; ninguém se atreve a fazê-lo depois de Bogstadveien. E é por isso que sou Deus durante dois minutos, durante os cento e vinte segundos em que me permiti sê-lo. A ilusão funciona. A roupa grossa à volta do fato-macaco, as palmilhas duplas, as lentes de contacto coloridas e os movimentos ensaiados.

Saio da Internet e a sala fica escura. Tudo aquilo que me atinge vindo do exterior é o som da cidade. Hoje conheci o Príncipe. Um indivíduo estranho. Dá-me a sensação ambivalente de ser um Pluvianus aegyptius, o pequeno pássaro que sobrevive ao limpar a boca do crocodilo. Disse-me que está tudo

controlado, que a Unidade de Assaltos não encontrou quaisquer pistas. Ele ficou com a sua parte e eu fiquei com a arma judia que ele me prometeu.

Talvez me deva sentir feliz, mas nada me poderá voltar a tornar completo.

Depois disso, liguei para o Quartel-general da Polícia de uma cabina pública, mas não me quiseram divulgar nada a não ser que eu dissesse que era da família. Disseram-me que fora suicídio; que Anna se tinha matado. O caso estava fechado. Tive apenas tempo de pousar o auscultador antes de desatar à gargalhada.

PARTE II

Freitod

— **A**lbert Camus disse que *Freitod*, suicídio, era o único problema verdadeiramente sério que a filosofia tinha – disse Aune, a erguer o nariz para o céu cinzento acima de Bogstadveien. – Porque a decisão quanto à questão se vale mesmo a pena viver é a resposta para a pergunta fundamental do filosofia. Tudo o resto, se o mundo tem ou não três dimensões ou se a mente tem nove ou doze categorias, vem depois.

– Hm – disse Harry.

– Muitos dos meus colegas fizeram pesquisas acerca do motivo por que as pessoas cometem suicídio. Sabes qual foi a causa mais vulgar que descobriram?

– Era esse o tipo de coisa que estava à espera que me pudesses explicar. – Harry quase fazia uma corrida de obstáculos por entre os transeuntes no passeio estreito, para se conseguir manter ao lado do psicólogo corpulento.

– Essas pessoas já não queriam continuar a viver – respondeu Aune.

– Parece que alguém merece o Prémio Nobel.

Harry ligara a Aune na noite anterior e combinara ir buscá-lo ao seu consultório na Sporveisgata, às nove. Passaram pelo balcão do Nordea Bank e Harry reparou que o contentor verde ainda estava no exterior da loja de conveniência, do outro lado da rua.

– É frequente esquecermo-nos de que a decisão para cometer suicídio costuma ser tomada por pessoas sãs, de pensamento racional, que consideram que a vida já não tem nada para lhes oferecer – disse Aune. – Por exemplo, pessoas idosas que perderam os seus companheiros de uma vida ou cuja saúde está a fraquejar.

– Esta mulher era jovem e enérgica. Que motivos racionais poderia ter?

– Primeiro, tens de definir o significado de racional. Quando alguém que está deprimido decide fugir da dor ao tirar a própria vida, tens de presumir que o indivíduo deprimido pesou bem as duas opções. Por outro lado, é difícil ver o suicídio como racional num cenário típico onde o sofredor está a caminho da saída da depressão, e só então encontra a energia para executar o

passo activo que é o suicídio.

– O suicídio pode ser um acto completamente espontâneo?

– Claro que sim. No entanto, é mais vulgar que ocorram primeiro tentativas, em especial entre as mulheres. Nos Estados Unidos calcula-se que, entre as mulheres, existam dez pseudotentativas de suicídio por cada suicídio concretizado.

– Pseudo?

– Tomarem-se cinco comprimidos para dormir é um grito de ajuda, suficientemente sério para ser verdadeiro, mas não o incluo como uma tentativa de suicídio quando um frasco de comprimidos meio- -cheio se encontra na mesa-de-cabeceira.

– Esta deu um tiro na cabeça.

– Então, é um suicídio masculino.

– Masculino?

– Um dos motivos por que os homens têm mais sucesso é por escolherem métodos mais agressivos e letais do que as mulheres. Armas e edifícios altos em vez de cortarem os pulsos ou tomarem comprimidos. É muito invulgar uma mulher utilizar uma arma.

– Invulgar ao ponto de ser suspeito?

Aune olhou Harry com maior atenção.

– Tens algum motivo para pensar que não foi suicídio?

Harry sacudiu a cabeça.

– Só quero ter a certeza. Temos de virar aqui. O apartamento dela fica nesta rua, um pouco mais acima.

– Sorgenfrigata? – Aune riu-se e ergueu os olhos semicerrados para as nuvens agoirentas que atravessavam o céu. – Naturalmente.

– Naturalmente?

– Sorgenfri era o nome do palácio que pertencia a Christophe, o rei haitiano que cometeu suicídio quando foi feito prisioneiro pelos franceses, ou como eles lhe chamam, Sans Souci. Ou seja, despreocupado. Rua despreocupada. Sorgenfrigata. Virou os canhões para o céu para se vingar de Deus.

– Bem...

- E presumo que saibas o que o escritor, Ola Bauer, disse a respeito desta rua? *Mudei-me para a Sorgenfrigata, mas isso também não me ajudou muito.*
- Aune ria-se tanto que o seu duplo queixo tremia.

Halvorsen encontrava-se junto da porta, à espera.

- Encontrei-me com Bjarne Møller quando estava a sair da esquadra – disse. – Ele estava com a impressão de que este caso estava terminado e encerrado.

- Só precisamos de atar algumas pontas soltas – disse Harry, a destrancar a porta com a chave que o electricista lhe tinha dado.

A fita da polícia em frente da porta fora removida e o cadáver fora levado. Para além disso, nada tinha sido tocado desde a noite anterior. Dirigiram-se ao quarto. O lençol branco na enorme cama brilhou à meia-luz.

- Então de que é que andamos à procura? – perguntou Halvorsen, enquanto Harry abria os cortinados.

- Uma chave sobressalente do apartamento – respondeu Harry.

- Porquê?

– Presumimos que ela tinha uma chave sobressalente, aquela que deu ao electricista. Estive a fazer algumas verificações. As chaves-sistema não podem ser feitas em qualquer tipo de loja. Têm de ser encomendadas ao fabricante através de um representante autorizado. Como a chave serve na porta principal e na porta da cave, o Comité Habitacional responsável pelo edifício quer controlá-las. Assim, os habitantes dos apartamentos têm de obter uma autorização escrita do comité quando encomendam novas chaves, não têm? Segundo um acordo com o comité, é dever da loja autorizada manter uma lista das chaves entregues a cada um dos apartamentos. Ontem à noite, liguei à Låsesmeden, a loja de chaves na avenida Vibes. Tinham sido entregues duas chaves sobressalentes a Anna Bethsen, perfazendo assim um total de três. Encontrámos uma no apartamento e o electricista tinha outra. Mas onde está a terceira? Até a encontrarmos, não podemos pôr de lado a possibilidade de que alguém esteve aqui quando ela morreu e que trancou a porta ao sair.

Halvorsen assentiu lentamente.

- A terceira chave, hm.

- A terceira chave. Podes começar por aqui, Halvorsen, enquanto mostro uma coisa a Aune?

– Ok.

– Certo, e mais uma coisa. Não fiques surpreendido se encontrares o meu telemóvel. Acho que o deixei aqui ontem à tarde.

– Pensei que dissesse que o tinhas perdido no dia anterior.

– Voltei a encontrá-lo. E a perdê-lo. Sabes...

Halvorsen sacudiu a cabeça. Harry conduziu Aune pelo corredor em direcção às salas de estar.

– Pedi-te para vires até aqui porque és a única pessoa que conheço que pinta.

– Infelizmente, isso é um pouco exagerado. – Aune ainda estava sem fôlego depois de ter subido as escadas.

– Pode ser, mas sabes um pouco acerca de arte, por isso espero que percebas um pouco disto.

Harry abriu as portas deslizantes da sala mais afastada, acendeu a luz e apontou. Em vez de olhar para os três quadros, Aune respirou fundo e dirigiu-se directamente para o candeeiro de três lâmpadas. Tirou os óculos do bolso interior do casaco de *tweed*, inclinou-se para a frente e leu o plinto pesado.

– Céus! – exclamou com entusiasmo. – Um Grimmer genuíno.

– Grimmer?

– Bertol Grimmer. Um *designer* alemão de fama mundial. Desenhou, entre outras coisas, o monumento de vitória que Hitler ergueu em Paris em 1941. Podia ter sido um dos maiores artistas do seu tempo, mas no auge da sua carreira descobriu-se que tinha três partes de sangue romeno. Foi enviado para um campo de concentração, e o seu nome foi apagado de vários edifícios e obras de arte nas quais trabalhara. Grimmer sobreviveu, mas as suas mãos tinham ficado despedaçadas na pedreira onde os ciganos trabalhavam. Continuou com os seus trabalhos depois da guerra, embora nunca tenha conseguido atingir as mesmas alturas magníficas devido aos seus ferimentos. No entanto, eu diria que este candeeiro deve ser dos seus anos pós-guerra. – Aune tirou o abajur.

Harry tossiu.

– Na verdade, estava mais a pensar nos quadros.

– Amadores – resmungou Aune. – Farias melhor se te concentrasses nesta elegante estátua feminina. A deusa Nemésis, o tema favorito de Bertol

Grimmer depois da guerra. A deusa da vingança. Já agora, sabias que a vingança é um dos motivos frequentes dos suicídios? Os suicidas pensam ser culpa de alguém o facto de as suas vidas não terem sido bem-sucedidas, e querem infligir essa culpa noutra pessoa ao cometerem o suicídio. Bertol Grimmer também se suicidou, por causa da mulher que tinha um amante. Vingança, vingança, vingança. Sabias que os seres humanos são as únicas criaturas vivas que praticam a vingança? O que a vingança tem de interessante...

– Aune?

– Ah, sim, os quadros, querias que eu os interpretasse, certo? Hm, não parecem muito diferentes das manchas de Rorschach.

– As imagens que vocês mostram aos pacientes para despertarem associações?

– Certo. Aqui temos um problema. Se eu interpretar estas imagens, isso provavelmente dirá mais a respeito da minha vida interior do que da dela. Mas como já ninguém acredita nas manchas de Rorschach, porque não? Vejamos... Estas imagens são muito escuras, provavelmente mais zangadas do que deprimidas. No entanto, é óbvio que uma delas ainda não está terminada.

– Se calhar é suposto ser assim, talvez forme um todo?

– Porque é que dizes isso?

– Não sei, talvez porque a luz das três lâmpadas individuais incide perfeitamente em cada um dos quadros.

– Hm. – Aune cruzou um braço à frente do peito e pousou o indicador nos lábios. – Tens razão. Claro que tens razão. E sabes uma coisa, Harry?

– Não. O quê?

– Eles não significam nada para mim, não significam rigorosamente nada. Acabámos?

– Sim. Oh, já agora, só há mais uma coisa, dado que pintas. Como podes ver, a paleta está do lado esquerdo do cavalete. Isso não é muito pouco prático?

– Sim, a não ser que se seja canhoto.

– Estou a perceber. Vou ter de ajudar Halvorsen. Nem sei como te posso agradecer.

– Eu sei. Acrescento uma hora à minha próxima factura.

Halvorsen acabara de revistar o quarto.

– Ela não tinha muita coisa – disse. – É um pouco como revistar um quarto de hotel. Apenas roupa, artigos de higiene, um ferro de engomar, toalhas, roupa de cama e por aí fora. Nenhuma fotografia de família, nem cartas ou documentos pessoais.

Uma hora depois, Harry percebeu exactamente aquilo que Halvorsen quisera dizer. Tinham revistado todo o apartamento e regressado ao quarto, sem terem encontrado nada, nem sequer um recibo do telefone ou um extracto de conta.

– É a coisa mais estranha que já vi – disse Halvorsen, sentando-se à secretária em frente de Harry. – Ela deve ter limpado a casa. Talvez tivesse querido levar tudo com ela, toda a sua pessoa, quando partiu se é que percebes o que quero dizer.

– Percebo. Viste algum sinal de um portátil?

– Um portátil?

– Um computador portátil.

– Estás a falar de quê?

– Não consegues ver aqui o quadrado desvanecido na madeira? – Harry apontou para a secretária entre eles. – Parece que havia aqui um portátil e que foi retirado.

– Parece?

Harry sentiu os olhos perscrutadores de Halvorsen.

Na rua, ficaram a olhar para as janelas do apartamento da mulher na fachada amarelo-clara, enquanto Harry acendia um cigarro abandonado e amassado que encontrara no bolso interior do casaco.

– Aquela coisa da família foi estranha, não foi?

– O quê?

– Møller não te contou? Não conseguiram encontrar as moradas dos pais, irmãos, irmãs ou quem quer que fosse, apenas um tio na prisão. Teve de ser o próprio Møller a ligar para a agência funerária para que levassem a pobre mulher. Como se morrer não fosse suficientemente solitário.

– Hm. Que agência?

– A do Sandemann – respondeu Halvorsen. – O tio quis que ela fosse cremada.

Harry deu uma passa no cigarro, e observou o fumo a erguer-se e a dispersar. O fim de um processo que se iniciara quando um camponês plantara sementes de tabaco, num campo do México. Passados quatro meses, a semente transformara-se numa planta de tabaco tão alta quanto um homem, e dois meses depois fora colhida, batida, secada, gradeada, embalada e enviada para as fábricas de RJ Reynolds, na Florida ou Texas, onde se transformou num cigarro com filtro num maço de cartão Camel amarelo e fechado a vácuo, e foi expedida para a Europa. Oito meses depois de ser apenas uma folha numa florescente planta verde sob o sol do México, cai dentro do bolso do casaco de um homem bêbado quando este se despenha escadas abaixo ou sai de um táxi ou estende o seu casaco por cima de si mesmo como um cobertor, porque não pode ou não se atreve a abrir a porta do seu quarto com todos os monstros que se encontram debaixo da sua cama. E depois quando finalmente encontra o cigarro, amassado e coberto do algodão do bolso, enfia uma das extremidades na boca malcheirosa e acende a outra. Depois da folha de tabaco seca e cortada se encontrar por um breve instante de prazer no seu corpo, é soprada e por fim libertada. Livre para se dissolver, para se transformar em nada. Para ser esquecida.

Halvorsen pigarreou duas vezes.

– Como é que soubeste que ela tinha encomendado as chaves à loja da avenida Vibes?

Harry deitou a ponta do cigarro para o chão e apertou com mais força o casaco.

– Parece que Aune tinha razão – disse. – Vai chover. Se vais directamente para o Quartel-general da Polícia, dava-me jeito uma boleia.

– Devem existir centenas de lojas de chaves em Oslo, Harry.

– Hm. Liguei para o delegado do presidente do Comité Habitacional, Knut Arne Ringnes. Um homem simpático. Há vinte anos que mandam fazer as chaves na mesma loja. Vamos?

– Que bom teres aparecido – disse Beate Lønn quando Harry entrou na Casa da Dor. – Descobri uma coisa ontem à noite. Olha para isto. – Rebobinou o vídeo e pressionou o botão PAUSE. Uma imagem trémula e imóvel do rosto de Stine Grette, virado para a balaclava do assaltante, enchia o ecrã. – Aumentei uma parte da imagem vídeo. Queria ver o rosto de Stine tão grande quanto possível.

– Para quê? – perguntou Harry, a atirar-se para uma cadeira.

– Se olhares para o relógio, verás que isto ocorreu oito segundos antes de o Executor disparar...

– O Executor?

Ela sorriu timidamente.

– Foi apenas uma coisa que lhe comecei a chamar em privado. O meu avô tinha uma quinta, por isso eu... sim.

– Onde é que ficava?

– Valle no vale de Sete.

– E viste animais serem aí chacinados?

– Sim. – A entoação não convidava a mais perguntas. Beate pressionou o botão SLOW e o rosto de Stine Grette animou-se. Harry viu-a pestanejar e os lábios a moverem-se em câmara lenta. Estava a recear ver o tiro quando Beate parou de repente o vídeo.

– Viste aquilo? – perguntou ela entusiasmada.

Alguns segundos passaram até Harry perceber.

– Ela estava a falar! – disse ele. – Ela diz qualquer coisa segundos antes de ser abatida, mas não se consegue ouvir nada na gravação.

– Isso é porque ela está a sussurrar.

– Como é que não vi isso? Mas porquê? E o que é que ela está a dizer?

– Espero descobrir dentro em breve. Consegui apanhar um especialista em leitura labial do Instituto dos Surdos-Mudos. Vem agora a caminho.

– Ótimo.

Beate olhou para o relógio. Harry mordeu o lábio inferior, respirou fundo e disse em voz baixa:

– Beate, eu uma vez...

Viu-a endurecer quando utilizou o seu primeiro nome.

– Tive uma pareceria chamada Ellen Gjeltén.

– Eu sei – disse ela, apressadamente. – Foi morta junto ao rio.

– Sim. Quando ela e eu chegávamos a uma interrupção num caso, tínhamos várias técnicas para activar informação presa no inconsciente. Jogos de

associação. Escrevíamos palavras em pedaços de papel, esse tipo de coisa. – Harry, pouco à vontade, sorriu. – Pode parecer um pouco vago, mas, por vezes, produzia resultados. Pergunto-me se o poderíamos tentar.

– Se quiseres.

Harry voltou a ser atingido pelo facto de Beate parecer muito mais confiante quando estavam concentrados num vídeo ou no monitor de um computador. Olhava-o agora como se ele tivesse acabado de sugerir um *strip-poker*.

– Quero saber o que *sentes* em relação a este caso em particular – disse ele.

Ela riu-se nervosa.

– Emoções, hm.

– Esquece um bocado os factos frios. – Harry inclinou-se para a frente na cadeira. – Não sejas a rapariga inteligente. Não precisas de te fundamentar em nada para aquilo que disseres. Diz-me apenas o que o teu instinto te diz.

Beate baixou os olhos sobre a mesa. Harry esperou. Depois ergueu o rosto e olhou-o directamente nos olhos.

– A minha aposta vai para o dois.

– Dois?

– Previsões futebolísticas. Ganha a equipa visitante. Um dos cinquenta por cento que nunca solucionamos.

– Certo. E porquê?

– Aritmética simples. Quando se pensa em todos os idiotas que *não* apanhamos, um homem como o Executor, que pensou cuidadosamente nas coisas e conhece um pouco a maneira como trabalhamos, tem bastantes hipóteses.

– Hm. – Harry esfregou o rosto. – Então os teus instintos fazem matemática mental?

– Não exclusivamente. Há qualquer coisa na maneira como ele funciona. Tão determinado. Parece estar a ser conduzido...

– O que é que o está a conduzir, Beate? Dinheiro?

– Não sei. Segundo as estatísticas, o principal motivo para os assaltos é o dinheiro, o segundo a excitação e...

– Esquece as estatísticas, Beate. Agora és uma detective. Não estás apenas a

analisar as imagens de vídeo, mas as tuas interpretações inconscientes daquilo que viste. Confia em mim, essa é a pista mais importante que um detective pode ter.

Beate olhou para ele. Harry estava consciente de que a estava a tentar ensinar a sair de si mesma.

– Vamos! – incitou-a. – O que é que conduz o Executor?

– Emoções.

– Que tipo de emoções?

– Emoções fortes.

– Que tipo de emoções fortes, Beate?

Ela fechou os olhos.

– Amor ou ódio. Ódio. Não, amor. Não sei.

– Porque é que ele a mata?

– Porque ele... não.

– Vamos. Porque é que ele a mata? – Harry puxara a cadeira para mais perto da dela.

– Porque tem de o fazer. Porque foi predeterminado.

– Excelente! Porque é que foi predeterminado?

Ouviu-se uma pancada na porta.

Harry teria preferido que Fritz Bjelke do Instituto dos Surdos-Mudos não tivesse pedalado tão velozmente pela cidade para os ajudar, mas agora ele encontrava-se na soleira da porta – um homem amável e rotundo de óculos redondos, e um capacete de ciclista cor-de-rosa. Bjelke não era surdo, e definitivamente não era mudo. De modo a que conseguisse ler o máximo possível da posição dos lábios de Stine Grette, passaram a primeira parte da cassette vídeo onde podiam ouvir aquilo que ela dizia. Enquanto a cassette passava, Bjelke falava sem parar.

– Sou um especialista, mas na verdade todos nós lemos lábios apesar de ouvirmos aquilo que as pessoas dizem. É por isso que é uma sensação tão desconfortável quando os filmes dobrados ficam a milionésimos de segundo das vozes.

– Verdade – disse Harry. – Quanto a mim, não consigo ler nada da posição de lábios dela.

– O problema é que apenas trinta ou quarenta por cento de todas as palavras podem ser lidas directamente dos lábios. Para compreendermos o resto temos de estudar o rosto e a linguagem corporal, e usar os nossos próprios instintos linguísticos e lógica para introduzir as palavras em falta. Pensar é tão importante como ver.

– Ela começa a sussurrar agora – disse Beate.

Bjelke calou-se de imediato e concentrou-se intensamente nos movimentos minimalistas dos lábios no ecrã. Beate parou a gravação antes de o tiro ser disparado.

– Certo – disse Bjelke. – Mais uma vez.

E a seguir:

– Mais.

Depois:

– Mais uma vez, por favor.

Passadas sete vezes, assentiu em sinal de que já vira o suficiente.

– Não compreendo o que ela quer dizer – disse Bjelke. Harry e Beate trocaram um olhar. – Mas acho que sei aquilo que diz.

Beate quase corria pelo corredor para se manter a par de Harry.

– Ele é considerado como o maior especialista do país na sua área – disse.

– Isso não ajuda – disse Harry. – Ele mesmo disse que não tinha a certeza.

– Mas, e se ela disse aquilo que Bjelke achou que ela disse?

– Não faz qualquer sentido. Ele deve ter perdido uma negativa.

– Não concordo.

Harry parou e Beate quase chocou contra ele. Com uma expressão alarmada, olhou para um olho escancarado.

– Ótimo – disse ele.

Beate estava perplexa.

– O que é que queres dizer?

– Discordar é bom. Discordar significa que viste ou compreendeste algo, apesar de não teres bem a certeza do que é. E há uma coisa que eu não compreendi. – Harry recomeçou a andar. – Vamos partir do princípio que tens razão. Depois podemos considerar onde é que isso nos leva. – Parou em frente

do elevador e premiu o botão.

– Onde é que vais agora? – perguntou Beate.

– Verificar alguns pormenores. Estarei de volta em menos de uma hora.

As portas do elevador abriram-se e PAS Ivarsson saiu.

– Ah! – disse, a irradiar alegria. – Os cães de caça a seguir o rasto. Alguma coisa nova a reportar?

– A questão quanto a grupos paralelos é que não temos de reportar «coisas» com tanta frequência. Não é verdade? – disse Harry. Contornou-o e entrou no elevador. – Isto é, se é que te percebi e ao FBI.

O olhar e sorriso aberto de Ivarsson mantiveram-se fixos.

– É óbvio que teremos de partilhar informações-chave.

Harry premiu o botão para o primeiro piso, mas Ivarsson enfiou a mão entre as portas.

– Então?

Harry encolheu os ombros.

– Stine Grette sussurra qualquer coisa ao assaltante antes de ser abatida.

– Uh?

– Pensamos que ela diz: *A culpa é minha*.

– A culpa é minha?

– Sim.

Ivarsson franziu a testa.

– Isso não pode estar correcto, pois não? Faria mais sentido se ela tivesse dito: *A culpa não é minha*. Quero dizer, a culpa não foi dela se o gerente de balcão demorou mais seis segundos a colocar o dinheiro no saco.

– Não concordo – disse Harry, a olhar de modo evidente para o relógio. – Tivemos a ajuda de um dos principais especialistas do país, nessa área. Beate pode dar-te a conhecer os pormenores.

Ivarsson estava encostado a uma das portas do elevador, que se tentava fechar impaciente contra as suas costas.

– Então, ela esqueceu-se de uma negativa no meio da confusão. É só isso que têm? Beate?

Beate corou.

– Comecei agora mesmo a estudar o vídeo do assalto em Kirkeveien.

– Alguma conclusão?

Os olhos dela desviaram-se de Ivarsson para Harry, e de novo para Ivarsson.

– Por enquanto, ainda não.

– Então, não temos nada – disse Ivarsson. – Talvez fiquem satisfeitos por saber que identificámos nove suspeitos e que os trouxemos para interrogatório. E, por fim, temos uma estratégia para conseguirmos alguma coisa de Raskol.

– Raskol? – perguntou Harry.

– Raskol Baxhet, o rei das ratazanas de esgoto em pessoa – disse Ivarsson, a enfiar os dedos nas presilhas do cinto. Respirou fundo e levantou as calças com um sorriso alegre. – Mas Beate pode dar-te a conhecer os pormenores.

Mármore

Harry estava consciente de que, em certas questões, era de vistas curtas. Por exemplo, Bogstadveien. Ele não gostava de Bogstadveien. Não sabia porquê; talvez fosse porque naquela rua, pavimentada a ouro e petróleo, o Monte Feliz da Felizlândia, ninguém sorria. Harry também não sorria, mas ele vivia em Bislett, não era pago para sorrir e naquele momento tinha muito poucos motivos para o fazer. Contudo, isso não significava que Harry, em comum com grande parte dos noruegueses, não gostasse que *lhe* sorrissem.

Intimamente, tentou desculpar o rapaz atrás do balcão da loja de conveniência. Era provável que odiasse o seu trabalho, era provável que também vivesse em Bislett, e recomeçara a chover.

O rosto pálido com as borbulhas vermelhas e inflamadas lançou um olhar entediado ao distintivo da polícia.

– Como é que quer que eu saiba há quanto tempo é que aquele contentor está ali fora?

– Porque é verde e porque *lhe* tapa metade da vista da Bogstadveien – disse Harry.

O rapaz resmungou e colocou as mãos sobre as ancas que mal *lhe* aguentavam as calças.

– Há uma semana. Mais ou menos. Ei, há uma fila de pessoas atrás de si, sabia?

– Hm. Eu dei uma espreitadela para o interior. Está quase vazio, para além de algumas garrafas e jornais. Sabe quem o poderia ter requisitado?

– Não.

– Vejo que tem uma câmara de vigilância por cima do balcão. Parece que é capaz de ter apanhado o contentor.

– Se o diz.

– Se ainda tiver a gravação da última sexta-feira, gostaria de a ver.

– Ligue amanhã. Tobben estará cá.

– Tobben?

– O gerente da loja.

– Sugiro que ligue agora a Tobben e consiga a autorização para me dar a cassete, de modo a que eu não tenha de o deter durante mais tempo.

– Isso vai ter de esperar – disse o rapaz, e as borbulhas ficaram ainda mais vermelhas. – Agora não tenho tempo para ir à procura de uma cassete.

– Oh – disse Harry, sem esboçar um único movimento. – E que tal depois de fechar?

– Estamos abertos vinte e quatro horas – disse o rapaz, a rolar os olhos.

– Foi uma piada – disse Harry.

– Certo. Ah ah – replicou o rapaz com uma voz de sonâmbulo. – Vai comprar alguma coisa ou não?

Harry sacudiu a cabeça e o rapaz olhou para lá dele.

– Caixa está aberta.

Harry suspirou e virou-se para a fila que se amontoava em direcção ao balcão.

– A caixa não está aberta. Sou da polícia de Oslo. – Levantou o distintivo. – E este indivíduo está preso por ser incapaz de pronunciar o «A».

Em certas questões, Harry podia ser de vistas curtas. No entanto, naquele momento em particular, sentiu-se extremamente satisfeito com a resposta. Gostava que lhe sorrissem.

* * *

Mas não gostava do sorriso que parecia fazer parte do treino profissional de padres, políticos e cangalheiros. Sorriam com os *olhos* enquanto falavam e isso dava a herr Sandemann da Agência Funerária Sandemann uma sinceridade que, juntamente com a temperatura no armazém de caixões sob a Igreja de Majorstuen, fazia com que Harry estremecesse. Estudou o local. Dois caixões, uma cadeira, uma coroa, um agente funerário, um fato preto e um capachinho.

– Ela está maravilhosa – disse Sandemann. – Tranquila. Em paz. Digna. É da família?

– Não exactamente. – Harry mostrou o distintivo da polícia na esperança de que a sinceridade fosse reservada para a família mais próxima. Não era.

– Trágico que uma vida tão jovem tivesse acabado desta maneira. – Sandemann sorriu, a pressionar as palmas uma contra a outra. Os dedos do agente funerário eram invulgarmente magros e retorcidos.

– Gostaria de ver a roupa que a falecida vestia quando foi encontrada – disse Harry. – No seu escritório, disseram-me que a tinha trazido para aqui.

Sandemann assentiu, foi buscar um saco de plástico branco e explicou que fizera aquilo para o caso de parentes ou irmãos aparecerem, e poderia assim entregar-lha. Harry procurou em vão bolsos no vestido preto.

– Procura alguma coisa em particular? – perguntou Sandemann num tom inocente ao espreitar por cima do ombro de Harry.

– A chave de casa – disse Harry. – Não encontrou nada quando a... – olhou para os dedos contorcidos de Sandemann – despiu?

Sandemann fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

– A única coisa que tinha debaixo da saia era ela mesma. Para além da fotografia no sapato, é claro.

– A fotografia?

– Sim. Curioso, não é? Os costumes que eles têm. Ainda está no sapato.

Harry tirou um sapato preto, com um salto alto, do saco e captou uma imagem dela na entrada da porta quando ele chegara: vestido preto, sapatos pretos, boca vermelha.

A fotografia tinha os cantos dobrados, e era de uma mulher e três crianças numa praia. Parecia uma fotografia de férias de algures na Noruega com rochas grandes e planas dentro de água, e pinheiros altos nas encostas que se viam em pano de fundo.

– Alguém da família esteve aqui? – perguntou Harry.

– Apenas o tio. Com um dos seus colegas, naturalmente.

– Naturalmente?

– Sim, pelo que percebi ele está a cumprir uma pena de prisão.

Harry não respondeu. Sandemann inclinou-se para a frente e dobrou-se de tal maneira que a pequena cabeça pareceu retirar-se entre os seus ombros, fazendo com que se parecesse com um abutre.

– Perguntei-me para quê. – O sussurro soou como o grasnido áspero de uma ave. – Quero dizer, nem lhe vai ser permitido estar presente no funeral.

Harry pigarreou.

– Posso vê-la?

Sandemann pareceu desiludido, mas fez um gesto amável na direcção de um dos caixões.

Como sempre, Harry surpreendeu-se como um trabalho profissional podia melhorar a aparência de um cadáver. Anna parecia estar mesmo em paz. Tocou-lhe na testa. Era como tocar em mármore.

– O que é o colar? – perguntou Harry.

– Moedas de ouro – disse Sandemann. – Foi o tio que o trouxe.

– E o que é isto? – Harry levantou um maço de papel apertado com um elástico grosso e castanho. Era um molho de notas de cem kroner.

– Um costume que eles têm – disse Sandemann.

– Quem são esses *eles* de que está sempre a falar?

– Não sabe? – Os lábios finos e húmidos de Sandemann esboçaram um sorriso. – Ela era cigana.

* * *

Todas as mesas do refeitório do Quartel-general da Polícia estavam ocupadas por colegas em conversas animadas. Excepto uma. Harry dirigiu-se a ela.

– Passado algum tempo começa-se a conhecer as pessoas – disse. Beate olhou para ele com uma expressão de incompreensão, e Harry percebeu que talvez tivessem mais em comum do que aquilo que ele pensara. Sentou-se e pousou uma cassete vídeo à sua frente. – Isto foi gravado pela loja de conveniência do outro lado da rua em frente do banco, no dia do assalto. E tenho também uma gravação de quinta-feira. Podes ver se encontras alguma coisa de interessante?

– Queres dizer, se encontro o assaltante? – murmurou Beate com a boca cheia de pão e pasta de fígado. Harry estudou o seu almoço embalado.

– Bem, podemos ter essa esperança – disse.

– Claro – respondeu ela e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, enquanto se esforçava por engolir. – Em 1993, ocorreu o assalto ao Kreditkasse, em Frogner. O assaltante levou sacos de plástico com o logótipo da Shell para guardar o dinheiro, por isso verificámos a câmara de vigilância da estação de serviço Shell mais próxima. Descobrimos que ele tinha ali estado a comprar

sacos, dez minutos antes do assalto. Vestia a mesma roupa, mas sem máscara. Prendemo-lo meia hora depois.

– *Nós*, há oito anos? – perguntou Harry, sem pensar.

A cor do rosto de Beate mudou como as luzes de um semáforo. Pegou num pedaço de pão e tentou esconder-se atrás dele.

– O meu pai – murmurou.

– Desculpa. Não o quis dizer dessa maneira.

– Não tem importância – foi a resposta imediata.

– O teu pai...

– Foi morto – disse ela. – Aconteceu há muito tempo.

Harry ficou a ouvir os sons que ela emitia ao mastigar, enquanto olhava para as mãos.

– Porque é que trouxeste uma cassete da semana anterior ao assalto? – perguntou Beate.

– O contentor – disse Harry.

– O que é que tem?

– Liguei para a empresa de aluguer de contentores e perguntei. Foi pedido na quinta-feira por um tal Stein Søbstad em Industrigata e colocado no local combinado, directamente no exterior da loja de conveniência no dia a seguir. Há dois Stein Søbstad em Oslo e ambos negam terem alugado um contentor. A minha teoria é que o assaltante pediu que ele fosse ali colocado para cortar a visão da montra, de modo a que a câmara não o conseguisse filmar a atravessar a estrada quando saísse do banco. Se no mesmo dia em que alugou o contentor andou pela loja, talvez a câmara tenha apanhado alguém a olhar para o banco pela montra, a verificar os ângulos e por aí fora.

– Com um pouco de sorte. A testemunha no exterior da loja disse que o assaltante ainda tinha o rosto tapado quando atravessou a rua, por isso porque se teria dado a tanto trabalho com um contentor?

– O plano talvez fosse tirar a balaclava enquanto atravessava a rua. – Harry suspirou. – Não sei, só sei que se passa alguma coisa com aquele contentor verde. Está ali há uma semana, e, para além de um ou outro transeunte que atira lixo lá para dentro, ninguém o utilizou.

– Ok – disse Beate. Pegou no vídeo e levantou-se.

– Mais uma coisa – disse Harry. – O que é que sabes a respeito desse Raskol Baxhet?

– Raskol? – Beate franziu a testa. – Era uma espécie de figura mítica até se ter entregado. Se os rumores forem verdadeiros, de uma ou de outra maneira, esteve envolvido em noventa por cento dos assaltos a bancos de Oslo. Imagino que ele consiga apontar todos aqueles que cometeram um assalto a um banco em Oslo, durante os últimos vinte anos.

– Então é para isso que Ivarsson o está a utilizar. Onde é que ele está preso?

Beate apontou com um polegar por cima do ombro.

– Ali, na ala A.

– Em Botsen?

– Sim. E tem-se recusado a proferir uma palavra a qualquer agente da polícia desde que está preso.

– Então, porque é que Ivarsson acha que pode ser bem-sucedido?

– Porque encontrou por fim algo que Raskol quer, e que ele pode utilizar para negociar. Em Botsen dizem que foi a única coisa que Raskol pediu desde que foi preso. Autorização para ir ao funeral de um familiar.

– A sério? – disse Harry, esperando que o rosto não tivesse denunciado nada.

– O funeral dela é daqui a dois dias, e Raskol enviou um pedido urgente ao director da prisão para que lhe seja permitido estar presente.

Depois de Beate se ter afastado, Harry continuou sentado à mesa. O intervalo para o almoço estava terminado e o refeitório começava a esvaziar-se. Era suposto ser arejado e aconchegante, e era gerido por uma empresa nacional de *catering*, por isso Harry preferia almoçar na cidade. Mas, de repente, lembrou-se de que fora ali que dançara com Rakel na festa de Natal; fora exactamente ali que decidira atirar-se a ela. Ou teria sido ao contrário? Ainda sentia a curva das suas costas na mão.

Rakel.

Dentro de dois dias, seria o funeral de Anna e ninguém tinha a mais pequena dúvida de que ela morrera pela sua própria mão. Ele era a única pessoa que estivera em casa dela e que os poderia contradizer, mas não se conseguia lembrar de nada. Então, porque não podia deixar as coisas em paz? Tinha tudo a perder e nada a ganhar. Se por nenhuma outra razão, porque é que ele não poderia esquecer o caso por ele e por Rakel?

Harry pousou os cotovelos na mesa e embalou o rosto entre as mãos.

Iria contradizê-los, se o pudesse fazer?

Na mesa vizinha, as pessoas viraram-se quando ouviram a cadeira a arranhar o chão e viram o polícia de cabelo curto, pernas compridas e costas em mau estado a sair rapidamente do refeitório.

Sorte

As campainhas por cima da porta tocaram selvaticamente no quiosque escuro e apertado, quando os dois homens entraram a correr. O Elmer's Fruit & Tobacco era um dos últimos quiosques do seu género com revistas de carros, caça e pesca numa parede e revistas eróticas, cigarros e charutos na outra; bem como três montes de raspadinhas em cima do balcão entre barras de alcaçuz suadas e porcos de maçapão secos e cinzentos, do Natal anterior, atados com uma fita.

– Mesmo a tempo – disse Elmer, um homem careca e magro de sessenta anos com barba e sotaque de Nordland.

– Uau, foi repentino – disse Halvorsen, a sacudir a chuva dos ombros.

– Um típico Outono de Oslo – disse o homem do Norte no seu *bokmål* adquirido. – Ou uma seca ou um dilúvio. Um maço de Camel?

Harry assentiu e tirou a carteira.

– E duas raspadinhas para o jovem agente? – Elmer estendeu os cartões a Halvorsen, que esboçou um sorriso aberto e guardou-os rapidamente

– Não te importas de que fume aqui, Elmer? – perguntou Harry, a olhar para a enxurrada que agora açoitava os passeios desertos no exterior da montra suja.

– À vontade – disse Elmer, a dar-lhes o troco. – Venenos e apostas são o meu modo de subsistência.

Baixou-se para passar por baixo do balcão e dirigiu-se às traseiras da loja passando por uma cortina castanha torta, atrás da qual se ouvia uma máquina de café a gorgolejar.

– Aqui está a fotografia – disse Harry. – Só quero que descubras quem é a mulher.

– Só? – Halvorsen olhou para a fotografia granulosa e de cantos dobrados que Harry lhe estendeu.

– Começa por descobrir onde é que foi tirada – disse Harry e teve um forte ataque de tosse quando tentou reter o fumo nos pulmões. – Parece uma zona

de férias. Se o é, deve haver alguma pequena mercearia ou alguém que alugue casas, esse tipo de coisas. Se a família da fotografia é visitante habitual, alguém que ali trabalhe sabe quem eles são. Quando souberes isso, deixa o resto comigo.

– Tudo isto porque a fotografia estava no sapato?

– Não é um lugar vulgar para se guardar uma fotografia, pois não?

Halvorsen encolheu os ombros e saiu para a rua.

– Não está a parar – disse Harry.

– Eu sei, mas tenho de ir para casa.

– Para quê?

– Para uma coisa chamada vida. Nada que te interesse.

Harry esboçou um sorriso trocista para mostrar que compreendia que aquilo fora uma piada.

– Diverte-te.

As campainhas tocaram e a porta fechou-se atrás de Halvorsen. Harry deu uma passa no cigarro e, enquanto estudava a selecção do material de leitura de Elmer, apercebeu-se de como eram poucos os interesses que partilhava com o norueguês comum. Seria porque já não tinha nenhum? Música sim, mas há dez anos que ninguém fazia nada de jeito, nem sequer os seus antigos heróis. Filmes? Se actualmente saísse de um cinema sem sentir que lhe tinham feito uma lavagem ao cérebro, achava-se afortunado. Mais nada. Por outras palavras, a única coisa na qual ainda estava interessado era em encontrar pessoas e prendê-las. E nem sequer isso fazia com que o seu coração batesse como batera outrora. O que era assustador, pensou Harry pousando a mão no balcão frio e liso do Elmer's, era que aquele estado não o incomodava absolutamente nada. O facto de ter capitulado. Apenas lhe parecia libertador ser mais velho.

As campainhas voltaram a tocar furiosamente.

– Esqueci-me de te contar que ontem apanhámos um tipo por posse ilegal de arma – disse Halvorsen. – Roy Kinnsvik, um dos *skin-heads* do Herbert's Pizza. – Ficou na soleira da porta com a chuva a dançar-lhe à volta dos sapatos molhados.

– Hm?

– Estava obviamente assustado, por isso pedi-lhe que me desse algo de que

eu precisasse e deixá-lo-ia ir.

– E?

– Ele disse que viu Sverre Olsen em Grünerløkka na noite em que Ellen foi morta.

– E daí? Temos várias testemunhas que podem confirmar o mesmo.

– Sim, mas este tipo viu Olsen sentado com alguém num carro.

O cigarro de Harry caiu ao chão. Ignorou-o.

– Sabia quem era? – perguntou lentamente.

Halvorsen sacudiu a cabeça.

– Não, apenas reconheceu Olsen.

– Conseguiu uma descrição?

– Apenas se lembrava de que achou que o homem se parecia com um polícia. Mas disse que se o visse, era possível que o voltasse a reconhecer.

Harry sentiu-se a aquecer debaixo do casaco e articulou cada palavra com cuidado.

– Poderia dizer qual a marca do carro?

– Não, disse que passou por ele a acelerar.

Harry assentiu, a deslizar a mão ao longo da superfície do balcão.

Halvorsen pigarreou.

– Mas acha que era um carro desportivo.

Harry reparou no cigarro que ardia no chão.

– Cor?

Halvorsen ergueu uma palma para cima em sinal de desculpa.

– Era vermelho? – perguntou Harry, num tom de voz baixo e pesado.

– O que é que disseste?

Harry endireitou-se.

– Nada. Lembra-te do nome. E vai para casa para a tua vida.

As campainhas tocaram.

Harry deixou de acariciar o balcão, mas manteve ali a mão. De repente, pareceu-lhe ser de mármore frio.

Astrid Monsen tinha quarenta e cinco anos e a sua profissão era traduzir literatura francesa no estúdio do seu apartamento, em Sorgenfrigata. Não tinha nenhum homem na sua vida, mas tinha uma gravação contínua com o som de um cão a ladrar que punha a tocar de noite. Harry ouviu os passos dela e pelo menos três fechaduras a serem destrancadas, antes de a porta se abrir uma frincha e um rosto pequeno e sardento espreitar por entre caracóis negros.

– Ugh – exclamou o rosto ao ver a estrutura elevada de Harry.

O rosto podia ser desconhecido, mas Harry sentiu de imediato que já a vira antes. Possivelmente devido à pormenorizada descrição que Anna fizera da sua sinistra vizinha.

– Harry Hole, Brigada de Homicídios – disse, mostrando o distintivo. – Peço desculpa por a incomodar tão tarde. Tenho algumas perguntas para lhe fazer a respeito da noite em que Anna Bethsen morreu.

Tentou sorrir de modo tranquilizador quando viu que ela estava a ter problemas em fechar a boca. Pelo canto do olho, Harry viu um movimento atrás do vidro da porta do vizinho.

– Posso entrar, fru Monsen? Não demoro um minuto.

Astrid Monsen recuou dois passos, e Harry aproveitou a oportunidade para entrar na casa e fechar a porta atrás de si. Agora conseguia ver todo o seu cabelo estilo afro. Era óbvio que o pintara de preto, e o cabelo envolvia-lhe a pequena cabeça branca como um enorme globo.

Pararam em frente um do outro sob a luz fraca do vestíbulo, ao lado de flores secas e de um cartaz emoldurado do Museu Chagall, em Nice.

– Já me viu antes? – perguntou Harry.

– O que é... que quer dizer?

– Apenas se já me viu antes. Daqui a pouco, falarei do resto.

A boca dela abriu-se e fechou-se. Depois sacudiu firmemente a cabeça.

– Ótimo – disse Harry. – Estava em casa na terça à noite?

Ela assentiu hesitante.

– Viu ou ouviu alguma coisa?

– Nada – disse ela. Demasiado depressa para o gosto de Harry.

– Leve o seu tempo e pense bem – replicou ele a tentar esboçar um sorriso

amistoso, não a expressão mais habitual no seu repertório de expressões faciais.

– Nada... – disse ela, os olhos a procurar a porta atrás de Harry – ... absolutamente nada.

De novo na rua, Harry animou-se. Ouvira Astrid Monsen a fechar as trancas no exacto momento em que ele se encontrou do outro lado da porta. Pobre coitada. Era a última da sua lista e pôde concluir que ninguém o vira ou ouvira nas escadas, na noite em que Anna morrera.

Depois de duas baforadas, deitou o cigarro fora.

Em casa, sentou-se na poltrona a olhar durante muito tempo para o olho vermelho do gravador de mensagens antes de premir o botão PLAY. Era Rakel a desejar-lhe uma boa noite, e havia um jornalista que queria um comentário a respeito dos dois assaltos aos bancos. Depois disso rebobinou a cassete e ouviu a mensagem de Anna: «E importas-te de usar aquelas calças de ganga de que gosto tanto?»

Acariciou o rosto. Depois tirou a cassete e atirou-a para o caixote do lixo. No exterior ainda chovia e, no interior, Harry fez *zapping*. Andebol feminino, telenovelas e um concurso qualquer no qual se podia ficar milionário. Harry deteve-se numa discussão de um canal suíço entre um filósofo e um antropólogo social, a respeito do conceito de vingança. Um afirmava que um país como os Estados Unidos, que representa certos valores como a liberdade e a democracia tinha a responsabilidade moral de vingar ataques ao seu território, já que esses também eram ataques aos seus valores.

– Apenas o desejo de retaliação e a execução do mesmo, pode proteger um sistema tão vulnerável como a democracia.

– E se os valores que a democracia representa caem vítimas de um acto de vingança? – respondeu o outro. – E se os direitos de outro país, conforme estabelecidos pela lei internacional, forem violados? Que tipo de valores se está a defender se se privam cidadãos inocentes de direitos, na sua busca pelas partes culpadas? E quanto ao valor moral de virar a outra face?

– O problema é que temos apenas duas faces – disse o outro homem, com um sorriso. – Não é verdade?

Harry apagou a televisão. Perguntou-se se deveria ligar a Rakel, mas decidiu que era muito tarde. Tentou concentrar-se num livro de Jim Thompson, mas descobriu que as páginas da 24 à 38 tinham desaparecido. Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Abriu o frigorífico, e

olhou frustrado para o queijo branco e o frasco de compota de morango. Apetecia-lhe qualquer coisa, mas não sabia o quê. Fechou com toda a força a porta do frigorífico. Quem é que estava a tentar enganar? Aquilo que queria era uma bebida.

Às duas da manhã acordou na poltrona, completamente vestido. Levantou-se, dirigiu-se à casa de banho e bebeu um copo de água.

– Merda – disse ao seu reflexo no espelho. Foi até ao quarto e ligou o computador. Encontrou na Internet cento e quatro artigos em norueguês acerca de suicídio, mas nenhum acerca de vingança, apenas palavras-chave e *links* para motivos para vingança na literatura e na mitologia grega. Estava prestes a desligá-lo quando se apercebeu de que há duas semanas que não via os *e-mails*. Tinha dois. Um era do seu ISP, que o avisara há duas semanas que o serviço ia ser fechado. O outro endereço era *anna.beth@chello.no*. Clicou duas vezes em cima dele e leu a mensagem: *Olá, Harry. Não te esqueças da chave. Anna*. Fora enviada duas horas antes de ele se encontrar com ela pela última vez. Voltou a ler a mensagem. Tão curta. Tão... simples. Presumiu que era assim que as pessoas escreviam umas às outras. *Olá, Harry*. Aos olhos de observadores externos pareceria que eram velhos amigos, mas tinham-se conhecido apenas durante seis semanas e há muito tempo, e Harry nem sequer se apercebera de que ela tinha o seu endereço de *e-mail*.

Quando adormeceu, sonhou que estava de novo no banco com a arma. As pessoas que o cercavam eram de mármore.

Gadjo

— **H**oje está um tempo fantástico — disse Bjarne Møller ao entrar no gabinete de Harry e Halvorsen na manhã seguinte.

— Bem, tu lá sabes. Tens uma janela — disse Harry, sem erguer os olhos da chávena de café. — E uma cadeira nova — acrescentou quando Møller se deixou cair na cadeira defeituosa de Halvorsen, que soltou um guincho de dor.

— Bom dia, sol — replicou Møller. — Estás a ter um dia mau?

Harry encolheu os ombros.

— Estou a chegar aos quarenta e começo a gostar de resmungar. Alguma coisa de errado nisso?

— De modo algum. Já agora, é agradável ver-te de fato.

Harry levantou as lapelas do casaco como se só naquele momento tivesse descoberto o fato escuro.

— Ontem houve uma reunião de chefes de Unidade — disse Møller. — Queres a versão longa ou a resumida?

Harry mexeu o café com um lápis.

— Temos de deixar de investigar o caso de Ellen. É isso?

— O caso foi fechado há séculos, Harry. E o chefe do Departamento Forense diz que os andas a chatear com todo o tipo de provas antigas.

— Ontem encontrámos uma nova testemunha que...

— Há sempre uma nova testemunha, Harry. Eles apenas não querem mais.

— Mas...

— Traçámos-lhe uma linha por cima, Harry. Lamento.

Møller virou-se junto à porta.

— Vai dar um passeio ao sol. É capaz de ser o último dia quente durante algum tempo.

— Corre o boato de que está um dia ensolarado — disse Harry ao entrar na Casa da Dor e ver Beate. — Só para que saibas.

– Apaga a luz – disse ela. – E eu mostro-te uma coisa.

Ela soara excitada ao telefone, mas não dissera porquê. Pegou no telecomando.

– Não encontrei nada na cassete do dia em que o contentor foi alugado, mas dá uma olhadela ao dia do assalto.

Harry viu a loja de conveniência no ecrã. Viu o contentor verde pela montra, os bolos de creme no interior da loja, a nuca e o rabo do rapaz com quem falara no dia anterior. Estava a atender uma rapariga que comprava leite, uma *Cosmopolitan* e preservativos.

– A gravação está marcada 15h05, ou seja, quinze minutos antes do assalto. Agora vê.

A rapariga pegou nas suas coisas e saiu, a fila avançou e um homem num fato-macaco preto, com um boné de bico e abas laterais para as orelhas bem puxadas para baixo apontou para qualquer coisa que se encontrava em cima do balcão. Mantinha a cabeça baixa de modo a que não se lhe visse o rosto. Debaixo do braço tinha um saco de desporto, dobrado e preto.

– Mas que raio!? – sussurrou Harry.

– Este é o Executor – disse Beate.

– Tens a certeza? Há muitas pessoas que usam fatos-macacos pretos, e o assaltante não tinha um boné.

– Quando ele se afastar do balcão, vais ver que os sapatos são iguais aos do vídeo do assalto. E repara no alto que se vê à esquerda. Aquela é a AG3.

– Ele colou-a ao corpo. Mas o que é que ele está a fazer numa loja de conveniência?

– Está à espera da carrinha blindada e precisa de um posto de vigia onde não dê muito nas vistas. Fez um reconhecimento da zona e sabe que a carrinha de segurança chega entre as 15h15 e as 15h20. Entretanto, não pode andar de um lado para o outro com uma balaclava e anunciar as suas intenções, por isso usa um boné que lhe cobre grande parte do rosto. Se olhares atentamente, quando ele se aproxima do balcão, consegues ver o reflexo de um pequeno rectângulo de luz. É o reflexo de vidro. Estás a usar óculos escuros, não estás, seu Executor da merda! – Beate falou num tom de voz baixo mas rápido, com uma fúria que Harry nunca lhe ouvira antes. – Também é óbvio que sabe da câmara da loja. Não mostra o rosto. Olha para ele a verificar os ângulos! De facto, está a fazê-lo de uma maneira muito bem-

feita. Tenho de o reconhecer.

O rapaz atrás do balcão deu ao homem do fato-macaco um bolo de creme e pegou na moeda de dez kroner que ele colocara em cima do balcão.

– Olá.

– Certo – disse Beate. – Ele não está a usar luvas. Mas parece não ter tocado em nada na loja. E aqui podes ver o rectângulo de luz de que estava a falar.

Harry não disse uma palavra.

O homem saiu da loja depois da última pessoa da fila ser atendida.

– Hm. Vamos ter de recomeçar a procurar testemunhas – disse Harry, a levantar-se.

– Eu não seria assim tão optimista – disse Beate, ainda a olhar para o ecrã. – Lembra-te de que apenas uma testemunha disse ter visto o Executor a fugir, na hora de ponta de sexta-feira. O melhor esconderijo de um assaltante é entre a multidão.

– Ok, mas tens mais algumas sugestões?

– Senta-te ou vais perder o clímax.

Ligeiramente desconcertado, Harry lançou-lhe um olhar de lado e depois voltou a olhar para o ecrã. O rapaz atrás do balcão virara-se para a câmara com um dedo enfiado no nariz.

– O clímax de um homem é o... – resmungou Harry.

– Olha para o contentor no exterior da montra.

O painel de vidro reflectiu a luz, mas ainda conseguiam ver o homem do fato-macaco preto. Encontrava-se de pé no passeio entre o contentor e um carro estacionado. Estava de costas viradas para a câmara e tinha uma mão pousada na borda do contentor. Parecia estar atento ao banco enquanto comia o bolo de creme. O saco de desporto estava pousado no alcatrão.

– Aquele é o seu posto de vigia – disse Beate. – Ele encomendou um contentor e mandou-o colocarem-no exactamente naquele lugar. É engenhosamente simples. Pode observar a carrinha de segurança, enquanto se mantém escondido das câmaras. E repara na maneira como está posicionado. Primeiro, metade das pessoas que passam nem sequer o conseguem ver por causa do contentor, e aquelas que conseguem vêem um homem de fato-macaco e boné ao lado de um contentor: um pedreiro, um homem das

mudanças ou do lixo. Em resumo, nada que chame à atenção do córtex cerebral. Não é de admirar que não tenhamos conseguido mais testemunhas.

– Ele está a deixar algumas impressões digitais, grandes e gordas, no contentor – disse Harry. – Uma pena que a semana passada se tenha fartado de chover.

– Mas o bolo de creme...

– Também está a lambar os dedos. – Harry suspirou.

– ... deixa-o com sede. Vê agora.

O homem dobrou-se, abriu o saco de desporto e do interior tirou um saco de plástico branco. De dentro deste, tirou uma garrafa.

– Coca-Cola – sussurrou Beate. – Aumentei-a e coloquei-a numa imagem única antes de teres chegado. É uma garrafa de Coca-Cola com uma rolha.

O homem segurou a garrafa pelo gargalo enquanto tirava a rolha. Depois lançou a cabeça para trás, ergueu a garrafa no ar e bebeu. Viram as últimas gotas a escoarem, mas o boné tapava a boca aberta e o rosto. De seguida voltou a guardar a garrafa no saco de plástico, deu-lhe um nó e estava prestes a enfiá-lo no saco de desporto quando se deteve.

– Observa. Agora está a pensar – sussurrou Beate, e num tom monocórdico e baixo: – Quanto espaço é que o dinheiro vai ocupar? Quanto espaço é que o dinheiro vai ocupar?

O protagonista estudou o saco de desporto. Olhou para o contentor. Depois decidiu-se e, com um movimento rápido do braço pegou no saco, com a garrafa no interior, traçou um arco pelo ar e fê-lo aterrar no contentor aberto.

– Cesto! – rugiu Harry.

– A multidão vai ao rubro! – gritou Beate.

– Merda! – gritou Harry.

– Oh, não – resmungou Beate, e bateu desesperada com a cabeça no volante.

– Deviam ter acabado de sair – disse Harry. – Espera aqui!

Abriu a porta em frente de um ciclista que se teve de desviar do caminho, e atravessou a rua a correr, entrou na loja de conveniência e dirigiu-se ao balcão.

– Quando é que levaram o contentor? – perguntou ao rapaz que estava

prestes a embulhar dois cachorros Big Bite para duas raparigas de enormes traseiros.

– Espere pela sua vez, por amor de Deus – disse o rapaz sem levantar os olhos.

Uma das raparigas soltou um som indignado quando Harry se inclinou sobre o balcão, bloqueando o acesso ao frasco de *ketchup* e agarrou na frente da camisa verde do rapaz.

– Olá, sou eu outra vez – disse Harry. – Agora ouve com atenção, ou esta salsicha vai-te subir...

A expressão aterrorizada do rapaz forçou Harry a recompor-se. Solto-lhe a camisa e apontou para a montra, pela qual se via o Nordea Bank do outro lado da rua devido ao enorme intervalo deixado vago pelo contentor.

– Quando é que eles levaram o contentor? Depressa!

O rapaz engoliu em seco e olhou para Harry.

– Agora. Agora mesmo.

– Quando é agora?

– Há dois minutos. – Os olhos brilharam.

– Para onde é que iam?

– Como quer que saiba? Não sei népia acerca de contentores.

– Nada.

– Eh?

Mas Harry já tinha saído.

Harry levou o telemóvel vermelho de Beate ao ouvido.

– Aterro sanitário de Oslo? Fala da polícia, o inspector Harry Hole. Onde é que vocês esvaziam os vossos contentores? Os privados, sim. Metodica, ok. Onde é que... Verkseier Furulands vei in Alnabru? Obrigado. O quê? *Ou* Grønmo? Como é que sei qual...?

– Olha – disse Beate. – Um engarrafamento.

Os veículos parados, em frente do Kafé Lorry, em Hegdehaugsveien, formavam um muro aparentemente impenetrável em direcção ao cruzamento.

– Devíamos ter ido pela Uranienborgveien – disse Harry. – Ou por Kirkeveien.

– Uma pena que não sejas tu a conduzir – disse Beate, forçando a roda da frente a subir o passeio, a carregar na buzina e a acelerar. Os transeuntes saltaram para fora do caminho.

– Estou? – disse Harry para o telemóvel. – Vocês acabaram de recolher um contentor verde da Bogstadveien, junto ao cruzamento com a Industrigata. Para onde é que o vão levar? Sim. Eu espero.

– Vamos tentar Alnabru – disse Beate e entrou no cruzamento em frente de um eléctrico. As rodas giraram nos carris de aço até se conseguirem agarrar ao alcatrão. Harry teve uma estranha sensação de *déjà vu*.

Tinham chegado a Pilestredet quando o homem do aterro sanitário de Oslo voltou à linha para dizer que não conseguiam contactar o motorista pelo telemóvel, mas que era *provável* que o contentor fosse a caminho de Alnabru.

– Ótimo – disse Harry. – Pode ligar para Metodica e pedir-lhes para não esvaziarem o conteúdo do contentor no incinerador, até nós... O vosso escritório está fechado entre as 11h30 e o 12h00? Cuidado! Não, estava a falar com o meu motorista. Não, o *meu* motorista.

No túnel Ibsen, Harry ligou para o Quartel-general da Polícia e pediu-lhes que enviassem um carro-patrolha para Metodica mas o carro disponível mais próximo estava a, pelo menos, quinze minutos de distância.

– Merda! – Harry atirou o telemóvel por cima do ombro e bateu no tabliê.

Na rotunda entre Byporten e Plaza, Beate esgueirou-se por um intervalo entre um autocarro vermelho e uma carrinha Chevy, passando por cima do traço contínuo. Quando desceu a intersecção conhecida como a «máquina de trânsito» a 110 quilómetros por hora e executou uma derrapagem controlada sobre os pneus aos guinchos entrando numa curva apertada do lado do fiorde da estação central de Oslo, Harry percebeu que a esperança não estava completamente perdida.

– Quem foi o doido do filho da mãe que te ensinou a guiar? – perguntou ele, a agarrar-se o melhor possível ao serpentearem por entre os veículos na via rápida de três faixas que conduzia ao túnel Ekeberg.

– Fui auto-ensinada – respondeu Beate.

A meio do túnel Vålerenga, um caimão enorme, feio, a vomitar gasóleo surgiu à frente deles. Arrastava-se pela faixa da direita; nas traseiras, preso no lugar por dois braços mecânicos amarelos, encontrava-se um contentor verde com as palavras ATERRO SANITÁRIO OSLO.

– Simmm! – gritou Harry.

Beate ultrapassou o camião, abrandou e ligou o pisca direito. Harry baixou o vidro, estendeu uma mão que segurava o distintivo e com a outra fez sinal ao condutor para encostar à berma.

O motorista não levantou qualquer objecção quando Harry quis espreitar para dentro do contentor, mas perguntou se não seria melhor esperar até estarem no estaleiro em Metodica, onde podiam esvaziar o conteúdo no chão.

– Não quero que a garrafa se parta! – gritou Harry das traseiras do camião, e acima do ruído dos veículos que passavam.

– Estava a pensar no seu fato – disse o homem, mas nessa altura já Harry tinha trepado para o interior do contentor. No instante seguinte ouviu-se vindo do interior uma espécie de trovejar, e o motorista e Beate ouviram Harry praguejar. Depois, o som de algo a ser remexido. E por fim outro «Simm!», antes de ele reaparecer sobre a borda do contentor com um saco de plástico branco erguido bem acima da cabeça como se fosse um troféu.

– Vais entregar imediatamente a garrafa a Weber e diz-lhe que é urgente – disse Harry ao mesmo tempo que Beate ligava o carro. – Dá-lhe cumprimentos meus.

– Isso vai ajudar?

Harry coçou a cabeça.

– Não. Diz apenas que é urgente.

Ela riu-se. Não muito, não com muita vontade, mas Harry reparou na gargalhada.

– És sempre assim tão entusiasta? – perguntou ela.

– Eu? E tu? Estavas pronta a conduzires-nos directamente para uma sepultura prematura, não estavas?

Ela sorriu, mas não respondeu. Mexeu no retrovisor antes de voltar à estrada.

Harry olhou para o relógio.

– Raios!

– Tarde para um encontro?

– Achas que me podias dar boleia até à Igreja de Majorstuen?

– Claro. É por isso que estás de fato preto?

– Sim. Uma... amiga.

– Então primeiro talvez seja melhor tentares livrar-te dessa mancha castanha no ombro.

Harry esticou a cabeça para o lado.

– Do contentor – disse, a sacudir o ombro. – Já saiu?

Beate estendeu-lhe um lenço.

– Tenta com um pouco de cuspo. Era uma amiga próxima?

– Não. Ou sim... talvez, durante algum tempo. Mas temos de ir a funerais, não temos?

– *Tens?*

– *Tu não?*

– Só fui a um funeral em toda a minha vida.

Ficaram em silêncio.

– O teu pai?

Ela assentiu.

Passaram pelo cruzamento de Sinsen. Em Muselunden, na grande área relvada abaixo de Haraldsheimen, um homem e dois rapazes tinham um papagaio de papel no ar. Estavam todos três a olhar para o céu azul e Harry viu o homem a dar o fio ao rapaz mais alto.

– Ainda não apanhámos o homem que o fez – disse ela.

– Não, não apanhámos – disse Harry. – Ainda não.

– Deus dá e Deus tira – disse o padre, baixando os olhos sobre as fileiras de bancos vazios e o homem alto de cabelo curto que acabara de entrar em bicos dos pés, à procura de um lugar no fundo da igreja. Esperou até o eco de um soluço elevado e comovedor morrer sob o tecto abobadado. – Mas há vezes em que parece que Ele se limita a tirar.

O padre salientou a palavra «tira», e a acústica ergueu a palavra e transportou-a até às traseiras da igreja. Os soluços voltaram a aumentar. Harry observou. Pensara que Anna, que era tão extrovertida e animada, tivesse muitos amigos, mas contou apenas oito pessoas, seis na fila da frente e duas na parte de trás. Oito. Sim, bem, e quantas iriam ao seu funeral? Talvez oito pessoas não fosse uma média assim tão má.

Os soluços vinham da fila da frente onde Harry viu três cabeças envolvidas com lenços brilhantes e três homens de cabeça destapada. Os outros dois eram um homem sentado do lado esquerdo e uma mulher. Reconheceu o penteado afro em forma de globo de Astrid Monsen.

Os pedais do órgão chiaram, depois a música começou. Um salmo. A graça de Deus. Harry fechou os olhos e sentiu como estava cansado. As notas do órgão ergueram-se e afundaram-se, as notas elevadas a caírem do tecto como água. As vozes frágeis cantaram por perdão e misericórdia. Harry ansiou emergir em algo que pudesse aquecê-lo e escondê-lo. O Senhor virá para julgar os rápidos e os mortos. A vingança de Deus. Deus como Nemésis. As notas baixas do órgão fizeram com que os bancos de madeira desocupados vibrassem. A espada numa mão e a balança na outra, castigo e justiça. Ou nenhum castigo nem nenhuma justiça. Harry abriu os olhos.

Quatro homens carregavam o caixão. Harry reconheceu o agente Ola Li atrás de dois homens muito morenos em fatos Armani, com camisas abertas no pescoço. O quarto homem era tão alto que fazia com que o caixão se inclinasse. O fato pendia-lhe solto do corpo magro, mas era o único dos quatro que não parecia vergado pelo peso. Os olhos de Harry foram atraídos para o rosto do homem. Estreito, finamente formado com olhos castanhos, grandes e sofredores, colocados em covas fundas no crânio. O cabelo negro estava penteado para trás numa trança longa, deixando a testa alta e brilhante nua. A boca sensível, com o formato de um coração, estava cercada por uma barba comprida e bem tratada. Era como se Cristo tivesse descido do altar atrás do padre. E havia mais qualquer coisa. Há muito poucos rostos acerca dos quais se possa dizer isso, mas aquele rosto era *radioso*. Enquanto os quatro homens desciam a nave e se aproximavam de Harry, ele tentou ver o que o tornava tão radioso. Era a dor? Não era prazer. Bem? Mal?

Quando eles passaram, os olhos de ambos encontraram-se por breves instantes. Atrás deles seguia Astrid Monsen de olhos baixos, um homem de meia-idade com aparência de contabilista e três mulheres, duas mais velhas e uma mais nova, vestidas com saias coloridas. Soluçavam e gemiam, rolavam os olhos e contorciam as mãos num acompanhamento silencioso.

Harry levantou-se quando o minúsculo cortejo saiu da igreja.

– Engraçados, estes ciganos, não são, Hole? – As palavras ressoaram pela igreja. Harry virou-se. Era Ivarsson, fato preto, gravata e sorriso. – Quando eu era miúdo, tínhamos um jardineiro cigano. Ursari, viajavam por todo o lado com os ursos bailarinos, sabes. Chamava-se Josef. Sempre com música e partidas. Mas a morte, percebes... Estas pessoas têm uma relação com a

morte ainda mais tensa do que a nossa. Ficam mortas de medo dos *mule*, espíritos dos mortos. Acreditam que eles voltam. Josef costumava ir a uma mulher que os afastava. Aparentemente só as mulheres o podem fazer. Vamos.

Ivarsson tocou ao de leve no braço de Harry. Harry teve de cerrar os dentes para resistir ao impulso de sacudir a mão. Desceram os degraus da igreja. O ruído do trânsito na Kirkeveien afogou o repicar dos sinos. Um Cadillac preto com a porta traseira aberta esperava o cortejo fúnebre junto à avenida Schønings.

– Vão levar o caixão para o crematório Vestre – disse Ivarsson. – Queimar o corpo é um costume hindu que trouxeram com eles da Índia. Em Inglaterra, queimam a caravana do falecido, mas já não lhes é permitido trancarem a viúva no interior. – Riu-se. – É-lhes permitido levarem objectos pessoais. Josef contou-me da família cigana de um homem das demolições na Hungria. Colocaram dinamite no caixão dele e mandaram todo o crematório pelos ares.

Harry tirou um maço de Camel.

– Sei porque estás aqui, Hole – disse Ivarsson, com o mesmo sorriso. – Querias ver se tinhas a oportunidade de falar com ele, não era? – Ivarsson apontou com a cabeça para o cortejo e para a figura alta e magra que avançava lentamente enquanto os outros três avançavam cambaleantes, tentando manterem-se a par dele.

– Ele é que é o tal Raskol? – perguntou Harry, e enfiou um cigarro entre os lábios.

Ivarsson assentiu.

– É o tio dela.

– E os outros?

– Aparentemente, amigos.

– E a família?

– Eles não reconhecem a falecida.

– Oh.

– Essa é a versão de Raskol. Os ciganos são famosos pelas suas mentiras, mas aquilo que ele diz enquadra-se com as histórias que Josef contava acerca do seu modo de pensar.

– E que é?

– A honra da família é tudo. Foi por isso que a baniram. Segundo Raskol,

ela ia casar aos catorze anos com um *gringo*-cigano grego, em Espanha, mas antes de o casamento ser consumado fugiu com um *gadjo*.

– *Gadjo*?

– Um não cigano. Um marinheiro dinamarquês. A pior coisa que se pode fazer. Lança a vergonha sobre toda a família.

– Hm. – Enquanto falava, o cigarro por acender saltava para cima e para baixo na boca de Harry. – Estou a ver que conheces bastante bem esse Raskol.

Ivarsson afastou o fumo imaginário.

– Tivemos uma ou outra conversa. Eu chamar-lhes-ia escaramuças. Conversas substanciais virão depois de a nossa parte do acordo ter sido cumprida, por outras palavras, depois de ele ter estado presente no funeral.

– Então, até ao momento, ele não disse muito?

– Nada que tenha qualquer importância para a investigação. Mas o tom foi positivo.

– Tão positivo que a polícia está a ajudar a carregar a sua parente até ao seu local de repouso?

– O padre perguntou se Li ou eu podíamos ajudar a carregar o caixão para o número ficar certo. Por nós tudo bem, de qualquer maneira tínhamos de manter um olho nele. E vamos continuar. Isto é, a manter um olho nele.

Harry semicerrou os olhos sob o ofuscante sol outonal. Ivarsson virou-se para ele.

– Que uma coisa fique bem clara, Hole. Não é permitido a ninguém falar com Raskol até nós termos acabado de o fazer. Ninguém. Durante três anos tentei fazer um acordo com este homem que sabe tudo. E agora consegui. Não vou deixar que ninguém lixe as coisas. Compreendes o que quero dizer?

– Diz-me, Ivarsson, já que estamos a ter aqui uma pequena *tête-à-tête* – disse Harry, a tirar um pouco de tabaco da boca. – Este caso transformou-se numa competição entre nós dois?

Ivarsson levantou o rosto para o sol e soltou uma gargalhada.

– Sabes o que eu teria feito se fosse a ti? – disse ele de olhos fechados.

– O que terias feito? – perguntou Harry quando o silêncio deixou de ser tolerável.

– Teria enviado o meu fato para a lavandaria. Parece que estiveste deitado

num monte de entulho. – Levou dois dedos à sobrancelha. – Tem um bom dia.

Harry ficou sozinho nos degraus a fumar e a observar o desfile irregular do caixão branco ao longo do passeio.

Halvorsen rodou a cadeira quando Harry entrou.

– Ótimo que estejas aqui. Tenho algumas boas notícias. Eu... merda, que cheiro! – Halvorsen apertou o nariz e disse com uma entoação de previsão meteorológica: – O que é que aconteceu ao teu fato?

– Escorreguei num contentor do lixo. Quais são as notícias?

– Ohh... sim, bem, pensei que a fotografia poderia ser de uma zona de veraneio em Sørland, por isso enviei-a por *e-mail* para as esquadras de polícia em Aust-Agder. E, *bingo*, um agente de Risør ligou-me de imediato para dizer que conhecia bem a praia. Mas, sabes uma coisa?

– Acho que não.

– Não era em Sørland, mas em Larkollen!

Halvorsen olhou para Harry com um sorriso expectante e acrescentou, quando Harry não reagiu:

– Em Østfold. No exterior de Moss.

– Eu sei onde fica Larkollen, Halvorsen.

– Sim, mas este agente vem de...

– As pessoas de Sørland também vão de férias. Ligaste para Larkollen?

Halvorsen rolou os olhos desesperado.

– Sim, claro. Liguei para o parque de campismo e dois lugares que alugam casas. E para as únicas duas mercearias.

– Tiveste sorte?

– Sim. – Halvorsen voltou a resplandecer. – Enviei a fotografia por fax e um dos tipos da mercearia sabia quem ela era. Têm uma das melhores casas da zona. De vez em quando, ele faz-lhes entregas ao domicílio.

– E o nome da mulher é?

– Vigdis Albu?

– Albu? Elbow?

– Sim. Agora só existem dois deles na Noruega. Um nasceu em 1909. O outro tem quarenta e três anos, vive em Bjørnetråkket 12, em Slemdal, e

chama-se Arne Albu. E ei... aqui está o número de telefone, chefe.

– Não me chames isso – disse Harry, agarrando no telefone.

Halvorsen resmungou.

– O que é que se passa? Estás de mau humor ou qualquer coisa no género?

– Sim, mas não é por isso. Møller é que é o chefe. Eu não sou o chefe, ok?

Halvorsen estava prestes a dizer qualquer coisa, quando Harry ergueu imperiosamente a mão.

– Fru Albu?

Alguém precisara de muito tempo, dinheiro e espaço para construir a casa Albu. E de muito bom gosto. Ou, na opinião de Harry, muito mau gosto. Parecia que o arquitecto – se é que houvera algum – tentara fundir a tradição dos chalés noruegueses com o estilo das casas das plantações do Sul dos Estados Unidos, e um toque de beatitude rosada e suburbana. Os pés de Harry afundaram-se no caminho de cascalho que conduzia para lá de um jardim de arbustos ornamentais e bem-aparados, e um pequeno veado a beber de uma fonte. Na extremidade do telhado da garagem havia uma placa oval de cobre, ornamentada com uma bandeira azul que tinha um triângulo amarelo sobre um triângulo negro.

Ouviu-se, vindo das traseiras da casa, o som de um cão a ladrar furiosamente. Harry subiu os degraus largos por entre colunas, tocou à campainha e quase esperou defrontar-se com uma *mama* negra com um avental branco.

– Olá – chilreou ela, quase ao mesmo tempo que a porta se abria. Vigdis Albu era a imagem de uma daquelas mulheres de anúncios de *fitness*, que Harry por vezes via na televisão quando chegava à noite a casa. Tinha o mesmo sorriso branco, cabelo oxigenado Barbie e um corpo de classe alta, bem tonificado, apertado em calças de ginástica justas e um *top* reduzido. Também aumentara o peito, mas, pelo menos, tivera o bom senso de não exagerar no tamanho.

– Harry...

– Entre! – Sorriu com o mais ligeiro indício de rugas à volta dos olhos azuis, grandes e discretamente maquilhados.

Harry entrou para um vestíbulo espaçoso povoado por *trolls* gordos, feios, esculpidos em madeira, que lhe chegavam às ancas.

– Estava a lavar – explicou Vigdis Albu. Lançou-lhe um sorriso branco e

limpou cuidadosamente a testa com o indicador para não estragar a base.

– É melhor descalçar-me – disse Harry, e nesse momento lembrou-se do buraco na meia por cima do dedo grande do pé direito.

– Não, que Deus me proíba, a casa não. Temos pessoas para fazer isso. – Riu-se. – Mas gosto de ser eu mesma a lavar a roupa. Tem de haver limites quanto àquilo que podemos deixar os estranhos fazer numa casa, não acha?

– É bem verdade – murmurou Harry. Teve de se mover rapidamente para a conseguir acompanhar escadas acima. Passaram por uma cozinha de bom gosto e entraram numa sala de estar. Um amplo terraço encontrava-se para lá de duas portas de vidro deslizantes. Na parede principal havia uma enorme construção em tijolo, uma espécie de casa, algo entre a Câmara Municipal de Oslo e um cenotáfio.

– Projectada por Per Hummel para o quadragésimo aniversário de Arne – disse Vigdis. – Per é nosso amigo.

– Sim, Per projectou mesmo... uma grande lareira.

– Estou certa de que conhece Per Hummel, o arquitecto. Conhece a nova capela de Holmenkollen?

– Receio bem que não – disse Harry e estendeu-lhe a fotografia. – Importa-se de ver isto?

Observou a surpresa a espalhar-se pelo rosto dela.

– Mas é a fotografia que Arne nos tirou o ano passado, em Larkollen. Como é que chegou às suas mãos?

Harry esperou para ver se ela conseguia manter a expressão genuinamente intrigada antes de responder. Conseguiu.

– Encontrámo-la dentro do sapato de uma mulher chamada Anna Bethsen – disse. De seguida, testemunhou a reacção em cadeia de pensamentos, raciocínios e emoções a reflectirem-se no rosto de Vigdis Albu, como se fosse uma telenovela em *fast forward*. Primeiro, surpresa, depois espanto e a seguir confusão. Depois, um pressentimento, que foi primeiro rejeitado por uma gargalhada céptica, mas que se aguentou e pareceu crescer até uma tomada de consciência. E, por fim, o rosto fechado com um subtítulo: *Tem de haver limites quanto àquilo que podemos deixar os estranhos fazer numa casa, não acha?*

Harry brincou com o maço de cigarros que tirara do bolso. Um grande cinzeiro de vidro ocupava uma posição orgulhosa no meio da mesa de centro.

– Conhece Anna Bethsen, fru Albu?

– Claro que não. Deveria conhecê-la?

– Não sei – respondeu Harry com toda a honestidade. – Ela morreu. E eu fiquei a perguntar-me o que é que uma fotografia tão pessoal estaria a fazer dentro do seu sapato. Alguma ideia?

Vigdis Albu tentou esboçar um sorriso indulgente, mas a boca não lhe obedeceu. Contentou-se com uma sacudidela enérgica da cabeça.

Harry esperou, sem se mover, descontraído. Tal como os pés se tinham afundado no cascalho, também sentiu o corpo a afundar-se no sofá branco e fundo. A experiência ensinara-lhe que o silêncio era o mais eficaz de todos os métodos para fazer com que outros falassem. Quando dois desconhecidos se sentavam um em frente do outro, o silêncio funcionava como um vácuo, a sugar as palavras. Ficaram assim sentados durante dez segundos eternos. Vigdis Albu engoliu em seco.

– Talvez a empregada a tenha visto caída algures e a tenha levado com ela. E depois a tenha dado a essa... era Anna que ela se chamava?

– Hm. Importa-se que fume, fru Albu?

– Não fumamos em casa. Nem eu nem o meu marido... – Levou rapidamente uma mão à trança. – Por causa de Alexander, o nosso filho mais novo, tem asma.

– Lamento. Como é que o seu marido passa o tempo?

Ela olhou-o boquiaberta, e os olhos azuis grandes tornaram-se ainda maiores.

– Quero dizer, em que é que trabalha? – Harry voltou a guardar o maço no bolso interior do casaco.

– É investidor. Vendeu a empresa há cerca de três anos.

– Que empresa?

– A Albu AS. Importação de toalhas e tapetes de chuveiro para hotéis e instituições.

– Devem ter sido muitas toalhas. E tapetes de chuveiro.

– A empresa trabalhava com toda a Escandinávia.

– Parabéns. A bandeira na garagem não é a bandeira de um consulado?

Vigdis Albu recompusera-se e tirou o elástico do cabelo. Harry pensou que

ela fizera alguma coisa ao rosto. Havia algo nas proporções que não parecia correcto. Por outras palavras, elas eram *demasiado* correctas. O seu rosto era quase artificialmente simétrico.

– De Santa Lúcia. O meu marido foi durante onze anos o cônsul norueguês no país. Tínhamos uma fábrica onde cosiam tapetes de chuveiro. Também temos lá uma pequena casa. Já estive em...?

– Não.

– Uma ilha fantástica, doce, maravilhosa. Alguns dos habitantes mais velhos ainda falam francês. Devo dizer que é um francês incompreensível, mas é difícil de acreditar como são encantadores.

– Francês crioulo.

– O quê?

– Já li coisas a esse respeito. Acha que o seu marido poderá saber como é que esta fotografia foi parar nas mãos de uma mulher morta?

– Não imagino como o poderá saber. Porque é que o deveria saber?

– Hm. – Harry sorriu. – Talvez também seja difícil dizer porque é que alguém tem a fotografia de desconhecidos enfiada no próprio sapato. – Levantou-se. – Onde é que o posso encontrar, fru Abu?

Enquanto Harry apontava o número de telefone e morada do escritório de Arne Abu, olhou por acaso para o sofá onde estivera sentado.

– Hm... – disse quando viu Vigdis Abu a seguir-lhe o olhar. – Escorreguei no contentor de lixo. Claro que eu...

– Não tem importância – interrompeu-o ela. – De qualquer maneira na próxima semana, a cobertura vai ser limpa a seco.

Na escadaria exterior, perguntou a Harry se, pensando melhor, ele poderia esperar até às cinco horas para ligar ao marido.

– A essa hora, já está em casa e não estará tão ocupado.

Harry não respondeu e observou os cantos da boca da mulher a subirem e a descerem.

– Depois ele e eu podemos... ver se lhe conseguimos resolver este assunto.

– Obrigado, é muito amável da sua parte, mas tenho aqui o meu carro e fica-me em caminho, por isso vou directamente até ao escritório tentar ver se o encontro.

– Ok – disse ela com um sorriso corajoso.

O ladrar do cão seguiu Harry ao longo de todo o caminho. Ao chegar ao portão, virou-se. Vigdis Albu ainda estava de pé na escadaria em frente da casa rosa da plantação. Tinha a cabeça baixa e o sol incidia-lhe no cabelo e no equipamento desportivo brilhante. À distância parecia-se com um minúsculo veado de bronze.

Harry não conseguiu encontrar um lugar de estacionamento que não fosse proibido, nem Arne Albu na morada em Vika Atrium. Apenas uma recepcionista que o informou que Albu alugara um escritório com três outros investidores, e que estava a almoçar com uma «firma de correctores».

Ao sair do edifício, Harry encontrou uma multa sob o limpa-pará-brisas. Levou-a juntamente com o seu mau humor até ao SS Louise, que não era na verdade um barco a vapor mas um restaurante em Aker Brygge. Ao contrário do Schrøder's, serviam refeições comestíveis a clientes abastados cujos endereços empresariais se situavam naquilo a que, caridosamente, se poderia chamar a Wall Street de Oslo. Harry nunca se sentira completamente à vontade na Aker Brygge, mas talvez isso fosse porque nascera em Oslo e não era um turista. Trocou algumas palavras com um empregado de mesa, que apontou para uma mesa junto da janela.

– Cavalheiros, peço desculpa por vos interromper – disse Harry.

– Ah, finalmente – exclamou um dos três homens à mesa, a lançar a franja para trás. – Chama a isto vinho à temperatura ambiente?

– Eu chamar-lhe-ia vinho tinto norueguês despejado para dentro de uma garrafa de Clos des Papes – disse Harry.

Surpreendido o Franja olhou Harry e o seu fato escuro, de alto a baixo.

– Uma piada. – Harry sorriu. – Sou agente da polícia.

À surpresa seguiu-se o alarme.

– Não de crimes ambientais.

Alívio seguido por pontos de interrogação. Harry ouviu gargalhadas infantis e respirou fundo. Decidiu como ia colocar a questão, mas não fazia a mínima ideia de como é que aquilo iria acabar.

– Arne Albu?

– Sou eu – respondeu o homem que se rira. Era magro com cabelo escuro, curto e encaracolado, e rugas de riso à volta dos olhos, o que disse a Harry que se ria muito e era mais velho do que os trinta e cinco anos que

inicialmente lhe teria dado. – Peço desculpa pelo mal-entendido – prosseguiu, ainda com o som de riso na voz. – Posso ajudá-lo, senhor agente?

Harry observou-o, e antes de prosseguir tentou formar rapidamente uma imagem do homem. A tonalidade da voz era da variante sonora. Olhar firme. Colarinho branco imaculado atrás de uma gravata, não demasiado solta nem demasiado apertada. O facto de não se ter resumido a um simples «Sou eu», mas ter acrescentado uma desculpa e um «Posso ajudá-lo, senhor agente?» – com uma ênfase ligeiramente irónica no «agente» – sugeriu que Arne Albu ou era muito autoconfiante ou tinha uma enorme prática em transmitir essa imagem.

Harry concentrou-se. Não naquilo que ia dizer, mas no modo como Albu ia reagir.

– Pode, sim, Albu. Conhece Anna Bethsen?

Albu olhou para Harry com os mesmos olhos azuis da mulher, e passado um instante de reflexão soltou uma resposta alta e clara:

– Não.

O rosto de Albu não revelou a Harry mais do que a boca revelara. Não que Harry pensasse que o fosse revelar. Já há muito que deixara de acreditar no mito que dizia, que indivíduos cujas profissões os faziam conviver diariamente com mentiras aprendiam a reconhecê-las. Houvera uma vez um polícia que durante um caso em tribunal afirmara que, dada a sua longa experiência, sabia quando os acusados estavam a mentir. Ståle Aune, de novo um instrumento da defesa, respondera que pesquisas mostravam que nenhum grupo profissional era melhor que outro a detectar mentiras; um empregado de limpeza era tão bom quanto um psicólogo ou um polícia, ou seja, tão mau. O único grupo, num estudo comparado, que se situou acima da média geral foi o dos agentes dos serviços secretos. No entanto, Harry não era agente dos serviços secretos. Era um rapaz de Oppsal pressionado pelo tempo, de mau humor e naquele momento a mostrar um péssimo discernimento. Confrontar um homem em circunstâncias potencialmente comprometedoras na presença de outros, sem quaisquer fundamentos para suspeitas, não poderia ser considerado algo de eficaz nem aquilo que qualquer pessoa teria chamado de jogo justo. Por isso, Harry tinha a consciência de que não devia estar a fazer aquilo.

– Alguma ideia de quem lhe poderia ter dado esta fotografia?

Os três homens estudaram a fotografia que Harry pousou sobre a mesa.

– Não faço a mínima ideia – disse Albu. – A minha mulher? Os meus filhos talvez?

– Hm. – Harry procurou alterações nas pupilas, sinais de uma pulsação mais acelerada, transpiração ou um enrubescer.

– Não sei qual o motivo disto, senhor agente, mas já que se deu ao incómodo de me encontrar, presumo que não se trata de uma trivialidade. Talvez possamos falar a este respeito em privado, depois de terminada a minha reunião com estes cavalheiros do Handelsbanken. Se quiser esperar, posso pedir ao empregado para lhe arranjar uma mesa na zona de fumadores.

Harry não conseguiu decidir se o sorriso de Albu era trocista ou apenas prestável. Nem sequer isso conseguiu fazer.

– Não tenho tempo – disse Harry. – Por isso, se nos pudéssemos apenas sentar...

– Receio também não ter tempo – interrompeu-o Albu numa voz calma, mas firme. – Estou no meu horário de trabalho, e assim só poderemos falar esta tarde. Isto é, se ainda for da opinião que o poderei ajudar nalguma coisa.

Harry engoliu em seco. Estava impotente e viu que Albu o sabia.

– Falamos então nessa altura – disse Harry e percebeu como soava patético.

– Obrigado, senhor agente. – Albu inclinou a cabeça com um sorriso. – É provável que tenha razão quanto ao vinho. – Virou-se de frente para um dos homens do Handelsbanken. – O que é que estavas a dizer, Stein, a respeito da Opticom?

Harry pegou na fotografia e, antes de sair, teve de suportar o sorriso maldisfarçado do corrector da franja.

Na extremidade do pontão, acendeu um cigarro mas não lhe soube a nada e deitou-o fora com um resmungo. O sol reflectia-se numa janela da fortaleza Akershus e o mar estava tão calmo que parecia haver uma fina camada de gelo translúcido no cimo. Porque é que fizera aquilo? Para quê aquela tentativa suicida de humilhar um homem que não conhecia? Apenas para o levantarem com luvas de seda e deitarem-no fora.

Ergueu o rosto para o Sol, fechou os olhos e perguntou-se se naquele dia deveria fazer algo de inteligente para variar. Como desistir totalmente do caso. Nada parecia fazer sentido; era apenas o habitual estado de caos e desorientação. Os sinos da Câmara Municipal começaram a repicar.

Ainda não sabia que Møller tinha razão. Aquele ia ser o último dia quente

do ano.

Mamco G-Con 45

Corajoso Oleg.

– Vou ficar bem – dissera ele ao telefone. Uma e outra vez, como se tivesse um plano secreto. – A mamã e eu voltaremos dentro de pouco tempo.

Harry encontrava-se junto da janela a olhar para o céu sobre o telhado do edifício à sua frente, enquanto o sol de fim de tarde pintava de laranja e vermelho a zona inferior de uma camada de nuvens estreitas e onduladas. A caminho de casa a temperatura caíra abrupta e inexplicavelmente, como se alguém tivesse aberto uma porta invisível e todo o calor tivesse sido sugado. No apartamento, o frio começara a subir através do soalho. Onde é que deixara as pantufas de feltro? Na cave ou no sótão? Teria mesmo pantufas? Não se conseguia lembrar. Por sorte, assentara o nome do *kit* de PlayStation que prometera comprar a Oleg, se ele conseguisse bater o seu recorde de Tetris no GameBoy. Namco G-Con 45.

Atrás de si, as notícias zumbiam no televisor de 14 polegadas. Outra gala para angariar fundos para vítimas. Julia Roberts a exhibir a sua simpatia e Sylvester Stallone a receber chamadas de doadores. E a hora da vingança chegara. Imagens que mostravam encostas montanhosas a serem varridas por bombas. Colunas negras de fumo a erguerem-se de rochas e nada a crescer naquela paisagem desolada. O telefone tocou.

Era Weber. No Quartel-general da Polícia, e de um modo geral, a reputação de Weber mostrava-o como um velho teimoso e rabugento, com o qual era difícil trabalhar. Harry era de opinião contrária. Tinha-se apenas de estar consciente de que ele se mostraria intratável se se fosse desrespeitoso ou se o apressassem.

– Sei que estavas à espera dos resultados – disse Weber. – Não encontramos nenhum ADN na garrafa, apenas algumas impressões digitais muito ténues.

– Ótimo. Estava com receio de que pudessem ter sido destruídas, apesar de a garrafa se encontrar dentro do saco de plástico.

– Por sorte era uma garrafa de vidro. A oleosidade das impressões numa garrafa de plástico teriam sido absorvidas passados alguns dias.

Harry ouviu, em ruído de fundo, o som arranhado dos esfregaços de amostras.

– Ainda estás a trabalhar, Weber?

– Sim.

– Quando é que vais verificar as impressões no banco de dados?

– Estás a apressar-me? – resmungou, desconfiado, o homem da equipa forense.

– De modo nenhum. Tenho oceanos de tempo, Weber.

– Amanhã. Não sou nenhum génio de computadores e os tipos mais novos já foram para casa.

– E tu?

– Só vou comparar as impressões com as de alguns indivíduos, mas à maneira antiga. Dorme bem, Hole. O Senhor Lei⁴ vai manter-se vigilante.

Harry pousou o auscultador, dirigiu-se ao quarto e ligou o computador. O *jingle* chilreado do Windows afogou, por instantes, a retórica da vingança americana na sala de estar. Clicou no vídeo do assalto em Kirkeveien. Passou várias vezes o vídeo de má qualidade, sem ficar a saber mais ou a saber menos. Clicou no *icon* do *e-mail*. Surgiu a ampulheta e a indicação de que tinha correio. O telefone do vestíbulo voltou a tocar. Harry lançou um olhar ao relógio antes de levantar o auscultador e dizer «olá» com a voz terna que reservava para Rakel.

– Fala Arne Albu. Peço desculpa por lhe ligar de noite, mas a minha mulher deu-me o seu nome e pensei que pudesse esclarecer este assunto de imediato. É-lhe conveniente?

– Ótimo – disse Harry acanhadamente, no seu tom de voz habitual.

– Bem, tive uma conversa com a minha mulher, e nenhum de nós ouviu falar nessa mulher nem sabe como é que ela entrou na posse da fotografia. Mas a fotografia foi revelada por um profissional, e talvez alguém que trabalhe na loja tenha ficado com uma cópia. Também há muitas idas e vindas na nossa casa, e assim podem existir muitas, *muitas* explicações possíveis.

– Hm. – Harry reparou que a voz de Arne Albu não tinha a mesma compostura flagrante que tivera antes, naquele mesmo dia. Passados alguns segundos de um silêncio apenas quebrado pela estática, Albu prosseguiu:

– Se precisar de falar mais a este respeito, pode contactar-me no meu

escritório. Sei pela minha mulher que ela lhe deu o meu número de telefone.

– E eu sei que não quer ser perturbado durante as suas horas de serviço.

– Não quero... que a minha mulher fique perturbada. Uma mulher morta com uma fotografia num sapato, santo Deus! Gostaria que passasse a tratar disso comigo.

– Compreendo. Mas a fotografia é da sua mulher e filhos!

– Estou-lhe a dizer que ela não sabe nada a esse respeito! – E de seguida aparentemente arrependido do tom zangado, acrescentou: – Prometo que irei examinar todas as hipóteses possíveis e tentar encontrar uma explicação para isto.

– Agradeço-lhe a proposta, mas ainda me reservo o direito de falar com quem achar necessário. – Harry ouviu a respiração de Albu antes de acrescentar: – Espero que compreenda.

– Oiça...

– Receio que não seja um assunto em discussão. Entrarei em contacto consigo ou com a sua mulher, se houver alguma coisa que precise de saber.

– Espere um instante! Não compreende. A minha mulher fica... muito perturbada.

– Tem razão, não compreendo. Ela está doente?

– Doente? – perguntou Albu com um tom de surpresa na voz. – Não, mas...

– Então sugiro que terminemos agora a nossa conversa. – Harry olhou para o seu reflexo no espelho. – Este é o meu horário de folga. Boa noite.

Pousou o auscultador e voltou a olhar-se ao espelho. O ligeiro sorriso tinha desaparecido, a satisfação que só o Rancor dá. A Mesquinhez. A Arrogância. O Sadismo. As quatro iniciais da vingança. No entanto também havia outra coisa. Qualquer coisa que parecia errada. Faltava qualquer coisa. Estudou a imagem reflectida. Talvez fosse apenas o modo como a luz incidia no espelho.

Sentou-se em frente do computador, enquanto pensava que devia falar a Aune das quatro iniciais. Ele colecionava esse tipo de coisa. O *e-mail* que acabara de receber era de um endereço que nunca vira antes: *furie@bolde.com*. Clicou nele.

Enquanto estava ali sentado, um arrepio atravessou o corpo de Harry Hole, um arrepio que se iria demorar por ali durante muito tempo.

Aconteceu enquanto lia o que surgira no monitor. Os pêlos da nuca ergueram-se e a pele à volta do corpo apertou-se como roupa encolhida.

Vamos jogar? Vamos imaginar que foste jantar com uma mulher e no dia seguinte ela aparece morta. O que é que fazes?

S2MN

O telefone soltou o seu lamento. Harry sabia que era Rakel. Deixou-o tocar.

⁴ Referência a um personagem da série de contos infantis Noddy, da autoria de Enid Blyton. No original, Uncle Plod. (*N. da T.*)

Lágrimas Árabes

Assim que entrou no gabinete, Halvorsen mostrou-se muito surpreendido por ver Harry.

– Já chegaste? Sabes que são apenas...

– Não conseguia dormir – murmurou Harry, sentado a olhar para o monitor do computador de braços cruzados. – Estas máquinas são tão irritantemente lentas.

Halvorsen espreitou por cima do ombro dele.

– Tudo depende da velocidade da transferência de dados quando estás na Net. Agora estás a usar uma linha ISDN *standard* mas, anima-te, em breve teremos banda larga. Andas à procura de artigos no *Dagens Næringsliv*?

– Eh?... Sim.

– Arne Albu? Falaste com Vigdis Albu?

– Sim.

– O que é que eles têm a ver com o assalto ao banco?

Harry não ergueu os olhos. Não dissera que tinham alguma coisa a ver com o assalto, mas também não dissera que não tinham, por isso era muito natural que o colega tivesse feito aquela associação. Harry foi poupado à resposta, porque nesse momento o rosto de Arne Albu encheu o monitor. O sorriso mais aberto que Harry vira naquele dia presidia sobre uma gravata de nó bem-apertado. Halvorsen deu um estalido com os lábios e leu em voz alta:

– *Trinta milhões pelo negócio de família. Hoje Arne Albu pôde meter ao bolso trinta milhões de kroner depois de a cadeia de hotéis Choice ter adquirido ontem todas as suas acções da Albu AS. Albu afirma que pretende dedicar mais tempo à família, o que constituiu o principal motivo da venda da sua empresa de sucesso. «Quero ver os meus filhos crescer», disse Albu quando entrevistado. «A família é o meu investimento mais importante.»*

Harry pressionou PRINT.

– Não queres o resto do artigo?

– Não, só quero a fotografia – disse Harry.

– Trinta milhões no banco e agora também começou a assaltá-los?

– Eu depois explico-te – disse Harry, e levantou-se. – Entretanto, gostaria de saber se me poderás explicar como é que se descobre quem nos envia um *e-mail*.

– O endereço vem no *e-mail*.

– E isso vem na lista telefónica, certo?

– Não, mas podes descobrir qual o servidor que o enviou. O nome do servidor encontra-se no endereço. O servidor tem uma lista dos clientes e dos respectivos endereços. Muito simples. Recebeste algum *e-mail* interessante?

Harry sacudiu a cabeça.

– Dá-me o endereço que descubro-te isso num instante – disse Halvorsen.

– Ok. Alguma vez ouviste falar de um servidor chamado bolde.com?

– Não, mas posso verificá-lo. Qual é o resto do endereço?

Harry hesitou.

– Esqueci-me – disse.

Hole requisitou um carro à garagem e conduziu lentamente por Grønland. Um vento frio fazia rodopiar as folhas que tinham secado no passeio sob o sol do dia anterior. Transeuntes passavam com as mãos enfiadas nas algibeiras e as cabeças metidas entre os ombros.

Na Pilestredet, meteu-se atrás de um eléctrico e procurou a estação NRK no rádio. Não disseram nada a respeito do caso de Stine Grette. Havia receios de que milhares de crianças refugiadas não conseguissem sobreviver ao duro Inverno afegão. Um soldado americano fora morto. Ouviu uma entrevista com a família. Queriam vingança. Bislett estava fechado ao trânsito e havia um desvio.

– Sim? – Uma sílaba pelo intercomunicador foi suficiente para perceber que Astrid Monsen estava muito constipada.

– Harry Hole. Agradeço-lhe a sua ajuda até ao momento. Mas gostaria de saber se lhe podia fazer mais algumas perguntas. Tem tempo?

Ela fungou duas vezes antes de responder.

– Acerca de quê?

– Preferia não ficar aqui a perguntar.

Mais duas fungadelas.

– É um momento oportuno? – perguntou Harry.

O trinco zumbiu e Harry empurrou a porta.

Quando subiu as escadas, Astrid Monsen estava de pé no corredor com um xaile em cima dos ombros e os braços cruzados.

– Vi-a no funeral – disse Harry.

– Achei que pelo menos um dos vizinhos devia comparecer – disse ela. Parecia estar a falar por um megafone.

– Gostaria de saber se reconhece esta pessoa.

Ela pegou relutante na fotografia de cantos dobrados.

– Qual delas?

– Na verdade, qualquer uma. – A voz de Harry ressoou pela escadaria.

Astrid Monsen olhou para a fotografia. Demoradamente.

– Então?

Ela sacudiu a cabeça.

– Tem a certeza?

Ela assentiu.

– Hm. Sabe se Anna tinha um companheiro?

– Um?

Harry respirou fundo.

– Quer dizer que havia muitos?

Ela encolheu os ombros.

– Neste prédio, conseguem ouvir-se todos os sons. Digamos que as escadas estalam.

– Alguém sério?

– Não faço ideia.

Harry esperou. Ela não se manteve calada durante muito tempo.

– Este Verão havia uma nota escrita à mão com um nome, enfiada num canto da caixa de correio dela. No entanto, não sei se seria sério...

– Não?

– Acho que era a letra dela na nota. Dizia apenas ERIKSEN. – Surgiu o vestígio de um sorriso nos lábios finos. – Talvez ele se tenha esquecido de lhe dizer o primeiro nome. De qualquer maneira, a nota desapareceu passada uma semana.

Harry olhou para as escadas por cima do corrimão. Os degraus eram íngremes.

– No entanto, uma semana é melhor que nada, não acha?

– Para alguns talvez – disse ela, pousando a mão na maçaneta da porta. – Agora tenho de ir. Acabei de ouvir que recebi um *e-mail*.

– Ele não vai a lado nenhum, pois não?

A mulher foi dominada por um ataque de espirros.

– Tenho de lhe responder – disse ela com os olhos cheios de lágrimas. – É do autor. Estamos a discutir a minha tradução.

– Então vou ser rápido – disse Harry. – Apenas queria que também visse isto.

Estendeu-lhe uma folha de papel. Ela pegou nela, deu-lhe uma vista de olhos e olhou para Harry com uma expressão desconfiada.

– Olhe com atenção – disse ele. – Demore o tempo que quiser.

– Completamente desnecessário – disse ela ao devolver-lhe o papel.

* * *

Harry demorou dez minutos a pé do Quartel-general da Polícia até ao 21A da Kjøllberggata. O decrepito edifício de tijolo fora outrora uma fábrica de conservas, uma gráfica, uma fundição e provavelmente mais algumas coisas. Uma recordação de que outrora Oslo tivera indústria. Agora a *Krimteknisk* tomara-lhe o lugar. Apesar da nova iluminação e do interior moderno, o edifício ainda causava uma sensação industrial. Harry encontrou Weber numa das salas grandes e frias.

– Merda – disse Harry. – Tens a certeza absoluta?

Weber esboçou um sorriso cansado.

– A impressão na garrafa era tão boa que se a tivéssemos nos nossos ficheiros, o computador teria encontrado um par. Claro que poderíamos procurar manualmente para termos a certeza a cem por cento, mas isso

demoraria semanas e de qualquer maneira não encontraríamos nada. É definitivo.

– Que pena – disse Harry. – Tinha tanta certeza de que o tínhamos apanhado. Acho que as hipóteses de um tipo como ele já ter sido preso por algum motivo eram ínfimas.

– O facto de não o termos nos nossos arquivos apenas significa que temos de procurar noutro lado. Mas, pelo menos agora, temos uma prova tangível. Esta impressão digital e as fibras de Kirkeveien. Se conseguires encontrar o homem, teremos uma prova conclusiva. Helgesen!

Um jovem que passava parou de imediato.

– Deram-me este boné de Akerselva num saco que *não* estava selado – resmungou Weber. – Aqui, não trabalhamos numa pocilga. Percebeste?

Helgesen assentiu e lançou a Harry um olhar cúmplice.

– Vais ter de o aceitar como um homem – disse Weber, virando-se de novo para Harry. – Pelo menos, não tiveste de passar por aquilo que Ivarsson passou hoje.

– Ivarsson?

– Não soubeste o que aconteceu hoje no Culvert?

Harry sacudiu a cabeça. Weber soltou uma risadinha e esfregou as mãos.

– Nesse caso, vou contar-te uma bela história para te ajudar no caminho, Hole.

A apresentação de Weber era muito semelhante aos relatórios de polícia que escrevia. Curta, frases entrecortadas que esboçavam a acção ocorrida sem quaisquer descrições floreadas de emoção, tom de voz ou expressão facial. No entanto, Harry não teve qualquer dificuldade em preencher as lacunas. Conseguia visualizar o PAS Rune Ivarsson e Weber a entrarem numa das duas salas de visitas da Ala A, e ouviu a porta a ser fechada atrás deles. As duas salas situavam-se junto da recepção e tinham sido preparadas para as famílias. Os presidiários poderiam gozar ali de alguns momentos de paz com os familiares mais próximos e amados numa sala que alguém tentara tornar aconchegante – mobiliário básico, flores de plástico e duas aguarelas claras na parede.

Raskol estava de pé quando os dois entraram. Tinha um livro grosso debaixo do braço, e na mesa baixa à frente deles encontrava-se um tabuleiro de xadrez com as peças colocadas e pronto a ser utilizado. Não disse uma

palavra, apenas os olhou com os seus olhos castanhos e tristes. Vestia uma espécie de camisa-casaco branca que lhe chegava quase aos joelhos. Ivarsson parecia pouco à vontade e disse bruscamente ao cigano alto e magro para se sentar. Raskol obedeceu à ordem com um ligeiro sorriso.

Ivarsson levava Weber com ele em vez dos investigadores mais jovens da equipa porque pensara que a velha raposa pudesse ajudá-lo a «apanhar Raskol», como ele o dissera. Weber encostou uma cadeira à porta e tirou um bloco de apontamentos do bolso enquanto Ivarsson se sentava em frente do infame presidiário.

– Por favor, *Politiavdelingssjef* Ivarsson – disse Raskol, a estender a mão aberta e virada para cima para convidar o agente da polícia a iniciar o jogo.

– Viemos aqui recolher informações, não jogar xadrez – disse Ivarsson e colocou em cima da mesa, ao lado umas das outras, cinco fotografias do assalto de Bogstadveien. – Gostaríamos de saber quem é este.

Raskol pegou nas fotografias, uma a seguir à outra, e estudou-as com «hm's» elevados.

– Empresta-me uma caneta? – pediu, depois de olhar para os dois homens.

Weber e Ivarsson trocaram um olhar.

– Fique com a minha – disse Weber, estendendo-lhe uma caneta de tinta permanente.

– Prefiro as normais – disse Raskol sem desviar os olhos de Ivarsson.

O PAS encolheu os ombros, tirou uma esferográfica do bolso interior do casaco e estendeu-lha.

– Antes de mais, gostaria de explicar o princípio atrás dos cartuchos de tinta – disse Raskol, começando a tirar a tampa da caneta branca de Ivarsson, que por acaso exibia o logótipo do Den norske Bank. – Como sabe, os empregados bancários colocam um cartucho de tinta com o dinheiro, para o caso de esse ser roubado. O cartucho está preso aos cofres das caixas ATM. Alguns cartuchos estão ligados a um transmissor e são activados por um movimento, por exemplo ao serem colocados num saco. Outros são activados quando passam por um portal que pode ter sido instalado por cima da porta principal de um banco. O cartucho pode ter um microtransmissor ligado a um emissor que despoleta uma explosão quando se encontra a uma certa distância do mesmo, digamos, a uns cem metros. Outros rebentam após um certo tempo pré-programado de pós-activação. O cartucho em si tem todo o tipo de formatos, mas tem de ser tão pequeno que possa ser escondido entre as notas.

Alguns deles chegam a ter esta grossura. – Raskol ergueu o polegar e o indicador a uma distância de dois centímetros. – A explosão não é perigosa para o assaltante; o problema é a tinta.

Tirou da esferográfica o tubo de tinta.

– O meu avô fabricava tinta. Ensinou-me que nos velhos tempos usavam goma-arábica para fazerem tinta de ferro. A goma vem das acácias e chamam-lhe lágrimas árabes porque cai em gotas amarelas deste tamanho.

Fez um círculo com o polegar e o indicador, com o tamanho aproximado de uma noz.

– O que se passa com a goma é que engrossa e reduz a tensão superficial da tinta. E mantém os sais de ferro líquidos. Também é necessário um solvente. Há muito tempo, a água da chuva ou o vinho branco eram o recomendado. Ou vinagre. O meu avô disse que se devia acrescentar vinagre à tinta quando se estava a escrever a um inimigo, e vinho quando se estava a fazê-lo a um amigo.

Ivarsson pigarreou, mas Raskol continuou a falar.

– A princípio, a tinta é invisível. Torna-se visível quando colocada em papel. No cartucho de tinta há partículas vermelhas que despoletam uma reacção química quando entram em contacto com o papel das notas de banco, e isso faz com que seja impossível removê-la. O dinheiro ficará para sempre marcado como dinheiro de roubo.

– Eu sei como funciona um cartucho de tinta – disse Ivarsson. – Preferiria saber...

– Paciência, meu caro *Politiavdelingssjef*. O que esta tecnologia tem de fascinante é o facto de ser extremamente simples. Tão simples que até eu conseguiria fazer um cartucho de tinta, colocá-lo onde quisesse e fazê-lo rebentar a uma certa distância do transmissor. Todo o equipamento necessário caberia numa lancheira.

Weber parara de tirar apontamentos.

– Mas o princípio do cartucho não é a tecnologia, PAS Ivarsson. O princípio é a incriminação. – O rosto de Raskol iluminou-se num sorriso enorme. – A tinta também se agarra à roupa e à pele do assaltante. E a tinta é tão forte que assim que nos cai nas mãos nunca mais é possível lavá-la. Pôncio Pilatos e Judas, certo? Sangue nas mãos. Dinheiro de sangue. A agonia do árbitro. O castigo do informador.

Raskol deixou cair o tubo de tinta atrás da mesa e enquanto se inclinava para o apanhar, Ivarsson fez sinal a Weber a indicar-lhe que queria o bloco de apontamentos.

– Gostaria que escrevesse o nome do indivíduo que surge nas fotografias – disse Ivarsson e pousou o bloco em cima da mesa. – Como disse, não estamos aqui para jogar xadrez.

– Para jogar xadrez, não – disse Raskol, a montar lentamente a caneta. – Prometi que lhe daria o nome do homem que tirou o dinheiro, não prometi?

– Esse foi o nosso acordo, sim – replicou Ivarsson. Inclinou-se para a frente quando Raskol começou a escrever.

– Nós, Xoraxans, sabemos o que é um acordo – disse Raskol. – Não estou apenas a escrever o nome dele, mas também o da prostituta que ele usa regularmente, e o do homem que ele contratou para despedaçar os joelhos de um jovem que partiu recentemente o coração da sua filha. Já agora, o indivíduo em questão recusou fazer esse trabalho.

– Ah... excelente. – Ivarsson virou-se para Weber e esboçou um sorriso entusiasmado.

– Tome. – Raskol estendeu o bloco e a caneta a Ivarsson, que leu rapidamente o que estava escrito.

O sorriso satisfeito desapareceu.

– Mas... – gaguejou. – Helge Klementsén. É o gerente de balcão. – Pareceu fazer-se luz. – Ele está envolvido?

– E muito – disse Raskol. – Foi ele que tirou o dinheiro, não foi?

– E colocou-o dentro do saco de desporto – foi o resmungo profundo que Weber proferiu junto da porta.

A expressão de Ivarsson alterou-se lentamente, e passou de interrogativa a furiosa.

– O que é esta patranha? Prometeu ajudar-me.

Raskol estudou a ponta longa e afiada do dedo mindinho da mão direita. Depois assentiu gravemente, inclinou-se sobre a mesa e fez sinal a Ivarsson para que se aproximasse.

– Tem razão – sussurrou. – Eis uma pista. Aprenda o que é a vida. Sente-se e observe os seus filhos. Não é fácil encontrar as coisas que perdeu, mas é possível. – Deu uma palmadinha nas costas do PAS e apontou para o

tabuleiro. – É a sua vez, *Politiavdelingssjef*.

* * *

Ivarsson fumegava de fúria quando ele e Weber atravessaram o Culvert, o túnel subterrâneo de trezentos metros que ligava a prisão de Botsen ao Quartel-general da Polícia.

– Confiei em alguém que pertence à raça que inventou a mentira! – silvou Ivarsson. – Confiei num maldito de um cigano!

O eco ricocheteou ao longo das paredes de tijolo. Weber corria ao lado dele. Queria sair do túnel frio e húmido. O Culvert era usado para levar os prisioneiros de e para os interrogatórios no Quartel-general da Polícia, e eram muitos os rumores que circulavam acerca do que acontecia ali em baixo.

Ivarsson apertou melhor o casaco e continuou a andar.

– Promete-me uma coisa, Weber, não dizes uma palavra disto a ninguém. Está bem? – Virou-se para Weber com uma sobancelha erguida. – Então?

A resposta à pergunta de Ivarsson foi algo que poderia ter sido classificado como uma espécie de assentimento. Tinham acabado de chegar ao ponto do Culvert onde as paredes estavam pintadas de laranja e, de repente, Weber ouviu um pequeno «pooff». Ivarsson soltou um grito aterrorizado e, agarrado ao peito, caiu de joelhos numa poça de água.

Weber voltou-se e olhou para ambos os lados do túnel. Ninguém. Depois virou-se de novo para o PAS, que olhava para a mão manchada de vermelho.

– Estou a sangrar – gemeu. – Estou a morrer.

Weber viu os olhos de Ivarsson a aumentarem-lhe na cabeça.

– O que é? – perguntou Ivarsson, a voz trémula de medo ao olhar para a expressão boquiaberta de Weber.

– Vais ter de ir à lavandaria – disse Weber.

Ivarsson baixou os olhos. A tinta vermelha espalhara-se por toda a parte da frente da camisa e em certas partes do casaco verde-lima.

– Tinta vermelha – disse Weber.

Ivarsson tirou do bolso o que restava da caneta do Den norske Bank. A microexplosão cortara-a ao meio. Permaneceu de joelhos e de olhos fechados até a respiração voltar ao normal. Depois fixou os olhos em Weber.

– Sabes qual foi o maior erro de Hitler? – perguntou, a estender a mão

limpa. Weber agarrou-a e ajudou-o a levantar-se. Ivarsson olhou, de olhos semicerrados, para o túnel de onde tinham vindo. – Não ter feito um trabalho mais meticoloso com os ciganos.

– *Não dizes uma palavra disto a ninguém* – imitou-o Weber, com uma gargalhada. – Ivarsson foi directamente para a garagem e daí para casa. A tinta vai manchar-lhe a pele durante, pelo menos, três dias.

Harry sacudiu a cabeça descrente.

– E o que é que fizeram a esse Raskol?

Weber encolheu os ombros.

– Ivarsson disse que ia fazer com que o enviassem para a solitária. Embora eu ache que isso não vai servir de nada. O homem é... diferente. Por falar em diferente, que tal é que tu e Beate se estão a dar? Têm mais alguma coisa para além desta impressão digital?

Harry sacudiu a cabeça.

– Aquela rapariga é especial – disse Weber. – Consigo reconhecer o pai nela. Pode vir a ser muito boa.

– Pois pode. Conheceste o pai?

Weber assentiu.

– Excelente homem. Leal. Uma pena que tenha tudo acabado daquela maneira.

– Estranho que um agente da polícia experiente tivesse um descuido daqueles.

– Acho que não foi um descuido – disse Weber, a lavar uma chávena de café no lava-loiça.

– Oh?

Weber murmurou qualquer coisa.

– O que é que disseste, Weber?

– Nada – resmungou ele. – Deve ter tido algum motivo. Era isso que estava a dizer.

* * *

– O bolde.com virá a ser um servidor – disse Halvorsen. – O que estou a dizer é que não está registado em lado algum. Pode, por exemplo, encontrar-

se numa cave em Kiev e ter clientes anónimos que enviam pornografia especializada uns aos outros. O que é que eu sei? Nós, meros mortais, não vamos encontrar pessoas que não querem ser encontradas naquela selva. Vais ter de arranjar alguém com faro, um verdadeiro especialista.

A pancada na porta foi tão leve que Harry nem a ouviu, mas Halvorsen gritou:

– Entre.

A porta abriu-se cautelosamente.

– Olá – disse Halvorsen com um sorriso. – Beate, certo?

Ela assentiu e olhou rapidamente para Harry.

– Estava a tentar apanhar-te. O teu número de telemóvel...

– Ele perdeu o telemóvel – disse Halvorsen ao levantar-se. – Sente-se e eu faço-lhe um *espresso* à Halvorsen.

Ela hesitou.

– Obrigada, mas há algo que te quero mostrar na Casa da Dor, Harry. Tens tempo?

– Todo o tempo do mundo – disse Harry, a recostar-se na cadeira. – Weber só tinha más notícias. Não encontrou as impressões digitais na base de dados. E Raskol pregou hoje uma verdadeira partida a Ivarsson.

– Isso são más notícias? – Aquilo escapara-lhe antes de ela o conseguir evitar. Tapou a boca alarmada. Harry e Halvorsen riram-se.

– Foi agradável voltar a ver-te, Beate – disse Halvorsen, antes de ela e Harry saírem. Não obteve resposta, apenas um olhar perscrutador de Harry, e ficou parado no meio da sala a sentir-se um pouco embaraçado.

Na Casa da Dor, Harry reparou no cobertor amarrotado em cima do sofá Ikea de dois lugares.

– Dormiste aqui esta noite?

– Apenas uma sesta – respondeu ela e ligou o gravador. – Observa Stine e o Executor nesta imagem.

Apontou para o ecrã onde uma imagem fora imobilizada e enquadrava o assaltante com Stine inclinada na sua direcção. Harry sentiu os pêlos da nuca a levantarem-se.

– Há aqui qualquer coisa, não há? – perguntou ela.

Harry estudou o assaltante. Depois Stine. E percebeu que fora aquela imagem que o fizera ver repetidas vezes o vídeo, sempre à procura de algo que estava ali mas que continuava a escapar-lhe.

– O que é? – perguntou. – O que é que tu consegues ver e eu não?

– Tenta.

– Já tentei.

– Imprime a imagem na retina, fecha os olhos e sente.

– Sinceramente...

– Vá lá, Harry. – Ela sorriu. – Isto é que é investigação, certo?

Hole olhou para ela um pouco surpreendido. Depois encolheu os ombros e fez o que ela disse.

– O que é que consegues ver, Harry?

– O interior das minhas pálpebras.

– Concentra-te. Diz-me aquilo que sobressai.

– Há algo quanto a ele e a ela. Algo... quanto à posição de ambos.

– Ótimo. O que é que tem a posição?

– Estão como... Não sei. Estão de certo modo numa posição errada.

– Errada em que sentido?

Tal como na casa de Vigdis Albu, Harry sentiu-se a afundar. Viu Stine Grette inclinada para a frente. Como se para captar as palavras do assaltante. Ele olhava pelas aberturas da balaclava para o rosto da pessoa que estava prestes a matar. Em que é que estaria a pensar? E em que é que ela estaria a pensar? Naquele momento imobilizado no tempo, estaria ela a tentar descobrir quem ele era, aquele homem debaixo da balaclava?

– Errada em que sentido? – repetiu Beate.

– Eles... eles...

Arma na mão, dedo no gatilho. Todos aqueles que os cercam transformam-se em mármore. Ela está a abrir a boca. Ele vê-lhe os olhos por cima da mira da arma. O cano a tocar-lhe nos dentes.

– Errada em que sentido?

– Eles... eles estão demasiado próximos.

– Bravo, Harry!

Abriu os olhos. Grãos semelhantes a amibas faiscaram e flutuaram no seu campo de visão.

– Bravo? – murmurou ele. – O que é que queres dizer?

– Puseste palavras naquilo que temos estado a ver durante todo este tempo. Estás absolutamente certo, Harry. Eles estão demasiado próximos um do outro.

– Sim, eu ouvi-me a dizer isso, mas demasiado próximos em relação a quê?

– Em relação ao modo como duas pessoas que nunca se conheceram deviam estar.

– Eh?

– Alguma vez ouviste falar de Edward Hall?

– Não.

– Antropólogo. Foi o primeiro a demonstrar a ligação existente entre a distância que as pessoas mantêm umas das outras e a relação que têm. Está bastante bem documentada.

– Explica-me.

– O espaço social entre pessoas que não se conhecem varia entre um e três metros e meio. É essa a distância que manterias se a situação o permitisse, mas olha para as filas dos autocarros e as casas de banho. Em Tóquio, as pessoas ficam muito próximas umas das outras e sentem-se confortáveis, mas as variações de cultura para cultura são de facto relativamente menores.

– Ele não lhe pode sussurrar nada a mais de um metro de distância, pois não?

– Não, mas poderia tê-lo feito com toda a facilidade do interior daquilo que é conhecido como espaço pessoal, que é entre quarenta e cinco centímetros e um metro. É essa a distância que as pessoas mantêm com desconhecidos e os chamados «conhecidos». Mas como podes ver, o Executor e Stine Grette quebraram essa fronteira. Medi a distância. É de vinte centímetros. Isso significa que estão muito no interior do espaço íntimo. A essa distância estás tão próximo do outro que não consegues manter focado o rosto dessa pessoa, ou evitar o seu cheiro e calor corporal. É um espaço reservado a companheiros ou parentes próximos.

– Hm – disse Harry. – Estou impressionado pelos teus conhecimentos, mas

estas duas pessoas estavam envolvidas num drama.

– Sim, mas é isso que é tão fascinante! – rebentou Beate, a agarrar-se ao braço da cadeira de modo a não sair disparada. – Se não for suposto fazerem-no, as pessoas não atravessam os limites de que Edward Hall fala. E isso *não* é suposto acontecer entre o Executor e Stine Grette.

Harry coçou o queixo.

– Ok, vamos seguir essa linha de pensamento.

– Acho que o Executor conhecia Stine Grette – disse Beate. – E bem.

– Ótimo, ótimo. – Harry escondeu o rosto com as mãos e falou por entre os dedos. – Então Stine conhecia um assaltante de bancos profissional, que executa o golpe perfeito antes de a abater. Sabes onde é que essa teoria nos está a levar, não sabes?

Beate assentiu.

– Vou ver o que é que descobrimos a respeito de Stine Grette.

– Excelente. E depois vamos ter uma conversa com alguém que esteve frequentes vezes dentro do seu espaço íntimo.

Um Dia Maravilhoso

— **E**ste lugar arre pia-me — disse Beate.

— Tiveram aqui um paciente famoso chamado Arnold Juklerød — disse Harry. — Ele disse que este lugar era o cérebro do monstro doentio conhecido como psiquiatria. Então não descobriste nada a respeito de Stine Grette?

— Nada. Um cadastro imaculado e as suas contas bancárias não sugerem irregularidades financeiras. Nada de compras extravagantes em lojas de roupa ou em restaurantes. Nada de apostas na pista de cavalos de Bjerke ou quaisquer outros sinais de jogo. A única extravagância que descobri foi uma viagem a São Paulo, feita este Verão.

— E o marido?

— Exactamente a mesma coisa. Sólido e sóbrio.

Atravessaram o portão do Hospital Gaustad e entraram numa praça cercada por grandes edifícios de tijolo vermelho.

— Reminiscências de uma prisão — disse Beate.

— Heinrich Schirmer — disse Harry. — Arquitecto alemão do século XIX. Também desenhou a prisão de Botsen.

Um auxiliar foi buscá-los à recepção. Tinha o cabelo pintado de preto e parecia tocar numa banda ou ser estilista. Que, de facto, era.

— Trond Grette tem passado os dias sentado a olhar pela janela — disse, enquanto percorriam o corredor até à secção G2.

— Está pronto para falar? — perguntou Harry.

— Sim, ele consegue falar ... — O auxiliar pagara seiscentos kroner para fazer com que o cabelo preto parecesse desmazelado, e estava naquele momento a ajeitar uma das madeixas e a piscar o olho a Harry através de um par de óculos de armação de tartaruga, o que o fazia parecer-se com um palerma exactamente da maneira correcta, ou seja, de maneira que os *cognoscenti* vissem que não era um palerma mas alguém na moda.

— O meu parceiro está a perguntar se Grette está suficientemente bem para falar a respeito da mulher — disse Beate.

– Já vão descobrir – disse o auxiliar e voltou a ajeitar a madeixa em frente dos óculos. – Se voltar a ficar psicótico, é porque não está pronto.

Harry não perguntou como é que eles poderiam saber se uma pessoa estava psicótica. Chegaram ao fim do corredor e o auxiliar destrancou uma porta com uma janela circular.

– Ele tem de ficar trancado aqui dentro? – perguntou Beate, a olhar em volta da sala de visitas.

– Não – disse o auxiliar, sem dar mais nenhuma explicação. Apontou para as costas de um roupão branco sentado numa cadeira, que fora puxada para junto de uma janela. – Quando saírem, estou de serviço do lado esquerdo.

Aproximaram-se do homem sentado na cadeira. Estava a olhar pela janela e a única coisa que se mexia era a mão direita que movia uma caneta sobre um bloco de apontamentos, desajeitada e mecanicamente como um braço robótico.

– Trond Grette? – perguntou Harry.

Não reconheceu a pessoa que se virou. Grette rapara todo o cabelo, o rosto estava mais magro e a expressão selvagem que os olhos tinham exibido na noite do *court* de ténis fora substituída por um olhar calmo, com um vazão de milhares de metros de profundidade, que os atravessou de lado a lado. Harry já vira aquilo antes. Ficavam com aquela aparência passadas as primeiras semanas atrás das grades quando começavam a cumprir as suas sentenças. Harry soube instintivamente que aquele homem estava a fazer o mesmo. Estava a cumprir uma sentença.

– Somos da polícia – disse Harry.

Grette desviou o olhar para eles.

– Estamos aqui por causa do assalto ao banco e da sua mulher.

Grette semicerrou os olhos, como se se tivesse de concentrar para compreender aquilo que Harry estava a dizer.

– Gostaríamos de saber se lhe podemos fazer algumas perguntas – disse Beate em voz alta.

Grette assentiu lentamente. Beate puxou uma cadeira para junto dele e sentou-se.

– Pode contar-nos alguma coisa a respeito dela? – perguntou.

– Contar-vos? – A voz dele chiou como uma porta mal oleada.

– Sim – respondeu Beate, com um sorriso bondoso. – Gostaríamos de saber como é que era Stine. Aquilo que fazia. Aquilo de que gostava. Os planos que vocês tinham. Esse tipo de coisa.

– Esse tipo de coisa? – Grette olhou para Beate. Depois pousou a caneta. – Íamos ter filhos. Era esse o plano. Bebés *in vitro*. Ela esperava ter gêmeos. Dois mais dois, dizia sempre. Dois mais dois. Estávamos prestes a começar. Agora. – Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Estavam casados há muito tempo, não estavam?

– Dez anos – disse Grette. – Se eles não jogassem ténis, eu não me teria importado. Não se podem forçar as crianças a gostar das mesmas coisas que os pais, pois não? Talvez tivessem preferido equitação. A equitação é maravilhosa.

– Que tipo de pessoa é que ela era?

– Dez anos – repetiu Grette, de novo a olhar pela janela. – Conhecemo-nos em 1988. Eu tinha começado a frequentar o Instituto de Gestão de Oslo e ela estava no último ano na secundária de Nissen. Era a rapariga mais bonita que eu alguma vez vira. Sei que todos dizem que a mais bonita é aquela que não conseguimos namorar e que talvez até o tenhamos esquecido, mas com Stine era verdade. Nunca deixei de achar que ela era a mais bonita. Fomos viver juntos passado um mês, e estivemos juntos todos os dias e noites durante três anos. No entanto, custou-me a acreditar que ela aceitara passar a ser Stine Grette. Não é estranho? Quando se ama muito alguém, achamos incompreensível que essa pessoa nos ame. Devia ser o contrário, não era?

Uma lágrima caiu no braço da cadeira.

– Era bondosa. Já há poucas pessoas que valorizem essa qualidade. Era de confiança, leal e sempre amável. E corajosa. Se pensava ter ouvido ruídos no piso inferior e eu estivesse a dormir, levantava-se e descia as escadas. Eu dizia-lhe que ela me devia acordar porque um dia poderia haver mesmo ladrões dentro de casa. Mas ela limitava-se a rir e respondia: *Então ofereçolhes waffles e o cheiro das waffles vai acordar-te, porque te acorda sempre*. O cheiro das *waffles* era suposto acordar-me quando... sim.

Respirou pelo nariz. No exterior, os ramos nus da bétula sacudiram-se sob o vento forte.

– Devias ter feito *waffles* – sussurrou. Depois tentou rir-se, mas parecia estar a chorar.

– Como é que eram os amigos dela? – perguntou Beate.

Grette ainda não acabara de se rir, e ela teve de repetir a pergunta.

– Gostava de estar sozinha – disse ele. – Talvez porque fosse filha única. Era muito chegada aos pais. E depois tínhamo-nos um ao outro. Não precisávamos de mais ninguém.

– Poderia estar em contacto com outras pessoas que você não conhecesse? – perguntou Beate.

Grette olhou para ela.

– O que é quer dizer?

As faces de Beate transformaram-se num vermelho-forte e esboçou um sorriso rápido.

– Quero dizer que é possível que a sua mulher não lhe tenha transmitido conversas, que tivesse tido com todas as pessoas que conhecia.

– Porque não? O que é que está a tentar dizer?

Beate engoliu em seco e trocou um olhar com Harry. Ele encarregou-se da situação.

– Nas nossas investigações, temos sempre de examinar todas as possibilidades por mais improváveis que elas sejam. E uma delas é que alguns dos empregados bancários podem estar conluiados com os assaltantes. Às vezes há ajuda interna quer com o planeamento quer com a execução do trabalho. Por exemplo, há poucas dúvidas de que o assaltante sabia as horas em que voltariam a encher a caixa ATM. – Harry observou o rosto de Grette à procura de sinais sobre o modo como estava a aceitar aquilo que ele lhe dizia. Mas, pelos seus olhos, percebeu que o homem se voltara a afastar. – Fizemos as mesmas perguntas a todos os outros empregados – mentiu.

No exterior, uma pega em cima da árvore guinchou. Um som queixoso, solitário. Grette assentiu. A princípio devagar, depois mais depressa.

– Ah – disse ele. – Compreendo. Vocês acham que foi por isso que mataram Stine. Pensam que ela conhecia o assaltante. E que quando ele acabou de a usar, matou-a para remover todas as pistas possíveis. É isso?

– Bem, pelo menos é uma possibilidade teórica – disse Harry.

Grette sacudiu a cabeça e voltou a rir-se. Gargalhadas tristes, ocas.

– É óbvio que não conheciam a minha Stine. Ela nunca faria nada parecido com isso. E porque o faria? Se tivesse vivido mais algum tempo, seria milionária.

– Oh?

– Walle Bødtker, o seu avô. Oitenta e cinco anos, e dono de três edifícios de apartamentos no centro da cidade. Este Verão diagnosticaram-lhe um cancro nos pulmões, e deste então que se sabe como é que as coisas vão acabar. Cada um dos netos iria receber um prédio.

A pergunta de Harry foi apenas um reflexo.

– Quem é que vai ficar agora com o edifício de Stine?

– Os outros netos – respondeu Grette, com um tom de repugnância na voz.
– E agora vocês vão verificar os álibis deles, não vão?

– Acha que o devemos fazer? – perguntou Harry.

Grette estava prestes a responder, mas deteve-se quando os seus olhos encontraram os de Harry. Mordeu o lábio inferior.

– Peço desculpa – disse, e passou uma mão pelo rosto por barbear. – Claro que devia estar satisfeito por vocês estarem a verificar todas as possibilidades. Apenas parece que é tudo tão inútil. E sem sentido. Mesmo que o apanhem, nunca recuperarei aquilo que ele me tirou. Nem sequer a pena de morte o conseguiria fazer. Perder a própria vida não é a pior coisa que nos pode acontecer. – Harry já sabia como é que ele ia continuar. – O pior é perder o nosso motivo para estarmos vivos.

– Sim – disse Harry e levantou-se. – Este é o meu cartão. Ligue-me se se lembrar de alguma coisa. Também pode pedir para falar com Beate Lønn.

Grette voltara a virar o rosto para a janela e não viu Harry a estender-lhe o cartão, por isso ele deixou-o em cima da mesa. No exterior estava a ficar mais escuro e eles viam reflexos semitransparentes na janela, semelhantes a fantasmas.

– Tenho a sensação de que o vi – disse Grette. – Normalmente, às sextas, saio do trabalho e vou jogar *squash* no centro Focus em Sporveisgata. Como não tinha ninguém contra quem jogar, fui, em vez disso, para o centro de *fitness*. Levantamento de pesos, bicicleta, esse género de coisas. A essa hora há ali tantas pessoas que é frequente termos de formar uma fila.

– É verdade – disse Harry.

– Quando Stine foi morta, era ali que eu estava. A trezentos metros de distância do banco. Ansioso por tomar um duche, ir para casa e começar a fazer o jantar. Era sempre eu que cozinhava às sextas-feiras. Gostava de esperar por ela. Gostava... de esperar. Nem todos os homens gostam.

– O que quer dizer com tê-lo visto? – perguntou Beate.

– Vi alguém a passar por mim no vestiário. Vestia roupa preta e larga. Como um fato-macaco.

– Balaclava?

Grette sacudiu a cabeça.

– Talvez um boné de pala? – perguntou Harry.

– Estava a segurar qualquer coisa para a cabeça na mão. Podia ser uma balaclava. Ou um boné de pala.

– Viu-lhe o ro...? – começou Harry, mas foi interrompido por Beate.

– Altura?

– Não sei – disse Grette. – Altura mediana. Qual é a altura mediana? Um metro e oitenta?

– Porque é que não nos contou isso antes? – perguntou Harry.

– Porque – disse Grette, a pressionar os dedos contra o vidro – é apenas uma sensação. Sei que não era ele.

– Como é que pode ter assim tanta certeza? – perguntou Harry.

– Porque dois dos vossos colegas estiveram aqui há alguns dias. Chamavam-se os dois Li. – Virou a cadeira e olhou para Harry. – São da mesma família?

– Não. O que é que eles queriam?

Grette afastou a mão. A janela ficara embaciada à volta das marcas oleosas.

– Queriam saber se Stine poderia estar de algum modo envolvida com o assaltante. E mostraram-me fotografias do assalto.

– E?

– O fato-macaco era preto sem qualquer marca. Aquele que vi no centro Focus tinha grandes letras brancas nas costas.

– Que letras? – perguntou Beate.

– P-O-L-I-T-I – disse Grette, a esfregar as marcas oleosas. – Depois quando me encontrei na rua, ouvi as sirenes da polícia em Majorstuen. A primeira coisa em que pensei foi como era estranho que os assaltantes conseguissem fugir com uma presença policial tão grande.

– Sim, é verdade. O que é que o levou a pensar isso?

– Não sei. Talvez porque alguém acabara de me roubar a minha raquete de *squash* do vestiário, enquanto eu estava a treinar. O meu pensamento seguinte foi que o banco de Stine tinha sido assaltado. É assim que a mente trabalha quando a nossa imaginação é fértil, não é? Depois fui para casa e fiz lasanha. Stine adorava lasanha. – Grette tentou sorrir. Depois as lágrimas começaram a cair.

Harry fixou os olhos no pedaço de papel em que Grette estivera a escrever, de modo a não ver o homem adulto a chorar.

– Vi pelo vosso extracto semestral que foi feito um grande levantamento. – A voz de Beate soava dura e metálica. – Trinta mil kroner em São Paulo. Onde é que os gastaram?

Harry olhou para ela surpreso. Beate não parecia nada comovida com a situação.

Grette sorriu por entre as lágrimas.

– Stine e eu celebrámos ali o nosso décimo aniversário. Deviam-lhe alguns dias de férias e ela partiu uma semana antes de mim. Foi o maior período de tempo que estivemos separados.

– Perguntei onde é que gastaram os trinta mil em dinheiro brasileiro – disse Beate.

Grette virou-se para a janela.

– Isso é um assunto pessoal.

– E este é um caso de homicídio, Herr Grette.

Grette fixou nela um olhar duro e prolongado.

– É óbvio que nunca estive apaixonada por ninguém, pois não?

O semblante de Beate obscureceu-se.

– Os joalheiros alemães de São Paulo são considerados dos melhores do mundo – disse Grette. – Comprei o anel de diamantes que Stine usava quando foi morta.

Dois auxiliares foram buscar Grette. Hora de almoço. Harry e Beate permaneceram junto da janela, enquanto esperavam pelo auxiliar que os iria acompanhar à saída.

– Desculpa – disse Beate. – Fiz figura de parva. Eu...

– Está tudo bem – disse Harry.

– Verificamos sempre as finanças de suspeitos nos casos de assaltos a bancos, mas se calhar desta vez fui longe de mais...

– Eu disse que estava tudo bem, Beate. Nunca te desculpes por perguntas que tu mesma fazes; desculpa-te por aquelas que não fazes.

O auxiliar chegou e destrancou a porta.

– Quanto tempo é que ele vai aqui ficar? – perguntou Harry.

– Vai ser enviado para casa na quarta-feira – disse o homem.

No carro a caminho do centro da cidade, Harry perguntou a Beate porque é que o pessoal hospitalar «enviava sempre os pacientes para casa». Afinal, não eram eles que forneciam o transporte, pois não? E eram os próprios pacientes que decidiam se iam para casa, ou para qualquer outro sítio, não eram? Então porque não se limitavam a dizer «o paciente vai para casa»? Ou «vai ter alta»?

Beate não tinha qualquer opinião a esse respeito, e Harry concentrou-se no tempo cinzento a pensar que começava a soar como um velho resmungão. Anteriormente, fora apenas resmungão.

– Ele mudou o cabelo – disse Beate. – E usa óculos.

– Quem?

– O auxiliar.

– Oh, não sabia que se conheciam.

– Não conhecemos. Vi-o uma vez na praia de Huk. E no Eldorado. E em Stortingsgata. Acho que foi em Stortingsgata... deve ter sido há cinco anos.

Harry observou-a.

– Não me tinha apercebido de que fazia o teu género.

– Não é isso – disse ela.

– Ah – disse Harry. – Esqueci-me. É aquele teu defeito cerebral.

Ela sorriu.

– Oslo é uma cidade pequena.

– Ah sim? Quantas vezes me viste antes de teres ido parar ao quartel-general da Polícia?

– Uma vez. Há cinco anos.

– Onde foi isso?

- Na televisão. Tinhas solucionado aquele caso em Sydney.
- Hm. Presumo que isso tenha causado uma grande impressão.
- Só me lembro de que me senti irritada por teres aparecido como um herói, apesar de teres falhado.
- Oh.
- Nunca chegaste a levar o assassino a tribunal, mataste-o a tiro.

Harry fechou os olhos e pensou como lhe saberia bem a primeira passa que desse no seu próximo cigarro. Deu uma palmadinha no peito para ver se o maço de tabaco se encontrava no bolso interior do casaco, e tirou um pedaço de papel dobrado para mostrar a Beate.

- O que é isso? – perguntou ela.
- A folha em que Grette estava a rabiscar.
- «Um Dia Maravilhoso» – leu Beate.
- Ele escreveu-o treze vezes. Um pouco parecido ao *The Shining*, não é?
- *The Shining*?
- Tu sabes, o filme de terror. Stanley Kubrick. – Lançou-lhe um olhar pelo canto do olho. – Aquele onde Jack Nicholson está sentado num hotel a escrever a mesma frase repetidas vezes.
- Não gosto de filmes de terror – disse ela em voz baixa.

Harry olhou para ela. Estava prestes a dizer alguma coisa, mas depois achou que era melhor continuar calado.

- Onde é que moras? – perguntou ela.
- Em Bislett.
- Fica a caminho.
- Hm. De quê?
- Oppsal.
- Sim? Onde em Oppsal?
- Vetlandsveien. Mesmo junto à estação. Sabes onde fica Jørnsløkkveien?
- Sim, há uma grande casa de madeira amarela no centro.
- Exacto. É aí que eu vivo. No primeiro piso. A minha mãe vive no piso térreo. Cresci naquela casa.

– Eu também cresci em Oppsal – disse Harry. – Talvez conheçamos as mesmas pessoas.

– Talvez – disse Beate, a olhar pela janela.

– Temos de verificar isso noutra altura – disse Harry.

Nenhum deles voltou a proferir palavra.

A noite chegou e o vento aumentou de intensidade. O boletim meteorológico previa tempestades a sul de Stadt e chuva a norte. Harry tossiu. Tirou a camisola que a mãe tricotara para o pai, e que este dera a Harry, num Natal, alguns anos depois de ela ter morrido. Uma coisa estranha para se fazer, pensou Harry. Aqueceu a massa e as almôndegas, e depois ligou a Rakel e falou-lhe da casa na qual crescera.

Ela não disse muito, mas Harry sabia que ela gostava de o ouvir falar acerca do seu quarto. Acerca dos seus brinquedos e da pequena cómoda. O modo como criara histórias com o padrão do papel de parede, como se fossem contos de fada escritos em código. E uma gaveta da cómoda que ele e a mãe tinham concordado que seria apenas sua, e na qual ela nunca tocaria.

– Eu guardava ali os meus cartões de futebol – disse Harry. – O autógrafo de Tom Lund. Uma carta de Sølvi, uma rapariga que conheci numas férias de Verão em Åndalsnes. Mais tarde, o meu primeiro maço de cigarros. Uma embalagem de preservativos. Ficaram ali por abrir até ter passado a data de validade. Depois, quando eu e a minha irmã os soprámos, estavam tão secos que rebentaram.

Rakel riu-se. Harry continuou a falar, apenas para a ouvir rir.

Depois de terminada a chamada começou a calcorrear a sala, inquieto. As notícias eram uma repetição do dia anterior. Tempestades a formarem-se sobre Jalalabad.

Entrou no quarto e ligou o computador. Enquanto este crepitava e zumbia, viu que recebera outro *e-mail*. Sentiu o pulso a acelerar-se quando viu o endereço. Clicou em cima dele.

Olá Harry

O jogo começou. A autópsia indica que podias ter estado presente quando ela morreu. É por isso que te tens mantido calado? Provavelmente é o mais sensato. Mesmo que pareça ser um suicídio. No entanto, há algumas coisas que não encaixam, não há? É a tua vez.

S2MN

Uma pancada fez Harry saltar e apercebeu-se de que batera com a palma da mão na mesa, com toda a força. Olhou em volta do quarto escuro. Estava zangado e assustado, mas a coisa mais frustrante era o seu instinto que lhe dizia que o autor do *e-mail* estava tão... próximo. Harry estendeu o braço e encostou a mão dorida ao monitor. O vidro frio refrescou-lhe a pele, mas sentiu calor, uma espécie de calor corporal, a erguer-se no interior da máquina.

Os Sapatos no Arame

Elmer correu pela Grønlandsleiret abaixo com uma saudação rápida e um sorriso aos clientes e empregados das lojas vizinhas. Estava aborrecido. Voltara a ficar sem troco e fora obrigado a pendurar o letreiro do VOLTO JÁ na porta, enquanto ia até ao banco.

Abriu a porta, entrou no banco, cantarolou o seu habitual «Bom dia» e apressou-se a tirar uma senha. Ninguém respondeu, mas já estava habituado a isso – trabalhavam ali apenas noruegueses brancos. Havia um homem que parecia estar a arranjar a caixa ATM e os únicos clientes que viu estavam junto da montra que dava para a rua. O lugar estava invulgarmente silencioso. Estaria a passar-se alguma coisa de que ele não se apercebera?

– Vinte – chamou uma voz feminina. Elmer olhou para o número da sua senha. Era o 51, mas como não havia ninguém à sua frente aproximou-se da caixa da qual viera a voz da mulher.

– Olá, Catherine, minha querida – disse, a espreitar inquiridor pela divisória. – Cinco rolos de moedas de cinco e de um, por favor.

– Vinte e um.

Olhou surpreendido para Catherine Schøyen e só nessa altura reparou no homem ao lado dela. À primeira vista pensou que era um negro, mas depois viu que o homem usava uma balaclava preta. O cano da AG3 desviou-se dela e deteve-se em Elmer.

– Vinte e dois – chamou Catherine numa voz enlatada.

* * *

– Porquê aqui? – perguntou Halvorsen, a olhar para o fiorde de Oslo abaixo deles. O vento sacudia-lhe a franja para trás e para a frente. Tinham demorado menos de cinco minutos a chegarem ali, deixando para trás os fumos dos tubos de escape de Grønland e subindo até Ekeberg, que sobressaía como uma torre de vigia verde na zona sudeste de Oslo. Tinham encontrado um banco debaixo das árvores com vista para um belo e antigo edifício de tijolo a que Harry ainda chamava Escola de Marinheiros, apesar de agora dar cursos de gestão empresarial.

– Antes de mais, porque isto aqui é maravilhoso – disse Harry. – Segundo, para ensinar a um forasteiro um pouco da história de Oslo. O «Os» de Oslo significa «espinhaço», a encosta na qual estamos sentados. Espinhaço Ekeberg. E «lo» é a planície que se pode ver daqui. – Apontou. – E terceiro, todos os dias nos sentamos a olhar para este espinhaço e é importante descobrir o que se encontra atrás dele, não achas?

Halvorsen não respondeu.

– Não queria fazer isto no escritório – disse Harry. – Nem no Elmer's. Tenho de te contar uma coisa. – Embora estivessem muito acima do fiorde, Harry pensou sentir o sabor a sal no vento. – Eu conhecia Anna Bethsen.

Halvorsen anuiu.

– Não me pareces muito surpreendido – observou Harry.

– Calculei que fosse qualquer coisa nesse género.

– Mas há mais.

– Ah, sim?

Harry enfiou um cigarro apagado entre os lábios.

– Antes de prosseguir, tenho de te avisar. Aquilo que vou contar tem de ficar entre nós dois, e isso poderá ser um dilema para ti. Compreendes? Assim, se não te quiseres envolver, não preciso de dizer mais nada e ficamos por aqui. Queres saber mais ou não?

Halvorsen perscrutou o rosto de Harry. Se estava a reflectir nalguma coisa, não precisou de muito tempo. Assentiu.

– Alguém começou a enviar-me *e-mails* – disse Harry. – A respeito da morte de Anna.

– Alguém que tu conheças?

– Não faço a mínima ideia quem possa ser. O endereço não significa nada para mim.

– Foi por isso que me pediste ontem para tentar encontrá-lo?

– Não sou nem de longe um génio em computadores. Mas tu és. – Harry falhou a sua tentativa de acender o cigarro ao vento. – Preciso de ajuda. Acho que Anna foi assassinada.

À medida que o vento vindo de nordeste despia as folhas das árvores do Ekeberg, Harry falou dos estranhos *e-mails* que recebera de alguém que

parecia saber tudo aquilo que eles sabiam, e provavelmente mais. Não contou que os *e-mails* o colocavam no cenário do crime na noite em que Anna morrerá. Mas referiu que ela tinha a arma na mão direita, apesar de a paleta provar que era canhota. A fotografia no sapato. E a conversa com Astrid Monsen.

– Astrid Monsen disse que nunca viu Vigdis Albu e as crianças da fotografia. Mas quando lhe mostrei a fotografia do marido, Arne Albu, que imprimir nem precisou de olhar uma segunda vez. Não sabia como ele se chamava, mas ele visitava Anna regularmente. Viu-o quando desceu para ir ao correio. Ele entrara de tarde e saiu à noite.

– É a isso que chamo trabalho fora de horas.

– Perguntei a Monsen se eles só se encontravam durante a semana e ela disse que, às vezes, ele a vinha buscar de carro aos fins-de-semana.

– Talvez gostassem de um pouco de variedade e de viagens ao campo.

– Talvez, para além do passeio. Astrid Monsen é uma mulher observadora e meticulosa. Disse que ele nunca a levava a sair no Verão. Foi isso que me fez pensar.

– Pensar em quê? Num hotel?

– Possivelmente. Mas também se pode ir para um hotel no Verão. Pensa, Halvorsen. Pensa nalgum local próximo.

Halvorsen espetou o lábio inferior e fez uma careta, para mostrar que não tinha quaisquer sugestões a fazer. Harry sorriu e expeliu uma nuvem de fumo.

– Foste tu que encontraste o lugar.

Halvorsen, confuso, ergueu uma sobrancelha.

– O chalé! É óbvio!

– É, não é? Um ninho de amor luxuoso e discreto quando a família já regressou a casa depois do fim da estação, e vizinhos curiosos fecharam os seus estores. Apenas a uma hora de carro de Oslo.

– Mas, e depois? – disse Halvorsen. – Isso não nos leva a lado nenhum.

– Não digas isso. Se pudermos provar que Anna esteve no chalé, pelo menos Albu será forçado a responder. Não é preciso muito. Uma pequena impressão digital. Um cabelo. Um vendedor observador que por vezes faz ali uma entrega.

Halvorsen esfregou a parte detrás do pescoço.

– Mas porque não ir directamente à questão e procurar as impressões digitais de Albu no apartamento de Anna? Deve estar cheio delas.

– Duvido que ainda lá estejam. Segundo Astrid Monsen, há coisa de um ano, ele deixou de ver Anna. Até um domingo do mês passado. Foi buscá-la de carro. Monsen lembra-se claramente disso, porque Anna tocou-lhe à campainha e pediu-lhe que se mantivesse à escuta de eventuais ladrões.

– E achas que foram para o chalé?

– Acho – replicou Harry, a atirar a ponta fumegante do cigarro para uma poça onde silvou e morreu – que esse foi um dos motivos por que Anna enfiou a fotografia no sapato. Consegues lembrar-te do que aprendeste acerca de ciência forense na Universidade da Polícia?

– Do pouco que tivemos. Tu não?

– Não. Há estojos metálicos com o equipamento básico em três dos carros-patrulha. Pó, escova e película plástica para impressões digitais. Fita métrica, lanterna, pinças, esse tipo de coisa. Quero que requisites um desses carros para amanhã.

– Harry...

– E liga previamente ao merceeiro para obteres direcções. Tenta soar honesto e firme, para que ele não desconfie de nada. Diz que estás a construir uma casa, e que o arquitecto que está a trabalhar contigo mencionou o chalé de Albu como ponto de referência. Só o queres ver.

– Harry, nós não podemos...

– Leva também um pé-de-cabra.

– Ouve!

O grito de Halvorsen fez com que duas gaivotas, soltando guinchos roucos, levantassem voo do fiorde. Ele contou os dedos.

– Não temos um mandado. Não temos qualquer prova que possa justificar um. Não temos... nada. E, ainda mais importante, nós, ou devo dizer *eu?*, não estamos na posse de todos os factos. Não me contaste tudo, pois não, Harry?

– O que é que te leva a pensar...?

– Simples. O teu motivo não é suficientemente forte. Conheceres a mulher não é um motivo suficientemente bom para de repente ignorares os regulamentos, arrombares chalés e arriscares o teu emprego. *E* o meu. Sei que consegues ser um pouco doido, Harry, mas não és parvo.

Harry observou a ponta do cigarro molhada a flutuar na poça.

– Há quanto tempo nos conhecemos, Halvorsen?

– Dentro de pouco tempo vai fazer dois anos.

– Alguma vez te menti durante todo esse tempo?

– Dois anos não é muito tempo.

– Alguma vez menti? É o que te estou a perguntar.

– Definitivamente.

– Alguma vez te menti a respeito de alguma coisa *importante*?

– Que eu saiba não.

– Ok. Agora também não te estou a mentir. Tens razão, não disse nada a ninguém. E sim, estás a arriscar o teu emprego ao ajudares-me. Tudo o que posso dizer é que estarias num sarilho ainda maior se te contasse o resto. Assim, terás de confiar em mim. Ou desistires. Ainda te podes recusar.

Ficaram os dois a olhar para o fiorde. As gaivotas eram dois pequenos pontos à distância.

– O que é que *tu* farias? – perguntou Halvorsen.

– Recusaria.

Os pontos aumentaram. As gaivotas regressavam.

Quando regressaram ao Quartel-general da Polícia, havia uma mensagem de Møller no gravador de chamadas.

– Vamos dar uma volta – disse ele quando Harry lhe ligou. – A um sítio qualquer – acrescentou Møller quando chegaram à rua.

– Ao Elmer's – disse Harry. – Preciso de cigarros.

Møller seguiu Harry por um carreiro enlameado que atravessava o relvado entre o Quartel-general e o passeio empedrado, que conduzia à prisão de Botsen. Harry observara que os arquitectos nunca pareciam aperceber-se de que as pessoas encontravam sempre o percurso mais rápido entre dois pontos, independentemente do lugar onde se situava a estrada. No fim do carreiro havia uma tabuleta que fora deitada ao chão: PROIBIDO PISAR A RELVA.

– Ouviste falar do assalto a um banco na Grønlandsleiret, efectuado hoje de manhã? – perguntou Møller.

Harry assentiu.

– Interessante ter escolhido um banco a uma centena de metros da esquadra da polícia.

– Por coincidência, o alarme do banco estava em reparações.

– Não acredito em coincidências – disse Harry.

– Oh? Achas que foi um trabalho interno?

Harry encolheu os ombros.

– Ou alguém que sabia que o alarme estava a ser arranjado.

– Só o banco e os tipos das reparações é que o sabiam. E nós.

– Não era acerca do assalto ao banco que querias falar, pois não, chefe?

– Não – disse Møller, a contornar uma poça. – O superintendente-chefe tem estado numa reunião com o *mayor*. Todos estes assaltos estão a incomodá-lo.

No carro, pararam para dar passagem a uma mulher com três crianças a reboque. Ela estava a repreendê-los num tom de voz zangado, esgotado, e evitou os olhos de Harry. Era horário de visitas em Botsen.

– Ivarsson é eficiente. Não há dúvidas quanto a isso – disse Møller. – No entanto, este Executor parece ser de um calibre diferente daquele a que estamos habituados. O superintendente-chefe acha que desta vez os métodos convencionais podem não ser suficientes.

– Talvez não, mas e depois? Um «dois», a mais ou a menos, não é um escândalo.

– Um «dois»?

– Uma vitória da equipa adversária. Caso por resolver. É o calão actual, chefe.

– Há aqui mais em jogo do que isso, Harry. Os órgãos de comunicação social têm passado o dia atrás de nós, tem sido um pesadelo. Estão a chamar-lhe o novo Martin Pedersen. E no *website* do Verdens Gang descobriram que lhe chamamos o Executor.

– É sempre a mesma história – disse Harry, a atravessar a rua com o sinal vermelho com um Møller circunspecto a segui-lo. – Os *media* é que determinam quais as nossas prioridades.

– Bem, ele assassinou alguém.

– E nós desistimos dos assassinos que não se encontram à vista do público.

– Não! – disparou Møller. – Não vamos recomeçar com isso.

Harry encolheu os ombros e passou por cima de um expositor de jornais que tinha caído. Na rua, um jornal virava as suas próprias folhas a uma velocidade furiosa.

– Então, o que é que queres?

– Como é natural, o chefe está preocupado com a repercussão a nível das relações públicas. Um assalto a um banco isolado é esquecido pelo público em geral, e muito antes de se desistir do caso. Ninguém repara que o homem não foi apanhado. No entanto, desta vez, os olhos de todos estão focados em nós. E quanto mais se fala de assaltos deste género, mais a curiosidade do público aumenta. Martin Pedersen era um indivíduo normal que fez aquilo com que muitos sonhavam; foi um Jesse James moderno que escapou à lei. Esse tipo de caso cria mitos, heróis, e pessoas que se identificam com eles. Assim, mais recrutas para o ofício de assalto a bancos. O número de assaltos a bancos aumentou por todo o país, enquanto a imprensa escrevia a respeito de Martin Pedersen.

– Estás assustado por isto se poder espalhar. É justo. E o que é que eu tenho a ver com isso?

– Como estava a dizer, ninguém duvida da eficiência de Ivarsson. Ninguém duvida disso. É um agente correcto, tradicional, que nunca ultrapassa os limites. Contudo, o Executor não é um assaltante de bancos tradicional. O chefe não está satisfeito com os resultados obtidos até ao momento. – Møller apontou com a cabeça para a prisão. – O episódio com Raskol chegou-lhe aos ouvidos.

– Hm.

– Eu estava no gabinete do chefe antes do almoço e falou-se no teu nome. De facto, várias vezes.

– Meu Deus, devo sentir-me honrado?

– De qualquer maneira, tu és um investigador que atingiu resultados usando métodos pouco convencionais.

O sorriso de Harry aumentou até se transformar num esgar.

– Uma definição amável para um piloto *kamikaze*...

– Em poucas palavras a mensagem é esta, Harry. Deixa tudo o resto que estás a fazer e diz-me se precisas de mais pessoal. Ivarsson vai continuar com a sua equipa, mas confiamos em ti. E mais uma coisa... – Møller aproximou-

se de Harry. – Tens carta-branca. Estamos dispostos a aceitar que os regulamentos podem ser contornados. Em troca, isto tem de ficar dentro da força.

– Hm. Acho que compreendi. E se não ficar?

– Apoiar-te-emos o máximo que nos for possível, mas há um limite. Nem é preciso dizê-lo.

Elmer virou-se quando as campainhas por cima da porta tocaram e fez sinal com a cabeça em direcção ao pequeno rádio portátil, em frente do qual se encontrava.

– E eu a pensar que Kandahar era uma estância de esqui. Um maço de Camel?

Harry assentiu. Elmer baixou o volume do rádio e a voz do jornalista juntou-se ao zumbido dos sons exteriores – carros, o vento a bater no toldo, as folhas a serem sopradas pelo alcatrão.

– Alguma coisa para o seu colega? – Elmer apontou para a porta onde Møller parara.

– Ele gostaria de um piloto *kamikaze* – disse Harry, a abrir o maço.

– A sério?

– Mas esqueceu-se de perguntar o preço – continuou Harry, e conseguiu sentir o sorriso docemente sardónico de Møller sem sequer se virar.

– E hoje em dia qual é o preço a que se encontram os pilotos *kamikaze*? – perguntou o dono do quiosque, a estender o troco a Harry.

– Quando sobrevivem, é-lhes permitido ficar com as missões que lhes possa apetecer – disse Harry. – Essa é a única condição que eles colocam. E a única na qual insistem.

– Parece-me razoável – disse Elmer. – Tenham um bom dia, cavalheiros.

No caminho de regresso, Møller disse que iria falar com o superintendente-chefe acerca da possibilidade de Harry poder trabalhar no caso de Ellen Gjeltén durante três meses. Isto é, desde que o Executor fosse apanhado. Harry concordou. Møller hesitou em frente da tabuleta PROIBIDO PISAR A RELVA.

– É o caminho mais curto, chefe.

– Sim – disse Møller. – Mas os meus sapatos vão ficar sujos.

– Como queiras – disse Harry, a subir pelo carreiro. – Os meus já o estão.

O trânsito abrandava depois de se passar Ulvøya. Parara de chover e a estrada Ljan já estava seca. Passado pouco alargava-se em quatro faixas, e era como uma linha de partida para os veículos acelerarem e partirem. Harry olhou para Halvorsen e perguntou-se quando é que ele iria ouvir os seus gritos. Mas Halvorsen não ouvia nada pois seguia à letra as exortações de Travis – estava a tocar na rádio:

– *Sing, sing, siiing!*

– Halvorsen...

– *For the love you bring...*

Harry baixou o som e Halvorsen lançou-lhe um olhar perplexo.

– Limpa-pára-brisas – disse Harry. – Já os podes desligar.

– Oh, sim, desculpa.

Continuaram em silêncio. Passaram pela saída de Drøbak.

– O que é que disseste ao tipo da mercearia? – perguntou Harry.

– Não vais querer saber.

– Mas ele fez uma entrega no chalé de Albu, numa quinta-feira há cinco semanas?

– Foi o que ele disse, sim.

– Antes da chegada de Albu?

– Apenas disse que costuma entrar sozinho.

– Então tem uma chave?

– Harry, havia limites para aquilo que eu podia perguntar com o meu pretexto fraquíssimo.

– Que pretexto é que lhe deste?

Halvorsen suspirou.

– Agrimensor provincial do concelho.

– Agrimensor provincial do con...?

– ... celho.

– O que é isso?

– Não sei.

Larkollen ficava mesmo à saída da auto-estrada, a treze quilómetros lentos e catorze curvas apertadas de distância.

– À direita junto à casa vermelha da estação de serviço – recitou Halvorsen de memória e virou no caminho de cascalho.

– *Muitos* tapetes de chuveiro – murmurou Harry cinco minutos depois, quando Halvorsen estacionou e apontou para uma enorme construção de madeira entre as árvores. Parecia-se com um chalé de montanha de tamanho majestoso que, devido a um pequeno mal-entendido, fora parar junto ao mar.

– Isto por aqui é um pouco deserto, não é? – observou Halvorsen, a olhar para as casas vizinhas. – Apenas gaivotas. *Carradas* de gaivotas. Talvez haja um aterro do lixo aqui perto.

– Hm. – Harry olhou para o relógio. – Vamos estacionar na estrada um pouco mais acima.

A estrada terminava numa zona para manobras. Halvorsen desligou o carro, e Harry abriu a porta e saiu. Esticou-se, e ouviu os gritos das gaivotas e o rugido distante das ondas a baterem contra os rochedos junto à praia.

– Ah – disse Halvorsen, a encher os pulmões. – Isto é um pouco diferente do ar de Oslo, não é?

– Sem sombra de dúvida – respondeu Harry, à procura do maço de cigarros. – Levas o estojo metálico?

No cimo do carreiro que conduzia ao chalé, Harry reparou numa enorme gaivota branca e amarela pousada numa vedação. A cabeça virou-se lentamente sobre o corpo quando eles passaram. Harry sentiu os olhos brilhantes da ave nas suas costas durante toda a subida.

– Isto não vai ser fácil – declarou Halvorsen, assim que estudaram melhor a sólida fechadura na porta de entrada. Pendurara o boné num candeeiro de ferro forjado, acima da pesada porta de carvalho.

– Hm. Vais ter de conseguir entrar. – Harry acendeu um cigarro. – Entretanto vou dar uma volta de reconhecimento.

– Porque é que andas a fumar mais que antes? – perguntou Halvorsen, a abrir o estojo.

Harry permaneceu imóvel durante um momento e desviou os olhos para a floresta.

– Para te dar a oportunidade de um dia me bateres na bicicleta.

Troncos negros, janelas sólidas. Tudo o que se referia ao chalé parecia sólido e impenetrável. Harry perguntou-se se seria possível entrar pela chaminé de aparência imponente, mas rejeitou a ideia. Desceu o carreiro. A chuva dos últimos dias tinha amolecido a terra, mas era-lhe fácil imaginar os pés pequenos e pernas nuas de crianças a correrem pelo carreiro banhado pelo sol de Verão, a caminho da praia situada atrás das rochas amaciadas pelo mar. Parou e fechou os olhos. Até ouvir o som. O zumbido de insectos, o murmurar da erva alta a ondular na brisa, um rádio distante e uma música que flutuava ao vento, e, vindos da praia, os gritos animados das crianças. Tinha dez anos e dirigira-se, desajeitado, até à mercearia para comprar pão e leite. As pequenas pedras enterravam-se-lhe nas solas dos pés, mas ele cerrara os dentes porque naquele Verão decidira-se a endurecer os pés para poder correr descalço com Øystein quando voltasse a casa. Ao regressar, o pesado saco de compras parecia pressioná-lo mais profundamente no carreiro de cascalho; parecia-lhe estar a andar sobre carvões em brasa. Focou a sua atenção em algo um pouco mais à frente – uma grande pedra ou folha – e disse a si mesmo que tinha apenas de chegar até ali, que não era longe. Quando por fim chegou a casa, uma hora e meia depois, o leite estava entornado e a mãe ficou zangada. Harry abriu os olhos. Nuvens cinzentas corriam pelo céu.

Encontrou rastos de pneus na erva castanha ao lado do carreiro. As impressões profundas e irregulares sugeriam que fora um veículo pesado com pneus todo-o-terreno, um Land Rover ou qualquer coisa parecida. Com toda a chuva que caíra nas últimas semanas, os rastos não deviam ser muito antigos. Teriam no máximo uns dois dias.

Contornou-os, a pensar que não havia nada de tão desolador quanto uma estância de Verão no Outono. Quando regressou ao chalé, acenou com a cabeça à gaivota.

Halvorsen estava debruçado sobre a porta de entrada com uma gazua eléctrica, a resmungar.

– Que tal está a correr?

– Mal. – Halvorsen endireitou-se e limpou o suor da testa. – Esta não é uma fechadura para amadores. É o pé-de-cabra ou desistir.

– O pé-de-cabra não. – Harry coçou o queixo. – Viste debaixo do tapete?

Halvorsen suspirou.

– Não, e também não o vou fazer.

– Porque não?

– Porque estamos no novo milénio e já não se guardam as chaves das casas debaixo dos tapetes. Em especial, num chalé de luxo. Assim, a não ser que queiras apostar cem kroner, nem me vou dar a esse trabalho. Está certo?

Harry assentiu.

– Ótimo – disse Halvorsen, baixando-se para fechar o estojo.

– Quis dizer, apostado – disse Harry.

Halvorsen ergueu os olhos.

– Estás a gozar?

Harry sacudiu a cabeça.

Halvorsen agarrou a extremidade do tapete de fibra sintética.

– Um, dois, três – murmurou e afastou o tapete. Três formigas, dois bichos-de-conta e uma bicha-cadela acordaram, e fugiram assustados pelo betão cinzento. Mas nenhuma chave.

– De vez em quando és incrivelmente ingénuo – disse Halvorsen, de mão estendida. – Porque é que ele iria deixar uma chave?

– Porque – disse Harry, cuja atenção fora captada pelo candeeiro de ferro forjado junto da porta, e não vira a mão estendida – o leite azeda quando é deixado ao sol. – Aproximou-se do candeeiro e desenroscou o cimo.

– O que é que queres dizer com isso?

– A entrega da mercearia foi feita um dia antes da chegada de Albu, não foi? É óbvio que tiveram de guardar as coisas dentro de casa.

– E? Talvez o merceeiro tenha uma chave sobressalente.

– Não me parece. Acho que Albu não iria querer que alguém irrompesse por aqui dentro, enquanto ele e Anna aqui estivessem. – Retirou o cimo e procurou na parte interior de vidro. – E agora tenho a certeza.

A resmungar, Halvorsen baixou a mão.

– Repara no cheiro – disse Harry quando entraram na sala de estar.

– Sabão azul e branco – disse Halvorsen. – Alguém achou que o chão precisava de ser lavado.

O mobiliário pesado, as antiguidades rústicas e a grande lareira de pedra reforçaram a impressão de férias de Páscoa. Harry dirigiu-se às estantes de pinho na outra extremidade da sala. Livros antigos nas estantes. Os olhos de

Harry correram pelos títulos das lombadas gastas, mas que transmitiam a sensação de que nunca tinham sido lidos. Pelo menos, ali não. Poderiam ter sido comprados a peso num dos alfarrabistas de Majorstuen. Antigos álbuns de fotografias. Gavetas. Nas gavetas havia caixas de charutos Cohiba e Bolivar. Uma das gavetas estava trancada.

– Então lá se vai a limpeza – disse Halvorsen. Harry virou-se e viu o parceiro a apontar para as pegadas castanhas e molhadas que atravessavam diagonalmente o soalho.

Descalçaram-se no vestíbulo, encontraram um trapo na cozinha e depois de limparem o soalho, concordaram que Halvorsen iria ficar com a sala de estar enquanto Harry ficava com os quartos e a casa de banho.

Aquilo que Harry sabia a respeito de buscas a casas, aprendera numa sala de aula quente no Instituto da Polícia numa sexta-feira depois de almoço quando estavam todos ansiosos por ir para casa, tomarem um duche e irem para a cidade. Não tinham nenhum manual, apenas um certo inspector Røkke. E naquela sexta-feira, ele dera a Harry a única dica que ele mais tarde viria a utilizar como guia: «Não penses naquilo que estás a procurar. Pensa naquilo que vais encontrar. Porque é que aquilo está ali? Deveria estar ali? O que é que significa? É como ler – se pensares num “l” quando estiveres a olhar para um “k”, não verás as palavras.»

A primeira coisa que Harry viu quando entrou no primeiro quarto foi a enorme cama de casal, e a fotografia de Herr e fru Albu na mesa-de-cabeceira. Não era muito grande, mas saltava logo à vista por ser a única fotografia na divisão e estar virada para a porta.

Harry abriu um roupeiro. Foi atingido pelo cheiro das roupas de outras pessoas. No interior não havia vestuário casual, apenas vestidos de noite, blusas e dois fatos. E um par de sapatos de golfe com pitons.

Harry passou sistematicamente em revista os três roupeiros. Já era detective há demasiado tempo para sentir vergonha por vasculhar os objectos pessoais de outros.

Sentou-se na cama e estudou a fotografia. O pano de fundo era apenas céu e mar, mas um ângulo da luz fez com que Harry pensasse que deveria ter sido tirada em climas meridionais. Arne Albu estava bronzeado e tinha a mesma expressão de traquinice infantil que Harry lhe vira no restaurante em Aker Brygge. Segurava firmemente a cintura da mulher. De um modo tão firme que a metade superior de Vigdis parecia estar inclinada na direcção dele.

Harry puxou o cobertor e o edredão para o lado. Se Anna tivesse estado

naquela cama eles iriam definitivamente encontrar cabelo, fragmentos de pele, saliva ou secreções sexuais. Provavelmente tudo isso. Mas foi o que ele pensara. Passou uma mão pelo lençol engomado, encostou o rosto à almofada e inalou. Acabara de ser lavado. Merda.

Abriu uma gaveta da mesa-de-cabeceira. Um pacote de pastilhas elásticas Extra, uma embalagem fechada de Paralgin, um porta-chaves com uma chave e uma placa de latão com as iniciais A. A., uma fotografia de um bebê nu enrolado como uma larva sobre o tampo de um fraldário, e um canivete suíço.

Estava prestes a pegar no canivete quando ouviu o grito arrepiante de uma gaivota. Estremeceu inconscientemente e olhou pela janela. A gaivota tinha desaparecido. Voltou à sua busca, quando, de repente, ouviu o ladrar enraivecido de um cão.

Nesse momento, Halvorsen apareceu na soleira da porta.

– Vem alguém a subir o carroiro.

O coração dele bateu como se accionado por um turbo.

– Vou buscar os sapatos – disse Harry. – Traz para aqui o estojo com o equipamento.

– Mas...

– Saltaremos pela janela quando eles entrarem. Rápido!

O ladrar no exterior aumentou de volume e intensidade. Harry atravessou a sala de estar a correr. Dirigiu-se ao vestíbulo enquanto Halvorsen se ajoelhava em frente das estantes e atirava o pó, escova e papel aderente para dentro do estojo. O ladrar estava agora tão próximo que Harry conseguia ouvir rosnidos profundos entre os latidos. Passos no exterior. A porta não estava trancada, era demasiado tarde para fazer alguma coisa, ia ser apanhado em flagrante! Respirou fundo e ficou onde estava. Bem poderia enfrentar as consequências, no lugar onde se encontrava. Talvez fosse possível a Halvorsen escapar. Assim o seu despedimento não lhe ficaria a pesar na consciência.

– *Gregor!* – ouviu-se o grito de um homem, do outro lado da porta. – Volta aqui!

O ladrar tornou-se mais distante e ouviu o homem no exterior a afastar-se da entrada.

– *Gregor!* Deixa o veado em paz!

Harry avançou dois passos e rodou silenciosamente a chave na fechadura. Depois pegou nos dois pares de sapatos e atravessou a sala em bicos dos pés,

ao mesmo tempo que ouvia chaves a sacudirem-se no exterior. Fechou a porta do quarto atrás de si ao ouvir a porta de entrada abrir-se.

Halvorsen estava sentado no chão debaixo da janela e olhou para Harry de olhos dilatados.

– O que foi? – sussurrou Harry.

– Eu estava prestes a sair pela janela quando o cão enlouquecido apareceu – segredou Halvorsen em resposta. – É um *Rottweiler* enorme.

Harry espreitou pela janela e deparou-se com maxilares poderosos. O cão tinha as patas encostadas à parede exterior. Ao ver Harry, o animal deu um salto para longe da parede e começou a ladrar como se estivesse possuído. Baba pingava-lhe dos caninos. O som de passos pesados na sala de estar. Harry deixou-se cair no chão ao lado de Halvorsen.

– Setenta quilos, no máximo – sussurrou. – Nada de especial.

– Por favor. Já vi um *Rottweiler* a atacar Victor, o tratador de cães.

– Hm.

– Perderam o controle do cão durante o treino. Tiveram de coser a mão ao agente que estava a fazer de criminoso, no Rikshospital.

– Pensei que eles usassem um acolchoamento grosso.

– E usam.

Mantiveram-se à escuta dos sons vindos do exterior. Os passos na sala de estar tinham parado.

– Vamos sair e cumprimentá-lo? – sussurrou Halvorsen. – É apenas uma questão de tempo até que...

– Shh.

Ouviram mais passos. A aproximarem-se da porta do quarto. Halvorsen fechou firmemente os olhos. Como se a preparar-se para a humilhação. Ao reabri-los, viu Harry a erguer um dedo autoritário junto dos lábios.

Depois ouviram uma voz junto à janela.

– *Gregor!* Vamos! Vamos para casa!

Depois de mais alguns latidos, ficou tudo repentinamente silencioso. Agora Harry apenas ouvia o som de uma respiração baixa e rápida, mas não sabia se era a dele ou se a de Halvorsen.

– Muito obedientes, estes *Rottweilers* – segredou Halvorsen.

Esperaram até ouvirem o carro a afastar-se pela estrada abaixo. Depois apressaram-se até à sala de estar e Harry viu as traseiras de um *Jeep Cherokee* azul-marinho a desaparecer. Halvorsen caiu sobre o sofá e recostou-se.

– Meu Deus – resmungou. – Durante um bocado imaginei-me a regressar a Steinkjer com um despedimento desonroso. Mas que raio estava ele a fazer? Mal esteve aqui dois minutos. – Voltou a levantar-se do sofá. – Achas que ele vai voltar? Talvez tenha apenas ido à loja?

Harry sacudiu a cabeça.

– Foram para casa. Pessoas destas não mentem aos seus cães.

– Tens a certeza?

– Sim, claro. Um dia, ele vai gritar: «Vamos, *Gregor*. Vamos ao veterinário para te abater.» – Harry perscrutou a sala. Depois aproximou-se das estantes e passou um dedo pelas lombadas dos livros à sua frente, desde a prateleira de cima até à do fundo.

Halvorsen assentiu sombriamente e olhou para o espaço.

– E *Gregor* irá a sacudir a cauda. Os cães são mesmo criaturas estranhas.

Harry parou aquilo que estava a fazer e sorriu.

– Não estás arrependido, Halvorsen?

– Bem, não me arrependo mais disto do que de qualquer outra coisa.

– Estás a começar a ficar parecido comigo.

– És mesmo tu. Estou a citar-te. Da vez em que comprámos a máquina de café. Andas à procura de quê?

– Não sei – disse Harry. Tirou da prateleira um álbum grosso e grande, e abriu-o. – Olha para isto. Interessante.

– Ah, sim? Voltei a perder-me.

Harry apontou para trás dele e continuou a folhear. Halvorsen levantou-se e viu. Pegadas molhadas que conduziam da porta de entrada através do vestíbulo até à estante junto à qual Harry parara.

Harry voltou a enfiar o álbum no espaço onde se encontrava, tirou outro e começou a folheá-lo.

– Certo – disse passado um bocado. Levou o álbum ao rosto. – Aqui está.

– O que é?

Harry pousou o álbum na mesa em frente de Halvorsen, e apontou para uma de seis fotografias presas à folha negra. Uma mulher e três crianças a sorrirem numa praia.

– É a mesma fotografia que encontrei no sapato de Anna – disse Harry. – Cheira-a.

– Não é preciso. Consigo cheirá-la daqui.

– Certo. Ele acabou de colar a fotografia. Se a moveres um pouco, consegues sentir que a cola ainda está mole. Cheira a fotografia.

– Ok. – Halvorsen encostou o nariz aos sorrisos. – Cheira a... químicos.

– Que tipo de químicos?

– As fotografias cheiram sempre assim quando acabam de ser reveladas.

– Acertaste de novo. E o é que concluímos disso?

– Que, hm... ele gosta de colar fotografias.

Harry olhou para o relógio. Se Albu fosse directamente para casa, chegaria dentro de uma hora.

– Eu explico-te no carro – disse. – Temos a prova de que precisávamos.

* * *

Estava a chover quando chegaram à E6. A luz dos veículos vindos em direcção contrária reflectia-se no alcatrão molhado.

– Agora sabemos de onde veio a fotografia que Anna tinha no sapato – disse Harry. – Eu diria que Anne aproveitou a oportunidade para a tirar do álbum, quando esteve no chalé pela última vez.

– Mas o que é que ela ia fazer com a fotografia?

– Só Deus o sabe. Talvez para ver o que se encontrava entre ela e Albu. Para compreender melhor. Para ter alguma coisa na qual espetar alfinetes.

– E quando lhe mostraste a fotografia, ele soube de onde era?

– Claro que soube. As marcas de pneus do Cherokee junto ao chalé são iguais às anteriores. Mostram que ele esteve aqui há alguns dias, talvez ontem.

– Para lavar o chão e limpar todas as impressões digitais?

– E para verificar aquilo de que já desconfiava... que aquela fotografia não

estava no álbum. Assim quando chegou a casa, encontrou o negativo e mandou-o revelar.

– Provavelmente numa loja onde revelam fotografias numa hora. Depois, hoje, voltou ao chalé para a colar onde estava a anterior.

– Hm.

As rodas traseiras do camião à frente deles lançavam lençóis de água suja e oleosa sobre o pára-brisas, e os limpa-pára-brisas trabalhavam a toda a velocidade.

– Albu deu-se a grandes trabalhos para cobrir o rasto da sua escapadela – disse Halvorsen. – Mas achas que foi ele quem matou Anna Bethsen?

Harry olhou para o logótipo nas portas traseiras do camião. AMOROMA – ETERNAMENTE SEU.

– Porque não?

– Não me pareceu ser do tipo homicida. Um indivíduo bem-educado, íntegro. Um pai de confiança com um cadastro imaculado, e um negócio que ele mesmo construiu.

– Foi infiel.

– E quem não o foi?

– Sim, quem não o foi – repetiu Harry lentamente. E explodiu num ataque de irritação repentina: – Vamos continuar atrás deste camião e apanhar com a merda dele daqui até Oslo, ou não?

Halvorsen olhou pelo retrovisor e mudou para a faixa da esquerda.

– E qual seria o motivo?

– Vamos-lhe perguntar – replicou Harry.

– O que é que queres dizer? Ir até casa dele e perguntar-lhe? Revelar que conseguimos provas por meios ilegais e sermos despedidos ao mesmo tempo?

– Não tens de ir. Eu trato disto sozinho.

– E o que é que achas que vais conseguir com isso? Se se souber que entrámos no chalé dele sem um mandado, não há um único juiz nesta terra que aceite o caso em tribunal.

– Precisamente por isso.

– Precisamente... Desculpa, estes *puzzles* estão a começar a cansar-me,

Harry.

– Como não temos nada que possamos usar num tribunal, temos de aumentar a pressão para encontrarmos algo que possamos utilizar.

– Não o devíamos levar para interrogatório, dar-lhe uma boa cadeira, servir-lhe um café e gravar tudo numa cassete?

– Não. Não precisamos de um monte de mentiras gravadas, quando não podemos usar aquilo que sabemos para provar que ele é um mentiroso. Aquilo de que precisamos é de um aliado. Alguém que o possa expor em nosso nome.

– E quem é essa pessoa?

– Vigdis Albu.

– Ah. E como...?

– Se Arne Albu foi infiel, decerto que Vigdis vai querer aprofundar a questão. E as hipóteses dizem-nos que ela está sentada em cima da informação de que nós precisamos. E sabemos algumas coisas que a podem ajudar a descobrir ainda mais.

Halvorsen inclinou o retrovisor para não ficar encadeado pelos faróis do camião, que se encontrava colado à sua traseira.

– Tens a certeza de que essa é uma ideia inteligente, Harry?

– Não. Sabes o que é uma palíndroma?

– Não faço a mínima ideia.

– É uma palavra ou palavras que podem ser lidas da frente para trás e de trás para a frente. Olha para o camião no retrovisor. AMOROMA. É a mesma palavra, seja lida de que maneira for.

Halvorsen estava prestes a falar, mas pensou melhor e limitou-se a sacudir a cabeça desesperado.

– Leva-me ao Schrøder's – disse Harry.

O ar estava denso do suor, fumo de cigarros, roupa ensopada de chuva e pedidos de cerveja gritados sobre as mesas.

Beate Lønn estava sentada à mesma mesa de Aune. Era tão difícil de detectar como uma zebra numa vacaria.

– Estás há muito tempo à espera? – perguntou Harry.

– Não muito – mentiu ela.

Tinha à sua frente uma caneca de cerveja grande, intacta e já sem gás. Seguiu o olhar dele e obedientemente levantou-a.

– Aqui não é obrigatório beber-se álcool – disse Harry, e trocou um olhar com Maja. – Apenas parece que é.

– De facto, não é assim tão mau. – Beate bebeu um pequeno gole. – O meu pai dizia que não confiava em pessoas que não bebiam cerveja.

A cafeteira e a chávena surgiram em frente de Harry. Beate corou até à raiz do cabelo.

– Eu costumava beber cerveja – disse Harry. – Tive de parar.

Beate estudou a toalha de mesa.

– É o único vício de que me livre – disse Harry. – Fumo, minto e guardo rancor. – Levantou a chávena num brinde. – Quais são os teus vícios, Lønn? Para além de seres uma toxicodependente de vídeos e de te lembrares de todos os rostos que já viste na vida?

– Não há muito mais que isso. – Ela levantou a caneca. – Para além do espasmo de Setesdal.

– É grave?

– Bastante. Na verdade, chama-se doença de Huntingdon. É hereditária e era normal em Setesdal.

– Porquê aí de todos os lugares?

– É um... vale estreito cercado por montanhas elevadas e rochosas. E muito longe de lado nenhum.

– Estou a ver.

– Tanto o meu pai como a minha mãe são de Setesdal, e a princípio a minha mãe não queria casar com o meu pai porque pensava que ele tinha uma tia com o espasmo de Setesdal. A minha tia começava de repente a sacudir os braços, e as pessoas mantinham-se à distância.

– E agora és tu que o tens?

Beate sorriu.

– O meu pai costumava gozar com a minha mãe acerca disso quando eu era miúda. Porque quando o meu pai e eu jogávamos à sardinha, eu era tão rápida e atingia-o com tanta força que ele pensava que só podia ser o espasmo de

Setesdal. Eu achava aquilo tão divertido que só desejava... ter o espasmo, mas um dia a minha mãe disse-me que se pode morrer da doença de Huntingdon. – Começou a brincar com a caneca. – E nesse mesmo Verão aprendi o que significava a morte.

Harry acenou com a cabeça a um velho marinheiro numa mesa vizinha, que não lhe retribuiu o cumprimento. Pigarreou.

– E quanto a rancores? Também os tens?

Beate ergueu os olhos para ele.

– O que é que queres dizer com isso?

Harry encolheu os ombros.

– Olha à tua volta. A humanidade não pode sobreviver sem eles. Vingança e retribuição. É essa a força condutora do anão que é maltratado na escola e que mais tarde se transforma em multimilionário, e do assaltante de bancos que pensa que foi enganado pela sociedade. E olha para nós. A vingança ardente da sociedade disfarçada de retribuição fria e racional. Essa é a nossa profissão, não é?

– É assim que tem de ser – disse ela, evitando o olhar de Harry. – A sociedade não funcionaria sem castigo.

– Sim, claro, mas é mais que isso, não é? Catarse. A vingança limpa. Aristóteles escreveu que a alma humana é purgada pelo medo e compaixão que a tragédia evoca. É um pensamento assustador saber que podemos satisfazer o desejo mais íntimo da alma por intermédio da tragédia da vingança, não é?

– Não li muita filosofia. – Levantou a caneca e bebeu uma longa golada.

Harry baixou a cabeça.

– Eu também não. Só te estou a tentar impressionar. Alguma novidade?

– Primeiro as más notícias – disse ela. – A reconstituição do rosto atrás da máscara falhou. Apenas um nariz e o delineado de uma cabeça.

– E as boas notícias?

– A mulher que serviu de refém no assalto de Grønlandsleiret acha que é capaz de reconhecer a voz do assaltante. Disse que era tão invulgarmente alta que quase pensou ser de mulher.

– Hm. Mais alguma coisa?

– Sim, estive a falar com o pessoal do centro Focus e a fazer algumas verificações. Trond Grette chegou às duas e meia, e saiu por volta das quatro.

– Como é que podes ter tanta certeza disso?

– Porque pagou o *court* de *squash* com cartão quando chegou. O pagamento foi registado às 14h34. E lembras-te da raquete de *squash* roubada? Como é natural, contou ao pessoal de serviço. A funcionária de turno anotou a hora em que Grette lá esteve. Ele saiu do centro às 16h02.

– E essa é que é a boa notícia?

– Não, já lá chego. Lembras-te do homem de fato-macaco que Grette disse que viu passar por ele no vestiário?

– Com POLITI escrito nas costas?

– Estive a ver o vídeo. Parece que o fato-macaco do Executor tem velcro na parte de trás e na da frente.

– E isso quer dizer?

– Se o Executor é a pessoa que Grette viu, ele poderia ter colocado as letras no fato-macaco com velcro assim que se encontrou longe do alcance das câmaras.

– Hm. – Harry sorveu ruidosamente o café.

– Isso pode explicar o motivo por que ninguém reportou algo de tão simples como um fato-macaco naquela zona. Havia uniformes pretos da polícia por todo o lado depois do assalto.

– O que é que disseram no Focus?

– Essa é a parte interessante. De facto, a mulher de serviço lembra-se de um homem de fato-macaco que pensou ser um polícia. Passou por ela a correr, e por isso presumiu que ele tinha marcado um *court* de *squash* ou qualquer coisa nesse género.

– Então não tinham um nome?

– Não.

– Isso não é exactamente bom...

– Não, mas o melhor ainda está por vir. O motivo por que ela se lembra do tipo foi por ter pensado que ele pertencia a uma unidade especial, ou qualquer coisa parecida, porque o resto da sua roupa era tão Dirty Harry. Ele... – Interrompeu-se e lançou-lhe um olhar horrorizado. – Eu não queria...

– Está tudo bem – disse Harry. – Continua.

Beate moveu o copo, e Harry pensou detectar um sorriso ligeiro e triunfante a esboçar-se na sua pequena boca.

– Ele estava a usar uma balaclava meio enrolada para cima. E um par de óculos escuros e enormes que lhe tapava uma parte do rosto. Disse que levava um saco desportivo preto que parecia ser muito pesado.

O café de Harry desceu pelo caminho errado.

* * *

Um par de sapatos velhos pendurados pelos atacadores num arame estendido entre as casas em Dovregata. As luzes no arame faziam o que podiam para iluminar o passeio empedrado, mas era como se a escura noite de Outono já tivesse sugado toda a luz da cidade. Isso não incomodou Harry; encontrou o seu caminho entre a avenida Sophies e a Schrøder's na mais profunda das escuridões. Já o fizera muitas vezes antes.

Beate tinha uma lista de nomes de pessoas que tinham marcado aulas de *squash* ou aeróbica no Focus à mesma hora em que o homem do fato-macaco ali estivera, e ia começar a ligar-lhes no dia seguinte. Se não encontrasse o homem, ainda havia uma boa hipótese de alguém ter estado no vestiário quando ele trocara de roupa e lhes pudesse fazer uma descrição.

Harry passou por baixo dos sapatos pendurados no arame. Há anos que os via ali pendurados e há muito que se conformara com o facto de que nunca iria encontrar uma resposta para o modo como tinham ido ali parar.

Ali estava a lavar os degraus quando Harry chegou à entrada do prédio.

– Deves odiar os Outonos noruegueses – disse Harry, a limpar os pés. – Apenas fuligem e água lamacenta.

– No Paquistão, na minha terra natal, a visibilidade resumia-se a cinquenta metros devido à poluição. – Ali sorriu. – Durante todo o ano.

Harry conseguiu ouvir um som distante mas familiar. Era o princípio que diz que os telefones começam a tocar assim que os ouvimos, mas que nunca se consegue chegar a eles a tempo. Olhou para o relógio. Dez horas. Rakel dissera que lhe ligaria às nove.

– Aquela arrecadação na cave... – começou Ali, mas Harry já partira a toda a velocidade, deixando a pegada de um Doc Martens a cada passada.

O telefone parou de tocar quando abriu a porta.

Descalçou-se. Cobriu o rosto com as mãos. Foi até ao telefone e levantou o auscultador. O número do hotel onde ela estava hospedada estava escrito num *Post-it* amarelo, colado ao espelho. Pegou nele e reparou no reflexo do primeiro *e-mail* enviado por S2MN. Imprimira-o e pregara-o na parede. Um velho hábito. Na Brigada Criminal decoravam sempre as paredes com fotografias, cartas e outras pistas que os poderiam levar a fazer uma associação ou que pudessem despertar o subconsciente para alguma coisa. Harry não conseguia ler o reflexo no espelho, mas não precisava de o fazer.

Vamos jogar? Vamos imaginar que foste jantar com uma mulher e no dia seguinte ela aparece morta. O que é que fazes?

S2MN

Mudou de ideias, dirigiu-se à sala de estar, acendeu a televisão e deixou-se cair na poltrona. Depois levantou-se com um salto, dirigiu-se ao vestíbulo e marcou o número.

Rakel soava cansada.

– No Schrøders's – disse Harry. – Acabei de entrar.

– Devo ter ligado umas dez vezes.

– Passa-se alguma coisa?

– Estou assustada, Harry.

– Hm. Muito assustada?

Harry estava encostado à soleira da porta que dava para a sala de estar, o auscultador apertado entre o ombro e o ouvido enquanto baixava o volume da televisão com o controlo remoto.

– Não muito – disse ela. – Apenas um pouco.

– Um pouco assustada não te vai magoar. Ficas mais forte se ficares um pouco assustada.

– Mas, e se ficar muito assustada?

– Sabes que irei aí de imediato. Basta pedires.

– Já disse que não podes vir, Harry.

– Dou-te neste momento o direito de mudares de ideias.

Harry olhou para o homem de turbante e camuflado que surgiu na televisão. Havia algo de estranhamente familiar no seu rosto, uma semelhança próxima com alguém.

– O meu mundo está a desabar – disse ela. – Só precisava de saber que havia aí alguém.

– Há aqui alguém.

– Mas soas tão distante.

Harry virou costas à televisão e encostou-se à porta.

– Desculpa, mas estou aqui e estou a pensar em ti. Mesmo que soe distante.

Ela começou a chorar.

– Desculpa, Harry. Deves achar que sou uma choramingona horrível. Claro que sei que estás aí – sussurrou. – Sei que posso confiar em ti.

Harry respirou fundo. A dor de cabeça surgiu devagar, mas em força. Como um laço de ferro a ser-lhe lentamente apertado à volta da testa. Quando acabaram de falar, já sentia cada batimento cardíaco a latejar-lhe nas têmporas.

Apagou a televisão e pôs um disco dos Radiohead, mas não conseguiu suportar a voz de Thom Yorke. Em vez disso foi até à casa de banho e lavou o rosto. Entrou na cozinha e parou em frente do frigorífico, sem saber de que andava à procura. Por fim, não o pôde adiar durante mais tempo e dirigiu-se ao quarto. O computador acendeu-se, lançando a sua luz azul e fria na divisão. Estava em contacto com o mundo à sua volta. Que o informou que tinha um *e-mail*. Agora sentia-o. A sede. Fazia chocalhar as correntes como uma matilha de cães de caça a esforçarem-se por se soltar. Clicou no *icon* do *e-mail*.

Eu devia ter verificado os sapatos dela. A fotografia devia estar na mesa-de-cabeceira e ela tirou-a enquanto eu carregava a arma. Apesar disso, torna o jogo um pouco mais excitante. Um pouco.

S2MN

P. S.: Ela estava assustada. Só queria que o soubesses.

Harry enfiou a mão no bolso e tirou um porta-chaves. Preso a ele, encontrava-se uma placa de latão com as iniciais A. A.

PARTE III

A Aterragem

Quando alguém olha pelo cano de uma arma, o que é que lhe passa pela cabeça? Por vezes pergunto-me se pensa nalguma coisa. Como a mulher que conheci hoje. «Não me mate», disse ela. Acreditaria mesmo que uma súplica daquele género iria fazer a mais pequena das diferenças de uma maneira ou de outra? O nome no crachá dizia den norkse bank e catherine schøyen, e quando lhe perguntei porque é que havia tantos «c's» e «h's» no seu nome, ela limitou-se a olhar para mim com uma expressão de vaca estúpida e repetiu as palavras: «Não me mate.» Quase perdi o controle, quase mugi em resposta e a atingi entre os chifres.

Os veículos à minha frente não se mexem. Consigo sentir o assento contra as costas, pegajoso e suado. O rádio está sintonizado na NRK, serviços noticiosos de 24 horas, e ainda não falaram no assunto. Olho para o relógio. Num dia normal estaria em segurança no chalé passada meia hora. O carro à minha frente tem um conversor catalítico, e desligo a ventoinha. A hora de ponta da tarde já começou, mas hoje está mais lenta do que é habitual. Será que houve um acidente mais à frente? Ou será que a polícia instalou bloqueios de estrada? Impossível. O saco que contém o dinheiro está debaixo do casaco, no assento traseiro, junto à AG3 carregada. O carro da frente acelera, mete a mudança e avança dois metros. Então agora estamos imobilizados. Estou a decidir se me devo sentir aborrecido, nervoso ou irritado quando os vejo. Dois agentes a avançarem ao longo do traço contínuo entre as filas de carros. Um é uma mulher uniformizada, e o outro um homem alto com um casaco cinzento. Lançam um olhar atento aos carros à esquerda e à direita. Um deles pára e troca algumas palavras e um sorriso com um motorista, que obviamente não colocou o cinto de segurança. Talvez seja apenas uma verificação de rotina. Estão a aproximar-se. Uma voz nasalada no noticiário da NRK diz em inglês que a temperatura em terra é de mais de quarenta graus e que devem ser tomadas providências contra as insolações. Começo automaticamente a transpirar apesar de saber que fora do carro está frio e enublado. Estão em frente do meu carro. É o polícia, Harry Hole. A mulher parece-se com Stine. Baixa os olhos para mim ao passarem. Respiro aliviado. Estou prestes a desatar a rir em voz alta quando oiço alguém a bater-me no vidro. Estico lentamente o pescoço. Incrivelmente

devagar. Ela sorri e descubro que a janela já está descida. Estranho. Ela diz qualquer coisa que é afogada pelo acelerar do motor do carro à minha frente.

– O quê? – digo, ao abrir os olhos.

– Poderia, por favor, endireitar as costas do seu assento?

– As costas do meu assento? – pergunto, perplexo.

– Vamos aterrar dentro de pouco tempo, senhor. – Volta a sorrir e desaparece.

Esfrego o sono dos olhos e sinto-me de novo consciente de tudo. O assalto. A fuga. A mala com o bilhete de avião pronta no chalé. O sms do Príncipe de que a costa está livre. Mas, apesar disso, sinto um pequeno formigueiro de nervosismo quando mostro o passaporte ao fazer o check-in no Gardemoen. Descolagem. Correu tudo conforme planeado.

Olho pela janela. É óbvio que ainda não saí da terra dos sonhos. Durante um breve momento, pareço estar a voar acima das estrelas. Depois percebo que são as luzes da cidade e começo a pensar no carro que aluguei. Devo dormir num hotel nesta cidade enorme, fumegante, fedorenta, e amanhã conduzir para sul? Não, amanhã ainda estarei cansado devido ao jet-lag. É melhor chegar lá o mais depressa possível. O lugar para o qual vou é melhor que a sua reputação. Até há lá dois noruegueses com os quais falar. Acordar para o sol, para o mar e para uma vida melhor. É esse o plano. Ou pelo menos, é o meu plano.

Seguro a bebida que salvei antes da assistente de bordo me dobrar a mesa. Então porque é que não confio no plano?

O zumbido do motor aumenta e diminui. Consigo agora sentir que estou a descer. Fecho os olhos e instintivamente respiro fundo, sabendo aquilo que me espera. Ela. Usa o mesmo vestido de quando a vi pela primeira vez. Meu Deus, já tenho saudades dela. O facto de as saudades não poderem ser satisfeitas, mesmo que ela tivesse vivido, não altera nada. Tudo relacionado com ela era impossível. Virtude e paixão. Cabelo que parecia absorver toda a luz, mas em vez disso brilhava como ouro. A gargalhada desafiadora à medida que as lágrimas lhe rolavam pelas faces abaixo. Os olhos cheios de ódio quando entro nela. As suas falsas declarações de amor e o seu prazer genuíno quando fui ter com ela com desculpas esfarrapadas depois de promessas quebradas. Que são repetidas quando me deito na cama ao seu lado, com a minha cabeça sobre a marca de outra. Isso já aconteceu há muito tempo. Há milhões de anos. Fecho os olhos com força de modo a não ver o

que se segue. O tiro que disparei contra ela. As pupilas que aumentam lentamente como uma rosa negra; o sangue a pingar, a cair e a aterrar com um suspiro cansado; o pescoço dela a partir-se e a cabeça a inclinar-se para trás. E agora a mulher que amo está morta. Tão simples quanto isso. Mas ainda não faz sentido. É por isso que é tão belo. Tão simples e belo que mal se consegue viver com uma coisa dessas. A pressão na cabine desce e a tensão aumenta. Do interior. Uma força invisível pressiona-se nos meus tímpanos e cérebro macio. Algo me diz que é assim que vai acontecer. Ninguém me vai encontrar, ninguém me vai arrancar o meu segredo, mas de qualquer maneira o plano vai explodir. Do interior.

Monopólio

Harry acordou com o som do noticiário, no rádio do despertador digital. Os bombardeamentos tinham-se intensificado. Soava-lhe a uma repetição.

Tentou encontrar um motivo para se levantar.

A voz no rádio dizia que desde 1975 o peso médio dos homens e mulheres noruegueses aumentara, respectivamente, em treze e nove quilos. Harry fechou os olhos e lembrou-se de uma coisa que Aune dissera. O escapismo tinha, injustamente, uma má reputação. O sono chegou. A mesma sensação quente, doce, como quando era pequeno e se deitava na cama com a porta aberta, a ouvir o pai a andar pela casa a apagar as luzes – uma a uma – e a cada luz que apagava a escuridão exterior aprofundava-se.

«Depois dos violentos assaltos em Oslo ocorridos durante as últimas semanas, os empregados bancários pediram o auxílio de guardas armados para os bancos mais vulneráveis do centro da cidade. O assalto de ontem ao balcão do Den norske Bank, em Grønlandsleiret é o último de uma série de assaltos à mão armada, cuja responsabilidade a polícia atribui a um homem a que chama o Executor. É o mesmo indivíduo que atingiu e matou...»

Harry pousou os pés no linóleo frio. O rosto no espelho da casa de banho era um Picasso do período tardio.

* * *

Beate estava a falar ao telefone. Sacudiu a cabeça quando viu Harry à porta do gabinete. Ele assentiu e estava prestes a afastar-se, mas ela acenou-lhe para ele voltar.

– De qualquer maneira, obrigada pela sua ajuda – disse ela e pousou o auscultador.

– Estou a interromper? – perguntou Harry, pousando uma chávena de café em frente dela.

– Não. Sacudi a cabeça para dizer que não tivemos sorte com o Focus. Este era o último nome da lista. De todos os homens que sabemos que estiveram no Focus no momento em questão, apenas um se lembra vagamente de ver

um homem de fato-macaco. E nem sequer tinha a certeza se o viu no vestiário ou não.

– Hm. – Harry sentou-se e olhou em volta. O gabinete dela era tão organizado como ele esperara. Para além da familiar planta pousada no peitoril da janela da qual ele não se lembrava do nome, o gabinete estava despojado de quaisquer ornamentos tal como o dele. Reparou nas costas de uma fotografia emoldurada, colocada sobre a secretária. Tinha uma ideia de quem seria.

– Só falaste com homens? – perguntou.

– A teoria é que ele foi ao vestiário masculino para mudar de roupa, certo?

– Depois caminhou pelas ruas de Morristown como qualquer pessoa normal, sim. Alguma coisa de novo quanto ao assalto de ontem na Grønlandsleiret?

– Depende daquilo que queres dizer com novo. Eu diria que é mais como uma fotocópia. A mesma roupa e a AG3. Usou uma refém para falar. Tirou o dinheiro da ATM; tudo terminado num minuto e cinquenta segundos. Nenhuma pista. Em resumo...

– O Executor – disse Harry.

– O que é isto? – Beate levantou a chávena e olhou para o interior.

– *Cappuccino*. Com os cumprimentos de Halvorsen.

– Café com leite? – Franziu o nariz.

– Deixa-me adivinhar. O teu pai disse para nunca confiares em ninguém que não bebesse café simples?

Arrependeu-se de imediato quando viu a expressão surpreendida de Beate.

– Desculpa – murmurou. – Eu não queria... Foi estúpido da minha parte.

– Então o que é que fazemos agora? – apressou-se Beate a perguntar enquanto brincava com a asa da chávena. – Voltámos à estaca zero.

Harry deixou-se cair na cadeira e olhou para as biqueiras das botas.

– Vamos à prisão.

– O quê?

– Vamos directamente à prisão. – Sentou-se direito. – Sem passar pela casa da partida. Nem receber os dois mil kroner.

– Estás a falar de quê?

– Do Monopólio. É só isso que nos resta. Tentar a nossa sorte. Na prisão. Tens o número de telefone da prisão de Botsen?

– Isto é uma perda de tempo – disse Beate.

A voz dela ecoou entre as paredes do Culvert enquanto corria ao lado de Harry.

– Talvez – disse ele. – Tal como noventa por cento do trabalho de investigação.

– Li todos os relatórios e as transcrições das entrevistas que já foram feitas. Ele nunca diz nada. Excepto uma data de disparates filosóficos.

Harry pressionou o botão do intercomunicador ao lado da porta de ferro cinzenta, no fim do túnel.

– Já alguma vez ouviste o velho ditado acerca de se procurar o que se perdeu à luz do dia? Presumo que sirva para ilustrar a loucura humana. Quanto a mim, significa bom senso.

– Levantem os vossos distintivos em frente da câmara – disse uma voz pelo intercomunicador.

– Porque é que eu também venho se tu é que vais falar com ele sozinho? – perguntou Beate, a enfiar-se atrás de Harry.

– É um método que Ellen e eu usávamos quando interrogávamos suspeitos. Um de nós dirigia sempre o interrogatório enquanto o outro ouvia. Se a entrevista desse para o torto, fazíamos um intervalo. Se tivesse sido eu a falar, eu saía e Ellen começava a falar de banalidades. Como deixar de fumar, ou como hoje em dia a televisão só dá porcarias. Ou como a renda parecia ter aumentado tanto desde que se separara do companheiro. Depois de terem conversado um bocado, eu enfiava a cabeça pela porta e dizia que tinha aparecido uma coisa, e que teria de ser ela a encarregar-se da situação.

– E isso resultava?

– Sempre.

Subiram as escadas até uma barreira em frente da entrada da prisão. Um agente atrás de um grosso vidro à prova de bala acenou-lhes e pressionou um botão.

– O guarda já vos vem buscar – ouviu-se uma voz nasalada.

O guarda prisional era um homem atarracado de músculos protuberantes e o

andar bamboleado de um anão. Conduziu-os até ao bloco de celas. Uma galeria de três pisos de altura, com filas de portas azul-claras a cercar um átrio rectangular. Uma vedação de arame elevava-se entre os pisos. Não se via ninguém e o silêncio foi apenas quebrado por uma porta que bateu algures.

Harry já ali estivera muitas vezes, mas parecia-lhe sempre absurdo pensar que, atrás de todas aquelas portas, se encontravam pessoas que a sociedade achava adequado fechar contra as suas vontades. Não sabia por que motivo achava que aquele era um pensamento tão monstruoso, mas era algo relacionado com a possibilidade de ver a manifestação física do castigo pelos crimes publicamente institucionalizada. A balança e a espada.

O molho de chaves do guarda prisional sacudiu-se quando o homem destrancou uma porta na qual estava escrito VISITAS em palavras pretas.

– Aqui estamos. Batam à porta quando estiverem prontos para sair.

Entraram e a porta fechou-se estrondosamente atrás deles. No silêncio que se seguiu a atenção de Harry foi captada pelo zumbido baixo e intermitente da lâmpada fluorescente e pelas flores plásticas na parede, que lançavam sombras pálidas sobre as aguarelas desbotadas. Um homem estava sentado muito direito numa cadeira, colocada exactamente no centro da parede amarela atrás de uma mesa. Os antebraços estavam pousados em cima da mesa de ambos os lados de um tabuleiro de xadrez; o cabelo estava puxado para trás, muito apertado junto às orelhas. Vestia um uniforme macio, semelhante a um fato-macaco. As sobranceiras bem-definidas e a sombra que caía no nariz direito formavam um T nítido de cada vez que a lâmpada fluorescente piscava. No entanto Harry lembrava-se sobretudo da sua expressão no funeral, a combinação conflituosa de sofrimento e impassibilidade que fazia com que Harry se recordasse de alguém.

Harry fez sinal a Beate para se sentar junto da porta. Levou uma cadeira até à mesa e sentou-se em frente de Raskol.

– Obrigado por ter tido tempo para nos receber.

– Aqui o tempo é barato – disse Raskol num tom de voz surpreendentemente enérgico e amável. Falava como um europeu de Leste com «r's» fortes e uma dicção clara.

– Compreendo. Chamo-me Harry Hole e a minha parceira é...

– Beate Lønn. És parecida com o teu pai, Beate.

Harry ouviu o arquejo de Beate e virou-se. Ela não corara; pelo contrário, a pele pálida tornara-se ainda mais branca e a boca imobilizara-se num esgar,

como se tivesse sido esbofeteada.

Harry baixou os olhos sobre a mesa e tossiu. Reparou pela primeira vez que a simetria quase macabra de ambos os lados do eixo que o separava de Raskol era interrompida por um pequeno detalhe: o rei e a rainha no tabuleiro.

– Onde é que já o vi, Hole?

– Normalmente, vêem-me nas proximidades de pessoas mortas – respondeu Harry.

– Ah. O funeral. Era um dos cães de guarda de Ivarsson.

– Não.

– Então não gostou disto, hã? Ser chamado de cão de guarda. Há algum ressentimento entre vocês os dois?

– Não – replicou Harry. – Apenas não gostamos um do outro. Pelo que sei, você também não gostou dele.

Raskol sorriu ligeiramente, e a lâmpada fluorescente tremeluziu e acendeu-se.

– Espero que ele não o tenha levado a peito. Parecia ser um fato muito caro.

– Acho que foi o fato que sofreu mais.

– Ele queria que eu lhe dissesse uma coisa. Por isso, disse-lhe uma coisa.

– Que os delatores ficam marcados para a vida?

– Nada mau, inspector. Mas a tinta desaparecerá com o tempo. Joga xadrez?

Harry tentou não mostrar que Raskol utilizara o posto correcto. Poderia ter apenas adivinhado.

– Como é que conseguiu esconder o transmissor? – perguntou Harry. – Ouvi dizer que reviraram todas as celas.

– Quem disse que eu escondi alguma coisa? Pretas ou brancas?

– Dizem que continua a ser o cérebro atrás dos grandes assaltos a bancos na Noruega, que esta é a sua base e que a sua parte do roubo é depositada numa conta no estrangeiro. Foi por isso que se certificou de que o colocavam na Ala A de Botsen? Para que se possa encontrar com aqueles que cumprem sentenças pequenas e que poderão executar os planos que você concebe aqui? E como é que comunica com eles no exterior? Também tem aqui telemóveis? Computadores?

Raskol suspirou.

– Um início promissor, inspector, mas já me está a começar a aborrecer. Jogamos ou não?

– Um jogo entediante – disse Harry. – A não ser que haja alguma coisa a apostar.

– Por mim, tudo bem. Quer apostar o quê?

– Isto. – Harry ergueu um porta-chaves com uma única chave e uma placa de latão.

– E o que é isso? – perguntou Raskol.

– Ninguém sabe. Por vezes, temos de correr o risco de pensar que a aposta tem um certo valor.

– E porque é que eu o deveria fazer?

Harry inclinou-se para a frente.

– Porque eu confio em si.

Raskol riu-se ruidosamente.

– Dê-me um motivo para eu confiar em si, *Spiuni*?

– Beate – disse Harry, sem desviar os olhos de Raskol –, importas-te de nos deixar sozinhos?

Ouviu a pancada na porta e o chocalhar das chaves atrás de si. A porta abriu-se e ouviu-se um clique suave quando o trinco deslizou para o seu lugar.

– Dê uma espreitadela. – Harry pousou o porta-chaves em cima da mesa.

Sem afastar os olhos de Harry, Raskol perguntou:

– A. A.?

Harry pegou no rei branco. Era uma bela peça, feita à mão.

– Essas são as iniciais de um homem com um problema delicado. Era rico. Tinha mulher e filhos. Casa e chalé. Cão e uma amante. Tudo no seu jardim parecia em flor. – Harry virou a peça ao contrário e girou-a. – Mas, à medida que o tempo passava, o homem rico alterou-se. Houve acontecimentos que o fizeram perceber que a família era a coisa mais importante da sua vida. Por isso vendeu a sua empresa, livrou-se da amante, e prometeu à família e a si mesmo que a partir daquele momento viveriam apenas uns para os outros. O problema é que a amante começou a ameaçar que iria expor a relação de

ambos. Até o pode ter chantageado. Não porque fosse ambiciosa, mas porque era pobre. E porque estava a terminar uma obra de arte que pensava iria coroar o trabalho de uma vida, e precisava de dinheiro para a lançar. Pressionou-o cada vez mais, e, uma noite, ele decidiu fazer-lhe uma visita. Não foi numa noite qualquer, foi numa noite em especial, porque ela lhe dissera que uma sua antiga paixoneta iria visitá-la. Porque é que ela lho disse? Talvez para lhe fazer ciúmes? Ou para lhe mostrar que havia outros homens que a desejavam? Ele não era ciumento. Ficou entusiasmado. Aquela era uma oportunidade maravilhosa.

Harry olhou para Raskol. Ele cruzara os braços e observava Harry.

– Ele esperou no exterior. Esperou e esperou, a olhar as luzes no apartamento dela. Pouco antes da meia-noite, a visita saiu. Um homem arbitrário que, se alguma vez tivesse de chegar a esse ponto, não teria um álibi, e que era possível que outros confirmassem que passara toda a noite com Anna. Se mais ninguém o fizesse, pelo menos a vizinha vigilante teria ouvido aquele homem a tocar-lhe à campainha naquela noite. No entanto, o nosso homem não tocou. O nosso homem entrou com a chave. Subiu as escadas, sorrateiro, e abriu a porta do apartamento dela.

Harry pegou no rei negro e comparou-o com o branco. Se não se olhasse com muita atenção, poder-se-ia pensar que eram idênticos.

– A arma não está registada. Podia ser de Anna; podia ser dele. Eu não sei exactamente o que aconteceu no apartamento e é provável que o mundo nunca o venha a saber, já que ela morreu. Do ponto de vista da polícia, é um caso fechado e encerrado: suicídio.

– *Eu? Ponto de vista da polícia?* – Raskol acariciou a barbicha. – Porque não *nós* e o *nosso ponto de vista*? Está-me a tentar dizer, inspector, que quanto a isto está a trabalhar sozinho?

– O que é que quer dizer?

– Sabe muito bem o que quero dizer. O truque de mandar sair a sua parceira para me fazer acreditar que isto é entre nós dois, eu compreendo isso, mas...

– Pressionou as palmas das mãos, uma contra a outra. – Embora isso seja possível. Mais alguém sabe aquilo que você sabe?

Harry sacudiu a cabeça.

– Então, o que é que pretende? Dinheiro?

– Não.

– Se eu fosse a si não seria assim tão rápido, inspector. Ainda não tive a oportunidade de lhe dizer o valor que essa informação tem para mim. Podemos estar a falar de muito dinheiro. Se puder provar aquilo que está a dizer. E o castigo da parte culpada pode ser efectuado, digamos, de um modo privado e sem qualquer interferência do Estado.

– Não é essa a questão – disse Harry, esperando que a transpiração na testa não fosse visível. – A questão é o valor que a *sua* informação tem para *mim*.

– O que é que está a sugerir, *Spiuni*?

– O que estou a sugerir – respondeu Harry, a segurar os dois reis na mesma mão – é uma troca. Diz-me quem é o Executor e eu consigo-lhe provas contra o homem que matou Anna.

Raskol soltou uma gargalhada.

– Aí está. Agora pode ir, *Spiuni*.

– Pense nisso, Raskol.

– Não vale a pena. Eu confio em pessoas que andam atrás de dinheiro. Não confio em cruzados.

Avaliaram-se. A lâmpada fluorescente crepitou. Harry assentiu, voltou a colocar as peças de xadrez no seu lugar, levantou-se, dirigiu-se à porta e bateu ruidosamente.

– Devia ter gostado muito dela – disse, de costas viradas para Raskol. – O apartamento em Sorgenfrigata estava registado em seu nome, e eu sei exactamente como Anna estava falida.

– Oh?

– Como o apartamento é seu, pedi ao Comité Habitacional para lhe enviar a chave. Hoje, um estafeta vai trazer-lha. Sugiro que a compare com aquela que lhe dei.

– Porquê?

– O apartamento de Anna tinha três chaves. Anna tinha uma, o electricista tinha a segunda. Eu encontrei esta no chalé do homem de quem estive a falar. Numa gaveta da mesa-de-cabeceira. É a terceira e última chave. A única que pode ter sido usada, se Anna foi assassinada.

Ouviram passos no exterior da porta.

– E se isso servir para aumentar a minha credibilidade – disse Harry –, estou apenas a tentar salvar a pele.

5 Espião, em romeno. (*N. da T.*)

América

As pessoas com sede bebem em qualquer lado. Por exemplo, no Malik junto à avenida Thereses. Era uma *hamburger house* e não tinha nada daquilo que dava ao Schröder's – apesar de todos os seus defeitos – uma certa dignidade, como bar com licença para vender bebidas alcoólicas. Era verdade que se dizia que os hambúrgueres que serviam estavam acima dos da concorrência. De um modo caridoso até se poderia dizer que o interior de inspiração ligeiramente indiana, com uma fotografia da família real norueguesa, tinha uma espécie de encanto parolo. Contudo, era e sempre seria, um restaurante de *fast-food* onde aqueles dispostos a pagar por uma credibilidade alcoólica nunca sonhariam em beber as suas cervejas.

Harry nunca fora um desses.

Já há muito tempo que não ia ao Malik, mas quando ali chegou viu que nada se tinha alterado. Øystein estava sentado com os seus companheiros (um deles uma mulher) de bebida na mesa dos fumadores. Com o ruído de fundo de sucessos *pop* desactualizados, o Eurosport e o som da gordura a crepitar, estavam envolvidos numa conversa animada acerca de prémios de lotaria, um homicídio triplo recente e os defeitos morais de um amigo ausente.

– Ora, olá, Harry! – A voz roufenha de Øystein cortou a poluição sonora. Afastou do rosto o cabelo comprido e oleoso, limpou a mão na coxa das calças e estendeu-a a Harry. – Este é o polícia de que vos estava a falar, malta. Que abateu aquele tipo na Austrália. Atingiste-o na cabeça, não foi?

– Bom trabalho – disse um dos outros. Harry não lhe conseguiu ver o rosto porque o homem estava inclinado para a frente, e o cabelo comprido caía-lhe à volta da cerveja como se fosse um cortinado. – Exterminar os vermes.

Harry apontou para uma mesa livre e Øystein assentiu, apagou o cigarro, guardou o maço de Petterøes no bolso da camisa de ganga, e concentrou-se em levar a caneca de cerveja recentemente tirada até à mesa sem a entornar.

– Há muito que não te via – disse Øystein, a enrolar outro cigarro. – Já agora, tal como o resto dos rapazes. Nunca os vejo. Mudaram-se todos, casaram e tiveram filhos. – Øystein riu-se. Uma gargalhada séria, amarga. – Assentaram todos por aí. Quem teria acreditado numa coisa dessas?

– Hm.

– Alguma vez voltaste a Oppsal? O teu pai ainda vive na mesma casa, não vive?

– Sim, mas não vou lá muitas vezes. De vez em quando, falamos ao telefone.

– E a tua irmã? Está melhor?

Harry sorriu.

– Não se fica melhor quando se tem a síndrome de Down, Øystein. No entanto, está boa. Tem o seu próprio apartamento em Sogn. E um companheiro.

– Céus, então está melhor que eu.

– Que tal está a condução?

– Está boa. Acabei de mudar de companhia de táxis. Os últimos achavam que eu snifava. Uma estupidez.

– Ainda não estás interessado em voltar aos computadores?

– Estás doido! – Øystein conteve uma gargalhada interior, ao mesmo tempo que passava a língua pela extremidade do papel. – Um salário anual de um milhão e um escritório silencioso... claro que ficaria satisfeito com isso mas perdi a minha oportunidade, Harry. A época de tipos do *rock'n'roll* como eu na IT⁶ já passou.

– Estive a falar com alguém do Departamento de Protecção de Dados do Den norske Bank. Ele disse-me que ainda és considerado como um dos pioneiros em descodificação.

– Pioneiro significa «já ultrapassei isso», Harry. Ninguém tem tempo para um *hacker* acabado e dez anos desactualizado em relação às últimas tecnologias. Estás a perceber, não estás? E depois havia todas aquelas chatices.

– Hm. O que é que aconteceu na realidade?

– O que é que aconteceu? – Øystein rolou os olhos. – Tu conheces-me. Uma vez *hippy* sempre *hippy*. Precisava de dinheiro. Tentei um código que não devia. – Acendeu o cigarro acabado de fazer e olhou em volta à procura de um cinzeiro. Em vão. – E tu? Deixaste de te dedicar à garrafa de vez, não foi?

– Estou a tentar. – Harry estendeu-se para tirar um cinzeiro de uma mesa

vizinha. – Tenho uma pessoa.

Contou a Øystein o que se passava com Rakel, Oleg e o caso de tribunal em Moscovo. E falou-lhe da sua vida em geral. Não demorou muito tempo a fazê-lo.

Øystein falou dos outros que faziam parte do grupo de amigos que tinham crescido em Oppsal. Contou-lhe de Sigge que se mudara para Harestua com uma mulher que Øystein achava demasiado refinada para ele, e Kristian que estava numa cadeira de rodas depois de ter sido atingido por um carro a norte de Minnesund quando conduzia a sua mota.

– Os médicos deram-lhe uma oportunidade.

– Uma oportunidade de quê? – perguntou Harry.

– De voltar a ter sexo – respondeu Harry, a esvaziar o copo.

Tore ainda era professor, mas tinha-se separado de Silje.

– As hipóteses dele não são muito boas – disse Øystein. – Engordou trinta quilos. Foi por isso que ela se pirou. É verdade! Torkild encontrou-a na cidade e ela disse-lhe que não conseguia aguentar toda aquela banha. – Pousou o copo. – Mas presumo que não foi por isso que ligaste?

– Não, preciso de ajuda. Estou a investigar um caso.

– A apanhar os maus? E vieste ter comigo? Céus! – A gargalhada de Øystein transformou-se num ataque de tosse.

– É um caso em que estou pessoalmente envolvido – disse Harry. – É um pouco difícil explicar-te tudo, mas estou a tentar encontrar alguém que me anda a enviar *e-mails*. Acho que está a utilizar um servidor com clientes anónimos, algures no estrangeiro.

Øystein assentiu pensativo.

– Então estás metido em sarilhos?

– Talvez. O que é que te faz pensar isso?

– Sou um imbecil de um motorista de táxi, que não sabe nada acerca das últimas inovações em tecnologia de informação. E todos aqueles que me conhecem podem dizer-te que quanto a isso não sou fiável. Resumindo, o único motivo por que vieste ter comigo foi por eu ser um velho amigo. Lealdade. Vou manter a boca fechada, não vou? – Bebeu uma golada longa da nova cerveja. – De vez em quando gosto de apanhar uma bebedeira, mas não sou estúpido, Harry. – Puxou uma baforada forte do cigarro. – Então...

quando é que começamos?

A noite assentara sobre Slemdal. A porta abriu-se, e um homem e uma mulher apareceram nas escadas. Despediram-se dos seus anfitriões entre gargalhadas, desceram o carro, o cascalho a estalar sob sapatos pretos e reluzentes enquanto comentavam em voz baixa a comida, o anfitrião, a anfitriã e os outros convidados. Assim, ao saírem do portão para a Bjørnetrållet, não repararam no táxi estacionado um pouco mais abaixo na estrada. Harry apagou o cigarro, aumentou o som do rádio do carro e ouviu Elvis Costello a cantar «Watching the Detectives». Na P4. Já tinha reparado que quando as suas antigas músicas favoritas eram suficientemente antigas, acabavam em estações radiofónicas tépidas. Como é natural estava consciente de que isso apenas podia significar uma coisa – também estava a ficar velho. No dia anterior, tinham tocado Nick Cave depois de Cliff Richard.

Uma voz nocturna e insinuante apresentou «Another Day in Paradise» e Harry desligou o rádio. Baixou a janela e ouviu o latejar abafado que vinha da casa de Albu, o único som que remexia o silêncio. Uma festa de adultos. Contactos de negócios, vizinhos e antigos colegas da universidade. Não bem «The Birdy Song» nem bem uma *rave*, mais gins-tónicos, Abba e os Rolling Stones. Pessoas no final da casa dos trinta com educações superiores. Por outras palavras, que não ficavam até muito tarde por causa das *babysitters*. Harry olhou para o relógio. Pensou no novo *e-mail* que recebera quando ele e Øystein tinham ligado o computador:

Estou aborrecido. Estás assustado ou és apenas estúpido?

S2MN

Deixara o computador nas mãos de Øystein e pedira-lhe emprestado o táxi, um Mercedes decrepito dos anos 70, que estremecera como um velho colchão de molas sobre as lombas quando chegara à zona residencial, mas que ainda era um sonho conduzir. Decidira esperar quando vira os convidados formalmente vestidos a saírem da casa de Albu. Não havia motivos para fazer uma cena. E, de qualquer maneira, precisava de algum tempo para pensar nas coisas antes de fazer algo estúpido. Harry tentara ser frio e racional, mas aquele *Estou aborrecido* intrometera-se no caminho.

– Agora já pensaste nas coisas – murmurou Harry a olhar para o retrovisor.
– *Agora* podes fazer algo estúpido.

Vigdis abriu a porta. Executara aquele truque mágico que apenas as ilusionistas femininas conseguem executar e que os homens nunca conseguem descobrir: tornara-se bela. A única alteração específica que Harry viu foi que

ela usava um vestido de noite turquesa que combinava com os seus enormes olhos azuis – subitamente escancarados pela surpresa.

– Peço desculpa por incomodar a uma hora tão tardia, fru Albu. Gostaria de falar com o seu marido.

– Estamos a dar uma festa. Não pode esperar até amanhã? – Lançou-lhe um sorriso suplicante, e Harry percebeu a vontade que ela tinha de fechar a porta.

– As minhas desculpas – disse ele. – O seu marido não estava a dizer a verdade quando disse que não conhecia Anna Bethsen. E acho que a senhora também não estava. – Harry não sabia se era o vestido de noite ou o confronto que o fizera escolher um tom formal. A boca de Vigdis Albu era como um «o» mudo. – Tenho uma testemunha que os viu juntos – continuou Harry. – E sei de onde veio a fotografia.

Ela pestanejou duas vezes.

– Porque...? – gaguejou Vigdis. – Porque...?

– Porque eram amantes, fru Albu.

– Não, quero dizer... porque é que me está a *contar* isso? Quem lhe deu esse direito?

Harry abriu a boca, preparado para responder, para dizer que pensava que ela tinha o direito de o saber, que acabaria por o vir a saber e por aí fora. Em vez disso, ficou ali apenas a olhar para ela. Ela sabia porque ele lho estava a dizer, e Harry não o soubera até àquele momento. Engoliu em seco.

– O direito a fazer o quê, minha querida?

Harry viu Arne Albu a descer as escadas. A testa dele brilhava da transpiração e o laço estava pendurado solto sobre a parte da frente da camisa. Da sala de estar no piso superior, ouviu David Bowie a insistir erroneamente que «This Is Not America».

– Shh, Arne, vais acordar as crianças – disse Vigdis, sem desviar os olhos suplicantes de Harry.

– Elas não acordavam nem que caísse a bomba atómica – disse o marido, num tom arrastado.

– Acho que foi isso que Herr Hole acabou de fazer – disse ela, num tom suave. – Parece que de modo a infligir os maiores danos possíveis.

Harry olhou-a directamente nos olhos.

– Então? – Arne Albu sorriu e colocou um braço à volta dos ombros da

mulher. – Posso juntar-me ao jogo? – O sorriso era trocista mas simultaneamente aberto, quase inocente. Como o deleite irresponsável de um rapaz que levou o carro do pai sem autorização.

– As minhas desculpas – disse Harry. – O jogo acabou. Temos a prova de que precisávamos. E, neste exacto momento, um especialista em IT está a localizar o endereço a partir do qual tem estado a enviar aqueles *e-mails*.

– Ele está a falar de quê? – Arne riu-se. – Prova? *E-mails*?

Harry observou-o.

– A fotografia no sapato de Anna. Ela tirou-a do álbum de fotografias quando esteve há algumas semanas no chalé de Larkollen.

– Semanas? – perguntou Vigdis, a olhar para o marido.

– Ele sabia disso quando lhe mostrei a fotografia – disse Harry. – Esteve ontem em Larkollen e colocou uma cópia no seu lugar.

Arne Albu franziu a testa, mas continuou a sorrir.

– Esteve a beber, senhor agente?

– Não lhe devia ter dito que ela ia morrer – continuou Harry, e sentiu que estava prestes a perder a calma. – Ou, pelo menos, não devia ter desviado os olhos dela. Ela enfiou a fotografia no sapato. E foi isso que o denunciou, Albu.

Harry ouviu fru Albu a respirar fundo.

– Um sapato aqui ou ali... – disse Albu, ainda a acariciar o pescoço da mulher. – Sabe porque é que os homens de negócios noruegueses não podem fazer negócios no estrangeiro? Porque se esquecem dos sapatos. Usam sapatos comprados na Noruega com fatos Prada, que custam quinze mil kroner. Os estrangeiros vêem isso com desconfiança. – Albu apontou para baixo. – Olhe. Sapatos italianos feitos à mão. Dezoito mil kroner. Baratos se se estiver a comprar confiança.

– Aquilo que me estou a perguntar é o motivo por que se mostrou tão ansioso para me deixar saber que estava à espera, no exterior – disse Harry. – Foi por ciúmes?

Arne sacudiu a cabeça com uma gargalhada, ao mesmo tempo que fru Albu se soltava do seu braço.

– Pensou que eu era o seu novo amante? – insistiu Harry. – E como pensou que eu não me atreveria a fazer nada no caso de o meu nome surgir

relacionado com o assunto, achou que podia brincar um pouco comigo, atormentar-me, deixar-me doido. Foi isso que aconteceu?

– Vamos, Arne! Christian quer fazer um brinde! – Um homem com um copo e um charuto na mão encontrava-se a oscilar no cimo das escadas.

– Comecem sem mim – disse Arne. – Primeiro vou-me despedir deste simpático cavalheiro.

O homem franziu o sobrolho.

– Sarilhos, hã?

– De modo nenhum – apressou-se Vigdis a dizer. – Vai-te juntar aos outros, Thomas.

O homem encolheu os ombros e afastou-se.

– Outra coisa que me espanta é que, mesmo depois de ser confrontado com a fotografia, você foi suficientemente arrogante para me continuar a enviar *e-mails* – disse Harry.

– Lamento ter de me repetir, senhor agente – disse Albu, no mesmo tom arrastado –, mas o que são esses... esses *e-mails* de que está sempre a falar?

– Certo. Há muitas pessoas que pensam que se podem enviar *e-mails* anonimamente ao subscrever-se um servidor sem se dar o nome verdadeiro. Isso é um erro. O meu amigo *hacker* acabou de me dizer que tudo, absolutamente tudo, que se faz na Net deixa um rasto electrónico que pode ser, e neste caso vai ser, seguido até à máquina da qual foram enviados. É apenas uma questão de saber onde se procurar. – Harry tirou o maço de cigarros do bolso interior do casaco.

– Preferia que não... – começou Vigdis, mas interrompeu-se.

– Diga-me, Herr Albu – disse Harry, a acender um cigarro. – Onde é que estive na noite de terça-feira da semana passada, entre as onze e a uma da manhã?

Arne e Vigdis Albu trocaram um olhar.

– Podemos tratar disto aqui ou na esquadra – disse Harry.

– Ele esteve em casa – disse Vigdis.

– Como ia a dizer. – Harry expeliu o fumo pelo nariz. Sabia que estava a exagerar, mas um *bluff* pouco empenhado iria falhar e agora não havia maneira de voltar atrás. – Podemos tratar disto aqui ou na esquadra. Devo dizer aos convidados que a festa terminou?

Vigdis mordeu o lábio inferior.

– Mas estou-lhe a dizer que ele estava... – começou. Já não parecia tão bela.

– Está tudo bem, Vigdis – disse Albu e deu-lhe uma palmadinha no ombro.
– Vai ter com os nossos convidados. Eu acompanho Herr Hole até ao portão.

Harry mal sentia uma brisa, embora mais acima o vento soprasse com toda a força. Nuvens perseguiam-se pelo céu e cobriam por vezes a Lua. Avançaram lentamente.

– Porquê aqui? – perguntou Albu.

– Porque você o estava mesmo a pedir.

Albu assentiu.

– Talvez tenha razão. Mas porque é que ela teve de descobrir desta maneira?

Harry encolheu os ombros.

– Como é que queria que ela descobrisse?

A música parara e de vez em quando ouvia-se uma gargalhada vinda da casa. Christian estava a fazer o seu brinde.

– Dá-me um cigarro? – perguntou Albu. – Na verdade, deixei de fumar.

Harry estendeu-lhe o maço.

– Obrigado. – Albu enfiou um cigarro entre os lábios e inclinou-se sobre o isqueiro de Harry. – Está atrás de quê? Dinheiro?

– Porque é que todos me perguntam isso? – murmurou Harry.

– Porque está por sua conta e risco. Não tem papéis para me prender, e está a tentar fazer *bluff* com ameaças de que me vai levar até à esquadra. E se esteve dentro do chalé de Larkollen, está metido num sarilho tão grande como o meu.

Harry sacudiu a cabeça.

– Não é dinheiro? – Albu endireitou-se. No céu brilhavam algumas estrelas.
– Então é algo de pessoal? Vocês eram amantes?

– Pensei que soubesse tudo a meu respeito – disse Harry.

– Anna levava o amor demasiado a sério. Ela amava o amor. Não, *idolatrava*, é essa a palavra. Ela *idolatrava* o amor. Era a única coisa que

tinha lugar na sua vida. Isso é o ódio. Sabe o que são estrelas de neutrões?

Harry voltou a sacudir a cabeça. Albu levantou o cigarro.

– São planetas tão compactos e cuja força da gravidade à superfície é tão forte que se deixasse cair este cigarro num deles, isso representaria o mesmo que lançar ali uma bomba atômica. Passava-se o mesmo com Anna. O modo como gravitava para o amor e o ódio era tão forte que não podia existir nada no espaço entre ambos. Cada pormenor minúsculo causava uma explosão atômica. Está a perceber? Eu demorei tempo a compreendê-lo. Ela era como Júpiter, escondida atrás de uma eterna nuvem de enxofre. E humor. E sexualidade.

– Vénus.

– Desculpe?

– Nada.

A Lua surgiu entre duas nuvens, e como uma criatura ficcional o veado de bronze saiu de entre as sombras do jardim.

– Anna e eu tínhamos combinado encontrarmo-nos à meia-noite – disse Albu. – Ela disse que tinha algumas coisas minhas que me queria devolver. Estive estacionado na Sorgenfrigata entre a meia-noite e a meia-noite e um quarto. Combinámos que eu lhe ligaria do carro em vez de tocar à campainha. Por causa da vizinha intrometida, disse ela. De qualquer maneira, ela não atendeu por isso voltei para casa.

– Então, a sua mulher estava a mentir?

– Claro que estava. No dia em que você apareceu com a fotografia, concordámos que ela me arranjará um álibi.

– E porque é que agora está a desistir do álibi?

Albu riu-se.

– Isso interessa? Somos dois indivíduos a conversar, com a Lua como testemunha silenciosa. Depois posso sempre negar tudo. Para ser franco, acho que de qualquer maneira não tem nada que possa usar contra mim.

– Porque é que não me conta o resto já que estamos a falar do assunto?

– Quer dizer, se eu a matei? – Ele riu-se, daquela vez mais alto. – Isso é o seu trabalho descobrir, não é?

Tinham chegado ao portão.

– Você só queria ver como eu reagia, não era? – Albu esmagou a ponta do cigarro contra o mármore. – E queria vingar-se, foi por isso que o contou à minha mulher. Estava zangado. Um rapazinho zangado que bate em tudo aquilo que surge no seu caminho. Está satisfeito?

– Quando descobrir o endereço dos *e-mails*, vou apanhá-lo – disse Harry. Já não estava zangado. Apenas cansado.

– Não vai encontrar qualquer endereço de *e-mail* – disse Albu. – Desculpe, meu amigo. Podemos continuar com este jogo, mas você não vai vencer.

Harry esmurrou-o. O som das articulações a embaterem em carne foi rápido e abafado. Albu cambaleou para trás, e levou a mão ao sobrolho.

Harry via a própria respiração a erguer-se cinzenta, na escuridão da noite.

– Vai precisar de pontos – disse.

Albu olhou para a mão cheia de sangue e riu-se grosseiramente.

– Santo Deus, Harry, és mesmo mau perdedor. Não te importas que nos tratemos pelos nossos primeiros nomes? Acho que isto nos aproximou, não achas?

Harry não respondeu e Albu riu-se ainda mais alto.

– O que é que ela via em ti, Harry? Anna não gostava de falhados. Pelo menos, não deixava que eles a fodessem.

As gargalhadas tornaram-se ainda mais altas quando Harry regressou ao táxi, e a extremidade denteada da chave do carro cortou-lhe a pele quando a mão se fechou com mais força à volta dela.

Nebulosa do Cavalo

Harry acordou com o toque do telefone e olhou para o relógio de olhos semicerrados. 07h30. Era Øystein. Saíra do apartamento de Harry apenas há três horas. Conseguira localizar o servidor no Egito e agora tinha feito mais progressos.

– Mandei um *e-mail* a um velho amigo. Vive na Malásia e faz um pouco de *hacking*. O ISP está situado em El Tor, na península do Sinai. Têm bastantes ISP por aquelas redondezas, é uma espécie de centro. Estás a dormir?

– Mais ou menos. Como é que vamos encontrar o nosso cliente?

– Receio que só haja uma maneira. Ires até lá com um maço grosso de verdinhas americanas.

– Quanto?

– O suficiente para que alguém te diga com quem deves falar. E para conseguires que a pessoa com quem falares te diga com quem tens *mesmo* de falar. E para que a pessoa com quem tens mesmo...

– Já percebi. Quanto?

– Uns mil dólares devem dar-te um certo avanço.

– Achas que sim?

– Não faço a mínima ideia. Como raio é que poderia saber uma coisa dessas?

– Ok. Fazes-me isso?

– Claro.

– Vou-te pagar uma ninharia. Viajas no avião mais barato e ficas num hotel de merda.

– Combinado.

Era meio-dia e o refeitório do Quartel-general da Polícia estava cheio. Harry cerrou os dentes e entrou. Não antipatizava com os seus colegas por princípio; antipatizava com eles por instinto. E, à medida que os anos passavam, estava a piorar.

– Uma paranóia absolutamente normal – fora o que Aune lhe chamara. – Eu sinto o mesmo. Acho que todos os psicólogos andam atrás de mim, quando na realidade é provável que sejam apenas metade deles.

Harry esquadrinhou a sala e viu Beate com o seu almoço pré-embalado e as costas de alguém que lhe estava a fazer companhia. Tentou não reparar nos olhares que lhe lançavam das mesas pelas quais passava. Alguém murmurou um «Olá», mas Harry presumiu que fora dito de modo irónico e não respondeu.

– Estou a incomodar?

Beate ergueu os olhos para Harry, como se ele a tivesse apanhado em flagrante.

– De modo nenhum – disse uma voz familiar, ao levantar-se. – Ia-me mesmo agora embora.

Os pêlos na nuca de Harry ergueram-se – não por princípio, mas por instinto.

– Encontramo-nos então esta noite. – Tom Waaler sorriu, um raio branco em comparação com o rosto beterraba de Beate. Pegou no tabuleiro, acenou com a cabeça a Harry e afastou-se. Beate baixou os olhos para o seu queijo de cabra, ao mesmo tempo que tentava esboçar uma expressão sensata quando Harry se sentou.

– Então?

– Então o quê? – guinchou ela, exagerando a sua incompreensão.

– Deixaste uma mensagem no meu gravador a dizeres que tinhas algo de novo – disse Harry. – Presumi que fosse urgente.

– Consegui solucioná-lo. – Beate bebeu um pouco do leite do copo à sua frente. – Os desenhos que o programa fez do rosto do Executor. Fartei-me de vasculhar a cabeça para ver quem é que eles me recordavam.

– Estás a falar dos *prints* que me mostraste? Não há ali nada nem de longe parecido com um rosto, apenas linhas aleatórias num papel.

– Apesar disso.

Harry encolheu os ombros.

– Tu é que tens a *fusiform gyrus*. Então diz lá.

– Ontem à noite lembrei-me de quem ele me fazia lembrar. – Bebeu outra golada e limpou o bigode de leite com o guardanapo.

– E?

– Trond Grette.

Harry olhou para ela.

– Estás a brincar, não estás?

– Não – disse ela. – Só disse que havia uma certa semelhança. Afinal, Grette não estava muito longe de Bogstadveien no momento do assassinio. Mas, como disse, já o resolvi.

– E como...?

– Falei com o hospital de Gaustad. Se é o mesmo indivíduo que assaltou o balcão do DnB em Kirkeveien, não pode ser Grette. Nessa altura ele estava sentado na sala de televisão com, pelo menos, três auxiliares. E enviei dois rapazes da *Krimteknisk* a casa de Grette para conseguirem impressões digitais. Weber acabou de as comparar com a impressão da garrafa de Coca-Cola. Não são definitivamente iguais.

– Então por uma vez estavas errada?

Beate sacudiu a cabeça.

– Estamos à procura de alguém que tem um certo número de características externas idênticas a Grette.

– Lamento ter de te dizer isto, Beate, mas Grette não tem quaisquer características externas ou de qualquer outro tipo. É um contabilista que se parece com um contabilista. Eu até já me esqueci como é que ele se parece.

– Certo – disse ela, desembrulhando outra sanduíche. – Mas eu não. O problema é esse.

– Hm. Eu talvez tenha boas notícias.

– Ah, sim?

– Vou a caminho de Botsen. Raskol quer falar comigo.

– Uau. Boa sorte.

– Obrigado. – Harry levantou-se. Hesitou. Respirou fundo. – Sei que não sou teu pai, mas posso dizer uma coisa?

– À vontade.

Harry olhou em volta para se certificar de que ninguém os estava a ouvir.

– Se eu fosse a ti, tinha cuidado com Waaler.

– Obrigada. – Beate deu uma enorme dentada na sanduíche. – E a parte acerca de ti e do meu pai está correcta.

– Vivi na Noruega durante toda a minha vida – disse Harry. – Cresci em Oppsal. Os meus pais eram professores. O meu pai reformou-se e, desde que a minha mãe morreu, vive como um sonâmbulo que de vez em quando visita a terra dos vivos. A minha irmã mais nova sente saudades dele. Acho que eu também. Tenho saudades de ambos. Pensaram que eu ia ser professor. Acho que eu também. Mas em vez disso foi o Instituto da Polícia. E um pouco de Direito. Se me perguntasse porque é que me tornei polícia, eu poderia dar-lhe dez respostas plausíveis, mas nem uma única em que eu acreditasse. Já não penso nisso. É o meu trabalho, pagam-me, e de vez em quando acho que faço alguma coisa de bom. Pode viver-se disso durante muito tempo. Antes dos trinta, já era alcoólico. Talvez ainda antes dos vinte, isso depende do modo como se vêem as coisas. Dizem que faz parte dos meus genes. É possível. Quando cresci, descobri que o meu avô de Åndalsnes esteve bêbado todos os dias durante cinquenta anos. Íamos lá todos os Verões até eu ter feito quinze anos, e nunca reparei em nada. Infelizmente, não herdei esse talento. Fiz coisas que não passaram propriamente despercebidas. Em poucas palavras, é um milagre ainda estar a trabalhar na Polícia.

Harry ergueu os olhos para o letreiro PROIBIDO FUMAR e acendeu um cigarro.

– Anna e eu fomos amantes durante seis semanas. Ela não me amava. Eu não a amava. Quando acabei, fiz-lhe a ela um favor maior do que fiz a mim. Ela não o viu dessa maneira.

O outro homem assentiu.

– Amei três mulheres na vida – continuou Harry. – A primeira foi uma paixão de infância com quem ia casar até que tudo descambou para ambos. Ela suicidou-se muito depois de eu a ter deixado, e não teve nada a ver comigo. A segunda foi assassinada por um homem que eu estava a perseguir do outro lado do globo. O mesmo aconteceu a uma parceira minha, Ellen. Não sei porquê, mas as mulheres à minha volta morrem. Talvez seja o gene.

– E quanto à terceira mulher?

A terceira mulher. A terceira chave. Harry acariciou as iniciais A. A. e a ponta da chave que Raskol lhe estendeu sobre a mesa quando ele entrou. Harry perguntara se era igual àquela que ele recebera, e Raskol anuíra.

Depois pedira a Harry para falar de si.

Agora Raskol estava sentado com os cotovelos pousados na mesa e os

dedos entrelaçados como se em oração. A lâmpada fluorescente defeituosa fora substituída e a luz no seu rosto era como um pó azul esbranquiçado.

– A terceira mulher está em Moscovo – disse Harry. – Acho que é uma sobrevivente.

– É sua?

– Eu não o colocaria dessa maneira.

– Mas estão juntos?

– Sim.

– E estão a planear passar o resto da vida juntos?

– Bem. Nós não planeamos. É demasiado cedo para isso.

Raskol lançou-lhe um sorriso triste.

– Quer dizer que *você* não planeia. Mas as mulheres fazem-no. As mulheres estão sempre a planear.

– Como você?

Raskol sacudiu a cabeça.

– Eu apenas sei planear assaltos a bancos. Todos os homens são amadores na conquista de corações. Podemos pensar que fizemos uma conquista, como um general que captura uma fortaleza, e depois descobrimos demasiado tarde, se é que o chegamos a fazer, que fomos enganados. Já alguma vez ouviu falar de Sun Tzu?

Harry assentiu.

– General chinês e estratega militar. Escreveu *A Arte da Guerra*.

– *Dizem* que foi ele quem escreveu *A Arte da Guerra*. Pessoalmente acho que foi uma mulher. À superfície, *A Arte da Guerra* é um manual acerca de táticas em campo de batalha, mas a um nível mais profundo descreve como vencer conflitos. Ou, para ser mais exacto, a arte de conseguir aquilo que se quer ao preço mais baixo possível. O vencedor da guerra não é necessariamente aquele que saiu vitorioso. Muitos conseguiram a coroa, mas perderam uma tão grande parte dos seus exércitos que só podem governar segundo os termos dos seus inimigos ostensivamente derrotados. Em relação ao poder, as mulheres não têm a vaidade dos homens. Não têm de tornar o poder visível, apenas querem o poder para conseguirem as outras coisas que desejam. Segurança. Comida. Divertimento. Vingança. Paz. São planeadoras racionais que buscam o poder, que pensam para lá da batalha, para lá das

celebrações de vitória. E como têm uma capacidade natural para encontrar fraquezas nas suas vítimas, sabem instintivamente quando e como atacar. E quando parar. Isso é algo que não se aprende, *Spiuni*.

– É por isso que está na prisão?

Raskol fechou os olhos e riu-se sem emitir qualquer som.

– Podia dar-lhe facilmente uma resposta, mas não deve acreditar numa palavra que eu disser. Sun Tzu diz que o primeiro princípio da guerra é *tromperie*, engano. Acredite, todos os ciganos mentem.

– Hm. Acreditar em si? Como no paradoxo grego?

– Ora bem!, nunca conheci um polícia que soubesse algo mais para além do código penal. Se todos os ciganos mentem e eu sou cigano, então não é verdade que todos os ciganos mentem. Assim a verdade é que eu digo a verdade, e então é verdade que todos os ciganos mentem. Por isso estou a mentir. Um argumento circular que é impossível quebrar. A minha vida é assim e essa é a única verdade. – Soltou uma gargalhada suave, quase feminina.

– Agora já viu a minha jogada de abertura. É a sua vez.

Raskol olhou para Harry e assentiu.

– Chamo-me Raskol Baxhet. É um nome albanês, mas o meu pai recusava-se a aceitar que éramos albaneses. Dizia que a Albânia era o orifício anal da Europa. Assim, eu e todos os meus irmãos e irmãs fomos informados de que tínhamos nascido na Roménia, baptizados na Bulgária e circuncidados na Hungria.

Raskol explicou que a sua família era provavelmente Meckari, o maior dos grupos de ciganos albaneses. A família fugira das perseguições de Enver Hoxha aos ciganos, atravessara as montanhas até ao Montenegro e começara a avançar para leste.

– Éramos perseguidos para onde quer que fôssemos. Afirmavam que éramos ladrões. Claro que o éramos, mas eles nem se davam ao trabalho de recolher provas. A prova era sermos ciganos. Estou a contar-lhe isto porque para reconhecer um cigano tem de saber que ele nasceu com uma marca de casta baixa na testa. Fomos perseguidos por todos os regimes da Europa. Não há qualquer diferença entre fascistas, comunistas e democratas; a única diferença é que os fascistas eram um pouco mais eficientes. Os ciganos não fazem um burburinho especial em relação ao Holocausto porque o modo como fomos perseguidos não era muito diferente das perseguições a que

estávamos habituados. Não parece estar a acreditar em mim.

Harry encolheu os ombros. Raskol cruzou os braços.

– Em 1589, a Dinamarca introduziu a pena de morte para os chefes tribais ciganos – disse. – Cinquenta anos depois os suecos decidiram que todos os ciganos, homens, deviam ser enforcados. Na Morávia, cortam a orelha esquerda às mulheres ciganas e na Boémia a direita. O arcebispo de Mainz proclamou que todos os ciganos deviam ser executados sem sentença, pois o seu modo de vida também se encontrava fora da lei. Em 1725, foi aprovada uma lei na Prússia que dizia que todos os ciganos com mais de dezoito anos deviam ser executados sem julgamento, mas, mais tarde, foi feito um apelo a esta lei; o limite de idade desceu para os catorze anos. Quatro dos irmãos do meu pai morreram em cativeiro. Só um deles morreu durante a guerra. Devo continuar?

Harry assentiu.

– Mas até isso é um círculo fechado – disse Raskol. – O motivo por que somos perseguidos e sobrevivemos é o mesmo. Nós somos, e queremos ser, diferentes. Da mesma maneira que somos mantidos à margem, também os *gadjos* não podem entrar na nossa comunidade. O cigano é um desconhecido misterioso e ameaçador a respeito do qual nada se sabe, mas acerca do qual existem todo o tipo de rumores. Pessoas ao longo de muitas gerações acreditaram que os ciganos eram canibais. Onde eu cresci, em Balteni no exterior de Bucareste, afirmavam que éramos descendentes de Caim e amaldiçoados à perdição eterna. Os nossos vizinhos *gadjo* davam-nos dinheiro para nos mantermos afastados.

Os olhos de Raskol esvoaçaram pelas paredes sem janelas.

– O meu pai era ferreiro, mas não havia trabalho na Roménia. Tivemos de sair do aterro de lixo no exterior da cidade, onde os ciganos Kalderash viviam. Na Albânia, o meu pai era o *bulibas*, o líder e árbitro cigano local, mas entre os Kalderash era apenas um ferreiro desempregado.

Raskol soltou um suspiro profundo.

– Nunca mais me vou esquecer da expressão dos seus olhos quando trouxe para casa um urso pequeno e domesticado. Comprara-o com o último dinheiro que tinha a um grupo de Ursari. «Sabe dançar», disse o meu pai. Os comunistas pagavam para ver um urso dançar. Fazia-os sentirem-se melhor em relação a si mesmos. Stefan, o meu irmão, tentou alimentar o urso mas ele não comia, e a minha mãe perguntou se ele estava doente. O meu pai respondeu que tinham vindo a pé desde Bucareste e só precisavam de

descansar. O urso morreu passados quatro dias.

Raskol fechou os olhos e esboçou o seu sorriso triste.

– Nesse mesmo Outono, Stefan e eu fugimos. Menos duas bocas para alimentar. Fomos para norte.

– Que idade tinham?

– Eu tinha oito e ele tinha doze. O plano era chegarmos à Alemanha Ocidental. Nesse tempo, estavam a deixar entrar refugiados de todo o mundo e a alimentá-los. Presumo que fosse o seu modo de compensação. Stefan achava que quanto mais novos fôssemos, maiores as nossas hipóteses de conseguirmos entrar. Mas fomos detidos na fronteira da Polónia. Fomos para Varsóvia onde dormimos debaixo de uma ponte, cada um com um cobertor, na zona cercada do Wschodnia, o terminal ferroviário oriental. Sabíamos que conseguiríamos encontrar um *schlepper*, um contrabandista de pessoas. Passados alguns dias encontrámos um homem que falava romeno, que dizia ser um guia de fronteira e que nos prometeu levar até à Alemanha Ocidental. Não tínhamos dinheiro para lhe pagar, mas ele disse que havia maneiras de o fazermos. Conhecia alguns homens que pagavam bem por rapazinhos ciganos bonitos. Eu não sabia de que é que ele estava a falar, mas era óbvio que Stefan sabia. Levou o guia para um lado e discutiram em voz alta, enquanto o homem apontava para mim. Stefan sacudiu a cabeça repetidas vezes e, por fim, o guia levantou os braços ao ar e acabou por ceder. Stefan pediu-me para esperar até que ele voltasse de carro. Fiz aquilo que ele disse, mas as horas passaram. Era de noite, por isso deitei-me e adormeci. Durante as duas primeiras noites debaixo da ponte, eu acordava com o guinchar dos travões dos vagões de mercadorias, mas os meus jovens ouvidos aprenderam rapidamente que não era em relação àqueles sons que tinha de me manter vigilante. Por isso dormi e só acordei a meio da noite quando ouvi passos furtivos. Era Stefan. Rastejou para debaixo do cobertor e encostou-se ao muro molhado. Ouvi-o chorar, mas fechei os olhos com força e não me mexi. Passados instantes, voltei a ouvir os comboios. – Raskol levantou a cabeça. – Gosta de comboios, *Spiuni*?

Harry assentiu.

– O guia voltou no dia seguinte. Precisava de mais dinheiro. Stefan voltou a partir no carro. Quatro dias depois, acordei ao início da madrugada e vi Stefan. Devia ter estado acordado durante toda a noite. Estava deitado como lhe era habitual com os olhos semicerrados, e consegui ver a respiração dele a erguer-se no ar gelado da manhã. Tinha sangue na cabeça e um dos lábios

estava inchado. Peguei no meu cobertor e fui até à estação central onde uma família de ciganos Kalderash se instalara no exterior das casas de banho, à espera de conseguirem viajar para ocidente. Falei com o mais velho dos rapazes. Ele contou-me que o homem que nós pensávamos ser um *schlepper* era o chulo local que frequentava a zona da estação; tinha oferecido ao pai dele trinta *zloty* pelos seus dois filhos mais novos. Mostrei ao rapaz o meu cobertor. Era grosso e estava em boas condições, e fora roubado de uma corda da roupa em Lublin. Gostou dele. Dentro de pouco tempo seria Dezembro. Pedi para que ele me mostrasse a sua faca. Ele guardava-a dentro da camisa.

– Como é que sabia que ele tinha uma faca?

– Todos os ciganos têm facas. Usam-nas para comer. Nem os membros da mesma família partilham os talheres; podem apanhar uma *marime*, uma infecção. Mas ele fez um bom negócio. A faca era pequena e estava embotada. Por sorte, consegui afiá-la no ferreiro que trabalhava na oficina da estação.

Raskol passou a unha longa e pontiaguda da mão direita pela cana do nariz.

– Nessa noite depois de Stefan entrar no carro, perguntei ao chulo se ele também me arranjava um cliente. Ele sorriu e disse que eu devia esperar. Quando voltou, fiquei na sombra debaixo da ponte a observar os comboios a entrarem e a saírem da estação. «Vem cá, *Sinto*²», gritou ele. «Tenho um bom cliente. Um homem rico do partido. Vamos, não temos muito tempo!» Eu respondi: «Temos de esperar pelo comboio de Cracóvia.» Ele aproximou-se de mim e agarrou-me o braço. «Tens de vir agora, percebeste?» Eu chegava-lhe ao peito. «Ali está ele», disse eu e apontei. Ele soltou-me e ergueu os olhos. Um cortejo de vagões de aço negro passou sobre os nossos rostos pálidos, enquanto olhávamos para cima. Depois o momento pelo qual eu esperara chegou. O arranhar de aço contra aço quando os travões frearam. Aquilo afogou todos os outros sons.

Harry semicerrou os olhos, como se assim fosse mais fácil ver se Raskol estava a mentir.

– Quando os últimos vagões passaram lentamente, vi uma mulher a olhar para mim por uma das janelas. Parecia um fantasma. Como a minha mãe. Levantei a faca manchada de sangue e mostrei-lha. E sabe uma coisa, *Spiuni*? Foi a única altura na vida em que me senti verdadeiramente feliz. – Raskol fechou os olhos como se para reviver o momento. – *Koke per koke*. Cabeça por cabeça. É essa a expressão dos albaneses para vingança de sangue. É a melhor e mais perigosa das drogas que Deus deu à humanidade.

– O que é que aconteceu a seguir?

Raskol voltou a abrir os olhos.

– Sabe o que significa *baxt*, *Spiuni*?

– Não faço a mínima ideia.

– Destino. Inferno e *karma*. É aquilo que governa as nossas vidas. Quando tirei a carteira do chulo, ele tinha três mil *zloty*. Stefan voltou, levámos o corpo para lá dos carris e atirámo-lo para dentro de um dos vagões de mercadorias que se dirigia para leste. Depois partimos para norte. Duas semanas depois, esgueirámo-nos para o interior de um barco que ia de Gdansk para Gotemburgo. A partir dali fomos para Oslo e para um campo em Tøyen onde havia quatro caravanas, três ocupadas por ciganos. A quarta era velha e estava abandonada, com um eixo partido. Foi a nossa casa durante cinco anos. Nessa véspera de Natal, celebrámos ali o meu nono aniversário com biscoitos e um copo de leite debaixo do único cobertor que nos restava. No dia de Natal assaltámos o nosso primeiro quiosque, e sabíamos que tínhamos chegado ao lugar certo. – Raskol resplandeceu. – Foi como tirar um doce a um bebé.

Ficaram sentados em silêncio durante muito tempo. Por fim, Raskol disse:

– Ainda parece não acreditar completamente em mim.

– Isso interessa? – perguntou Harry.

Raskol sorriu.

– Como é que sabe que Anna não o amava? – perguntou.

Harry encolheu os ombros.

Algemados um ao outro, atravessaram o Culvert.

– Não parta do princípio que sei quem é o assaltante – disse Raskol. – Pode ser alguém de fora.

– Eu sei – disse Harry.

– Ótimo.

– Então, se Anna era filha de Stefan e ele vive na Noruega, porque é que não foi ao funeral?

– Porque morreu. Caiu há alguns anos de um telhado que estava a construir.

– E a mãe de Anna?

– Quando Stefan morreu, mudou-se para o Sul da Roménia com a irmã e o

irmão. Não tenho a morada dela. Duvido que tenha uma.

– Disse a Ivarsson que o motivo por que a família não foi ao funeral, foi por ela ter lançado a vergonha sobre eles.

– Disse? – Harry viu o divertimento a espalhar-se pelos olhos castanhos de Raskol. – Acreditaria em mim se lhe dissesse que estava a mentir?

– Sim.

– Mas não estava. Anna tinha sido banida pela família. Já não existia para o pai. Ele recusava-se a dizer o nome dela. Para evitar *marime*. Compreende?

– Provavelmente não.

Entraram na esquadra e pararam à espera do elevador. Raskol murmurou qualquer coisa para si mesmo, antes de dizer em voz alta:

– Porque é que confia em mim, *Spiuni*?

– Tenho outra escolha?

– Tem-se sempre outra escolha.

– Mais importante é porque é que você confia em mim. A chave que lhe dei pode ser igual àquela que lhe enviaram do apartamento de Anna, mas posso não a ter encontrado na casa do assassino.

Raskol sacudiu a cabeça.

– Compreendeu-me mal. Não confio em ninguém. Apenas confio no meu instinto. E esse diz-me que você não é um homem estúpido. Todas as pessoas têm algo para o qual viver. Algo que lhes pode ser tirado. Você também. É só isso.

As portas do elevador abriram-se e eles entraram.

Harry estudou Raskol na penumbra. Ele estava sentado a ver o vídeo do assalto com as costas muito direitas e as palmas pressionadas uma contra a outra, sem qualquer expressão. Nem mesmo quando o som distorcido do tiro encheu a Casa da Dor.

– Quer voltar a vê-lo? – perguntou Harry, quando chegaram às últimas imagens do Executor a desaparecer no cimo da Industrigata.

– Não é necessário – disse Raskol.

– Então? – perguntou Harry, a tentar não soar entusiasmado.

– Tem mais alguma coisa?

Harry teve a sensação de que vinham más notícias a caminho.

– Bem, tenho um vídeo da loja de conveniência do lado oposto ao banco, onde ele arranjou um esconderijo antes do assalto.

– Deixe-me vê-lo.

Harry passou-o duas vezes.

– Então? – repetiu, quando a tempestade de neve surgiu no ecrã à frente deles.

– Eu sei que é suposto ele estar atrás de outros assaltos e nós também os podíamos ter visto – disse Raskol, a olhar para o relógio. – Mas é uma perda de tempo.

– Pensei que tinha dito que o tempo era a única coisa que tinha de sobra.

– Uma mentira óbvia – disse Raskol, a levantar-se e a estender a mão. – Tempo é a única coisa que não tenho. É melhor voltar a algemar-me, *Spiuni*.

Harry praguejou para si mesmo. Fechou firmemente as algemas nos pulsos de Raskol, e arrastaram-se ambos de lado entre a mesa e a parede para se dirigirem à porta. Harry pousou a mão na maçaneta.

– A maior parte dos assaltantes de bancos são almas simples – disse Raskol.
– É por isso que se transformam em assaltantes.

Harry parou.

– Um dos mais famosos assaltantes de bancos do mundo foi o americano Willie Sutton – disse Raskol. – Quando foi preso e levado a tribunal, o juiz perguntou-lhe porque é que ele assaltava bancos. Sutton respondeu: *Porque é aí que está o dinheiro*. Tornou-se numa expressão corrente no inglês da América, e parece-me que serve para nos mostrar como a língua pode ser tão brilhantemente directa e simples. Para mim, apenas representa um idiota que foi apanhado. Os bons assaltantes de bancos não são famosos nem citados. Ninguém ouviu falar deles porque nunca foram apanhados. Porque não são *nem* directos nem simples. Aquele para o qual está a olhar é um deles.

Harry esperou.

– Grette – disse Raskol.

– Grette? – Beate olhou para Harry com os olhos prestes a saltarem-lhe da cabeça. – Grette? – A veia no seu pescoço inchou. – Grette tem um álibi! Trond Grette é um contabilista que sofre de ansiedade, não um assaltante de bancos! Trond Grette... é... é...

– Inocente – disse Harry. – Eu sei. – Fechou a porta do gabinete atrás de si e afundou-se na cadeira em frente da secretária. – Mas não estamos a falar de Trond Grette.

A boca de Beate fechou-se com um clique audível e molhado.

– Alguma vez ouviste falar de Lev Grette? – perguntou Harry. – Raskol disse que só precisou dos primeiros trinta segundos para saber que era ele, mas queria ver o resto para se certificar porque já há alguns anos que ninguém o via. Segundo os últimos rumores que Raskol ouviu, Grette estava a viver algures no estrangeiro.

– Lev Grette – disse Beate, e o seu olhar perdeu-se na distância. – Era um menino-prodígio. Lembro-me de ouvir o meu pai falar dele. Li relatórios de assaltos nos quais se suspeitava que estivesse envolvido quando tinha apenas dezasseis anos. Era uma lenda porque a polícia nunca o apanhou, e quando desapareceu de vez não tínhamos as suas impressões digitais. – Olhou para Harry. – Como pude ser tão estúpida? A mesma constituição. As mesmas feições. É irmão de Trond Grette, não é?

Harry assentiu.

Beate franziu as sobrancelhas.

– Mas isso significa que Lev Grette matou a própria cunhada.

– Faz com que algumas coisas encaixem, não faz?

Ela assentiu lentamente.

– Os vinte centímetros entre os rostos. Eles conheciam-se.

– E se Lev Grette soube que foi reconhecido...

– Claro – disse Beate. – Ela era uma testemunha. Não podia correr o risco de ela o denunciar.

Harry levantou-se.

– Vou pedir a Halvorsen para nos fazer um café muito forte. Agora vamos ver o vídeo.

– O meu palpite é que Lev Grette não sabia que Stine trabalhava ali – disse Harry, os olhos fixos no ecrã. – O mais interessante é que provavelmente ele também a reconheceu, e apesar disso decidiu escolhê-la como refém. Devia saber que ela o reconheceria ao vê-lo de perto, nem que fosse pela voz.

Beate sacudiu a cabeça num gesto de incompreensão enquanto absorvia as imagens do assalto ao banco onde tudo estava temporariamente silencioso, e

August Schulz com o seu andar arrastado estava ainda a meio do seu percurso.

– Então, porque é que ele o fez?

– É um profissional. Não deixa nada ao acaso. Stine Grette ficou condenada a partir *deste* momento. – Harry parou a imagem no momento em que o assaltante entrou no banco e estudou a sala. – Quando Lev Grette a viu e soube que havia uma hipótese de ser identificado, soube também que ela tinha de morrer. Assim, bem que a podia usar como refém.

– Frio como o gelo.

– E abaixo de zero. A única coisa que não estou a perceber muito bem é o motivo por que ele está preparado para ir tão longe e cometer um assassinio para evitar ser reconhecido, quando já é procurado por outros assaltos a bancos.

Weber entrou com um tabuleiro.

– Sim, mas Lev Grette não é procurado por quaisquer assaltos – disse ele, a equilibrar o tabuleiro até o pousar em cima da mesa de centro. A sala parecia ter sido decorada uma vez nos anos cinquenta e depois permanecera imperturbada pela mão humana. As poltronas de pelúcia, o piano e as plantas empoeiradas no peitoril da janela irradiavam uma imobilidade macabra. Até o pêndulo do relógio de caixa alta a um canto, oscilava sem emitir qualquer ruído. A mulher de cabelo branco e olhos radiosos na moldura em cima da lareira, ria em silêncio. A imobilidade que parecia ter penetrado na casa quando Weber enviuvara há oito anos silenciara tudo à sua volta; até seria difícil arrancar uma nota do piano. O apartamento situava-se no piso térreo de um velho edifício de apartamentos em Tøyen, mas o som dos carros no exterior apenas aumentava o silêncio. Weber sentou-se cauteloso numa das poltronas, como se essa fosse um artigo em exposição num museu.

– Não encontramos quaisquer provas concretas de que Grette estivesse envolvido em qualquer assalto. Nem testemunhas nem agentes da polícia tinham algo a respeito dele, não havia impressões digitais nem quaisquer outras pistas forenses. Os relatórios apenas confirmam que ele era um suspeito.

– Hm. Assim, desde que Stine Grette não o denunciasse, ele era um homem com um cadastro limpo?

– Certo. Biscoitos?

Beate sacudiu a cabeça.

Era o dia de folga de Weber, mas Harry insistira ao telefone que tinham de falar imediatamente. Sabia que Weber se sentia relutante em receber visitas em casa, mas não o podia evitar.

– Pedimos ao agente de serviço na *Krimteknisk* para comparar as impressões digitais encontradas na garrafa de Coca-Cola com as impressões de assaltos anteriores que se suspeita que Lev Grette tenha executado – disse Beate. – Nada.

– Como já disse – replicou Weber, a verificar se a tampa da cafeteira estava colocada de modo correcto –, nunca se encontraram impressões digitais de Lev Grette em nenhum cenário de crime.

Beate folheou as suas notas.

– Concordas com Raskol que Lev Grette é o nosso homem?

– Bem, porque não? – Weber começou a servir o café.

– Porque nunca recorreu à violência em nenhum dos assaltos de que era suspeito. E porque ela era sua cunhada. Assassinar para não se ser reconhecido, não é um motivo muito fraco para se matar alguém?

Weber parou de servir o café e olhou para ela. Lançou um olhar intrigado a Harry, que encolheu os ombros.

– Não – disse ele. E continuou a deitar o café nas chávenas. Beate corou vivamente.

– Weber pertence à escola clássica de detecção – disse Harry, num tom quase apologetico. – A sua opinião é que, por definição, o assassinio exclui motivos racionais. Apenas existem níveis de motivos confusos, que por vezes se podem assemelhar à razão.

– É assim que as coisas se processam – disse Weber e pousou a chávena.

– Pergunto-me – disse Harry – porque é que Lev Grette saiu do país, se a polícia não tinha quaisquer provas contra ele.

Weber sacudiu um pouco de pó invisível do braço da poltrona.

– Não tenho a certeza.

– *A certeza?*

Weber apertou a asa de porcelana fina e frágil da chávena, entre o polegar grande e gordo e um indicador manchado pela nicotina.

– Na altura correram alguns rumores. Nada no qual acreditássemos.

Alegadamente, ele não estava a fugir da polícia. Alguém ouvira dizer que o seu último assalto não correria segundo os planos. Grette abandonou o companheiro.

– De que maneira? – perguntou Beate.

– Ninguém sabe. Alguns pensaram que Grette era o motorista da fuga e que fugira quando a polícia chegou, deixando o outro homem no banco. Outros disseram que o assalto foi um êxito, mas que Grette fugiu para o estrangeiro com o dinheiro todo. – Weber bebeu um gole e baixou a chávena com cuidado. – Neste caso de que estamos a falar, o que é mais interessante talvez não seja o como, mas o quem. Quem era o segundo indivíduo?

Harry perscrutou os olhos de Weber.

– Estás a querer dizer que era...?

O especialista forense veterano assentiu. Beate e Harry trocaram um olhar.

– Merda – disse Harry.

Beate manteve-se atenta à faixa da esquerda à espera de uma abertura no fluxo de veículos que vinha da direita, de Tøyengata. A chuva tamborilava no tejadilho. Harry fechou os olhos. Sabia que se se concentrasse conseguiria fazer com que a passagem dos carros se transformasse em ondas a bater contra o *ferry* enquanto se encontrava sob a brisa a olhar para a espuma branca, a apertar a mão do avô. Mas não tinha tempo para isso.

– Então Raskol tem assuntos por resolver com Lev Grette – disse Harry, a abrir os olhos. – E resolve dizer que é ele o assaltante. Será mesmo Grette no vídeo ou apenas Raskol a vingar-se? Ou outro dos truques de Raskol para nos enganar?

– Ou como Weber disse... apenas um rumor – disse Beate. Os carros da direita continuavam a passar enquanto ela tamborilava impacientemente no volante.

– Podes ter razão – disse Harry. – Se Raskol se quer vingar de Grette, não precisaria da polícia. Partindo do princípio que são apenas rumores, porquê indicar Grette se não foi ele a fazê-lo?

– Um capricho?

Harry sacudiu a cabeça.

– Raskol é um estratega. Não vai escolher um homem errado sem um bom motivo. Não tenho a certeza se o Executor estaria a trabalhar nisto sozinho.

– O que é que queres dizer com isso?

– Talvez outra pessoa tenha planeado os assaltos. Parte de uma rede de importação de armas. O carro de fuga. Apartamento clandestino. Um arrumador, que depois se vê livre da roupa e das armas. E um branqueador, que lava o dinheiro.

– Raskol?

– Se Raskol quisesse desviar a nossa atenção do verdadeiro grupo de culpados, então o melhor que teria a fazer era enviar-nos à procura de um homem cujo paradeiro ninguém conhece, que está morto e enterrado, ou que se instalou no estrangeiro sob um nome falso, um suspeito que nunca poderemos eliminar dos nossos arquivos. Ao vender-nos um palerma a longo prazo, põe-nos a perseguir as nossas caudas e não o seu homem.

– Então achas que ele está a mentir?

– Todos os ciganos mentem.

– Oh?

– Estou a citar Raskol.

– Então ele tem um grande sentido de humor. E porque é que ele não te mentiria, se mentiu a todos os outros?

Harry não respondeu.

– Por fim, uma abertura – disse Beate, tocando o acelerador ao de leve.

– Espera! – disse Harry. – Vira à direita. Para Finnmarkgata.

– Certo – disse ela desanimada, e virou para a estrada em frente do parque Tøyen. – Onde é que vamos?

– Vamos visitar Trond Grette.

* * *

A rede do *court* de ténis tinha sido retirada. E não havia luz em nenhuma das janelas da casa de Grette.

– Ele não está em casa – concluiu Beate depois de terem tocado duas vezes.

A janela da vizinha abriu-se.

– Trond está em casa – ouviu-se o chilreado da mulher de rosto enrugado, que Harry achou ainda mais castanho desde a última vez em que o vira. – Ele não está é a abrir a porta. Mantenham o dedo na campainha, que acabará por

abrir.

Beate pressionou a campainha e ouviram o toque irritante no interior da casa. A janela da vizinha fechou-se, e pouco depois estavam a olhar para um rosto pálido com olheiras de um preto-azulado sob olhos sem qualquer expressão. Trond Grette vestia um roupão amarelo. Parecia ter acabado de se levantar, depois de ter estado a dormir durante uma semana. E como se isso não tivesse sido o suficiente. Sem uma palavra, levantou a mão e fez-lhes sinal para entrarem. Um raio de Sol brilhou quando a luz incidiu no anel de diamantes, que se encontrava no mindinho da sua mão esquerda.

– Lev era diferente – disse Trond. – Tentou matar um homem aos quinze anos.

Sorriu para o espaço, como se a recordar algo que lhe era querido.

– Parece que nos deram um conjunto completo de genes para partilhar entre ambos. O que ele não tinha, eu tinha e vice-versa. Crescemos aqui em Disengrenda, nesta casa. Lev era uma lenda na zona, mas eu era apenas o seu irmão mais novo. Uma das primeiras coisas de que me lembro foi um incidente que ocorreu na escola, quando Lev se estava a equilibrar no telhado durante um intervalo. O edifício tinha quatro pisos e nenhum dos professores se atrevia a ir buscá-lo. Ficámos cá em baixo a aplaudi-lo, enquanto ele andava de um lado para o outro de braços estendidos. Não me senti assustado; nunca me ocorreu que o meu irmão pudesse cair. Acho que todos sentiram o mesmo. Lev foi o único que confrontou os irmãos Gausten dos apartamentos de Traverveien, apesar de eles serem pelo menos dois anos mais velhos que ele, e terem estado num reformatório. Lev pegou no carro do meu pai quando tinha catorze anos, conduziu até Lillestrøm e voltou com um saco de Twist, que roubara da estação de serviço. O meu pai nunca soube disso. Lev ofereceu-me os doces.

Trond Grette parecia estar a tentar rir. Tinham-se sentado à mesa. Trond fez cacau quente. Tirara o pó de cacau de uma lata para a qual ficou a olhar durante muito tempo. Alguém escrevera CACAU no metal com uma caneta de feltro. A letra era cuidada, feminina.

– O pior de tudo é que Lev poderia ter sido bem-sucedido – disse Trond. – O seu problema era cansar-se das coisas com demasiada facilidade. Todos diziam que em muitos anos fora o maior talento futebolístico do Skeid, mas quando o seleccionaram para a equipa nacional de juniores nem se deu ao trabalho de aparecer. Aos quinze anos pediu uma guitarra emprestada, e dois meses depois apresentava as suas próprias canções na escola. Depois disso,

um tipo chamado Waaktar convidou-o a juntar-se a uma banda em Grorud, mas ele recusou a oferta porque eles não eram suficientemente bons. Lev era o género de pessoa que consegue fazer qualquer coisa. Podia ter terminado a escola com a maior das facilidades, se tivesse feito os trabalhos de casa e não faltasse tanto. – Trond esboçou um sorriso retorcido. – Pagava-me com coisas roubadas para que eu lhe copiasse a letra e fizesse os trabalhos por ele. Pelo menos, as suas notas em norueguês estavam em boas mãos. – Trond riu-se, mas passados instantes estava de novo sério. – Depois fartou-se da guitarra e começou a andar com um grupo de rapazes mais velhos de Årvoll. Nunca pareceu pensar que havia um certo perigo em se faltar das coisas que fazia. Havia sempre qualquer outra coisa, qualquer coisa melhor, qualquer coisa mais excitante na esquina seguinte.

– Isto pode ser uma coisa estúpida para se perguntar a um irmão, mas diria que o conhecia bem? – perguntou Harry.

Trond pensou durante um bocado.

– Não, não é uma pergunta estúpida. Sim, crescemos juntos. E sim, Lev era extrovertido e divertido e todos, rapazes bem como raparigas, queriam conhecê-lo. Mas, na verdade, Lev era um lobo solitário. Disse-me uma vez que nunca teve verdadeiros amigos, apenas fãs e namoradas. Havia muitas coisas que eu não sabia a respeito de Lev. Como quando os irmãos Gausten vieram até aqui para causarem sarilhos. Eram três e todos mais velhos do que Lev. Eu e outros rapazes locais fugimos assim que os vimos. Mas Lev ficou onde estava. Durante cinco anos foi espancado por eles. Depois um dia Roger, o mais velho, apareceu sozinho. Nós fugimos como era costume. Quando espreitei pela esquina da casa, vi Roger deitado no chão com Lev em cima dele. Tinha os joelhos pousados em cima dos braços de Roger e segurava um pau. Aproximei-me para ver. Para além da respiração ofegante, nenhum deles emitia um som. Foi nessa altura que vi que Lev espetara o pau no olho de Roger.

Beate mexeu-se na cadeira.

– Lev estava completamente concentrado, como se estivesse a fazer alguma coisa que necessitasse de uma grande precisão e cuidado. Parecia estar a tentar arrancar-lhe o olho. Roger pingava sangue; escorria-lhe do olho pela orelha abaixo e pingava do lóbulo no alcatrão. Estava tudo tão silencioso que ouvi o sangue a atingir o chão. *Ping, ping, ping.*

– O que é que fez? – perguntou Beate.

– Vomitei. Nunca aguentei ver sangue. Fico tonto e nauseado. – Trond

sacudiu a cabeça. – Lev soltou Roger e voltou comigo para casa. Roger conseguiu recuperar o olho, mas os irmãos Gausten nunca mais apareceram na nossa zona. No entanto, nunca me esquecerei da visão de Lev com o pau. Era em momentos como esse que pensava que o meu irmão mais velho podia por vezes transformar-se noutra pessoa, alguém que eu não conhecia, que passara por ali numa visita inesperada. Infelizmente, depois disso, as visitas tornaram-se cada vez mais frequentes.

– Disse alguma coisa a respeito de ele ter tentado matar um homem.

– Foi num domingo de manhã. Lev pegou numa chave de parafusos e num lápis, e foi de bicicleta até uma das pontes pedonais sobre Ringveien. Conhecem essas pontes, não conhecem? São um pouco assustadoras porque se tem de andar sobre grelhas metálicas aos quadrados, e olhamos para baixo e vimos o alcatrão sete metros abaixo de nós. Como estava a dizer, era um domingo de manhã, e não havia muitas pessoas por ali. Ele soltou os parafusos de uma das grelhas; depois deixou dois parafusos de um lado e o lápis num dos cantos, debaixo da grelha. De seguida, esperou. Primeiro passou uma mulher que parecia ter «acabado de ser fodida», segundo as suas palavras. Bem vestida, cabelo despenteado, a praguejar e a oscilar nos sapatos de salto alto partidos. – Trond riu-se num tom baixo. – Para um miúdo de quinze anos, Lev tinha muito que se lhe diga. – Levou a chávena à boca e olhou pela janela da cozinha com uma expressão surpreendida. Um camião do lixo estava parado em frente dos contentores. – Hoje é segunda-feira?

– Não – disse Harry, que não tocara no cacau. – O que é que aconteceu à mulher?

– Há duas fileiras de grelhas metálicas. Ela passou pela da esquerda. Azar, disse Lev. Disse que preferia que tivesse sido ela do que o homem. Depois foi o homem. Avançou pelo lado direito. Como o lápis estava enfiado no canto, a grelha solta estava um pouco mais alta do que as outras. Lev pensou que o homem vira o perigo, pois quando se aproximou começou a andar mais devagar. No exacto momento em que estava prestes a dar o último passo, pareceu imobilizar-se no ar.

Trond sacudiu lentamente a cabeça ao ver o camião a rugir e a mastigar o lixo dos vizinhos.

– Ao pousar o pé, a grelha abriu-se como um alçapão. Iguais àqueles que se utilizam nos enforcamentos. O homem partiu as duas pernas ao atingir o alcatrão. Se não fosse um domingo de manhã, teria sido imediatamente atropelado. Azar, disse Lev.

– Também disse isso à polícia? – perguntou Harry.

– A polícia, sim – disse Trond, a olhar para a chávena. – Apareceram dois dias depois. Fui eu que lhes abri a porta. Perguntaram se a bicicleta que se encontrava na rua pertencia a alguém da casa. Eu disse que sim. Parece que uma testemunha vira Lev a afastar-se de bicicleta da ponte, e descrevera a bicicleta e um rapaz que vestia um casaco vermelho. Assim mostrei-lhes o casaco acolchoado que Lev usara.

– Você? – disse Harry. – Denunciou o seu próprio irmão?

Trond suspirou.

– Disse que a bicicleta era minha. E o casaco também. Lev e eu somos muito parecidos.

– Por que raio fez uma coisa dessas?

– Tinha apenas catorze anos e era demasiado novo para que eles pudessem fazer alguma coisa. Lev teria acabado no reformatório onde Roger Gausten se encontrava.

– Mas o que é que a sua mãe e o seu pai disseram?

– O que é que eles poderiam dizer? Todos aqueles que nos conheciam sabiam que fora Lev a fazê-lo. Ele era o doido que roubava doces e atirava pedras, enquanto eu era o menino bonzinho que fazia os trabalhos de casa e ajudava as senhoras idosas a atravessar a rua. Depois disso, nunca mais se falou no assunto.

Beate pigarreou.

– Quem é que teve a ideia que fosse você a ficar com as culpas?

– Eu. Amava Lev mais do que qualquer coisa no mundo. Mas como desistiram da queixa, agora já o posso contar. E o facto é que... – Trond esboçou um sorriso ausente. – Por vezes, desejaria ter sido eu a atrever-me a fazê-lo.

Harry e Beate giraram as suas chávenas em silêncio. Harry perguntou-se qual deles iria colocar a questão. Se Ellen estivesse com ele, tê-lo-ia sabido intuitivamente.

– Onde...? – disseram ambos em uníssono.

Trond olhou para eles e pestanejou. Harry fez um aceno a Beate.

– Onde é que o seu irmão vive agora? – perguntou ela.

– Onde... é que Lev está? – Trond olhou para eles perplexo.

– Sim – disse Beate. – Sabemos que esteve fora durante algum tempo.

Grette virou-se para Harry.

– Não me disseram que isto estava relacionado com Lev. – O tom de voz era acusador.

– Dissemos que queríamos falar disto e daquilo – disse Harry. – Acabámos com isto, agora estamos naquilo.

De repente Trond levantou-se da cadeira, pegou nas chávenas, dirigiu-se ao lava-loiça e despejou o cacau.

– Mas Lev... afinal é o meu... mas que raio tem ele a ver com...?

– Talvez nada – respondeu Harry. – Se não tem, gostaríamos que nos ajudasse a retirá-lo das nossas investigações.

– Ele nem sequer vive neste país – resmungou Trond, virando-se de frente para eles.

Beate e Harry olharam um para o outro.

– Então onde é que vive? – perguntou Harry.

Trond hesitou um décimo de segundo antes de responder.

– Não sei.

Harry observou o camião amarelo do lixo a passar.

– Não mente lá muito bem, pois não?

A única resposta de Trond foi um olhar duro.

– Hm – disse Harry. – Talvez não possamos esperar que nos ajude a encontrar o seu irmão. Por outro lado, foi a sua mulher que foi assassinada. E temos uma testemunha que indicou o seu irmão como o assassino. – Ergueu os olhos para Trond quando disse a última palavra, e viu a maçã de Adão a saltar-lhe sob a pele clara. No silêncio que se seguiu, ouviram o rádio a tocar na casa vizinha.

Harry tossiu.

– Assim, se houver alguma coisa que nos possa contar, gostaríamos muito que o fizesse.

Trond sacudiu a cabeça.

Ficaram ali sentados durante alguns momentos, depois Harry levantou-se.

– Ótimo. Sabe onde nos encontrar se se lembrar de alguma coisa.

Junto à porta da entrada, Trond não parecia tão cansado como quando tinham chegado. Harry, de olhos vermelhos, levantou os olhos para o sol baixo que espreitava por entre as nuvens.

– Compreendo que isto não seja fácil para si, mas talvez tenha chegado o momento de despir o casaco encarnado.

Grette não respondeu, e a última coisa que viram quando saíam do parque de estacionamento foi o homem de pé junto à soleira da porta, a brincar com o anel de diamantes que tinha no mindinho, e o movimento fugaz de um rosto enrugado e bronzeado atrás da janela da vizinha.

De noite, as nuvens desapareceram. Harry parou no cimo da Dovregata a caminho de casa depois de ter saído do Schrøder's, e olhou para cima. As estrelas piscavam num céu sem Lua. Uma das luzes era a de um avião que voava para norte em direcção ao Aeroporto de Gardemoen. A nebulosa do cavalo da constelação Órion. A nebulosa do cavalo. Órion. Quem lhe falara daquilo? Perguntou-se se teria sido Anna.

Ao regressar ao apartamento, acendeu a televisão para ver o noticiário na NRK. Histórias heróicas acerca dos bombeiros americanos. Apagou o aparelho. Na rua uma voz masculina gritava o nome de uma mulher; a voz soava embriagada. Harry vasculhou os bolsos até encontrar o papel onde anotara o novo número de Rakel e descobriu que ainda tinha a chave com a placa gravada com o A. A. Guardou a chave no fundo da gaveta da mesinha do telefone, antes de ligar para o número. Ninguém atendeu. Quando o telefone tocou, não teve a certeza se seria ela; em vez disso, ouviu Øystein na linha cheia de estática.

– Merda, aqui guia-se cá de uma maneira!

– Não precisas de gritar, Øystein.

– Estão-me a tentar matar nestas estradas! Apanhei um táxi em Sharm el-Sheikh. Pensei que seria uma viagem rápida... através do deserto, sem muito trânsito, estrada em linha recta. Meu, como estava errado. Digo-te que é um milagre ainda estar vivo. E tanto calor! Já ouviste os gafanhotos daqui... os grilos do deserto? Emitem os ruídos mais elevados que possas imaginar. Atravessam directamente o córtex cerebral, verdadeiramente terríveis. A água aqui é espantosa. Espantosa! Completamente translúcida com um toque de verde. À temperatura corporal, nem sequer a sentimos. Ontem saí de dentro de água e nem sequer tive a certeza se estivera...

- Esquece as temperaturas do mar, Øystein. Encontre o servidor?
- Sim e não.
- O que é que isso quer dizer?

Harry não obteve resposta. Foram interrompidos por uma discussão na outra extremidade da linha. Harry apanhou fragmentos do que se passava como, «o chefe» e «o dinheiro».

– Harry? Desculpa, este tipo ficou um pouco paranóico. E eu também. Demasiado calor! Mas acho que encontrei o servidor certo. Há sempre a hipótese de me estarem a tentar lixar, mas amanhã vou ver o local e conhecer o chefe em pessoa. Três minutos no teclado e ficarei a saber se é mesmo este. Quanto ao resto é apenas uma questão de dinheiro. Espero que o seja. Ligo-te amanhã. Devias ver as facas que estes beduínos têm...

A gargalhada de Øystein soou-lhe oca.

A última coisa que Harry fez antes de apagar a luz foi consultar a enciclopédia. A nebulosa do cavalo era uma nuvem escura. Não se sabia muito a respeito dela nem a respeito de Órion, excepto que era considerada como a mais bela de todas as constelações. Órion era uma figura grega mítica, um titã e um grande caçador. Fora seduzido por Eos, e Ártemis na sua fúria matara-o. Harry deitou-se com a sensação de que alguém estava a pensar nele.

Na manhã seguinte ao abrir os olhos, sentiu que os seus pensamentos estavam espalhados e dispersos, fragmentos despedaçados e vislumbres de cenas meio esquecidas. Era como se alguém lhe tivesse saqueado o cérebro, e o seu conteúdo que fora cuidadosamente armazenado em gavetas e armários tivesse sido revistado. Devia ter estado a sonhar. O telefone no vestíbulo não parava de tocar. Harry forçou-se a levantar. Era de novo Øystein. Estava num escritório em El Tor.

– Temos um problema – disse.

⁷ Cigano, *Sinti* no plural, palavra de origem ainda desconhecida embora se creia ter origem na língua alemã. (*N. da T.*)

São Paulo

Os lábios de Raskol formaram um sorriso amável. Era assim impossível dizer se era mesmo um sorriso amável ou não. Harry calculou que não o fosse.

– Então, tem um amigo no Egipto à procura de um número de telefone – disse Raskol. Harry foi incapaz de perceber se a entoação era sarcástica ou objectiva.

– El Tor – disse Harry, a esfregar a palma da mão contra o braço da cadeira. Sentia um enorme desconforto. Não por estar de novo sentado na sala de visitas estéril, mas por causa do motivo que o levava ali. Considerara todas as opções. Pensara em pedir um empréstimo pessoal. Confidenciar com Bjarne Møller. Vender o Ford Escort à garagem onde o costumava reparar. Mas aquela era a única hipótese realista, o único caminho lógico a seguir. Era uma loucura.

– O número de telefone não é apenas um número – disse Harry. – Vai conduzir-nos ao cliente que me enviou o *e-mail*. O *e-mail* que prova que sabe pormenores acerca da morte de Anna; pormenores que não poderia ter sabido de outra maneira, a não ser que estivesse presente no momento em que ela morreu.

– E o seu amigo diz que os proprietários do ISP pediram 60 000 libras egípcias. E isso é?

– Aproximadamente 120 000 kroner.

– Que acha que eu lhe vou dar?

– Eu não acho nada. Estou-lhe apenas a contar qual é a situação. Eles querem dinheiro e eu não o tenho.

Raskol passou um dedo ao longo do lábio superior.

– E porque é que isso é um problema meu, Harry? Fizemos um acordo e eu mantive a minha parte.

– Eu também mantereí a minha, mas demorará mais tempo sem dinheiro.

Raskol sacudiu a cabeça, estendeu os braços e murmurou algo naquilo que

Harry pensou ser romeno. Øystein estava desesperado quando falara ao telefone. Não havia dúvidas de que tinham encontrado o servidor correcto, dissera. Mas ele imaginara uma antiguidade enferrujada num barracão, ofegante mas em funcionamento, e um vendedor de cavalos com um turbante que queria três camelos e um maço de cigarros americanos. Em vez disso encontrou um escritório com ar condicionado onde o jovem egípcio de fato, atrás da secretária, o olhara através de óculos de armações prateadas e lhe dissera que o preço «não era negociável», que o pagamento devia ser feito em notas não identificáveis e que a oferta se manteria durante três dias.

– Presumo que tenha pesado as consequências se se souber que está a receber dinheiro de alguém como eu, enquanto se encontra de serviço?

– Não estou de serviço – disse Harry.

Raskol acariciou as orelhas com as palmas das mãos.

– Sun Tzu diz que se nós não controlarmos os acontecimentos, eles controlam-nos a nós. Não tem qualquer controle sobre os acontecimentos, *Spiuni*. Significa que cometeu um erro. Não gosto de pessoas que cometem erros. Assim sendo, tenho uma sugestão. Vamos tornar isto simples para ambas as partes. Você dá-me o nome desse homem e eu trato do resto.

– Não! – Harry esmurrou a mesa. – Não quero que ele seja brutalizado por um dos seus gorilas. Quero-o trancado numa prisão.

– Estou surpreso, *Spiuni*. Se o estou a perceber correctamente, você já se encontra numa posição sensível. Porque não deixar que a justiça seja administrada do modo mais exemplar possível?

– Não quero *vendettas*. O nosso acordo foi esse.

Raskol sorriu.

– Você é um tipo duro, Hole. Gosto disso. E respeito acordos. Mas agora está a começar a lixar tudo. Como é que posso ter a certeza de que esse é o homem certo?

– Dei-lhe a oportunidade de comparar a chave que encontrei no chalé com a de Anna.

– E agora vem outra vez ter comigo em busca de ajuda. Vai ter de me dar mais alguma coisa.

Harry engoliu em seco.

– Quando encontrei Anna, ela tinha uma fotografia enfiada no sapato.

– Continue.

– Acho que ela a conseguiu enfiar ali dentro antes de ser assassinada. É a fotografia da família do assassino.

– Só isso?

– Sim.

Raskol sacudiu a cabeça, olhou para Harry e voltou a sacudir a cabeça.

– Neste momento, não sei quem é o mais estúpido. Você, por deixar que o seu amigo lhe enfie o barrete. O seu amigo, por achar que se pode manter escondido depois de me roubar dinheiro. – Soltou um suspiro profundo. – Ou eu, por lhe dar esse dinheiro.

Harry pensou que se iria sentir feliz ou, pelo menos, aliviado. Em vez disso, apenas sentiu o nó no estômago a apertar-se.

– Então o que é que precisa de saber?

– Apenas o nome do seu amigo e o banco no Egipto, onde ele tenciona ir buscar o dinheiro.

– Dar-lhe-ei essas informações dentro de uma hora. – Harry levantou-se.

Raskol esfregou os pulsos como se tivesse acabado de tirar um par de algemas.

– Espero que não pense que me compreende, *Spiuni* – disse, num tom de voz muito baixo sem erguer os olhos.

Harry deteve-se de repente.

– O que é que quer dizer com isso?

– Sou cigano. O meu mundo pode ser um mundo invertido. Sabe como se diz Deus em romeno?

– Não.

– *Devel*. Diabo. Estranho, não é? Quando vende a sua alma, é bom que saiba a quem a está a vender, *Spiuni*.

Halvorsen achou que Harry parecia exausto.

– Define «exausto» – disse Harry, recostando-se na cadeira do gabinete. – Ou, pensando melhor, não o faça.

Quando Halvorsen perguntou a Harry que tal estavam a correr as coisas e Harry pediu-lhe para definir *correr*, Halvorsen suspirou e saiu do gabinete

para tentar a sua sorte no Elmer.

Harry marcou o número que Rakel lhe dera, mas voltou a apanhar a voz russa que presumiu lhe dizia que estava a ladrar à árvore errada. Ligou de seguida a Bjarne Møller e tentou dar ao chefe a impressão de que não estava a ladrar à árvore errada. Møller não pareceu convencido.

– Quero boas notícias, Harry. Não relatórios da maneira como tens passado o tempo.

Beate entrou para dizer que vira o vídeo mais dez vezes, e já não tinha qualquer dúvida de que o Executor e Stine Grette se conheciam.

– Acho que a última coisa que ele lhe diz é que ela vai morrer. Consegue-se vê-lo nos olhos dela. Simultaneamente desafiadora e assustada, tal como nos filmes de guerra onde se vêem os resistentes alinhados e prontos a serem fuzilados.

Interrupção.

– Está aí alguém? – Sacudiu uma mão em frente dos olhos dele. – Pareces exausto.

Hole ligou a Aune.

– É o Harry. Como é que as pessoas reagem quando sabem que vão ser executadas?

Aune soltou uma risadinha.

– Ficam concentradas – disse ele. – Sintonizadas.

– E assustadas? Em pânico?

– Isso depende. De que tipo de execução estamos aqui a falar?

– Uma execução pública. Num banco.

– Estou a ver. Ligo-te dentro de dois minutos.

Harry olhou para o relógio enquanto esperava. Demorou 120 segundos.

– O processo da morte, muito à semelhança do do nascimento, é algo de muito íntimo – disse Aune. – O motivo por que as pessoas em tais situações sentem, por instinto, o desejo de se esconderem não se deve apenas ao facto de se sentirem fisicamente vulneráveis. Morrer perante outros, como acontece numa execução pública, é um castigo duplo já que é uma afronta à privacidade da vítima e do modo mais brutal concebível. Foi uma das razões por que se considerou que entre as populações as execuções públicas tinham

um maior efeito preventivo contra o crime, do que as execuções na solidão de uma cela. No entanto, foram feitas algumas concessões, tais como obrigar o carrasco a usar uma máscara. Ao contrário do que muitos pensam isso não servia para esconder o rosto do carrasco, todos sabiam que era o talhante ou o fabricante de cordas local. A máscara era uma forma de consideração pelo homem condenado, de modo que não sentisse um estranho tão perto de si no momento da morte.

– Hm. O assaltante também usava uma máscara.

– A utilização de máscaras preenche um campo inteiro de pesquisa psicológica. Por exemplo, a noção moderna de que usar uma máscara nos priva de liberdade pode ser invertida. As máscaras podem despersonalizar de um modo que permite a liberdade. A que outra coisa atribuis a popularidade dos bailes de máscaras nos tempos vitorianos? Ou a utilização de máscaras nos jogos sexuais? Por outro lado, é claro que um assaltante de bancos tem motivos mais prosaicos para usar uma máscara.

– Talvez.

– Talvez?

– Não sei – suspirou Harry.

– Parece...

– Exausto. Até logo.

A posição de Harry sobre a terra afastou-se lentamente do sol e começou a escurecer cada vez mais cedo. Os limões no exterior da loja de Ali brilhavam como pequenas estrelas amarelas, e uma cortina silenciosa de chuva fina caía enquanto Harry subia até à avenida Sofies. Passara a tarde a tratar da transferência de fundos para El Tor. Não fora uma tarefa muito difícil. Falara com Øystein, conseguira o número do seu passaporte, bem como a morada do banco adjacente ao hotel onde ele estava hospedado e transmitira as informações através do jornal dos presidiários, o *Returning Phantom*, onde Raskol estava a trabalhar num artigo acerca de Sun Tzu. Depois limitou-se a esperar.

Harry parou junto à porta de entrada e começara a procurar as chaves quando ouviu o som de passos atrás de si. Não se virou.

Não até ouvir um rosnar baixo.

De facto, não ficou surpreendido. Quando se aquece uma panela de pressão, sabe-se que mais cedo ou mais tarde alguma coisa vai acontecer.

O focinho do cão era tão negro como a noite e contrastava com o branco dos dentes a descoberto. A luz fraca do candeeiro junto à porta captou um fio de baba que pendia de um canino enorme, e este cintilou.

– Senta! – disse uma voz familiar, vinda das sombras sob a entrada da garagem do outro lado da rua estreita e silenciosa. Relutante, o *Rottweiler* baixou os quartos traseiros largos e musculosos sobre o alcatrão molhado, mas os olhos brilhantes e castanhos (a coisa mais distante que se possa imaginar de «olhos ternos de cachorro») nunca se desviaram de Harry.

A sombra do boné caiu sobre o rosto do homem que se aproximava.

– Boa noite, Harry. Tens medo de cães?

Harry olhou para as mandíbulas vermelhas à sua frente. Um fragmento de cultura geral surgiu à superfície. Os romanos tinham utilizado os antepassados do *Rottweiler* na conquista da Europa.

– Não, o que é que queres?

– Fazer-te uma proposta. Uma proposta que... como é a frase?

– Esquece lá isso, diz-me apenas qual é a proposta, Albu.

– Tréguas. – Arne Albu ergueu o boné. Tentou o seu sorriso infantil, mas aquele não assentou tão bem como anteriormente. – Manténs-te longe de mim e eu mantenho-me afastado de ti.

– Interessante. E se isso não acontecer, o que é que me farás, Albu?

Albu apontou com a cabeça para o *Rottweiler*, que não estava sentado mas agachado e pronto a saltar.

– Tenho os meus métodos. E não sou completamente destituído de recursos.

– Hm. – Harry deu uma palmadinha no bolso do casaco à procura do maço de cigarros, mas deteve-se quando o rosnar se tornou ameaçador. – Pareces exausto, Albu. Toda esta correria está a cansar-te?

Albu sacudiu a cabeça.

– Não sou eu que estou a correr, Harry. És tu.

– Oh? Ameaças vagas contra um agente da polícia num lugar público. Eu chamo a isso um sinal de cansaço. Porque é que não queres continuar a jogar?

– Jogar? É assim que vês as coisas? Uma espécie de jogo do loto com o destino humano.

Harry viu a fúria nos olhos de Arne Albu. E mais qualquer coisa. O maxilar

movia-se, e os vasos sanguíneos das têmporas e testa sobressaíam. Era desespero.

– Percebeste o que fizeste? – Quase sussurrou, já sem fazer qualquer tentativa para sorrir. – Ela deixou-me. Ela... pegou nas crianças e foi-se embora. Por causa de um caso desprezível. Anna já não significava nada para mim.

Arne Albu aproximou-se de Harry.

– Anna e eu conhecemo-nos quando um amigo me estava a mostrar a sua galeria, e por acaso estava a decorrer ali uma exposição com obras dela. Comprei-lhe dois quadros, nem sei bem porquê. Disse que eram para o escritório. Claro que nunca os pendurei em lado nenhum. No dia seguinte quando fui buscar os quadros, Anna e eu começámos a conversar e de repente convidei-a para almoçar. Depois foi um jantar. E duas semanas depois, uma viagem de fim-de-semana a Berlim. As coisas descontrolaram-se. Eu estava preso e nem sequer me tentei libertar. Só o tentei fazer quando Vigdis descobriu o que se estava a passar e ameaçou deixar-me.

A voz dele começara a tremer.

– Jurei a Vigdis que era um caso sem importância, o tipo de paixoneta idiota que os homens da minha idade por vezes sentem quando encontram uma mulher jovem. Ela recorda-lhes aquilo que foram outrora. Quando eram jovens, fortes e independentes. Quando já não se é assim. Ou pelo menos, quando já não se é independente. Quando tiveres filhos, verás...

A voz quebrou-se-lhe e começou a respirar pesadamente. Enterrou as mãos nos bolsos do casaco e continuou.

– Anna era uma amante intensa. Chegava ao extremo da anormalidade. Era como se nunca me pudesse deixar. Tive de me arrancar literalmente das mãos dela; rasgou um dos meus casacos quando eu estava a sair de sua casa. Acho que sabes aquilo de que estou a falar. Uma vez contou-me como se sentiu quando a deixaste. Ficou em pedaços.

Harry estava demasiado surpreendido para responder.

– Mas provavelmente senti pena – prosseguiu Albu. – De outro modo não teria concordado em me voltar a encontrar com ela. Disse-lhe com toda a clareza que estava tudo terminado entre nós, mas ela respondeu que só me queria devolver algumas coisas. Não sabia que estavas prestes a chegar e a dares cabo de tudo. Que fizesses com que parecesse... que tínhamos recomeçado onde ficáramos. – Baixou a cabeça. – Vigdis não acredita em

mim. Diz que nunca mais será capaz de confiar em mim. Não uma segunda vez.

Ergueu o rosto e Harry viu o desespero nos seus olhos.

– Tiraste-me a única coisa que eu tinha, Hole. Eles são tudo o que me resta. Não sei se os conseguirei recuperar. – As feições contorceram-se-lhe de dor.

Harry pensou na panela de pressão. Agora, rebentaria a qualquer momento.

– A única hipótese que tenho é se tu... se tu não...

Harry reagiu instintivamente quando viu a mão de Albu a mover-se no bolso do casaco. Deu um pontapé e atingiu Albu de lado na rótula, fazendo com que ele caísse de joelhos no passeio. Rodou o antebraço em direcção ao focinho do *Rottweiler* quando o cão atacou; ouviu o som de tecido a rasgar-se e sentiu dentes a penetrarem-lhe a pele, a afundarem-se-lhe na carne. Esperou que os maxilares se apertassem mas o animal, inteligente, soltou-o. Harry lançou o pé contra o enorme volume negro de músculo nu e falhou. Ouviu as garras do animal a arranhar o asfalto quando se atirou na sua direcção, e viu as mandíbulas abertas prontas para se encontrarem com ele. Alguém lhe dissera que, antes de atingirem as três semanas, os *Rottweilers* sabem que o método mais eficaz de matar uma pessoa é rasgarem-lhe a garganta, e agora a musculosa máquina de setenta quilos atirava-se a ele. Harry girou, servindo-se do impulso que o pontapé lhe dera. Assim quando os maxilares do cão se fecharam não foi à volta da sua garganta, mas do pescoço. Não que isso significasse que os seus problemas estavam terminados. Estendeu a mão para trás e agarrou o maxilar superior do animal com uma mão e o inferior com a outra, e puxou com toda a sua força. No entanto, em vez de se abrirem, os maxilares afundaram-se mais alguns milímetros no pescoço. Os tendões e músculos dos maxilares do cão eram como aço. Harry correu para trás e atirou-se contra a parede. Ouviu as costelas do animal a estalarem, mas os maxilares não se moveram. Começou a entrar em pânico. Ouvira falar em maxilares que se trancavam, ouvira falar da hiena cujos maxilares continuam agarrados à garganta do leão muito depois de ter sido despedaçada pela leoa. Sentiu o sangue quente a escorrer-lhe pelas costas no interior da *T-shirt* e descobriu que caíra de joelhos. Será que ninguém os ouvia? Onde é estavam todas as pessoas? A avenida Sophies era uma rua tranquila, mas Harry pensou que nunca a vira tão deserta como naquele momento. Foi atingido pelo modo silencioso como tudo aconteceu, sem gritos, sem rosnares, apenas o som de carne contra carne e essa carne a ser rasgada. Tentou gritar, mas não conseguiu expelir qualquer som. O seu campo de visão começava a escurecer nas extremidades; sabia que uma artéria estava a ser comprimida e a visão em

túnel significava que o cérebro não estava a receber o sangue suficiente. Os limões brilhantes no exterior da loja de Ali começaram a perder o brilho. Algo negro, achatado, molhado e sólido subiu e explodiu-lhe no rosto. Sentiu o sabor a gravilha. Ouviu à distância a voz de Albu:

– Larga!

A pressão à volta do seu pescoço afrouxou. A posição de Harry na terra afastou-se lentamente do sol, e estava escuro como breu quando ouviu alguém dizer:

– Está vivo? Consegue ouvir-me?

Depois um clique metálico junto à orelha. Peças de uma arma. A engatarem o gatilho.

– Fod...

Ouviu um rugido profundo e a erupção de vômito quando atingiu o alcatrão. Mais cliques metálicos. Um travão de segurança a ser puxado... Dentro de segundos estaria tudo terminado. Era assim que se sentia. Não era desespero, nem medo, nem sequer arrependimento. Apenas alívio. Não iria deixar muito para trás. Albu estava a demorar um certo tempo. Tempo suficiente para que Harry descobrisse que afinal havia alguma coisa. Alguma coisa que ia deixar. Encheu os pulmões de ar. A rede de artérias absorveu o oxigénio e bombeou-lho pelo cérebro.

– Certo, agora... – começou a voz, mas parou de repente quando o punho de Harry lhe atingiu a laringe.

Harry conseguiu ajoelhar-se. Não lhe restavam muitas forças. Tentou reter a consciência enquanto esperava pelo golpe final. Passou-se um segundo. Dois segundos. Três. O cheiro a vômito queimava-lhe o nariz. Começou a focar as luzes dos candeeiros. A rua estava vazia. Deserta. Exceptuando um homem deitado ao seu lado com um casaco acolchoado azul e aquilo que se parecia com a parte superior de um pijama a sair-lhe pela gola, um homem que gorgolejava. A luz incidiu no metal. Não era uma arma, era um isqueiro. Só naquele momento é que Harry viu que o homem não era Arne Albu. Era Trond Grette.

Com uma chávena de chá escaldante na mão, Harry sentou-se à mesa da cozinha em frente de Trond cuja respiração ainda era árdua e ruidosa, e cujos olhos desfocados atingidos pelo pânico pareciam querer irromper-lhe do crânio. Quanto a ele, sentia-se tonto e nauseado, e as dores do pescoço latejavam como espinhos.

– Beba – disse Harry. – Tem muito limão. Entorpece os músculos e fá-los descontraír para que consiga respirar com maior facilidade.

Trond obedeceu. Para grande surpresa de Harry, a bebida pareceu funcionar. Depois de alguns goles e de um ataque de tosse, um pouco de cor regressou às faces pálidas de Trond.

– Ulkterbl – chiou ele.

– Desculpe? – Harry afundou-se na outra cadeira da cozinha.

– Está com um aspecto terrível.

Harry sorriu e apalpou a toalha que atara à volta do pescoço. Já estava ensopada em sangue.

– Foi por isso que vomitou?

– Não aguento ver sangue – disse Trond. – Fico... – Rolou os olhos.

– Bom, podia ter sido pior. Salvou-me a pele.

Trond sacudiu a cabeça.

– Eu estava a uma certa distância quando o vi. A única coisa que fiz foi gritar. Não sei se foi isso que assustou o cão. Desculpe não ter conseguido tirar o número da matrícula, mas vi que fugiram num *Jeep Cherokee*.

Harry rejeitou o que ele disse com um aceno da mão.

– Eu sei quem ele é.

– Oh?

– Está sob investigação. Mas talvez seja melhor dizer-me o que estava aqui a fazer, Grette.

Trond rodou a chávena.

– Você devia mesmo ir ao hospital para lhe verem essa ferida.

– Vou pensar no assunto. Considerou aquilo de que falámos?

Trond assentiu lentamente.

– E a que conclusão chegou?

– Não o posso continuar a ajudar. – Era difícil para Harry determinar se fora apenas a laringe ferida que fizera Trond sussurrar a última frase.

– Então onde está o seu irmão?

– Quero que lhe diga que fui eu que lho contei. Ele vai compreender.

– Está certo.

– Porto Seguro.

– Uh.

– É uma cidade no Brasil.

Harry franziu o nariz.

– Ótimo. Como é que o poderemos encontrar ali?

– Ele disse-me há pouco tempo que tem ali uma casa. Recusou-se a dar-me uma morada, apenas me deu um número de telefone.

– Porquê? Não é um homem procurado.

– Não tenho a certeza se não o será. – Trond bebeu outro gole de chá. – De qualquer maneira, disse que era melhor que eu não tivesse a sua morada.

– Hm. É uma cidade muito grande?

– Segundo Lev, com cerca de um milhão de pessoas.

– Certo. E não tem mais nada? Outras pessoas que o conheçam e que possam ter a morada dele?

Trond hesitou antes de sacudir a cabeça.

– Diga – disse Harry.

– Lev e eu fomos beber um café da última vez em que ele esteve em Oslo. Ele disse que ainda lhe sabia pior do que o costume. Disse que tinha começado a beber *cafezinhos* num *ahwa* local.

– *Ahwa*? Isso não é um café árabe?

– É. *Cafezinho* é uma variante brasileira e forte do *espresso*. Lev disse que ia ali todos os dias. Bebe café, fuma um *hookah* e joga dominó com o proprietário sírio que se transformou numa espécie de amigo. Lembro-me do nome do homem, Muhammed Ali. Como o boxeur.

– E como mais cinquenta milhões de árabes. O seu irmão disse-lhe qual o nome do café?

– Provavelmente, mas não me lembro. Não devem existir muitos *ahwas* numa cidade brasileira, pois não?

– Talvez não. – Harry pensou que era definitivamente algo de concreto no qual trabalhar. Estava prestes a levar uma mão à testa, mas assim que tentou levantar a mão o pescoço doeu-lhe.

– Uma última pergunta, Grette. O que é que o fez decidir-se a dizer-me isto?

A chávena de Trond deu algumas voltas.

– Eu sabia que ele estava em Oslo.

Harry sentia a toalha à volta do pescoço como se fosse uma corda pesada.

– Como?

Trond coçou a parte inferior do queixo durante muito tempo, antes de responder.

– Não falávamos há mais de dois anos. De repente, ele liga-me e diz que está na cidade. Encontrámo-nos num café e tivemos uma longa conversa. Daí, a história do café.

– Quando é que isso aconteceu?

– Três dias antes do assalto.

– Falaram a respeito de quê?

– De tudo. E de nada. Quando se conhece alguém há tanto tempo como nós, as coisas grandes ficam frequentemente tão grandes que é das coisas pequenas que se fala. Acerca... das rosas do nosso pai, etc.

– Que tipo de coisas grandes?

– Coisas que se fizeram que era melhor nunca terem sido feitas. E coisas que se disseram que era melhor terem ficado por dizer.

– E em vez disso falaram de rosas?

– Eu é que tratava das rosas quando Stine e eu ficámos na casa. Foi onde eu e Lev crescemos. Era aí que eu queria que os nossos filhos crescessem. – Mordeu o lábio inferior. Tinha o olhar fixo na toalha plastificada castanha e branca. A toalha fora a única coisa com que Harry ficara quando a mãe morrera.

– Ele não disse nada a respeito do assalto?

Trond sacudiu a cabeça.

– Está consciente que nessa altura o assalto já devia ter sido planeado? Que o banco onde a sua mulher trabalhava ia ser assaltado?

Trond soltou um suspiro profundo.

– Se esse fosse o caso, eu tê-lo-ia sabido e tê-lo-ia evitado. Lev adorava

contar-me os seus assaltos, percebe? Consequia cópias dos vídeos e guardava-os no sótão em Disengrenda. De vez em quando insistia para que os víssemos juntos. Para que eu visse como tinha um irmão mais velho tão esperto. Quando casei com Stine e comecei a trabalhar, fiz-lhe saber que não queria voltar a ouvi-lo falar dos seus planos. Que isso me colocaria numa posição delicada.

– Hm. Então ele não sabia que Stine trabalhava no banco?

– Eu disse-lhe que ela trabalhava no Nordea, mas acho que não lhe disse em que balcão.

– Mas eles conheceram-se?

– Encontraram-se algumas vezes, sim. Umas duas reuniões de família. Lev nunca foi um grande admirador desse tipo de coisas.

– Que tal se deram?

– Bem, Lev pode ser encantador quando quer. – Trond sorriu com uma expressão sarcástica. – Como disse, partilhamos um conjunto de genes. Fiquei satisfeito por ele se ter dado ao trabalho de lhe mostrar o seu lado bom. E como eu contara a Stine o modo como ele se comportava com pessoas de quem não gostava, ela sentiu-se lisonjeada. A primeira vez que ela foi a nossa casa, Lev levou-a a dar uma volta pela vizinhança e mostrou-lhe todos os lugares onde ele e eu brincávamos quando éramos miúdos.

– No entanto, não lhe mostrou a ponte pedonal?

– Não, isso não. – Trond levantou as mãos melancolicamente e olhou para elas. – Mas não pense que o fez por ele. Lev sentia-se mais que satisfeito em falar de todos os crimes que cometera. Não o fez porque sabia que eu não queria que Stine percebesse que eu tinha um irmão assim.

– Hm. Tem a certeza de que não está a pintar um retrato mais nobre do seu irmão do que aquele que ele merece?

Trond sacudiu a cabeça.

– Lev tem um lado de escuridão e um lado de luz. Como todos nós. Seria capaz de morrer por aqueles que ama.

– Mas não seria preso?

Trond abriu a boca, mas não saiu nenhuma resposta. A pele estremeceu-lhe debaixo de um olho. Harry suspirou e levantou-se com uma certa dificuldade.

– Tenho de apanhar um táxi para as urgências.

– Eu tenho carro – respondeu Trond.

O motor zumbia baixinho. Harry olhou para os candeeiros de rua a deslizarem pelo céu nocturno e escuro, para o tabliê, para o anel de diamantes a brilhar no dedo mindinho de Trond cujas mãos agarravam o volante.

– Mentiu-me acerca do anel que está a usar – sussurrou Harry. – O diamante é demasiado pequeno para ter custado trinta mil kroner. Calculo que tenha custado cinco mil e que o comprou para Stine numa joalharia de Oslo. Estou certo?

Trond assentiu.

– Encontrou-se com Lev em São Paulo, não encontrou? O dinheiro era para ele.

Trond voltou a assentir.

– Lev ainda está em Oslo – sussurrou Harry. – Quero o número do telemóvel dele.

– Sabe uma coisa? – Trond virou cuidadosamente à direita na Alexander Kielland plass. – Ontem à noite sonhei que Stine entrou no quarto e falou comigo. Estava vestida como um anjo. Não como um verdadeiro anjo, mas com o tipo de máscara que se usa no carnaval. Disse que não pertencia lá a cima. E quando acordei, pensei em Lev. Pensei nele sentado no telhado da escola com as pernas a baloiçar sobre o beiral, enquanto nós entrávamos para a aula seguinte. Era um pequeno ponto, mas lembrei-me do que estava a pensar. Ele pertencia ali a cima.

Baksheesh

Três pessoas estavam sentadas no gabinete de Ivarsson: o próprio Ivarsson atrás da secretária bem-organizada, e Beate e Harry em cadeiras – um pouco mais baixas. O truque das cadeiras baixas era uma técnica de exibição de superioridade tão conhecida que até se poderia pensar que já nem era utilizada, mas Ivarsson era de outra opinião. A sua experiência dizia-lhe que aquelas técnicas básicas nunca passavam de moda.

Harry inclinara a cadeira para trás para conseguir olhar pela janela. Da janela via-se o Hotel Plaza. Nuvens arredondadas passaram em frente da torre de vidro e pela cidade, sem soltarem uma gota de chuva. Harry não dormira, apesar de ter tomado analgésicos depois da injeção contra o tétano que apanhara no hospital. A explicação que dera aos colegas de um cão vadio e feroz fora bastante credível e estava suficientemente próxima da verdade para que ele o pudesse contar com uma certa convicção. Tinha o pescoço inchado e uma ligadura irritante apertada contra a pele. Harry sabia exactamente o quanto o pescoço lhe iria doer se virasse a cabeça para Ivarsson, que estava naquele momento a falar. Também sabia que não teria virado a cabeça mesmo que não lhe doesse.

– Então querem bilhetes para o Brasil para efectuarem ali uma busca? – perguntou Ivarsson, a sacudir o tampo da secretária e a fingir que reprimia um sorriso. – Enquanto o Executor está obviamente ocupado a assaltar bancos, aqui em Oslo?

– Não sabemos em que lugar de Oslo é que ele se encontra – disse Beate. – Nem sequer se está em Oslo. Mas esperamos conseguir encontrar a casa que o irmão diz que ele tem em Porto Seguro. Se a encontrarmos, também encontraremos as suas impressões digitais. E se as compararmos com as impressões da garrafa de Coca-Cola, teremos provas. Isso fará com que valha a pena fazer a viagem.

– A sério? E que impressões são essas que mais ninguém tem?

Beate esforçou-se em vão para chamar a atenção de Harry. Engoliu em seco.

– Já que em princípio devemos ser independentes um do outro, decidimos

guardar segredo. Até haver mais novidades.

– Minha querida Beate – começou Ivarsson, a piscar o olho direito –, falas no plural mas eu apenas oiço Harry Hole. Aprecio o entusiasmo com que Hole aderiu ao meu método, mas não podemos deixar que os princípios interfiram nos resultados que podemos atingir em conjunto. Por isso repito, que impressões digitais?

Beate lançou a Harry um olhar desesperado.

– Hole? – perguntou Ivarsson.

– É assim que estamos a tratar do caso – disse Harry. – Até haver mais novidades.

– Como queiras – disse Ivarsson. – Mas esqueçam a viagem. Vão ter de falar com a polícia brasileira e pedir-lhes que vos ajudem a conseguirem as impressões.

Beate pigarreou.

– Já falei com eles. Temos de enviar formulários escritos através do delegado-chefe da província da Baía e arranjar um procurador distrital brasileiro que veja o caso, o que eventualmente resultará num mandado de busca. A pessoa com quem falei disse que por experiência própria, quando não se têm contactos na administração brasileira, isso costuma demorar entre dois meses e dois anos.

– Temos lugares no avião que parte amanhã à noite – disse Harry, a examinar uma unha. – Qual é a decisão?

Ivarsson riu-se.

– O que é que achas? Vens-me pedir dinheiro para bilhetes de avião para o outro lado do mundo, sem sequer te dares ao trabalho de me dizeres quais os motivos para uma tal viagem. Planeias revistar uma casa sem um mandado, de modo que, mesmo que encontrasses provas, o tribunal seria provavelmente obrigado a rejeitá-las porque te serviste de meios ilegais para as adquirir.

– O velho truque do tijolo – disse Harry, em voz baixa.

– Desculpa?

– Uma pessoa desconhecida atira um tijolo pela janela. A polícia ia por acaso a passar e não precisa de um mandado para entrar. Pensam sentir o cheiro a marijuana vindo da sala de estar. Uma percepção subjectiva, mas um motivo justificado para uma busca imediata. Conseguem-se provas, como por exemplo impressões digitais, obtidas no interior da casa. Tudo muito legal.

– Em resumo, pensámos naquilo que nos estás a dizer – apressou-se Beate a acrescentar. – Se encontrarmos a casa, recolheremos as impressões por meios legais.

– Ah, sim?

– Com um pouco de sorte, sem o tijolo.

Ivarsson sacudiu a cabeça.

– Isso não é suficiente. A resposta é um «não», em alto e bom som. – Olhou para o relógio para indicar que a reunião estava terminada e acrescentou com um ligeiro sorriso reptiliano: – Até haver mais novidades.

– Não lhe podias ter dado um osso? – perguntou Beate quando saíram do gabinete de Ivarsson e desciam o corredor.

– Como por exemplo? – replicou Harry, a virar cuidadosamente o pescoço. – Ele já se tinha decidido.

– Nem sequer lhe deste a oportunidade para ele nos dar bilhetes.

– Dei-lhe uma oportunidade para não lhe passarmos por cima.

– O que é que queres dizer com isso? – Pararam em frente do elevador.

– Aquilo que te disse. Neste caso deram-nos certas liberdades.

Beate virou-se para ele e olhou-o.

– Acho que estou a perceber – disse devagar. – Então o que é que vai acontecer agora?

– Vamos-lhe passar por cima. Não te esqueças do bronzeador.

As portas do elevador abriram-se.

Mais tarde naquele mesmo dia, Bjarne Møller disse a Harry que Ivarsson acatara a decisão do superintendente-chefe e deixara que Harry e Beate partissem para o Brasil, e cobrassem os custos da viagem e estadia à Unidade de Assaltos.

– Agora já estás satisfeito? – disse Beate a Harry antes de irem para casa.

No entanto, estranhamente, quando Harry passou pelo Plaza e por fim os céus se abriram não sentiu qualquer satisfação. Apenas embaraço e exaustão, devido à dor e à falta de sono.

– *Baksheesh?* – gritou Harry ao telefone. – Mas que raio é *baksheesh*?

– Dinheiro – disse Øystein. – Ninguém mexe um dedo neste maldito país

sem dinheiro.

– Merda! – Harry deu um pontapé na mesa em frente do espelho. O telefone deslizou da mesa e o auscultador escorregou-lhe da mão.

– Estou? Estás aí, Harry? – O telefone no chão crepitava. Harry teve vontade de o deixar onde estava. De se ir embora. Ou de colocar um disco dos Metallica no máximo. Um dos antigos.

– Não te vás agora abaixo, Harry! – guinchou a voz.

Harry baixou-se com o pescoço direito e apanhou o auscultador.

– Desculpa, Øystein. Quanto é que eles disseram que queriam?

– Vinte mil libras egípcias. Quarenta mil kroner noruegueses. Depois disseram que me servem o cliente numa travessa de prata.

– Estão-nos a lixar, Øystein.

– Claro que estão. Queremos o cliente ou não?

– O dinheiro vai a caminho. Certifica-te de que te dão um recibo, ok?

Harry deitou-se a olhar para o tecto enquanto esperava que a dose tripla de analgésicos fizesse efeito. A última coisa que viu antes de cair na escuridão foi um rapaz sentado muito acima dele, a sacudir as pernas e a baixar os olhos sobre a sua pessoa.

PARTE IV

D'Ajuda

Fred Baugestad estava com uma ressaca. Tinha trinta e um anos, era divorciado e trabalhava na plataforma petrolífera Statfjord B como operário não especializado. Era um trabalho duro e não havia nem uma gota de cerveja quando estava de serviço, mas o dinheiro era bom, tinha-se uma televisão no quarto, comida *gourmet* e o melhor de tudo: três semanas de trabalho e quatro semanas de folga. Alguns regressavam a casa para as suas mulheres e sentavam-se boquiabertos a olhar para as paredes, outros conduziam táxis ou construíam casas de modo a não enlouquecerem de tédio, e outros ainda faziam o que Fred fazia: iam para um país quente e tentavam embebedar-se até à morte. De vez em quando escrevia um postal a Karmøy, a filha, ou a «bebé» como ainda lhe chamava apesar de ela já ter dez anos. Ou seriam onze? De qualquer maneira, era o único contacto que ainda tinha com o continente, e chegava-lhe. A última vez que falara com o pai, este queixara-se de que a mãe voltara a ser presa por roubar bolachas do supermercado Rimi. «Rezo por ela», dissera o pai e perguntou se Fred tinha com ele uma Bíblia norueguesa. «O Livro é tão indispensável quanto o pequeno-almoço, pai», respondera Fred. O que era verdade, já que Fred nunca comia antes do almoço quando estava em d'Ajuda. A não ser que se considerassem as caipirinhas como comida. O que não deixava de ser uma questão de definição já que ele deitava quatro colheres de açúcar em cada uma delas. Fred Baugestad bebia caipirinhas porque elas eram verdadeiramente más. Na Europa a bebida tinha uma reputação excelente mas imerecida, já que era feita com rum ou *vodka* em vez de cachaça – a fortíssima aguardente brasileira destilada da cana do açúcar, o que transformava o acto de beber caipirinhas num acto de penitência, e Fred afirmava que era isso que devia ser. Os dois avôs de Fred tinham sido alcoólicos, e com esse tipo de constituição genética ele achava que era melhor jogar pelo seguro e beber qualquer coisa que fosse tão má que nunca pudesse ficar dependente dela.

Ao meio-dia arrastou-se até ao Muhammed onde bebeu um *espresso* e um *brandy* antes de regressar a pé, sob o calor sufocante, ao longo do estreito carreiro de terra batida entre as casas baixas, pequenas e relativamente brancas. A casa que ele e Roger tinham alugado era uma das menos brancas. O estuque estava estalado, e, no interior, as paredes cinzentas e sem pintura

tinham sido tão impregnadas pelo vento húmido que soprava vindo do Atlântico, que se conseguia sentir o cheiro pungente da parede bastando para isso estender a língua. Mas também porque é que alguém faria uma coisa dessas, perguntava-se Fred. A casa era bastante boa. Três quartos, dois colchões, um frigorífico e um fogão. Mais um sofá e um tampo em cima de dois blocos de cimento na divisão a que eles chamavam sala de estar, já que tinha um buraco quase quadrado na parede que para eles era uma janela. Verdade que podiam limpá-la com maior frequência – a cozinha estava infestada de formigas vermelhas capazes de ferroadas terríveis –, mas, desde que tinham mudado o frigorífico para a sala de estar, Fred raramente ia à cozinha. Estava deitado no sofá a planear o que iria fazer a seguir quando Roger entrou.

– Onde é que estiveste? – perguntou Fred.

– Fui à farmácia de Porto Seguro – disse Roger, com um sorriso que lhe deu a volta à cabeça grande e manchada. – Nem imaginas o que vendem aqui sem receita médica. Consegues coisas que na Noruega nem com receita conseguirias. – Esvaziou o conteúdo de um saco plástico e começou a ler os rótulos em voz alta. – Três miligramas de Benzodiazepine. Duas miligramas de Flunitrazepam. Merda, estamos praticamente a falar de Rohypnol!

Fred não respondeu.

– Mau? – disse Roger, efervescente. – Ainda não comeste nada?

– Não. Apenas um café no Muhammed. Já agora, andava por ali um tipo misterioso a perguntar pelo Lev.

A cabeça de Roger ergueu-se de imediato dos medicamentos.

– Pelo Lev? Como é que ele era?

– Alto. Louro. Olhos azuis. Parecia ser norueguês.

– Foda-se, Fred, não me assustes dessa maneira. – Roger continuou a ler.

– O que é que queres dizer com isso?

– Deixa-me colocá-lo de outra maneira. Se ele fosse alto, moreno e magro teria sido o momento de partir de d'Ajuda. Na verdade, de partir do hemisfério ocidental. Parecia ser polícia?

– Como é que os polícias se parecem?

– Eles... esquece, homem do petróleo.

– Parecia-se com um bêbado. Sei bem como esses se parecem.

– Ok. Talvez seja um amigo de Lev. Devemos ajudá-lo?

Fred sacudiu a cabeça.

– Lev disse que vive aqui completamente in... incog... qualquer coisa em latim que significa secreto. Muhammed fingiu que nunca tinha ouvido falar dele. Se Lev quiser, o tipo acabará por o encontrar.

– Estava a brincar. Já agora, onde é que está Lev? Já não o vejo há algumas semanas.

– A última vez que soube dele estava de partida para a Noruega – disse Fred, a erguer lentamente a cabeça.

– Talvez tenha assaltado um banco e sido apanhado – disse Roger e sorriu ao pensar nisso. Não porque quisesse que Lev fosse apanhado, mas porque a ideia de assaltar bancos sempre o fizera sorrir. Ele fizera-o três vezes, e de todas as vezes aquilo enchera-o de adrenalina. Verdade que tinham sido apanhados das duas primeiras vezes, mas tinham feito tudo como devia ser da terceira. Quando descrevia o assalto, normalmente omitia a circunstância afortunada de as câmaras de vigilância estarem temporariamente fora de serviço, mas, apesar disso, a recompensa permitira-lhe gozar ali, em d’Ajuda, do seu ócio e de tempos a tempos do seu ópio.

A vila, pequena e bela, situava-se a sul de Porto Seguro e até muito recentemente albergara o maior aglomerado, de todo o continente, de indivíduos procurados a sul de Bogotá. Tivera o seu início nos anos setenta quando d’Ajuda se transformara num ponto de encontro para *hippies* e viajantes que viviam do jogo, e que durante os meses de Verão vendiam joalharia feita em casa e faziam pinturas corporais pela Europa. Isso representava um rendimento extra para d’Ajuda e, de um modo geral, não incomodavam ninguém. E assim, as duas famílias brasileiras, que em princípio possuíam todos os ofícios e indústrias da vila, chegaram a um acordo com o chefe da polícia local, e em resultado disso viravam-se as costas àqueles que fumavam marijuana na praia, nos cafés, no crescente número de bares e, à medida que o tempo passava, nas ruas e por toda a parte.

No entanto, havia um problema: as multas que se passavam aos turistas por fumarem marijuana e quebrarem outras leis ainda desconhecidas eram, noutros lugares, uma importante fonte de rendimentos para a polícia, a quem o Estado pagava uma miséria. De modo a que o lucrativo negócio turístico e a polícia pudessem coexistir em harmonia, as duas famílias tiveram de fornecer as forças da autoridade com rendimentos certos e alternativos. Isso teve o seu início com um sociólogo americano e o seu namorado argentino, os

responsáveis pela produção e venda locais da marijuana, e que se viram forçados a pagar uma comissão ao chefe da polícia para protecção e garantia do seu monopólio – noutras palavras, potenciais concorrentes eram imediatamente presos e entregues à polícia federal com a devida pompa e circunstância. O dinheiro escorria para os bolsos dos poucos agentes da polícia local e estava tudo a correr bem até que três mexicanos se ofereceram para pagar uma comissão mais alta, e num domingo de manhã o americano e o argentino foram entregues à polícia federal, também com a devida pompa e circunstância na praça do mercado em frente da esquadra. Apesar disso, o eficiente sistema de regulamentação do mercado da compra e venda de protecção continuou a florescer, e, passado pouco tempo, d’Ajuda estava cheia de criminosos procurados por todos os cantos do mundo que podiam estar certos de uma existência relativamente segura por um preço muito abaixo daquele que pagariam em Pattaya ou em muitos outros lugares.

Contudo, nos anos oitenta, aquela bela e até ao momento quase intocada jóia da natureza, com longas praias, pores do Sol vermelhos e marijuana de boa qualidade foi descoberta pelos abutres do turismo – os turistas de pé descalço. Afluíram a d’Ajuda em grandes números, determinados a consumir, o que significava que as duas famílias da vila tiveram de reavaliar a viabilidade económica de d’Ajuda como um acampamento para aqueles que fugiam da lei. À medida que os bares escuros e aconchegados eram transformados em lojas de aluguer de equipamento de mergulho, e o café onde os locais tinham nos velhos tempos dançado a sua lambada começou a organizar as noites das festas *Wild-Wild-Moon*, a polícia teve de iniciar operações relâmpago às pequenas casas brancas com uma frequência crescente e conduzir os cativos que protestavam veementemente para a praça. Mas ainda continuava a ser mais seguro para um delinquente viver em d’Ajuda do que em muitos outros lugares do mundo, apesar de a paranóia se ter apoderado de todos, não apenas de Roger.

Era por esse motivo que havia sempre lugar para um homem como Muhammed Ali na cadeia alimentar de d’Ajuda. A principal justificação para a sua existência era o facto de ter um posto de observação estratégico na praça onde o autocarro de Porto Seguro tinha o seu terminal. Atrás do balcão do seu *ahwa* aberto, Muhammed tinha uma vista ampla de tudo aquilo que acontecia na única praça empedrada e banhada pelo sol de d’Ajuda. Quando chegavam novos autocarros deixava de servir café e de enfiar tabaco brasileiro – um pobre substituto para o *m’aasil* da sua terra natal – no *hookah*, para poder observar as novas chegadas e detectar algum possível agente da polícia ou caçador de recompensas. Se o seu nariz infalível colocasse alguém na

primeira categoria, fazia de imediato soar o alarme. O alarme era uma espécie de subscrição, e aqueles que pagavam um valor mensal eram contactados por telefone ou o pequeno Paulinho de pés rápidos pregava-lhes uma mensagem na porta. Muhammed também tinha um motivo pessoal para manter um olho alerta sobre os autocarros que chegavam. Quando ele e Rosalita tinham fugido do Rio e do marido dela, não duvidara nem por um momento quanto àquilo que os esperava se o homem rejeitado descobrisse onde eles se encontravam. Podiam-se arranjar assassinos por uns duzentos dólares se se fosse às favelas do Rio ou a São Paulo, mas até um assassino profissional não cobrava mais de dois ou três mil dólares e despesas para um trabalho de busca e eliminação, e há dez anos que aquele era um mercado em ascensão. Para além disso, havia um desconto de quantidade para casais.

Às vezes os indivíduos que Muhammed assinalava como caçadores de recompensas dirigiam-se directamente à sua *ahwa*. Por motivos de aparência pediam um café, e a certa altura, enquanto o bebiam, faziam a inevitável pergunta: Sabe onde vive o meu amigo fulano de tal? Conhece o homem da fotografia? Devo-lhe dinheiro. Nesses casos, Muhammed recebia um valor suplementar se a sua resposta padrão («Vi-o há dois dias a apanhar um autocarro para Porto Seguro com uma mala grande, senhor.») resultava na partida do caçador no primeiro autocarro.

Quando o homem alto e louro no fato de linho amarrotado, com a ligadura branca à volta do pescoço, pousou um saco e um estojo da PlayStation em cima do balcão, limpou o suor da testa e pediu em inglês um café, Muhammed conseguiu sentir mais alguns reais a aumentarem o valor fixado. No entanto, não foi o homem que lhe aguçou os instintos mas sim a mulher que se encontrava com ele. Bem podia ter escrito POLÍCIA na testa.

Harry perscrutou o bar. Para além dele, de Beate e do árabe atrás do balcão, havia três pessoas no café. Dois turistas de pé descalço e um turista de uma variedade um pouco mais abastada, aparentemente a embalar uma ressaca séria. O pescoço de Harry estava a matá-lo. Tinham-se passado vinte horas desde que tinham saído de Oslo. Oleg ligara, o recorde de Tetris fora batido e Harry conseguira comprar uma Namco G-Con 45 na loja de informática do Aeroporto de Heathrow, antes de voarem para o Recife. Tinham apanhado uma avioneta para Porto Seguro. No exterior do aeroporto, ele negociara com o motorista aquilo que possivelmente era um preço exorbitante, e foram conduzidos até ao *ferry* que os levaria até ao lado de d'Ajuda onde um autocarro os transportaria durante os últimos quilómetros.

Tinham-se passado vinte e quatro horas desde que estivera sentado na sala

de visitantes a explicar a Raskol que precisava de mais quarenta mil kroner para os egípcios. Raskol explicara-lhe que a *ahwa* de Muhammed Ali não ficava em Porto Seguro, mas numa vila próxima.

– D’Ajuda – dissera Raskol com um grande sorriso. – Conheço alguns rapazes que vivem ali.

O árabe olhou para Beate que sacudiu a cabeça, antes de pousar a chávena de café em frente de Harry. Era forte e amargo.

– Muhammed – disse Harry e viu que o homem atrás do balcão endureceu.
– É Muhammed, certo?

O árabe engoliu em seco.

– Quem o pergunta?

– Um amigo. – Harry levou a mão direita ao interior do casaco e viu o pânico a espalhar-se pelo rosto moreno. – O irmão mais novo de Lev está a tentar encontrá-lo.

Harry tirou uma das fotografias que Beate encontrara em casa de Trond e colocou-a em cima do balcão.

Muhammed fechou os olhos por um segundo. Os seus lábios pareciam estar a murmurar uma prece silenciosa de gratidão.

A fotografia mostrava dois rapazes. O mais alto dos dois vestia um casaco acolchoado vermelho. Estava a rir-se e tinha um braço pousado à volta dos ombros do outro, que sorria timidamente para a máquina.

– Não sei se Lev alguma vez falou do irmão mais novo – disse Harry. – Chama-se Trond.

Muhammed pegou na fotografia e estudou-a.

– Hm – disse ele, a cofiar a barba. – Nunca vi nenhum deles. E também nunca ouvi falar de alguém chamado Lev. Conheço a maior parte das pessoas que vivem por aqui.

Estendeu a fotografia a Harry, que a voltou a guardar no bolso interior do casaco e que acabou de beber o café.

– Temos de encontrar um lugar onde ficar, Muhammed. Depois voltamos. Entretanto, pense um pouco.

Muhammed sacudiu a cabeça, pegou na nota de vinte dólares que Harry colocara debaixo da chávena de café e voltou a entregar-lha.

– Não aceito notas grandes – disse ele.

Harry encolheu os ombros.

– De qualquer maneira, vamos voltar, Muhammed.

No pequeno hotel chamado Vitória, como era estação baixa, cada um deles ficou com um quarto grande. Deram a Harry a chave com o número 69, apesar de o hotel ter apenas dois pisos e vinte e poucos quartos. Ao abrir a gaveta da mesa-de-cabeceira, embutida numa cama vermelha com o formato de um coração, encontrou dois preservativos com os cumprimentos do hotel e presumiu que aquela era a *suite* nupcial. A porta da casa de banho estava totalmente coberta por um espelho, visível por qualquer pessoa que se encontrasse na cama. Num roupeiro desproporcionalmente grande e profundo, a única peça de mobiliário no quarto para além da cama, pendiam dois roupões curtos, usados e com símbolos orientais nas costas.

A recepcionista sorriu e sacudiu a cabeça quando lhe mostraram as fotografias de Lev Grette. O mesmo aconteceu no restaurante vizinho e no Internet Café, um pouco mais acima, numa rua principal estranhamente silenciosa. De um modo tradicional, conduzia da igreja ao cemitério mas recebera um novo nome: Broadway. Na minúscula mercearia com SUPERMERCADO escrito por cima da porta, onde se vendia água e decorações natalícias, acabaram por encontrar uma mulher atrás da caixa registadora. Ela respondeu que «sim» a tudo o que lhe perguntaram, e observou-os com uma expressão distraída até eles desistirem e saírem da loja. Ao voltarem ao hotel viram um indivíduo sozinho, um jovem polícia encostado a um jipe, de braços cruzados e um coldre protuberante a pender-lhe junto às ancas, que seguia os movimentos deles a bocejar.

Na *ahwa* de Muhammed, o rapaz magro atrás do balcão explicou-lhes que o patrão decidira de repente tirar uma folga e ir dar um passeio. Beate perguntou-lhe quando é que ele voltaria, mas o rapaz não o sabia. Sacudiu a cabeça, apontou para o Sol e disse:

– Trancoso.

A recepcionista do hotel disse que a caminhada de treze quilómetros ao longo da ininterrupta faixa de areia até Trancoso era o maior ponto de referência de d'Ajuda. Para além da igreja católica na praça, também era única.

– Hm. Porque é que há tão poucas pessoas por aqui, minha senhora? – perguntou Harry.

Ela sorriu e apontou para o mar.

Era aí que estavam. Na areia escaldante que se estendia em ambas as direcções, tão longe quanto a vista alcançava sob a neblina de calor. Havia banhistas deitados ao sol; vendedores de praia a arrastarem-se pela areia solta, curvados sob o peso de caixas frigoríficas e sacos de fruta; *barmens* que sorriam atrás de bares improvisados por onde o samba irrompia de colunas colocadas sob telhados de colmo; e surfistas com o equipamento amarelo nacional, os lábios pintados de branco com óxido de zinco. E duas pessoas que caminhavam para sul de sapatos na mão. Uma de calções, um *top* curto e um chapéu de palha que pusera no hotel, a outra ainda de cabeça descoberta com um fato de linho amarrotado.

– Ela disse treze quilómetros? – perguntou Harry, a soprar as gotas de suor que lhe pendiam da ponta do nariz.

– Vai escurecer antes de voltarmos – disse Beate, a apontar. – Olha, estão todos a ir-se embora.

Havia uma longa fila ao longo da praia, uma aparentemente interminável caravana de pessoas a caminho de casa com o sol da tarde a bater-lhes nas costas.

– Mesmo aquilo que pedimos – disse Harry, a endireitar os óculos escuros. – Uma fila de toda a população de d’Ajuda. Vamos ter de nos manter atentos. Se não virmos Muhammed, talvez tenhamos sorte e encontremos Lev em pessoa.

Beate sorriu.

– Aposto cem kroner em como não o encontramos.

Os rostos pareciam tremeluzir sob o calor. Rostos pretos, brancos, jovens, velhos, belos, feios, pedrados, sóbrios, sorridentes, trocistas. Os bares e os quiosques de aluguer de equipamento de *surf* tinham desaparecido. Agora apenas se via a areia e o mar à esquerda, e uma densa vegetação tropical à direita. Aqui e ali, havia pessoas sentadas em grupos com o indisfarçável cheiro de charros a erguer-se do meio delas.

– Estive a pensar melhor na história do espaço íntimo e na nossa teoria de um contacto interno – disse Harry. – Achas que a relação entre Lev e Stine Grette era mais do que a de simples cunhados?

– Queres dizer, se ela poderia ter estado envolvida no planeamento e depois ele a tenha abatido para cobrir o rasto? – Beate olhou para o Sol. – Bom, porque não?

Apesar de passar das quatro da tarde, o calor não diminuía muito. Descalçaram-se para passarem por cima de algumas rochas, e do outro lado Harry encontrou um ramo grosso e seco que o mar lançara naquele local. Espetou o ramo na areia, tirou a carteira e o passaporte do casaco, e pendurou-o naquele bengaleiro improvisado.

Agora viam Trancoso à distância, e Beate disse que tinham acabado de passar por um homem que ela vira num vídeo. A princípio Harry pensou que ela se estava a referir a algum actor semifamoso até Beate dizer que se tratava de Roger Person, e que a acrescentar a várias acusações de narcóticos, cumprira sentença por assaltar uma estação de correios em Gamlebyen e Veitvet. Era suspeito do assalto à estação de correios de Ullevål.

* * *

Fred bebera três caipirinhas no restaurante da praia em Trancoso, mas ainda achava que fora uma ideia disparatada andar os treze quilómetros – como Roger dissera – para «arejarmos a pele antes que também ela comece a ficar bolorenta».

– O teu problema é que não consegues ficar quieto por causa daqueles novos comprimidos – queixou-se Fred ao amigo, que saltitava em bicos dos pés e joelhos erguidos, à sua frente.

– E então? Precisas de queimar algumas calorias antes de voltares para o *buffet* no mar do Norte. Conta-me o que é que Muhammed te disse ao telefone acerca dos dois agentes da polícia.

Fred suspirou e, relutante, vasculhou a sua memória temporária.

– Falou de uma mulher baixa, tão pálida que parecia quase transparente. E de um alemão enorme com nariz de bêbado.

– Alemão?

– Muhammed achou que o era. Podia ser russo. Ou um índio inca ou...

– Muito engraçadinho. Ele tem a certeza de que eram polícias?

– O que é que queres dizer com isso?

Roger parou e Fred quase chocou contra ele.

– Só estou a dizer que não gosto disto – disse Roger. – Tanto quanto sei, Lev não fez assaltos a bancos fora da Noruega. E a polícia norueguesa não se desloca ao Brasil para apanhar um assaltante de bancos miserável. São provavelmente russos. Merda. Sabemos quem os mandou. E não é de Lev que andam à procura.

Fred resmungou.

– Por favor, não comeces outra vez com toda aquela merda dos ciganos.

– Tu achas que é paranóia, mas é o diabo em pessoa. Ele não pensa duas vezes antes de dar cabo de alguém que o tenha enganado num único krone. Nunca pensei que ele descobrisse. Só tirei de um dos sacos uns dois mil kroner para gastos. Mas é o princípio, percebes. Se fores o líder da matilha, tens de ser respeitado senão...

– Roger! Se eu quisesse ouvir todas essas tretas da máfia, alugava um vídeo.

Roger não respondeu.

– Estou? Roger?

– Cala-te – sussurrou Roger. – Não te voltes e continua a andar.

– Ei?

– Se não estivesses tão lixado, terias visto que acabámos de passar por uma gaja transparente e um nariz de bêbado.

– A sério? – Fred esticou o pescoço. – Roger...

– Sim?

– Acho que tens razão. – Viraram-se.

Roger continuou a andar sem olhar para trás.

– Foda-se, foda-se, foda-se!

– O que é que vamos fazer?

Quando não obteve resposta, Fred olhou para trás e descobriu que Roger tinha desaparecido. Espantado, examinou a areia – a pegada profunda que Roger deixara – e seguiu as pegadas que viravam repentinamente para a esquerda. Mais à frente, viu os calcanhares em fuga de Roger. Depois também começou a correr em direcção à vegetação verde e densa.

Harry desistiu quase de imediato.

– Não vale a pena – gritou Harry atrás de Beate, que hesitou e depois parou.

Faltavam apenas alguns metros para chegarem ao fim da praia, e, no entanto, era como se estivessem num outro mundo. Sob o tecto de folhas, o calor tórrido e estagnado parecia pender dos troncos das árvores na penumbra. Aquilo que poderiam ser os ruídos emitidos por dois homens em fuga

afogavam-se entre os gritos dos pássaros e o rugido do mar atrás deles.

– O de trás não se parecia exactamente com um atleta – disse Beate.

– Eles conhecem as veredas melhor que nós – disse Harry. – Estamos desarmados, mas talvez eles não o estejam.

– Se Lev ainda não tinha sido avisado, agora já o foi. O que é que fazemos?

Harry esfregou a ligadura ensopada do pescoço. Os mosquitos já o tinham conseguido picar.

– Mudamos para o plano B.

– Oh? E qual é esse?

Harry olhou para Beate e perguntou-se como é que era possível que ela não tivesse uma gota de suor na testa, enquanto ele transpirava como uma goteira rota.

– Vamos à pesca.

O pôr do Sol foi rápido, mas era uma paleta de todas as tonalidades de vermelho existentes no espectro solar. Mais alguns tons, pensou Muhammed, ao olhar para o Sol que acabara de se derreter no horizonte como uma noz de manteiga numa frigideira.

No entanto, o alemão à sua frente não estava interessado no pôr do Sol. Acabara de dizer que daria mil dólares a qualquer pessoa que o ajudasse a encontrar Lev Grette ou Roger Person. Muhammed importar-se-ia de transmitir o valor da recompensa? Os informadores interessados podiam dirigir-se ao quarto 69 do Hotel Vitória, disse o alemão antes de sair da *ahwa* com a mulher pálida.

As andorinhas voavam enlouquecidas quando os insectos saíam para a sua curta dança nocturna. O Sol fundira-se numa polpa vermelha e líquida sob a superfície do mar, e dez minutos depois estava escuro.

Uma hora depois, quando Roger apareceu a praguejar, estava pálido sob o bronzeado.

– Graxista de ciganos – murmurou a Muhammed, e disse que já ouvira falar da enorme recompensa no bar do Fredo e saíra de imediato. A caminho da *ahwa* enfiara a cabeça no supermercado, onde Petra lhe dissera que o alemão e a mulher loura tinham estado duas vezes. Da última vez tinham comprado uma linha de pesca; não tinham feito perguntas.

– Para que é que eles querem aquilo? – perguntou, a lançar olhares rápidos

à sua volta enquanto Muhammed lhe servia café. – Para pescar?

– Toma – disse Muhammed, a apontar para a chávena. – É bom para a paranóia.

– Paranóia? – gritou Roger. – Isto é apenas bom senso. Mil dólares da merda! As pessoas por aqui venderiam alegremente as mães por um décimo desse valor.

– Então, o que é que vais fazer?

– Aquilo que tenho de fazer. Antecipar-me ao alemão.

– A sério? Como?

Roger provou o café enquanto tirava do cinto uma pistola negra de coronha curta, de um vermelho-acastanhado.

– Cumprimenta a Taurus PT92C vinda de São Paulo.

– Não, obrigado – silvou Muhammed. – Tira já isso daqui. Estás doido. Achas que consegues abater aquele alemão sozinho?

Roger encolheu os ombros e voltou a enfiar a pistola no cinto.

– Fred está em casa a tremer. Diz que nunca mais vai ficar sóbrio.

– Este homem é um profissional, Roger.

Roger fungou.

– E eu? Já assaltei alguns bancos. E sabes o que é mais importante, Muhammed? O elemento surpresa. Isso representa tudo. – Roger esvaziou a chávena de café. – E duvido que ele seja um profissional muito bom, se anda por aí a dizer a toda a gente em que quarto se encontra.

Muhammed rolou os olhos e persignou-se.

– Alá está a ver-te, Muhammed – murmurou Roger secamente e levantou-se.

Roger viu a mulher loura assim que entrou na recepção. Estava sentada com um grupo de homens a ver um jogo de futebol no televisor por cima do balcão. Era noite de *flaflu*, o tradicional *derby* local entre o Flamengo e o Fluminense no Rio de Janeiro. Fora por isso que o Fredo estivera tão cheio.

Passou rapidamente por eles, esperando que não o tivessem visto. Correu pelas escadas alcatifadas acima e continuou ao longo do corredor. Sabia demasiado bem qual era o quarto. Quando o marido de Petra estava fora da cidade em negócios, Roger reservava o quarto 69.

Encostou um ouvido à porta, mas não ouviu nada. Espreitou pelo buraco da fechadura, mas o interior estava escuro. Ou o alemão saíra ou estava a dormir. Roger engoliu em seco. O coração batia-lhe acelerado, mas a meia anfetamina que ingerira mantinha-o calmo. Verificou se a pistola estava carregada e a patilha de segurança destravada, antes de girar ligeiramente a maçaneta da porta. A porta estava aberta! Roger deslizou para o interior do quarto e fechou silenciosamente a porta atrás de si. Imobilizou-se no escuro a conter a respiração. Nem som ou sinal de alguém. Nenhum movimento, nenhuma respiração. Apenas o revirar suave da ventoinha do tecto. Por sorte, Roger conhecia bem o quarto. Quando os olhos se lhe adaptaram à escuridão, apontou a pistola para o local onde sabia que se encontrava a cama em forma de coração. Uma faixa de luar estreita lançou um brilho pálido sobre a cama onde o cobertor fora afastado para o lado. Vazia. Pensou rapidamente. Poderia o alemão ter saído e esquecido de fechar a porta? Se fosse esse o caso, Roger ia instalar-se e esperar até que ele voltasse e se transformasse num alvo na soleira da porta. Parecia demasiado bom para ser verdade, como um banco que se tivesse esquecido de activar a fechadura temporizadora. Coisas que não aconteciam. A ventoinha do tecto.

Naquele momento, fez-se luz.

Roger saltou ao ouvir o som repentino de um autoclismo vindo da casa de banho. O tipo estava sentado na sanita! Roger apertou a pistola entre as mãos e de braços estendidos apontou-a para o local onde sabia que se encontrava a casa de banho. Passaram-se cinco segundos. Oito. Roger não conseguiu conter a respiração durante mais tempo. De que raio é que o tipo estava à espera? Tinha puxado o autoclismo. Doze segundos. Talvez tivesse ouvido alguma coisa. Talvez estivesse a tentar fugir. Roger lembrou-se de que havia uma pequena janela numa das paredes da casa de banho. Merda! Aquela era a sua oportunidade; não podia deixar o tipo escapar. Rastejou até junto do roupeiro que continha o roupão que ficava tão bem a Petra, parou em frente da porta da casa de banho e pousou a mão na maçaneta. Respirou fundo. Estava prestes a girá-la quando sentiu uma ligeira corrente de ar. Não de uma ventoinha nem de uma janela aberta. Era outra coisa.

– Parado – disse uma voz atrás dele. E, depois de levantar a cabeça e olhar para o espelho da porta da casa de banho, Roger fez exactamente isso. Parou, gelou de tal maneira que os dentes lhe começaram a bater. A porta do roupeiro abriu-se e no interior, entre os roupões brancos, distinguiu uma figura poderosamente constituída. Mas não foi isso que lhe causou o repentino ataque de frio. O efeito psicológico de se descobrir que alguém tem uma arma muito maior que a nossa, muito maior do que aquela que estamos a segurar, e

apontada a nós não diminui pelo facto de termos algum conhecimento de armas. Antes pelo contrário. Sabemos ainda melhor como as balas de grande calibre conseguem destruir de modo mais eficaz um corpo humano. A Taurus PT92C de Roger era uma fisga comparada com o enorme monstro negro que vislumbrara atrás de si, à luz do luar. Ao ouvir um som agudo, Roger levantou os olhos. Aquilo que parecia ser uma linha de pesca brilhou. Saía da frincha por cima da porta da casa de banho e dirigia-se ao roupeiro.

– *Guten Abend* – sussurrou Roger.

Seis anos depois, quando por acaso alguém chamou Roger de um bar em Pattaya, este descobriu que era Fred atrás de um bigode. A princípio, ficou tão surpreendido que se limitou a ficar ali, de pé, sem reacção, até Fred lhe puxar uma cadeira.

Fred pediu bebidas e disse-lhe que já não trabalhava no mar do Norte. Tinha uma pensão por invalidez. Roger sentou-se hesitante e explicou, sem entrar em muitos pormenores, que durante os últimos seis anos estivera a dirigir um negócio de mensageiros a partir de Chang Rai. Depois de umas duas bebidas, Fred pigarreou e perguntou-lhe o que é que tinha mesmo acontecido na noite em que Roger fugira repentinamente de d’Ajuda.

Roger olhou para dentro do copo, respirou fundo e disse que não tivera qualquer hipótese. O alemão, que por acaso nem era alemão, enganara-o e estava prestes a despachá-lo para o outro mundo naquele mesmo momento e lugar. No entanto, no último instante, Roger conseguira fazer um acordo com ele. Teria trinta minutos para fugir de d’Ajuda, se lhe dissesse onde Lev Grette vivia.

– Que tipo de arma disseste que o tipo tinha? – perguntou Fred.

– Estava demasiado escuro para ver. De qualquer maneira, não era de uma marca conhecida. No entanto, posso jurar que me teria reventado com a cabeça, e ela iria parar ao Fredo. – Roger deitou um olhar rápido em direcção à porta.

– Encontrei aqui uma casa – disse Fred. – Tens algum sítio onde ficar?

Roger olhou para Fred como se tal ideia nem lhe tivesse passado pela cabeça. Antes de responder, esfregou a barba por fazer durante muito tempo.

– Por acaso, até nem tenho.

Edvard Grieg

A casa de Lev situava-se na extremidade de um beco sem saída. Tal como a maior parte das casas da vizinhança era uma estrutura simples, sendo a única diferença o facto de ter vidros nas janelas. Um candeeiro de rua solitário lançava um cone de luz amarelada sobre uma impressionante diversidade de insectos que lutavam por espaço de vida enquanto, saídos da escuridão, morcegos glutões mergulhavam sobre eles.

– Parece que não há ninguém em casa – sussurrou Beate.

– Talvez esteja a poupar electricidade – disse Harry.

Pararam em frente de um portão de ferro, baixo e enferrujado.

– Então como é que vamos fazer isto? – perguntou Beate. – Vamos até lá e batemos-lhe à porta?

– Não. Ligas o teu telemóvel e esperas aqui. Quando vires que eu estou debaixo da janela, ligas para este número. – Deu-lhe uma folha arrancada de um bloco de apontamentos.

– Porquê?

– Se ouvir um telemóvel a tocar, podemos presumir que Lev está em casa.

– Certo. E como é que estás a pensar prendê-lo? Com isso? – Apontou para o objecto negro e volumoso que Harry segurava na mão direita.

– Porque não? – replicou Harry. – Funcionou com Roger Person.

– Ele estava num quarto às escuras e só viu o reflexo no espelho, Harry.

– Bem, como não nos é permitido trazer armas para o Brasil, temos de usar aquilo que temos.

– Como linha de pesca atada a um autoclismo e um brinquedo?

– Este não é um brinquedo qualquer, Beate. É um Namco G-Con 45. – Deu uma palmadinha na pistola de plástico, de tamanho muito maior do que uma pistola vulgar.

– Pelo menos, tira o autocolante da PlayStation – disse Beate, a sacudir a cabeça.

Harry descalçou-se e correu agachado pelo chão seco e estalado que outrora fora um relvado. Chegou junto da casa, sentou-se de costas viradas contra a parede debaixo da janela e fez um sinal com a mão a Beate. Não a conseguia ver, mas sabia que ela o via contra a parede branca. Ergueu os olhos para o céu onde o universo se exibia. Segundos depois, o ténue mas distinto toque de um telemóvel soou na casa. «In the Hall of the Mountain King.» *Peer Gynt*. O homem tinha sentido de humor.

Harry fixou uma das estrelas. Tentou esvaziar a cabeça de todos os outros pensamentos e focar-se apenas naquilo que tinha a fazer. Não o conseguiu. Uma vez Aune perguntara-se porque é que nos questionamos se existe vida alienígena, quando sabemos que existem mais sóis na nossa galáxia do que grãos de areia numa praia normal? Devíamos antes interrogarmo-nos se haveria uma hipótese de serem amantes da paz, depois decidirmos se valia a pena correr o risco de os contactar. Harry apertou a coronha da arma. Estava naquele momento a colocar-se a mesma pergunta.

O telefone parara de tocar Grieg. Harry esperou. Depois respirou fundo e avançou em bicos dos pés até à porta. Escutou, mas a única coisa que ouviu foram grilos. Envolveu a maçaneta da porta com a mão, à espera de que estivesse fechada.

Estava.

Praguejou. Já decidira anteriormente que se estivesse fechada e perdessem o elemento surpresa, deviam esperar até ao dia seguinte e comprarem algum material antes de voltarem. Duvidava que constituísse um problema comprar duas pistolas decentes num lugar daqueles. Mas também tinha a sensação de que, dentro em breve, Lev seria informado dos acontecimentos do dia, e eles não tinham muito tempo.

Saltou quando uma picada lhe atravessou o pé direito. Afastou automaticamente o pé e olhou para baixo. Sobre a luz ténue das estrelas, distinguiu uma linha negra que descia pela parede branca. A linha corria desde a porta, passava pelas escadas onde o pé dele estivera e descia os degraus, onde o rasto se perdia. Vasculhou o bolso em busca de uma mini-lanterna Maglite e acendeu-a. Formigas. Grandes, amarelas, semitransparentes que se formavam em duas colunas – uma das colunas descia os degraus e a outra entrava por debaixo da porta. Eram obviamente de uma espécie diferente das formigas negras que havia na Noruega. Era impossível ver aquilo que estavam a transportar, mas Harry sabia o suficiente acerca de formigas – amarelas ou não – para perceber que se passava ali alguma coisa.

Desligou a lanterna. Pensou. E afastou-se. Desceu os degraus e dirigiu-se ao portão. Parou a meio caminho, virou-se e começou a correr. A porta de madeira simples e apodrecida voou da estrutura ao ser atingida pelos noventa e cinco quilos de Harry Hole, que se lançara contra ela a pouco menos de trinta quilómetros por hora. Quando tanto ele como a porta se esmagaram contra o chão de pedra, o cotovelo ficou-lhe dobrado por baixo do corpo e a dor disparou-lhe pelo braço até ao pescoço. Deitado no chão na penumbra, esperou pelo clique suave de um gatilho. Quando não o ouviu, levantou-se e acendeu a lanterna. O estreito feixe de luz incidiu sobre a coluna de formigas que atravessava a parede. Harry sentiu o calor a aumentar sob a ligadura e percebeu que estava de novo a sangrar. Seguiu os corpos brilhantes das formigas através do tapete sujo até à sala vizinha. Ali a coluna fazia uma viragem abrupta para a esquerda e continuava a subir a parede. A luz da lanterna captou uma imagem do *Kama Sutra*. A caravana de formigas bifurcava e continuava pelo tecto. Harry inclinou-se para trás. O pescoço doía-lhe mais do que antes. Agora estavam directamente acima dele. Teve de se virar. O feixe da lanterna vagueou de um lado para o outro até voltar a encontrar as formigas. Seria mesmo aquele o caminho mais curto para elas? Esse foi o último pensamento de Harry antes de olhar para o rosto de Lev Grette. O corpo de Lev erguia-se acima do de Harry, que deixou cair a lanterna e recuou. O cérebro poderia ter-lhe dito que era demasiado tarde, mas as suas mãos agitaram-se numa mistura de choque e estupidez por estar a segurar uma Namco G-Con 45.

Lava-Pé

Beate só conseguiu aguentar o fedor durante alguns instantes e depois saiu disparada da casa. Estava dobrada ao meio quando Harry saiu e se sentou nos degraus a fumar um cigarro.

– Não sentiste o cheiro? – resmungou ela, a saliva a pingar-lhe do nariz e da boca.

– Disosmia. – Harry contemplou a incandescência do cigarro. – Perda parcial de cheiro. Há certas coisas que já não consigo cheirar. Aune diz que foi por cheirar demasiados cadáveres. Traumas emocionais e por aí fora.

Beate voltou a vomitar.

– Peço desculpa – resmungou ela. – Foram as formigas. Quero dizer, porque é que aquelas criaturas repugnantes tiveram de usar as *narinas* dele como uma espécie de auto-estrada de duas faixas?

– Bem, já que insistes, posso dizer-te onde encontrar as fontes de proteínas mais ricas do corpo humano.

– Não, obrigada.

– Desculpa. – Harry deitou o cigarro para o chão seco. – Aguentaste-te muito bem ali dentro, Lønn. Não é a mesma coisa dos vídeos. – Levantou-se e voltou a entrar.

Lev Grette pendia do tecto, de um curto pedaço de corda atado ao gancho do candeeiro. Pairava um bom meio metro acima do chão e da cadeira caída, e fora por esse motivo que as moscas tinham gozado do monopólio do cadáver antes das formigas amarelas, que continuavam o seu cortejo ao longo da corda.

Beate encontrara o telemóvel com o carregador caído no chão ao lado do sofá, e disse que era capaz de descobrir quando fora a última vez que ele o utilizara. Harry dirigiu-se à cozinha e acendeu a luz. Uma barata azul-metalizada encontrava-se em cima de uma folha A4, a agitar as antenas em direcção a Harry, e de seguida fez uma retirada rápida para o fogão. Harry levantou o pedaço de papel. Estava escrito à mão. Ele já lera todo o tipo de cartas de suicídio e muito poucas eram literatura de qualidade. As famosas

últimas palavras eram, regra geral, um palrar confuso, gritos desesperados por ajuda, ou instruções prosaicas acerca de quem ia herdar a torradeira e o cortador de relva. Uma das mais memoráveis que Harry jamais vira fora quando um agricultor de Maridalen escrevera a giz numa das paredes do seu celeiro: *Um homem enforcou-se aqui dentro. Por favor, chamem a polícia. As minhas desculpas.* À luz de tudo isto a carta de Lev Grette era, se não única, pelo menos invulgar.

Caro Trond,

Sempre me perguntei o que ele teria sentido quando a ponte pedonal subitamente lhe desapareceu debaixo dos pés. Quando o precipício se abriu e soube que algo completamente destituído de sentido estava prestes a acontecer. Ia morrer sem nenhum motivo. Talvez houvesse coisas que ainda queria fazer. Talvez, naquela manhã, alguém estivesse à sua espera. Talvez pensasse que aquele dia seria o início de algo novo. De certo modo, tinha razão quanto a isso...

Nunca te contei que o visitei no hospital. Levei um ramo enorme de flores e disse-lhe que vira tudo o que acontecera da janela do meu apartamento; que ligara para a polícia e lhes dera uma descrição do rapaz e da bicicleta. Ele estava ali deitado na cama, tão pequeno e macilento, e agradeceu-me. Depois fiz-lhe aquela pergunta estúpida à comentador desportivo: «O que é que sentiu?»

Ele não respondeu. Estava apenas ali deitado com todos aqueles tubos e sacos intravenosos, a observar-me. Depois voltou a agradecer-me e a enfermeira disse que eu tinha de sair.

Por isso, nunca cheguei a saber qual foi a sensação. Até ao dia em que o precipício também se abriu debaixo de mim. Não aconteceu quando estava a correr pela Industrigata acima, depois do assalto. Ou quando depois contei o dinheiro. Ou enquanto estava a ver o noticiário. Aconteceu-me do mesmo modo que aconteceu ao velho. Uma manhã estava a passear alegremente, inconsciente de qualquer perigo. O Sol brilhava. Eu voltara em segurança a d'Ajuda, podia descontraír e começar a pensar. Tirara à pessoa que mais amava aquilo que ela mais amara. Tinha dois milhões de kroner para viver, mas nada pelo qual viver. Isso aconteceu-me hoje de manhã.

Não espero que compreendas isto, Trond. Assaltei um banco, vi que ela me reconheceu, fui apanhado num jogo com as suas próprias regras, e nada disto tem lugar no teu mundo. Não espero que

compreendas aquilo que vou fazer agora, mas talvez percebas que também é possível cansarmo-nos disto. De viver.

Lev

P. S.: Na altura, quando me agradeceu, não achei estranho que o velho não me tivesse sorrido. No entanto, hoje pensei nisso, Trond. Talvez ele nem tivesse nada ou ninguém à espera dele. Talvez se tivesse sentido apenas aliviado por o precipício se ter aberto e pensou que não teria de ser mesmo ele a fazê-lo.

Beate estava de pé em cima de uma cadeira ao lado do corpo de Lev, quando Harry voltou a entrar na sala. Esforçava-se por dobrar um dos dedos de Lev, para o pressionar no interior de uma pequena caixa metálica e brilhante.

– Raios – disse. – A almofada do carimbo esteve ao sol no hotel, e agora secou.

– Se não conseguires uma boa impressão digital, teremos de recorrer ao método dos bombeiros.

– E esse é?

– As pessoas apanhadas num incêndio usam automaticamente as mãos. Mesmo nos cadáveres carbonizados, a pele na ponta dos dedos pode estar intacta e conseguem-se usar as impressões para identificar corpos. Às vezes, por motivos práticos, os bombeiros cortam um dedo e levam-no ao Departamento Forense.

– Isso chama-se violação do cadáver.

Harry encolheu os ombros.

– Se olhares para a outra mão dele, podes ver que já lhe falta um dedo.

– Estou a ver – disse Beate. – Parece que foi cortado. O que é que poderá significar?

Harry aproximou-se e acendeu a lanterna.

– Significa que o dedo foi cortado muito depois de ele se ter enforcado. Alguém pode ter vindo até aqui e viu que ele já fizera o trabalho por eles.

– Quem?

– Bem, nalguns países os ciganos castigam os ladrões cortando-lhes os dedos – disse Harry. – Isto é, se tiverem roubado ciganos.

– Acho que consegui uma boa impressão – disse Beate, a limpar o suor da testa. – Vamos tirá-lo daqui?

– Não – replicou Harry. – Assim que dermos uma vista de olhos à casa, limpamos tudo e vamo-nos embora. Vi uma cabine telefónica na rua principal. Vou fazer uma chamada anónima para a polícia e reportar a morte. Quando chegarmos a Oslo, podes ligar à polícia brasileira e pedir que enviem o relatório da autópsia. Não tenho qualquer dúvida de que ele morreu estrangulado, mas quero saber qual a hora da morte.

– E quanto à porta?

– Não há muito que possamos fazer quanto a isso.

– E o teu pescoço? A ligadura está toda vermelha.

– Esquece isso. Dói-me mais o braço. Aterrei em cima dele quando me lancei contra a porta.

– Está muito mal?

Harry levantou desajeitadamente o braço e esboçou um esgar.

– Está óptimo, desde que não o mexa.

– Considera-te feliz por não teres o espasmo de Setesdal.

Duas das três pessoas que se encontravam na sala riram-se, mas as suas gargalhadas terminaram rapidamente.

No caminho de regresso ao hotel, Beate perguntou a Harry se tudo aquilo fazia algum sentido para ele.

– De um ponto de vista técnico, sim. Para além disso, nunca conseguirei achar que o suicídio faça sentido.

Deitou o cigarro fora. Este desenhou um arco cintilante na escuridão quase palpável.

– Mas isso pode ser apenas uma opinião minha.

Quarto 316

Ajanela abriu-se com estrondo.

– Trond vai viajar – trinou ela. Era óbvio que o cabelo oxigenado recebera outra dose de químicos desde a visita anterior deles, e o escalpe brilhava por entre o cabelo desvitalizado. – Estiveram no Sul?

Harry levantou um rosto bronzeado e olhou para ela.

– De certo modo. Sabe onde é que ele está?

– Está a arrumar o carro – disse a mulher, e apontou para o outro lado das casas. – Acho que o pobre coitado vai viajar.

– Hm.

Beate queria ir-se embora, mas Harry ficou onde estava.

– Vive aqui há muito tempo, não vive? – perguntou-lhe.

– Oh, sim. Trinta e dois anos.

– Provavelmente lembra-se de Lev e de Trond quando eram miúdos.

– Claro. Eles deixaram a sua marca em Disengrenda. – Sorriu e encostou-se ao caixilho da janela. – Em especial Lev. Um verdadeiro encanto. Sempre soubemos que seria um perigo para as senhoras.

– Um perigo, sim. Talvez saiba a história do homem que caiu da ponte?

O rosto dela escureceu e sussurrou num tom de voz dramático:

– Oh, sim. Uma coisa terrível. Ouvi dizer que o pobre coitado nunca mais conseguiu andar correctamente. Os joelhos calcificaram. Consegue imaginar uma criança a planear uma partida tão maldosa?

– Hm. Ele devia ser mesmo uma criança problemática.

– Criança problemática? – Ela escudou os olhos. – Não diria exactamente isso. Era um rapaz educado, amável. Foi por isso que foi tão chocante.

– E por aqui todos sabiam que foi ele a fazê-lo?

– Todos. Vi-o da janela. Um blusão vermelho a afastar-se de bicicleta. Devia ter percebido que havia algo de errado quando ele voltou. Tinha o rosto

completamente esvaído de cor. – Estremeceu sob a fria rajada de vento. Depois apontou para o outro lado da rua.

Trond aproximava-se, os braços a pender-lhe dos lados. Abrandou mais e mais até que, por fim, mal se moveu.

– É acerca do Lev, não é? – disse ao chegar junto deles.

– Sim – disse Harry.

– Está morto?

Pelo canto do olho, viu o rosto boquiaberto na janela.

– Sim, está.

– Ótimo – disse Trond. Depois dobrou-se e escondeu o rosto entre as mãos.

Bjarne Møller estava de pé a olhar pela janela com uma expressão preocupada, quando Harry espreitou pela porta entreaberta. Harry deu uma pancadinha na porta.

Møller virou-se e animou-se.

– Oh, olá.

– Está aqui o relatório, chefe. – Harry atirou uma pasta de arquivo verde para cima da secretária.

Møller caiu na cadeira, e depois de um certo esforço conseguiu enfiar as pernas excessivamente longas debaixo da secretária. Pôs os óculos.

– Ah – murmurou, ao abrir a pasta na qual estava escrito LISTA DE DOCUMENTOS. No interior encontrava-se uma única folha A4.

– Não pensei que quisesses saber todos os pormenores – disse Harry.

– Se tu o dizes, tenho a certeza de que tens razão – replicou Møller, a passar os olhos pelas linhas generosamente espaçadas.

Harry olhou pela janela, por cima do ombro do chefe. Não havia nada para ver, apenas uma neblina densa e húmida que se estendia como um guardanapo usado sobre a cidade. Møller pousou a folha de papel.

– Então limitaste-te a chegar lá, alguém te disse onde o homem morava e encontraste o Executor pendurado de uma corda?

– Em traços muito gerais, sim.

Møller encolheu os ombros.

– Por mim ótimo, desde que tenhamos provas irrefutáveis de que este homem é aquele que procurávamos.

– Hoje de manhã, Weber verificou as impressões digitais dele.

– E?

Harry sentou-se.

– São semelhantes àquelas que encontramos na garrafa de Coca-Cola, que o assaltante estava a segurar antes de entrar em ação.

– Podemos ter a certeza de que é a mesma garrafa?

– Descontraí, chefe. Temos a garrafa e o homem no vídeo. Acabaste de ler no relatório que temos uma carta suicida escrita à mão na qual Lev Grette confessa, não acabaste? Hoje de manhã fomos a Disengrenda e informámos Trond Grette. Pedimos-lhe que nos emprestasse alguns dos antigos cadernos de escola de Lev que ainda tivesse no sótão, e Beate levou-os ao especialista em caligrafia da *Kripos*. Ele diz que não restam dúvidas de que a nota de suicídio foi escrita pela mesma pessoa.

– Sim, sim, sim. Só queria ter a certeza absoluta antes de irmos a público com isto, Harry. Sabes que vai ser notícia de primeira página.

– Devias tentar ficar um pouco mais satisfeito, chefe. – Harry levantou-se. – Acabámos de resolver o nosso maior caso dos últimos tempos. Este lugar devia estar decorado com faixas e balões.

– Tenho a certeza de que tens razão. – Møller suspirou. Interrompeu-se antes de perguntar: – Então porque é que não estás mais satisfeito?

– Tu sabes que não ficarei satisfeito até solucionarmos o outro caso... – Harry dirigiu-se à porta. – Halvorsen e eu vamos hoje tratar de qualquer caso que tenhamos pendente, e amanhã começamos no caso de Ellen Gjeltén.

Parou junto da porta quando Møller pigarreou.

– Sim, chefe?

– Estava a perguntar-me como é que descobriste que Lev Grette era o Executor.

– Bem, a versão oficial é que Beate o reconheceu no vídeo. Gostarias de ouvir a não oficial?

Møller massajava um joelho rígido. A expressão preocupada voltara.

– Provavelmente não.

– Hm – disse Harry, de pé à entrada da Casa da Dor.

– Hm – replicou Beate, a virar-se na cadeira e a olhar para as imagens que corriam pelo ecrã.

– Presumo que tenha de te agradecer pelo teu estupendo trabalho de equipa.

– O mesmo para ti.

Harry continuou de pé a brincar com o porta-chaves.

– De qualquer maneira – disse –, acho que Ivarsson não vai ficar chateado durante muito tempo. Afinal, banhou-se numa certa glória já que a ideia de nos juntar em equipa foi dele.

Beate sorriu vagamente.

– Durante o tempo que durou.

– Não te esqueças daquilo que te disse acerca de tu-sabes-quem.

– Não. – Os olhos dela faiscaram.

Harry impeliu os ombros para a frente.

– É um filho da mãe. Seria uma inconsciência da minha parte não to dizer.

– Foi um prazer conhecer-te, Harry.

Harry deixou que a porta se fechasse atrás dele.

Harry destrancou a porta do apartamento, pousou a mala e o estojo plástico da PlayStation no meio do vestíbulo e deitou-se na cama. Passadas três horas sem sonhos, foi acordado pelo toque do telefone. Virou-se e viu no despertador que eram 19h03. Girou as pernas para fora da cama, arrastou-se até ao vestíbulo, pegou no auscultador e disse:

– Olá, Øystein – antes que a pessoa do outro lado se pudesse identificar.

– Olá, tu em Oslo, estou no aeroporto do Cairo – respondeu Øystein. – Tínhamos combinado falar hoje, não tínhamos?

– És a personificação da pontualidade – disse Harry com um bocejo. – E estás bêbado.

– Não bêbado, não – disse Øystein, num tom arrastado e indignado. – Só bebi duas Stellas. Ou foram três? Tens de vigiar os teus fluidos no deserto, sabes. Estou lúcido e sóbrio, Harry.

– É bom sabê-lo. Espero que tenhas mais boas notícias.

– Como os médicos dizem, há boas e más notícias. Digo-te primeiro as

boas...

– Certo.

Seguiu-se uma longa pausa, durante a qual Harry ouviu um som crepitante acima daquilo que soava como uma respiração pesada.

– Øystein?

– Sim?

– Estou aqui, a ficar tão entusiasmado como uma criança no Natal.

– Ei?

– As boas notícias.

– Ah, sim. Hm, bem, tenho o número do cliente, Harry. *No problemo*, como dizem por aqui. É um número de telemóvel norueguês.

– Telemóvel? Isso é possível?

– Tu envias *e-mails* por redes sem fios para todo o mundo. Basta ligares o teu computador a um telemóvel, que por seu lado se liga a um servidor. Essa é uma novidade muito antiga, Harry.

– Ok, mas esse cliente tem um nome?

– Oh... claro. Mas os tipos do El Tor não o sabem. Limitam-se a cobrar a operadora norueguesa, neste caso a Telenor, que pelo seu lado cobra o valor ao cliente final. Por isso liguei para as informações na Noruega e consegui o nome.

– Sim? – Harry estava agora completamente acordado.

– Chegámos agora às notícias que não são lá muito boas.

– Ok?

– Tens verificado a tua conta telefónica nos últimos tempos, Harry?

Demorou alguns segundos antes de perceber.

– O *meu* telemóvel. O filho da mãe está a usar o *meu* telemóvel?

– Presumo que já não o tenhas contigo.

– Não, perdi-o naquela noite... com Anna. Merda!

– E nunca te ocorreu que podia ser uma boa ideia cancelares o teu contrato?

– Ocorrer-me? – Harry resmungou. – Não me tem ocorrido nada de sensato desde que esta merda começou, Øystein. Desculpa, estou a entrar em pânico.

É tudo tão simples e óbvio. Foi por isso que não encontrei o meu telemóvel em casa de Anna. E é por isso que ele se está a rir.

– As minhas desculpas por te ter arruinado o dia.

– Espera um momento – disse Harry, subitamente animado. – Se pudermos provar que ele tem o meu telemóvel, também podemos provar que ele esteve em casa de Anna depois de eu ter saído!

– *Yippee!* – guinchou o auscultador. E depois mais cauteloso: – Se isso significa que estás feliz. Estou? Harry?

– Ainda estou aqui. Estou a pensar.

– É bom pensar. Continua a pensar. Tenho um encontro com uma Stella. Bem, na verdade com várias. E se vou apanhar o avião para Oslo...

– Cumprimentos, Øystein.

Harry ficou parado com o auscultador na mão, a pensar se o deveria atirar contra o espelho ou não. Quando acordou no dia seguinte, desejou ter sonhado a conversa com Øystein. De facto, sonhara-a. Em seis ou sete versões diferentes.

Raskol estava sentado com a cabeça baixa, pousada entre as mãos, enquanto Harry falava. Não se moveu nem interrompeu Harry, enquanto este descrevia o modo como tinham descoberto Lev Grette e como o seu próprio telemóvel era o motivo por que ainda não tinham encontrado qualquer prova contra o assassino de Anna. Quando Harry terminou, Raskol fechou as mãos e levantou lentamente a cabeça:

– Então resolveu o seu caso, mas o meu continua por resolver.

– Não os vejo como o seu caso e o meu, Raskol. A minha responsabilidade...

– No entanto, eu sim, *Spiuni* – interrompeu-o Raskol. – Dirijo uma organização militar.

– Hm. O que é que quer dizer exactamente com isso?

Raskol fechou os olhos.

– Já lhe falei da altura em que o rei Wu convidou Sun Tzu para ensinar às damas da corte as artes da guerra, *Spiuni*?

– Na verdade, não.

Raskol sorriu.

– Sun Tzu era um intelectual e começou por, de um modo preciso e pedagógico, explicar quais as ordens de marcha às mulheres. Quando os tambores soavam, elas não marchavam, limitavam-se a soltar risadinhas ou a rirem-se à gargalhada. «É culpa do general, se uma ordem não é compreendida», disse Sun Tzu e voltou a explicar mais uma vez. Mas aconteceu o mesmo quando deu a ordem de marcha. «É culpa do oficial se uma ordem é compreendida, mas não obedecida», disse ele e mandou dois dos seus homens escolher duas das líderes das cortesãs. Puseram-nas ao lado uma da outra e decapitaram-nas em frente das outras mulheres aterrorizadas. Quando o rei soube que as suas duas concubinas favoritas tinham sido executadas, ficou doente e permaneceu de cama durante vários dias. Quando se voltou a levantar, colocou Sun Tzu à frente dos seus exércitos. – Raskol voltou a abrir os olhos. – O que é que esta história nos ensina, *Spiuni*?

Harry não respondeu.

– Bem, ensina-nos que numa organização militar a lógica tem de ser total e absolutamente consistente. Se não formos firmes com as nossas exigências, ficamos com uma corte de concubinas às risadinhas. Quando me veio pedir mais quarenta mil kroner, dei-lhos porque acreditei naquela história da fotografia no sapato de Anna. Porque Anna era cigana. Quando nós, ciganos, viajamos deixamos uma *patrin*^s nos cruzamentos das estradas. Pode ser um lenço vermelho atado a um ramo, um osso partido, tudo isso tem significados diferentes. Uma fotografia significa que alguém morreu. Ou vai morrer. Você não o podia saber, por isso confiei naquilo que me contou. – Raskol pousou as mãos na mesa, as palmas viradas para cima. – Mas o homem que tirou a vida à filha do meu irmão está em liberdade e agora quando olho para si vejo uma concubina a soltar risadinhas, *Spiuni*.

Harry respirou fundo. Duas palavras. Quatro sílabas. Se ele revelasse o nome de Arne Albu, que sentença seria dada a Albu? Assassínio premeditado motivado por ciúme? Nove anos, com saída após seis? E as consequências para Harry? A investigação iria inevitavelmente revelar o facto de ele, um agente da polícia, ter ocultado a verdade para evitar que as suspeitas recaíssem sobre ele. Dera um tiro no próprio pé. Duas palavras, quatro sílabas. Todos os problemas de Harry ficariam solucionados. Seria Albu a enfrentar as consequências finais.

A resposta de Harry foi monossilábica.

Raskol assentiu e olhou-o com uma expressão triste.

– Estava com receio de que dissesse isso. Então não me dá outra alternativa,

Spiuni. Lembra-se daquilo que lhe respondi quando me perguntou porque é que confiava em si?

Harry assentiu.

– Todos têm algo pelo qual viver. Não é verdade, *Spiuni*? Algo que lhes pode ser tirado. Bem, o quarto 316 diz-lhe alguma coisa?

Harry não respondeu.

– Então, deixe que seja eu a dizer-lho. Três um seis é o número de um quarto no International Hotel, em Moscovo. Olga está de vigia nesse piso. Vai reformar-se dentro de pouco tempo e gostaria de umas férias longas e agradáveis junto ao mar Negro. Há três escadas e um elevador que conduzem ao terceiro piso. Bem como o elevador do pessoal. O quarto tem duas camas.

Harry engoliu em seco.

Raskol pousou a testa nas mãos cruzadas.

– O rapaz dorme junto da janela.

Harry levantou-se, dirigiu-se à porta e bateu com força. Ouviu o eco a ressoar no corredor exterior. Continuou a bater na porta até ouvir uma chave a rodar na fechadura.

Modo Vibratório

— Desculpa, vim o mais depressa que pude — disse Øystein, ao desviar o táxi do passeio em frente do Elmer's Fruit & Tobacco.

— Bem-vindo de volta — disse Harry, perguntando-se se o autocarro vindo da direita se apercebera de que Øystein não tinha qualquer intenção de parar.

— Vamos a Slemdal, não vamos? — Øystein ignorou a buzina furiosa do autocarro.

— Bjørnetråkket. Sabes que aqui tens de ceder passagem?

— Decidi não o fazer.

Harry olhou para o amigo. Mal conseguia ver os dois olhos injectados de sangue atrás de frinchas estreitas.

— Cansado?

— *Jet-lag*.

— A diferença horária entre Oslo e o Egipto é apenas de uma hora, Øystein.

— No mínimo.

Como nem os amortecedores funcionavam nem as molas do banco existiam, Harry sentiu cada pedra do pavimento e desnivelamento da estrada enquanto guinavam pelas curvas na subida a caminho da casa de Albu, mas naquele momento aquela era a coisa que menos lhe interessava. Pediu o telemóvel emprestado a Øystein, ligou para o International Hotel e pediu para falar com o quarto 316. Foi Oleg quem atendeu. Harry ouviu o prazer na sua voz quando o rapaz lhe perguntou onde é que ele estava.

— Num carro. Onde está a tua mãe?

— Saiu.

— Pensei que só amanhã é que tinha de ir a tribunal.

— Os advogados vão reunir-se no Kuznetski Most — disse o miúdo num tom de voz adulto. — Volta daqui a uma hora.

— Ouve, Oleg, podes dar uma mensagem à tua mãe? Diz-lhe para mudar de

hotel. Imediatamente.

– Porquê?

– Porque... eu disse. Diz-lhe apenas isso, ok? Eu ligo mais tarde.

– Está bem.

– Lindo menino. Agora tenho de ir.

– Tu...

– O quê?

– Nada.

– Ok. Não te esqueças de dizer à tua mãe o que eu te disse.

Øystein travou e parou junto do passeio.

– Espera aqui – disse Harry e saltou para fora do carro. – Se não voltar dentro de vinte minutos, liga para a sala operacional, o número que te dei. Diz-lhes...

– Que o inspector Harry Hole da Brigada de Homicídios quer de imediato um carro-patrolha com agentes armados. Eu percebi, Harry.

– Ótimo. Se ouvires tiros, liga imediatamente.

– Certo. Que filme é este?

Harry olhou para a casa. Não se ouvia o ladrar de nenhum cão. Um BMW azul-escuro passou lentamente por eles, e estacionou um pouco mais abaixo. Para além disso, o silêncio era total.

– A maior parte deles, todos juntos – murmurou Harry.

Øystein sorriu.

– Fixe. – Depois uma ruga de preocupação surgiu-lhe entre os olhos. – É fixe, não é? Não apenas *loucamente* perigoso?

* * *

Vigdis Albu abriu a porta. Vestia uma blusa branca recentemente engomada e uma saia curta, mas os olhos desfocados pareciam indicar que acabara de se levantar da cama.

– Liguei para o escritório do seu marido – disse Harry. – Disseram-me que ele hoje ficou em casa.

– Pode ser que sim – respondeu ela. – Ele já não vive aqui, inspector. Foi

você que iniciou toda esta coisa com... com... – Gesticulou como se estivesse à procura da palavra certa, mas com um sorriso de desagrado resignou-se a admitir que não havia outra palavra para aquilo – ... a prostituta.

– Posso entrar, fru Albu?

Os ombros descaíram-lhe e estremeceu para mostrar a sua repugnância.

– Chame-me Vigdis ou qualquer outra coisa, mas isso não.

– Vigdis. – Harry inclinou-se. – Agora posso entrar?

As sobrancelhas cuidadosamente tratadas ergueram-se. Ela hesitou. Depois estendeu a mão.

– Porque não?

Harry pensou detectar um ligeiro cheiro a gim, mas podia ser o perfume dela. Nada na casa sugeria alguma coisa de invulgar – estava limpa, arrumada e cheirava bem. Havia flores frescas numa jarra colocada sobre o aparador. Harry reparou que a cobertura do sofá estava ligeiramente mais branca do que da última vez em ele ali se sentara. De colunas que ele não conseguia ver, ouvia-se o som de música clássica baixa.

– Mahler? – perguntou Harry.

– Grandes êxitos – respondeu Vigdis. – Arne apenas comprava colectâneas. Dizia sempre que a única coisa que valia a pena era o melhor.

– Então foi simpático da parte dele não ter levado as colectâneas. Já agora, onde é que ele está?

– Antes de mais, nada daquilo que aqui vê lhe pertence. E não sei nem quero saber onde é que ele está. Tem um cigarro, inspector?

Harry estendeu-lhe o maço e viu-a acender desajeitadamente um enorme isqueiro de prata e teca. Inclinou-se sobre a mesa com a sua versão portátil.

– Obrigada. Imagino que tenha ido para o estrangeiro. Para algum lugar quente. Receio que não tão quente como eu gostaria.

– Hm. O que é que quer dizer com nada que se encontra aqui lhe pertence?

– Exactamente aquilo que quis dizer. A casa, o mobiliário, o carro... é tudo meu. – Soprou o fumo com toda a força. – Pergunte ao meu advogado.

– Pensei que o seu marido tivesse o dinheiro para...

– Não lhe chame isso! – Vigdis parecia estar a tentar sugar todo o tabaco para fora do cigarro. – Sim, Arne tinha dinheiro. Tinha o suficiente para

comprar esta casa, o mobiliário, os carros, os fatos, o chalé e as jóias que me dava por nenhum motivo, apenas para se exibir em frente de todos os seus assim chamados amigos. A única coisa que tinha algum significado para Arne era aquilo que os outros pensavam a seu respeito, percebe. A sua família, a minha família, colegas, vizinhos e amigos de escola. – A raiva dava à sua voz um timbre rouco e metálico como se ela estivesse a falar através de um megafone. – Eram todos espectadores da vida fantástica de Arne Albu. Era suposto eles aplaudirem quando as coisas corriam bem. Se Arne tivesse dedicado tanta da sua energia a dirigir a empresa como o fazia a colher aplausos, talvez a Albu SA não tivesse ido abaixo como foi.

– Segundo o *Dagens Næringsliv*, a Albu SA era uma empresa de sucesso.

– A Albu SA era um negócio de família, não uma empresa com acções no mercado que tem de publicar todos os detalhes das suas contas. Arne fê-la parecer lucrativa ao vender os seus bens. – Esmagou o cigarro meio-fumado no cinzeiro. – Há cerca de dois anos, a empresa teve uma crise de liquidez aguda e como Arne era pessoalmente responsável pela dívida, colocou a casa e todas as nossas outras posses em meu nome e no dos filhos.

– Sim, mas os compradores pagaram uma soma enorme. Trinta milhões, segundo o jornal.

Vigdis soltou uma gargalhada amarga.

– Então engoliu a história do homem de negócios bem-sucedido a desistir do negócio para passar mais tempo com a família. Tenho de admitir que Arne é bom como relações públicas. Deixe-me colocá-lo doutra maneira. Arne podia escolher entre perder o negócio ou ir à falência. Claro que escolheu o primeiro.

– E os trinta milhões?

– Arne pode ser encantador quando o quer. E as pessoas caem nas suas histórias. É por isso que é bom a negociar, em especial em situações de pressão. Foi esse o motivo por que o banco e os fornecedores mantiveram o negócio activo durante tanto tempo. Arne negociou duas cláusulas no contrato com o fornecedor, naquilo que devia ser uma capitulação incondicional. Poderia ficar com o chalé, que ainda estava no nome dele, e conseguiu que o comprador fizesse uma compra no valor dos trinta milhões. Isso não significava muito para eles, já que com essa soma pagavam todas as dívidas da Albu AS. Fez com que uma falência parecesse um golpe de vendas. E isso não é pouco.

Lançou a cabeça para trás e riu-se. Harry viu debaixo do queixo a pequena

cicatriz deixada pela operação plástica.

– E quanto a Anna Bethsen? – perguntou Harry.

– Essa pega? – Cruzou as pernas esguias, afastou o cabelo do rosto com um dedo e olhou para o vazio com uma expressão indiferente. – Era apenas um brinquedo. O grande erro dele foi a sua ansiedade em exhibir aos rapazes a sua autêntica amante cigana. Digamos que nem todos aqueles que Arne considerava como amigos sentiam dever-lhe uma qualquer lealdade especial. Em resumo, a história chegou-me aos ouvidos.

– E?

– Dei-lhe outra oportunidade. Pelas crianças. Sou uma mulher razoável. – Olhou para Harry por entre pálpebras pesadas. – Mas ele não a soube aproveitar.

– Talvez tenha descoberto que ela era mais do que um brinquedo?

Ela não respondeu, mas os lábios finos tornaram-se ainda mais finos.

– Ele tinha um escritório em casa ou qualquer coisa parecida? – perguntou Harry.

Vigdis Albu assentiu. E conduziu-o escadas acima.

– Costumava trancar-se aqui dentro e ficava aqui durante metade da noite.

Abriu a porta para uma divisão no sótão com vista sobre os telhados vizinhos.

– A trabalhar?

– A surfar na Net. Estava completamente viciado. Disse que via carros, mas só Deus sabe o que ele fazia.

Harry dirigiu-se à secretária e abriu uma gaveta.

– Vazia?

– Levou com ele tudo o que tinha aqui. Encheu um saco de plástico.

– O computador também?

– Era um portátil.

– Ao qual ligava um telemóvel?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não sei nada a esse respeito.

– Só me estava a perguntar.

– Quer ver mais alguma coisa?

Harry virou-se. Vigdis estava encostada à porta com um braço por cima da cabeça e o outro na anca. A sensação de *déjà vu* era avassaladora.

– Tenho uma última pergunta, fru... Vigdis.

– Oh, está com pressa, inspector?

– O tempo está a passar no táxi que deixei à minha espera. A pergunta é simples. Acha que ele a podia ter assassinado?

Ela demorou-se a observar Harry, enquanto pontapeava ao de leve o caixilho da porta com o salto. Harry esperou.

– Sabe qual foi a primeira coisa que ele me disse quando lhe falei da prostituta? *Promete que não o contas a ninguém, Vigdis*. Eu não o devia contar a ninguém! Para Arne, a noção de que outros nos considerassem felizes era mais importante do que o facto de realmente o sermos. A minha resposta, inspector, é que não faço a menor ideia daquilo que ele era capaz de fazer. Não conheço o homem.

Harry tirou um cartão de visita do bolso interior do casaco.

– Gostaria de que me ligasse se ele a contactar ou se descobrir onde é que ele está. De imediato.

Vigdis olhou para o cartão com um ligeiro sorriso a brincar-lhe nos lábios rosa-pálido.

– Só nessa altura, inspector?

Nas escadas exteriores, virou-se para ela.

– Contou a alguém?

– Que o meu marido era infiel? O que é que acha?

– Acho que é uma mulher prática.

Ela resplandeceu.

– Dezoito minutos – disse Øystein. – Merda, a minha pulsação estava a começar a acelerar.

– Ligaste para o meu telemóvel enquanto estive lá dentro?

– Claro. Limitou-se a tocar.

– Não ouvi nada. Já não está lá.

– Desculpa, mas alguma vez ouviste falar de vibração?

– O quê?

Øystein simulou um ataque epiléptico.

– Assim. Modo vibratório. Telefone silencioso.

– O meu custou apenas um krone e limitava-se a tocar. Levou-o com ele, Øystein. O que é que aconteceu ao BMW azul que estava parado no fundo da rua?

– Eh?

Harry suspirou.

– Vamos indo.

Maglite

— **E** stás-me a dizer que um psicopata anda atrás de *nós*, porque tu não consegues encontrar o indivíduo que lhe matou um membro da família? — A voz de Rakel guinchava ao telefone.

Harry fechou os olhos. Halvorsen fora até ao Elmer's e estava sozinho no gabinete.

— Em poucas palavras, sim. Fiz um acordo com ele. Ele manteve a sua parte.

— E é por isso que nós estamos a ser perseguidos? É por isso que tenho de sair do hotel com o meu filho, que dentro de poucos dias descobrirá se lhe é ou não permitido ficar com a mãe? Isso... isso... — A voz dela ergueu-se até um *falseto* furioso e intermitente. Harry deixou-a prosseguir sem a interromper. — Porquê, Harry?

— O motivo mais antigo do mundo — disse. — Vingança de sangue. *Vendetta*.

— E o que é que isso tem a ver connosco?

— Como te disse, nada. Tu e Oleg não são o fim, apenas o meio. Este homem considera seu dever vingar essa morte.

— Dever? — O grito dela furou o tímpano de Harry. — Vingança é uma dessas coisas territoriais de que vocês, homens, gostam tanto. Não tem a ver com dever, tem a ver com um impulso de Neandertal!

Harry esperou até achar que ela tinha terminado.

— Lamento tudo isto, mas neste momento não há nada que eu possa fazer.

Ela não respondeu.

— Rakel?

— Sim.

— Onde é que estás?

— Se aquilo que dizes for verdade, e ele nos encontrou com tanta facilidade, não tenho a certeza se devo arriscar dizer-to ao telefone.

– Ok. Estás nalgum lugar seguro?

– Acho que sim.

– Ótimo.

Em fundo, uma voz russa aparecia e desaparecia, como uma estação de rádio de onda curta.

– Porque é que não me podes garantir que não estamos em perigo, Harry? Diz-me que é apenas a tua imaginação, que estão a fazer *bluff*... – A voz dela tornou-se ansiosa. – ... Qualquer coisa.

Harry demorou algum tempo a responder. Depois disse numa voz clara e lenta:

– Tens de te sentir assustada, Rakel. Suficientemente assustada para fazeres o que está certo.

– E isso é?

Harry engoliu em seco.

– Eu vou tratar das coisas. Prometo. Vou tratar das coisas.

Harry ligou a Vigdis assim que Rakel desligou. Ela atendeu ao primeiro toque.

– Daqui fala Hole. Está sentada junto ao telefone à espera de alguém, fru Albu?

– O que é que acha? – Harry conseguiu perceber pelo discurso arrastado que ela bebera, pelo menos, umas duas bebidas desde que ele saíra de sua casa.

– Não faço a mínima ideia, mas gostaria de que reportasse o desaparecimento do seu marido.

– Porquê? Não sinto a falta dele. – Soltou uma gargalhada curta, triste.

– Bem, eu preciso de um motivo para colocar em acção o mecanismo de busca. Pode escolher. Ou reporta o seu desaparecimento, ou anuncio que ele está a ser investigado. Por homicídio.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Não compreendo, senhor agente.

– Não há muito para compreender, fru Albu. Devo dizer que o reportou como desaparecido?

– Espere! – gritou ela. Harry ouviu um copo a partir-se na outra extremidade da linha. – Está a falar de quê? Arne já está a ser investigado.

– Por mim sim, mas ainda não informei ninguém.

– Oh? E os três agentes que vieram até aqui depois de você ter saído?

Harry sentiu um dedo frio a passar-lhe ao longo da espinha.

– Três agentes?

– Vocês na polícia não comunicam uns com os outros? Eles não se iam embora. Quase fiquei assustada.

Harry levantou-se.

– Chegaram num BMW azul, fru Albu?

– Lembra-se daquilo que lhe disse a respeito do *fru*, Harry?

– O que é que lhes disse?

– Pouca coisa. Acho que não lhes disse nada que não lhe tivesse dito a si. Pediram para ver algumas fotografias e... bem, não foram exactamente indelicados, mas...

– Como é que conseguiu que se fossem embora?

– Fossem embora?

– Não se teriam ido embora a não ser que tenham descoberto aquilo que procuravam. Acredite em mim, fru Albu.

– Harry, começo a ficar farta de lhe relembrar...

– Pense! Isto é importante.

– Meu Deus, estou a dizer-lhe que não lhes contei nada. Eu... sim, passei uma mensagem gravada que Arne me deixou há dois dias. Depois foram-se embora.

– Disse-me que não tinha falado com ele.

– E não falei. Ele limitou-se a dizer que tinha ido buscar *Gregor*. E era verdade. Ouvei *Gregor* a ladrar atrás dele.

– De onde é que ele estava a ligar?

– Como é que quer que eu saiba?

– De qualquer maneira, os seus visitantes sabiam-no. Isto é uma questão de... – Harry tentou pensar noutra maneira de o dizer, mas desistiu – ... vida

ou de morte.

Harry não sabia muito a respeito de estradas e comunicação. Não sabia que tinham sido efectuados cálculos, e que esses mostravam que a construção de dois túneis em Vinterbro e o prolongamento da via rápida iriam reduzir a congestão em hora de ponta na E6, a sul de Oslo. Não sabia que o argumento crucial a favor daquele investimento de biliões de kroner não tinham sido os eleitores que faziam transbordo entre Moss e Drøbak, mas a segurança rodoviária. As autoridades rodoviárias utilizaram uma fórmula para calcularem o benefício social baseando-se na avaliação de uma vida humana a 20,4 milhões de kroner o que incluía ambulâncias, o redireccionamento do trânsito e perdas futuras de rendimentos de impostos. Dirigindo-se para sul pela E6 no Mercedes de Øystein, pára-choques contra pára-choques, Harry nem sequer sabia qual o valor que dera à vida de Arne Albu. E decerto que não sabia o que poderia ganhar por a salvar. Tudo o que sabia era que não se podia dar ao luxo de perder aquilo que se arriscava a perder. Em circunstância alguma. Por isso, nem valia a pena pensar muito no assunto.

A mensagem gravada que Vidgis Albu o deixou ouvir pelo telefone durara cinco segundos, e apenas continha uma informação valiosa. Era suficiente. Não havia nada nas seis curtas palavras que Arne Albu dissera antes de desligar: *Levei Gregor comigo. Para que saibas.*

Não foi o ladrar frenético de *Gregor* em ruído de fundo.

Foram os gritos frios. As gaivotas.

Já estava escuro quando surgiu o letreiro da saída para Larkollen.

* * *

O *Jeep* Cherokee encontrava-se no exterior do chalé, mas Harry continuou até à zona destinada às manobras. Não havia ali nenhum BMW azul. Estacionou um pouco abaixo da casa. Não valia a pena tentar entrar sorrateiramente; ouvira o ladrar assim que baixara a janela.

Harry estava consciente que devia ter ido armado. Não que existisse algum motivo para presumir que Arne Albu também estava armado; ele não poderia saber que alguém estava interessado na sua vida – ou, para ser mais exacto, na sua morte. Mas eles já não eram os únicos actores daquele drama.

Harry saiu do carro. Não viu nem ouviu qualquer gaivota – talvez apenas emitissem os seus gritos de dia, pensou.

Gregor estava acorrentado ao corrimão, junto aos degraus da entrada. Os seus dentes cintilaram ao luar enviando arrepios frios pelo pescoço ainda

dorado de Harry, mas forçou-se a aproximar do cão com passadas longas e vagarosas.

– Lembras-te de mim? – sussurrou Harry, quando estava tão próximo que conseguia tocar a respiração cinzenta do animal. A corrente esticada estremeceu atrás de *Gregor*. Harry agachou-se e, para sua surpresa, o ladrar parou. O som enrouquecido indicou-lhe que o cão estava a ladrar já há algum tempo. *Gregor* impeliu as patas dianteiras para a frente, baixou a cabeça e imobilizou-se. Harry pousou a mão na maçaneta da porta. Estava trancada. Ouvia alguma voz no interior? Estava uma luz acesa na sala de estar.

– Arne Albu!

Nenhuma resposta.

Harry esperou e voltou a tentar.

A chave não estava no candeeiro. Procurou uma pedra suficientemente grande, trepou por cima do varandim do alpendre, partiu um dos pequenos painéis de vidro da porta, enfiou a mão pelo buraco e abriu a fechadura.

Não havia sinais de qualquer luta na sala. Mais como uma partida apressada. Um livro encontrava-se aberto sobre a mesa. Harry levantou-o. *Macbeth* de Shakespeare. Uma linha do texto fora sublinhada com uma caneta azul. *Não tenho palavras; a minha voz está na minha espada*. Perscrutou a sala mas não viu nenhuma caneta azul.

Apenas a cama no quarto mais pequeno fora usada. Havia um exemplar de uma revista masculina na mesa-de-cabeceira.

Um rádio pequeno, mal sintonizado no noticiário da P4, palrava baixinho na cozinha. Harry desligou-o. Na bancada, encontrava-se um pedaço de entrecosto descongelado e brócolos ainda envolvidos em plástico. Harry pegou na carne e regressou ao alpendre. O cão estava a arranhar a porta e Harry abriu-a. Dois olhos castanhos de cachorro ergueram-se para ele. Ou, mais exactamente, para o bife que mal aterrou no degrau foi feito em pedaços.

Harry observou o cão faminto enquanto pensava no que fazer. *Se é que* havia alguma coisa que pudesse fazer. Arne Albu não lia Shakespeare, disso tinha ele a certeza.

Quando o último pedaço de carne desapareceu, *Gregor* começou a ladrar com um vigor renovado em direcção à estrada. Harry aproximou-se do corrimão, desprendeu a corrente e conseguiu manter-se de pé sob a superfície molhada quando *Gregor* se soltou. O cão arrastou-o pelo carreiro abaixo, atravessou a estrada e desceu uma inclinação íngreme de onde Harry viu

ondas negras a embaterem contra rochas macias, que brilhavam esbranquiçadas à luz de um quarto crescente. Atravessaram erva alta e molhada que se agarrava às pernas de Harry como se não as quisesse soltar, mas *Gregor* só parou quando os Doc Martens de Harry começaram a pisar areia e pedras. O coto arredondado que era a cauda de *Gregor* apontou para cima. Estavam na praia. A maré estava alta; as ondas quase chegavam à erva rígida e borbulhavam como se houvesse dióxido de carbono na espuma que ficava na areia quando a água se retirava. *Gregor* recomeçou a ladrar.

– Foi a algum lado de barco? – perguntou Harry, meio para *Gregor* meio para si mesmo. – Estava sozinho ou tinha companhia?

Não obteve resposta para nenhuma das perguntas. No entanto, percebeu que o rasto terminava ali. Enquanto Harry puxava pela trela, o enorme *Rottweiler* recusava mexer-se. Por isso, Harry acendeu a sua Maglite e fez o feixe de luz incidir no mar. Apenas viu fileiras de ondas brancas, como linhas de cocaína sobre um espelho negro. Era-lhe óbvio que, debaixo de água, o solo se inclinava ligeiramente. Harry voltou a puxar a trela, mas depois com um uivo desesperado o cão começou a escavar a areia com as patas.

Harry suspirou, desligou a lanterna e regressou ao chalé. Na cozinha, serviu-se de uma chávena de café e ouviu o ladrar distante. Depois de lavar a chávena, voltou a descer até à praia e encontrou um intervalo entre as rochas onde se sentar ao abrigo do vento. Acendeu um cigarro e tentou pensar. De seguida, apertou melhor o casaco e fechou os olhos.

Uma noite em que estavam na cama, Anna dissera uma coisa. Devia ter sido perto do final das seis semanas – e ele devia estar mais sóbrio do que habitual, porque se conseguia lembrar disso. Anna dissera que a sua cama era um navio, e que ela e Harry eram dois náufragos, pessoas solitárias à deriva no mar, aterrorizadas por poderem avistar terra. Fora isso que acontecera a seguir? Teriam avistado terra? Não se lembrava disso daquela maneira. Parecia-lhe que saltara do navio, que saltara borda fora. Talvez a sua memória lhe estivesse a pregar partidas.

Fechou os olhos e tentou conjurar uma imagem dela. Não do tempo em que eram náufragos, mas da última vez em que a vira. Tinham comido juntos. Aparentemente. Ela enchera-lhe o copo – fora vinho? Ele tinha-o bebido? Aparentemente. Voltara a servi-lo. Ele perdera o controle das coisas. Deixara cair o copo. Ela rira-se. Beijara-o. Dançara para ele. Segredara-lhe as suas habituais insignificâncias doces ao ouvido. Tinham-se deitado na cama e partido. Teria aquilo sido assim tão fácil para ela? Ou para ele?

Não, não o podia ter sido.

Mas Harry não tinha a certeza. Não podia ter qualquer tipo de certeza de que não estivera deitado numa cama em Sorgenfrigata, com um sorriso extasiado nos lábios. Encontrara-se com uma antiga amante, enquanto Rakel estava deitada a olhar para o tecto de um quarto de hotel em Moscovo, incapaz de dormir com medo de perder o filho.

Harry aconchegou-se. O vento frio e agreste soprou directamente sobre ele, como se fosse um fantasma. Aqueles eram pensamentos que conseguira manter afastados, mas agora amontoavam-se sobre ele. Se não sabia se fora capaz de enganar a mulher que mais amava na vida, como poderia saber aquilo que fizera? Aune afirmava que o álcool e a droga apenas aumentavam ou enfraqueciam as características latentes no nosso interior. Mas quem sabia com toda a certeza o que se passava no nosso íntimo? Os seres humanos não são robôs e a química do cérebro altera-se com o tempo. Quem possuía um inventário total de todas as coisas – dadas as circunstâncias certas e a medicação errada – que éramos capazes de fazer?

Harry estremeceu e praguejou. Agora sabia-o. Sabia porque tinha de encontrar Arne Albu, e conseguir uma confissão dele antes que outros o silenciassem. Não era por a sua profissão lhe ter penetrado na corrente sanguínea ou por a lei se ter transformado num assunto pessoal. Era porque tinha de o saber. E Arne Albu era a única pessoa que lho podia dizer.

Voltou a fechar os olhos. O assobio baixo do vento contra as rochas ouvia-se acima do ritmo persistente, hipnótico, das ondas.

Quando abriu os olhos, já não estava escuro. O vento afastara as nuvens e estrelas baças cintilavam acima dele. A Lua movera-se. Harry olhou para o relógio. Estivera ali sentado quase uma hora. *Gregor* ladrava enlouquecidamente para o mar. A atracção gravitacional da Lua mudara, o nível da água baixara, e Harry atravessou aquilo que se transformara numa praia larga e areosa.

– Vamos, *Gregor*. Aqui não vamos encontrar nada.

O cão rosnou-lhe quando lhe pegou na trela, e Harry saltou automaticamente para trás. Olhou para a água. A Lua reflectia-se sobre a superfície negra, mas agora conseguia distinguir algo que não vira quando a maré estivera alta. Parecia-se com as pontas de dois postes de amarração mesmo acima do nível do mar. Harry aproximou-se da borda de água e acendeu a lanterna.

– Céus – sussurrou.

Gregor lançou-se à água e ele chapinhou atrás do cão. Estava a dez metros de distância, mas a água nem lhe chegava aos joelhos. Baixou os olhos para um par de sapatos. Feitos à mão, italianos. Harry fez incidir o feixe de luz na água e a luz embateu num par de pernas nuas, de um branco-azulado, espetadas como duas pedras tumulares pálidas.

Os gritos de Harry foram levados pelo vento e afogaram-se de imediato no embater das ondas. Mas a lanterna que deixara cair na água e fora engolida pelo mar, cravou-se no fundo areoso e manteve-se acesa durante quase vinte e quatro horas. Quando no Verão seguinte um rapazinho na companhia do pai a encontrou, a água salgada tinha corroído o revestimento preto e nenhum dos dois associou a Maglite à grotesca descoberta de um cadáver. No ano anterior aparecera em todos os jornais, mas sob o sol de Verão isso parecia ter acontecido há uma eternidade.

PARTE V

David Hasselhoff

A luz da manhã parecia-se com uma coluna branca ao atravessar uma fenda no céu e lançava aquilo a que Tom Waaler chamava «Luz de Jesus» sobre o fiorde. Em sua casa, um certo número de fotografias semelhantes pendiam das paredes. Aproximou-se do cordão plástico que cercava a cena do crime. Aqueles que pensavam que o conheciam teriam dito que era da sua natureza saltar por cima do cordão, e não passar por baixo. Tinham razão quanto à última parte, mas não quanto à primeira. Tom Waaler duvidava de que alguém o conhecesse. E tencionava que as coisas se mantivessem assim.

Ergueu uma máquina fotográfica digital até às lentes azuis-metalizadas dos seus óculos escuros Police, dos quais tinha mais uma dúzia de pares em casa. Uma oferta de um cliente satisfeito. Tal como a máquina fotográfica. A fotografia captou o buraco no chão e o corpo deitado ao lado. Vestia calças pretas e uma camisa que outrora fora branca, mas que estava agora castanha da lama e areia.

– Outra fotografia para a tua colecção privada? – Era Weber.

– Este é novo – respondeu Waaler sem levantar os olhos. – Gosto de homicídios criativos. Já identificaste o homem?

– Arne Albu. Quarenta e dois anos. Casado, três filhos. Parece que tem bastante dinheiro. É dono de um chalé mesmo aqui atrás.

– Alguém viu ou ouviu alguma coisa?

– Estão agora a fazer perguntas porta a porta. Mas podes ver por ti mesmo como isto por aqui é deserto.

– Talvez alguém naquele hotel? – Waaler apontou para um enorme edifício amarelo, de madeira, na extremidade da praia.

– Duvido – disse Weber. – Não deve estar lá ninguém nesta altura do ano.

– Quem é que encontrou o cadáver?

– Uma chamada anónima feita de uma cabina telefónica em Moss. Para a polícia de Moss.

– O assassino?

– Parece-me que não. Disse que viu um par de pernas espetadas quando andava a passear o cão.

– Têm a conversa gravada?

Weber sacudiu a cabeça.

– Ele não ligou pelo número de emergência.

– O que é que achas? – Waaler apontou para o corpo.

– Os médicos ainda vão ter de me enviar um relatório, mas parece-me que foi enterrado vivo. Não há sinais exteriores de violência, apenas sangue no nariz e na boca, e os vasos sanguíneos rebentados nos olhos sugerem uma grande acumulação de sangue na cabeça. A acrescentar a isso, encontrámos areia no fundo da garganta o que significa que devia estar a respirar quando foi enterrado.

– Estou a perceber. Mais alguma coisa?

– O cão estava atado ao corrimão exterior do chalé, ali em cima. Um *Rottweiler* grande e feio. Numa boa forma surpreendente. A porta não estava fechada. Também não havia sinais de luta no interior da casa.

– Por outras palavras, entraram na casa, ameaçaram-no com armas, ataram o cão, cavaram-lhe o buraco e perguntaram-lhe se ele se importava de saltar lá para dentro.

– Se é que eram vários.

– Um *Rottweiler* grande, um buraco de um metro e meio de profundidade. Acho que podemos considerar que eram mais de um, Weber.

Weber não reagiu. Nunca tivera qualquer problema em trabalhar com Waaler. O homem era um investigador talentoso, um entre poucos; os seus resultados falavam por si mesmos. Mas isso não significava que Weber tivesse de gostar dele. Embora *antipatia* também não fosse a palavra correcta. Era qualquer outra coisa, algo que o fazia pensar nos passatempos de Descubra as Diferenças. Não conseguia dizer bem o que era, mas havia algo nele que o inquietava. *Inquietava*, era essa a palavra.

Waaler agachou-se ao pé do cadáver. Sabia que Weber não gostava dele. Por ele, tudo bem. Weber era um agente da polícia mais velho que trabalhava no Departamento Forense, que não ia chegar a lado nenhum e que não podia, de qualquer modo concebível, afectar a carreira ou a vida de Waaler. Em resumo, não precisava de que gostasse dele.

– Quem o identificou?

– Apareceram alguns dos habitantes locais – respondeu Weber. – O dono da mercearia reconheceu-o. Contactaram a mulher dele em Oslo e trouxeram-na até aqui. Ela confirmou que era Arne Albu.

– E onde é que ela está agora?

– No chalé.

– Alguém a interrogou?

Weber encolheu os ombros.

– Gosto de ser o primeiro em cena – disse Waaler, a inclinar-se para a frente e a tirar um grande plano do rosto.

– A polícia de Moss ficou com o caso. Só fomos chamados para prestar assistência.

– Nós temos a experiência – disse Waaler. – Alguém explicou isso delicadamente aos imbecis de província?

– De facto, alguns de nós já investigaram um homicídio – disse uma voz atrás deles.

Waaler olhou para um homem sorridente com um blusão de cabedal preto da polícia. As dragonas exibiam uma estrela e faixas douradas.

– Sem ofensas. – O inspector riu-se. – Chamo-me Paul Sørensen. Deve ser o inspector Waaler.

Waaler olhou-o por momentos e ignorou o movimento que Sørensen fez para lhe apertar a mão. Não gostava de contacto físico com homens que não conhecia. Pensando nisso, nem com homens que conhecia. Com mulheres era outra conversa. Ou, pelo menos, desde que fosse ele a controlar. O que era normal acontecer.

– Nunca investigou nada como isto antes, Sørensen – disse Waaler, a puxar para cima uma das pálpebras do homem morto e a revelar um olho injectado de sangue. – Isto não é um esfaqueamento num bar, nem uma briga de bêbados. Foi por isso que nos chamaram, não foi?

– Sim, isto não se parece com nada local – disse Sørensen.

– Sugiro que você e os rapazes fiquem por aqui de vigia, enquanto vou falar com a mulher do morto.

Sørensen riu-se como se Waaler tivesse contado uma boa piada, mas interrompeu-se quando viu as sobranceiras de Waaler a erguerem-se acima dos óculos Police. Tom Waaler dirigiu-se ao cordão. Contou lentamente até

três, depois gritou sem se virar:

– E tire dali aquele carro da polícia. Vejo que estacionou na zona de manobras, Sørensen. O Departamento Forense vai procurar marcas de pneus do carro do assassino. Obrigado.

Não precisava de se virar para saber que o sorriso desaparecera do rosto alegre de Sørensen. E que a cena do crime acabara de passar para as mãos da polícia de Oslo.

– Fru Albu? – perguntou Waaler quando entrou na sala de estar. Decidira que queria acabar com aquilo o mais depressa possível. Tinha um encontro para o almoço com uma jovem promissora, e não tencionava faltar.

Vigdis Albu ergueu os olhos do álbum de fotografias que estava a folhear.

– Sim?

Waaler gostou do que viu. O corpo cuidadosamente mantido, o modo confiante como estava sentada, a casualidade de anfitriã aprendida na televisão e o terceiro botão da blusa desapertado. Também gostou do que ouviu. A voz suave apenas feita para proferir as palavras especiais que ele gostava que as suas mulheres dissessem. E gostou da boca, pela qual já esperava ouvir as palavras a sair.

– Inspector Tom Waaler – disse, sentando-se em frente dela. – Compreendo o choque que isto deve ter sido. Claro que é um cliché, e duvido que neste momento tenha algum significado para si, mas gostaria de lhe apresentar as minhas condolências. Também perdi alguém que me era muito próximo.

Esperou. Até ela se sentir forçada a erguer os olhos e ele lhe conseguir captar a atenção. Estavam desfocados, e a princípio Waaler pensou que devido a lágrimas. Só quando ela falou é que se apercebeu de que estava bêbeda.

– Tem um cigarro, senhor agente?

– Trate-me por Tom. Não fumo. Desculpe.

– Tenho de estar aqui durante quanto tempo, Tom?

– Farei com que possa sair daqui o mais depressa possível. Só preciso de lhe fazer algumas perguntas, ok?

– Ok.

– Ótimo. Tem alguma ideia de quem poderia querer matar o seu marido?

Vigdis Albu pousou o queixo na mão e olhou pela janela.

– Onde é que está o outro agente, Tom?

– Desculpe?

– Ele não devia estar aqui?

– Que agente, fru Albu?

– Harry. O caso é dele, não é?

O principal motivo por que Tom Waaler subira de patente mais depressa do que qualquer outro agente desde que entrara para a polícia era por ter descoberto que ninguém, nem sequer advogados de defesa, investigavam o modo como ele obtinha provas de culpa dos acusados. O segundo motivo era por ter antenas sensíveis. Claro que havia ocasiões em que não reagiam como deviam. Mas nunca deixavam de reagir quando tinham de o fazer. E agora estavam a reagir.

– Está a referir-se a Harry Hole, fru Albu?

– Pode parar aqui.

Tom Waaler ainda gostava da voz. Estacionou junto do passeio, inclinou-se para a frente e levantou os olhos para a casa rosa que se erguia na colina. O sol matinal reflectia-se sobre um objecto com a forma de um animal que se via no jardim.

– Foi muito simpático da sua parte – disse Vigdis Albu. – Convencer Sørensen a deixar-me vir embora, e trazer-me a casa.

Waalder esboçou um sorriso afectuoso. Sabia que era afectuoso. Muitas pessoas diziam que ele se parecia com David Hasselhoff das *Marés Vivas*; tinha o mesmo queixo, corpo e sorriso. Tinha visto as *Marés Vivas* e sabia o que queriam dizer.

– Eu é que *lhe* devia agradecer – disse.

Era verdade. Durante a viagem desde Larkollen ficara a saber várias coisas muito interessantes. Tais como o facto de Harry Hole andar a tentar encontrar provas de que o marido dela assassinara Anna Bethsen que, tanto quanto se lembrava, era a mulher que se suicidara em Sorgenfrigata há algum tempo. O caso estava fechado. Ele mesmo concluíra que era suicídio e escrevera o relatório. Então o que é que aquele idiota do Hole andava a tramar? Estaria a tentar vingar-se de antigas hostilidades? Estaria Hole a tentar provar que Anna Bethsen fora vítima de um acto criminoso para o comprometer – a ele, Tom Waaler? Seria mesmo algo que aquele bêbedo louco faria, mas não fazia muito sentido que Hole estivesse a despender tanta energia num caso que, no

pior dos cenários, apenas iria demonstrar que Waaler fora demasiado rápido a tirar conclusões. Rejeitou de imediato a ideia de que o motivo de Harry pudesse apenas ser o esclarecimento do caso. Apenas os agentes da polícia nos filmes passavam o seu tempo livre a fazer esse tipo de coisas.

O facto de o suspeito de Harry estar agora morto significava que um certo número de soluções alternativas se encontrava em jogo. Waaler não tinha a certeza de quais, mas como o seu instinto lhe dizia que Harry Hole estava envolvido no assunto, estava interessado em descobrir quais eram. Assim quando Vigdis Albu perguntou a Waaler se gostaria de entrar para beber um café, não foi o excitante pensamento de uma viúva recente que o atraiu em primeiro lugar. Aquela podia ser a sua oportunidade de se livrar do homem que já há tanto tempo o andava a incomodar – há quanto tempo? Mais de um ano?

Sim, na verdade há mais de um ano. Durante mais de um ano, desde que a agente Ellen Gjeltén – graças a um dos erros de Sverre Olsen – descobrira que Tom Waaler era o homem atrás do tráfico de armas, em Oslo. Quando dera a Olsen a ordem para a executar antes de ela informar alguém daquilo que sabia, estava consciente de que Hole nunca iria desistir até descobrir quem a matara. Por isso certificara-se de que o boné de Olsen era encontrado no local do crime, de modo a poder abater o suspeito de homicídio em «autodefesa» enquanto o prendia. Não havia nada que o incriminasse, mas, no entanto, Waaler tinha a estranha e desagradável sensação de que Hole se estava a aproximar. E ele podia ser perigoso.

– A casa parece tão vazia quando não está cá ninguém – disse Vigdis Albu, ao destrancar a porta.

– Há quanto tempo está... hm... sozinha? – perguntou Waaler, ao segui-la escadas acima até à sala de estar. Ainda gostava do que via.

– As crianças estão com os meus pais, em Nordby. A ideia era ficarem lá até as coisas voltarem ao normal. – Suspirou e afundou-se numa das poltronas fundas. – Tenho de beber alguma coisa. Depois é melhor ligar-lhes.

Tom Waaler ficou de pé a observá-la. Arruinara tudo com aquilo que acabara de dizer. A ligeira excitação que sentira desvaneceu-se. De repente, pareceu-lhe muito mais velha. Talvez porque o efeito do álcool estava a desaparecer. Tinha-lhe suavizado as rugas e amaciado a boca, que agora parecia endurecer-se numa fissura rosa e contorcida.

– Sente-se, Tom. Vou fazer café.

Deixou-se cair no sofá quando Vigdis desapareceu na cozinha. Abriu as

pernas e reparou numa nódoa desvanecida no tecido. Fê-lo lembrar-se da nódoa no seu sofá, causada por sangue menstrual.

Sorriu ao lembrar-se disso.

Ao lembrar-se de Beate Lønn.

A doce e inocente Beate Lønn, que se sentara do outro lado da mesa de centro e engolira todas as palavras que ele dissera como se fossem torrões de açúcar no seu café com leite, uma bebida de rapariguinha. *Acho que é essencial ter a coragem de sermos nós mesmos. A coisa mais importante numa relação é a honestidade, não concordas?* Era difícil saber escolher entre a selecção de pseudoclichés de que as jovens gostavam, mas era óbvio que acertara com Beate. Ela seguira-o docilmente a casa, depois de ele lhe ter misturado na bebida algo que era tudo menos de rapariguinha.

Teve de se rir. No dia seguinte, Beate Lønn pensara que o seu desmaio fora devido ao cansaço e ao facto de a bebida ser mais forte do que aquilo a que estava habituada. O importante era conseguir a dose certa.

A melhor parte fora na manhã seguinte quando entrara na sala de estar e ela estava a esfregar com um pano molhado uma nódoa do sofá onde, na noite anterior, tinham tratado dos preliminares antes de ela ter desmaiado e o verdadeiro divertimento ter começado.

– Desculpa – disse ela, quase a chorar. – Só agora é que vi. É tão embaraçoso. Pensei que só ia aparecer na próxima semana.

– Não interessa – respondeu ele e fizera-lhe uma festa na face. – Desde que dêes o teu melhor para tirares essa porcaria daí.

Depois tivera de correr até à cozinha. Abrira a torneira e batera com a porta do frigorífico para abafar as gargalhadas. Enquanto Beate esfregava a mancha de sangue deixada por Linda. Ou teria sido Karen?

Vigdis chamou-o da cozinha.

– Quer leite no seu café, Tom? – A voz dela soava dura; tinha um certo timbre da Zona Oeste de Oslo. De qualquer maneira, já descobrira aquilo de que precisava.

– Acabei de me lembrar que tenho uma reunião na cidade – disse. Virou-se e viu-a de pé na entrada da cozinha com duas chávenas de café e olhos grandes, surpreendidos. Como se ele a tivesse esbofeteado. Demorou-se a pensar nisso.

– Precisa de tempo para si – disse Waaler e levantou-se. – Eu sei. Como lhe

contei, perdi há pouco uma amiga próxima.

– Lamento sabê-lo – disse Vigdis, perplexa. – Nem sequer perguntei quem era.

– Chamava-se Ellen. Uma colega. Gostava muito dela. – Tom Waaler inclinou a cabeça para o lado e observou Vigdis, que respondeu com um sorriso hesitante:

– Em que é que está a pensar?

– Um dia destes passo por aqui para ver como está. – Lançou-lhe um sorriso extra afectuoso, o seu melhor David Hasselhoff, e pensou como o mundo seria caótico se as pessoas pudessem ler os pensamentos umas das outras.

Disosmia

O trânsito de hora de ponta da tarde começara e os escravos de salários arrastavam-se nos seus carros pela Grønlandsleiret abaixo, passando pelo Quartel-general da Polícia. Uma carriça empoleirada num ramo viu a última folha a soltar-se, levantou voo e passou a voar pela janela da sala de reuniões do quinto piso.

– Não sou um orador público – começou Bjarne Møller, e aqueles que tinham ouvido anteriores discursos de Møller concordaram.

Uma garrafa de espumante Opera, que custava setenta e nove kroner, catorze copos de plástico – ainda na embalagem – e todos aqueles que tinham estado envolvidos no caso do Executor esperavam que Møller acabasse de falar.

– Antes de mais, gostaria de transmitir os meus sinceros cumprimentos ao Conselho Municipal de Oslo, ao *mayor* e ao superintendente-chefe, e agradecer a todos os outros por um trabalho bem-executado. Como sabem, estivemos sob uma enorme pressão quando nos apercebemos de que estávamos a lidar com um assaltante de bancos em série...

– Não sabia que havia outros géneros! – gritou Ivarsson e foi recompensado com uma vaga de gargalhadas. Encontrava-se nas traseiras da sala junto à porta, onde tinha uma vista geral de todos os agentes reunidos.

– Bem o podes dizer. – Møller sorriu. – Aquilo que queria dizer era... hm... como sabem... estamos satisfeitos que tudo isto esteja terminado. Antes de bebermos uma taça de champanhe, gostaria de fazer um agradecimento especial à pessoa que deve ficar com a maior parte do mérito...

Harry sentiu todos os outros a olhar para ele. Odiava aquele tipo de ocasiões. O discurso do chefe, discursos ao chefe, agradecimentos ao palhaço, o teatro da trivialidade.

– Rune Ivarsson, que conduziu a investigação. Parabéns, Rune.

Uma série de aplausos.

– Gostarias de dizer algumas palavras, Rune?

– Não – murmurou Harry, por entre dentes cerrados.

– Gostaria, sim – respondeu Ivarsson. Os agentes reunidos esticaram o pescoço. Pigarreou. – Infelizmente, não tenho o privilégio de poder dizer como tu o fizeste, Bjarne, que não sou um orador público. Porque o sou. – Mais gargalhadas. – E a partir da minha experiência como orador na conclusão bem-sucedida de outros casos, sei que é cansativo agradecer a todos sem exceção. Como todos sabem, a investigação é um trabalho de equipa. Beate e Harry tiveram a honra de marcar o golo, mas foi a equipa que fez o trabalho de campo.

Harry observou, descrente, os agentes reunidos a assentirem.

– Por isso, obrigado a todos. – Ivarsson passou o olhar sobre os agentes, com a intenção evidente de fazer com que cada um deles sentisse que lhes estava a agradecer. Depois num tom menos solene, gritou: – Vamos abrir o champanhe ou não?

Alguém lhe passou a garrafa e, depois de a agitar bem, começou a soltar a rolha.

– Não quero incomodar-me com isto – segredou Harry a Beate. – Vou-me embora.

Ela lançou-lhe um olhar reprovador.

– Cuidado! – A rolha soltou-se e voou até ao tecto. – Peguem todos num copo!

– Desculpa – disse Harry. – Vemo-nos amanhã.

Dirigiu-se ao seu gabinete e pegou no casaco. Ao descer no elevador, encostou-se à parede. Na noite anterior dormira apenas duas horas, no chalé de Albu. Às seis da manhã, conduziu até à estação ferroviária de Moss, encontrara uma cabine telefónica, o número da polícia de Moss e reportara o corpo no mar. Sabia que iam pedir assistência à polícia de Oslo. Quando chegou a Oslo às oito horas, sentou-se no Kaffebrenneriet em Ullevålsveien e bebeu um *cortado* até ter a certeza de que o caso fora entregue a outros e que poderia voltar ao gabinete em paz.

O elevador abriu-se e Harry saiu do edifício pelas portas giratórias. Para o ar frio e límpido de Oslo, que se dizia ser mais poluído do que o ar de Bangucoque. Pensou que não havia grande pressa e forçou-se a abrandar. Naquele dia não queria pensar em nada, apenas dormir e não sonhar. E esperar que no dia seguinte todas as portas se tivessem fechado atrás dele.

Todas excepto uma. Aquela que nunca se fechava, aquela que ele não *queria* que se fechasse. No entanto, só iria pensar nisso no dia seguinte. Depois iria passear com Halvorsen ao longo do rio Akerselva. Parar junto do candeeiro onde a tinham encontrado. Reconstruir pela centésima vez aquilo que acontecera. Não porque se tivessem esquecido de alguma coisa, mas para recuperar a sensação, o cheiro nas narinas. Já estava a temê-lo.

Atravessou pelo carreiro estreito no relvado. O atalho. Não olhou para o edifício prisional cinzento à sua esquerda. Onde era possível que, de momento, Raskol tivesse arrumado o jogo de xadrez. Nunca iriam encontrar nada em Larkollen ou em qualquer outro sítio que apontasse para o cigano ou para algum dos seus homens, mesmo que fosse o próprio Harry a ficar com o caso. Tinham de continuar durante o tempo que fosse necessário. O Executor estava morto. Arne Albu estava morto. *A justiça é como a água*, dissera Ellen uma vez. *Encontra sempre uma saída*. Eles sabiam que não era verdade mas, pelo menos, era uma mentira na qual, de vez em quando, podiam encontrar algum consolo.

Harry ouviu as sirenes. Já há algum tempo que as estava a ouvir. Os carros brancos com luzes azuis giratórias passaram por ele e desapareceram pela Grønlandsleiret. Tentou não pensar no motivo por que tinham sido chamados. Provavelmente nada que lhe dissesse respeito. Se dizia, teria de esperar. Até ao dia seguinte.

Tom Waaler percebeu que era demasiado cedo. Os residentes do edifício amarelo-claro faziam outras coisas e não ficavam sentados em casa durante todo o dia. Acabara de pressionar o botão no fundo da fileira. Virou-se para se afastar quando ouviu uma voz enlatada, metálica:

– Sim?

Waaler voltou-se.

– Olá, estou a falar com...? – Olhou para a placa do nome ao lado do botão.
– Astrid Monsen?

Vinte segundos depois estava no patamar a olhar para um rosto assustado e sardento que o espreitava, escondido atrás da corrente de segurança.

– Posso entrar, frøken Monsen? – perguntou, mostrando os dentes num sorriso David Hasselhoff especial.

– Preferia que não o fizesse – guinchou ela. Provavelmente nunca vira as *Marés Vivas*.

Ele mostrou-lhe o distintivo.

– Vim perguntar-lhe se há alguma coisa que a polícia deva saber a respeito da morte de Anna Bethsen. Já não temos assim tanta certeza se teria sido suicídio. Sei que um colega meu tem estado a conduzir uma investigação privada, e gostaria de saber se falou com ele.

Tom Waaler ouvira dizer que os animais, em especial os predadores, conseguiam cheirar o medo. Não o surpreendia. O que o surpreendia é que nem *todos* conseguiam cheirar o medo. O medo tinha o mesmo odor efêmero e amargo da urina de vaca.

– De que é que tem medo, frøken Monsen?

As pupilas dela dilataram-se ainda mais. As antenas de Waaler estavam agora a rodar.

– É muito importante que nos ajude – disse Waaler. – A coisa mais importante da relação entre a polícia e o público em geral é a honestidade, não concorda?

Os olhos dela desviaram-se e Waaler arriscou:

– Acho que é possível que o meu colega esteja de algum modo envolvido no caso.

O queixo descaiu-lhe e ela lançou-lhe um olhar desesperado. Bingo.

Sentaram-se na cozinha. As paredes castanhas estavam cobertas de desenhos infantis. Waaler calculou que ela devia ser tia de um monte de crianças. Tomou notas enquanto ela falava.

– Ouvei um estrondo no patamar, e quando saí vi um homem de gatas mesmo junto à minha porta. Era óbvio que tinha caído, por isso perguntei-lhe se precisava de ajuda mas não obtive uma resposta adequada. Subi as escadas e toquei à campainha de Anna Bethsen, mas ninguém respondeu. Quando voltei a descer as escadas, ajudei-o a levantar-se. As coisas que tinha nos bolsos estavam espalhadas por todo o lado. Encontrei a sua carteira com o nome e a morada. Depois ajudei-o até à rua, mandei parar um táxi que estava a passar e dei a morada dele ao motorista. É tudo quanto sei.

– E tem a certeza de que é o mesmo indivíduo que a visitou mais tarde? Isto é, Harry Hole?

Ela engoliu em seco. E assentiu.

– Isso é ótimo, Astrid. Como soube que ele esteve em casa de Anna?

– Ouvei-o chegar.

– A senhora *ouviu-o* chegar e *ouviu-o* subir até à casa de Anna?

– O meu estúdio fica mesmo ao lado do patamar. Ouve-se tudo aquilo que se passa. Este quarteirão é silencioso. Não acontece muita coisa por aqui.

– Ouviu mais alguma coisa perto do apartamento de Anna?

Ela hesitou.

– Acho que ouvi outra pessoa a subir até ao apartamento de Anna, depois de o polícia se ter ido embora. Mas parecia ser uma mulher. Saltos altos, percebe. Emitem um som diferente. Mas acho que era fru Gundersen do terceiro andar.

– Oh?

– É normal ela entrar furtivamente quando bebeu de mais, no Gamle Major.

– Ouviu algum tiro?

Astrid sacudiu a cabeça.

– As paredes *entre* apartamentos são bem isoladas.

– Lembra-se do número do táxi?

– Não.

– Que horas eram quando ouviu o estrondo no patamar?

– Onze e um quarto.

– Tem a certeza absoluta, Astrid?

Ela assentiu. Respirou fundo.

Waler ficou surpreendido pela convicção repentina na sua voz, quando ela disse:

– Ele matou-a.

Sentiu a pulsação a acelerar. Um pouco.

– Por que motivo diz isso, Astrid?

– Percebi que havia alguma coisa de errado quando ouvi dizer que Anna se tinha suicidado naquela noite. Ali estava aquele indivíduo podre de bêbado caído nas escadas, e ela não abria a porta. Pensei em contactar a polícia, mas depois ele apareceu aqui... – Olhou para Tom Waler, como se se estivesse a afogar e ele fosse um salva-vidas. – A primeira coisa que ele me perguntou foi se eu o reconhecia. E é claro que percebi aquilo que ele queria dizer com isso.

– O que é que ele queria dizer com isso, Astrid?

A voz dela ergueu-se uma oitava.

– Um assassino a perguntar à única testemunha se ela o reconhece. O que é que acha? Vinha avisar-me daquilo que aconteceria se eu o denunciasses. Fiz aquilo que ele queria. Disse-lhe que nunca o tinha visto.

– Mas disse que ele voltou mais tarde para lhe fazer perguntas a respeito de Arne Albu?

– Sim, ele queria que eu lançasse as culpas para cima de outra pessoa. Tem de compreender como eu estava assustada. Fingi que não percebi e fiz o jogo dele... – Waaler ouviu soluços a surgirem-lhe nas cordas vocais.

– Mas agora estaria disposta a dizer-nos isso? Num tribunal, sob juramento?

– Sim, se vocês... se tivesse a certeza de que estava em segurança.

O *ping* de um *e-mail* acabado de chegar ouviu-se vindo de outra sala. Waaler olhou para o relógio. 16h30. Teria de se mover rapidamente, naquela mesma noite se possível.

Às 16h35, Harry destrancou a porta do apartamento e apercebeu-se imediatamente de que se esquecera de que ele e Halvorsen tinham combinado uma sessão de bicicleta no ginásio. Descalçou-se, dirigiu-se à sala de estar e pressionou o PLAY no gravador de chamadas. Era Rakel.

«O tribunal vai deliberar na quarta-feira. Reservei bilhetes para quinta. Estaremos em Gardemoen às onze. Oleg perguntou se nos podias ir buscar.»

Nós. Ela dissera que a decisão iria ter efeitos imediatos. Se perdessem, não haveria nenhum *nós* para ir buscar, apenas alguém que perdera tudo.

Não deixara um número para ele lhe devolver a chamada, para lhe dizer que estava tudo terminado e que não precisava de continuar a olhar por cima do ombro. Suspirou e deixou-se cair na poltrona verde. Fechou os olhos e viu-a ali. Rakel. O lençol branco que estava tão frio que queimava a pele de Harry, os cortinados que mal se moviam contra a janela aberta e deixavam entrar um raio de luar que caía sob o seu braço nu. Harry passou suavemente os dedos por cima dos olhos dela, pelas mãos, pelos ombros estreitos, pelo pescoço longo e esguio, as pernas entrelaçadas nas dele. Sentiu a respiração morna e tranquila dela contra o pescoço, ouviu a respiração a mudar ligeiramente de ritmo quando ele lhe acariciou as costas. As ancas que se começaram a mover imperceptivelmente contra ele como se tivesse estado apenas a hibernar, à espera.

* * *

Às cinco da tarde, Rune Ivarsson atendeu o telefone da sua casa em Østerås para dizer a quem lhe ligava que a sua família acabara de se sentar para comer. As refeições eram sagradas naquela casa. Importar-se-ia de ligar mais tarde?

– Desculpa estar a interromper-te, Ivarsson. É o Tom Waaler.

– Olá, Tom – disse Ivarsson, com uma batata meio-mastigada na boca. – Ouve...

– Preciso de um mandado de prisão contra Harry Hole. Bem como um mandado para revistar o seu apartamento. Mais cinco agentes para efectuarem a busca. Tenho motivos para acreditar que Hole está envolvido num caso de homicídio, de um modo muito pouco aconselhável.

A batata desceu pelo lado errado.

– É urgente – disse Waaler. – Existe o risco de as provas poderem ser destruídas.

– Bjarne Møller – foi tudo quanto Ivarsson conseguiu dizer por entre o ataque de tosse.

– Certo, eu sei que isto é da responsabilidade de Møller – respondeu Waaler. – Mas aposto que concordas comigo que ele é parcial. Ele e Harry trabalham juntos há dez anos.

– Tens uma certa razão. Mas tivemos outro trabalho para fazer esta tarde, por isso os meus rapazes estão de mãos atadas.

– Rune... – Era a mulher de Ivarsson. Ele sentia uma certa relutância em a provocar. Chegara vinte minutos atrasado depois da celebração com o champanhe, e de seguida o alarme disparara no Den norske Bank, no balcão de Grensen.

– Já te ligo, Waaler. Vou telefonar ao procurador e ver aquilo que posso fazer. – Pigarreou e acrescentou numa voz suficientemente alta para a mulher o ouvir: – Mas só depois de termos jantado.

Harry acordou com alguém a bater-lhe estrondosamente à porta. O seu cérebro concluiu automaticamente que a pessoa já estava a bater há algum tempo e tinha a certeza de que Harry estava em casa. Olhou para o relógio. 17h55. Estivera a sonhar com Rakel. Espreguiçou-se e levantou-se.

Mais pancadas. Com força.

– Já vai, já vai – gritou Harry, e dirigiu-se à porta. Viu uma silhueta através do vidro ondulado da porta. Devia ser um dos vizinhos, pensou Harry, já que não estava a usar o intercomunicador.

Acabara de pousar a mão na maçaneta quando se sentiu abrandar. Um formigueiro na nuca. Manchas a surgirem-lhe à frente dos olhos. Pulsação acelerada. Disparates. Abriu a porta.

Era Ali. De testa profundamente franzida.

– Prometeste que hoje já tinhas a tua arrecadação arrumada – disse.

Harry bateu na testa com a mão.

– Merda! Desculpa, Ali. Sou mesmo um destravado mental.

– Está bem, Harry. Posso ajudar-te, se esta noite tiveres tempo.

Harry olhou-o surpreendido.

– Ajudares-me? Posso tirar as coisas que lá estão em dez segundos. Para te ser franco, nem me lembro de uma única coisa que tenha lá em baixo, mas está bem.

– São coisas valiosas, Harry. – Ali sacudiu a cabeça. – És doido em deixar coisas como aquelas na cave.

– Não tenho assim tanta certeza disso. Vou até ao Schröder's comer qualquer coisa. Passo por lá depois, Ali.

Harry fechou a porta, afundou-se na poltrona e premiu o botão do controle remoto. O noticiário em linguagem gestual. Harry trabalhara num caso em que várias pessoas surdas tinham sido levadas para interrogatório, e ficara a conhecer alguns dos gestos. Tentou comparar os gestos do repórter com as legendas que surgiam. Tudo calmo na frente do Médio Oriente. Um americano ia ser levado a tribunal por lutar pelos talibã. Harry desistiu. O menu do dia no Schröder's, um café, um cigarro, pensou. Depois até à cave e directamente para a cama. Pegou no comando e estava prestes a apagar a televisão, quando viu o intérprete de linguagem gestual a apontar dedos estendidos e a levantar um polegar. Aquele era um sinal de que se recordava. Alguém fora abatido. Harry pensou automaticamente em Arne Abu, mas esse fora asfíxiado. Os olhos desceram para as legendas. Aquilo era mau – talvez mesmo muito mau. O teletexto não dizia muito mais que as legendas:

Empregada bancária atingida em assalto. Esta tarde, um assaltante atingiu a tiro uma caixa do DnB, do balcão de Gensen. A empregada encontra-se em estado crítico.

Harry dirigiu-se ao quarto e ligou o computador. O assalto ao banco era o cabeçalho da sua *homepage*. Clicou duas vezes em cima.

O banco estava prestes a fechar quando um assaltante mascarado entrou a brandir uma arma, e mandou a gerente do balcão esvaziar a ATM. Como isso não aconteceu no período de tempo especificado, o assaltante atingiu uma empregada bancária de 34 anos. A mulher ferida ainda se encontra em estado crítico. O PAS Rune Ivarsson diz que, de momento, a polícia não tem quaisquer pistas, e não quis fazer qualquer comentário quanto ao facto de o assalto seguir um padrão semelhante ao dos outros assaltos efectuados pelo homem a quem se chamou o Executor. A polícia informou que este tinha sido encontrado morto em d'Ajuda, Brasil.

Podia ser uma coincidência. Claro que podia. Mas não o era. Nem pensar nisso. Harry passou a mão pelo rosto. Fora isso que temera durante todo aquele tempo. Lev Grette tinha apenas assaltado um banco. Os assaltos seguintes tinham sido feitos por outra pessoa. Alguém que agora estava muito à frente deles. Tão à frente deles que se exibia ao copiar o Executor original até ao último pormenor macabro.

Harry tentou fazer descarrilar o seu comboio de pensamentos. Agora não se queria debruçar sobre mais assaltos a bancos. Ou sobre empregados bancários a serem abatidos. Ou nas consequências de existirem dois Executores. Nem no risco de ter de trabalhar sob as ordens de Ivarsson e ter de voltar a adiar o caso de Ellen.

Chega. Não se pensa mais nisso hoje. Amanhã.

Mas as pernas levaram-no até ao corredor, onde os dedos marcaram sozinhos o número de Weber.

– É o Harry. Há alguma novidade?

– Há mesmo. – Weber soava surpreendentemente animado. – Os meninos e as meninas bonzinhos acabam sempre por ter sorte.

– Isso é mesmo uma novidade – respondeu Harry. – Então, conta.

– Beate Lønn ligou-me da Casa da Dor, enquanto estávamos no banco. Tinha começado a ver as cassetes do assalto quando viu algo de interessante. O homem estava muito próximo da divisória de fibra de vidro quando falou. Ela sugeriu que procurássemos indícios de saliva. Só tinha passado meia hora do assalto e assim ainda havia uma hipótese realista de encontrarmos alguma coisa.

– E? – perguntou Harry, impaciente.

– Não havia saliva na divisória.

Harry resmungou.

– Apenas uma micro-gota de respiração condensada.

– A sério?

– Sim, a sério.

– Alguém deve ter andado a dizer regularmente as suas preces nocturnas. Parabéns, Weber.

– Acho que teremos o perfil de ADN dentro de três dias. Depois podemos começar com as comparações. Segundo os meus cálculos, vamos apanhá-lo antes do final da semana.

– Espero que tenhas razão.

– Tenho.

– Bem, obrigado por me salvars o apetite.

Harry desligou e vestiu o casaco. Estava prestes a sair quando se lembrou que não desligara o computador, e voltou ao quarto. Quando ia premir a tecla SHUTDOWN, viu-o. O coração abrandou e o sangue nas suas veias pareceu engrossar. Tinha recebido um *e-mail*. Claro que se poderia ter limitado a desligar o computador. Poderia tê-lo feito, não havia qualquer urgência em o ler. Podia ser de qualquer pessoa. Só havia uma pessoa da qual *não* podia ser. Harry teria adorado já se encontrar a caminho do Schröder's. A descer a Dovregata, a questionar-se acerca do velho par de sapatos que flutuava entre o céu e a terra, a gozar as imagens do seu sonho com Rakel. Esse tipo de coisas. No entanto, agora era demasiado tarde; os seus dedos tinham-no voltado a dominar. As entranhas da máquina zumbiram. Depois surgiu o *e-mail*. Era longo.

Olá, Harry

Mas que cara tão desanimada. Talvez pensasses que não voltarias a saber nada de mim. Bem, a vida é cheia de surpresas, Harry. Uma coisa que Arne Albu já deve ter descoberto, no momento em que estiveres a ler isto. Brutal, não é? Tirar a família a um homem, em especial quando sabes que é a coisa mais importante da vida. Mas ele só se pode culpar a si mesmo. A infidelidade nunca pode ser demasiado castigada, não concordas, Harry? De qualquer maneira, a minha pequena vendetta pára por aqui.

Mas já que foste arrastado para isto como parte inocente, talvez te deva uma explicação. A explicação é relativamente simples. Eu amava Anna. Amava-a mesmo. Aquilo que ela era e aquilo que me dava.

Infelizmente ela não amava aquilo que eu lhe dava. A Grande H. O Grande Sono. Sabias que ela era uma toxicod dependente de pura raça? Como disse, a vida é cheia de surpresas. Apresentei-a às drogas depois de uma das suas – não vamos usar eufemismos – exposições falhadas. E foram as duas feitas uma para a outra; foi amor à primeira picada. Anna foi minha cliente e amante secreta durante quatro anos. Por assim dizer, era impossível separar os dois papéis.

Confuso, Harry? Porque não viste nenhuma marca de agulha quando a despiste, hã? Sim, bem, «o amor à primeira picada» foi mais uma maneira de falar. Anna não suportava agulhas, percebes. Fumávamos a nossa heroína em papel de alumínio de chocolates cubanos. Sai mais caro do que injectá-la. Por outro lado, Anna conseguia-a a preço de retalho enquanto estivesse comigo. Nós éramos – qual é a palavra? – inseparáveis. As lágrimas ainda me vêm aos olhos quando penso nesses tempos. Ela fez tudo o que uma mulher pode fazer por um homem: fodeu-me, alimentou-me, lavou-me, divertiu-me e consolou-me. E suplicou-me. Basicamente, a única coisa que não fez foi amar-me. Como é que isso poderia ser tão difícil, Harry? Afinal, ela amava-te e tu não fazias nem uma merda por ela.

Até consegui amar Arne Albu. E ali estava eu a pensar que ele era apenas um imbecil que Anna estava a esmifrar para pagar a droga a preços normais, e para se afastar de mim um bocado.

Mas depois, numa noite de Maio, liguei-lhe. Acabara de cumprir uma pena por um delito menor, e eu e Anna não falávamos há muito tempo. Disse-lhe que devíamos celebrar. Tinha conseguido material do mais puro do mundo, directamente da fábrica em Chang Rai. Percebi imediatamente pela sua voz que havia alguma coisa que não estava bem. Ela disse que estava tudo terminado. Perguntei-lhe se se estava a referir à H ou a mim, e ela respondeu que a ambos. Tinha começado uma peça artística pela qual seria lembrada, disse, e precisava de se manter lúcida. Como sabes, Anna era um diabo obstinado quando se lhe metia uma coisa na cabeça, por isso aposto que não lhe devem ter encontrado qualquer droga no sangue. Certo?

Depois falou-me desse tipo, Arne Albu. Andavam a encontrar-se e tinham planeado ir viver juntos. Primeiro, ele tinha de resolver as

coisas com a mulher. Já ouviste isso, Harry? Bom, eu também.

Não é estranho como a nossa mente fica focada quando o mundo desaba à nossa volta? Eu sabia o que tinha de fazer ainda antes de pousar o telefone. Vingança. Primitivo? De modo nenhum. A vingança é o reflexo do homem que pensa, uma mistura complexa de acção e consistência, e mais nenhuma espécie animal conseguiu evoluir até esse ponto. Falando de evolução, a prática da vingança tem-se mostrado tão eficaz que apenas os mais vingativos entre nós sobrevivem. Vingança ou morte. Certo, parece o título de um western, mas lembra-te que foi a lógica da retaliação que criou o Estado Constitucional. A promessa santificada de olho por olho, o pecador a arder no inferno, ou pelo menos pendurado da forca. A vingança é a pedra basilar da civilização, Harry.

Por isso, naquela noite sentei-me a trabalhar num plano.

Planeei-o de um modo simples.

Encomendei à Trioiving uma chave para o apartamento de Anna. Não te vou dizer como. Depois de teres saído do apartamento dela, entrei eu. Anna já se tinha ido deitar. Ela, a Beretta M92 e eu tivemos uma conversa longa e elucidativa. Pedi-lhe que procurasse alguma coisa que Arne Albu lhe tivesse dado – um postal, uma carta, um cartão de visita, qualquer coisa. O plano era deixar o objecto junto do corpo dela para que o assassinio pudesse ser associado a ele, mas tudo quanto ela tinha era uma fotografia da família de Albu no chalé, que Anna lhe tirara de um álbum. Achei que aquilo poderia ser demasiado críptico e que talvez precisasses de um pouco de ajuda. Por isso tive uma ideia. O Signor Beretta ajudou-me a convencê-la a dizer como se entrava no chalé de Albu. A chave estava no candeeiro exterior.

Depois de a matar – não vou entrar em pormenores já que foi um anticlímax decepcionante (não houve sinais de medo nem de arrependimento) –, enfiei a fotografia num dos seus sapatos e parti de imediato para Larkollen. Plantei – como por esta altura já o deves ter percebido – a chave sobressalente de Anna no chalé. Pensei em colá-la ao interior do depósito do autoclismo, esse é o meu lugar favorito, onde Michael escondeu a arma n' O Padrinho. Mas é provável que não tivesses imaginação suficiente para procurar aí e, de qualquer maneira, não valia a pena. Por isso, guardei-a na mesa-de-cabeceira. Fácil, não foi?

O cenário estava assim preparado e tu, bem como as outras marionetes, podiam fazer a vossa entrada em cena. Já agora, espero que não te tenhas sentido ofendido pelas pequenas cotoveladas que te dei ao longo do caminho. O nível intelectual dos agentes da polícia não é exactamente perturbador. Isto é, perturbadoramente elevado.

Aproveito para me despedir. Obrigado pela companhia e pela ajuda. Foi um prazer trabalhar contigo, Harry.

S2MN.

Pluvianus Aegyptius

Um carro da polícia estava estacionado junto à porta do prédio de Harry, e outro bloqueava a entrada da Dovregata que conduzia à avenida Sofies.

Tom Waaler dera instruções para não se usarem sirenes ou luzes azuis.

Pelo *walkie-talkie* verificara se estavam todos em posição, e em resposta recebeu confirmações rápidas e cheias de estática. A novidade de Ivarsson era que a folha azul – o mandado de prisão e o de busca – do procurador tinha chegado há quarenta minutos. Waaler dissera especificamente que não queria o grupo Delta, que seria ele mesmo a liderar a operação e já tinha pessoal de prevenção. Ivarsson não se opusera.

Tom Waaler esfregou as mãos. Em parte porque um vento gelado varria a rua do estádio Bislett, mas sobretudo de satisfação. Fazer prisões era a melhor parte do seu trabalho. Já quando era pequeno o percebera. Nas noites de Outono, ele e Joakim ficavam de sentinela no pomar dos pais, atentos à ralé que vivia na cooperativa habitacional e que fazia assaltos às deliciosas maçãs. E a ralé aparecia. Normalmente, em grupos de oito ou dez. No entanto, não fazia qualquer diferença quantos eram, porque era o caos total quando ele e Joakim faziam incidir sobre eles as suas lanternas e gritavam pelos seus megafones caseiros. Seguiam os mesmos princípios dos lobos que caçam renas: escolhiam os mais fracos e pequenos. Mas era o aprisionamento – o encurralar da presa – que fascinava Tom e o castigo aquilo que seduzia Joakim, cuja criatividade nessa área avançara tanto que, por vezes, Tom tinha de o refrear. Não porque Tom sentisse qualquer simpatia para com os ladrões, mas porque, ao contrário de Joakim, conseguia manter a cabeça fria e avaliar as consequências. Era frequente Tom pensar que não fora o acaso que os juntara. Joakim era agora juiz-delegado do circuito dos Tribunais de Oslo com uma carreira brilhante e promissora.

Quando Tom decidira juntar-se à polícia, aquilo que o atraíra fora pensar nas *prisões*. O pai de Tom quisera que ele estudasse medicina, ou teologia como *ele* o fizera. Tom conseguira as melhores notas da sua escola, então porquê transformar-se num simples agente da polícia? Era importante para a própria auto-estima ter uma educação decente, dissera-lhe o pai, e falara-lhe

do irmão mais velho que trabalhava numa loja de ferragens a vender parafusos e a odiar todos porque achava que não era tão bom como os outros.

Tom ouvira os conselhos do pai com o sorriso sarcástico que sabia que aquele odiava. Aquilo que preocupava o pai de Tom não era a sua auto-estima, era aquilo que os vizinhos e a família iriam pensar do facto de o filho se transformar num «mero» polícia. O pai nunca compreendera que se podiam odiar as pessoas mesmo que se fosse melhor que elas. *Porque* se era melhor.

Olhou para o relógio. Treze minutos depois das seis. Premiu uma das campainhas do piso térreo.

– Sim – disse uma voz feminina.

– É a polícia – disse Waaler. – Podia abrir-nos a porta?

– Como é que sei que são da polícia?

Uma paquistanesa, pensou Waaler. Disse-lhe para olhar pela janela e ver os carros-patrolha. O trinco zumbiu.

– E fique dentro de casa – disse pelo intercomunicador.

Waaler colocou um dos seus homens nas traseiras do edifício, junto às escadas de incêndio. Depois de ver a planta do prédio na Intranet, memorizara o local onde se situava o apartamento de Harry e descobrira que não havia nenhuma saída de emergência com a qual se preocupar.

Waaler e dois homens, cada um com uma MP5 pendurada ao ombro, subiram silenciosamente as escadas de madeira. No segundo piso, Waaler parou e apontou para a porta que não tinha – e mal precisava – uma placa com o nome. Olhou para os dois homens. Os peitos de ambos erguiam-se arquejantes sob os uniformes. E não devido às escadas.

Enfiaram as balaclavas. As palavras-chave eram rapidez, eficácia e determinação. Na verdade, a última significava a determinação para ser brutal e, se necessário, matar. Isso raramente era necessário. De modo geral até os criminosos mais endurecidos ficavam totalmente paralisados quando homens mascarados e armados entravam nas suas casas, sem aviso. Em resumo, usavam as mesmas táticas de assaltantes de bancos.

Waaler preparou-se e com a cabeça fez sinal a um dos outros, que bateu suavemente na porta com os nós dos dedos. Aquilo servia para escreverem no relatório que tinham batido primeiro. Tom esmagou o painel de vidro com a coronha da metralhadora, enfiou a mão pelo vidro partido e abriu a porta num único movimento. Gritou quando irromperam os três pelo apartamento. Uma

vogal ou a primeira letra de uma palavra, não tinha a certeza. Apenas sabia que era a mesma coisa que costumava gritar quando ele e Joakim acendiam as lanternas. Aquela era a melhor parte.

– Empadão de carne – disse Maja. Pegou no prato e lançou a Harry um olhar desaprovador. – Nem lhe tocaste.

– Desculpa – disse Harry. – Estou sem fome. Dá os meus cumprimentos ao chefe e diz-lhe que a culpa não é dele. Desta vez.

Maja riu-se ruidosamente e encaminhou-se para a cozinha.

– Maja...

Ela virou-se devagar. Havia algo na voz de Harry, na sua entoação que pressagiava aquilo que vinha a caminho.

– Traz-me uma cerveja, trazes?

Ela continuou em direcção à cozinha. *Não tenho nada que me meter no assunto*, pensou ela. *Limito-me a servir os clientes. Não tenho nada a ver com isso.*

– O que é que se passa, Maja? – perguntou o cozinheiro quando ela esvaziou o prato no caixote de lixo.

– A vida não é minha – disse ela. – É dele. Doido.

O telefone no gabinete de Beate soltou um guincho rouco e ela pegou no auscultador. Ouviu o som de vozes, gargalhadas e o bater de copos. Depois ouviu a voz.

– Estou a incomodar-te?

Por um instante, ela ficou indecisa. A voz soava alienígena. Mas não podia ser outra pessoa.

– Harry?

– O que é que estás a fazer?

– Eu... estou à procura de pistas na Net. Harry...

– Então puseste na Net o vídeo do assalto ao balcão de Grensen?

– Sim, mas tu...

– Há algumas coisas que tenho de te contar, Beate. Arne Albu...

– Óptimo, mas agora ouve-me.

– Pareces-me um pouco preocupada, Beate.

– E estou! – O grito dela irrompeu pelo telefone. Depois mais calma: – Andam atrás de ti, Harry. Tentei ligar-te e avisar-te depois de eles terem saído daqui, mas ninguém atendeu.

– Estás a falar de quê?

– Tom Waaler. Tem um mandado com o teu nome.

– Hã? Vou ser preso?

Nesse momento, Beate percebeu o que havia de diferente na voz de Harry. Ele estivera a beber. Beate engoliu em seco.

– Diz-me onde estás, Harry, que vou aí buscar-te. Depois podemos dizer que te entregaste. Ainda não sei o que se passa mas vou ajudar-te, Harry. Prometo. Harry? Não faças nada estúpido, ok? Estou?

Ficou sentada a ouvir as vozes, as gargalhadas e o bater de copos, depois passos e a voz rouca de uma mulher:

– Fala Maja, do Schröder's.

– Onde...?

– Ele foi-se embora.

SOS

Vigdis Albu acordou ao ouvir *Gregor* a ladrar no exterior. A chuva tamborilava no telhado. Olhou para o relógio. Sete e meia. Devia ter adormecido. O copo à sua frente estava vazio, a casa estava vazia, estava tudo vazio. Não fora assim que ela planeara as coisas.

Levantou-se, dirigiu-se à porta do terraço e olhou para *Gregor*. O animal estava virado para o portão com as orelhas e a cauda viradas para cima. O que é que ela devia fazer? Dá-lo? Mandar abatê-lo? Nem sequer as crianças tinham sentimentos muito fortes por aquela criatura nervosa e hiperactiva. O plano, sim. Olhou para a garrafa de gim meio-vazia sobre a mesa de vidro. Chegara o momento de arranjar um novo plano.

O ladrar de *Gregor* atravessou o ar. *Au, Au!* Arne dizia que aquele ruído irritante era tranquilizador; dava-lhe a vaga sensação de que alguém estava alerta. Dizia que os cães conseguiam cheirar os inimigos, porque esses exalavam um cheiro diferente dos amigos. Decidiu que iria ligar ao veterinário no dia seguinte; estava farta de tomar conta de um cão que ladrava de cada vez que entrava na sala.

Abriu um pouco a porta do terraço e escutou. Por entre o ladrar do cão e a chuva, ouviu o cascalho a ser pisado. Teve apenas tempo para escovar o cabelo e limpar um risco de rímel sob o olho esquerdo antes de a campainha, um presente de boas-vindas dos sogros, libertar as suas três notas do *Messias* de Handel. Tinha a sensação de que sabia quem era. Estava certa. Quase.

– Agente? – disse, genuinamente surpreendida. – Que surpresa agradável.

O homem na entrada estava ensopado. Gotas de água pendiam-lhe das pestanas. Tinha um braço encostado à soleira da porta e olhou para ela sem responder. Vigdis Albu abriu completamente a porta e voltou a semicerrar os olhos:

– Quer entrar?

Conduziu-o até à sala e ouviu o som de sapatos a chapinhar atrás dela. Sabia que ele gostava daquilo que via. Ele sentou-se numa poltrona sem

despir o casaco. Vigdis reparou como o tecido escureceu ao absorver a água.

– Gim, agente?

– Tem Jim Beam?

– Não.

– Gim está ótimo.

Foi buscar os copos de cristal – um presente de casamento dos sogros – e serviu duas bebidas.

– As minhas condolências – disse o polícia a olhá-la com olhos vermelhos e brilhantes, que lhe disseram que aquela não era a primeira bebida que ele ingeria naquele dia.

– Obrigada – disse ela. – *Skål*.

Quando pousou o copo, viu que ele bebera metade do conteúdo do seu. Brincava com o copo, e de repente disse:

– Matei-o.

Vigdis levou instintivamente a mão ao colar. Um presente do marido.

– Não queria que acabasse assim – disse ele. – Mas fui estúpido e descuidado. Conduzi os assassinos directamente até Arne.

Vigdis pressionou o copo contra a boca, de modo que ele não visse que estava prestes a desatar a rir à gargalhada.

– Agora já sabe – disse ele.

– Agora já sei, Harry – sussurrou ela. Pensou ver um indício de surpresa nos seus olhos.

– Esteve a falar com Tom Waaler. – Parecia-se mais com uma declaração do que com uma pergunta.

– Está a referir-se ao detective que pensa que é uma dádiva de Deus para... ele mesmo? Falei com ele. Claro que lhe disse tudo quanto sabia. Não o devia ter feito, Harry?

Ele encolheu os ombros.

– Meti-o em sarilhos, Harry? – Sentou-se no sofá com as pernas enfiadas debaixo dela, e olhou-o através do copo com uma expressão preocupada.

Ele não respondeu.

– Outra bebida?

Harry assentiu.

– Pelo menos, tenho uma boa notícia para si. – Seguiu com os olhos a mão dela enquanto lhe enchia o copo. – Esta noite recebi um *e-mail* de alguém que confessa ter assassinado Anna Bethsen. A pessoa em questão fez-me pensar que fora Arne.

– Isso é óptimo – disse ela. Entornou o gim em cima da mesa. – Oh, céus, deve estar demasiado forte.

– Não parece muito surpreendida.

– Já nada me surpreende. Para lhe ser franca, acho que o Arne não teria coragem para matar ninguém.

Harry esfregou a parte detrás do pescoço.

– Apesar disso. Agora tenho provas de que Anna Bethsen foi assassinada. Esta noite antes de sair de casa, enviei a confissão para um amigo. Tal como todos os outros *e-mails* que recebi. Isso significa que coloquei todas as minhas cartas na mesa, no que se refere à parte que tive em tudo isto. Anna foi uma ex-namorada. O meu problema é que estive com ela na noite em que foi assassinada. Devia ter recusado o seu convite de imediato mas fui estúpido e descuidado, e depois pensei que podia resolver o caso sozinho, ao mesmo tempo que me certificava de que não era arrastado para o assunto. Fui...

– Estúpido e descuidado. Já o disse. – Observou-o pensativamente, enquanto ele acariciava a almofada ao seu lado. – Claro que isso explica muita coisa. No entanto, ainda não consigo perceber por que motivo é um crime passar-se tempo com uma mulher com quem se gostaria de... passar o tempo. Seria melhor que mo explicasse, Harry.

– Bem. – Ele engoliu o líquido brilhante. – Acordei no dia seguinte e não me conseguia lembrar de nada.

– Estou a perceber. – Levantou-se do sofá, aproximou-se dele e ficou de pé à sua frente. – Sabe quem ele é?

Harry encostou a cabeça à poltrona e ergueu os olhos para ela.

– Quando disse que era um «ele»? – As palavras saíram-lhe ligeiramente arrastadas.

Vigdis estendeu uma mão esguia. Harry lançou-lhe um olhar intrigado.

– O casaco – disse ela. – Depois vá directamente até à casa de banho e tome um banho quente. Vou fazer café e ver se lhe encontro alguma roupa seca. Acho que ele não se importaria. Era um homem razoável em muitos aspectos.

– Eu...

– Vamos. Agora.

O abraço quente da água fê-lo estremecer de prazer. As carícias continuaram a subir-lhe pelas coxas acima até lhe atingirem as ancas, e cobriram-lhe a pele de arrepios. Resmungou. Depois baixou o resto do corpo para dentro da água a ferver e recostou-se.

Ouvia a chuva a cair no exterior e tentou distinguir o som dos movimentos de Vigdis Albu, mas ela pusera um disco. Police. *Greatest Hits*, para coroar tudo aquilo. Fechou os olhos.

Sting estava a enviar um SOS. E ao pensar nisso, lembrou-se de que Beate já devia ter lido o *e-mail*. Já devia ter passado a mensagem e a perseguição já devia ter terminado. O álcool fizera com que as pálpebras lhe pesassem, mas de cada vez que fechava os olhos via duas pernas e sapatos italianos feitos à mão a saírem da água quente e fumegante do banho. Procurou atrás da cabeça o copo que colocara na borda da banheira. Quando ligara a Beate do Schröder's tinha bebido apenas duas canecas de cerveja, e isso não estava nem de longe próximo da anestesia de que precisava. Mas onde estava o maldito copo? Perguntou-se se seria Tom Waaler que o estava a caçar. Sabia que ele devia estar ansioso por fazer aquela prisão. Mas Harry só se iria entregar quando todos os pormenores do que acontecera se encontrassem em segurança. A partir daquele momento, não se podia dar ao luxo de confiar em ninguém. Iria resolver as coisas. Mas primeiro, algum tempo longe de tudo. Outra bebida. Perguntar se podia dormir ali, naquela noite. Uma cabeça limpa. Amanhã.

A mão atingiu o copo de cristal pesado, e aquele aterrou no chão lajeado com um som surdo.

Harry praguejou e levantou-se. Quase caiu, mas no último momento conseguiu agarrar-se à parede. Atou uma toalha grossa e felpuda à volta da cintura, e dirigiu-se à sala de estar. A garrafa de gim ainda se encontrava em cima da mesa de centro. Encontrou um copo no bar e encheu-o até à borda. Ouvia a máquina de café. E a voz de Vigdis no vestíbulo. Voltou à casa de banho e pousou cuidadosamente o copo ao lado da roupa que Vigdis deixara ali para ele, um conjunto completo da colecção de Bjørn Borg em azul-claro e branco. Limpou o espelho com a toalha e confrontou os próprios olhos na faixa livre de condensação.

– Idiota – sussurrou.

Sentou-se no chão. Um riacho vermelho corria pela fissura entre os azulejos

até ao ralo. Seguiu o riacho até ao pé direito, onde sangue lhe surgia por entre os dedos. Levantou-se no meio do vidro partido; nem sequer reparara naquilo. Não reparara em nada. Voltou a olhar para o espelho e riu-se.

Vigdis pousou o auscultador. Fora forçada a improvisar, apesar de odiar fazê-lo. Sentia-se fisicamente doente quando as coisas não corriam de acordo com os seus planos. Desde criança que percebera que nada acontecia por acaso. O planeamento era tudo. Ainda se recordava de quando a família se mudara de Slemdal para Skien, na altura em que estava na terceira classe. Ficara de pé em frente da sua nova turma e apresentara-se, enquanto as outras crianças permaneciam sentadas a olhar para ela, para a sua roupa e o estranho saco de plástico que fizera com que algumas das raparigas apontassem e soltassem risadinhas. Durante a última lição do dia escrevera uma lista em que detalhava quais as raparigas da aula que iriam ser as suas melhores amigas, aquelas que iria desprezar, que rapazes se iriam apaixonar por ela e quais os professores que a iriam escolher como melhor aluna. Ao voltar a casa, pendurara a lista por cima da cama e só a tirara no Natal, altura em que já havia um risco ao lado de cada nome.

Mas agora era diferente. Agora estava à mercê de outros para que a vida encaixasse no seu devido lugar.

Olhou para o relógio. Vinte para as dez. Tom Waaler dissera que estaria ali dentro de doze minutos. Prometera desligar as sirenes muito antes de chegar a Slemdal, para que ela não tivesse de se preocupar com os vizinhos. Vigdis nem sequer lhe falara nisso.

Ficou sentada no vestíbulo à espera. Esperava que Hole tivesse adormecido no banho. Voltou a olhar para o relógio. Ouviu a música. Afortunadamente, as desgastantes músicas dos Police tinham terminado e agora Sting cantava músicas do seu álbum a solo, com a sua voz maravilhosa e relaxante. Acerca da chuva... como lágrimas de uma estrela. Era tão bela que quase sentia vontade de chorar.

Depois ouviu *Gregor* a ladrar num tom rouco. Finalmente.

Abriu a porta e saiu para os degraus da entrada conforme combinado. Viu uma figura a atravessar o jardim a correr em direcção ao terraço, e outra a dar a volta até às traseiras da casa. Dois homens vestidos de uniformes negros e armados com semiautomáticas pequenas pararam em frente dela.

– Ainda está no banho? – sussurrou um deles, atrás de uma balaclava preta.
– À esquerda no cimo das escadas?

– Sim, Tom – sussurrou ela em resposta. – E obrigada por ter vindo tão...

Mas eles já tinham entrado.

Fechou os olhos e escutou. Pés a correrem escadas acima, os rosnidos ferozes de *Gregor* vindos do terraço, a voz suave de Sting a cantar «How Fragile We Are», o estrondo da porta da casa de banho a ser pontapeada.

Virou-se e entrou. Subiu as escadas. Em direcção aos gritos. Precisava de uma bebida. Viu Tom no cimo das escadas. Tirara a balaclava, mas o seu rosto estava tão contorcido que mal o reconheceu. Estava a apontar para alguma coisa. Na alcatifa. Baixou os olhos. Um rasto de sangue. Os olhos dela seguiram-no pela sala de estar até à porta aberta do terraço. Não ouviu o que o idiota vestido de preto lhe estava a gritar. *O plano*, era nisso que estava a pensar. *Aquele não era o plano*.

Waltzing Matilda

Harry correu. O ladrar em *staccato* de *Gregor* era como um metrônomo zangado em ruído de fundo, mas, para além disso, tudo quanto o cercava permanecia em silêncio. Os pés nus escorregavam na relva molhada. Estendeu os braços à sua frente enquanto atravessava outra sebe, mal sentindo os espinhos a rasgarem-lhe as palmas das mãos e a roupa de marca Bjørn Borg. Não encontrara a sua roupa nem os sapatos; calculou que Vigdis os levara para o piso térreo onde estava sentada à espera. Enquanto procurava outro par de sapatos ouvira *Gregor* a rosnar baixinho e tivera de fugir como estava, apenas de calças e camisa. A água da chuva entrava-lhe nos olhos e as casas, macieiras e arbustos desfocavam-se à sua frente. Outro jardim surgiu de entre a escuridão. Correu o risco e saltou sobre a vedação baixa. Mas desequilibrou-se. Correr com álcool no sangue. Um relvado bem aparado ergueu-se e atingiu-o no rosto. Ficou ali deitado, à escuta.

Pensou que havia agora uma série de cães a ladrar. Estaria Victor ali? Tão depressa? Waaler devia tê-los mantido de prevenção. Levantou-se e perscrutou o local onde se encontrava. Estava no cimo da colina para a qual se dirigira. Mantivera-se deliberadamente afastado das estradas iluminadas que em breve carros da polícia estariam a patrulhar, e onde poderia ser facilmente detectado. Viu a propriedade de Albu, junto à Bjørnetrâkket. Havia quatro carros no exterior do portão, dois deles com as luzes azuis a rodar. Olhou para ambos os lados da colina. Chamava-se Holmen, ou seria Gressbanen? Algo parecido com isso. Um carro civil estava estacionado em cima do passeio, junto ao cruzamento com os faróis ligados. Harry fora rápido, mas Waaler fora-o ainda mais. Apenas a polícia estacionava daquela maneira.

Esfregou o rosto com força. Tentou livrar-se do anestésico pelo qual ansiara tão recentemente. Uma luz azul piscava entre as árvores em Stasjonsveien. Fora apanhado na rede e esta já se começava a apertar. Não ia conseguir escapar. Waaler era demasiado bom. Mas não estava a perceber muito bem o que se passava. Aquele não podia ser um espectáculo a solo. Alguém devia ter autorizado a utilização daqueles recursos enormes para prender um único homem. O que é que acontecera? Não teria Beate recebido o *e-mail* que ele lhe enviara?

Escutou. Não havia dúvida de que se ouviam mais cães. Olhou em volta. Para as vivendas iluminadas e espalhadas pela colina escura. Pensou nos quartos quentes e aconchegados atrás das janelas. Os noruegueses gostavam de luzes. E tinham electricidade. Só a desligavam quando estavam de férias, no Sul. O seu olhar saltou de casa para casa.

Tom Waaler ergueu os olhos para as casas isoladas que decoravam a paisagem como luzes de Natal. Jardins grandes e escuros. Esplêndidos. Tinha os pés pousados em cima do tabliê da carrinha especialmente transformada de Victor. Estava preparada com o melhor equipamento de comunicação disponível, por isso mudara o controle da operação para ali. Estava em contacto via rádio com todas as unidades que fechavam o círculo à volta daquela área. Olhou para o relógio. Os cães tinham saído; dentro de pouco tempo ter-se-iam passado dez minutos desde que tinham penetrado na escuridão com os seus tratadores, a moverem-se através dos jardins.

O rádio crepitou:

– Stasjonsveien para Victor zero um. Temos aqui um carro com um tal Stig Antonsen, que vai a caminho de Revehiven 17. De regresso do trabalho, diz. Devemos...?

– Verifiquem a identificação e a morada, e deixem-no passar – disse Waaler. – Isto aplica-se a vocês todos, ok? Usem a cabeça.

Waaler tirou um CD do bolso de cima e enfiou-o no leitor. Vários *falsettos*. Prince cantava «Thunder». O homem no assento do condutor ao seu lado ergueu uma sobrancelha, mas Waaler fingiu não reparar e aumentou o volume. Verso. Refrão. Verso. Refrão. Música seguinte: «Pop Daddy». Waaler voltou a olhar para o relógio. Merda, os cães estavam a demorar tanto tempo. Bateu no tabliê. O que lhe mereceu outro olhar de soslaio do condutor.

– Eles têm um rasto fresco de sangue para seguir – disse Waaler. – Será que é assim tão difícil?

– São cães, não são robôs – disse o homem. – Tem calma, daqui a pouco apanham-no.

O artista que seria para sempre conhecido como Prince ia a meio do «Diamonds and Pearls» quando a informação chegou.

– Victor zero três para Victor zero um. Acho que o apanhámos. Estamos no exterior de uma casa branca... hm, Erik está a tentar descobrir como se chama a rua, mas de qualquer maneira o muro tem o número 16.

Waaler baixou a música.

– Ok. Vejam lá se descobrem o nome e esperem por nós. Que som é que estou a ouvir?

– Vem da casa.

O rádio crepitou.

– Stasjonsveien para Victor um. Desculpa a interrupção, mas está aqui um veículo de uma empresa de segurança. Disseram que vão a caminho do número 16 na Harelabben. O controle central deles registou um alarme contra assaltos emitido da casa. Devo...?

– Victor zero um a todas as unidades! – gritou Waaler. – Avancem. Harelabben 16.

Bjarne Møller estava com uma disposição terrível. No meio do seu programa de televisão favorito! Encontrou a casa branca, número 16, estacionou no exterior, passou pelo portão e subiu até à porta aberta onde um agente da polícia estava de guarda com um lobo da Alsácia preso por uma trela.

– Waaler está aqui? – perguntou o PAS. O agente apontou para a porta. Møller reparou que o vidro da janela do vestíbulo estava partido. Waaler encontrava-se junto à entrada numa discussão enfurecida com outro agente. – Mas que raio se passa aqui? – perguntou Møller sem mais preâmbulos.

Waaler virou-se.

– O que é que te traz aqui, Møller?

– Uma chamada de Beate Lønn. Quem autorizou esta cretinice?

– O nosso procurador.

– Não estou a falar do mandado. Estou a perguntar quem deu autorização para se iniciar a Terceira Guerra Mundial porque um dos teus colegas pode, *pode!*, ter algumas coisas a explicar.

Waaler baloiçou-se sobre os calcanhares enquanto olhava Møller nos olhos.

– O PAS Ivarsson. Encontrámos algumas coisas em casa de Harry que fazem com que ele se transforme em alguém com muito interesse. É suspeito de homicídio. Queres saber mais alguma coisa, Møller?

Møller ergueu uma sobrancelha com uma expressão surpreendida e concluiu que Waaler devia estar muito irritado. Era a primeira vez que o ouvia falar com um superior de um modo tão provocador.

– Sim. Onde está Harry?

Waler apontou para as pegadas vermelhas no chão de *parquet*.

– Esteve aqui. Arrombou a casa, como podes ver. Começa a ter muito para explicar, não achas?

– Perguntei onde é que ele está agora.

Waler e o outro agente da polícia trocaram um olhar.

– Parece que Harry não está com muita vontade de se explicar. O pássaro voou quando chegámos.

– Oh? Fiquei com a sensação de que vocês cercaram toda a zona.

– E cercámos – respondeu Waler.

– Então como é que ele conseguiu fugir?

– Com isto. – Waler apontou para o telefone sobre a mesa. O auscultador estava manchado com aquilo que parecia ser sangue.

– Ele conseguiu fugir porque usou o telefone? – Tendo em consideração a sua má disposição e a seriedade do caso, Møller sentiu uma vontade irracional de sorrir.

– Temos motivos para acreditar – disse Tom, enquanto Møller observava a poderosa musculatura do maxilar à David Hasselhoff a tornar-se mais tensa – que chamou um táxi.

Øystein desceu lentamente o beco e virou o táxi para o semicírculo empedrado em frente da prisão de Oslo. Fez marcha atrás entre dois veículos, a traseira de frente para o parque de estacionamento vazio e a Grønlandsleiret. Virou a chave na ignição e desligou o motor, mas os limpa-pára-brisas continuaram a mover-se para a frente e para trás. E esperou. Não havia ninguém por ali, nem na praça nem no parque. Olhou para o Quartel-general da Polícia antes de puxar a alavanca debaixo do volante. Ouvia-se um clique e o porta-bagagens abriu-se.

– Podes sair! – gritou, a olhar pelo retrovisor.

O carro sacudiu-se, o porta-bagagens abriu-se por completo e voltou a fechar-se. Depois também a porta das traseiras se abriu e um homem saltou para o interior. Øystein observou o passageiro ensopado e trémulo, pelo retrovisor.

– Estás com óptimo aspecto, Harry.

– Obrigado.

– Equipamento fixe também.

– Não é do meu tamanho, mas é um Bjørn Borg. Empresta-me os teus sapatos.

– Hã?

– Só consegui encontrar pantufas no vestíbulo. Não posso ir visitar alguém à prisão de pantufas. Empresta-me também o teu casaco.

Øystein rolou os olhos e despiu com esforço o blusão de cabedal curto.

– Tiveste algum problema em passares pelos bloqueios de estrada? – perguntou Harry.

– Só ao entrar. Verificaram se eu sabia o nome e a morada da pessoa a quem ia entregar a encomenda.

– Encontrei o nome na porta.

– Quando saí, limitaram-se a olhar para dentro do carro e fizeram-me sinal para avançar. Passaram-se trinta segundos, e depois ouviu-se o raio de uma confusão pela rádio. A chamarem todas as unidades e por aí fora. Eh, eh.

– Pensei ter ouvido qualquer coisa lá atrás. Sabes que é ilegal sintonizares o rádio da polícia, não sabes, Øystein?

– Bom, não é ilegal sintonizá-lo. É ilegal usá-lo. E eu quase nunca o utilizo.

Harry atou os atacadores dos sapatos e atirou as pantufas por cima do assento para Øystein.

– Vais encontrar a tua recompensa no céu. Se eles ficaram com o número do táxi e receberes uma visita, tens de lhes dizer o que é que aconteceu. Recebeste uma reserva via telemóvel e o passageiro insistiu em deitar-se no porta-bagagens.

– Absolutamente. E isso é mesmo verdade.

– A coisa mais verdadeira que oiço há muito tempo.

Harry respirou fundo e pressionou o botão. Não corria muitos riscos naquela primeira fase, mas era difícil saber com que rapidez tinha corrido a notícia que ele era um homem procurado. Afinal, os agentes da polícia andavam sempre a entrar e a sair da prisão.

– Sim – disse uma voz pelo intercomunicador.

– Inspector Harry Hole – disse Harry a enfatizar o nome. Olhou para a câmara acima da entrada com aquilo que esperava ser uma expressão

tranquila. – Para falar com Raskol Baxhet.

– Não se encontra na minha lista.

– A sério? – disse Harry. – Pedi a Beate Lønn para vos ligar e dizer que eu vinha fazer uma visita. Ontem à noite, às nove horas. Perguntem a Raskol.

– Se for fora do horário habitual de visitas, tem de estar na lista, inspector. Vai ter de ligar amanhã durante as horas de expediente.

Harry mudou o peso de um pé para o outro.

– Como é que se chama?

– Bøygset. Receio que não possa...

– Oiça, Bøygset. Esta visita está relacionada com informações respeitantes a um importante caso da polícia e não pode esperar até amanhã. Presumo que ouviu esta noite as sirenes à volta do Quartel-general, não ouviu?

– Sim, mas...

– Certo, então a não ser que queira responder amanhã às perguntas dos jornais pelo modo como deu cabo de tudo, sugiro que saiamos do modo robotizado e passemos ao modo de senso comum. Esse encontra-se no botão mesmo à sua frente, Bøygset.

Harry fixou o olho sem vida da câmara. Mil e um, mil e dois. O trinco zumbiu.

Quando Harry entrou, Raskol estava sentado numa cadeira na sua cela.

– Obrigado por ter confirmado a minha visita – disse Harry, olhando em volta da cela de quatro por dois metros. Uma cama, uma secretária, dois armários, alguns livros. Nenhum rádio, nem revistas, nem objectos pessoais, paredes nuas.

– Gosto dela assim – disse Raskol em resposta aos pensamentos de Harry. – Ajuda-me a concentrar.

– Então veja lá se isto também o ajuda – disse Harry, a sentar-se à beira da cama. – Afinal, Arne Albu não matou Anna. Apanhou o homem errado. Tem sangue inocente nas mãos, Raskol.

Harry não tinha a certeza, mas pareceu-lhe detectar o mais ínfimo dos estremecimentos na máscara de mártir amável, mas frio, do cigano. Raskol baixou a cabeça e apertou as têmporas com as palmas das mãos.

– Recebi um *e-mail* do assassino – disse Harry. – Descobri que ele me

andou a manipular desde o primeiro dia. – Passou a mão ao longo do padrão de linhas entrelaçadas do edredão, enquanto resumia aquilo que se encontrava no *e-mail*. E continuou com um resumo dos acontecimentos do dia.

Raskol manteve-se imóvel a ouvir Harry até este ter terminado. Depois disso, levantou a cabeça.

– Isso significa que também tem sangue inocente nas mãos, *Spiuni*.

Harry assentiu.

– Agora veio até aqui para me dizer que fui eu que lhe manchei as mãos. E que, por isso, estou em dívida consigo.

Harry não respondeu.

– Concordo – disse Raskol. – Diga-me o que lhe devo.

Harry deixou de acariciar o edredão.

– Três coisas. Primeiro, preciso de um lugar onde me esconder até conseguir chegar ao fundo deste assunto.

Raskol assentiu.

– Segundo, preciso da chave do apartamento de Anna para verificar algumas coisas.

– Já lha devolvi.

– Não a chave com o A. A., essa está numa cómoda em minha casa, e agora não posso ir buscá-la. E terceiro...

Harry interrompeu-se e Raskol estudou-lhe o rosto com curiosidade.

– Se Rakel me disser que alguém olhou nem que fosse de lado para eles, eu entrego-me, ponho as cartas na mesa e denuncio-o como o homem atrás do homicídio de Arne Albu.

Raskol lançou-lhe um sorriso indulgente e amistoso. Como se por causa de Harry, se arrependesse de algo acerca do qual estavam ambos perfeitamente cientes – o facto de ser impossível a alguém conseguir encontrar qualquer ligação entre Raskol e o homicídio.

– Não tem de se preocupar com Rakel e Oleg, *Spiuni*. Dei instruções ao meu contacto para mandar retirar o seu pessoal no momento em que se tratou de Albu. Você devia estar mais preocupado com o resultado do julgamento. O meu contacto diz que as perspectivas não parecem muito boas. Ouve dizer que a família do pai tem certas ligações.

Harry baixou os ombros.

Raskol abriu a gaveta da secretária, tirou a reluzente chave-sistema Trioiving e entregou-a a Harry.

– Vá até à estação de metro de Grønland. Desça o primeiro lance de escadas e encontrará uma velha sentada atrás de uma janela, junto às casas de banho. Vai precisar de cinco kroner para entrar. Diga-lhe que Harry chegou, entre na casa de banho dos homens e feche-se num dos cubículos. Quando ouvir alguém entrar a assobiar «Waltzing Matilda», isso significa que o seu transporte está pronto. Boa sorte, *Spiuni*.

A chuva caía com tanta força que um chuveiro fino erguia-se do alcatrão, e se alguém se tivesse dado ao trabalho de olhar, teria visto pequenos arco-íris nos feixes de luz dos candeeiros de rua ao fundo da via de sentido único, na avenida Sophies. Contudo, Bjarne Møller não se deu a esse trabalho. Saiu do carro, levantou o casaco acima da cabeça e atravessou a rua a correr até à porta onde Ivarsson, Weber e um homem, aparentemente de origem paquistanesa, estavam à sua espera.

Møller apertou mãos e o homem de pele escura apresentou-se como Ali Niazi, vizinho de Harry.

– Waaler virá aqui ter assim que tiver tratado das coisas em Slemdal – disse Møller. – O que é que encontraram?

– Receio que coisas bastante sensacionais – disse Ivarsson. – Agora o mais importante é decidirmos como vamos informar a imprensa que um dos nossos agentes...

– Calma aí – disse Møller. – Mais devagar. Que tal primeiro um relatório?

Ivarsson esboçou um ligeiro sorriso.

– Vem comigo.

O chefe da Unidade de Assaltos conduziu os outros três homens pela porta baixa e desceu uma escadaria sinuosa até à cave. Møller enfiou o corpo longo e magro o melhor que lhe foi possível pela porta, para evitar tocar no tecto ou nas paredes. Não gostava de caves.

A voz de Ivarsson era um eco abafado entre as paredes de tijolo.

– Como sabem, Beate Lønn recebeu um certo número de *e-mails* que lhe foram reenviados por Harry. Ele afirma que os recebeu de uma pessoa que confessou ter assassinado Anna Bethsen. Estive no Quartel-general da Polícia e li os *e-mails* há uma hora. Para ser franco, são na sua grande parte uma

algaraviada incompreensível e sem nexos. Mas contém informações que o indivíduo que os escreveu não poderia possuir sem um conhecimento íntimo daquilo que se passou na noite em que Anna Bethsen morreu. Apesar de as informações colocarem Hole no apartamento naquela noite, aparentemente também lhe dão um álibi.

– Aparelmente? – Møller baixou-se sob outra entrada. No interior, o tecto era ainda mais baixo e ele avançou dobrado, a tentar não pensar que acima de si se encontravam quatro pisos de materiais de construção mantidos juntos por ferros e argamassa com séculos de antiguidade. – O que é que queres dizer com isso, Ivarsson? Não disseste que os *e-mails* continham uma confissão?

– Antes de mais, revistámos o apartamento de Hole – disse Ivarsson. – Ligámos o computador, abrimos a caixa de correio e encontrámos todos os *e-mails* que ele recebeu. Semelhantes àqueles que enviou a Beate Lønn. Por outras palavras, um álibi aparente.

– Já ouvi isso – disse Møller com uma irritação óbvia. – Podemos chegar mais depressa àquilo que nos interessa?

– É claro que aquilo que nos interessa é a pessoa que enviou estes *e-mails* a Harry.

Møller ouviu vozes.

– Contornem aquela esquina – disse o homem que se apresentara como vizinho de Harry.

Pararam em frente de uma arrecadação. Dois homens estavam agachados atrás de uma rede metálica. Um fazia incidir uma lanterna na parte de trás de um portátil enquanto lia o número de série e o outro anotava o número. Møller viu dois cabos eléctricos que saíam de uma tomada na parede, um que se dirigia ao portátil e o outro a um telemóvel Nokia arranhado, que pelo seu lado estava ligado ao portátil.

Møller endireitou-se tanto quanto lhe foi possível.

– E o que é que isto prova?

Ivarsson pousou uma mão no ombro do vizinho de Harry.

– Ali contou-nos que esteve na cave alguns dias depois da morte de Anna Bethsen, e que essa foi a primeira vez em que viu este portátil ligado ao telemóvel na arrecadação de Harry. Já verificámos o telefone.

– E?

– É de Hole. Estamos agora a tentar descobrir quem comprou o portátil. De

qualquer maneira, já verificámos os *e-mails* enviados.

Møller fechou os olhos. Já lhe doíam as costas.

– E lá estavam eles. – Ivarsson sacudiu a cabeça, vingativo. – Todos os *e-mails* que Harry estava a tentar fazer-nos acreditar que um qualquer assassino misterioso lhe enviara.

– Hm – disse Møller. – Isso não me parece lá muito bom.

– Weber encontrou a verdadeira prova no apartamento dele.

Møller olhou para Weber em busca de orientação e este, com uma expressão sombria, levantou um pequeno saco de plástico transparente.

– Uma chave? – disse Møller. – Com as iniciais A. A.?

– Encontrada na gaveta da mesa do telefone – disse Weber. – É igual à do apartamento de Anna Bethsen.

Møller olhou apático para Weber. A luz dura da lâmpada nua dava aos seus rostos a mesma cor pálida e mortal das paredes caiadas, e Møller teve a sensação de que se encontrava numa cripta mortuária.

– Tenho de sair daqui – murmurou.

Spiuni Gjerman

Harry abriu os olhos, olhou para o rosto sorridente da rapariguinha e sentiu a primeira martelada.

Voltou a fechar os olhos, mas nem as gargalhadas da criança nem a dor de cabeça desapareceram.

Tentou reconstituir a noite.

Raskol, a casa de banho da estação de metro, um homem enfiado num fato Armani puído a assobiar, uma mão estendida com anéis de ouro, pêlos pretos e uma longa unha afiada no dedo mindinho. «Olá, Harry, sou o seu amigo Simon.» E em contraste com o fato gasto: um Mercedes reluzente e novo com um motorista que parecia ser o irmão de Simon com os mesmos olhos castanhos alegres, e o mesmo aperto de mão peludo e cheio de ouro.

Os dois homens sentados na parte da frente do carro tinham falado um com o outro numa mistura de norueguês e sueco com a curiosa entoação habitual no pessoal circense, vendedores de facas, pregadores e vocalistas de grupos de baile. Mas não tinham dito muito. «Como estás, meu amigo?» «Um tempo terrível, hã?» «Roupa muito elegante, meu amigo. Queres trocar?» Gargalhadas animadas e o acender de um isqueiro. Harry fumava? Cigarros russos. Fume um, por favor, talvez um pouco ásperos mas «bons à sua maneira, percebe?» Mais gargalhadas. Ninguém mencionara o nome de Raskol nem para onde se dirigiam.

Que afinal não era muito longe.

Viraram junto ao Museu Munch e saltaram sobre os buracos da estrada até entrarem num parque de estacionamento de um campo de futebol deserto e enlameado. Na extremidade do parque de estacionamento, encontravam-se três caravanas. Duas grandes e novas e uma mais pequena e velha, sem rodas, apoiada sobre blocos de cimento.

A porta de uma das caravanas maiores abriu-se, e Harry viu a silhueta de uma mulher. Cabeças de criança espreitavam atrás dela. Harry contou cinco.

Disse que não tinha fome e sentou-se a um canto a vê-los comer. A comida foi servida pela mais jovem das duas mulheres da caravana, e foi ingerida

rapidamente e sem cerimónias. As crianças olhavam para Harry, ao mesmo tempo que soltavam risadinhas e se acotovelavam. Harry piscou-lhes um olho e tentou sorrir, enquanto as sensações regressavam lentamente ao seu corpo rígido e dormente. O que não era uma boa notícia já que era um corpo de dois metros e todos os centímetros lhe doíam. Depois disso, Simon dera-lhe dois cobertores de lã e uma palmadinha amistosa no ombro, e com a cabeça apontara para a caravana mais pequena.

– Não é o Hilton mas aqui está em segurança, meu amigo.

Qualquer calor que ainda restava no corpo de Harry desapareceu assim que entrou na caravana, que se assemelhava a um frigorífico com o formato de um ovo. Descalçara os sapatos de Øystein que eram, pelo menos, um número abaixo do seu, esfregou os pés e tentou arranjar espaço para as pernas compridas na cama curta. A última coisa de que se lembrava fora de tentar despir as calças molhadas.

– Eh-eh-eh.

Harry voltou a abrir os olhos. O pequeno rosto moreno desaparecera e agora as gargalhadas vinham do exterior através da porta aberta, por onde entrava uma faixa de sol que incidia na parede atrás dele e nas fotografias ali pregadas. Harry soergueu-se sobre os cotovelos e olhou para elas. Uma mostrava dois rapazinhos com os braços à volta um do outro, em frente da caravana na qual se encontrava agora. Pareciam satisfeitos. Não, mais que isso. Pareciam felizes. Talvez fosse por isso que Harry mal reconheceu um Raskol jovem.

Rodou as pernas para fora do beliche e decidiu ignorar a dor de cabeça. Para se certificar de que o estômago estava bem, ficou sentado durante alguns segundos. Já passara por situações muito piores do que as do dia anterior, muito piores. Durante a refeição da noite anterior estivera prestes a perguntar se tinham alguma coisa mais forte para beber, mas conseguira conter-se. Talvez o seu corpo fosse capaz de tolerar melhor a bebida, agora que se encontrava sóbrio há tanto tempo.

A sua pergunta foi respondida assim que saiu da caravana.

As crianças olharam-no espantadas, quando Harry se apoiou ao eixo do reboque e vomitou na relva castanha. Tossiu, cuspiu algumas vezes e limpou a boca com as costas da mão. Quando se virou, Simon estava atrás dele com um sorriso aberto no rosto, como se esvaziar o estômago fosse o modo mais natural de se iniciar um dia.

– Comida, meu amigo?

Harry engoliu em seco e assentiu.

Simon emprestou a Harry um fato amarrotado, uma camisa limpa com um colarinho largo e um par de óculos escuros grandes. Entraram no Mercedes e subiram a Finnmarkgata. Junto aos semáforos na Carl Berners plass, Simon desceu a janela e gritou a um homem que se encontrava de pé no exterior de um quiosque a fumar um charuto. Harry teve a vaga sensação de que já vira o homem anteriormente. Pela sua experiência, sabia que era frequente aquela sensação significar que o homem tinha cadastro. O homem riu-se e gritou algo em resposta, que Harry não apanhou.

– Um conhecido? – perguntou.

– Um contacto – respondeu Simon.

– Um contacto – repetiu Harry, a observar do outro lado do cruzamento um carro-patrolha que esperava que o sinal mudasse.

Simon virou para oeste em direcção ao Hospital Ullevål.

– Diga-me – disse Harry –, que tipo de contactos é que Raskol tem em Moscovo que conseguem encontrar uma pessoa numa cidade com vinte milhões com um simples estalar dos dedos? – Harry estalou os dedos. – É a máfia russa?

Simon riu-se.

– Talvez. Se não se conseguir arranjar ninguém melhor para se encontrar uma pessoa.

– O KGB?

– Se bem me lembro, meu amigo, esse já não existe. – Simon riu-se ainda mais ruidosamente.

– O especialista de assuntos russos do POT disse-me que ainda são os homens do ex-KGB que dirigem o espectáculo.

Simon encolheu os ombros.

– Favores, meu amigo. E retribuição de favores. Trata-se apenas disso, percebe?

Harry perscrutou a rua. Uma carrinha passou acelerada. Pedira a Tess – a menina de olhos castanhos que o acordara – para correr até Tøyen para lhe comprar exemplares do *Dagbladet* e do *Verdens Gang*, mas em nenhum deles surgia a notícia a respeito de um agente da polícia procurado. Isso não significava que se pudesse mostrar em todo o lado porque, a não ser que

estivesse muito enganado, devia haver uma fotografia sua em cada carro da polícia.

Harry avançou rapidamente até à porta, enfiou a chave de Raskol na fechadura e virou-a. Tentou não fazer qualquer ruído no patamar. Havia um jornal no exterior da porta de Astrid Monsen. Assim que entrou no apartamento de Anna, fechou suavemente a porta atrás de si e respirou fundo.

Não penses naquilo que estás a procurar.

O apartamento cheirava a bafio. Dirigiu-se à divisão mais afastada. Nada fora tocado desde a última vez em que ali estivera. A poeira dançava à luz do sol que entrava pela janela e iluminava os três quadros. Parou em frente deles. Havia algo de estranhamente familiar nas cabeças contorcidas. Aproximou-se dos quadros e passou as pontas dos dedos sobre os montículos de tinta de óleo. Se estavam a falar com ele, não compreendia o que queriam dizer.

Dirigiu-se à cozinha.

Cheirava a lixo e a gordura rançosa. Abriu a janela e vasculhou os pratos e talheres que se encontravam no lava-loiça. Tinham sido enxaguados, mas não lavados. Examinou os restos de comida endurecida com um garfo. Soltou uma pequena partícula vermelha do molho. Enfiou-a na boca. Pimento *japone*.

Dois copos de vinho grandes atrás de uma caçarola. Um tinha no fundo um sedimento vermelho e fino, enquanto o outro parecia não ter sido usado. Harry enfiou o nariz no interior, mas apenas conseguiu sentir o cheiro morno do copo. Ao lado dos copos de vinho, havia dois copos normais. Encontrou um pano da loiça para poder erguer os copos contra a luz sem deixar impressões digitais. Um estava limpo, o outro tinha um revestimento pegajoso. Raspou o revestimento com a unha e sugou o dedo. Açúcar. Com sabor a café. Coca-Cola? Harry fechou os olhos. Vinho e Coca-Cola? Não. Água e vinho para uma pessoa. Coca-Cola e um copo que não fora usado para a outra. Envolveu o copo no pano e enfiou-o no bolso do casaco. Seguindo um impulso, dirigiu-se à casa de banho, desaparafusou a tampa do depósito do autoclismo e tateou o interior. Nada.

De regresso à rua, viu que tinham surgido nuvens a ocidente e o ar estava mais frio. Mordeu o lábio inferior. Tomou uma decisão e encaminhou-se para a avenida Vibes.

Harry reconheceu de imediato o jovem atrás do balcão da loja de chaves.

– Bom dia, sou da polícia – disse Harry, esperando que o rapaz não lhe pedisse para ver a identificação que se encontrava no casaco que deixara em

casa de Vigdis Albu, em Slemdal.

O jovem pousou o jornal.

– Eu sei.

Por um instante, Harry sentiu-se avassalado pelo pânico.

– Lembro-me de que veio aqui buscar uma chave. – O rapaz esboçou um sorriso aberto. – Lembro-me de todos os meus clientes.

Harry pigarreou.

– Bom, não sou bem um cliente.

– Oh?

– Não, a chave não era para mim. Mas não é por esse motivo que...

– Devia ser para si – interrompeu-o o rapaz. – Era uma chave-sistema, não era?

Harry assentiu. Na extremidade da sua visão periférica, viu um carro-patrolha a passar lentamente.

– Era acerca de chaves-sistema que lhe queria colocar algumas questões. Estava a perguntar-me como é que um intruso consegue arranjar uma cópia de uma chave-sistema como esta. Uma chave Trio Ving, por exemplo.

– Não consegue – disse o rapaz com a convicção absoluta de alguém que lê revistas ilustradas de ciência. – Apenas a Trio Ving consegue fazer uma cópia funcional. Assim, a única maneira é falsificar uma autorização escrita da cooperativa habitacional. Mas até isso seria descoberto quando viesse buscar a chave, porque iríamos pedir uma identificação e depois iríamos compará-la com a lista de proprietários de apartamentos do edifício.

– Mas eu vim buscar uma dessas chaves-sistema. E era uma chave para outra pessoa.

O rapaz franziu a testa.

– Não, eu lembro-me claramente que mostrou a sua identificação e que eu verifiquei o nome. De quem era a chave que veio buscar?

No reflexo da porta de vidro por trás do balcão, Harry viu o mesmo carro-patrolha a passar na direcção oposta.

– Esqueça isso. Há alguma outra maneira de se conseguir uma cópia?

– Não. A Trio Ving, o fabricante destas chaves, apenas recebe encomendas

de representantes autorizados como nós. E, como já disse, nós verificamos a documentação e mantemo-nos atentos às chaves encomendadas por todas as propriedades partilhadas e cooperativas habitacionais. O sistema é bastante seguro.

– Sim, parece que é. – Irritado, Harry esfregou o rosto. – Liguei há algum tempo e disseram-me que uma mulher que vive em Sorgenfrigata recebeu três chaves para a sua casa. Encontrámos uma no seu apartamento, ela deu a segunda a um electricista que supostamente ia arranjar alguma coisa, e a terceira encontrámo-la noutro sítio. O que se passa é que não acredito que ela tenha encomendado a terceira chave. Pode-me verificar isso?

O rapaz encolheu os ombros.

– Claro que posso, mas porque não lho pergunta directamente?

– Alguém lhe deu um tiro na cabeça.

– Ups – disse o rapaz, sem sequer pestanejar.

Harry imobilizou-se de repente. Sentira alguma coisa. O mais ténue dos arrepios. Talvez uma corrente de ar vinda da porta? O suficiente para lhe pôr os cabelos em pé. O som de um pigarrear hesitante. Não ouvira ninguém entrar. Sem se virar, tentou ver quem era mas daquele ângulo era impossível.

– Polícia – disse uma voz alta e aguda atrás dele. Harry engoliu em seco.

– Sim? – respondeu o rapaz, a olhar por cima do ombro de Harry.

– Estão lá fora – disse a voz. – Dizem que arrombaram a casa a uma senhora idosa no número 14. Ela precisa de uma fechadura para já, por isso queria saber se pode enviar imediatamente alguém.

– Bem, é melhor ires com eles, Alf. Como vês, estou ocupado.

Harry ouviu atento até os passos se afastarem.

– Anna Bethsen. – Ouviu-se a sussurrar. – Pode verificar se ela veio buscar pessoalmente todas as chaves?

– Não preciso de o fazer. Ela *deve* tê-las vindo buscar.

Harry inclinou-se sobre o balcão.

– De qualquer maneira, pode verificá-lo?

O jovem soltou um suspiro profundo e desapareceu nas traseiras da loja. Voltou com um dossiê que começou a folhear.

– Veja você mesmo – disse. – Aqui, aqui e aqui.

Harry reconheceu os formulários de entrega. Eram idênticos àquele que assinara quando fora buscar a chave de Anna. Mas todos os formulários estavam assinados por Anna. Estava prestes a perguntar onde estava o formulário que ele mesmo assinara, quando reparou nas datas.

– Diz aqui que a última chave foi recolhida em Agosto – disse ele. – Mas isso foi muito tempo antes de eu aqui vir e...

– Sim?

Harry olhou para o ar.

– Obrigado – disse. – Já encontrei aquilo de que precisava.

No exterior, o vento aumentara. Harry fez a chamada de uma das cabines públicas na Valkyrie plass.

– Beate?

Duas gaivotas voaram em direcção ao vento acima da torre da escola Seamen e ficaram ali a pairar. Sob as gaivotas estendia-se o fiorde de Oslo, que tomara uma agoirenta tonalidade verde-escura, e Ekeberg onde as duas pessoas sentadas no banco eram pontos minúsculos.

Harry acabara de falar a respeito de Anna Bethsen. A respeito da altura em que se tinham conhecido. A respeito da última noite, uma parte da qual se recordava. A respeito de Raskol. Beate acabara de lhe dizer que tinham conseguido encontrar o rasto da compra do portátil. Fora comprado três meses antes na loja Expert, junto ao Cinema Colosseum. A garantia fora passada em nome de Anna Bethsen. E o telemóvel que estivera ligado a ele era aquele que Harry continuava a dizer que perdera.

– Odeio os guinchos das gaivotas – disse Harry.

– É só isso que tens para dizer?

– Neste momento, sim.

Beate levantou-se.

– Eu não devia estar aqui, Harry. Não me devias ter ligado.

– Mas estás aqui. – Harry desistiu de tentar acender o isqueiro contra o vento. – Isso significa que acreditas em mim. Não significa?

A resposta de Beate foi erguer os braços, zangada.

– Não sei mais que tu – disse Harry. – Nem sei com toda a certeza se não terei morto Anna.

As gaivotas afastaram-se e executaram um elegante rodopiar na ondulação do vento.

– Diz-me mais uma vez aquilo que sabes – disse Beate.

– Sei que esse tipo conseguiu de algum modo obter as chaves do apartamento de Anna, para poder entrar e sair na noite do homicídio. Quando saiu, levou o portátil de Anna e o meu telemóvel.

– O que é que o teu telemóvel estava a fazer no apartamento dela?

– Deve ter caído do meu casaco durante a noite. Como te contei, tinha bebido um pouco.

– E depois?

– O plano original dele era simples. Ir de carro até Larkollen e plantar no chalé de Arne Albu a chave que usara. Presa a um porta-chaves com as iniciais A. A., de modo que ninguém pudesse ter quaisquer dúvidas. No entanto, quando encontrou o meu telemóvel percebeu subitamente que podia alterar um pouco o plano. Fazer com que parecesse que fora eu quem assassinara Anna, e que depois arranjava as coisas de modo a que as culpas recaíssem sobre Albu. Depois utilizou o meu telemóvel para se ligar a um servidor no Egipto e começou a enviar-me *e-mails*, de uma maneira que era impossível descobrir o rasto de quem os enviava.

– E se lhe encontrassem o rasto, este conduziria a...

– A mim. Contudo, eu não teria descoberto que havia algo de errado até receber a conta seguinte da Telenor. Provavelmente nem nessa altura, já que não as leio com muita atenção.

– Nem cancelas os serviços quando perdes o telefone.

– Hm. – Harry levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro. – O que é mais difícil de compreender é o modo como conseguiu entrar na minha cave. Vocês não encontraram quaisquer sinais de arrombamento e ninguém no meu edifício teria deixado entrar um intruso. Na verdade ele só precisava de uma única chave, já que também usamos uma chave-sistema que serve para a porta de entrada, para o sótão, a cave e apartamento, mas não é fácil arranjar uma. E a chave do apartamento de Anna também era uma chave-sistema...

Harry parou e olhou para sul. Um cargueiro verde com dois guindastes elevados preparava-se para subir o fiorde.

– Em que é que estás a pensar? – perguntou Beate.

- Estou a pensar se te devo pedir que investigues alguns nomes.
- Preferia não o fazer, Harry. Como já disse, nem sequer devia estar aqui.
- E estou a pensar onde terias feito essas equimoses.

A mão de Beate ergueu-se de imediato para o pescoço.

- Nos treinos. Judo. Estás a pensar em mais alguma coisa?
- Sim, estava a pensar se podias entregar isto a Weber. – Harry tirou do bolso do casaco o copo embrulhado no pano da loiça. – Pede-lhe para verificar as impressões digitais e para as comparar com as minhas.
- Ele tem as tuas?
- O Departamento Forense tem as impressões digitais de todos os agentes de todas as Brigadas e Unidades. E pede-lhe que analise aquilo que se encontra no copo.

– Harry... – começou ela num tom admoestador.

– Por favor?

Beate suspirou e pegou no embrulho.

- Lâsesmeden AS – disse Harry.
- E o que é que queres dizer com isso?
- Se mudares de ideias quanto à investigação de nomes, podes verificar a lista de pessoal da Lâsesmeden. É uma pequena empresa que fabrica chaves.

Beate esboçou uma expressão resignada. Harry encolheu os ombros.

- Se deres o copo a Weber, fico mais do que satisfeito.
- Para onde é que te contacto quando Weber tiver os resultados?
- Queres mesmo saber? – Harry sorriu.
- Quero saber o menos possível. Contacta-me tu, ok?

Harry apertou melhor o casaco.

– Vamos?

Beate assentiu, mas não se mexeu. Harry ergueu as sobrancelhas.

- Aquilo que ele escreveu – disse ela. – A parte em que diz que apenas os mais vingativos sobrevivem. Achas que é verdade, Harry?

Harry esticou as pernas na pequena cama da caravana. O som dos carros na

Finnmarkgata fez Harry recordar-se da sua infância em Oppsal, deitado na cama e a ouvir o trânsito. No Verão, quando estavam com o avô, no silêncio de Åndalsnes, era a única coisa pela qual ansiava: o regresso ao zumbido regular e soporífero dos carros, apenas interrompido por uma motorizada, um tubo de escape ruidoso ou uma sirene da polícia ouvida à distância.

Alguém bateu na porta. Era Simon.

– Tess também gostaria que amanhã à noite lhe contasses uma história – disse, ao entrar.

Harry contara-lhe que o canguru aprendera a saltar, e fora recompensado com um abraço de boa noite por todos os seus filhos.

Os dois homens fumaram em silêncio. Harry apontou para a fotografia na parede.

– Aquele é Raskol e o irmão? Stefan, o pai de Anna?

Simon encolheu os ombros, pouco interessado, e Harry percebeu que o assunto era tabu.

– Na fotografia, parecem ser bons amigos – disse Harry.

– Eram como gémeos siameses. Companheiros. Raskol cumpriu duas penas de prisão por Stefan. – Simon riu-se. – Estou a ver que ficaste admirado, meu amigo. É tradição. Não compreendes? É uma honra cumprir a sentença de um pai ou de um irmão, percebes?

– A polícia não é da mesma opinião.

– Eles não conseguiam distinguir Raskol e Stefan um do outro. Irmãos ciganos. Não é fácil para a polícia norueguesa. – Sorriu e ofereceu um cigarro a Harry. – Em especial, quando usam máscaras.

Harry deu uma passa no cigarro e olhou para a escuridão.

– O que é que se meteu entre ambos?

– O que é que achas? – Simon escancarou os olhos numa expressão dramática. – Uma mulher, é claro.

– Anna?

Simon não respondeu, mas Harry sabia que estava próximo.

– Foi por esse motivo que Stefan não quis voltar a saber de Anna? Porque ela conhecera um *gadjo*?

Simon apagou o cigarro e levantou-se.

– Não foi Anna, mas Anna tinha uma mãe. Boa noite, *Spiuni*.

– Hm. Uma última pergunta.

Simon deteve-se.

– O que significa *spiuni*?

Simon riu-se.

– É a abreviatura de *spiuni gjerman*, espião alemão. Mas tem calma, meu amigo, não é um nome pejorativo. Nalguns lugares até há rapazes que se chamam assim.

Depois fechou a porta e desapareceu.

O vento abrandara e apenas se ouvia o zumbido do trânsito na Finnmarkgata. No entanto, Harry não conseguiu adormecer.

Beate estava deitada na cama a ouvir os carros na rua. Quando criança, adormecera com frequência ao som da voz dele. As histórias que ele contava não se encontravam em nenhum livro; eram criadas à medida que falava. Nunca eram exactamente iguais, apesar de, por vezes, começarem da mesma maneira e envolverem as mesmas pessoas: dois ladrões malvados, um pai esperto e a sua filha corajosa. E acabavam sempre em bem com os ladrões trancados numa cela.

Beate não se lembrava de alguma vez ter visto o pai ler. Quando cresceu, percebeu que o pai sofria de uma coisa a que chamavam dislexia. Se não fosse isso, teria sido advogado, dissera-lhe a mãe. «Aquilo que queremos que venhas a ser.»

Mas as histórias não tinham sido acerca de advogados, e quando Beate disse à mãe que fora aceite no Instituto da Polícia, ela chorara.

Beate acordou sobressaltada. Alguém tocara à campainha. Resmungou e rodou as pernas para fora da cama.

– Sou eu – disse uma voz pelo intercomunicador.

– Já te disse que não te quero voltar a ver – disse Beate, a tremer na camisa de noite fina. – Vai-te embora.

– Vou quando te pedir desculpa. Não fui eu. Eu não sou assim. Apenas... perdi o controle. Por favor, Beate. Só cinco minutos.

Ela hesitou. Ainda sentia o pescoço rígido e Harry reparara nas equimoses.

– Tenho uma prenda para ti – disse a voz.

Suspirou. Mais cedo ou mais tarde, teria de se voltar a encontrar com ele. Era melhor resolver aquilo ali do que no emprego. Premiu o botão, apertou melhor a camisa de noite e esperou na soleira da porta, a ouvir os passos que subiam as escadas.

– Olá – disse ele ao vê-la e sorriu. Um sorriso enorme e branco à David Hasselhoff.

Fusiform Gyrus

Tom Waaler estendeu-lhe o presente, tendo um grande cuidado para não lhe tocar já que ela ainda tinha a linguagem corporal de um antílope assustado, algo que os predadores conseguiam sentir. Em vez disso passou por ela, entrou na sala de estar e sentou-se no sofá. Ela seguiu-o, mas ficou de pé. Waaler olhou em volta. Encontrava-se a intervalos regulares em apartamentos de jovens, e estavam todos mobilados mais ou menos da mesma maneira. De um modo pessoal mas pouco original, aconchegado mas monótono.

– Não vais abrir? – perguntou ele.

Ela fez o que ele lhe indicou.

– Um CD – respondeu intrigada.

– Não é um CD *qualquer* – disse Waaler. – É o *Purple Rain*. Põe-lo a tocar e vais compreender.

Observou-a enquanto ela ligava o rádio combinado com CD, a que ela e as outras gostavam de chamar aparelhagem. Frøken Lønn não era exactamente atraente. No entanto, era doce à sua maneira. O corpo não era muito inspirador, poucas curvas às quais se agarrar, mas era esguio e estava em forma. Ela gostara daquilo que ele lhe fizera e mostrara um entusiasmo saudável. Pelo menos, as primeiras e poucas vezes em que levava as coisas devagar. Sim, de facto, aquilo durara mais do que aquela única vez. Na verdade, algo de surpreendente porque ela não fazia de modo nenhum o seu género.

Depois, uma noite, dera-lhe o tratamento completo. E ela – em comum com a maioria das mulheres que ele conhecia – não se encontrava no mesmo comprimento de onda. O que ainda tornava as coisas mais sedutoras para ele, mas, regra geral, significava que era a última vez que ouvia falar delas. Algo que lhe passava completamente ao lado. Beate devia dar-se por satisfeita; podia ter sido muito pior. Algumas noites antes, sem qualquer motivo, ela dissera-lhe onde o vira pela primeira vez.

– Em Grünerløkka – dissera. – Era de noite e estavas sentado num carro vermelho. As ruas estavam cheias de pessoas e tinhas a janela aberta. Era Inverno. O ano passado.

Ele ficara muito surpreendido. Em especial, porque a única noite em que se lembrava de ter estado em Grünerløkka, no Inverno anterior, fora na noite de sábado em que tinham enviado Ellen Gjeltén para o outro mundo.

– Lembro-me de rostos – dissera ela com um sorriso triunfante ao ver a reacção dele. – *Fusiform gyrus*. É a parte do teu cérebro que reconhece o formato de rostos. O meu é anormal. Devia estar a dar espectáculos numa feira.

– Estou a ver – disse ele. – De que mais te lembras?

– Estavas a falar com alguém.

Waalder soerguera-se nos cotovelos, inclinara-se sobre ela e acariciara-lhe a laringe com o polegar. Sentiu o latejar da pulsação dela, semelhante ao de uma lebre assustada. Ou estaria a sentir a própria pulsação?

– Presumo que também te consigas recordar do outro rosto? – perguntara ele, o cérebro já a trabalhar de modo acelerado. Alguém saberia que ela estava ali naquela noite? Ter-se-ia ela mantido calada acerca da relação entre ambos, como ele lhe pedira? Teria ele sacos do lixo debaixo do lava-loiça?

Beate virara-se para ele com um sorriso intrigado.

– O que é que queres dizer?

– Serias capaz de reconhecer a outra pessoa se visses uma fotografia dela?

Ela lançara-lhe um olhar prolongado. Beijou-o circunspectamente.

– Então? – dissera ele, a tirar a mão debaixo do edredão.

– Hm. Hm, não. Ele estava virado de costas.

– Mas consegues lembrar-te da roupa que ele usava? Quero dizer, se te pedissem que o identificasses?

Ela sacudira a cabeça.

– O *fusiform gyrus* apenas reconhece rostos. O resto do meu cérebro é absolutamente normal.

– Mas lembras-te da cor do carro onde me encontrava.

Ela rira-se e aconchegara-se contra ele.

– Isso deve significar que gostei do que vi, não achas?

Ele afastara sub-repticiamente a mão do pescoço dela.

Duas noites depois, dera-lhe o tratamento completo. E ela não gostara

daquilo que fora forçada a ver. Ou ouvir. Ou sentir.

A abertura de «When Doves Cry» irrompeu pelas colunas.

Ela baixou o som.

– O que é que queres? – perguntou, sentando-se numa poltrona.

– O que te disse. Pedir desculpa.

– Já o fizeste. Portanto vamos riscar isto, ok? – Bocejou exageradamente. –
Ia-me deitar, Tom.

Waalder sentiu a sua fúria a aumentar. Não a neblina vermelha que distorcia e obscurecia, mas o calor branco que brilhava e trazia lucidez e energia.

– Ok, vamos então falar de trabalho. Onde está Harry Hole?

Beate riu-se. Prince soltou um grito em *falsetto*.

Tom fechou os olhos, a sentir-se cada vez mais forte devido à fúria que lhe atravessava as veias, como água glacial.

– Harry ligou-te na noite em que desapareceu. Enviou-te *e-mails*. És o contacto dele, a única pessoa em quem ele de momento confia. Onde é que ele está?

– Estou exausta, Tom. – Levantou-se. – Se tiveres mais algumas perguntas às quais sou incapaz de responder, sugiro que falemos delas amanhã.

Tom Waalder não se mexeu.

– Hoje tive uma conversa muito interessante com um guarda prisional de Botsen. Harry esteve lá ontem à noite, mesmo debaixo dos nossos narizes, enquanto eu e metade da divisão uniformizada o procurávamos. Sabias que Harry se tem encontrado com Raskol?

– Não faço a mínima ideia de que é que estás a falar, ou o que é que isso tem a ver para o caso.

– Eu também não, mas sugiro que te sentes, Beate. E que oiças uma pequena história que acho irá mudar a tua opinião acerca de Harry e dos seus amigos.

– A resposta é não, Tom. Sai.

– Nem sequer se o teu pai entrar na história?

Waalder reparou no estremecimento da boca de Beate, e soube que atingira o ponto que queria atingir.

– Tenho fontes que são, como o posso dizer?, inacessíveis para um agente regular da polícia, o que significa que sei o que aconteceu ao teu pai quando ele foi abatido em Ryen. E sei quem o matou.

Ela olhou-o de boca escancarada. Waaler riu-se.

– Não estavas pronta para isto, pois não?

– Estás a mentir.

– O teu pai foi morto com uma Uzi, seis balas no peito. Segundo o relatório, entrou no banco para negociar apesar de estar sozinho, desarmado e não ter nada com que negociar. Tudo o que podia esperar conseguir era fazer com que os assaltantes se enervassem e se tornassem agressivos. Um erro enorme. Incompreensível. Em especial porque o teu pai era lendário pelo seu profissionalismo. De facto, tinha um parceiro com ele, um jovem agente promissor de quem se esperavam grandes coisas, uma estrela em ascensão. Mas esse nunca presenciara antes e ao vivo o assalto a um banco, nem estivera em contacto com atiradores decentes.

»Ele estava ansioso por manter relações com os agentes superiores, e naquele dia devia conduzir o teu pai a casa depois do trabalho. Por isso, o teu pai chegou a Ryen num carro que o relatório se esqueceu de mencionar que não era o dele. Porque o do teu pai estava na garagem, em casa contigo, Beate, e com a mamã, quando vocês receberam a notícia, não estava?

Waaler viu as veias do pescoço dela a engrossarem, a tornarem-se inchadas e azuis.

– Vai-te lixar, Tom.

– Vá lá, ouve a história do papá – disse ele, a dar uma palmadinha na almofada do sofá ao seu lado. – Porque vou falar numa voz muito suave e, sinceramente, acho que devias ouvir isto.

Relutante, ela avançou um passo, mas apenas isso.

– Ok – disse Tom. – Naquele dia em... quando é que foi, Beate?

– Junho – sussurrou ela.

– Junho, sim. Eles ouviram a informação no rádio, o banco fica próximo, vão de carro até lá e tomam as suas posições no exterior, armados. O jovem agente e o inspector experiente. Fazem as coisas conforme os regulamentos, esperam por reforços ou que os assaltantes saiam do banco. Até que um dos homens aparece na soleira da porta com uma arma apontada a uma das funcionárias do banco. Chama o nome do teu pai. O homem vira-os no

exterior e reconhecera o inspector Lønn. Grita que não vai magoar a mulher, mas que precisa de um refém. Se Lønn tomar o lugar dela, para eles isso seria ótimo. Mas tem de deixar a arma e entrar sozinho no banco para efectuar a troca. E o teu pai, o que é que ele faz? Pensa. Tem de pensar rapidamente. A mulher está em choque. As pessoas morrem de choque. Pensa na mulher, na tua mãe. Um dia de Junho, sexta-feira, pouco falta para o fim-de-semana. E o Sol... o Sol estava a brilhar, Beate?

Ela assentiu.

– Ele pensa como deve estar calor no banco. A pressão. O desespero. Depois decide-se. O que é que ele decide? O que é que ele decide, Beate?

– Decide entrar. – O sussurro saiu cheio de emoção.

– Entra. – Waaler baixa a voz. – O inspector Lønn entra e o jovem agente espera. Espera pelos reforços. Espera que a mulher saia. Espera que alguém lhe diga o que fazer, ou que aquilo é apenas um sonho ou um treino, e que possa ir para casa porque é sexta-feira e o Sol está a brilhar. Em vez disso, ouve... – Waaler imitou o matraquear de uma arma com a língua contra o palato. – O teu pai cai contra a porta principal que se abre, e fica estendido no chão metade dentro do banco, metade de fora. Seis tiros no peito.

Beate cai na cadeira.

– O jovem agente vê o inspector ali estendido e percebe que não é um exercício. Ou um sonho. Eles têm mesmo metralhadoras ali dentro e matam polícias a sangue-frio. Ele está mais assustado do que jamais o esteve ou jamais o virá a estar. Leu acerca daquilo, teve boas notas em psicologia, mas houve algo que se quebrou. É avassalado pelo pânico acerca do qual escreveu tão bem no exame. Enfia-se no carro e afasta-se. Conduz durante muito tempo até chegar a casa, e a sua jovem esposa vem ao seu encontro e zanga-se com ele porque está atrasado para o jantar. Ele recebe a reprimenda de pé, como um rapazinho da escola, e promete que não voltará a acontecer. Jantam e depois vêem televisão. Um repórter diz que um polícia foi abatido a tiro durante o assalto a um banco. O teu pai está morto.

Beate escondeu o rosto entre as mãos. Voltara a recordar tudo. Todo aquele dia. Uma expressão de maravilhamento curioso ao olhar para o sol redondo num céu azul sem qualquer sentido. Também ela pensara que não passava de um sonho.

– Quem poderiam ser os assaltantes? Quem conhece o nome do teu pai, quem conhece todo o esquema de um banco, quem sabe que dos dois agentes da polícia que se encontram no exterior, o inspector Lønn é aquele que

constitui uma ameaça? Quem é tão frio e calculista que pode colocar o teu pai num dilema, e saber qual a escolha que ele irá fazer? Para o poder abater e fazer aquilo que lhe apetece com o jovem agente assustado? Quem é esse indivíduo? Beate?

As lágrimas corriam-lhe por entre os dedos.

– Ras... – fungou ela.

– Não ouvi, Beate.

– Raskol.

– Sim, Raskol. E apenas ele. A sua resposta foi furiosa. Eram ladrões, não assassinos, disse. O outro assaltante foi suficientemente estúpido para ameaçar entregar-se e denunciar Raskol. Por sorte, consegue fugir da Noruega antes que Raskol o consiga apanhar.

Beate estava a soluçar. Waaler esperou.

– Sabes qual é a coisa mais engraçada a respeito de tudo isto? Que tenhas sido recebida pelo assassino do teu pai. Tal como aconteceu com o teu pai.

Beate levantou a cabeça.

– O que é... o que é que queres dizer com isso?

Waaler encolheu os ombros.

– Vocês pediram a Raskol que denunciasse o assassino. Ele anda atrás de alguém que ameaçou testemunhar contra ele em tribunal, num caso de homicídio. Então o que é que ele faz? Claro que aponta essa pessoa.

– Lev Grette? – Secou as lágrimas.

– Porque não? Assim, podiam ajudá-lo a encontrá-lo. Li que vocês encontraram Grette pendurado de uma corda. Que ele se suicidou. Eu não apostaria nisso. Não ficaria surpreendido se alguém tivesse chegado a ele antes de vocês.

Beate pigarreou.

– Estás a esquecer-te de alguns pormenores. Antes de mais, encontrámos uma carta de despedida. Lev não deixou muita coisa escrita, mas falei com o irmão dele que encontrou velhos cadernos de Lev no sótão de Disengrenda. Levei-os a Jean Hue, o especialista em caligrafia da *Kripos*, e ele confirmou que a carta foi escrita por Lev. Em segundo lugar, Raskol já está preso. Por vontade própria. Isso não se encaixa com a intenção de cometer um homicídio de modo a evitar uma pena.

Waler sacudiu a cabeça.

– És uma rapariga inteligente, mas tal como ao teu pai falta-te uma perspectiva psicológica. Não compreendes como funciona uma mente criminosa. Raskol não está preso; é apenas um lugar temporário em Botsen. Uma sentença por homicídio iria alterar completamente isso. Entretanto, estás a protegê-lo. E ao seu amigo, Harry Hole. – Inclinou-se para a frente e pousou-lhe uma mão no braço. – Desculpa se isto foi doloroso, mas agora já sabes, Beate. O teu pai não deu cabo de nada. E Harry está a trabalhar com o homem que o assassinou. Então que dizes? Vamos procurar Harry juntos?

Beate fechou os olhos, soltou a última lágrima. Depois voltou a abri-los. Waler estendeu-lhe um lenço que ela aceitou.

– Tom – disse –, tenho de te explicar uma coisa.

– Não precisas de o fazer. – Waler acariciou-lhe a mão. – Eu compreendo. Há um conflito de lealdades. Imagina aquilo que o teu pai teria feito. Chama-se a isso profissionalismo, não chama?

Beate observou-o. Depois assentiu lentamente. Respirou fundo. Nesse momento, o telefone tocou.

– Não vais atender? – disse Waler, depois de o telefone ter tocado três vezes.

– É a minha mãe – respondeu Beate. – Ligo-lhe dentro de trinta segundos.

– Trinta segundos?

– É o tempo que demoro a dizer-te que se soubesse onde Harry se encontra, serias a última pessoa à qual o diria. – Estendeu-lhe o lenço. – E também para te dizer para te calçares e saíres.

Tom Waler sentiu a fúria a erguer-se-lhe nas costas e a subir-lhe pelo pescoço acima, como um gêiser. Demorou um momento a saborear a sensação antes de a agarrar por um braço e a forçar a deitar-se debaixo dele. Ela arquejou e resistiu, mas Waler sabia que ela iria sentir a sua erecção e que os lábios que apertava tão firmemente iriam em breve abrir-se.

Depois de deixar o telefone tocar seis vezes, Harry desligou e saiu da cabine para que a rapariga atrás dele pudesse entrar. Virou as costas à Kjølberggata e ao vento, acendeu um cigarro e soprou o fumo em direcção ao parque de estacionamento e às caravanas. Na verdade, era engraçado. Ali estava ele, a poucos quilómetros de distância do Departamento Forense de um lado, do Quartel-general da Polícia do outro e da caravana de outro. Vestido

com um fato cigano. Um homem procurado. Quase se podia morrer a rir com aquilo.

Os dentes de Harry bateram. Quase se virou quando um carro-patrolha desceu a rua cheia de trânsito, mas sem peões. Harry não fora capaz de dormir. Não se conseguia manter inactivo enquanto o tempo passava. Esmagou a ponta do cigarro debaixo do calcanhar e estava prestes a afastar-se quando viu que a cabine estava de novo livre. Olhou para o relógio. Quase meia-noite, estranho ela não se encontrar em casa. Talvez estivesse a dormir e não tivesse conseguido chegar a tempo ao telefone. Voltou a marcar o número. Ela atendeu de imediato:

– Beate.

– É o Harry. Acordei-te?

– Eu... sim.

– Desculpa. Telefono-te amanhã?

– Não, podemos falar agora.

– Estás sozinha?

Silêncio.

– Porque o perguntas?

– Pareces tão... não, esquece. Descobriste alguma coisa?

Ouviu-a respirar fundo como se estivesse a tentar acalmar a respiração.

– Weber verificou as impressões digitais no copo. A maior parte são tuas. A análise do sedimento no copo deve estar terminada dentro de uns dois dias.

– Ótimo.

– Quanto ao portátil na tua arrecadação descobrimos que tinha um programa especial a correr, um programa que permite que alguém marque antecipadamente uma data e hora em que um *e-mail* deve ser enviado. A última alteração aos *e-mails* foi feita no dia em que Anna Bethsen morreu.

Harry já não sentia o vento gélido.

– Assim, os *e-mails* que recebeste já estavam preparados e à espera, quando o deixaram ali – disse Beate. – Isso explica o motivo por que o teu vizinho paquistanês já o tinha visto na arrecadação muito tempo antes.

– Estás a querer dizer que tem estado a trabalhar sozinho durante todo este tempo?

– Ligados a uma fonte de energia, o portátil e o telemóvel conseguiriam fazê-lo na perfeição.

– Raios! – Harry bateu na testa. – Mas isso significa que o tipo que o programou antecipou todos os acontecimentos. Toda a maldita coisa foi um espectáculo de fantoches, e nós éramos as marionetes.

– Parece que foi mesmo isso. Harry?

– Estou aqui. Apenas a tentar absorver tudo. Bom, é melhor esquecer-lo por um bocado, é demasiada coisa numa única informação. E quanto àquela empresa de que te dei o nome?

– A empresa, sim. O que é que te faz pensar que fiz alguma coisa a esse respeito?

– Nada. Até me teres dito o que é que fizeste.

– Não te disse nada.

– Não, mas o modo como o disseste estava cheio de promessas.

– Ah, sim?

– Descobriste qualquer coisa, não descobriste?

– Descobri.

– Vá lá!

– Liguei para os contabilistas que trabalham para a loja de fechaduras e consegui que uma senhora me enviasse os números de segurança social dos funcionários. Quatro empregados a tempo inteiro e dois em *part-time*. Passei os números pela base de dados dos Registos Criminais e da Segurança Social. Cinco deles não têm cadastro. Mas um...

– Sim?

– Tive de me servir do *scroll* para ver tudo. Na sua grande parte, drogas. Foi acusado de venda de heroína e de morfina, mas apenas foi condenado por posse de uma pequena quantidade de haxixe. Cumpriu pena por roubo com arrombamento, e dois assaltos à mão armada.

– Violência?

– Usou uma arma num dos assaltos. Não a disparou, mas estava carregada.

– Perfeito. É o nosso homem. És um anjo. Como é que ele se chama?

– Alf Gunnerud. Trinta anos, solteiro. Avenida Thor Olsens, número 9.

Parece que vive sozinho.

– Repete o nome e a morada.

Beate repetiu.

– Hm. Incrível como Gunnerud conseguiu arranjar emprego numa loja de fechaduras com um cadastro desses.

– Birger Gunnerud está listado como o dono.

– Certo. Estou a perceber. Tens a certeza de que está tudo bem?

Silêncio.

– Beate?

– Está tudo bem, Harry. O que é que vais fazer?

– Estava a pensar fazer uma visita ao apartamento dele. Ver se consigo encontrar alguma coisa de interesse. Se conseguir, ligo-te de casa dele, para que peças para enviarem um carro e para que possam apreender as provas segundo os regulamentos.

– Quando é que vais?

– Porquê?

Outro silêncio.

– Para ter a certeza de que estou em casa quando ligares.

– Amanhã às onze. Espero que a essa hora ele esteja a trabalhar.

Depois de desligar, Harry ficou a olhar para o céu nocturno e enublado que se arqueava sobre a cidade como uma abóbada amarela. Ouvira a música em ruído de fundo. Apenas um pouco, mas o suficiente. *Purple Rain* de Prince.

Enfiou uma moeda na ranhura e marcou o número das informações.

– Preciso do número de telefone de Alf Gunnerud...

O táxi deslizou através da noite como um peixe negro e silencioso, passando por semáforos, por candeeiros de rua e pelo letreiro que indicava o centro da cidade.

– Não nos podemos continuar a encontrar assim – disse Øystein. Olhou pelo espelho e viu Harry a vestir o blusão preto que ele trouxera de casa.

– Tens o pé-de-cabra? – perguntou Harry.

– Está no porta-bagagens. E se o tipo estiver em casa?

- Regra geral, as pessoas quando estão em casa atendem o telefone.
- Mas e se ele chegar quando estiveres no apartamento?
- Então, fazes aquilo que te disse. Duas buzínadelas curtas.
- Está bem, está bem, mas não sei como é que ele se parece.
- Como te disse, tem cerca de trinta anos. Se vires alguém assim a entrar no número 9, tocas a buzina.

Øystein estacionou junto a um letreiro de PROIBIDO ESTACIONAR na rua em forma de tigela, poluída e congestionada pelo trânsito, que se encontra referida na página 265 de um livro empoeirado chamado *City Fathers IV* na biblioteca pública vizinha e descrita como «a rua extremamente monótona e feia que dá pelo nome de avenida Thor Olsens». Mas, naquela noite, era o ideal para Harry. O ruído, os carros que passavam e a escuridão iriam camuflá-lo e ao táxi que o iria esperar.

Harry enfiou o pé-de-cabra na manga do blusão de cabedal e atravessou rapidamente a rua. Para seu grande alívio viu que havia, pelo menos, vinte campainhas no exterior do número 9. Isso dar-lhe-ia um grande número de alternativas se o seu *bluff* não funcionasse logo à primeira. O nome de Alf Gunnerud era o segundo a contar da direita. As janelas do quarto piso estavam apagadas. Harry tocou à campainha do rés-do-chão. Foi atendido por uma voz feminina e sonolenta.

– Boa noite, estou a tentar contactar Alf – disse Harry. – Mas têm a música tão alta que não conseguem ouvir a campainha. Isto é, Alf Gunnerud. O inquilino do quarto piso. Acha que me podia abrir a porta?

– Já passa da meia-noite.

– Peço imensa desculpa. Vou certificar-me de que Alf mantém a música baixa.

Esperou. Passado um pouco, a porta abriu-se.

Subiu as escadas a três e três. Parou no quarto piso e escutou, mas apenas ouviu o seu coração acelerado. Havia duas portas entre as quais escolher. Um pedaço de cartão cinzento com ANDERSEN escrito a caneta de feltro fora colado numa das portas. A outra estava nua.

Aquela era a parte mais crítica do seu plano. Uma simples fechadura poderia ser facilmente aberta sem acordar todo o edifício, mas se Alf tivesse usado uma barragem de fechaduras da Låsesmeden AS, Harry teria um problema. Examinou a porta de cima a baixo. Nenhum autocolante de uma

empresa de segurança ou de uma central. Nenhuma fechadura de segurança à prova de berbequim. Nenhuma fechadura de cilindros gémeos com pinos duplos à prova de roubo. Apenas uma antiga fechadura de canhão Yale. Canja.

Harry baixou a manga do blusão e apanhou o pé-de-cabra quando este caiu. Hesitou antes de introduzir a ponta no interior da porta, sob a fechadura. Era quase demasiado fácil. No entanto, não tinha tempo para pensar nem nenhuma opção. Não arrombou a porta, em vez disso forçou-a em direcção às dobradiças de modo a conseguir enfiar o cartão de crédito de Øystein no interior do trinco, e fazê-lo deslizar do seu encaixe na estrutura da porta. Aplicou uma certa pressão para abrir uma frincha ínfima, e colocou a sola do pé contra o fundo. A porta chiou nas dobradiças ao mesmo tempo que ele dava uma cotovelada ao pé-de-cabra e puxava o cartão. Deslizou para o interior e fechou a porta atrás de si. Toda a operação demorara oito segundos.

O zumbido do frigorífico e as gargalhadas enlatadas da televisão de um vizinho. Harry tentou respirar profunda e regularmente enquanto escutava na escuridão total. Ouvia o trânsito no exterior e sentia uma corrente de ar fria, o que lhe indicou que as janelas do apartamento eram velhas. Mas o mais importante, nenhum ruído que sugerisse que se encontrava alguém em casa.

Encontrou o interruptor. O vestíbulo precisava definitivamente de uma remodelação, a sala de estar de ser pintada. A cozinha estava condenada. O interior do apartamento explicava as medidas de segurança fracas. Ou, para ser mais exacto, a falta de interior. Alf Gunnerud não tinha nada, nem sequer uma aparelhagem para que Harry lhe pudesse pedir para baixar o som. A única prova que alguém vivia ali eram duas cadeiras de campismo, uma mesa de centro verde, roupa espalhada por todo o lado e uma cama com um edredão, mas sem lençóis.

Harry calçou as luvas de lavar loiça que Øystein também lhe trouxera, e levou uma das cadeiras até ao vestíbulo. Colocou-a em frente da fileira de armários de parede que chegavam até ao tecto de três metros de altura, esvaziou a cabeça de quaisquer ideias pré-concebidas e pousou cauteloso um pé no braço da cadeira. Nesse momento, o telefone tocou. Harry deu um passo para o lado, a cadeira de campismo fechou-se e ele caiu estrondosamente no chão.

Tom Waaler tinha um mau pressentimento. Faltava à situação a estrutura clara pela qual ele lutava sempre. Como a sua carreira e perspectivas futuras não se encontravam nas suas mãos, mas nas mãos daqueles com quem ele se aliava, o factor humano era sempre um risco que tinha de tomar em

consideração. O mau pressentimento vinha do facto de não saber se podia confiar em Beate Lønn, em Rune Ivarsson ou – aquilo era crucial – no homem que era a sua mais importante fonte de rendimento: o Valete.

Quando chegara aos ouvidos de Tom que o Conselho Municipal começara a fazer pressão sobre o chefe da polícia para apanhar o Executor depois do assalto ao banco em Grønlandsleiret, ele mandara o Valete esconder-se. Tinham concordado que ele se esconderia num lugar que conhecia do passado. Pattaya tinha o maior aglomerado de criminosos ocidentais procurados do hemisfério oriental, e situava-se apenas a duas horas de carro de Banguetcoque. Como turista branco, o Valete desapareceria entre as multidões. O Valete chamava a Pattaya «a Sodoma da Ásia», por isso Waaler não compreendeu quando ele voltara a aparecer subitamente em Oslo, dizendo que já não conseguia aguentar aquilo durante mais tempo.

Waaler parou no semáforo da avenida Uelands e ligou o pisca para a esquerda. Um mau pressentimento. O Valete executara o último assalto ao banco sem o informar primeiro, e essa era uma séria violação às regras. Teria de fazer alguma coisa quanto a isso.

Acabara de tentar ligar ao Valete, mas ninguém atendera. Isso podia significar muita coisa. Podia, por exemplo, significar que ele estava no chalé em Tryvann a trabalhar nos pormenores do assalto à carrinha de valores, a respeito da qual tinham falado. Ou a passar em revista o seu equipamento – roupa, armas, rádio da polícia, planos. Mas também podia significar que tivera uma recaída e que se encontrava num canto a abanar a cabeça, com uma seringa espetada no antebraço.

Waaler conduziu devagar ao longo da pequena rua escura e suja onde o Valete vivia. Um táxi estava estacionado do lado oposto da rua. Levantou os olhos para as janelas do apartamento. Estranho, as luzes estavam acesas. Se o Valete se tivesse voltado a drogar, abrir-se-iam as portas do inferno. Seria fácil entrar no apartamento. A porta tinha uma fechadura obsoleta. Olhou para o relógio. A visita a Beate excitara-o, e sabia que ainda não conseguiria dormir. Teria de dar umas voltas, fazer algumas chamadas e ver o que ia acontecer.

Pôs a música de Prince no máximo, acelerou e subiu a Ullevålsveien.

Harry sentou-se na cadeira de campismo com a cabeça entre as mãos, uma anca a latejar e nem uma prova que Alf Gunnerud fosse o homem que lhe interessava. Demorara apenas dez minutos a passar em revista os poucos artigos que se encontravam no apartamento, tão poucos que começou a

desconfiar que ele vivia noutro lugar. Encontrara uma escova de dentes na casa de banho, um tubo de pasta quase vazio e um pedaço de sabonete inidentificável colado a uma saboneteira. Para além disso, uma toalha que outrora poderia ter sido branca. Só isso. Aquela era a sua única hipótese.

Sentiu vontade de rir. De bater com a cabeça contra a parede. De partir o gargalo de uma garrafa de Jim Beam e beber o *whisky* com os estilhaços de vidro. Porque tinha de ser – tinha mesmo de ser – Gunnerud. De todas as provas estatisticamente incriminatórias, uma delas erguia-se muito acima das outras – acusações e sentenças anteriores. O caso parecia gritar o nome de Gunnerud. Tinha drogas e armas no seu cadastro, fabricava fechaduras, podia encomendar quaisquer chaves-sistema que lhe apetecesse, por exemplo, para o apartamento de Anna. Ou para o de Harry.

Dirigiu-se à janela. A perguntar-se como poderia ter andado em círculos a seguir até à última palavra o guião de um homem louco. Mas agora já não havia mais instruções, nem mais linhas de diálogo. A Lua espreitou por entre um intervalo nas nuvens e assemelhava-se a um comprimido de flúor meio ingerido, mas nem isso conseguiu estimular a sua memória.

Fechou os olhos. Concentrou-se. O que é que vira no apartamento que lhe poderia dar a próxima pista? O que é que falhara? Revistou mentalmente o apartamento, peça a peça.

Passados três minutos desistiu. Estava acabado. Não havia ali nada.

Verificou se estava tudo como estivera quando ali chegara e acendera a luz da sala de estar. Dirigiu-se à casa de banho, parou em frente da sanita e abriu a braguilha. Esperou. Céus, agora já nem conseguia fazer aquilo. Depois acabou por se aliviar e soltou um suspiro cansado. Pressionou o manípulo do autoclismo, a água começou a correr e, naquele momento, imobilizou-se. Não ouvira um carro buzinar acima do som da água? Dirigiu-se ao vestíbulo e fechou a porta da casa de banho para ouvir melhor. Era mesmo. Uma buzina curta e firme vinda da rua. Gunnerud estava a caminho! Harry já se encontrava na soleira da porta quando se lembrou de uma coisa. Claro que tinha de se lembrar naquele momento, quando era demasiado tarde. A água do autoclismo. *O Padrinho*. A arma. *É o meu lugar favorito*.

– Merda, merda, merda!

Voltou a correr até à casa de banho, agarrou no puxador no cimo do depósito do autoclismo e começou a soltá-lo freneticamente. O parafuso vermelho e enferrujado começou a aparecer.

– Mais depressa – sussurrou.

O coração acelerou-se-lhe enquanto torcia o puxador e o maldito parafuso girou e girou com um rangido, mas recusou-se a sair. Ouviu a porta bater na escadaria. Depois o parafuso soltou-se e Harry ergueu a tampa do depósito. O raspar da porcelana contra porcelana ressoou na penumbra enquanto a água continuava a subir. Harry enfiou a mão no interior e os dedos bateram contra o revestimento escorregadio do tanque. Mas que raio? Nada? Virou a tampa e ali estava. Colada ao interior. Respirou fundo. Cada reentrância, cada nó, cada ponta denteada da chave sob a fita adesiva brilhante era uma velha amiga. Servia na entrada principal do prédio de Harry, na cave, no seu apartamento. A fotografia ao seu lado também lhe era familiar. A fotografia que desaparecera do espelho. Sis estava a sorrir e Harry a tentar parecer duro. Um bronzeado de Verão e uma ignorância abençoada. Contudo, Harry desconhecia o pó branco no interior do saco plástico preso por três pedaços largos de fita adesiva preta, mas estava pronto a apostar uma soma avultada em como aquilo era diacetilmorfina, mais conhecida como heroína. Muita heroína. No mínimo, o equivalente a seis anos sem condicional. Harry não tocou em nada, apenas voltou a colocar a tampa do depósito no lugar e aparafusou-a enquanto se mantinha atento ao som de passos. Como Beate dissera, as provas não valeriam nada se se soubesse que Harry estivera no apartamento sem um mandado. O puxador estava de novo na sua posição original e ele correu para a porta. Não tinha outra opção senão abrir a porta e sair para o patamar. Passos arrastados subiam as escadas. Fechou silenciosamente a porta, espreitou por cima do corrimão e viu uma madeixa de cabelo escuro e grosso. Dentro de cinco segundos, o homem iria aparecer. Três passadas longas até ao quinto piso seriam o suficiente para manter Harry oculto.

O homem parou de repente quando viu Harry sentado à sua frente.

– Olá, Alf – disse Harry, a olhar para o relógio. – Estava à tua espera.

O homem olhou para ele de olhos escancarados. Um rosto pálido e sardento emoldurado por cabelo oleoso, à altura dos ombros, com um corte à Liam Gallagher à volta das orelhas. Não fazia Harry pensar num assassino endurecido, mas num jovem com medo de voltar a ser espancado.

– O que é que quer? – perguntou o homem numa voz alta e aguda.

– Quero que venhas comigo até ao Quartel-general da Polícia.

O homem reagiu instintivamente. Virou-se, agarrou-se ao corrimão e saltou para o patamar inferior.

– Ei! – gritou Harry, mas o homem já desaparecera. O embater pesado dos

seus pés enquanto atingiam o quinto ou sexto degrau ecoou pela escadaria.

– Gunnerud!

Harry ouviu a porta da entrada a bater em resposta.

Enfiou a mão dentro do bolso do blusão e percebeu que não tinha cigarros. Agora, era a vez da cavalaria.

Tom Waaler baixou a música, tirou o telemóvel que lhe tocava no bolso, premiu o botão verde e encostou o aparelho ao ouvido. Na outra extremidade, conseguiu ouvir uma respiração acelerada, arquejos nervosos e o som de trânsito.

– Estou? – disse a voz. – Estás aí?

Era o Valete. Soava aterrorizado.

– O que é que se passa, Valete?

– Oh, céus, aí estás tu. O inferno está à solta. Tens de me ajudar. Depressa.

– Não tenho de fazer nada. Responde ao que te perguntei.

– Eles encontraram-nos. Estava um polícia nas escadas à espera que eu voltasse a casa.

Waalder parou no cruzamento antes de Ringveien. Um velho com passos estranhos e minúsculos atravessava a rua. Parecia estar a demorar uma eternidade.

– O que é que ele queria? – perguntou Waaler.

– O que é que *achas*? Acho que me queria prender.

– E porque é que não te prendeu?

– Corri como um raio. Pirei-me logo. Mas estão atrás de mim. Já passaram por aqui três carros da polícia. Estás a ouvir? Vão-me apanhar a não ser que...

– Não grites ao telefone. Onde estavam os outros agentes?

– Não vi mais nenhum. Limitei-me a fugir.

– E conseguiste fugir com tanta facilidade? Tens a certeza de que o tipo era da polícia?

– Sim, era mesmo ele.

– Quem?

– Acho que era Harry Hole. Ele voltou à loja há pouco tempo.

– Não me contaste.

– É uma loja de fechaduras. Há sempre polícias por ali!

As luzes mudaram para verde. Waaler buzinou ao carro à sua frente.

– Ok, falamos disso mais tarde. Onde é que estás agora?

– Estou numa cabine telefónica em frente de... hm... dos tribunais. – Riu-se num tom nervoso. – E não gosto disto por aqui.

– Tens alguma coisa no teu apartamento que não deveria lá estar?

– Está limpo. Todo o equipamento está no chalé.

– E tu? Estás limpo?

– Sabes bem que já não me meto nisso. Vens-me buscar ou não? Foda-se, estou todo a tremer.

– Tem calma, Valet. – Waaler calculou quanto tempo iria demorar a lá chegar. Tryvann. Quartel-general da Polícia. Centro da cidade. – Pensa nisto como se fosse um assalto a um banco. Dou-te um comprimido quando aí chegar.

– Já te disse que me deixei disso. – Hesitou. – Não sabia que andavas com comprimidos, Príncipe.

– Sempre.

Silêncio.

– O que é que tens?

– Os braços da mãe. Rohypnol. Tens a Jericho que te dei?

– Sempre.

– Ótimo. Agora ouve com atenção. Vamo-nos encontrar no cais a leste do terminal de contentores. Estou bastante longe, por isso vais ter de me dar quarenta minutos.

– Estás a falar de quê? Tens de vir, por amor de Deus! Agora!

Waaler ouviu a respiração a crepitar-lhe contra a membrana, mas não respondeu.

– Se eles me apanharem, cais comigo. Espero que percebas isso, Príncipe. Vou cantar, se não me conseguir safar disto. Nem penses que vou arcar com as tuas responsabilidades, se tu...

– Isso soa-me a pânico, Valet. E neste momento, não precisamos de

pânico. Que garantias tenho de que não estás já preso e de que isto não é uma armadilha para me apanharem? Estás a perceber agora? Vem sozinho e pára debaixo de um candeeiro para que eu te possa ver claramente quando chegar.

O Valete resmungou.

– Merda! Merda! Merda!

– Então?

– Está certo. Ok. Traz os comprimidos. Merda!

– Terminal dos contentores dentro de quarenta minutos. Debaixo de um candeeiro.

– Não te atrases.

– Espera aí, há mais. Vou estacionar ao fundo da rua onde estiveres. Quando eu o disser, levanta a arma no ar para que eu a possa ver bem.

– Para quê? Estás paranóico, ou quê?

– Digamos apenas que, de momento, a situação é um pouco dúbia e eu não vou correr riscos. Faz o que te digo.

Waler premiu o botão vermelho e olhou para o relógio. Virou o botão do volume completamente para a direita. Guitarras. Um som puro e belo. Uma fúria pura e bela.

Bjarne Møller entrou no apartamento e perscrutou a sala com uma expressão desaprovadora.

– Um cantinho aconchegante, não achas? – disse Weber.

– Ouvi dizer que era um velho conhecido.

– Alf Gunnerud. Pelo menos, o apartamento está em nome dele. Há muitas impressões digitais. Tenho de ver se são dele. Vidro. – Apontou para um jovem que passava uma escova fina pela janela. – As melhores impressões encontram-se sempre nos vidros.

– Como agora estás a tirar as impressões, presumo que tenhas encontrado aqui outras coisas.

Weber apontou para um saco de plástico caído sobre o tapete com um certo número de outros objectos. Møller baixou-se e enfiou o dedo através de um rasgão no saco.

– Hm. Sabe a heroína. Deve ter perto de meio quilo. E o que é isto?

– Uma fotografia de duas crianças. Ainda não sabemos quem são. E uma chave Trioiving que é óbvio que não serve para esta porta.

– Se for uma chave-sistema, a Trioiving pode dizer-nos rapidamente quem é o dono. Há qualquer coisa de familiar no rapaz da fotografia.

– Também achei isso.

– *Fusiform gyrus* – disse uma voz feminina atrás deles.

– Frøken Lønn – disse Møller surpreendido. – O que é que a Unidade de Assaltos está aqui a fazer?

– Fui eu que obtive a informação de que havia aqui heroína. Pediram-me para vos ligar.

– Então também recebes informações da Unidade de Narcóticos?

– Assaltos a bancos, narcóticos, é tudo uma família grande e feliz, sabe?

– Quem foi o informador?

– Não faço a mínima ideia. Ligou-me para casa depois de eu já estar deitada. Não me disse o nome, nem como soube que eu era polícia. Mas a informação era tão específica e pormenorizada que resolvi agir e acordei um dos procuradores.

– Hm – disse Møller. – Droga. Sentença anterior. A possibilidade de se perderem provas valiosas. Imagino que te tenham dado logo luz verde.

– Sim.

– Não vejo um corpo, por isso porque me chamaram?

– O informador também me deu outra informação.

– Ah, sim?

– Parece que Alf Gunnerud conhecia Anna Bethsen intimamente. Era seu amante e traficante. Até ela o ter trocado por outra pessoa, quando ele esteve preso. O que é que acha disso, PAS Møller?

Møller olhou para ela.

– Estou satisfeito – disse, sem exhibir qualquer reacção. – Mais satisfeito do que possas imaginar.

Continuou a olhar para ela e, por fim, baixou os olhos.

– Weber – disse –, quero que seles o apartamento e que chames todo o pessoal que tenhas disponível. Temos um trabalho a fazer.

Glock

Stein Thommesen trabalhava há dois anos como polícia uniformizado. O seu maior desejo era passar a detective e o seu sonho ser um especialista da polícia com um horário fixo, o seu próprio gabinete e um salário melhor do que o de inspector. Poder voltar a casa para Trine, e contar-lhe um problema interessante ocorrido no trabalho que ele e um especialista da Unidade de Casos Especiais estavam a discutir, e que ela iria achar inimaginável e imensamente complicado. Entretanto, fazia turnos por um salário de miséria, acordava cansado como um cão mesmo passadas dez horas de sono, e quando Trine dizia que não ia viver assim durante o resto da vida, ele tentava explicar-lhe o que era passar as horas de trabalho a conduzir adolescentes com uma *overdose* às urgências, a dizer a crianças que tinha de prender o pai porque este espancara a mãe, e aguentar todas as merdas de pessoas que odiavam o uniforme que ele usava. E Trine rolava os olhos. Já ouvira tudo aquilo.

Quando o inspector Tom Waaler da Brigada de Homicídios entrou na sala de serviço e perguntou a Stein Thommesen se ele o queria acompanhar para prender um homem procurado, o primeiro pensamento de Thommesen foi que talvez Waaler lhe pudesse dar algumas dicas em como se transformar em detective.

No carro, a caminho de Nylandsveien e em direcção à «máquina de trânsito», falou nisso a Waaler. Este sorriu. Bastava pôr algumas palavras num papel, apenas isso, dissera-lhe. Ele, Waaler, até poderia dar uma palavrinha por ele.

– Isso seria... óptimo. – Thommesen perguntou-se se deveria dizer «Obrigado», ou se isso soaria demasiado adulator. Afinal, ainda não havia muito que agradecer. No entanto, era óbvio que conseguira marcar alguns pontos. Sim, aquela era exactamente a expressão que iria usar: marcar pontos. Depois, mais nada, manter o suspense, até saber de alguma coisa.

– Que tipo de indivíduo é que vamos prender? – perguntou.

– Eu estava de patrulha e ouvi no rádio que tinham recuperado uma certa quantidade de heroína na avenida Thor Olsens. Alf Gunnerud.

– Sim, também o ouvi. Quase meio quilo.

– Depois um tipo ligou-me a dizer que viu Gunnerud junto do terminal de contentores.

– Esta noite, os informadores devem estar em pulgas. Também foi uma informação anónima que conduziu à apreensão da heroína. Pode ser uma coincidência, mas é estranho que duas informações anónimas...

– Até pode ser o mesmo informador – interrompeu-o Waaler. – Talvez alguém tenha alguma coisa contra Gunnerud, talvez esteja lixado com ele ou qualquer coisa no género.

– Talvez...

– Então queres ser detective – disse Waaler e Thommesen pensou ouvir na sua voz um toque de irritação. Viraram na «máquina de trânsito» em direcção à zona das docas. – Sim, estou a ver que o queres. É uma mudança, não é? Já pensaste em que divisão?

– Na Brigada de Homicídios – disse Thommesen. – Ou na Unidade de Assaltos. Nos Crimes Sexuais é que acho que não.

– Não, claro que não. Aqui estamos.

Atravessaram uma praça aberta e escura com contentores empilhados, uns em cima dos outros, e um edifício largo e rosado numa das extremidades.

– O tipo debaixo do candeeiro corresponde à descrição – disse Waaler.

– Onde? – perguntou Thommesen, a espreitar para o escuro.

– Ali, junto àquele edifício.

– Merda! Tens bons olhos.

– Estás armado? – perguntou Waaler, a abrandar.

Thommesen olhou surpreendido para Waaler.

– Não disseste nada a respeito de...

– Tudo bem, eu estou. Fica no carro para o caso de teres de chamar reforços se ele nos der problemas, ok?

– Ok. Achas mesmo que não devíamos chamar...?

– Não há tempo para isso.

Waaler ligou os máximos e estacionou o carro. Thommesen calculou que a distância até à silhueta sob o candeeiro era de cinquenta metros, mas medidas

posteriores iriam demonstrar que a distância exacta era de trinta e quatro.

Waler carregou a Glock 20 – tinha-a solicitado e recebido uma autorização especial para a poder transportar – e, depois de tirar uma lanterna eléctrica grande e preta enfiada entre os assentos da frente, saiu do carro. Gritou ao começar a avançar em direcção ao homem. Naquele ponto do relatório, iria haver uma grande discrepância entre os dois polícias. No relatório de Waler, ele gritara: «Polícia! Vamos vê-las!», o que significava: «Levanta as mãos acima da cabeça.» O promotor público concordara que era razoável presumir que um ex-condenado com várias sentenças estaria familiarizado com aquele tipo de calão. E o inspector Waler declarara claramente que era da polícia. No relatório original de Thommesen, Waler gritara: «Olá, é o teu amigo da polícia. Vamos vê-la.» Contudo, depois de algumas consultas entre Waler e Thommesen, este acabara por dizer que era provável que a versão de Waler estivesse mais próximo da verdade.

Não houve qualquer discrepância quanto àquilo que aconteceu a seguir. O homem debaixo do candeeiro reagiu enfiando a mão dentro do blusão e tirando uma arma que, se viria a descobrir, ser uma Glock 23 com o número de série raspado e assim impossível de encontrar o rasto. Waler (segundo a SEFO², um dos melhores atiradores das forças policiais) gritara e disparara três tiros numa sequência rápida. Dois atingiram Alf Gunnerud. Um no ombro esquerdo, o outro na anca. Nenhum deles fora fatal, mas lançaram Gunnerud de costas contra o chão e fora aí que ele ficara. Waler correu até junto de Gunnerud de arma levantada e a gritar: «Polícia! Não toques na arma ou disparo! Não toques na arma, já disse!»

A partir daquele ponto, o relatório de Stein Thommesen tinha muito pouco a dizer já que ele se encontrava a trinta e quatro metros de distância, estava escuro, e a acrescentar a isto, Waler estava na sua linha de visão. Por outro lado, não havia nada no relatório de Thommesen – ou nas provas encontradas no local – que contradissesse os acontecimentos que se seguiram conforme descritos no relatório de Waler: Gunnerud agarrou na arma e apontou-lha apesar dos avisos, e Waler conseguiu disparar primeiro. A distância entre os dois foi calculada entre os três e cinco metros.

Vou morrer. E não faz sentido. Estou a olhar para o cano fumegante de uma arma. Não era esse o plano, ou pelo menos não o meu plano. No entanto, pode ter sido nesta direcção que me estive sempre a encaminhar. Mas não era o meu plano. O meu plano fazia sentido. A pressão da cabine está a cair e uma força invisível pressiona-se no interior dos meus tímpanos. Alguém inclina-se sobre mim e pergunta-me se estou pronto. Estamos agora a aterrar.

Sussurro que fui ladrão, mentiroso, traficante e fornicador. Mas nunca matei ninguém. A mulher de Grensen que feri foi apenas um daqueles azares. As estrelas abaixo de mim brilham através da fuselagem.

– É um pecado... – murmuro. – Contra a mulher que amei. Isso não pode ser também perdoado?

Mas a assistente de bordo já se afastou e as luzes de aterragem piscam de todos os lados.

Foi na noite em que Anna disse «Não» pela primeira vez e eu disse «Sim», e empurrei a porta para a abrir. Era o material mais puro que alguma vez tivera nas mãos e não íamos estragar o divertimento fumando-o. Ela protestou, mas eu disse que era por conta da casa e preparei a seringa. Ela nunca injectara heroína e fui eu que lha injectei. Era mais difícil de fazer a outros. Depois de ter falhado umas duas vezes, ela olhou para mim e murmurou: «Há três meses que não me drogo. Estava curada.» «Bem-vinda de novo», respondi. Ela riu-se e disse: «Vou matar-te.» Procurei a veia pela terceira vez. As pupilas dela abriram-se lentamente, como rosas negras. Gotas de sangue do seu antebraço caíram na carpete com suspiros cansados. Depois a cabeça descaiu-lhe. No dia seguinte, ela ligou-me e disse que queria mais. As rodas guincham no alcatrão.

Tu e eu podíamos ter feito algo de bom das nossas vidas. Era esse o plano, fazia sentido. Não faço ideia qual o sentido que este possa ter.

Segundo a autópsia, a 10 milímetros atingiu e esmagou o osso do nariz de Alf Gunnerud. Fragmentos do osso seguiram o projectil e atravessaram o tecido fino na parte dianteira do cérebro. O chumbo e o osso destruíram o tálamo, o sistema límbico e o cerebelo antes de a bala penetrar no cérebro posterior. Por fim, perfurou o alcatrão – ainda poroso depois do pessoal da reparação de estradas ter alcatroado o parque de estacionamento dois dias antes.

⁹ Abreviatura de *Særskilte etterforskningsorganene*, nome de entidade norueguesa que investiga casos relacionados com agentes da polícia ou procuradores públicos quando em serviço. Foi substituída em Janeiro de 2005 pela *Spesialenheten for politisaker*. (N. da T.)

Bonnie Tyler

Foi um dia desanimador, curto e de um modo geral inútil. Nuvens cor de chumbo pesadas de chuva varreram a cidade sem soltarem uma gota, e rajadas de vento ocasionais empurravam os jornais no escaparate no exterior do quiosque do Elmer's Fruit & Tobacco. Os cabeçalhos dos jornais insinuavam que as pessoas tinham começado a ficar fartas da chamada guerra ao terror, que possuía agora a conotação – de certo modo odiosa – de um *slogan* eleitoral e tinham, além disso, perdido um certo ímpeto já que ninguém sabia onde se encontrava o principal ofensor. Alguns até pensavam que ele estava morto. Assim, os jornais tinham começado a dar espaço nas suas colunas a estrelas de *reality shows*, celebridades estrangeiras de segunda categoria que tinham dito algo de simpático a respeito da Noruega, e aos planos de férias da família real. O único drama que quebrava a monotonia fora um tiroteio ocorrido junto ao terminal de contentores onde um assassino e traficante de droga procurado apontara uma arma a um agente da polícia, e acabara por ser morto antes de disparar um tiro. O chefe da Brigada de Narcóticos reportara uma considerável apreensão de heroína no apartamento do homem morto, enquanto o chefe da Brigada de Homicídios comentava que o homicídio alegadamente cometido pelo homem de trinta e um anos ainda se encontrava sob investigação. Contudo, o último jornal que saía naquele dia acrescentava que as provas contra o homem, que não era de origem estrangeira, eram conclusivas. E, estranhamente, o agente envolvido era o mesmo que abatera o neonazi Sverre Olsen na sua residência num caso semelhante há mais de um ano. O agente estava suspenso até que forças policiais independentes tivessem terminado a sua investigação, dizia o jornal, e citava o superintendente-chefe que dizia que aquele era um procedimento de rotina em tais situações, e nada tinha a ver com o caso Sverre Olsen.

Um incêndio num chalé de Tryvann também encontrara espaço num minúsculo parágrafo porque fora encontrado um bidão de gasolina vazio junto ao cenário da casa totalmente destruída, e assim a polícia não podia pôr de lado a hipótese de fogo posto. Aquilo que não aparecia no jornal eram as tentativas efectuadas pelos jornalistas para contactar Birger Gunnerud, de modo a poderem perguntar-lhe como se sentia por ter perdido o filho e o chalé na mesma noite.

Escureceu cedo, e às três da tarde os candeeiros de rua já estavam acesos.

Um fotograma parado do assalto em Grensen tremeluzia no ecrã da Casa da Dor, quando Harry entrou.

– Chegaste a alguma conclusão? – perguntou ele, a apontar com a cabeça para a imagem que mostrava o Executor em acção.

Beate sacudiu a cabeça.

– Estamos à espera.

– Que ele ataque de novo?

– Ele está sentado algures, a planear outro assalto neste exacto momento. Acho que vai acontecer algures durante a próxima semana.

– Pareces ter a certeza.

Ela encolheu os ombros.

– Experiência.

– Tua?

Ela sorriu, mas não respondeu.

Harry sentou-se.

– Espero que não tenhas ficado chateada por eu não ter feito aquilo que disse ao telefone.

Beate franziu a testa.

– O que é que queres dizer com isso?

– Eu disse que só ia revistar o apartamento hoje.

Harry observou-a. Ela parecia total e verdadeiramente perplexa. Bem, Harry não trabalhava para os Serviços Secretos. Estava prestes a falar, mas depois mudou de ideias. Em vez disso, Beate perguntou:

– Há uma coisa que tenho de te perguntar, Harry.

– Pergunta.

– Sabias do meu pai e de Raskol?

– Sabia o quê?

– Que Raskol estava... no banco naquele dia. Ele atingiu o meu pai.

Harry baixou os olhos. Examinou as mãos.

– Não – acabou por responder. – Não sabia.

– Mas calculaste?

Ele levantou a cabeça e encontrou os olhos de Beate.

– Esse pensamento ocorreu-me. Só isso.

– O que é que te fez pensar isso?

– Penitência.

– Penitência?

Harry respirou fundo.

– Às vezes um crime é tão monstruoso que nos obscurece a visão. Externa ou internamente.

– O que é que queres dizer?

– Todos têm necessidade de se penitenciarem, Beate. Tu também. Deus sabe que eu tenho. E Raskol também. É uma necessidade básica, como lavarmo-nos. Tem a ver com harmonia, um equilíbrio interior absolutamente essencial. É o equilíbrio a que chamamos moral.

Harry viu Beate empalidecer. Depois corar. Ela abriu a boca.

– Ninguém sabe porque é que Raskol se entregou – continuou Harry. – No entanto, estou convencido de que foi para se poder penitenciar. Para alguém cuja verdadeira liberdade é a liberdade para deambular, a prisão é o autocastigo derradeiro. Tirar uma vida é diferente de roubar dinheiro. Supõe que ele cometeu um crime que fez com que perdesse o equilíbrio. Por isso decidiu cumprir uma penitência secreta, por ele e por Deus... se é que tem um.

Beate acabou por gaguejar as palavras:

– Um... assassino... moral?

Harry esperou. Mas não se seguiu nada.

– Uma pessoa moral é alguém que aceita as consequências da sua própria moralidade – disse num tom de voz suave. – Não a dos outros.

– E se eu pusesse isto? – disse Beate num tom de voz amargo. Abriu a gaveta à sua frente e tirou do interior um coldre de ombro. – E se eu me fechasse numa das salas para visitantes com Raskol, e depois dissesse que ele me atacou e que eu o abati em autodefesa? Para vingar o meu pai da mesma maneira que lidamos com vermes. Isso é suficientemente moral para ti? –

Bateu com o coldre em cima da mesa.

Harry recostou-se na cadeira e fechou os olhos até ouvir a respiração acelerada de Beate a acalmar.

– A questão é aquilo que é suficientemente moral para ti, Beate. Não sei porque tens a tua arma contigo, e não tenho qualquer intenção de te impedir de fazeres aquilo que quiseres.

Levantou-se.

– Deixa o teu pai orgulhoso, Beate.

Ao pousar a mão na maçaneta, ouviu Beate a soluçar. Virou-se.

– Não compreendes! – soluçou ela. – Eu pensei que podia... pensei que fosse uma espécie de... de uma conta a ajustar.

Harry permaneceu imóvel. Depois aproximou a cadeira dela, sentou-se e pousou-lhe uma mão na face. As lágrimas de Beate eram quentes e rolaram sobre a mão áspera de Harry, enquanto ela continuava a falar.

– Juntamo-nos à polícia porque temos a ideia de que tem de existir uma ordem, um equilíbrio nas coisas, não é verdade? Um juízo, justiça e todas essas coisas. E depois um dia surge-nos a oportunidade pela qual sempre esperámos, a de ajustar contas. Apenas para descobrirmos que afinal não era isso que queríamos. – Fungou. – A minha mãe disse-me uma vez que há apenas uma coisa pior do que não satisfazer um desejo. E essa é não sentir qualquer desejo. Ódio... apenas isso nos resta quando perdemos tudo. E depois até isso nos é tirado.

Empurrou o coldre pela mesa com o braço. Aquele embateu contra a parede.

* * *

A escuridão era total quando Harry parou na avenida Sophies à procura de um bolso do casaco mais familiar para as suas chaves. Uma das primeiras coisas que fizera naquela manhã no Quartel-general da Polícia fora ir buscar a sua roupa à *Krimteknisk*, para onde tinham sido levadas da casa de Vigdis Albu. Mas a primeira coisa fora ir ao gabinete de Bjarne Møller. O chefe da Brigada de Homicídios dissera que naquilo que se referia a Harry parecia estar tudo bem, mas teriam de esperar para ver se alguém reportava um arrombamento na Harelabben 16. Durante o dia saber-se-ia se iria haver alguma investigação pelo facto de Harry ter retido informações relacionadas com a sua presença no apartamento de Anna Bethsen, na noite do homicídio.

Harry respondeu que, na eventualidade de existir uma investigação a respeito do caso, ele ver-se-ia obrigado a referir a «rédea solta» que o superintendente-chefe e Møller lhe tinham dado na busca do Executor, mais a autorização deles de uma viagem ao Brasil sem informar a polícia brasileira.

Bjarne Møller sorria sarcasticamente e dissera que presumia que eles iriam concluir que não seria necessária qualquer investigação, ou na verdade qualquer resposta.

O vestíbulo estava silencioso. Harry rasgou a fita plástica da polícia em frente da porta do seu apartamento. Tinham encaixado um pedaço de cartão por cima do painel partido.

Ficou de pé a examinar a sala de estar. Weber explicara que tinham tirado fotografias do apartamento antes de terem começado a revistá-lo, de modo que depois tudo pudesse ser colocado no seu devido lugar. Apesar disso, não conseguia evitar sentir que mãos e olhos alienígenas tinham estado ali. Não que houvesse muito para esconder – algumas cartas apaixonadas mas antigas, uma embalagem aberta de preservativos que passara há muito da data de validade, e um envelope que continha fotografias do cadáver de Ellen Gjelten. Tê-las em casa poderia ser considerado como algo de pervertido. Para além disso, uma revista pornográfica, um disco de Bonnie Tyler e um livro de Linn Ullmann.

Harry olhou durante muito tempo para a luz vermelha que piscava no atendedor de chamadas antes de a pressionar. A voz familiar de um rapaz encheu a sala que agora lhe parecia estranha.

«Olá, somos nós. Decidiram hoje. A mamã está a chorar, por isso disse-me para eu dizer...»

Harry preparou-se e respirou fundo.

«Partimos amanhã.»

Harry conteve a respiração. Será que o tinha ouvido correctamente?
Partimos amanhã?

«Ganhámos. Devias ter visto as caras deles. A mamã disse que toda a gente pensava que íamos perder. Mamã, não queres... não, ela só está a chorar. Agora vamos ao McDonald's celebrar. A mamã está a perguntar se nos vais buscar? Adeus.»

Ouviu Oleg a respirar para o telefone e alguém a assoar-se e a rir-se. Depois de novo a voz de Oleg, um pouco mais baixa:

«Era óptimo se pudesses, Harry.»

Harry deixou-se cair na cadeira. Um nó apertou-se-lhe na garganta e deixou as lágrimas caírem.

PARTE VI

Não havia uma nuvem, mas o vento era cortante e no céu erguia-se um sol pálido que não emanava muito calor. Harry e Aune tinham levantado o colarinho dos seus casacos e caminhavam ao lado um do outro enquanto desciam a avenida de bétulas, já despidas das suas folhas e preparadas para o Inverno.

– Disse à minha mulher como estavas feliz quando me contaste que Rakel e Oleg iam regressar a casa – disse Aune. – Ela perguntou se isso significa que em breve vão viver os três juntos.

Harry respondeu com um sorriso.

– Ela tem mais que espaço suficiente naquela casa – sondou-o Aune.

– Há espaço suficiente na casa – disse Harry. – Manda os meus cumprimentos a Karoline e cita-lhe Ola Bauer.

– «Mudei-me para a rua despreocupada?»

– «Mas isso também não me ajudou muito.»

Riram-se.

– De qualquer maneira, neste momento a minha mente está demasiado absorvida pelo caso – disse Harry.

– Ah, sim, o caso – disse Aune. – Li todos os relatórios, como me pediste. Bizarro. Verdadeiramente bizarro. Acordas no teu apartamento, não te lembras de nada e *bang*, és apanhado neste jogo de Alf Gunnerud. Como é natural, é um pouco traiçoeiro estabelecer um diagnóstico psicológico *post-mortem*, mas ele é na verdade um caso interessante. Sem sombra de dúvida uma alma muito inteligente e criativa. Até quase artística. Concebeu um plano de mestre. Há uma ou duas coisas a respeito das quais me questionei. Li as cópias dos *e-mails* que ele te enviou. Ele referiu-se ao facto de teres desmaiado. Isso deve significar que te viu sair do apartamento num estado embriagado e calculou que não te irias lembrar de nada no dia seguinte.

– É isso que acontece quando ajudam um homem a entrar para um táxi. Presumo que devia estar na rua, a vigiar-me, tal como escreveu no seu *e-mail*

que Arne Albu o estava a fazer. Presumivelmente estava em contacto com Anna e sabia que eu iria aparecer naquela noite. O facto de eu ter saído tão bêbedo da casa deve ter sido um bónus inesperado.

– Então abriu de seguida o apartamento com a chave que conseguira através da Låsesmeden AS. E matou-a. Com a própria arma?

– Provavelmente. O número de série tinha sido raspado. Tal como o número da arma que encontrámos na mão de Gunnerud, no terminal dos contentores. Weber diz que o padrão da raspagem sugere que vieram do mesmo fornecedor. Parece que há alguém a dirigir um negócio ilegal e em grande escala de importação de armas. A Glock que encontrámos com Sverre Olsen, o assassino de Ellen, tinha exactamente o mesmo padrão.

– Então, ele coloca-lhe a arma na mão direita. Apesar de ela ser canhota.

– Uma armadilha – respondeu Harry. – Claro que sabia que a dado momento eu acabaria por me envolver no caso, nem que fosse para me certificar de que a minha posição não se encontrava comprometida. E ele sabia que, ao contrário dos outros agentes, eu iria perceber que era a mão errada.

– E depois havia a fotografia de fru Albu e dos filhos.

– Para me conduzir a Arne Albu, o seu último amante.

– E antes de sair, leva o portátil de Anna e o telemóvel que deixaste cair no apartamento durante aquela noite.

– Outro bónus inesperado.

– Então, esse cérebro armou um plano intricado e à prova de bala para castigar a amante infiel, o homem com quem ela o enganou enquanto ele esteve preso, e o seu antigo caso ressuscitado, o polícia louro. A acrescentar a isso, começa a improvisar. Volta a utilizar o seu emprego na Låsesmeden AS para conseguir acesso à tua casa e cave. Deixa ali o portátil de Anna, ligado ao teu telemóvel, e arranja uma conta de *e-mail* através de um servidor não identificável.

– Quase não identificável.

– Ah, sim, esse teu génio dos computadores anónimo descobriu-o. Mas aquilo que ele não descobriu foi como os *e-mails* que tu recebeste tinham sido escritos em adiantado e eram enviados em datas pré-determinadas do portátil na tua arrecadação. Por outras palavras, o emissor tinha já tudo bem-preparado antes de o portátil ser colocado em posição. Correcto?

– Hm. Leste os *e-mails*?

– Li. – Aune assentiu. – Em retrospectiva, podes ver que, apesar de seguirem o desenrolar dos acontecimentos, também são vagos. Mas não o iria parecer à pessoa apanhada no meio desses mesmos acontecimentos. Iria parecer que o emissor estava permanentemente bem-informado e *online*. Mas ele podia fazer isso porque de muitas maneiras era ele que estava a dirigir todo o espectáculo.

– Bem, ainda não sabemos se foi Alf Gunnerud que orquestrou o homicídio de Arne Albu. Um colega da loja disse que estava com ele no Gamle Major, a beber cerveja à hora em que ele foi assassinado.

Aune esfregou as mãos. Harry não percebeu se devido ao vento frio, ou porque estava a gozar o raciocínio de tantos resultados logicamente possíveis ou impossíveis.

– Vamos presumir que Gunnerud não matou Albu – disse o psicólogo. – De que é que estaria à espera ao apontar-te na sua direcção? Que Albu fosse condenado? Mas assim tu ficarias livre. E vice-versa. Dois homens não podem ser condenados pelo mesmo homicídio.

– Certo – disse Harry. – Tens de te perguntar qual era a coisa mais importante da vida de Albu.

– Excelente – replicou Aune. – Um pai de três filhos que voluntariamente, ou não, desiste das suas ambições profissionais. Presumo que a família.

– E o que é que Gunnerud conseguiu ao revelar, ou antes ao permitir que eu descobrisse que Arne Albu continuava a encontrar-se com Anna?

– A mulher pegou nos filhos e deixou-o.

– «Perder a própria vida não é a pior coisa que nos pode acontecer. O pior é perder o nosso motivo para estarmos vivos.»

– Boa citação. – Aune esboçou um sinal de agrado. – Quem disse isso?

– Esqueci-me – disse Harry.

– Mas a próxima pergunta que tens de te colocar é o que é que ele te queria tirar, Harry? O que faz com que a tua vida valha a pena ser vivida?

Tinhām chegado ao edifício onde Anna vivera. Harry brincou com as chaves durante muito tempo.

– Então? – perguntou Aune.

– Tudo que Gunnerud provavelmente sabia a meu respeito foi aquilo que

Anna lhe contou. E ela conheceu-me numa altura em que eu... pouco mais tinha do que o meu trabalho.

– O trabalho?

– Ele queria-me atrás das grades. Mas, primeiro, que me expulsassem da Polícia.

Continuaram a falar enquanto subiam as escadas.

No interior do apartamento, Weber e os seus rapazes tinham terminado o exame forense. Weber estava satisfeito e disse que tinham encontrado as impressões digitais de Gunnerud em vários locais, incluindo na cabeceira da cama.

– Ele não foi lá muito cuidadoso – disse Weber.

– Ele esteve aqui tantas vezes que terias encontrado impressões mesmo que ele o tivesse sido – disse Harry. – Além disso, estava convencido que nunca suspeitariam dele.

– Já agora, o modo como Albu foi assassinado é interessante – disse Aune enquanto Harry abria a porta da sala com os quadros e o candeeiro Grimmer.

– Enterrado ao contrário. Numa praia. Parece-se com um ritual, como se o assassino nos estivesse a tentar dizer algo a seu respeito. Já pensaste nisso?

– O caso não é meu.

– Não foi isso que perguntei.

– Ok. Talvez o assassino quisesse dizer algo acerca da vítima.

– O que é que queres dizer?

Harry acendeu o candeeiro Grimmer e a luz incidiu sobre os três quadros.

– Faz-me lembrar uma coisa do meu curso de Direito, a lei Gula-thing de 1100. Afirma que todo aquele que morrer deve ser enterrado em solo sagrado excepto homens desonrados, traidores e assassinos. Esses devem ser enterrados onde o mar encontra a terra. O lugar onde Albu foi enterrado não sugere uma morte por ciúme, como o teria sugerido se tivesse sido Gunnerud a matá-lo. Alguém quis mostrar que Albu era um criminoso.

– Interessante – disse Aune. – Porque é que temos de ver outra vez estes quadros? São terríveis.

– Tens mesmo a certeza de que não consegues ver nada neles?

– Claro que consigo. Consigo ver uma jovem artista pretensiosa com um

dramatismo exagerado e sem qualquer sentido de arte.

– Tenho uma colega que se chama Beate Lønn. Não pôde estar aqui hoje porque foi dar uma prelecção numa conferência da polícia na Alemanha, a respeito da possibilidade de reconhecer criminosos mascarados com a ajuda da manipulação computadorizada de imagens e o *fusiform gyrus*. Ela tem um talento especial inato: consegue reconhecer todos os rostos que já viu na vida.

Aune assentiu.

– Conheço esse fenómeno.

– Quando lhe mostrei estes quadros, ela reconheceu as pessoas.

– Oh? – Aune ergueu uma sobrancelha. – Conta-me mais.

Harry apontou.

– O que se encontra à esquerda é Arne Albu, o do meio sou eu e o último é Alf Gunnerud.

Aune semicerrou os olhos, endireitou os óculos e tentou olhar para os quadros de diferentes distâncias.

– Interessante – murmurou ele. – Extremamente interessante. Só consigo ver a forma de cabeças.

– Só queria saber se tu, como testemunha especializada, podes aceitar que esse tipo de reconhecimento é possível. Poderia ajudar-nos a fazer mais associações entre Gunnerud e Anna.

Aune sacudiu a mão.

– Se aquilo que estás a dizer a respeito de frøken Lønn é verdadeiro, ela poderia ter reconhecido um rosto com um mínimo de informação.

De novo no exterior, Aune disse que estava ansioso por conhecer Beate Lønn profissionalmente.

– Presumo que seja detective?

– Da Unidade de Assaltos. Trabalhei com ela no caso do Executor.

– Oh, sim. Que tal está a correr?

– Bem, não temos muitas pistas. Têm estado à espera de que ele volte a atacar, mas ainda não aconteceu nada. Na verdade, é estranho.

Na Bogstadveien, Harry reparou nos primeiros flocos de neve a rodopiarem ao vento.

– Inverno! – gritou Ali a Harry, que se encontrava do outro lado da rua, e apontou para o céu. Disse algo em urdu ao irmão, que de imediato o substituiu e começou a levar as grades de fruta para o interior da loja. Depois Ali atravessou a rua e parou junto de Harry. – Não é ótimo que esteja tudo terminado? – Sorriu.

– Sim, é – disse Harry.

– O Outono é horrível. Finalmente, um pouco de neve.

– Oh, sim. Pensei que estivesses a falar do caso.

– Do portátil na tua arrecadação? Está acabado?

– Ninguém te contou? Encontraram o homem que o deixou lá.

– Ah. Deve ter sido por isso que disseram à minha mulher que, afinal, não era preciso eu ir hoje à esquadra prestar declarações. De qualquer maneira, tudo aquilo era acerca de quê?

– Em poucas palavras, era um tipo que fez com que parecesse que eu estava envolvido num crime grave. Um dia destes convidas-me para jantar e eu conto-te todos os pormenores.

– Já te convidei, Harry!

– Não me disseste quando.

Ali rolou os olhos.

– Porque é que tens de ter uma data e uma hora antes de te atreveres a passar por minha casa? Bates à porta e eu abro. Temos sempre comida.

– Obrigado, Ali. Vou bater com força. – Harry abriu a porta.

– Descobriste quem era a mulher? Era uma assistente?

– De que é que estás a falar?

– A mulher misteriosa que eu vi em frente da porta da cave naquele dia. Contei isso ao Tom qualquer coisa.

Harry deteve-se com a mão pousada na maçaneta.

– O que é que lhe disseste exactamente, Ali?

– Ele perguntou-me se eu tinha visto alguma coisa de invulgar na ou perto da cave, e depois lembrei-me que ao entrar no prédio vi as costas de uma mulher que não reconheci junto à porta da cave. Lembrei-me porque lhe ia perguntar quem era, mas depois ouvi o trinco da porta, por isso presumi que,

se ela tinha a chave, devia estar tudo bem.

– Quando é que isso foi e como é que ela era?

Ali abriu as mãos numa expressão de desculpa.

– Eu estava ocupado e só a vi de costas. Há três semanas? Há cinco? Cabelo louro? Cabelo escuro? Não faço ideia.

– Mas tens a certeza de que era uma mulher?

– Pelo menos, pareceu-me uma mulher.

– Alf Gunnerud era de altura mediana, tinha ombros estreitos com cabelo escuro pelos ombros. Foi isso que te fez pensar que era uma mulher?

Ali pensou.

– Sim, pode ter sido isso. E também podia ser a filha de fru Melkersen de visita. Por exemplo.

– Adeus, Ali.

Harry decidiu tomar um duche rápido antes de mudar de roupa, e ir visitar Rakel e Oleg que o convidara para comer panquecas e jogar Tetris. Rakel trouxera com ela de Moscovo um belo tabuleiro de xadrez, feito de madeira e madrepérola com peças esculpidas. Infelizmente, Rakel não gostara da pistola Namco G-Con 45 que Harry comprara a Oleg e confiscara-a de imediato. Explicou que dissera muitas vezes a Oleg que só podia brincar com armas de fogo quando tivesse, pelo menos, doze anos. Harry e Oleg tinham-no aceite bastante descaradamente, e sem qualquer discussão. Sabiam que Rakel ia aproveitar a oportunidade para ir fazer *jogging* enquanto Harry tomava conta de Oleg. E Oleg sussurrara a Harry que sabia onde é que ela escondera a Namco G-Con 45.

Os jactos de água a esquentar tiraram-lhe todo o frio do corpo, enquanto se tentava esquecer do que Ali dissera. De qualquer maneira, iria haver sempre espaço para dúvidas, por mais explicado e encerrado que o caso estivesse. E Harry era céptico por natureza. No entanto, a certa altura, tinha de se ter uma certa fé para que a vida tivesse alguma forma ou fizesse algum sentido.

Secou-se, barbeou-se e vestiu uma camisa lavada. Viu-se ao espelho e sorriu. Oleg dissera que ele tinha os dentes amarelos, e Rakel rira-se alto de mais. No espelho viu o *print* do primeiro *e-mail* que S2MN enviara, pregado na parede oposta. No dia seguinte ia tirá-lo dali e colocar a fotografia dele e de Sis. Amanhã. Estudou o *e-mail* pelo espelho. Estranho não se ter apercebido na noite em que parara em frente do espelho e sentira que faltava

alguma coisa. Harry e a irmã mais nova. Talvez porque quando se vê uma coisa com demasiada frequência começa a desenvolver-se uma espécie de cegueira em relação a ela. Fica-se cego. Examinou o *e-mail*. Depois chamou um táxi, calçou-se e esperou. Olhou para o relógio. O táxi já devia ter chegado. Tinha de se pôr a caminho. Percebeu que voltara a pegar no auscultador e estava a marcar um número.

– Aune.

– Quero que leias mais uma vez os *e-mails*, e me digas se achas que foram escritos por uma mulher ou por um homem.

Kebab

A neve derreteu durante a noite. Astrid Monsen acabara de sair do prédio e caminhava ao longo do alcatrão negro e molhado em direcção a Bogstadveien, quando viu o polícia louro no passeio do lado oposto. A sua pulsação, bem como a sua passada, aceleraram. Olhou rigidamente em frente, à espera de que ele não a visse. Tinham aparecido fotografias de Alf Gannerud nos jornais, e durante dias os detectives tinham subido e descido as escadas a interromperem a sua silenciosa rotina de trabalho. Mas agora estava terminado, disse a si mesma.

Apressou-se em direcção à passadeira. Em direcção à Padaria Hansen. Se lá chegasse, sentir-se-ia em segurança. Uma chávena de chá e um donut na mesa atrás do balcão, na extremidade mais afastada do café grande e estreito. Todos os dias exactamente às 10h30.

«Chá e um donut?» «Sim, por favor.» «São 38 kroner.» «Aqui estão.» «Obrigada.»

Na maior parte dos dias, aquela era a conversa mais prolongada que tinha com alguém.

Nas últimas semanas um homem idoso estava sentado na sua mesa quando ela chegava, e, apesar de haver várias mesas desocupadas, aquela era a única mesa na qual ela se sentava porque... não, agora não queria pensar naquelas coisas. Apesar disso, fora forçada a chegar um quarto de hora mais cedo para chegar primeiro à mesa. Hoje aquilo era perfeito porque de outra maneira teria estado em casa quando ele tocasse. E teria de lhe abrir a porta. Prometera à mãe fazê-lo. Desde a altura em que se recusara a atender o telefone ou a campanha durante dois meses, e no fim acabara por aparecer a polícia e a mãe ameaçara que a voltaria a internar.

Ela não mentia à mãe.

A outros, sim. Estava sempre a mentir-lhes. No telefone aos editores, em lojas e nas salas de *chat* da Internet. Em especial aí. Podia fingir ser outra pessoa, uma das personagens dos livros que traduzia, ou Ramona, a mulher decadente, promíscua mas temerária que fora na sua vida anterior. Astrid descobrira Ramona quando era miúda. Era uma bailarina, tinha cabelo longo e

negro, e olhos castanhos amendoados. Astrid costumava desenhar Ramona, em especial os olhos, mas tinha de o fazer secretamente porque a mãe rasgava os desenhos em pedaços e dizia que não queria ver levianas como ela em casa. Ramona desaparecera há muitos anos mas agora regressara, e Astrid reparara que Ramona começara a dominá-la, em especial quando escrevia aos autores masculinos que traduzia. Depois dos preâmbulos a respeito da linguagem e das referências culturais, gostava de escrever *e-mails* mais informais, e depois de alguns desses, os escritores franceses suplicavam-lhe que ela se encontrasse com eles. Quando estivessem em Oslo para fazerem o lançamento do livro. Ela era motivo suficiente para fazerem a viagem. Ela recusava sempre, apesar de isso não parecer deter os pretendentes, antes pelo contrário. Era isso que constituía agora as suas actividades escritas, depois de ter despertado há vários anos do sonho de publicar o seu próprio livro. Um consultor editorial acabara por rebentar ao telefone e silvar que já não conseguia aguentar as suas «agitações histéricas»: nenhum leitor pagaria para partilhar os seus pensamentos mas, por um certo valor, era possível que um psicólogo o fizesse.

– Astrid Monsen?

Sentiu a garganta apertar-se-lhe e por instantes entrou em pânico. Não queria ter problemas respiratórios ali no meio da rua. Estava prestes a atravessar quando as luzes mudaram para vermelho. Tinha tempo para atravessar, mas nunca atravessava com o vermelho.

– Olá, ia mesmo agora fazer-lhe uma visita. – Harry Hole parou junto dela. Ainda tinha a mesma expressão assombrada, os mesmos olhos vermelhos. – Deixe-me primeiro dizer-lhe que li o relatório do inspector Waaler a respeito da conversa que ele teve consigo. Compreendo que me mentiu porque estava assustada.

Astrid sentiu que dentro em breve iria começar a hiperventilar.

– Foi extremamente disparatado da minha parte contar-lhe de imediato qual o meu papel em todo o assunto – disse o agente da polícia.

Olhou para ele surpreendida. Ele soava genuinamente arrependido.

– Li no jornal que o culpado foi preso – disse Astrid.

Ficaram parados a olhar um para o outro.

– Quero dizer, que morreu – acrescentou ela, num tom mais baixo.

– Bem – disse Harry, com um sorriso hesitante –, de qualquer maneira, talvez não se importe de me responder a algumas perguntas?

Aquela foi a primeira vez em que se sentou acompanhada na sua mesa da Padaria Hansen. A rapariga atrás do balcão lançou-lhe uma espécie de sorriso cúmplice, como se o homem alto que estava com ela fosse seu acompanhante. Como ele parecia ter acabado de se levantar, talvez a rapariga até pensasse... não, não queria estar agora a pensar nisso.

Sentaram-se e ele estendeu-lhe cópias de vários *e-mails* que queria que ela lesse. Poderia ela, como escritora, decifrar se tinham sido escritos por um homem ou por uma mulher? Ela examinou-os. Como escritora, dissera ele. Deveria contar-lhe a verdade? Levou a chávena aos lábios para que ele não visse que sorrisa ao pensar nisso. Claro que não iria dizer a verdade. Ia mentir.

– É difícil dizer – disse ela. – É uma ficção?

– Sim e não – respondeu Harry. – Pensamos que a pessoa que os escreveu foi a mesma que matou Anna Bethsen.

– Então deve ser um homem.

Harry estudou a mesa e ela lançou-lhe um olhar rápido. Ele não era atraente, mas tinha qualquer coisa. Reparara nisso – por mais improvável que parecesse – assim que o vira caído no patamar, no exterior da sua porta. Talvez porque tivesse bebido mais um Cointreau do que era habitual, mas achara que ele parecera pacífico, quase atraente, enquanto estava ali deitado como um príncipe adormecido que alguém colocara em frente da sua porta. O conteúdo dos seus bolsos espalhara-se pelas escadas, e ela apanhara os objectos um a um. Até espreitara para dentro da carteira e encontrara o nome e a morada.

Harry ergueu os olhos e os dela afastaram-se rapidamente. Poderia ela ter gostado dele? Claro que sim. O problema é que ele não teria gostado dela. Agitações histéricas. Medos sem fundamento. O soluçar. Ele não teria gostado disso. Ele queria mulheres como Anna Bethsen. Como Ramona.

– Tem a certeza de que não a reconhece? – perguntou ele, devagar.

Astrid lançou-lhe um olhar horrorizado. Foi só nessa altura que reparou que ele segurava uma fotografia. Já lhe mostrara aquela fotografia antes. Uma mulher e duas crianças numa praia.

– Na noite do homicídio, por exemplo.

– Nunca a vi em toda a minha vida – disse Astrid Monsen firmemente.

A neve recomeçara a cair. Flocos de neve grandes e molhados, que já se tinham tornado cinzentos e sujos antes de pousarem na terra castanha entre o

Quartel-general da Polícia e Botsen. Harry tinha uma mensagem de Weber à espera no gabinete. Confirmava as suspeitas de Harry, as mesmas suspeitas que o tinham feito ver os *e-mails* sob uma nova luz. Apesar disso, a mensagem sucinta de Weber foi um choque. Uma espécie de choque esperado.

Harry passou o resto do dia ao telefone, e a correr até à máquina de *fax*. Nos intervalos meditava, colocava mentalmente um bloco em cima do outro e tentava não pensar naquilo que estava a procurar. Mas era tudo demasiado óbvio. Aquela montanha russa podia subir, cair, torcer-se e virar-se tanto quanto quisesse, mas era igual às outras montanhas russas – acabava onde começara.

Depois de a sua meditação ter terminado e grande parte da imagem estar clarificada, recostou-se na cadeira. Não sentia nenhum triunfo, apenas uma espécie de vazio.

Rakel não lhe fez perguntas quando lhe ligou a dizer para não esperar por ele. Depois subiu as escadas e dirigiu-se ao refeitório, e daí ao terraço no telhado onde havia alguns fumadores de pé a tremer. As luzes da cidade piscavam abaixo deles na penumbra de princípio de tarde. Harry acendeu um cigarro, passou a mão ao longo da parede e fez uma bola de neve. Apertou-a. Cada vez com mais força. Bateu-a entre as mãos, esmagou-a até o gelo derretido lhe escorrer entre os dedos. Depois atirou-a em direcção à cidade. Seguiu com os olhos a bola de neve brilhante enquanto esta caía, cada vez mais depressa até desaparecer no chão de um cinzento-esbranquiçado.

– Havia um rapaz na minha turma chamado Ludwig Alexander – disse em voz alta.

Os fumadores bateram os pés e olharam para o inspector.

– Tinha problemas de dicção e chamavam-lhe Kebab. Porque uma vez, numa aula de inglês, foi suficientemente estúpido para dizer ao professor que gostava da palavra *barbecue* soletrada como BBQ, porque isso queria dizer kebab ao contrário. Quando a neve chegava, havia uma guerra de bolas durante todos os intervalos. Kebab não se queria juntar às guerras, mas forçámo-lo a juntar-se. Foi a única coisa em que o deixámos juntar-se a nós. Como carne para canhão. Era tão mau a atirar bolas que a única coisa que conseguia eram uns arremessos fracos. A outra turma tinha Roar, um miúdo gordo que jogava andebol em Oppsal. Costumava desviar as bolas de Kebab com a cabeça só para se divertir, e depois deixá-lo cheio de nódoas negras com os seus lances certos. Um dia, Kebab fez uma bola de neve com uma

pedra grande no interior e atirou-a tão alto quanto lhe foi possível. Roar saltou com um sorriso e cabeceou-a. O som foi semelhante ao de uma pedra a bater em águas poucas fundas, duro e simultaneamente suave. Foi a única vez em que vi uma ambulância no pátio da escola.

Harry sugou o cigarro com força.

– Na sala de professores, discutiram durante dias se Kebab devia ser castigado. Afinal, ele não atirara a bola de neve a ninguém, por isso a questão era: Devia alguém ser castigado por não mostrar qualquer consideração em relação a um idiota que se porta como um idiota?

Harry apagou o cigarro e voltou a entrar.

Passava das quatro e meia. O vento frio aumentara de intensidade na extensão aberta entre Akerselva e a estação de metro de Grønlands torv. Crianças em idade escolar e reformados davam passagem a mulheres e homens de gravata e rostos fechados que se apressavam para casa, depois de saírem dos seus escritórios. Harry chocou contra um deles ao descer a correr as escadas da estação, e uma imprecação seguiu-o ecoando pelo túnel. Parou em frente de uma janela entre as casas de banho. Era a mesma mulher idosa que estivera ali sentada da última vez.

– Tenho de falar imediatamente com Simon.

Os seus olhos castanhos e calmos observaram-no.

– Não está em Tøyen – disse Harry. – Partiram todos.

A mulher encolheu os ombros, espantada.

– Diga-lhe que é o Harry.

Ela sacudiu a cabeça e mandou-o embora.

Harry inclinou-se contra o vidro que os separava.

– Diga-lhe que é o *spiuni gjerma*.

Simon conduziu pela Enebakkveien abaixo em vez de seguir pelo longo túnel de Ekeberg.

– Não gosto de túneis, percebes? – explicou enquanto rastejavam a passo de caracol pela encosta acima, devido à hora de ponta da tarde.

– Então os dois irmãos que fugiram para a Noruega e cresceram juntos numa caravana zangaram-se por estarem apaixonados pela mesma rapariga? – perguntou Harry.

– Maria pertencia a uma família Lovarra muito respeitável. Viviam na Suécia onde o pai dela era o *bulibas*. Ela casou com Stefan e mudou-se para Oslo quando tinha apenas treze anos, e ele dezoito. Stefan estava tão apaixonado que teria morrido por ela. Nessa altura Raskol estava escondido na Rússia. Não da polícia, mas de alguns albaneses-kosovares da Alemanha que achavam que ele os tinha enganado num negócio.

– Negócio?

– Encontraram uma caravana vazia junto à auto-estrada de Hamburgo. – Simon sorriu.

– Mas Raskol voltou?

– Num ensolarado dia de Maio, voltou a Tøyen. Foi quando ele e Maria se viram pela primeira vez. – Simon riu-se. – Meu Deus, como olharam um para o outro. Tive de olhar para o céu para ver se ia cair algum relâmpago, devido à tensão no ar.

– Então apaixonaram-se um pelo outro?

– Em segundos. Com todos a ver. Algumas das mulheres ficaram envergonhadas.

– Mas se era assim tão óbvio, a família devia ter reagido, não?

– Não acharam que fosse perigoso. Não te esqueças que nós casamos mais cedo que vocês. Não podemos travar os jovens. Apaixonaram-se. Treze anos, podes imaginar...

– Posso. – Harry esfregou a parte de trás do pescoço.

– Mas aquele era um assunto sério. Ela estava casada com Stefan e amava Raskol desde a primeira vez em que o vira. E apesar de ela e Stefan viverem na sua própria caravana, ela encontrava-se com Raskol que estava sempre por ali. Assim, as coisas seguiram o curso que normalmente seguem. Quando Anna nasceu, apenas Stefan e Raskol não perceberam que Raskol era o pai.

– Pobre rapariga.

– E pobre Raskol. A única pessoa que estava feliz era Stefan. Andava todo empertigado e dizia que Anna era tão bonita como o pai. – Simon sorriu com uma expressão triste. – Talvez pudesse ter continuado assim. Se Stefan e Raskol não tivessem decidido assaltar um banco.

– E correu mal?

A fila de carros moveu-se em direcção ao cruzamento de Ryen.

– Eram três. Stefan era o mais velho, por isso foi o primeiro a entrar e o último a sair. Enquanto os outros dois saíam a correr com o dinheiro para ir buscar o carro de fuga, Stefan ficou no interior do banco com a pistola levantada para que não fizessem soar o alarme. Eram amadores, nem sequer sabiam que o banco tinha um alarme silencioso. Quando foram buscar Stefan, ele estava estendido em cima do capô de um carro-patrulha. Um agente algemara-o. Era Raskol quem conduzia. Tinha apenas dezassete anos e nem sequer tinha a carta. Baixou a janela. Com três mil kroner no assento traseiro, conduziu lentamente até junto do carro da polícia onde o irmão se debatia em cima do capô. Depois Raskol e o agente fizeram contacto visual. Meu Deus, o ar estava tão tenso como quando ele e Maria se tinham conhecido. O olhar que trocaram pareceu durar uma eternidade. Eu estava com medo de que Raskol fosse gritar, mas ele não proferiu palavra. Limitou-se a continuar. Foi a primeira vez que se viram.

– Raskol e Jørgen Lønn?

Simon assentiu. Saíram da rotunda e continuaram em direcção à curva de Ryen. Simon ligou o pisca e depois travou junto de uma estação de serviço. Estacionaram em frente de um edifício de doze pisos. O logótipo do DnB faiscava num letreiro de néon azul por cima da entrada.

– Stefan apanhou uma pena de quatro anos, porque disparara a sua arma para o ar – disse Simon. – Mas depois do julgamento, aconteceu uma coisa estranha. Raskol foi visitar Stefan a Bosten, e no dia seguinte um dos guardas disse que lhe parecia que o prisioneiro mudara de aspecto. O seu superior disse-lhe que aquilo era vulgar naqueles que eram presos pela primeira vez. Contou-lhe das mulheres que não reconheciam os maridos nas suas primeiras visitas. O guarda ficou tranquilizado, mas alguns dias depois uma mulher ligou para a prisão. Disse que tinham o prisioneiro errado. O irmão mais novo de Stefan Baxhet tomara o seu lugar e tinham de soltar o prisioneiro.

– Isso é mesmo verdade? – perguntou Harry, a tirar o isqueiro e a aproximá-lo da ponta do cigarro.

– Sim, é – disse Simon. – É bastante normal entre ciganos da Europa Meridional que o irmão mais novo, ou o filho, cumpram a sentença do indivíduo condenado, se esse tiver uma família para alimentar. Como Stefan tinha. Para nós, é uma questão de honra, percebes?

– Mas as autoridades descobrem rapidamente o engano, não descobrem?

– Ah! – Simon ergueu os braços. – Para vocês, um cigano é um cigano. Se ele estiver na prisão por algo que não fez, decerto que é culpado de qualquer

outra coisa.

– Quem é que ligou?

– Nunca descobriram, mas Maria desapareceu na mesma noite. Nunca mais a voltaram a ver. A polícia levou Raskol a Tøyen a meio da noite, e Stefan foi arrastado aos berros e pontapés para fora da caravana. Anna tinha dois anos e estava deitada na cama a gritar pela mãe e não havia ali ninguém, nenhum homem nem mulher, que pudessem fazer com que ela parasse de gritar. Até Raskol entrar e a levantar.

Olharam para a entrada do banco. Harry olhou para o relógio. Apenas dois minutos até fechar.

– Então o que é que aconteceu?

– Quando Stefan acabou de cumprir a sentença, saiu imediatamente do país. Eu falava de vez em quando ao telefone com ele. Stefan viajava muito.

– E Anna?

– Cresceu na caravana. Raskol mandou-a para a escola. Ela tinha amigos *gadjo*. Hábitos *gadjo*. Não queria viver como nós; queria fazer aquilo que os amigos faziam, tomar as suas próprias decisões, ganhar o seu dinheiro e ter a sua casa onde viver. Como herdara o apartamento da avó e se mudara para Sorgenfrigata, não tínhamos nada a ver com ela. Ela... bem, ela decidiu mudar-se. A única pessoa com quem tinha algum contacto era com Raskol.

– Achas que ela sabia que ele era o pai?

Simon encolheu os ombros.

– Tanto quanto sei ninguém disse nada, mas tenho a certeza de que o sabia.

Ficaram sentados em silêncio.

– Foi aqui que aconteceu – disse Simon.

– Mesmo antes da hora de fechar – disse Harry. – Como agora.

– Ele não teria matado Lønn, se não tivesse sido forçado a fazê-lo – disse Simon. – Mas fez aquilo que tinha de fazer. É um guerreiro, percebes?

– Sem concubinas a soltarem risadinhas.

– O quê?

– Nada. Onde está Stefan, Simon?

– Não sei.

Harry esperou. Observaram um empregado bancário a trancar a porta pelo lado de dentro. Harry continuou à espera.

– A última vez que ele me ligou, estava a falar de uma cidade na Suécia – disse Simon. – Gotemburgo. Só te posso ajudar com isso.

– Não é a mim que estás a ajudar.

– Eu sei. – Simon suspirou. – Eu sei.

Harry encontrou a casa amarela em Vetlandsveien. As luzes estavam acesas nos dois andares. Estacionou o carro, saiu e ficou parado a olhar para a estação de metro. Era aí que se encontravam nas primeiras noites escuras de Outono para irem apanhar maçãs. Sigge, Tore, Kristian, Torkild, Øystein e Harry. Era essa a equipa habitual. Tinham dado a volta a Nordstrand porque ali as maçãs eram maiores, e as hipóteses de alguém conhecer os pais deles menores. Sigge fora o primeiro a passar por cima da vedação e Øystein ficara de vigia. Harry era o mais alto e conseguia chegar às maçãs maiores. No entanto, uma noite não tinham sentido vontade de pedalar até tão longe e tinham ido roubar maçãs na vizinhança.

Harry olhou para o jardim do outro lado da estrada.

Já tinham enchido os bolsos quando viu um rosto a olhar para ele da janela iluminada do primeiro piso. Sem dizer uma palavra. Era Kebab.

Harry abriu o portão e aproximou-se da porta. Acima de duas campainhas, encontrava-se uma placa de cerâmica com os nomes JØRGEN E KRISTIN LØNN. Harry premiu a campainha de cima.

Beate só atendeu quando ele premiu uma segunda vez.

Perguntou se ele queria chá, mas Harry sacudiu a cabeça e ela dirigiu-se à cozinha enquanto ele se descalçava no vestíbulo.

– Porque é que o nome do teu pai ainda está na placa? – perguntou quando ela regressou à sala de estar com uma chávena. – Para que desconhecidos pensem que há um homem a viver na casa?

Ela encolheu os ombros e sentou-se numa poltrona funda.

– Nunca nos decidimos a fazer alguma coisa a esse respeito. Provavelmente o nome dele está ali há tanto tempo que já nem o vimos.

– Hm. – Harry pressionou as palmas das mãos, uma contra a outra. – Era mais ou menos acerca disso que queria falar contigo.

– Acerca da placa na porta?

– Não. Disosmia. Não ser capaz de sentir o cheiro de cadáveres.

– O que é que queres dizer?

– Ontem estava de pé no vestíbulo a olhar para o primeiro *e-mail* que recebi do assassino de Anna. Foi a mesma coisa que aconteceu com a placa na tua porta. Os sentidos registam-no, mas o cérebro não. É isso que é a disosmia. O *print* esteve ali pregado durante tanto tempo que deixei de o ver, tal como a minha fotografia com Sis. Quando a roubaram, apenas reparei que havia algo de diferente mas não reparei no que era. Sabes porquê?

Beate sacudiu a cabeça.

– Porque não me aconteceu nada que me fizesse ver as coisas de maneira diferente. Vi apenas aquilo que presumi que estaria ali. No entanto, ontem aconteceu uma coisa. Ali disse que viu as costas de uma mulher junto à porta da cave. Fui de repente atingido pelo facto de sempre ter pensado que o assassino de Anna era um homem, sem sequer me aperceber disso. Sempre que cometemos o erro de imaginar aquilo que achamos que estamos a procurar, não vemos as outras coisas que encontramos. Isso fez-me ver o *e-mail* com novos olhos.

As sobrancelhas de Beate formaram dois pontos de exclamação.

– Estás a querer dizer que não foi Alf Gunnerud quem matou Anna Bethsen?

– Sabes o que é um anagrama, não sabes? – perguntou Harry.

– Um jogo de letras...

– O assassino de Anna deixou-me uma *patrin*. Um sinal. Vi-o no espelho. O *e-mail* estava assinado com um nome de mulher. De trás para a frente. Por isso, enviei o *e-mail* a Aune que contactou um especialista em linguagem e psicologia cognitiva. De uma única frase numa carta ameaçadora anónima ele é capaz de determinar o sexo, a idade e a origem da pessoa. Neste caso, foi capaz de dizer que os *e-mails* foram escritos por uma pessoa de qualquer um dos sexos, entre os vinte e os setenta, e eventualmente de qualquer lugar do país. Por outras palavras, não foi de grande ajuda. Só que achava que podia ser de uma mulher. Apenas por causa de uma única palavra. O *e-mail* diz «os agentes da polícia» e não «vocês polícias», ou qualquer outro termo colectivo não especificado. Ele disse que quem enviou o *e-mail* escolheu inconscientemente o artigo masculino, para fazer uma distinção entre o sexo do emissor e o do receptor.

Harry recostou-se na cadeira.

Beate pousou a chávena.

– Não posso dizer que estou inteiramente convencida, Harry. Uma mulher não identificada nas escadas, um código que é o nome de uma mulher ao contrário, e um psicólogo que pensa que Alf Gunnerud escolheu uma maneira feminina para se exprimir.

– Hm. – Harry assentiu. – Concordo. Antes de mais, quero dizer-te o que me colocou neste rasto. Mas antes que te diga quem matou Anna, gostaria de te pedir para me ajudares a encontrar uma pessoa desaparecida.

– Claro. Mas porquê pedires-me a mim? Pessoas desaparecidas não são...

– São, sim. – Harry sorriu tristemente. – As pessoas desaparecidas são a tua especialidade.

Ramona

Harry encontrou Vigdis Albu na praia. Estava sentada na mesma rocha macia em que ele adormecera, com as mãos a envolver os joelhos e a olhar para o fiorde. Sob a neblina matinal, o Sol assemelhava-se a uma cópia pálida de si mesmo. *Gregor* correu até junto de Harry, a sacudir a cauda. A maré estava baixa, e o mar cheirava a algas e a óleo. Harry sentou-se numa rocha pequena atrás dela e tirou um cigarro.

– Foi *você* que o encontrou? – perguntou ela, sem se voltar.

Harry perguntou-se há quanto tempo é que ela estaria à sua espera.

– Muitas pessoas encontraram Arne Albu – respondeu. – Eu fui uma delas.

Ela acariciou uma madeixa de cabelo que dançava ao vento, em frente do seu rosto.

– Eu também. Mas isso foi há muito, muito tempo. Pode não acreditar em mim, mas outrora amei-o.

Harry acendeu o isqueiro.

– Porque é que não haveria de acreditar em si?

– Pode acreditar no que quiser. Nem todos conseguem amar. Nós, e eles, podemos acreditar nisso, mas essa é que é verdade. Eles aprendem os movimentos, as deixas e os passos, apenas isso. Alguns deles são tão bons que nos conseguem enganar durante algum tempo. Aquilo que me surpreende não é que sejam bem-sucedidos, mas que se dêem a esse trabalho. Para quê esforçarem-se tanto para que um sentimento seja correspondido quando não o compreendem? Percebe o que estou a dizer, senhor agente?

Harry não respondeu.

– Talvez estejam apenas assustados – disse ela, virando-se para ele. – Por se verem ao espelho e descobrirem que são deficientes.

– Está a falar de quem, fru Albu?

Ela virou-se de novo para a água.

– Quem sabe? Anna Bethsen? Arne? De mim? Na pessoa em que me

transformei?

Gregor lambeu a mão de Harry.

– Eu sei como mataram Anna Bethsen – disse Harry. Observou-lhe as costas, mas não viu qualquer reacção. O cigarro acendeu-se à segunda tentativa. – Ontem à tarde, obtive os resultados de uma análise que a *Krimteknisk* esteve a fazer em quatro copos que estavam no lava-loiça de Anna Bethsen. Eram as minhas impressões digitais. Parece que bebi Coca-Cola. Nunca teria sonhado em a beber com vinho. Um dos copos de vinho não fora usado. No entanto, a parte interessante é que foram encontrados vestígios de hidróclorido de morfina nos restos da Coca-Cola. Por outras palavras, morfina. Conhece o efeito das doses em grandes quantidades, fru *Albu*?

Ela perscrutou-lhe o rosto. Sacudiu a cabeça devagar.

– Não? – disse Harry. – Desmaio e amnésia a partir do momento em que se ingere a droga, seguidos por náuseas violentas e uma dor de cabeça quando se acorda. Facilmente confundidos com os efeitos de se beber uma garrafa inteira. É uma boa droga de violações, muito semelhante ao Rohypnol. E nós *fomos* violados. Todos nós. Não fomos, fru *Albu*?

Uma gaivota soltou uma gargalhada acima deles.

– Outra vez o senhor – disse Astrid Monsen com uma risada curta e nervosa, e deixou-o entrar.

Sentaram-se na cozinha. Ela começou a andar de um lado para o outro, fez chá, serviu-lhe um bolo que comprara na padaria de Hansen «para o caso de alguém aparecer». Harry murmurou algumas trivialidades acerca da neve do dia anterior e como todos tinham pensado que o mundo que conheciam iria desaparecer juntamente com as torres gémeas, mas afinal não tinha mudado nada. Foi apenas quando ela serviu o chá e se sentou que lhe perguntou qual era a sua opinião a respeito de Anna.

Astrid fitou-o boquiaberta.

– Odiava-la, não odiava?

No silêncio que se seguiu, ouviu-se vindo da sala vizinha um ténue *ping* electrónico.

– Não, não a odiava. – Astrid envolveu com as mãos a enorme chávena de chá verde. – Ela era apenas... diferente.

– Diferente de que maneira?

– A vida que levava. A maneira como era. Tinha sorte em ser assim... tinha mesmo.

– E você não gostava disso?

– Eu... não sei. Não, talvez não gostasse.

– Porque não?

Astrid Monsen olhou para ele. Durante muito tempo. Um sorriso tremeluzia-lhe nos olhos como uma borboleta inquieta.

– Não é aquilo que está a pensar – acabou por dizer. – Eu invejava Anna. Admirava-a. Havia dias em que desejava ser ela. Ela era o meu oposto. Eu fico enfiada aqui dentro, enquanto ela...

Os olhos desviaram-se-lhe para a janela.

– Ela não tinha quase nada e saía para a vida, era isso que Anna fazia. Os homens iam e vinham, ela sabia que não os podia ter mas, de qualquer maneira, amava-os. Não sabia pintar, mas de qualquer maneira exibia os seus quadros para que o resto do mundo os pudesse ver. Falava com todas as pessoas como se tivesse motivos para acreditar que gostavam dela. Comigo também. Havia dias em que achava que Anna me tinha roubado o meu verdadeiro eu, que não havia espaço suficiente para nós as duas, e que eu teria de esperar pela minha vez. – Voltou a emitir a mesma risadinha nervosa. – Mas depois morreu. E descobri que não era assim. Não posso ser ela. Agora ninguém pode. Não é triste? – Olhou directamente para Harry. – Não, não a odiava. Amava-a.

Harry sentiu o pescoço picar-lhe.

– Pode contar-me o que aconteceu na noite em que me encontrou no patamar?

O sorriso apareceu e desapareceu como uma luz de néon em más condições. Como se, ocasionalmente, surgisse uma pessoa feliz que lhe espreitava pelos olhos. Harry teve a sensação de que uma barragem estava prestes a rebentar.

– Você era feio – sussurrou ela. – Mas de um modo atraente.

Harry ergueu uma sobrancelha.

– Hm. Quando me levantou, reparou se eu cheirava a álcool?

Ela pareceu surpreendida. Como se não tivesse pensado nisso anteriormente.

– Não. Na verdade, não. Não cheirava... a nada.

– A nada?

Ela corou profundamente.

– A nada... em particular.

– Perdi alguma coisa nas escadas?

– Como o quê, por exemplo?

– Um telemóvel. Chaves.

– Que chaves?

– Tem de me responder.

Ela sacudi a cabeça.

– Não havia nenhum telemóvel. E voltei a guardar-lhe as chaves no bolso.
Porque é que me está a perguntar tudo isso?

– Porque sei quem matou Anna. Só queria voltar a verificar os pormenores.

Patrin

No dia seguinte, os últimos vestígios da neve de dois dias tinham desaparecido. Na reunião da manhã da Unidade de Assaltos, Ivarsson disse que se queriam fazer alguns progressos no caso do Executor apenas podiam esperar que houvesse outro assalto a um banco, mas acrescentou que infelizmente a previsão de Beate em como o Executor iria voltar a atacar mais cedo ou mais tarde estava errada. Para surpresa de todos, Beate não pareceu ofender-se com a crítica indirecta. Encolheu os ombros, e repetiu confiante que era apenas uma questão de tempo antes do Executor se ir abaixo.

Na mesma noite, um carro-patrolha deslizou pelo parque de estacionamento em frente do Museu Munch e parou. Saíram quatro homens, dois agentes uniformizados mais dois homens que à distância pareciam caminhar de mão dada.

– As minhas desculpas pelas precauções de segurança – disse Harry, a apontar com a cabeça para as algemas. – Só assim é que consegui autorização para fazer isto.

Raskol curvou os ombros.

– Acho que está mais irritado que eu por estarmos algemados, Harry.

O grupo atravessou o parque de estacionamento em direcção ao campo de futebol e às caravanas. Harry fez sinal aos agentes para esperarem no exterior, enquanto ele e Raskol entravam na caravana mais pequena.

Simon esperava-os no interior. Trouxera uma garrafa de Calvados e três copos. Harry sacudiu a cabeça, abriu as algemas e rastejou para o sofá.

– É bom voltar? – perguntou Harry.

Raskol não respondeu, e Harry esperou enquanto os olhos negros de Raskol examinavam a caravana. Harry viu-os deterem-se na fotografia dos dois irmãos por cima da cama. Pensou detectar um ligeiro estremecimento na boca suave.

– Prometi que estaríamos de volta a Botsen por volta da meia-noite, por isso

temos de tratar daquilo que nos trouxe aqui – disse Harry. – Alf Gunnerud não matou Anna Bethsen.

Simon olhou para Raskol, que estava a olhar para Harry.

– E também não foi Arne Albu que a matou.

No silêncio, o rugido do trânsito na Finnmarkgata pareceu aumentar. Será que Raskol sentia a falta do som do trânsito quando se deitava à noite na sua cela? Sentiria a falta da voz vinda da outra cama, o cheiro, o som da respiração regular do irmão? Harry virou-se para Simon.

– Importas-te de nos deixar sozinhos?

Simon voltou-se para Raskol, que esboçou um assentimento rápido. Fechou a porta ao sair. Harry cruzou as mãos e olhou para cima. Os olhos de Raskol estavam brilhantes, como se tivesse febre.

– Já o sabia há algum tempo, não sabia? – disse Harry em voz baixa.

Raskol apertou as mãos, à superfície um sinal de calma interior, mas as pontas brancas dos dedos contavam uma história diferente.

– Talvez Anna tenha lido Sun Tzu – disse Harry. – E soubesse que a primeira regra da guerra é o engano. Apesar disso, deu-me a solução. Eu apenas não consegui descodificá-la. S2MN. Até me deu uma pista; disse que a retina invertia as coisas, por isso eu teria de as ver ao espelho para perceber o que eram.

Raskol fechara os olhos. Parecia estar a rezar.

– A mãe dela era bela e louca – sussurrou. – Anna herdou as duas coisas.

– Sei que você resolveu o código há séculos – disse Harry. – A assinatura dela era S2MN. O 2 representa um segundo S e faltam três vogais. Da esquerda para a direita, lê-se como S-S-M-N, mas no espelho transforma-se em N-M-S-S e com as vogais em NeMeSiS. A deusa da vingança. *Ela* disse-me. Era a sua obra-prima. Aquilo pelo qual queria ser recordada.

Harry disse-o sem qualquer vestígio de triunfo na voz. Era a constatação de um facto. A caravana apertada pareceu encolher à volta deles.

– Conte-me o resto – exalou Raskol.

– Presumo que você o consiga decifrar.

– Conte-me! – silvou Raskol.

Harry olhou para a janela pequena e redonda por cima da mesa, que já se

encontrava embaciada. Uma vigia. Uma nave espacial. Fantasiou que se limpasse a condensação iriam descobrir que se encontravam no espaço exterior, dois astronautas solitários na Nébula do Cavalo a bordo de uma caravana voadora. Isso não seria muito mais fantástico do que aquilo que estava prestes a contar.

A Arte da Guerra

Raskol endireitou-se e Harry começou:

– Este Verão o meu vizinho, Ali Niazi, recebeu uma carta de alguém que dizia que devia um valor de condomínio da época em que vivera no prédio, já há alguns anos. Ali não conseguiu encontrar o nome do homem na lista de antigos residentes, por isso escreveu-lhe a dizer para o esquecer. O nome era Eriksen. Liguei ontem a Ali e pedi-lhe para procurar a carta que recebera. Descobri que a morada de onde fora enviada era Sorgenfrigata 17. Astrid Monsen contou-me que este Verão, e durante alguns dias, a caixa de correio de Anna teve um cartão com outro nome. O cartão dizia Eriksen. Para que é que servia a carta? Liguei para a loja de fechaduras. Eles tinham, de facto, recebido uma encomenda de uma chave para o meu apartamento. Pedi que me enviassem os papéis por fax. A primeira coisa em que reparei foi que a encomenda estava pronta uma semana antes da morte de Anna. A encomenda fora assinada por Ali, presidente e responsável pelas chaves da cooperativa habitacional. A assinatura falsificada no formulário de encomenda era sofrível. Feita por um pintor sofrível, a imitação da assinatura que constava numa carta que ela recebera. Mas era suficientemente boa para a loja, que encomendou de imediato uma chave a Trio Ving para o apartamento de Harry Hole. E Harry Hole teve de aparecer pessoalmente, mostrar a sua identificação e assinar a entrega da chave, acreditando que estava a receber uma chave sobressalente para Anna. Podemos morrer de riso com uma coisa destas, não podemos?

Raskol não pareceu ter qualquer problema em se conter.

– Entre o nosso encontro e o jantar, ela engendrou tudo isto. Arranjou uma conta de *e-mail* através de um servidor no Egipto e escreveu os *e-mails* no portátil, pré-programando as datas de envio. Durante o dia, abriu a porta da cave do meu prédio e encontrou a minha arrecadação. Usou a mesma chave para entrar no meu apartamento e procurar um artigo pessoal facilmente reconhecível, que pudesse plantar em casa de Alf Gunnerud. Escolheu uma fotografia em que eu me encontrava com Sis. A próxima coisa na sua lista era visitar o seu antigo amante e traficante. Alf Gunnerud devia ter ficado um pouco surpreendido quando a voltou a ver. O que é que ela queria? Talvez

comprar ou pedir emprestada uma arma? Porque Anna sabia que ele tinha uma arma das que neste momento parecem ter inundado Oslo, com o número de série do fabricante raspado. Ele encontrou-lhe uma arma dessas, uma Beretta M92F, enquanto ela ia à casa de banho. Alf achou que ela ficara ali durante demasiado tempo. E quando acabou por sair, estava subitamente cheia de pressa e teve de partir. Pelo menos, é assim que imaginamos que possa ter acontecido.

O maxilar de Raskol estava tão apertado que Harry viu os seus lábios estreitarem-se. Recostou-se e prosseguiu.

– Aquilo que tinha de fazer a seguir era entrar no chalé de Albu e deixar ali a chave do seu apartamento. Isso era uma brincadeira de crianças; sabia que a chave do chalé se encontrava no candeeiro exterior. Enquanto ali estava, descolou a fotografia de Vigdis e dos filhos do álbum de fotografias, e levou-a com ela. E assim estava tudo preparado. Agora apenas tinha de esperar. Até Harry ir a sua casa jantar. O menu era *tom yam* com pimentos *japone*, Coca-Cola e hidróclorido de morfina. Este último ingrediente é particularmente popular como droga de violação, já que é líquido e quase sem sabor, a dosagem simples e o efeito imprevisível. A vítima acorda com um grande buraco na memória, e pensa que isso se deve ao álcool já que os sintomas são semelhantes aos de uma ressaca. E pode dizer-se que fui violado de muitas maneiras. Eu estava tão desorientado que ela não teve qualquer problema em me tirar o telemóvel do bolso do casaco, antes de me empurrar porta fora. Depois de eu me ter ido embora, ela também saiu. Foi até à minha arrecadação onde ligou o meu telemóvel ao portátil. Quando regressou a casa, esgueirou-se escadas acima. Astrid Monsen ouviu-a, mas pensou que era fru Gundersen do terceiro piso. Depois preparou-se para a sua última exibição, antes de deixar que o resto dos acontecimentos se desenrolassem sozinhos. Claro que sabia que eu iria investigar o caso, oficial ou oficiosamente, por isso deixou-me duas *patrin*. Agarrou na arma com a mão direita, pois sabia que era do meu conhecimento que ela era canhota. E enfiou a fotografia no sapato.

Os lábios de Raskol moveram-se, mas nenhum som os atravessou.

Harry passou uma mão pelo rosto.

– A última pincelada da sua obra-prima foi premir o gatilho da arma.

– Mas porquê? – sussurrou Raskol.

Harry encolheu os ombros.

– Anna era uma pessoa de extremos. Queria vingar-se daqueles que achava

que lhe tinham roubado aquilo para o qual vivia. Amor. Os culpados eram Albu, Gunnerud e eu. E a sua família. Em resumo, o ódio venceu.

– Disparate – disse Raskol.

Harry virou-se e tirou a fotografia de Raskol e Stefan da parede. Colocou-a na mesa entre ambos.

– Não foi sempre o ódio que venceu na sua família, Raskol?

Raskol inclinou a cabeça para trás e esvaziou o copo. Depois sorriu abertamente.

Harry recordou os segundos que se seguiram como um vídeo em *fast forward*. Depois de terem terminado, estava deitado no chão, fora agarrado pelo pescoço por Raskol, com álcool nos olhos, o cheiro de Calvados no nariz e o gargalo partido da garrafa encostado ao pescoço.

– Há apenas uma coisa mais perigosa do que uma pressão arterial excessivamente alta, *Spiuni* – sussurrou Raskol. – E essa é uma pressão arterial excessivamente baixa. Por isso, mantenha-se imóvel.

Harry engoliu em seco e tentou falar, mas Raskol apertou-o com mais força e aquilo que ia dizer transformou-se num grunhido.

– Sun Tzu é absolutamente claro quanto ao amor e ao ódio, *Spiuni*. Tanto o amor como o ódio vencem as guerras. São inseparáveis como gêmeos siameses. A fúria e a compaixão são os vencidos.

– Então estamos ambos prestes a perder – resmungou Harry.

Raskol voltou a apertar o seu amplexo.

– A minha Anna nunca teria escolhido a morte. – A voz estremeceu-lhe. – Ela amava a vida.

Harry arquejou as palavras:

– Como... você... ama... liberdade?

Raskol soltou-o e com um gemido, Hole sorveu o ar para os pulmões doridos. Sentia o coração a bater-lhe na cabeça, mas o som do trânsito no exterior regressou.

– Você fez a sua escolha – disse Harry, sem fôlego. – Entregou-se para cumprir uma penitência. Incompreensível para outros, mas a decisão foi sua. Anna fez o mesmo.

Raskol pressionou a garrafa contra o pescoço de Harry, quando este se

tentou mover.

– Tive os meus motivos.

– Eu sei – disse Harry. – Cumprir uma penitência é um instinto quase tão forte quanto a vingança.

Raskol não respondeu.

– Sabe que Beate Lønn também tomou uma decisão? Ela percebeu que nada traria o pai de volta. Já não sente qualquer raiva. Pediu-me que lhe apresentasse cumprimentos e lhe dissesse que o perdoa. – Uma ponta do vidro raspou-lhe a pele. Assemelhava-se ao som de uma caneta de tinta permanente a escrever sob papel áspero. A escrever hesitante a última palavra. Apenas faltava o ponto final. Harry engoliu em seco. – Agora é a sua vez de escolher, Raskol.

– Escolher o quê, *Spiuni*? Se você vive ou morre?

Harry respirou fundo, e tentou manter o pânico à distância.

– Se quer libertar Beate Lønn ou não. Se lhe vai contar aquilo que aconteceu no dia em que lhe matou o pai. Se você se vai libertar.

– Eu? – Raskol soltou a sua gargalhada suave.

– Encontrei-o – disse Harry. – Isto é, Beate Lønn encontrou-o.

– Encontrou quem?

– Ele vive em Gotemburgo.

A gargalhada de Raskol parou de repente.

– Vive ali há dezanove anos – continuou Harry. – Desde que descobriu que você era o verdadeiro pai de Anna.

– Está a mentir – gritou Raskol e levantou a garrafa acima da cabeça de Harry.

Hole sentiu a boca a secar e fechou os olhos. Ao voltar a abri-los, viu os olhos vidrados de Raskol. Respiraram fundo em uníssono; o peito de ambos ergueu-se e desceu ao mesmo tempo.

– E... Maria? – sussurrou Raskol.

Harry teve de tentar duas vezes antes que outro som lhe voltasse a atravessar as cordas vocais.

– Ninguém sabe nada dela. Alguém contou a Stefan que a viu, há alguns

anos, num grupo itinerante na Normandia.

– Stefan? Falou com ele?

Harry assentiu.

– Porque é que ele iria falar com um *Spiuni* como você?

Harry tentou encolher os ombros, mas foi incapaz de se mover.

– Pergunte-lho você mesmo...

– Perguntar-lhe... – Raskol olhou descrente para Harry.

– Simon foi buscá-lo ontem. Ele está sentado na caravana vizinha. A polícia tem alguns assuntos pendentes com ele, mas os agentes estão avisados que não lhe devem tocar. Ele quer falar consigo. O resto depende de si.

Harry enfiou a mão entre o gargalo e o pescoço. Raskol não o tentou deter quando se levantou. Limitou-se a perguntar:

– Porque é que fez isto, *Spiuni*?

Harry encolheu os ombros.

– Você certificou-se de que os juízes em Moscovo deixavam que Rakel ficasse com Oleg. Eu estou a dar-lhe a oportunidade de ficar com a única pessoa que lhe resta. – Tirou as algemas do bolso do casaco e colocou-as em cima da mesa. – Decida o que decidir, considero que agora estamos quites.

– Quites?

– Você fez com que os meus voltassem. Eu fiz o mesmo por si.

– Estou a ouvir o que está a dizer, Harry, mas o que é que isso significa?

– Significa que vou contar tudo o que sei a respeito do homicídio de Arne Albu. E iremos atrás de si com tudo aquilo que temos.

Raskol ergueu uma sobrancelha.

– Seria mais fácil para si se esquecesse isso, *Spiuni*. Sabe que não vai conseguir nada contra mim, por isso para quê tentar?

– Porque somos a polícia – replicou Harry. – E não concubinas às risadinhas.

O olhar de Raskol não se desviou. Depois fez uma vénia rápida.

Harry virou-se junto da porta. O homem magro sentou-se e inclinou-se sobre a mesa plástica com as sombras a esconder-lhe o rosto.

– Tem até à meia-noite, Raskol. Depois os agentes vêm buscá-lo.

A sirene de uma ambulância cortou o som do trânsito na Finnmarkgata, ascendeu e desceu como se à procura de um tom puro.

Medeia

Harry empurrou cuidadosamente a porta do quarto. Pensou que ainda conseguia sentir o cheiro do seu perfume, mas a fragrância era tão ténue que não tinha a certeza se vinha do quarto ou da sua memória. A cama grande no centro do quarto impunha-se como uma galé romana. Sentou-se no colchão, pousou os dedos no lençol branco e frio, fechou os olhos e sentiu-o erguer-se e baixar. Numa ondulação lenta, pesada. Fora ali – daquela maneira – que Anna esperara por ele naquela noite? Um zumbido zangado. Harry olhou para o relógio. Sete em ponto. Era Beate. Aune tocou alguns minutos depois e o seu duplo queixo estava corado quando subiu as escadas. Disse um «Olá» sem fôlego a Beate e os três dirigiram-se à sala de estar.

– Então consegue dizer quem representam estes três quadros? – perguntou Aune.

– Arne Albu – disse Beate, a apontar para o quadro da esquerda. – Harry no meio e Alf Gunnerud à direita.

– Impressionante – disse Aune.

– Bem – disse Beate –, uma formiga consegue distinguir entre milhões de formigas diferentes, num formigueiro. Em proporção com o seu tamanho, o *fusiform gyrus* delas está muito mais desenvolvido do que o meu.

– Então receio que o meu esteja extremamente subdesenvolvido – disse Aune. – Consegues ver alguma coisa, Harry?

– Consigo ver muito mais do que quando Anna mos mostrou da primeira vez. Agora sei que foram estes três que ela condenou. – Harry apontou para a figura feminina que segurava as três lâmpadas. – Nemésis, a deusa da justiça e da vingança.

– Que os romanos roubaram aos gregos – disse Aune. – Mantiveram a balança, mudaram o chicote para uma espada, vendaram-lhe os olhos e chamaram-lhe *Justitia*. – Dirigiu-se ao candeeiro. – Quando, em 600 a. C., começaram a pensar que o sistema da vingança de sangue não funcionava e decidiram vingar-se do indivíduo e torná-lo num caso público, foi precisamente esta mulher que se tornou o símbolo do Estado constitucional moderno. – Acariciou a mulher fria de bronze. – A justiça cega. A vingança

de sangue-frio. A nossa civilização repousa nas suas mãos. Não é bela?

– Tão bela como uma cadeira eléctrica – disse Harry. – A vingança de Anna não foi propriamente a sangue-frio.

– Foi tanto a sangue-frio como a sangue quente – disse Aune. – Simultaneamente premeditada e apaixonada. Ela devia ser muito sensível. Psicologicamente danificada, é claro, mas não o somos todos? No fundo, trata-se apenas do nível de estragos.

– E como é que Anna estava danificada?

– Nunca a conheci, por isso vou ter de o calcular.

– Continua – disse Harry.

– No que se refere aos antigos deuses, presumo que tenhas ouvido falar de Narciso, o deus grego que se apaixonou de tal modo pelo próprio reflexo que não se conseguia afastar dele? Freud apresentou o conceito de um narcisista à psicologia, um indivíduo com um senso exagerado de singularidade, obcecado pelo sonho de um sucesso sem limites. Para o narcisista, a necessidade de vingança contra aqueles que o, ou a, defrontaram é com frequência maior do que todas as outras necessidades. Chama-se a isso «fúria narcisista». O psicanalista americano Heinz Kohut descreveu como uma tal pessoa iria tentar vingar-se de uma tal ofensa (algo que para nós pode parecer uma mera bagatela) com aquilo que tivesse ao seu dispor. Por exemplo, aquilo que à superfície poderia parecer uma rejeição padrão pode resultar no narcisista num trabalho incansável com uma determinação compulsiva para restabelecer o equilíbrio, causando a morte se necessário.

– A morte de quem? – perguntou Harry.

– De todos.

– Isso é uma loucura – interrompeu Beate.

– De facto, era isso que eu estava a dizer – replicou Aune secamente.

Entraram na sala de jantar. Aune experimentou uma das cadeiras antigas e rígidas da mesa de carvalho longa e estreita.

– Já não as fazem assim.

Beate resmungou.

– Mas porque é que ela tirou a *própria* vida... apenas para se vingar? Devia haver outras maneiras.

– Claro – disse Aune. – Mas é frequente o suicídio ser um acto de vingança

em si mesmo. Quer-se infligir uma sensação de culpa naqueles que nos falharam. Anna limitou-se a aumentar um pouco a parada. Além disso, existem todos os motivos para acreditar que ela já não queria continuar a viver. Estava sozinha, fora rejeitada pelos amantes e pela própria família. Falhara como artista e recorrera à droga, mas isso não a ajudou. Era, em resumo, uma pessoa profundamente decepcionada e infeliz que decidiu premeditar um suicídio. E vingar-se.

– Sem quaisquer escrúpulos morais? – perguntou Harry.

– Claro que o ângulo da moralidade é interessante. – Aune cruzou os braços. – A nossa sociedade impõe-nos o dever moral de vivermos e, assim, condenamos o suicídio. No entanto, com a sua aparente admiração pela antiguidade, Anna pode ter encontrado o seu apoio nos filósofos gregos, que pensavam que todas as pessoas deviam escolher por elas mesmas o momento da sua morte. Nietzsche também considerava que o indivíduo tinha o direito moral de tirar a própria vida. Usava a palavra *Freitod* ou morte voluntária. – Aune ergueu um indicador. – Mas ela teve de se confrontar com outro dilema moral. A vingança. Considerando que professava ser cristã, a ética cristã exige que não se cometa vingança. Logicamente que o paradoxo é os cristãos adorarem um Deus que é o maior vingador de todos. Se O desafirmos, ardemos no inferno para toda a eternidade, um acto de vingança que é completamente desproporcional ao crime, na minha opinião quase um caso para a Amnistia Internacional. E se...

– Talvez ela apenas sentisse ódio?

Aune e Harry viraram-se ambos para Beate. Ela olhou-os com uma expressão de medo, como se as palavras lhe tivessem saído por engano.

– Moralidade – sussurrou. – Amor pela vida. Amor. E, no entanto, o ódio é mais forte.

Fosforescência

Harry encontrava-se junto da janela aberta a ouvir a sirene distante a desvanecer-se lentamente por entre o ribombar de som, que ascendia do caldeirão urbano. A casa que Rakel herdara do pai situava-se acima de tudo aquilo que acontecia no tapete de luz, que vislumbrava entre os pinheiros altos do jardim. Ele gostava de ficar ali a olhar para as árvores, a perguntar-se há quanto tempo ali estavam e a sentir aquele pensamento a acalmá-lo. E a olhar para as luzes da cidade que faziam pensar em fosforescências marinhas. Só as vira uma vez, uma noite quando o avô o levava num barco a remos para fazerem incidir uma luz nos caranguejos em Svartholmen. Fora apenas uma noite, mas ele nunca a esqueceria. Era uma daquelas coisas que se tornavam mais brilhantes e mais reais a cada ano que passava. Nem tudo era assim. Quantas noites passara ele com Anna? Quantas vezes tinham partido no barco do capitão dinamarquês e navegado para onde quer que o seu capricho os levasse? Não se conseguia lembrar. Em breve tudo o resto também ficaria esquecido. Triste? Sim. Triste e necessário.

Apesar disso, havia dois momentos com Anna que ele sabia que nunca seriam completamente apagados. Duas imagens quase idênticas, ambas com o seu cabelo forte espalhado sobre a almofada como um leque negro, olhos escancarados e uma mão a agarrar um lençol branco, branco. A diferença era a outra mão. Numa imagem, os dedos dela estavam entrelaçados nos seus; na outra, apertavam uma pistola.

– Podes fechar a janela? – disse Rakel atrás dele. Estava sentada no sofá, as pernas dobradas debaixo do corpo, um copo de vinho tinto na mão. Oleg acabara de se deitar feliz depois de esmagar pela primeira vez Harry no Tetris, e Hole estava com receio de que uma era tivesse acabado de passar para sempre.

As notícias não traziam nada de novo. Antigos refrões: a cruzada militar contra o Oriente, represálias contra o Ocidente. Tinham apagado a televisão e posto um disco dos Stone Roses, que, para grande surpresa e alegria de Harry, se encontrava entre a colecção de discos de Rakel. Juventude. Essa fora uma época em que nada lhe agradava mais do que ver miúdos ingleses arrogantes com guitarras e uma atitude. Agora gostava dos Kings of Convenience porque

cantavam com precisão e soavam um pouco menos estúpidos do que Donovan. E os Stone Roses num volume baixo. Triste, mas verdade. Talvez necessário. As coisas moviam-se em círculos. Fechou a janela e prometeu a si mesmo que iria levar Oleg até uma ilha e fazer incidir uma lanterna sobre os caranguejos, assim que surgisse essa oportunidade.

«*Down, down, down*», murmuravam os Stone Roses nas colunas.

Rakel inclinou-se para a frente e bebericou o vinho.

– É uma história tão antiga como o mundo – sussurrou. – Dois irmãos que amam a mesma mulher, a melhor receita para uma tragédia.

Ficaram em silêncio, entrelaçaram os dedos e ouviram a respiração um do outro.

– Amaste-la? – perguntou ela.

Harry pensou cuidadosamente na pergunta antes de responder.

– Não me lembro. Foi uma época da minha vida muito... confusa.

Ela acariciou-lhe o queixo.

– Sabes uma coisa que acho muito estranha? Essa mulher que nunca vi ou conheci entrou no teu apartamento, andou por ele e viu a fotografia de nós os três em Frognersteteren, pregada ao espelho. Sabendo que iria estragar tudo. E, afinal, talvez vocês os dois se tivessem amado.

– Hm. Ela já tinha planeado todos os pormenores muito antes de saber de ti e de Oleg. Ela conseguiu a assinatura de Ali este Verão.

– Imagina o trabalho que deve ter tido a falsificar a assinatura dele, sendo canhota.

– Nem pensei nisso. – Virou a cabeça sobre o colo dela e olhou para cima. – Podemos falar de outra coisa? O que é que dirias se eu ligasse ao meu pai e lhe perguntasse se poderíamos usar a casa de Åndalsnes no próximo Verão? O tempo está normalmente uma porcaria, mas há uma casa do barco e o barco a remos do meu avô.

Rakel riu-se. Harry fechou os olhos. Adorava o riso dela. Se tivesse cuidado e não cometesse nenhum erro, pensou, talvez lhe fosse permitido ouvir aquele riso ainda durante muito tempo.

Harry acordou sobressaltado. Esforçou-se por se sentar e tentou respirar. Estivera a sonhar, mas não se conseguia lembrar do quê. O coração batia-lhe como um tambor enlouquecido. Estava de novo debaixo de água na piscina de

Banguescoque? Ou a enfrentar o assassino no Hotel SAS? A cabeça doía-lhe.

– O que é que se passa? – murmurou Rakel no escuro.

– Nada – sussurrou Harry. – Volta a dormir.

Levantou-se, dirigiu-se à casa de banho e bebeu um copo de água. O rosto macilento e exausto olhou-o do espelho. No exterior, soprava uma ventania. Os ramos do enorme carvalho no jardim arranhavam a parede. Espetavam-se-lhe no ombro. Tocavam-lhe no pescoço e faziam com que o cabelo se lhe pusesse em pé. Voltou a encher o copo e bebeu devagar. Lembrava-se agora. Aquilo que estivera a sonhar. Um rapaz sentado no telhado de uma escola, a baloiçar as pernas. Que não entrava para a sala de aulas. Cujo irmão mais novo lhe fazia os trabalhos. Que mostrara ao novo amor do irmão todos os lugares em que tinham brincado quando eram miúdos. Harry estivera a sonhar com uma receita para a tragédia.

Quando se voltou a enfiar debaixo do edredão, Rakel estava a dormir. Olhou para o tecto e começou a esperar pela primeira luz do dia.

O relógio na mesa-de-cabeceira indicava 05h03. Não conseguiu aguentar. Levantou-se, ligou para as informações e pediu o número de telefone privado de Jean Hue.

Heinrich Schirmer

Beate acordou quando a campainha tocou pela terceira vez.

Rolou para o lado e olhou para o relógio. Cinco e um quarto. Ficou deitada a pensar qual seria a atitude mais sensata – mandá-lo para o inferno ou fingir que não estava em casa. Outro toque, de um género que deixava bem claro que ele não iria desistir.

Suspirou, levantou-se e vestiu um roupão. Pegou no auscultador do intercomunicador.

– Sim?

– Desculpa passar por aqui tão tarde, Beate. Ou tão cedo.

– Vai para o inferno, Tom.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Não é o Tom – disse a voz. – Sou eu, o Harry.

Beate praguejou baixinho e pressionou o botão para abrir a porta.

– Não conseguia dormir – explicou Harry, assim que entrou. – É acerca do Executor.

Deixou-se cair no sofá ao mesmo tempo que Beate se enfiava no quarto.

– Como já te disse, aquilo que fazes com o Waaler não me diz respeito... – gritou Harry em direcção à porta aberta do quarto.

– Como disseste, não te diz respeito – gritou ela em resposta. – E, além disso, ele foi suspenso.

– Eu sei. Fui chamado a comparecer no tribunal do SEFO para falar acerca do meu encontro com Alf Gunnerud.

Ela reapareceu vestida com calças de ganga e uma *T-shirt* branca, e parou em frente dele. Harry levantou os olhos.

– Quis dizer, suspenso por mim – disse Beate.

– Oh?

– É um filho da mãe. No entanto, isso não quer dizer que possas dizer

aquilo que te apetece a quem te apetece.

Harry inclinou a cabeça e semicerrou um olho.

– Tenho de repetir? – perguntou ela.

– Não – replicou Harry. – Acho que já percebi a mensagem. E se não for uma pessoa qualquer, mas um amigo?

– Café?

Mas Beate não conseguiu chegar à cozinha sem corar. Harry levantou-se e seguiu-a. Havia apenas uma cadeira junto à pequena mesa. Na parede, encontrava-se uma placa de madeira pintada de cor-de-rosa com um antigo poema de Hávamál:

*Em cada soleira de porta,
Por onde alguém entra,
Uma pessoa olha em volta,
Outra observa
Pois incerta é a intenção
Que não haja nenhum inimigo sentado,
No interior, à sua frente no chão.*

– Ontem à noite, Rakel disse-me duas coisas que me fizeram pensar – disse Harry, encostando-se ao lava-loiça. – A primeira foi que dois irmãos que amavam a mesma mulher era uma receita para a tragédia. A segunda que Anna devia ter tido muito trabalho a imitar a assinatura de Ali, já que era canhota.

– Oh, sim? – Beate deitou uma colherada de café no filtro da máquina.

– Os cadernos escolares de Lev. Foi Trond Grette quem tos deu para serem comparados com a carta de suicídio. Lembras-te de qual era a disciplina?

– Não olhei assim com tanta atenção. Apenas me lembro de ter verificado que eram dele. – Deitou água na máquina.

– Era Norueguês – disse Harry.

– Podia ser – disse ela, a olhá-lo.

– Era – replicou Harry. – Acabei de estar com Jean Hue, da *Kripos*.

– O especialista de caligrafia? A esta hora, a meio da noite?

– Ele tem um escritório em casa e foi muito compreensivo. Comparou o caderno e a carta de suicídio com isto. – Harry desdobrou uma folha de papel e estendeu-a sobre o escorredor da loiça. – O café vai demorar?

– O que é que é assim tão urgente? – perguntou Beate, debruçando-se sobre a folha.

– Tudo – disse Harry. – A primeira coisa que tens de fazer é voltares a verificar todas as contas bancárias.

Else Lund, a gerente da Agência de Viagens Brastour – e uma de dois funcionários –, era por vezes despertada a meio da noite por um cliente no Brasil que fora roubado, ou perdera o passaporte e bilhetes, e no seu desespero lhe ligava para o telemóvel sem se lembrar da diferença horária. Por isso, ela desligava-o sempre que se deitava. Foi por esse motivo que ficou furiosa quando o telefone da rede fixa tocou às cinco e meia da manhã, e a voz na outra extremidade perguntou se ela poderia ir ao escritório o mais depressa que lhe fosse possível. Apenas ficou ligeiramente menos furiosa quando a voz acrescentou que era da polícia.

– Espero que seja uma questão de vida ou de morte – disse Else Lund.

– É – disse a voz. – Mais de morte.

* * *

Normalmente Rune Ivarsson era o primeiro a chegar ao escritório. Olhava pela janela. Gostava da tranquilidade, de ter o piso inteiro só para si, mas não era por esse motivo. Quando os outros chegavam, Ivarsson já tinha lido todos os faxes, os relatórios da noite anterior, todos os jornais, e tinha o avanço de que necessitava. Quando se era o chefe, tinha sempre de se estar um passo à frente dos acontecimentos – estabelecer-se um posto avançado para se obter uma perspectiva melhor. Quando os seus subordinados da divisão expressavam a frustração periódica que a administração lhes estava a esconder informações, era porque não compreendiam que conhecimento é poder, e que, qualquer equipa de administração, tem de ter poder para planear o caminho que acabará por fazer com que um caso seja solucionado. Na verdade, era apenas para seu próprio proveito que a administração possuía um conhecimento maior. Quando dera instruções a todos aqueles que trabalhavam no caso do Executor para reportarem directamente a ele, fora exactamente por esse motivo, para manter a informação onde ela pertencia em vez de desperdiçar tempo em intermináveis discussões plenárias, que apenas serviam para dar aos subordinados a sensação de que eram participantes no processo. Naquele momento era mais importante que ele, como chefe da Unidade,

tivesse o controle, mostrasse iniciativa e agisse. Apesar de ter feito o seu melhor para parecer que as revelações a respeito de Lev Grette eram trabalho seu, sabia que a maneira como as coisas tinham acontecido enfraquecera a sua autoridade. A autoridade de um chefe de Unidade não era uma questão de prestígio pessoal, mas uma questão de toda a força policial, dissera a si mesmo.

Bateram à porta.

– Não sabia que gostavas de acordar cedo, Hole – disse Ivarsson para o rosto macilento na soleira da porta, e continuou a ler o *fax* que tinha à frente. Pedira que um jornal diário lhe enviasse algumas citações que fizera quando o entrevistaram a respeito do caso do Executor. Não gostara da entrevista. Na verdade não o tinham citado erradamente, mas tinham conseguido fazer com que ele parecesse evasivo e impotente. Felizmente, as fotografias eram boas.

– O que é que queres, Hole?

– Apenas dizer que convoquei uma reunião no sexto piso. Pensei que poderias estar interessado em assistir. É acerca do chamado assalto ao banco em Bogstadveien. Estamos prestes a começar.

Ivarsson parou de ler e ergueu os olhos.

– Então convocaste uma reunião? Interessante. Posso perguntar quem te deu autorização para o fazeres, Hole?

– Ninguém.

– Ninguém. – Ivarsson soltou um som curto que se assemelhava à gargalhada de uma gaivota. – Então é melhor ires até lá acima e dizeres que a reunião está adiada até depois de almoço. É que, sabes, agora tenho um monte de relatórios nos quais trabalhar. Percebeste?

Harry assentiu lentamente, como se a dar ao assunto a sua devida consideração.

– Percebi. No entanto, este é um assunto da Brigada Criminal e vamos começar agora. Boa sorte com os relatórios.

Virou-se e nesse momento o punho de Ivarsson bateu na mesa.

– Hole! Não me vires o raio das costas dessa maneira! *Eu* é que convoco as reuniões neste departamento. Em especial quando se trata de um assalto. Compreendido? – Um lábio inferior vermelho e molhado tremeu no rosto do PAS.

– Como ouviste, trata-se do *chamado* assalto de Bogstadveien, Ivarsson.

– E que raio queres tu dizer com isso? – A voz era agora um lamento.

– Que o assalto a Bogstadveien nunca foi um assalto – disse Harry. – Foi um homicídio cuidadosamente planeado.

Harry encontrava-se junto da janela a olhar para a prisão Botsen. O dia piorara gradualmente, como um carrinho de mão rangente. Nuvens de chuva acima de Ekeberg e guarda-chuvas pretos em Grønlandsleiret. Estavam reunidos atrás de si: Bjarne Møller, a bocejar e afundado na cadeira; o sorridente superintendente-chefe que conversava com Ivarsson; Weber de braços cruzados, silencioso e impaciente; Halvorsen com o bloco de notas preparado; e Beate Lønn de olhos nervosos e errantes.

Stone Roses

O s aguaceiros começaram mais tarde, ainda durante o dia. O sol espreitava por entre o cinzento chumbo, e depois as nuvens afastaram-se como cortinados a abrirem-se para o acto final. Iriam ser as últimas horas de céu azul antes de a cidade de Oslo puxar sobre si o edredão cinzento do Inverno. Disengrenda estava banhada pelo sol quando Harry premiu a campainha pela terceira vez.

Ouvia a campainha a resmungar no abdómen da casa com terraço. A janela da vizinha abriu-se ruidosamente

– Trond não está – chilreou uma voz. O seu rosto tinha agora uma tonalidade castanha diferente, uma espécie de castanho-dourado, que fez com que Harry pensasse em pele manchada pela nicotina. – Pobre rapaz – acrescentou.

– Onde é que ele está? – perguntou Harry.

Ela rolou os olhos em resposta e apontou com o polegar por cima do ombro.

– No *court* de ténis?

Beate preparou-se para se afastar, mas Harry ficou onde estava.

– Estive a pensar naquilo de que falámos da última vez – disse Harry. – Acerca da ponte pedonal. Você disse que tinham ficado todos muito surpreendidos, porque ele era um rapaz tão sossegado e amável.

– Disse?

– Mas todas as pessoas aqui de Grenda, sabiam que ele o tinha feito?

– Vimo-lo de manhã a sair de bicicleta.

– Com o casaco vermelho?

– Sim.

– Lev?

– Lev? – Ela riu-se e sacudiu a cabeça. – Não estou a falar de Lev. Ele fez muitas coisas estranhas, mas nunca foi mau.

– Então de quem estava a falar?

– De Trond. Estive sempre a falar dele. Disse que estava completamente branco. Trond não suporta ver sangue.

O vento estava a aumentar. A ocidente, nuvens negras semelhantes a pipocas começavam a amontoar-se no céu azul. As rajadas arrepiavam as poças de barro vermelho do *court* de ténis e apagavam a imagem reflectida de Trond Grette, que levantou a bola para outro serviço.

– Olá – disse Trond, a bater numa bola que girou suavemente no ar. Uma pequena nuvem de giz branco ergueu-se nas traseiras da caixa de serviço e foi de imediato levada pelo vento enquanto a bola, alta e sem possibilidade de retorno, passava pelo oponente imaginário do outro lado da rede.

Trond olhou Harry e Beate no exterior da vedação metálica. Vestia um pólo branco, calções brancos, meias brancas e ténis brancos.

– Perfeito, não foi? – Sorriu.

– Quase – disse Harry.

Trond pareceu resplandecer ainda mais, escudou os olhos e perscrutou o céu.

– Parece que está a ficar enublado. Em que é que os posso ajudar?

– Pode acompanhar-nos até ao Quartel-general da Polícia – disse Harry.

– O Quartel-general da Polícia? – Olhou-os surpreendido. Isto é, *tentou* parecer surpreendido. Os olhos escancarados eram um pouco teatrais e havia algo de afectado na sua voz que ainda não tinham ouvido antes, quando o tinham interrogado. A entoação era demasiado baixa e erguia-se ligeiramente no fim: *Quartel-general da Polícia?* Harry sentiu os pêlos do pescoço erguerem-se.

– Agora – disse Beate.

– Certo. – Trond assentiu como se algo se tivesse encaixado e voltou a sorrir. – Claro. – Dirigiu-se ao banco onde duas raquetes de ténis espreitavam sob um casaco cinzento. Os ténis brancos arrastaram-se.

– Enlouqueceu – sussurrou Beate. – Vou algemá-lo.

– Não... – Harry ia começar a falar e agarrou-lhe o braço, mas ela já empurrara a porta e entrara. O tempo expandiu-se, inchou como um *airbag* e apanhou Harry, imobilizando-o. Através da vedação de arame viu Beate a tirar as algemas que tinha presas ao cinto. Ouviu o som dos sapatos de Trond

no chão. Passos pequenos. Como os de um astronauta. A mão de Harry moveu-se automaticamente para a pistola no coldre do ombro, debaixo do casaco.

– Grette, lamento... – foi tudo o que Beate conseguiu dizer antes de Trond chegar junto do banco e enfiar a mão debaixo do casaco. Agora o tempo começara a respirar, encolhia-se e expandia-se num único movimento. Harry sentiu a mão a fechar-se à volta da coronha da arma, sabendo que existia uma eternidade entre aquele segundo e o retirar da arma, carregá-la, soltar o travão de segurança e apontar. Sob o braço levantado de Beate, vislumbrou o reflexo de um clarão de sol.

– Eu também – disse Trond, ao erguer a AG3 cinzento-aço e verde-azeitona até ao ombro. Beate recuou um passo. – Minha querida – continuou Trond suavemente. – Fique quieta, muito quieta se quer continuar viva durante mais alguns segundos.

– Cometemos um erro – disse Harry, a desviar-se da janela e a dirigir-se aos detectives reunidos. – Stine Grette não foi morta por Lev mas pelo próprio marido, Trond Grette.

A conversa entre o superintendente-chefe e Ivarsson parou, Møller endireitou-se na cadeira, Halvorsen esqueceu-se de tirar notas e até o rosto de Weber perdeu a expressão letárgica.

Acabou por ser Møller a quebrar o silêncio.

– O contabilista?

Harry assentiu para os rostos descrentes.

– Não é possível – disse Weber. – Temos o vídeo da loja de conveniência, e temos a impressão digital na garrafa de Coca-Cola. Não existem dúvidas de que Lev Grette foi o assassino.

– Temos a carta de suicídio – disse Ivarsson.

– E a não ser que eu esteja muito enganado, o assaltante foi identificado como Lev Grette pelo próprio Raskol – disse o superintendente.

– O caso parece encerrado – disse Møller.

– Deixem-me explicar – disse Harry.

– Sim, gostaríamos que o fizesse – disse o superintendente-chefe.

As nuvens eram agora mais velozes e navegavam sobre o Hospital Aker, como uma armada negra.

– Não faça nada de estúpido, Harry – disse Trond. O cano da arma estava pressionado contra a testa de Beate. – Pouse a arma que sei que está a segurar.

– Senão? – perguntou Harry, a tirar a arma do coldre.

Trond soltou uma gargalhada baixa.

– Elementar. Abato a sua parceira.

– Como abateu a sua mulher?

– Ela mereceu-o.

– Oh? Porque gostava mais de Lev do que de si?

– Porque era a *minha* mulher!

Harry respirou fundo. Beate encontrava-se entre Trond e ele, mas de costas viradas para Harry por isso ele era incapaz de ler qualquer uma das suas expressões faciais. Tinha várias opções possíveis. A opção número um era dizer a Trond que estava a ser estúpido e precipitado, e esperar que ele visse isso. Contra: um homem que levava uma AG3 carregada para um *court* de ténis, já pensara como é que a ia utilizar. Opção número dois era fazer aquilo que Trond lhe dizia, pousar a arma e esperar ser chacinado. Opção número três era fazer pressão sobre Trond, fazer com que acontecesse qualquer coisa, qualquer coisa que o fizesse mudar de planos. Ou explodir e premir o gatilho. A primeira opção era impossível, a segunda o pior cenário possível e a terceira, bem, se acontecesse a Beate a mesma coisa que acontecera a Ellen, Harry sabia que nunca seria capaz de viver consigo mesmo – se sobrevivesse.

– Talvez ela já não quisesse ser a sua mulher – disse Harry. – Foi isso que aconteceu?

O dedo de Trond apertou-se à volta do gatilho e os olhos dele encontraram os de Harry acima do ombro de Beate. Instintivamente, Harry começou a contar. *Mil e um, mil e dois...*

– Ela pensou que me podia deixar – disse Trond num tom de voz mais baixo. – Eu... que lhe dei tudo. – Riu-se. – Trocar-me por um tipo que nunca fez nada por ninguém, que pensava que a vida era uma festa de aniversário e que todos os presentes eram para ele. Lev não roubava. Estava apenas confuso com as preposições *de* e *para*. – A gargalhada de Trond foi levada pelo vento como migalhas de bolachas com as letras do alfabeto.

– Como *de* Stine *para* Trond – disse Harry.

Trond pestanejou com força.

– Ela disse que o amava. *Amava*. Ela nem sequer usou essas palavras no dia em que casámos. *Gostava de*, disse. *Gostava de* mim. Porque eu era tão bom para ela. Mas amava o rapaz que baloiçava as pernas de um telhado e esperava pelos aplausos. Era isso que ele queria. Aplausos.

Havia menos de seis metros entre ambos e Harry viu as articulações dos dedos de Trond a embranquecer, enquanto segurava a arma.

– Mas para si não, Trond. Você não precisava de aplausos, pois não? Gozava os seus triunfos em silêncio. Sozinho. Como daquela vez na ponte.

Trond impeliu o lábio inferior para fora.

– Dêem-me o devido mérito, vocês acreditaram em mim, não acreditaram?

– Sim, acreditámos em si, Trond. Acreditámos em todas as palavras que nos disse.

– Então em que é que errei?

* * *

– Beate verificou as contas bancárias de Trond e Stine Grette durante os dois últimos quadrimestres – disse Harry.

Beate ergueu uma pilha de papéis.

– Transferiram ambos dinheiro para a Brastour, a agência de viagens – disse ela. – A agência confirmou que em Março deste ano, Stine Grette reservou uma viagem a São Paulo para Junho, e Trond Grette seguiu-a na semana seguinte.

– Até agora, isso encaixa-se com aquilo que Trond Grette nos contou – disse Harry. – A coisa mais estranha é que Stine disse a Klementsén, o gerente de balcão, que ia de férias para a Grécia. E Trond Grette também reservou e comprou o bilhete no mesmo dia em que partiu. Um planeamento muito mau quando se parte de férias em conjunto para celebrar dez anos de casamento, não concordam?

A sala estava tão silenciosa que conseguiam ouvir o motor do frigorífico do outro lado do corredor a desligar-se.

– Suspeitosamente reminescente de uma mulher que mentiu a todos acerca do lugar para onde vai, e um marido já céptico que verificou o saldo bancário dela e foi incapaz de relacionar a Brastour com uma viagem à Grécia. E depois ligou para a agência, descobriu qual o nome do hotel onde a mulher estava hospedada e seguiu-a para a trazer para casa.

– E daí? – perguntou Ivarsson. – Encontrou-a com um preto?

Harry sacudiu a cabeça.

– Acho que nem sequer a encontrou.

– Verificámos e ela não ficou no hotel em que fez a reserva – disse Beate. – Trond regressou um voo mais cedo.

– Além disso, Trond utilizou trinta mil kroner do seu cartão de crédito em São Paulo. A princípio, disse que tinha comprado um anel de diamantes, depois que se encontrara com Lev e lhe dera o dinheiro porque ele não tinha nenhum. No entanto, tenho quase a certeza de que nada disto é verdade. Acho que o dinheiro serviu para pagar um serviço pelo qual São Paulo é ainda mais famoso do que a joalharia.

– E qual é esse? – perguntou Ivarsson, claramente irritado pelo silêncio que se tornava insuportável.

– Assassínio por encomenda.

Harry sentiu vontade de continuar a arrastar o assunto, mas um olhar de Beate disse-lhe que se estava a tornar melodramático.

– Neste Outono, quando Lev regressou a Oslo foi com o seu dinheiro. Não estava de modo nenhum falido e não tinha qualquer intenção de roubar um banco. Tinha voltado para levar Stine com ele para o Brasil.

– Stine? – exclamou Møller. – A mulher do irmão?

Harry assentiu. Os detectives presentes trocaram olhares.

– E era suposto Stine mudar-se para o Brasil sem o dizer a ninguém? – continuou Møller. – Nem aos pais, nem aos amigos? Sem sequer informar os patrões?

– Bem – disse Harry –, quando se decide passar a vida com um assaltante de bancos procurado pela polícia e pelos próprios cúmplices, não se anuncia os nossos planos nem se deixa um endereço de correio. Só o contou a uma pessoa e essa pessoa foi Trond.

– A última pessoa a quem o deveria ter contado – acrescentou Beate.

– Provavelmente pensava que o conhecia, depois de passar treze anos com ele. – Harry dirigiu-se de novo à janela. – O contabilista sensível e amável mas seguro, que tanto a amava. Deixem-me especular um pouco acerca daquilo que aconteceu a seguir.

Ivarsson fungou.

– E o que é que chamas àquilo que tens estado a fazer até agora?

– Quando Lev chegou a Oslo, Trond entrou em contacto com ele. Disse que eram irmãos e adultos, por isso deviam poder falar das coisas. Lev sentiu-se aliviado e feliz. Mas não se mostrou pela cidade, era demasiado arriscado, por isso combinaram encontrar-se em Disengrenda enquanto Stine estava a trabalhar. Lev foi ter com Trond e foi bem recebido por ele. Este disse-lhe que a princípio ficara triste, mas que agora já o tinha ultrapassado e sentia-se feliz por eles. Abriu uma garrafa de Coca-Cola para cada um, beberam e falaram acerca de assuntos práticos. Trond tem o endereço secreto de Lev em d’Ajuda, por isso pode reencaminhar o correio, pagamentos e outras coisas para Stine. Lev não se apercebe de que acabara de dar ao irmão os pormenores finais de que ele necessita para implementar o plano que Trond iniciou quando esteve em São Paulo.

Harry viu Weber a assentir lentamente.

– Sexta de manhã. Dia D. De tarde, Stine vai apanhar um avião para Londres com Lev e partirão daí para o Brasil na manhã seguinte. A viagem foi reservada através da Brastour. As malas estão feitas e prontas em casa, mas ela e Trond vão trabalhar como habitualmente. Às duas, Trond sai do emprego e vai até ao Focus em Sporveisgata. Chega, paga o *court* de *squash* que marcou, mas diz que não consegue encontrar um parceiro. Esse é o primeiro álibi: um pagamento registado às 14h34. Depois diz que em vez disso vai treinar um pouco para a sala de *fitness*, e dirige-se ao vestiário. A essa hora, há muitas pessoas a entrarem e a saírem. Fecha-se na casa de banho com o saco desportivo, veste o fato-macaco e qualquer coisa por cima, talvez um sobretudo, espera até ter a certeza de que as pessoas que o viram entrar para a casa de banho se tenham ido embora, põe os óculos escuros, pega no saco, e passa rápida e despercebidamente pelo vestiário e recepção. Imagino que tenha seguido pela Stenspark e depois subiu a Pilestredet, até um prédio em construção onde saem às três. Esgueira-se para o interior, despe o casaco, enfia uma balaclava dobrada que escondeu debaixo do boné. Depois sobe a encosta e vira à esquerda na Industrigata. No cruzamento da Bogstadveien, entra na loja de conveniência. Estivera ali algumas semanas antes para verificar o ângulo das câmaras. E o contentor que alugou encontra-se em posição. O cenário está preparado para os diligentes agentes da polícia que ele obviamente sabe irão verificar todas as imagens de vídeo das lojas e estações de serviço das vizinhanças. Assim, monta este pequeno espectáculo para nós: não lhe vemos o rosto, mas vemos muito claramente a garrafa de Coca-Cola que segura na mão nua e da qual está a beber. Enfia-a num saco de plástico, por isso estamos todos convencidos de que as impressões digitais não ficaram

estragadas pela chuva, e coloca-a no interior do contentor verde que sabe que só vai ser recolhido dali a muito tempo. Deve ter uma grande opinião a respeito da nossa eficiência, e quase perdemos a prova, mas teve sorte. Beate conduziu como uma louca e conseguimos-la. Trond Grette consegue um álibi à prova de bala quando consegue a prova final e inabalável contra Lev.

Harry interrompeu-se. Os rostos à sua frente exprimiam uma perplexidade moderada.

– A garrafa de Coca-Cola era aquela que Lev bebera em Disengrenda – disse Harry. – Ou em qualquer outro lado. Trond levava-a exactamente com esse objectivo.

– Receio que te tenhas esquecido de uma coisa – resmungou Ivarsson. – Tu mesmo viste que o assaltante estava a segurar a garrafa com as mãos nuas. Se fosse Trond Grette, deviam ser as suas impressões na garrafa.

Harry fez um sinal com a cabeça para Weber.

– Cola – disse o experiente detective.

– Desculpe? – O superintendente-chefe virou-se para Weber.

– Um velho truque usado pelos assaltantes de bancos. Passa-se um pouco de cola sobre as pontas dos dedos, deixa-se endurecer e, pronto, não há impressões digitais.

O superintendente-chefe sacudiu a cabeça.

– Mas onde é que esse contabilista, como vocês lhe chamam, aprendeu esses truques?

– Era o irmão mais novo de um dos assaltantes de bancos mais profissionais que a Noruega já viu – respondeu Beate. – Conhecia de cor os métodos e estilo de Lev. Entre outras coisas Lev guardava, na casa de Disengrenda, gravações em vídeo dos seus assaltos. Trond aprendeu tão bem as técnicas do irmão que até enganou o próprio Raskol, que pensou reconhecer Lev Grette. A acrescentar a isso, há a semelhança física dos dois irmãos, que mostrava que a manipulação informática dos vídeos indicava que o assaltante *podia* ser Lev.

– Merda! – exclamou Halvorsen involuntariamente. Baixou-se e lançou a Møller um olhar receoso, mas Møller estava sentado de boca escancarada a olhar apaticamente para a frente, como se uma bala lhe tivesse atravessado a cabeça.

* * *

– Não pousou a arma, Harry. Pode explicar-se?

Harry tentou respirar regularmente apesar de o seu coração bater enlouquecido. Era crucial que o oxigénio lhe chegasse ao cérebro. Tentou não olhar para Beate. O vento erguia madeixas finas e louras do cabelo dela. Os músculos do pescoço magro começavam a retesar-se e os ombros tinham começado a tremer.

– Elementar – disse Harry. – Vai-nos abater aos dois. Vai ter de me dar algo melhor que isso, Trond.

Trond riu-se e encostou a face à coronha verde da arma.

– O que é que diz deste acordo, Harry? Tem vinte e cinco segundos para pensar nas alternativas e pousar a arma.

– Os habituais vinte e cinco?

– Exacto. Presumo que se recorde como o tempo passou rapidamente. Pense depressa, Harry.

– Sabe porque é que achei que Stine conhecia o assaltante? – gritou Harry. – Estavam demasiado próximos. Muito mais próximos do que você está agora de Beate. É estranho, mas até em situações de vida ou de morte, as pessoas respeitam os espaços íntimos dos outros se o conseguirem fazer. Não é estranho?

Trond encostou o cano ao queixo de Beate e levantou-lhe a face.

– Beate, poderia ter a amabilidade de fazer a contagem por nós? – Estava agora a utilizar um tom teatral. – De um a vinte e cinco. Não demasiado depressa nem demasiado devagar.

– Estou curioso em relação a uma coisa – disse Harry. – O que é que ela disse antes de você a matar?

– Quer mesmo saber, Harry?

– Sim, quero.

– Beate tem dois segundos para começar a contar. Um...

– Conta, Beate!

– Um. – A voz dela era um murmúrio seco. – Dois.

– Stine pronunciou a derradeira sentença de morte para ela e para Lev – disse Trond.

– Três.

– Disse que eu a podia matar, mas que o devia poupar.

Harry sentiu a garganta a apertar-se-lhe e o seu amplexo na arma enfraqueceu.

– Quatro.

– Por outras palavras, teria morto Stine qualquer que tivesse sido o tempo que o gerente de balcão tivesse demorado a enfiar o dinheiro no saco? – perguntou Halvorsen.

Harry assentiu sombriamente.

– Como pareces saber tudo, presumo que também saibas qual foi a sua rota de fuga – disse Ivarsson. O tom pretendia ser sarcástico e trocista, mas a irritação era demasiado evidente.

– Não, mas presumo que voltou pelo mesmo caminho. Subiu a Industrigata, desceu a Pilestredet, entrou no prédio em construção onde tirou a balaclava e «colou» a etiqueta de POLITI nas costas do fato-macaco. Quando voltou ao Focus, usava um boné e óculos escuros, e não chamou a atenção do pessoal do centro já que estes não reconheceram quaisquer fotografias dele. Entrou no vestiário e vestiu o equipamento desportivo que usava quando chegou do trabalho, depois juntou-se à confusão geral das salas de *fitness*, andou um pouco de bicicleta, talvez tivesse levantado alguns pesos. A seguir tomou um duche, dirigiu-se à recepção e reportou que a sua raquete de *squash* desaparecera. A rapariga que apontou os pormenores que ele lhe deu indicou a hora exacta como sendo 16h02. O álibi estava cimentado e ele saiu, ouviu as sirenes e conduziu para casa. Possivelmente.

– Não sei se compreendo o objectivo da etiqueta da polícia – disse o superintendente-chefe. – Nem sequer temos fatos-macacos na força.

– Psicologia elementar – disse Beate e as faces brilharam-lhe quando viu as sobrelanceiras erguidas do superintendente. – Quero dizer... não elementar no sentido de ser... hm, óbvio.

– Continue – disse o superintendente-chefe.

– Claro que Trond Grette sabia que a polícia iria procurar qualquer pessoa que tivesse um fato-macaco e que tivesse sido vista na zona. Assim, o seu fato-macaco tinha de ter algo que fizesse com que a polícia que enxameava a área prestasse pouca atenção àquele indivíduo não identificado, na Focus. O público afasta-se sempre da polícia.

– Teoria interessante – disse Ivarsson com um sorriso amargo e as pontas de

dois dedos debaixo do queixo.

– Ela tem razão – disse o superintendente. – Todas as pessoas têm medo da autoridade. Continue.

– Mas para ter a certeza absoluta, fingiu ser uma testemunha e ofereceu informações acerca de um homem que vira passar pela sala de *fitness* com um fato-macaco que dizia POLITI.

– O que foi por si mesmo um golpe de génio – disse Harry. – Grette contou-nos isso como se não soubesse que essa indicação de POLITI no fato-macaco afastaria o homem das nossas investigações. Claro que também fazia aumentar perante os nossos olhos a credibilidade de Trond Grette já que ele oferecera informações que, do seu ponto de vista, o poderiam colocar na rota de fuga do assassino.

– Eh? – disse Møller. – Repete isso mais uma vez, Harry. Devagar.

Harry respirou fundo.

– Pronto, deixa estar – disse Møller. – Dói-me a cabeça.

– Sete.

– Mas você não fez o que ela pediu – disse Harry. – Não poupou o seu irmão.

– Claro que não – disse Trond.

– Ele soube que você a matou?

– Tive o prazer de ser eu mesmo a dizer-lho. Por telemóvel. Ele estava à espera no Aeroporto de Gardemoen. Disse-lhe que se não embarcasse, também iria atrás dele.

– E ele acreditou quando você disse que matara Stine?

Trond riu-se.

– Lev conhecia-me. Não duvidou nem por um instante. Enquanto lhe estava a dar os pormenores, ele estava a ler informações a respeito do assalto no teletexto do salão da classe executiva. Desligou quando ouvi uma voz de fundo a anunciar o seu voo. O dele e de Stine. Ei, continue! – Encostou a arma à cabeça de Beate.

– Oito.

– Deve ter pensado que ia voltar a casa a salvo – disse Harry. – Não sabia do contrato em São Paulo, pois não?

– Lev era um ladrão, mas um ladrão ingênuo. Nunca me devia ter dado a sua morada secreta em d’Ajuda,

– Nove.

Harry tentou ignorar as palavras automáticas de Beate.

– Então, enviou instruções ao assassino contratado, e a carta de suicídio. Que você escreveu com a mesma letra que usava para fazer os trabalhos de casa de Lev.

– Bravo – disse Trond. – Bom trabalho, Harry. Excepto que essas já tinham sido enviadas antes do assalto.

– Dez.

– Bem – disse Harry –, o assassino contratado também fez um bom trabalho. Parecia mesmo que Lev se tinha enforcado. Apesar do desaparecimento do dedo mindinho ser desconcertante. Era essa a prova da sua morte?

– Vamos colocá-lo desta maneira. Um mindinho cabe muito bem num envelope de correio regular.

– Pensei que não conseguisse ver sangue, Trond.

– Onze.

Harry ouviu o ribombar distante de um trovão acima do vento que assobiava e rugia. O *court* e os carreiros que os rodeavam estavam desertos. Tinham-se todos abrigado da tempestade que se aproximava.

– Doze.

– Porque é que não se limita a entregar-se? – perguntou Harry. – Sabe que não vai conseguir nada.

Trond riu-se.

– Claro que sei. É mesma essa a questão, não é? Nenhuma esperança. Nada a perder.

– Treze.

– Então qual é o plano, Trond?

– O plano? Tenho dois milhões de kroner do assalto ao banco e estou a planear uma longa, se não feliz, vida no exílio. Os planos de viagem tiveram de ser alterados, mas eu estava preparado para isso. O carro está cheio e pronto para partir desde o assalto. Você pode escolher ser abatido ou

algemado à vedação.

– Catorze.

– Sabe que isso não vai resultar – disse Harry.

– Acredite-me, sei muito acerca de desaparecimentos. Lev sabia muito a esse respeito. Só preciso de um avanço de vinte minutos. Terei mudado de transporte e de identidade duas vezes. Tenho quatro carros e quatros passaportes na minha rota, e também bons contactos. Em São Paulo, por exemplo. Vinte milhões de habitantes. Podem começar aí as buscas.

– Quinze.

– A sua parceira vai morrer em breve, Harry. O que é que vai ser?

– Já falou de mais – disse Harry. – De qualquer maneira, vai matar-nos.

– Vai ter de correr esse risco para o descobrir. Que opções é que tem?

– Que morra antes de mim – disse Harry, a carregar a arma.

– Dezasseis – sussurrou Beate.

Harry tinha terminado

– Teoria espantosa, Harry – disse Ivarsson. – Em especial a parte acerca do assassino contratado no Brasil. Extremamente... – mostrou os dentes pequenos num ligeiro sorriso – exótico. Não há mais nada? Uma prova, por exemplo?

– Caligrafia. A carta de suicídio – disse Harry.

– Disseste que não é igual à caligrafia de Trond Grette.

– Não a sua caligrafia habitual. Mas os trabalhos de casa...

– Tens uma testemunha que possa jurar que foi ele que os fez?

– Não – disse Harry.

– Por outras palavras, não tens uma única prova incriminatória neste caso do assalto – resmungou Ivarsson.

– Caso de homicídio – disse Harry suavemente, a olhar para Ivarsson. Na sua visão periférica viu Møller a olhar para o chão, envergonhado, e Beate a torcer as mãos desesperada. O superintendente-chefe pigarreou.

Harry destravou a patilha de segurança.

– O que é que está a fazer? – Trond semicerrou os olhos, e empurrou o cano da arma contra a cabeça de Beate com tanta força que recuou.

– Vinte e um – gemeu ela.

– Isto não é libertador? – disse Harry. – Quando percebemos, por fim, que não temos nada a perder. Faz com que todas as decisões se tornem muito mais fáceis.

– Você está a fazer *bluff*.

– Estou?

Harry encostou a arma ao antebraço esquerdo e disparou. O tiro soou alto e agudo. Alguns décimos de um segundo passaram, antes que o eco vindo dos edifícios altos se abatesse sobre eles. Trond olhou-o. Uma orla denteada cercava o buraco no blusão de cabedal do polícia, e um tufo de lã branca saído do forro sacudiu-se ao vento. O sangue pingava pelo buraco. Gotas vermelhas, pesadas, atingiram o chão com o som de um tiquetaque abafado, e desapareceram na mistura de argila e relva apodrecida para serem absorvidas pelo solo.

– Vinte e dois.

As gotas aumentaram e caíram cada vez com maior rapidez, a soarem como um metrônomo acelerado. Harry levantou a arma, enfiou o cano através de um intervalo na vedação metálica e apontou.

– É assim que se parece o meu sangue, Trond – disse, numa voz tão baixa que mal se ouvia. – Vamos ver como é o teu?

Nesse momento, as nuvens taparam o Sol.

– Vinte e três.

Uma sombra escura caiu como um muro a oeste, primeiro sobre os campos, depois sobre as casas com terraços, os blocos, a argila vermelha e as três pessoas. A temperatura também caiu. Como uma pedra, como se a barreira em frente da luz não cortasse apenas o calor mas também irradiasse frio. Mas Trond não reparou nisso. Tudo o que sentiu e viu foram os arquejos curtos e rápidos da mulher polícia, o seu rosto macilento, sem expressão e o cano da arma do polícia a olhar para ele como um olho negro que encontrara por fim aquilo que procurava e já estivesse a perfurá-lo, a dissecá-lo e a devorá-lo. O trovão distante ribombou. Mas ele apenas ouviu o som do sangue. A carne do polícia estava aberta e o conteúdo despejava-se. O sangue, as entranhas, a sua vida a pingar ruidosamente na relva. Não estava a ser devorado; era aquilo que devorava, queimava no seu percurso em direcção ao solo. Trond sabia que mesmo que fechasse os olhos e cobrisse os ouvidos, ainda conseguiria ouvir o próprio sangue a acelerar-se nas orelhas, a cantar e a latejar para sair.

Sentiu a náusea como uma espécie de dor de parto fraca, um feto que fosse nascer pela boca. Engoliu em seco, mas a água corria-lhe das glândulas, a olear o seu interior, a prepará-lo. Os campos, os edifícios e o *court* de ténis começaram a girar. Enrolou-se, tentou esconder-se atrás da mulher polícia, mas ela era demasiado pequena, demasiado transparente, apenas um véu de vida delicado a tremer sob as rajadas. Agarrou-se à arma como se fosse essa que o estivesse a manter de pé e não o contrário. Pressionou o dedo no gatilho, depois esperou. Teve de esperar. Para quê? Para que o medo o soltasse? Para que as coisas recuperassem o seu equilíbrio? Mas isso não iria acontecer, apenas se limitavam a rodopiar e só paravam quando se esmagavam no fundo. Estivera tudo em queda livre desde que Stine dissera que ia partir, e o sangue que se lhe apressava nos ouvidos fora uma recordação constante que o andamento estava a aumentar. Acordara todas as manhãs a pensar que se devia ter habituado a cair, que agora o horror o ia deixar, que o fim estava à vista, que atravessara a barreira da dor. Mas não era verdade. Depois começara a ansiar para atingir o fundo rochoso, o dia em que deixasse de se sentir assustado. E agora que conseguia ver o fundo, sentia-se ainda mais assustado. O chão do outro lado da vedação metálica avançou na sua direcção.

– Vinte e quatro.

A contagem estava a aproximar-se do fim. O sol incidia nos olhos de Beate, ela estava no interior de um banco em Ryen, e a luz do exterior era ofuscante, tornava tudo branco e duro. O pai encontrava-se ao seu lado, tão silencioso como sempre. A mãe gritava de algures, mas estava muito distante, sempre o estivera. Beate contou as imagens, os Verões, os beijos e as derrotas. Eram muitas, ela estava surpreendida por serem tantas. Lembrava-se de rostos, Paris, Praga, um sorriso sob uma franja preta, uma declaração de amor proferida de modo desajeitado, um «Dói?», receoso e sem fôlego. E um restaurante demasiado caro em San Sebastian, mas no qual reservara à mesma uma mesa. Talvez afinal se pudesse sentir grata?

Despertara daqueles pensamentos quando a arma lhe tocou a testa. As imagens desapareceram e havia apenas a tempestade de neve branca, crepitante, no ecrã. Perguntou-se: *Porque é que o pai apenas ficava ao meu lado? Porque não me pedia nada?* Ele nunca o fizera. E ela odiara-o por isso. Será que não sabia que era a única coisa que ela desejava, fazer alguma coisa por ele, qualquer coisa? Ela caminhara por onde ele caminhara mas quando encontrara o assaltante do banco, o assassino, o homem que criava viúvas e quisera dar ao pai a sua vingança, a vingança deles, ele ficara ao lado dela, tão silencioso como sempre, e recusara.

Agora, encontrava-se onde ele se encontrara. Com todas as pessoas que ela observara nos vídeos de assaltos de todo o mundo, à noite, na Casa da Dor, a perguntar-se em que é que estariam a pensar. Agora era a vez dela e ainda não o sabia.

Depois alguém apagara a luz, o Sol desapareceu e viu-se imersa no frio. Voltara a acordar no frio. Como se o primeiro despertar apenas fizesse parte de um novo sonho. E recomeçara a contar. Mas agora estava a contar lugares em que nunca estivera, pessoas que nunca encontrara, lágrimas que nunca chorara, palavras que ainda nunca ouvira serem ditas.

– Sim, tenho – disse Harry. – Tenho esta prova. – Tirou do bolso uma folha de papel e pousou-a em cima da mesa longa.

Ivarsson e Møller inclinaram-se ambos para a frente, batendo as cabeças.

– O que é isto? – rosnou Ivarsson. – «Um Dia Maravilhoso.»

– Rabiscos – disse Harry. – Escritos num bloco de apontamentos no Hospital Gaustad. Duas testemunhas, Lønn e eu, estavam presentes e podemos testemunhar que quem os escreveu foi Trond Grette.

– E?

Harry olhou para eles. Virou-lhes as costas e aproximou-se devagar da janela.

– Já examinaram os vossos rabiscos quando imaginam que estão a pensar noutra coisa? Podem ser bastante elucidativos. Foi por isso que trouxe o papel, para ver se fazia algum sentido. A princípio, não fazia. Quero dizer, quando a nossa mulher acaba de ser assassinada e se está fechado numa ala psiquiátrica a escrever «Um Dia Maravilhoso», repetidas vezes, então é porque se está completamente doido ou porque se está a escrever o contrário daquilo que se está a pensar. Depois descobri uma coisa.

Oslo tinha uma tonalidade cinzento-clara como o rosto de um velho cansado, mas naquele dia ao sol as poucas cores que ainda lhe restavam resplandeciam. Como um sorriso final antes de uma despedida, pensou Harry.

– «Um Dia Maravilhoso» – disse. – Não é um pensamento, um comentário ou uma afirmação. É um título. Como aqueles que se dão aos trabalhos de casa na escola primária.

Uma carriça passou a voar pela janela.

– Trond Grette não estava a pensar, estava apenas a rabiscar em piloto automático. Tal como o fizera nos seus tempos de escola quando se sentava a

treinar uma nova letra. Jean Hue, o especialista de caligrafia da *Kripos*, já confirmou que foi a mesma pessoa que escreveu a carta de suicídio e os trabalhos de casa.

O filme pareceu ficar preso, a imagem imobilizada, sem um movimento, uma palavra, apenas as acções repetidas de uma fotocopiadora no corredor.

Por fim, Harry virou-se e quebrou o silêncio.

– Parece-me que chegou o momento de Lønn e eu trazermos Trond Grette para interrogatório.

Merda, merda, merda! Harry tentou manter a arma firme, mas a dor estava a deixá-lo atordoado e as rajadas de vento empurravam e puxavam-lhe o corpo. Trond reagira ao ver o sangue tal como Harry esperara e, por um momento, Harry teve uma linha de fogo desobstruída. Mas hesitara e agora Trond tinha Beate à sua frente, de modo que Harry apenas lhe conseguia ver parte da cabeça e ombro. Ela era parecida, conseguia vê-lo agora, Santo Deus, tão parecida. Harry pestanejou com força para se manter focado. A rajada de vento seguinte foi tão forte que levantou o casaco cinzento do banco, e, por instantes, pareceu que um homem invisível apenas vestido com um casaco estava a correr pelo *court* de ténis. Harry sabia que se aproximava uma enxurrada; aquela era a massa de ar que o muro de chuva empurrava à sua frente como um último aviso. Depois ficou tudo escuro como a noite, os dois corpos à sua frente fundiram-se e a seguir a chuva estava acima da sua cabeça; gotas grandes e pesadas começaram a cair.

– Vinte e cinco. – A voz de Beate era subitamente elevada e clara.

No relâmpago de luz, Harry viu os seus corpos a lançarem sombras sobre a argila vermelha. O trovão que se seguiu era tão alto que se colava aos tímpanos como um forro. Um corpo deslizou para longe do outro e caiu ao chão.

Harry lançou-se de joelhos e ouviu a própria voz rugir:

– Ellen!

Viu a figura que ainda se encontrava de pé a virar-se e a começar a avançar para ele, de arma na mão. Harry apontou, mas a chuva corria-lhe pelo rosto e cegava-o. Pestanejou e apontou. Já não sentia nada, nem dor nem frio, nem pena nem triunfo, apenas um vazio enorme. Não era suposto as coisas fazerem sentido; limitavam-se a repetir-se num mantra eterno e evidente – viver, morrer, voltar a nascer, viver, morrer. Premiu o gatilho até meio. Apontou.

– Beate? – sussurrou.

Ela abriu com um pontapé a porta da vedação e estendeu a Harry a AG3.

– O que é que... aconteceu?

– O espasmo de Setesdal – disse ela.

– O espasmo de Setesdal?

– Ele caiu como um monte de tijolos, pobre criatura. – Mostrou-lhe a mão direita. A chuva lavou o sangue de duas feridas nas articulações. – Só estava à espera de que acontecesse alguma coisa para o distrair. E o ribombar do trovão assustou-o de morte. Parece que a ti também.

Olharam para o corpo imóvel do lado esquerdo da caixa de serviço.

– Ajudas-me com as algemas, Harry? – Tinha o cabelo louro colado ao rosto, mas não parecia reparar nisso. Sorriu.

Harry ergueu o rosto para a chuva e fechou os olhos.

– Santo Deus – murmurou. – Esta pobre alma só será libertada a 12 de Julho de 2022. Tende piedade.

– Harry?

Ele abriu os olhos.

– Sim?

– Se não queres que ele seja libertado antes de 2022, é melhor levá-lo já para o Quartel-general da Polícia.

– Não estou a falar dele – disse Harry e levantou-se. – Estou a falar de mim. Da data em que me reformo.

Passou-lhe um braço à volta dos ombros e sorriu.

– Sua espasmo de Setesdal, sua...

O Espinhaço Ekeberg

Recomeçou a nevar em Dezembro. E daquela vez foi a sério. A neve batia contra as paredes das casas e previa-se ainda mais neve. A confissão chegou numa quarta-feira à tarde. Trond Grette, na presença do seu advogado, contou como planeara e mais tarde executara o assassinio da mulher.

Novou durante toda a noite, e no dia seguinte também confessou estar envolvido no homicídio do irmão. O homem a quem pagara para fazer o trabalho chamava-se El Ojo, O Olho, e não tinha qualquer residência fixa. Mudava todas as semanas de nome profissional e número de telemóvel. Trond só se encontrara com ele uma vez, num parque de estacionamento em São Paulo onde tinham combinado os pormenores. El Ojo recebera um adiantamento de mil e quinhentos dólares; Trond deixara o resto num saco de papel num cacifo de bagagem perdida no terminal do Aeroporto de Tietê. O acordo era que ele iria enviar a carta de suicídio para uma estação de correios em Campos Belos, um subúrbio a sul da cidade, e a chave do cacifo quando recebesse o dedo mindinho de Lev.

A única coisa remotamente parecida com divertimento durante as longas horas de interrogatório fora quando tinham perguntado a Trond como, enquanto turista, conseguira ele contactar um assassino profissional. Respondeu que fora muito mais fácil do que tentar apanhar a jeito um empreiteiro norueguês. A analogia não fora totalmente feita por acaso.

– Lev falou-me uma vez disso – disse Trond. – Eles publicitam-se como *plomeros* nos anúncios *online* do jornal *Folha de São Paulo*.

– *Plom* quê?

– *Plomeros*. Canalizadores.

Halvorsen enviou por *fax* para a embaixada do Brasil as poucas informações que tinham. A embaixada conteve-se de fazer uma observação sarcástica e prometeu seguir o caso.

A AG3 que Trond usara no assalto pertencia a Lev e há vários anos que se encontrava no sótão da casa de Disengrenda. Era impossível seguir-lhe o rasto porque o número de série do fabricante fora raspado.

O Natal chegou mais cedo para o consórcio de seguradoras do Nordea já que o dinheiro do assalto ao balcão de Bogstadveien foi encontrado no porta-bagagem do carro de Trond, e não faltava nem um krone.

Os dias passaram, a neve chegou e o interrogatório continuou. Numa tarde de sexta-feira, quando estavam todos exaustos, Harry perguntou a Trond porque é que ele não vomitara quando atingira a mulher na cabeça – afinal, não aguentava ver sangue. A sala ficou silenciosa. Trond olhou para a câmara a um canto. Depois limitou-se a sacudir a cabeça.

Mas quando terminaram e avançavam pelo Culvert de regresso às celas, virara-se subitamente para Harry e dissera:

– Depende de quem é o sangue.

No fim-de-semana, Harry sentou-se numa cadeira junto da janela a observar Oleg e os rapazes da vizinhança a construírem fortes de neve no jardim da casa de madeira. Rakel perguntou-lhe em que é que ele estava a pensar e ele quase o disse. Em vez disso, sugeriu que fossem dar um passeio. Ela foi buscar chapéus e luvas. Passaram pela pista de saltos de Holmenkollen, e Rakel perguntou se deviam convidar o pai e a irmã de Harry para passarem o Natal em casa dela.

– Somos a única família que resta – disse ela e apertou-lhe a mão.

* * *

Na segunda-feira, Harry e Halvorsen começaram a trabalhar no caso Ellen. Desde o início. Interrogaram testemunhas que já tinham interrogado antes, leram antigos relatórios e verificaram informações que não tinham sido seguidas, bem como velhas pistas. Pistas frias, como vieram a descobrir.

– Tens a morada do tipo que disse ter visto Sverre Olsen com um homem num carro vermelho, em Grünerløkka? – perguntou Harry.

– Kvinsvik. A morada dele é a casa dos pais, mas duvido que o encontremos aí.

Harry não esperava muita cooperação quando entrou no Herbert's Pizza a perguntar por Roy Kvinsvik. Mas depois de pagar uma cerveja a um jovem com o logo da *Nasjonalallianse* na *T-shirt*, ficou a saber que já não tinham de manter o voto de silêncio a respeito de Roy, pois esse cortara há pouco tempo os laços com os seus antigos amigos. Aparentemente Roy conhecera uma rapariga cristã e perdera a sua fé no nazismo. Ninguém sabia quem ela era nem onde Roy vivia agora, mas alguém vira-o a cantar no exterior da Igreja de Filadélfia.

A neve acumulava-se em montes profundos, enquanto os limpa-neves atravessavam de um lado para o outro as ruas do centro de Oslo.

A mulher que fora atingida no balcão de Grensen do Den norske Bank teve alta hospitalar. No *Dagbladet*, ela mostrou por onde a bala entrara com um dedo e como estivera próxima de lhe atingir o coração com dois dedos. Agora ia voltar para casa para tratar do marido e dos filhos durante o Natal, dizia o jornal.

Às dez da manhã, de quarta-feira daquela mesma semana, Harry sacudiu a neve das botas em frente da sala 3, Quartel-general da Polícia. Depois bateu.

– Entre, Hole – ouviu-se a voz ribombante do juiz Valderhaug. Era ele que estava a conduzir a investigação interna da SEFO, relacionada com o tiroteio ocorrido no terminal de contentores. Harry foi conduzido a uma cadeira em frente de um tribunal de cinco pessoas. Para além de Valderhaug, estava presente um procurador público, uma detective, um detective e o advogado de defesa, Ola Lunde, que Harry sabia ser duro mas competente e honesto.

– Gostaríamos que nos contasse o que aconteceu antes de interrompermos a sessão para o Natal – começou Valderhaug. – Pode dizer-nos de um modo tão conciso quanto possível qual o seu papel no caso?

Ao som do teclado do computador do detective, Harry contou o seu breve encontro com Alf Gunnerud. Quando terminou, Valderhaug agradeceu-lhe e durante um bocado mexeu nalguns papéis, antes de encontrar aquilo que procurava. Olhou por cima dos óculos para Harry.

– Gostaríamos de saber se, no seu breve encontro, com Gunnerud ficou surpreendido quando ouviu dizer que ele apontou uma arma a um agente da polícia.

Harry lembrou-se do que pensara ao ver Gunnerud nas escadas. Um jovem com medo de voltar a ser espancado. Não um assassino endurecido. Harry olhou o juiz nos olhos e disse:

– Não.

Valderhaug tirou os óculos.

– Mas quando Gunnerud se encontrou consigo, ele decidiu fugir. Pergunto-me o motivo desta mudança de tática quando se encontrou com Waaler.

– Não sei – respondeu Harry. – Não estava lá.

– Mas não acha que é estranho?

– Acho, sim.

– Mas acabou de responder que não ficou surpreendido.

Harry inclinou a cadeira para trás.

– Sou agente da polícia já há muito tempo, senhor juiz. Já não fico surpreendido quando as pessoas fazem coisas estranhas. Nem sequer quando são assassinos.

Valderhaug voltou a colocar os óculos no nariz, e Harry pensou detectar um sorriso brincalhão a cercar a boca no rosto enrugado.

Ola Lunde pigarreou.

– Como sabe, o inspector Tom Waaler foi suspenso durante um breve período de tempo no ano passado, devido a um incidente semelhante enquanto prendia um jovem neonazi.

– Sverre Olsen – disse Harry.

– Nessa altura, a SEFO concluiu que não existiam bases suficientes para que o Ministério Público apresentasse queixa.

– Vocês apenas deliberaram durante uma semana – disse Harry.

Ola Lunde ergueu uma sobrancelha a Valderhaug, que assentiu.

– Apesar disso – continuou Lunde –, é naturalmente suspeito que o mesmo homem se encontre de novo na mesma situação. Sabemos que existe uma enorme solidariedade entre os agentes da polícia, e que estes se sentem relutantes em colocar um colega numa situação difícil por meio de... hm... hm...

– Denúncias – disse Harry.

– Desculpe?

– Acho que a palavra que estava a procurar era «denúncia».

Lunde voltou a trocar um olhar com Valderhaug.

– Sei o que quer dizer, mas nós preferimos chamar-lhe a apresentação de informações relevantes para garantir que os regulamentos são cumpridos. Concorda, Hole?

A cadeira de Harry aterrou sob as pernas da frente com estrondo.

– Sim, concordo. Só não sou tão bom com palavras como vocês.

Valderhaug não conseguiu continuar a esconder um sorriso.

– Não tenho assim tanta certeza disso, Hole – disse Lunde, que também

começara a sorrir. – É bom que estejamos de acordo, e como você e Waaler trabalham juntos há muitos anos, gostaríamos de o utilizar como testemunha de carácter. Tivemos aqui outros agentes que falaram do estilo descomprometido de Waaler ao tratar de criminosos e por vezes não criminosos. Consegue imaginar que Tom Waaler possa ter abatido Alf Gunnerud num momento de precipitação?

Harry lançou um olhar demorado pela janela. Mal conseguia ver a silhueta do Ekeberg por entre a queda de neve. Mas sabia que estava lá. Ano após ano, sentara-se atrás da sua secretária no Quartel-general da Polícia e o Ekeberg sempre ali estivera, e sempre estaria, verde no Verão, preto e branco no Inverno, não podia ser mudado e isso era um facto. O que os factos tinham de bom é que não se tem de pensar se são desejáveis ou não.

– Não – disse Harry. – Não consigo imaginar Tom Waaler a atirar contra Alf Gunnerud, num momento de precipitação.

Se algum dos membros do painel da SEFO reparou no ligeiro ênfase que Harry dera à palavra «precipitação», não o mostrou.

No corredor, Weber levantou-se assim que viu Harry sair.

– O próximo, por favor – disse Harry. – O que é que tens aí?

Weber levantou um saco plástico.

– A arma de Gunnerud. Vou ter de entrar e acabar com isto.

– Hm. – Harry tirou um cigarro do maço. – Arma invulgar.

– Israelita – disse Weber. – Uma Jericho 941.

Harry ficou a olhar para a porta quando esta bateu atrás de Weber, até Møller passar por ele e chamar-lhe a atenção para o cigarro apagado que tinha na boca.

A Unidade de Assaltos estava estranhamente silenciosa. A princípio os detectives tinham gozado e dito que o Executor entrara em hibernação, mas agora diziam que ele fora abatido e enterrado num lugar secreto para assim conseguir um estatuto de lenda eterna. A neve acumulava-se nos telhados por toda a cidade, deslizava e caía neve mais recente enquanto o fumo se erguia pacificamente das chaminés.

As três unidades do Quartel-general da Polícia prepararam uma festa de Natal no refeitório. Foram decididas as mesas e Bjarne Møller, Beate Lønn e Halvorsen acabaram sentados ao lado uns dos outros. Entre eles, uma cadeira vazia e um prato com o nome de Harry num cartão.

– Onde é que ele se meteu? – perguntou Møller, a deitar vinho no copo de Beate.

– Saiu para procurar um dos amigos de Sverre Olsen que diz que viu Olsen e outro tipo na noite do homicídio – respondeu Halvorsen, a esforçar-se por abrir uma garrafa de cerveja com um isqueiro descartável.

– Isso é frustrante – disse Møller. – Diz-lhe para não trabalhar até à morte. Afinal, um jantar de Natal não demora assim tanto tempo.

– É melhor ser você a dizer-lho – disse Halvorsen.

– Talvez ele não queira estar aqui – disse Beate.

Os dois homens olharam para ela e sorriram.

– O que é que se passa? – Riu-se. – Acham que também não conheço Harry?

Fizeram um brinde. Halvorsen não deixara de sorrir. Limitava-se a observar. Havia algo – não sabia bem o quê – de diferente nela. A última vez que a vira fora na sala de reuniões, mas ela não tinha aquela *vida* nos olhos. O sangue nos lábios. A postura, as costas direitas.

– Harry prefere ir preso do que vir a coisas destas – disse Møller, e contou-lhe da vez em que Linda da recepção do POT o forçara a dançar.

Beate riu-se tanto que teve de limpar as lágrimas dos olhos. Depois virou-se para Halvorsen e inclinou a cabeça:

– Vais ficar aí sentado de boca aberta durante toda a noite, Halvorsen?

Halvorsen sentiu as faces a incendiarem-se e conseguiu gaguejar um «De modo algum» confuso, antes de Møller e Beate desatarem de novo a rir às gargalhadas.

Mais tarde, nessa mesma noite, arranjou a coragem suficiente para lhe perguntar se ela queria dar uma volta pela pista de dança. Møller ficou sentado sozinho até Ivarsson se aproximar e sentar na cadeira de Beate. Estava bêbedo, as palavras saíam-lhe arrastadas, e falou de uma altura em que ficara sentado e completamente aterrorizado em frente de um banco em Ryen.

– Isso foi há muito tempo, Rune – disse Møller. – Tinhas acabado de sair do instituto. E de qualquer maneira, não podias ter feito nada.

Ivarsson recostou-se e estudou Møller. Depois, pôs-se de pé e afastou-se. Møller achou que Ivarsson era um indivíduo solitário e nem sequer o sabia.

Os DJ Li e Li acabaram a noite colocando o «Purple Rain», e Beate e

Halvorsen chocaram contra outro casal que dançava. Halvorsen reparou que o corpo de Beate endureceu de repente. Olhou para o outro casal.

– Desculpem – disse uma voz profunda. Os dentes brancos e fortes no rosto David Hasselhoff brilharam na escuridão.

Quando a noite terminou, foi impossível arranjar-se um táxi e Halvorsen ofereceu-se para acompanhar Beate a casa. Arrastaram-se para leste por entre a neve e demoraram mais de uma hora antes de pararem no exterior da porta dela, em Oppsal.

Beate sorriu e encarou Halvorsen.

– Se quiseses, és muito bem-vindo – disse ela.

– Adoraria – respondeu ele. – Obrigado.

– Então está combinado – replicou Beate. – Amanhã digo à minha mãe.

Ele despediu-se, beijou-a na face e iniciou a expedição polar de regresso a ocidente.

O Instituto Meteorológico Norueguês anunciou que o recorde de queda de neve, com vinte anos e relativo ao mês de Dezembro, estava prestes a ser batido.

No mesmo dia, a SEFO encerrou o caso Waaler.

O painel concluiu que não fora descoberto nada que violasse os regulamentos. Antes pelo contrário. Waaler foi elogiado por ter agido correctamente, e ter mantido a calma numa situação de extrema pressão. O superintendente-chefe ligou ao chefe da polícia para o sondar hesitantemente, acerca da sua opinião em recomendarem Waaler para um prémio. No entanto, como a família de Alf Gunnerud era uma das mais distintas de Oslo – o tio pertencia ao Conselho Municipal –, acharam que aquilo poderia ser considerado inapropriado.

Era véspera de Natal, e a paz e boa vontade da época natalícia assentara por todo o lado ou, pelo menos, na pequena Noruega.

Rakel mandara Harry e Oleg saírem de casa e fez o almoço de Natal. Quando voltaram, toda a casa cheirava a costeletas. Olav Hole, o pai de Harry, chegou de táxi com Sis.

Sis ficou estática com a casa, com a comida, com Oleg, com tudo. Durante o almoço ela e Rakel falaram como velhas amigas, enquanto o velho Olav e o jovem Oleg sentados um em frente ao outro trocavam monossílabos durante grande parte da refeição. Mas animaram-se quando chegou o momento de

abrirem os presentes e Oleg desembalhou um presente enorme que dizia «De Olav para Oleg». Eram as obras de Júlio Verne. De boca escancarada, Oleg folheou um dos livros.

– Foi ele que escreveu o livro acerca do foguetão que foi à Lua, que Harry te leu – disse Rakel.

– Estas são as ilustrações originais – disse Harry, a apontar para um desenho do capitão Nemo de pé junto à bandeira no Pólo Sul. Leu em voz alta: – «Adeus. O meu novo império começa com seis meses de escuridão.»

– Estes livros estavam na estante do meu pai – disse Olav, tão entusiasmado quanto Oleg.

– Isso não interessa! – explodiu Oleg.

Olav recebeu um abraço de agradecimento acompanhado por um sorriso tímido, mas afectuoso.

Depois de se terem ido deitar e Rakel estar a dormir, Harry levantou-se e foi até à janela. Pensou em todas as pessoas que já não se encontravam ali: a mãe, Birgitta, o pai de Rakel, Ellen e Anna. E naquelas que estavam. Øystein em Oppsal a quem Harry oferecera uns sapatos novos no Natal, Raskol em Botsen, e as duas mulheres também em Oppsal que tinham sido tão amáveis e convidado Halvorsen para um jantar de Natal tardio, já que ele estava de serviço e naquele ano não podia ir a Steinkjer.

Acontecera algo naquela noite, não tinha bem a certeza o quê, mas algo mudara. Ficou a olhar para as luzes da cidade antes de se aperceber que deixara de nevar. Rastos. Aqueles que naquela noite caminhassem ao longo do Akerselva iriam deixar rastros.

– O teu desejo realizou-se? – sussurrou Rakel quando ele se voltou a deitar.

– Desejo? – Envolveu-a nos braços.

– Parecia que estavas a pedir um desejo junto à janela. Qual era?

– Tenho tudo o que poderia desejar – disse Harry, e beijou-a na testa.

– Conta-me – murmurou ela, a encostar-se melhor contra ele. – Diz-me qual é o teu desejo, Harry.

– Queres mesmo saber?

– Sim. – Aconchegou-se mais a ele.

Harry fechou os olhos e o filme começou a passar, tão lentamente que conseguia ver cada uma das imagens como se fosse uma fotografia. Rastos na

neve.

– Paz – mentiu.

Sans Souci

Harry olhou para a fotografia durante muito tempo, para o sorriso branco e terno, o maxilar forte e os olhos azuis-aço. Tom Waaler. Depois empurrou a fotografia para o outro lado da secretária.

– Demora o tempo que quiseses – disse. – E olha com atenção.

Roy Kvinsvik parecia nervoso. Harry recostou-se na cadeira do gabinete e olhou em volta. Halvorsen pendurara na parede por cima do arquivador um calendário do Advento. Dia de Natal. Harry tinha o piso quase todo só para si. Essa era a melhor coisa dos feriados. Duvidava que fosse ouvir Kvinsvik a falar em línguas como o estava a fazer quando ele o encontrara na fila da frente da Igreja de Filadélfia, mas havia sempre esperança.

Kvinsvik pigarreou e Harry sentou-se direito.

Pela janela, os flocos de neve flutuavam suavemente sobre as ruas desertas.